**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**
**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

# ENTRE *HOMO-BIOS-GRAFIAS* E ESCREVIVÊNCIAS DE SILVIANO SANTIAGO:
exercícios de crítica biográfica fronteiriça

**CAMPO GRANDE – MS**
**DEZEMBRO – 2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**
**FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

# ENTRE *HOMO-BIOS-GRAFIAS* E ESCREVIVÊNCIAS DE SILVIANO SANTIAGO:
exercícios de crítica biográfica fronteiriça

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob orientação do Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens pela linha de pesquisa Representação, Cultura e Literatura.

Área de Concentração: Literatura, Estudos Comparados e Interartes.

**CAMPO GRANDE – MS**
**DEZEMBRO – 2020**

**PEDRO HENRIQUE ALVES DE MEDEIROS**

**ENTRE *HOMO-BIOS-GRAFIAS* E ESCREVIVÊNCIAS DE SILVIANO SANTIAGO:**
exercícios de crítica biográfica fronteiriça

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco (Orientador/Presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

_____

Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

_____

Prof.ª Dr.ª Vânia Maria Lescano Guerra
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

_____

Prof.ª Dr.ª Marta Francisco de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS



Dedico este *trabalho-corpo-político* ao amor da minha vida, minha mãe, Claudete Araújo Alves, a pessoa que possibilitou que eu me tornasse o *homem-menino-fronteira* que sou.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Claudete Araújo Alves e Carlos Edy Sá de Medeiros, não só por me possibilitarem adentrar o mundo, mas, sobremaneira, *darem-me a vida*. Em especial, agradeço a minha mãe, o amor da minha vida que possibilitou que eu me tornasse o homem que sou. Nunca terei palavras suficientes para verbalizar o amor que existe em mim e em meu coração. Não sei o que será de mim, um dia, sem a sua presença e cuidado, obrigado por, simplesmente, existir e ser quem a senhora é.

Agradeço ao meu padrasto Sérgio por me considerar como seu filho de sangue. Obrigado por ter tanto orgulho de mim, aceitar-me justamente como eu sou e falar de mim como seu filho para todos.

Agradeço a Silviano por me possibilitar enxergar o mundo pela óptica do *entre*, sem você e as nossas *Mil rosas roubadas*, eu jamais teria me encontrado comigo mesmo.

Em especial, agradeço ao meu orientador e (bom) amigo (político) Edgar Cézar Nolasco por ter acreditado no meu potencial quando, em 2015, nos idos do meu primeiro semestre enquanto graduando de Letras com recém completados dezoito anos, acolheu-me no meu/nosso tão amado "Núcleo de Estudos Culturais Comparados" (NECC) descortinando o horizonte *outro* da pesquisa realizada na academia, ainda, infelizmente, estritamente engessada, territorialista e herdeira dos legados coloniais e imperiais.

No plano do "Núcleo de Estudos Culturais Comparados" (NECC), agradeço aos meus amigos Washington, Amaury, Bárbara, Dênis, Francine, Júlia, Marina, Tiago, Vinícius e Viviani por compartilharem suas vidas e vicissitudes comigo em nossas infinitas reuniões e cafés atravessados pelo sol sanguinolento da fronteira-sul. Vocês me marcaram e seus traços e grafias permanecerão comigo *ad infinitum*.

Ainda no tocante ao NECC, agradeço, em específico, a minha (boa) amiga (política) Nathalia Flores, ou melhor, Heloisa Buarque de Hollanda, por permitir compartilhar as particularidades da sua vida e da sua casa comigo, se um dia eu não te amei, eu não me lembro. Ainda nesse ínterim, mesmo que 2020 tenha se configurado enquanto um ano catastrófico-pandêmico, de alguma forma, o destino me presentou com o amigo e parceiro de trabalho Fábio do Vale, obrigado por acreditar em mim e enxergar predicados que eu nem mesmo conhecia, você foi luz frente a obscuridade de 2020.

Agradeço, também, aos meus amigos-irmãos de longa data Guylherme, Fernanda, Jéssica e Mafe, pois, ali, onde mais me faltou a proximidade e a ressonância com os meus irmãos de sangue, vocês me preencheram com as suas particularidades tão únicas, amarei-os sempre e sempre. Ensejo que esses muitos anos dos quais atravessamos as vidas um dos outros transfigurem-se em décadas.

Ainda sobre amizade, agradeço a Rodrigo, Renan, Marcelo, Vitória, Carol, Caio, Vitor, Adriano e Gabi por estarem sempre presentes em minha vida. Muitos dos melhores momentos da minha vida, vocês estavam presentes.

Aos meus amigos de graduação, Luiz, Marina, Kássia e Daniel, restou meu amor. Ainda que os anos passem, as estações mudem e nossas vidas se transformem, vocês estarão *ad infinitum* em meu coração.

Em especial, agradeço a João Felipe por ter me ensinado o que é amar e ser amado na mesma intensidade Obrigado por ter se mantido em minha vida, mesmo com todas as adversidades que o jogo do amor pode trazer às vidas dos enamorados.

Aos meus familiares, Nina, tio Júnior, Cadu, minha avó Suzete, minha tia Dionete e meu afilhado amado José Neto, agradeço por nunca terem desistido de mim. Ainda que muitas vezes eu não consiga demonstrar, há um amor latente em mim por vocês.

Agradeço ao CNPQ  e à CAPES por me proporcionarem bolsa durante a graduação e o mestrado, respectivamente.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por me possibilitar um ensino gratuito e de qualidade.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) por me permitir sonhar com a carreira acadêmica.

Por fim, agradeço a todos os professores e mestres que atravessaram minha formação e me incentivaram a ser o pesquisador e o professor que hoje sou. Só vocês têm o poder de transformar o mundo!

*A pessoa escreve sua vida quando pensa estar escrevendo suas leituras.* [...] O crítico é aquele que reconstrói sua vida no interior dos textos que lê. A crítica é uma forma pós-freudiana de autobiografia. Uma autobiografia ideológica, teórica, política, cultural. E digo autobiografia porque toda crítica se escreve a partir de um lugar preciso e de uma posição concreta.

PIGLIA. *O laboratório do escritor*, p. 70-71, grifos meus.

## RESUMO

Este trabalho dissertativo tem por objetivo realizar uma leitura crítico-biográfica fronteiriça do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do escritor e intelectual mineiro Silviano Santiago à luz, sobremaneira, do seu/nosso romance *Mil rosas roubadas* publicado em 2014. Nesse intento, utilizarei-me, como condição *sine qua non* de uma teorização *outra*, oriunda do Sul geopolítico-epistemológico-metafórico e de cunho biográfico-comparatista, dos biografemas aquilatados na minha própria (auto)biografia intelectual enquanto *homem-menino-fronteira,* pesquisador e homossexual que existe, (sobre)vive, pensa e escre(vi)ve *a partir* da fronteira-sul, geoistórico-epistemológica, vertida nos trópicos da América Latina e, em especial, do Brasil. Para tanto, as articulações angariadas se respaldarão, majoritariamente, no que compreendo, na esteira do pesquisador sul-fronteiriço Edgar Cézar Nolasco, enquanto crítica biográfica fronteiriça imbricada em uma metodologia de caráter bibliográfico. Em linhas gerais, esse recorte teórico *outro* compreende as aproximações entre as epistemologias do Sul, os estudos descoloniais/fronteiriços e a leituras crítico-biográficas atualmente discutidas no Brasil. À vista disso, dentre os autores utilizados, menciono Gloria Anzaldúa, Homi K. Bhabha, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Hugo Achugar, Ramón Grosfoguel, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Eneida Maria de Souza, Roland Barthes, Jacques Derrida, Antoine Compagnon, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Francisco Ortega e Geoffrey Bennington. No plano do desenvolvimento prático desse trabalho, o capítulo I, intitulado de "**OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de Silviano Santiago", debruçar-se-á sobre os conceitos de escrevivências homo-biográficas, desobediência epistêmica, opção descolonial, identidade em política, pensamento fronteiriço, *entre-corpos-lugares*, corpo-política, semelhanças-na-diferença, exterioridade, paisagens, *corazonar*, intercorporeidade, epistemicídio e não-modernos assentados no projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano. No capítulo II, "**MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte", entrarão em cena os conceitos de arquivo(s), paisagens/sujeitos biogeográficos, (boa) amizade (política), morte, amores exagerados, memória, hospitalidade, divíduo e aliado hospitaleiro no tocante às particularidades biográfico-metafóricas evocadas pelas minhas/nossas *Mil rosas roubadas* permeadas pelo roçar da minha vida com as de Silviano, Ezequiel Neves e Cazuza. Por fim, no capítulo III, "**ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS**: escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas", atravessado ainda pelos conceitos supracitados, valer-me-ei das injunções (trans)fronteiriças *a partir* de Silviano somadas às conceituações de nome *próprio*, assinatura e amância justapostas em uma leitura comparatista-biográfica entre o meu mineiro e a escritora inglesa Virginia Woolf com sua biografia-romance *Orlando* (2017).



**PALAVRAS-CHAVE**: Silviano Santiago; *Mil rosas roubadas*; literatura brasileira contemporânea; crítica biográfica fronteiriça; escrevivências homo-biográficas.

## ABSTRACT

This thesis main aim is to perform a cross-border critical-autobiographical reading of the project *homo-bio-ficcional-ensaísta* from the author and intellectual from Minas Gerais Silviano Santiago upon, above all, of yours/ours novel *Mil rosas roubadas* published in 2014. With this purpose, I will draw on the meanings of *sine qua non* from a theoretical *other*, mainly originated from the geopolitical, epistemological and metaphorical South and from a biographical and comparative analysis nature, from the biographeme assessed upon my own intelectual (auto)biography being a *homem-menino-fronteira*, researcher and homossexual who not only survives, critically thinks, and lives to write according to the South border country line located in Latin America, but above all particularly focus his writings in Brazil. In this regard, those links will endorse, mostly, what is understood by the researcher Edgar Cézar Nolasco while critical-biographical border writer tangled in a bibliographical methodology of his own. As a general idea, this theoretical clipping *other* convey as an epistemological surroundings from the South, the cross-border studies and border-critical biography readings until nowadays widely discussed in Brazil. Hence, among the authors mentioned in this thesis are Gloria, Anzaldúa, Homi K. Bhabha, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Hugo Achugar, Ramón Grosfoguel, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Eneida Maria de Souza, Roland Barthes, Jacques Derrida, Antoine Compagnon, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Francisco Ortega and Geoffrey Bennington. As for the development and division of this paperwork there are as a rule three chapters, being chapter I, "**OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de Silviano Santiago", to dwell on the concepts of homo-biographical *escrevivências*, epistemic insubordination, decolonial choices, political identity, border-critical thinking, *entre-corpos-lugares*, politic-body, similarity-in-difference, exteriority, landscapes, *corazonar*, intercorporeality, epistemicide, and non-modern settled in the project *homo-bio-ficcional-ensaísta* from Silviano. In chapter II, "**MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte", the access of concepts and archives, biogeographical individuality/landscapes, the (ethical) political friendship, death, overstated tenderness, memory, hospitality, *divíduo* and *aliado hospitaleiro* in the moving particularities metaphorical-biographical brought by mine/ours *Mil rosas roubadas* impregnated among me, Silviano, Ezequiel Neves and Cazuza. To conclude, in chapter III, "**ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS**: escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas", crossing through aforementioned concepts; it will be laid on cross-border injunctions on Silviano plus the concept of *proper* names, signatures and friendship together in a biographical-comparative between my author from Minas Gerais and the English writer Virginia Woolf with her biographical novel *Orlando* (2017).



**KEYWORDS**: Silviano Santiago; *Mil rosas roubadas*; Brazilian contemporary literature; border-critical autobiography; homo-biographical *escrevivências*.

## RESUMEN

Este trabajo de disertación tiene como objetivo llevar a cabo una lectura crítico-biográfica del proyecto *homo-bio-ficcional-ensaísta* del escritor e intelectual de Minas Gerais Silviano Santiago a la luz, sobremanera, de su/nuestra novela *Mil rosas roubadas* publicada en 2014. En este intento, voy a utilizarme, como condición *sine qua non* de una teorización *otra*, originada en el Sur geopolítico-epistemológico-metafórico y de naturaleza biográfica-comparativa, de biografemas compiladas en mi propia (auto)biografía intelectual en cuanto *homem-menino-fronteira*, investigador y homosexual que existe, (sobre)vive, piensa y *escre(vi)ve* desde la frontera sur, geohistórico-epistemológico, vertido en los trópicos de América Latina y, especialmente, de Brasil. Luego, las articulaciones planteadas se apoyarán, mayoritariamente, en lo que entiendo, en la estela del investigador de la frontera sur Edgar Cézar Nolasco, en cuanto crítica biográfica fronteriza, entrelazada en una metodología bibliográfica. En términos generales, este enfoque teórico *otro* incluye las similitudes entre las epistemologías del Sur, los estudios descoloniales/fronterizos y las lecturas crítico-biográficas actualmente discutidas en Brasil. En vista de esto, entre los autores utilizados, menciono a Gloria Anzaldúa, Homi K. Bhabha, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Hugo Achugar, Ramón Grosfoguel, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Juliano Garcia Pessanha, Eneida Maria de Souza, Roland Barthes, Jacques Derrida, Antoine Compagnon, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Francisco Ortega y Geoffrey Bennington. En el plan del desarrollo práctico de este trabajo, el Capítulo I, titulado "**OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de Silviano Santiago, se centrará en los conceptos de *escrevivências* homo-biográficas, desobediencia epistémica, opción decolonial, identidad en política, pensamiento fronterizo, *entre-corpos-lugares*, cuerpo-política, similitudes en la diferencia, exterioridad, paisajes, corazonar, intercorporeidad, epistemicídio y no-modernos basados en el proyecto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano. En el capítulo II, "**MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte", entrarán en escena los conceptos de archivo(s), paisajes/sujetos biogeográficos, (buena) amistad (política), muerte, amores exagerados, memoria, hospitalidad, *divíduo* y *aliado hospitaleiro* con respecto a las particularidades biográfico-metafóricas evocadas por mis/nuestras *Mil rosas roubadas* impregnadas por el roce de mi vida con las de Silviano, Ezequiel Neves y Cazuza. Finalmente, en el Capítulo III, "**ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS**: escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas", atravesado todavía por los conceptos antes mencionados, haré uso de los mandatos (trans)fronterizas de Silviano adicionas a las conceptualizaciones de nombre *propio*, firma y *amância* yuxtapuestas en una lectura biográfica comparativa entre mi minero y la escritora inglesa Virginia Woolf con su biografía-novela *Orlando* (2017).



**PALABRAS CLAVE**: Silviano Santiago; *Mil rosas roubadas*; literatura brasileña contemporánea; crítica biográfica fronteriza; *escrevivências* homo-biográficas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....46
Figura 2.....47
Figura 3.....52
Figura 4.....72
Figura 5.....93
Figura 6.....110
Figura 7.....129
Figura 8.....136
Figura 9.....137
Figura 10.....149
Figura 11.....149
Figura 12.....167
Figura 13.....168
Figura 14.....168
Figura 15.....187
Figura 16.....187
Figura 17.....199
Figura 18.....200
Figura 19.....201
Figura 20.....238
Figura 21.....239
Figura 22.....276
Figura 23.....277
Figura 24.....282
Figura 25.....290
Figura 26.....291
Figura 27.....292
Figura 28.....340
Figura 29.....341
Figura 30.....373
Figura 31.....398
Figura 32.....399

Figura 33.....413
Figura 34.....413
Figura 35.....414
Figura 36.....428
Figura 37.....429
Figura 38.....440
Figura 39.....443
Figura 40.....443
Figura 41.....449
Figura 42.....449
Figura 43.....474
Figura 44.....475
Figura 45.....475
Figura 46.....477
Figura 47.....478
Figura 48.....489
Figura 49.....490
Figura 50.....491
Figura 51.....491
Figura 52.....506
Figura 53.....506
Figura 54.....507
Figura 55.....508
Figura 56.....509
Figura 57.....510
Figura 58.....553
Figura 59.....554
Figura 60.....555
Figura 61.....556
Figura 62.....562
Figura 63.....563
Figura 64.....564
Figura 65.....565

Figura 66.....570
Figura 67.....571
Figura 68.....572
Figura 69.....573
Figura 70.....574
Figura 71.....596
Figura 72.....597
Figura 73.....600
Figura 74.....600
Figura 75.....601
Figura 76.....603
Figura 77.....603
Figura 78.....606
Figura 79.....607
Figura 80.....615
Figura 81.....630
Figura 82.....636
Figura 83.....637
Figura 84.....638
Figura 85.....654
Figura 86.....661

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO – *QUEM NUNCA ROUBOU ROSAS JAMAIS PODERÁ ME ENTENDER*.....17**

**CAPÍTULO I – OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de Silviano Santiago.....**25**

1.1 – Desobedecer para re-aprender: uma proposta de desatar(-nós).....26

1.2 – O que restou das minhas/nossas escrevivências roubadas: (des)autoficcionalizar-se para se re-escre(vi)ver homo-biograficamente .....34

1.3 – Os *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos: pensamentos e atravessamentos das diferenças coloniais.....66

1.4 – A corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural: por uma política das semelhanças-na-diferença .....132

1.5 – Paisagens *bios*geoculturais das exterioridades: minha fronteira-sul, a morada das diferenças coloniais. .....196

1.6 – A província íntima das minhas/nossas escrevivências intercorporais homo-biográficas: aquecer a razão para *corazoná-la*.....243

1.7 – Desaprender/despensar para, enfim, re-aprender-com: do epistemicídio dos não-modernos às teorizações epistemológicas sul-fronteiriças .....288

**CAPÍTULO II – MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte .....**349**

2.1 – Divíduos homo-biográficos: vidas enquanto sobrevidas.....350

2.2 – Escrita por mim, sua biografia, nossa (auto)biografia: impressões (des)arquiviolíticas *homo-bio-ficcioniais* .....354

2.2.1 – Notas sobre um arquivo *outro*: Silviano e a emergência de um pensamento latino-fronteiriço.....377

2.2.2 – A pesquisa tem alma: Pedro/Silviano, vidas-corpos que (trans)bordam arquivos e fronteiras.....391

2.3 – Escre(vi)ver é trazer a morte na ponta da língua: somos amigos, amantes e políticos..... 406

2.3.1 – Grafias comparatistas de vidas homo-biográficas: Cazuza, Silviano, Zeca e Pedro, exagerados para além da(s) arte(s).....434

2.4 – Mil memórias roubadas e (des)arquivadas: somos o que somos porque nos tornamos um .....461

2.5 – Ser um no outro: os aliados hospitaleiros homo-biográficos.....482

**CAPÍTULO III – ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS:** escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas.....**504**

3.1 – Minhas/nossas opções são pelos *bios*: uma proposta fronteiriça comparatista biográfica.....505

3.1.1 – Crítica fronteiriça comparatista biográfica: um caminho para a descolonização do ser/pensar/sentir.....515

3.2 – Opções (trans)fronteiriças e/em corpos *outros* (trans)desobedientes: Silviano Santiago para além da ficção.....526

3.3 – Escrevivências comparatistas de obras homo-biográficas: grafias de vidas *outras* em *Mil rosas roubadas* e *Orlando*.....547

3.3.1 – Nomes, vidas e ficções das ausências, das faltas e dos apagamentos.....552

3.4 – *Ninguém tem vontade de falar de amor se não for para alguém*: Silviano é Virginia, Zeca é Vita.....584

3.4.1 – Amores, amizades e amâncias para além da(s) vidas*:* navegamos e escre(vi)vemos tendo como bússola o coração.....590

3.5 – *Os desnudes memorialísticos dos homo-bios* de Silviano Santiago e de Virginia Woolf.....634

**CONCLUSÃO – VIDAS QUE MERECEM SER *DESNUDADAS* E ESCRE(VI)VIDAS:** se me roubar, tu me entenderás.....**656**

**REFERÊNCIAS**.....**662**

**ANEXOS – BIOGRAFEMAS:** traços das nossas vidas duo-simbióticas pelo olhar das fotografias.....**676**

**ANEXO 1**.....**677**

**ANEXO 2**.....**678**

**ANEXO 3**.....**679**

**ANEXO 4**.....**680**

**ANEXO 5**.....**681**

**ANEXO 6**.....**682**

**ANEXO 7**.....**683**

**ANEXO 8**.....**685**

**ANEXO 9**.....**687**

**ANEXO 10**.....**688**
**ANEXO 11**.....**689**
**ANEXO 12**.....**690**
**ANEXO 13**.....**692**
**ANEXO 14**.....**693**
**ANEXO 15**.....**695**
**ANEXO 16**.....**697**
**ANEXO 17**.....**699**
**ANEXO 18**.....**701**
**ANEXO 19**.....**702**
**ANEXO 20**.....**703**
**ANEXO 21**.....**704**
**ANEXO 22**.....**705**
**ANEXO 23**.....**706**
**ANEXO 24**.....**707**
**ANEXO 25**.....**708**
**ANEXO 26**.....**709**
**ANEXO 27**.....**711**
**ANEXO 28**.....**713**
**ANEXO 29**.....**715**
**ANEXO 30**.....**716**

# INTRODUÇÃO – *QUEM NUNCA ROUBOU ROSAS JAMAIS PODERÁ ME ENTENDER*

> Quem nunca roubou não vai me entender. *E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender.* [...] No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume.
>
> LISPECTOR. Cem anos de perdão, p. 60-61, grifos meus.

A rosa do amor
perdi-a nas águas.

Manchei meus dedos de luta
naquela haste de espinho.
E no entanto a perdi.
Os tristes me perguntaram
se ela foi vida pra mim.
Os doidos nada disseram
pois sabiam que até hoje
os homens
dela jamais se apossaram.

Ficou um resto de queixa
na minha boca oprimida.
Ficou gemido de morte
na mão que a deixou cair.

A rosa do amor
perdi-a nas águas.
Depois me perdi
no coração dos amigos.

HILST. XV, p. 54.

Este é um trabalho sobre e *a partir* de vidas, sobremaneira, de vidas roubadas por mim crivado e alicerçado pela condição de crítico biográfico fronteiriço a qual me (auto)deleguei em 2017 quando, ainda na Iniciação Científica enquanto bolsista PIBIC/CNPq, por uma questão de herança e de (sobre)vida, roubei mil rosas perfumadas com odores fúnebres do meu mineiro, escritor e intelectual Silviano Santiago. No entanto, não me contentei apenas em roubar rosas, à maneira de Clarice Lispector em uma das epígrafes apostas, fui adiante e tomei para mim a magnitude do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do meu divíduo, aliado hospitaleiro, duo-simbiótico e dois-em-um Silviano, um dos maiores escritores e intelectuais vivos e em constante produção no Brasil de 2020.

Dentre as vidas que se descortinarão aos olhos dos meus leitores em potencial (que existam, por favor!), transfigurados, também, em ladrões de rosas e de vidas no ato presentificado de suas leituras, deslindar-se-ão as múltiplas facetas de um mineiro natural de Formiga, cidade localizada no oeste interiorano de Minas Gerais, debruçado sobre as vicissitudes *outras* dos trópicos da América Latina e do Brasil,

não-modernos, por excelência, somadas às grafias de uma literatura brasileira contemporânea permeada pelos gritos das exterioridades que, ainda no plasmar da segunda década do século XXI, encontram-se silenciadas, expurgadas e relegadas às periferias das existências, dos pensamentos e dos saberes.

Em confluência a essas idiossincrasias do meu mineiro, meus possíveis leitores encontrarão os bordejos, tracejados e as grafias dos rostos daqueles que roubei e elegi para compor minha (auto)biografia intelectual aqui *escre(vi)vida* e *desnudada* epistemologicamente. *Desnudar-me-ei* para escre(vi)ver-me, afinal, falar do outro é, queira a *episteme* moderna ou não, maneira indistinta de falar de si[1]. Dessa feita, endossados pelo meu manejo de crítico biográfico fronteiriço, Ezequiel Neves (Zeca), Ney Matogrosso, Pabllo Vittar, *neccenses*[2], Carlos Edy Sá de Medeiros (meu pai), Claudete Araújo Alves (minha mãe), Cazuza, Virginia Woolf, Vita Sackville-West e Orlando, no plano da figuração espectral que lhes compete pelo crivo da minha invocação epistêmica, comporão as articulações de caráter crítico biográfico fronteiriço que se delinearão nos três capítulos *escre(vi)vidos* a seguir.

Antes de me deter em específico nas idiossincrasias epistêmicas dos capítulos desta dissertação, julgo necessário pontuar os meandros biográfico-metafóricos que me fizeram dispender minha vida a investigar as *homo-bios-grafias escreviventes* do *meu* Silviano. A princípio, não me foi dada escolha, a herança advinda de seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* e, especialmente, de suas/nossas *Mil rosas roubadas* (2014), tomaram-me de sobressalto sem qualquer possibilidade de fuga ou de negação. Transfigurei-me, portanto, não só em herdeiro de Silviano, mas, sobretudo,

[1] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.
[2] *Neccenses* é a rubrica que utilizo para escre(vi)ver meus (bons) amigos (políticos) e co-partícipes de grupo de pesquisa intitulado “Núcleo de Estudos Culturais Comparados” (NECC) localizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenado pelo meu orientador Edgar Cézar Nolasco.

em seu (bom) amigo (político), para me valer das conceituações de Jacques Derrida, Francisco Ortega e Edgar Cézar Nolasco. Ademais a isso, vi-me frente ao que se entende por paixão ou, de maneira contumaz, amor por um corpo-*corpus* mineiro, homo-biográfico e projetado *a partir* da exterioridade que, de maneira despretensiosa, parecia *escre(vi)ver* muitas vezes mais as grafias que integram meu *bios* do que propriamente do seu autor Silviano. Apaixonei-me, epistêmico-literariamente, confesso, não abnego minha culpa.

Enquanto produto desse amor que me arrebatou, escre(vi)vi *meu* Silviano escre(vi)vendo-me simbioticamente. Tornamo-nos, nesse ínterim, não apenas amigos, mas divíduos, aliados hospitaleiros, duo-simbióticos, ou seja, dois-em-um. Abismei-me na minha própria existência possibilitado pelo meu espaço biográfico compartilhado com o *meu* mineiro desvelando *bios* e *loci outros* atravessados por afetos, desejos, sensibilidades, presenças, felicidades, tristezas, feridas, lacunas e dores que nem mesmo, antes de Silviano, eu conhecia. À maneira do romance *Mil rosas roubadas*, iniciado pela morte de Zeca já na primeira linha da narrativa, entrevi que vim ao mundo à semelhança dessas rosas fúnebres que roubei. Assim, aproximadas minha narrativa (auto)biográfica a de Silviano, compreendi e tentei dar conta das sombras fantasmagóricas da morte do meu pai Carlos, ocorrida dois meses após o meu nascimento. Silviano perde Ezequiel Neves, seu amor e amigo político, eu perco minha figura paterna; gostemos ou não, *a morte nos açoita*[3], tenhamos sangue para escre(vi)vê-la[4].

Ainda no plasmar dessas aproximações entre mim e o *meu* mineiro, descolonial-fronteiriçamente, entrevi os ecos da colonialidade e do imperialismo que

[3] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 56.
[4] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.

ressoam, ainda e à revelia, nos nossos corpos homo-biográficos, latino-americanos, brasileiros e sul-fronteiriços. À vista disso, apropriar-me-ei dessas condições *outras*, alocadas nas exterioridades, para, à luz de Hilda Hilst na epígrafe aposta, *manchar meus/nossos dedos de lutas*[5] evocando nossos *entre-corpos-políticos* e *loci* geoistórico-epistemológicos atravessados por diferenças coloniais latentes e pulsantes. Isso se justifica, essencialmente, no tanger ao pensar e ao escre(vi)ver *a partir* de nós mesmos em consonância as nossas histórias locais e sensibilidades biográficas de divíduos apostos na contracorrente das formulações/instituições modernas, coloniais e imperiais das existências, (sobre)vivências, pensamentos, saberes, literaturas e produções de conhecimentos.

Diante disso, como base epistemológica de todas e quaisquer formulações teóricas corroboradas nos três capítulos que se seguem, endosso-me e envolto-me das vicissitudes deslindadas pela crítica biográfica fronteiriça justapostas em uma metodologia de caráter bibliográfico entre as perspectivas dos estudos descoloniais/fronteiriços atrelados à crítica biográfica produzida atualmente no Brasil. No entanto, não abnego ou rechaço a *episteme* moderna, utilizo-me dela quando necessário crivado pela consciência crítica de sua não-supremacia/universalismo e/ou exclusividade sobre as *teorizações* emergidas do Sul geopolítico e metafórico dos saberes. Opto por tal vertente teórica por compreender que só uma epistemologia *outra,* do Sul, pode dar conta das celeumas e das particularidades embutidas nos corpos-*corpus* desobedientes e relegados às exterioridades (*anthropos*) pela interioridade (*humanitas*), tais quais os meus/nossos (Pedro/Silviano).

Dito isso, no capítulo I, intitulado “**OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de

[5] HILST. XV, p. 54.

Silviano Santiago", debruçarei-me sobre o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do *meu* mineiro focalizando seus vieses fronteiriços/descoloniais/sul-epistêmicos aquilatados nos conceitos de escrevivências homo-biográficas, desobediência epistêmica, identidade em política, pensamento fronteiriço, *entre-corpos-lugares*, corpo-política, semelhanças-na-diferença, exterioridade, paisagens, *corazonar*, intercorporeidade, epistemicídio e não-modernos. No plano dos autores que atravessam minhas formulações críticas nesse capítulo, menciono Gloria Anzaldúa, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Homi K. Bhabha, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, Ramón Grosfoguel, Diana Klinger, Grada Kilomba, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Maria Paula Meneses, Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Edgar Cézar Nolasco, Flávia Péret, Juliano Garcia Pessanha, Karl Posso, Edward W. Said, Eneida Maria de Souza e João Silvério Trevisan.

No capítulo II, conclamado de "**MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte", assentarei-me especialmente no romance *Mil rosas roubadas* em suas múltiplas possibilidades *homo-bios-gráficas* por vias das conceituações de arquivo(s) (desde as formulações de Derrida até a premissa de um arquivo *outro*, latino e sul-fronteiriço), paisagens/sujeitos biogeográficos, (boa) amizade (política), morte, amores exagerados, memória, hos(ti)pitalidade, divíduo e aliado hospitaleiro. Dentre os autores utilizados, para além dos já mencionados, deslindam-se Adolfo Albán Achinte, Adriana Cörner Lopes do Amaral, Leonor Arfuch, Roland Barthes, Marília Rothier Cardoso, Antoine Compagnon, Maria José Coracini, Jacques Derrida, Serge Doubrovsky, Mathieu Lindon, Reinaldo Marques, Geraldo Majela Martins, Rosa Montero, Italo Moriconi, Naira de Almeida Nascimento, Evando Nascimento, Francisco Ortega, Zulma Palermo, Ricardo Piglia, Elisabeth Roudinesco e Michel Schneider.

No terceiro e último capítulo, denominado "**ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS:** escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas", retomarei os delineares (trans)fronteiriços de Silviano e, feito isso, escre(vi)verei uma relação biográfico-metafórico-comparatista entre as minhas/nossas *Mil rosas roubadas* e a biografia-romance *Orlando* (2017) da escritora inglesa Virginia Woolf à luz do perfil da aristocrata Vita Sackville-West. Para tal, ademais aos conceitos supracitados, respaldarei-me, ainda, no nome *próprio*, na assinatura e nas amâncias homo-biográficas para fomentar as aproximações e os distanciamentos entre o *meu* Silviano e a Virginia que aquilatei e construí para mim. Em termos de autores utilizados, cito Hugo Achugar, Laura Alves, Leyla Perrone-Moisés, Geoffrey Bennington, Antonio Candido, Tania Franco Carvalhal, Vanessa Curtis, Maria Nazareth Soares Fonseca, Sarah Gristwood, Martin Heidegger, Alexandre Lemasson, Sándor Márai, Jeanne Schulkind, Tomaz Tadeu e Ludwig Wittgenstein.

Assim sendo, entrevejo que a organização dessa dissertação, para além das formulações teóricas imbricadas em seu corpo-*corpus* textual, possibilita a justificativa por si mesma da epistemologia crítico-biográfica fronteiriça utilizada não apenas enquanto um mote de *teorização*, mas, sobremaneira, enquanto uma opção teórica *outra* de práticas descoloniais. Isso se dá pela divisão tripartida desse *trabalho-corpo-político* compreendido pelo capítulo I enfocado no viés fronteiriço, pelo II no biográfico e pelo III no crítico-comparatista. Assim, primeiramente, valerei-me do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano para tecer e descortinar articulações epistêmicas apregoadas à visada fronteiriça. Em seguida, voltarei-me à perspectiva biográfica descortinada pelas minhas/nossas (Pedro/Silviano) vidas *açoitadas pela(s) morte(s)*[6] daqueles que tanto amamos. Por fim, ao fazer jus à gênese crítico-comparatista da

[6] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 56.

epistemologia aqui endossada, roçarei minhas/nossas *Mil rosas roubadas* à biografia-romance *Orlando* de Virginia Woolf descortinando horizontes biográfico-metafóricos *outros* não trabalhados, até o momento, pela literatura comparada. Estruturalmente, essa dissertação é, por si mesma, um amálgama de exercícios de crítica biográfica fronteiriça corroborados pelo capítulo I (descolonial-fronteiriço), II (biográfico) e III (crítico-comparatista).

## CAPÍTULO I – OS PRÉTERITOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:
*entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias *a partir de* Silviano Santiago

Essa daqui é praquelas gay
Que no prezinho já sabia que era gay
A criançada apontava: “cê é muito gay”
Já brincava com as *barbie* “Teu filho é gay, eu bem que te avisei”
É praquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay
Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
*Já brigou com Deus “por quê me fizeste gay?”*, queria ser alguém
Já não temas, gay
Aquilo que não mata fortalece um gay
Sente o quanto te empodera ter nascido gay
Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
É que eu também sou gay
E levante, gay
*Que a luta ainda não acabou pras gay*
*Que a nossa vitória vai ser o close, gay.*

GROOVE. *Gay (Interlúdio)*. São Paulo: SB MUSIC: 2017. *Online* (0:36).

## 1.1 – Desobedecer para re-aprender: uma proposta de desatar(-nós)

> Talvez, exaurida a lógica da diferença (alguns são diferentes) que desnaturalizou e problematizou a perversidade histórica e redutora de uma *lógica identitária (somos todos iguais), base para um imperialismo masculino, heterossexual, burguês e euro-norte-americano, travestido de humanismo universalista*, seja a hora de falar de uma lógica do estranhamento (todos somos estranhos, *mas não da mesma forma e intensidade*) [...] em vez das velhas e modernas dualidades indivíduo/sociedade, sujeito/objeto, eu/outro.
>
> LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 174-175, grifos meus.
>
> [...] toda mudança de descolonização política (não-racistas, *não heterossexualmente patriarcal*) *deve suscitar uma desobediência política e epistêmica*.
>
> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 287, grifos meus.
>
> Walter Mignolo (2005) alerta que, a partir da emergência e da consolidação do circuito comercial do Atlântico, já não é possível conceber a modernidade sem a colonialidade: o lado silenciado pela imagem reflexiva que a modernidade [...] construiu de si mesma [...]
>
> GUERRA. As fronteiras da exclusão, p. 08.
>
> 'Eu sou disciplinado, *mas não sou disciplinar*. Sou um leitor dos autores canônicos, *mas não sou nada canônico*. Eu sou um equilibrista. *Eu me desequilibro se persisto no tradicional.*'
>
> SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40, grifos meus.
>
> Como desatar o nó?
>
> SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

Há um nó político-conservador-falocêntrico-patriarcal-universalista fecundado e enraizado na *nação do pretérito imperfeito*[7], como evidenciou Silviano Santiago no que convém ao Brasil. O mineiro e eu perseguimos esse(s) nó(s) e buscamos desatá-lo(s) por meio das nossas práticas epistêmicas de *meninos-homens-fronteiras* que ensejam teorizar para desteorizar a fim de re-teorizar de modo *outro*, (sul)fronteiriço, *plurit(r)ópico, pluri-versal*[8] e *a partir*[9] *das* nossas escrevivências homo-biográficas atravessadas por nossos *loci* fronteiriços, epistemológicos e geoistóricos.

---

[7] SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.
[8] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.
[9] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 160.

Nesse sentido, na esteira das reflexões que as epígrafes sugerem, descortina-se a necessidade de escre(vi)vermos *contra*[10] a lógica identitária universalista da semelhança, de sermos desobedientes epistêmicos, políticos e ficcionais – não disciplinares – e, sobretudo, desatarmos o(s) nó(s) da razão colonial moderna, como o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano endossa. Essa empreitada crítica-literária-política só se faz possível por meio de epistemologias e de práticas *outras* que *prezem pela(s) vida(s)*[11], essencialmente, as do *assombro, do anonimato, da escuridão, do esquecimento letal*[12], isto é, *bios,* sensibilidades e histórias locais da(s) exterioridade(s) do pensamento colonial/*abissal moderno*[13].

Dessa forma, a proposta desse *trabalho-corpo-político* emerge da necessidade de desteorizar para teorizar de modo *outro*, crítico-biográfico fronteiriço, a lógica identitária da semelhança (somos todos iguais) que serve, legitima e se reverencia ao poder hegemônico colonial moderno (interioridade). Meu posicionamento político de escre(vi)ver contra essa razão colonial universalista se sustenta pelas *práxis* históricas de homogeneização, de apagamento e de rechaçamento das diferenças coloniais replicadas pelos projetos globais, haja vista que esses se respaldam na percepção da *política de identidade assentada única e exclusivamente nas semelhanças-e-diferenças*[14]*.*

Isso posto, compreendo que a perspectiva moderna e (neo)colonial teima em acreditar, ainda, em sua soberania diante das diferenças coloniais e dos discursos/vidas/produções críticas-literárias-artísticas *outros* que existem e grassam

[10] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[11] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.
[12] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 93.
[13] SANTOS. Para além do pensamento pós-abissal, p. 31.
[14] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

no mundo[15]. Assim, é contra essa suposta soberania moderna que minhas escrevivências epistêmicas emergem alicerçadas por uma desobediência civil, política e epistêmica respaldada por uma opção descolonial de desprendimento crivada em uma identidade em política que privilegia as diferenças coloniais diversais (pautadas na *diversalidade*[16]) compreendidas pela óptica *outra* das semelhanças-na-diferença corroborada por uma identidade em política, por excelência[17].

Apreendo, como *modus operandi* crítico e de vida, que *a(s) teoria(s) estão onde se podem encontrá-las*[18], dado que não existe lócus epistemológico e/ou geoistórico que detenha os direitos de propriedade sobre as práticas teóricas, tampouco, artísticas e literárias. Ensejo, à luz dessa consciência *outra* e valendo-me do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano Santiago, das *Mil rosas roubadas* (2014) que usurpei e dos entre-lugares *não mais descontruídos, mas descolonizados*[19], propor uma teorização abalizada na epistemologia crítica biográfica fronteiriça como uma prática teórica de libertação e de autonomia dos sujeitos da exterioridade, como os homo-biográficos/fronteiriços, tal qual eu e meu *divíduo-aliado-hospitaleiro-intercorpo-duo-bipolar*[20] Silviano.

Diante disso, entendo que Silviano e, por extensão, seu projeto de vida/literário/ensaístico me ajudam a compreender e a re-teorizar a proposição da política de identidade da semelhança-e-diferença na medida em que suas produções não são erigidas, exclusivamente, de conceitos, de teorias e de modelos modernos (tomados como bons para todos), mas de escrevivências e saberes tornados

[15] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 81.
[16] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[17] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 82.
[18] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 158.
[19] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[20] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 72.

anônimos pelas práticas de hospedagem e da não transculturação[21] das *teorias itinerantes*[22] e das narrativas ditas “universais”[23].

É contra as bases dessa missão civilizadora, educadora, pseudo messiânica, evidenciada pelas escrevivências de Silviano e cerne da tradição moderna literária brasileira, a qual resguardou e delegou o (auto)direito de falar por si e pelo(s) outro(s), que minhas teorizações *bios*-fronteiriças[24], contaminadas pelas minhas/nossas escrevivências homo-biográficas de *menino-homem-fronteira*[25], enquanto práticas teóricas e escolhas de vida, de prezar pela(s) vida(s), que esse *trabalho-corpo-político* emerge e dissemina-se. Evidencio, sobremaneira, que os exercícios teóricos e literários de Silviano *abrem uma fissura*[26] no pensamento epistêmico-literário arraigado na tradição literária e ensaísta brasileira viabilizando direitos epistêmicos aos sujeitos da exterioridade, visto que o mineiro explicita a possibilidade de se pensar das margens, sobretudo, *a partir* das histórias locais, das sensibilidades e das experiências *outras* fomentando o que estou chamando aqui de escrevivências (homo-biográficas).

A literatura de Silviano se aquilata enquanto uma *extensão de suas teorizações*[27], uma vez que sobrevivem possibilidades, sempre ressonantes, da(s) *co-existência(s)*[28] de *muitos mundos possíveis*[29], em especial, no que tange às exterioridades. Como a epígrafe sobre o equilibrista assente, Silviano não descarta a razão/epistemologia moderna, mas, a esta, resguarda um diálogo crítico se

[21] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 135.
[22] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha e *Histórias locais/projetos globais* de Walter Mignolo.
[23] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 84.
[24] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 83.
[25] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[26] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[27] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 87.
[28] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[29] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

construindo e se (re)escre(vi)vendo, ensaístico-ficcionalmente, *a partir* da(s) exterioridades[30], como realizado no debate do(s) entre-lugar(es) e no romance escrevivente homo-biográfico *Mil rosas roubadas*. É pelo posicionar-se contra à lógica da *inexistência*[31], debatida por Boaventura de Sousa Santos, que o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano se sustenta contrário ao argumento universalista das semelhanças-e-diferenças.

O mineiro nos ensina que partilhar de uma política universalista da semelhança (somos todos iguais, precisamos das mesmas coisas e temos as mesmas necessidades) coteja a supressão das diferenças coloniais que são tornadas inexistentes[32] pelos projetos globais modernos. Nessa perspectiva, tudo que é entendido enquanto inexistente, como as diferenças coloniais, é excluído de forma radical por permanecer exterior ao universo que a própria inclusão universal considera como sendo o outro[33]. À vista disso, concluo que o sujeito alocado no fora, o outro, é justamente aquele criado pelo do dentro, ou seja, as semelhanças-e-diferenças deste são o parâmetro para fundamentar o universalismo abstrato que, em tese e messianicamente, daria conta de contemplar todos, os do dentro e os do fora. O que ocorre, de fato, é a inexistência como pressuposto da política de identidade que apaga, exclui, silencia e elimina[34].

Assim, negar as diferenças coloniais, a(s) exterioridade(s), *sub judice* do argumento universalista, é equivalente a negar a exclusão que grassa no mundo[35], a exemplo dos discursos que aqui ensejo, tais como os das fronteiras, das brasilidades,

[30] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 87.
[31] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[32] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 91-92.
[33] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[34] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 94.
[35] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 94-95.

dos trópicos e das escrevivências homo-biográficas-sul-fronteiriças: as minhas e as de Silviano. A mim, enquanto crítico biográfico fronteiriço que pensa *a partir da* fronteira-sul epistemológica e geoistórica, me cabe a tarefa crítica/de vida de prezar pela(s) vida(s), de desteorizar para re-teorizar e de reinscrever na(s) história(s) da(s) humanidade(s) as diferenças coloniais que foram reprimidas pela razão colonial universalista. Essa empreitada epistêmica corrobora trazer à escuta as escrevivências do(s) diferente(s), fronteiriços, homossexuais, latinos, brasileiros etc. como um ato de desobediência. Busco, portanto, fundamentar uma categoria *outra* de (ser) gente, da ordem da diferença colonial e respaldado pelo projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano.

Para isso, esse *trabalho-corpo-político* se embasa, fundamentalmente, em uma ensaística homo-biográfica respaldada pela epistemologia crítica biográfica fronteiriça e se dividirá em sete momentos, listados a seguir em ordem, subsidiados pelo cotejar e pelo desenvolver dos conceitos, dentre outros, de escrevivências homo-biográficas, desobediência epistêmica e identidade em política, de pensamento fronteiriço e *entre-corpo-lugar* epistemológico fronteiriço, de corpo-política e semelhanças-na-diferença, de exterioridade e paisagens, de *corazonar* e intercorporeidade, e, por fim, de epistemicídio e não-modernos. Para além dos conceitos supracitados, o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano Santiago, sobretudo, no que convém aos entre-lugares epistêmicos/ficcionais e às minhas *Mil rosas roubadas*, será substancial para o debate *outro*, da ordem do re-teorizar, o qual busco delinear.

Desse modo, pautando-me na perspectiva das teorias sem disciplina e na não supremacia de uma teoria sobre outra, alguns dos intelectuais e escritores que convido à minha *conversa*[36] epistêmico-ensaísta, dentre outros, são Boaventura de

[36] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 11.

Sousa Santos, Edgar Cézar Nolasco, Walter Mignolo, Edward W. Said, Juliano Garcia Pessanha, Ramón Grosfoguel, João Arriscado Nunes, Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa, Frantz Fanon, Denilson Lopes, Italo Moriconi, Djamila Ribeiro, Francisco Ortega, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, João Silvério Trevisan, Karl Posso, Tobias Carvalho, Abdellah Taïa, Eneida Maria de Souza, Eneida Leal Cunha, Homi K. Bhabha, Hugo Achugar e, substancialmente, o(s) espectro(s) de Silviano Santiago, a citar o literário e o ensaísta.

Portanto, reitero, sob a égide do supracitado, o meu/nosso, Pedro/Silviano, compromisso teórico-*dividual*-*intercorporal* com práticas epistêmicas-literárias-ensaístas *outras*, de escuta, de libertação e de reinserção na história da(s) humanidade(s) as vidas da(s) exterioridade(s) que foram excluídas em detrimento de uma lógica da semelhança disseminada pela razão moderna colonial. Entendo que só o gesto de *aprender a desaprender para reaprender*[37] arraigado à percepção de que se é de onde se pensa pode barrar os (neo)colonialismos que ainda grassam nas sociedades, nas academias, nas artes e nas literaturas. É contra a suposta e falaciosa "aparência natural do mundo"[38], exclusivamente branca, heterossexista-*compulsória*-*patriarcal*[39], euro-norte-americana que escre(vi)vo a partir do meu corpo-político da(s) exterioridade(s).

Resta-me dizer, com isso, que minha opção pelo(s) *bios* não é apenas uma escolha de vida, mas uma condição teórica[40] para que eu pense *a partir* do meu/nosso biolócus (*bios* + lócus) homo-biográfico, latino, brasileiro, sul-fronteiriço, que escre(vi)ve *inscre-vi-vendo-se*[41] pela memória do meu próprio corpo discursivo-

[37] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[38] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[39] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 10.
[40] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 20.
[41] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 86.

biográfico-político, minha fronteira, que é *a morada da revolta, da ignorância, do abandono*[42]. Busco, enquanto um pesquisador fronteiriço, atravessado pela minha condição sul-periférica, estancar minhas/nossas *feridas abertas*[43], do preconceito e da exclusão, que muito sangram dentro da cultura do país-pretérito-imperfeito que habito, reflito e escre(vi)vo homo-dividualmente em co-presença com meu aliado-hospitaleiro-duo-bipolar Silviano Santiago.

[42] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 90.
[43] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 87.

## 1.2 – O que restou das minhas/nossas escrevivências roubadas: (des)autoficcionalizar-se para se res-escre(vi)ver homo-biograficamente

> – Falta isso, né? Histórias para falar dessas relações que existem. [...] *As relações das bichas são diferentes*. *A gente já não se encaixa nas regras, não precisa se encaixar em padrão nenhum*.
>
> CARVALHO. *As coisas*, p. 90, grifos meus.
>
> *Somos pessoas que sangramos* tinta na folha de papel em branco.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 29, grifos meus.
>
> A intolerância homofóbica [...] é um aspecto fundamental do discurso – e exercício – da moralidade e propriedade cultivadas pelo Estado brasileiro [...] A homofobia é um meio poderoso de preservação do *status quo* no que se refere à unidade familiar na qualidade de única 'célula' aceitável da sociedade [...].
>
> POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 18.
>
> Essa heterossexualidade presumida [...] age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: *'você-será-hétero-ou-não-será-nada'.*
>
> WITTIG *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201, grifos meus.
>
> Esta negação radical de co-presença fundamenta a afirmação da diferença radical que, deste lado da linha, separa o verdadeiro do falso, o legal do ilegal. O outro lado da linha compreende *uma vasta gama de experiências desperdiçadas*, *tornadas invisíveis, tal como os seus autores, e sem uma localização territorial fixa.* [...] *Tudo o que não pudesse ser pensado em termos de verdadeiro ou falso, de legal ou ilegal, ocorria* [e ocorre] *na zona colonial*.
>
> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34-35, grifos meus.

O que restou das minhas/nossas escrevivências roubadas? Como as epígrafes endossam, a mim e a Silviano, bem como para todos os sujeitos da *exterioridade*[44], foi deixado claro que ou seríamos autoficcionais, *humanitas*[45]*,* europeus, norte-americanos, brancos, heterossexistas[46], falantes das línguas imperais[47] e detentores

[44] O conceito de "exterioridade" será aprofundado no decorrer deste trabalho. Porém, à guisa de uma conceituação introdutória, os sujeitos da exterioridade foram/são aqueles deixados de fora da história da(s) humanidade(s) pela razão colonial a qual os criou e os compreende sempre como *o outro*, *o anthropos,* o sub-humano racializado. A exterioridade (*anthropos*) emerge enquanto uma criação da interioridade (*humanitas*) a fim de que esta perpetue sua (auto)manutenção. Desse modo, compreendo que os sujeitos da exterioridade são, dentre outros, os homossexuais, as mulheres, os negros, os indígenas, os latino-americanos, os brasileiros etc. Neste *trabalho-corpo-político*, por uma opção teórica de vida, da minha e das nossas vidas, Pedro/Silviano, me debruçarei sobre a exterioridade no tocante às escrevivências homo-biográficas.

[45] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.

[46] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 23.

[47] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

de boas condições socioeconômicas, ou não seríamos nada, inexistentes. E, enquanto nada[48]/inexistentes[49]/*anthropos*[50], nossas sensibilidades, corpos-políticos, afetos, relações, experiências, histórias locais, *loci* geoistóricos/epistemológicos, produções/práticas epistêmicas-artísticas-literárias, isto é, nossas escrevivências seriam desperdiçadas[51], ilegais, a-legais[52], apagadas, silenciadas, violentadas, expurgadas, profanadas pelo discurso religioso-católico-protestante[53] e, primordialmente, roubadas, muitas das vezes, para descarte.

Nesse sentido, atravessado pelo *modus operandi e vivendi* chancelado pela crítica biográfica fronteiriça, entendo que, como uma forma de me/nos reinserir na história da humanidade enquanto humanos, e não mais sub-humanos/*anthropos* como fomos tornados, há que se empreender uma teorização *bios*-fronteiriça[54] que endosse o (des)autoficcionalizar-se para assim se re-escre(vi)ver homo-biograficamente. Como explicitado pelas minhas *Mil rosas roubadas* na epígrafe deste subtítulo, *somos pessoas que sangramos tinta na folha de papel em branco*. Por isso, compreendo que nos autoficcionar (metaforicamente)[55] não dá conta das nossas escrevivências da exterioridade, homo-biográficas-sul-fronteiriças, não metaforizadas, haja vista a condição latente de sobra/resto dos "reais humanos" (*humanitas*) que a nós foi imposta (*anthropos*). Para Diana Klinger:

> [...] consideramos a autoficção como uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não como pessoa

[48] WITTIG *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201.
[49] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[50] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[51] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 17.
[52] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.
[53] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 15-16.
[54] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 83.
[55] Tendo em vista que não há um consenso crítico acerca da conceituação de "autoficção", estou me valendo das obras *Escritas de si*, *escritas do outro* (2012) de Diana Klinger e *Ensaios sobre autoficção* (2014) organizado por Jovita Maria Gerheim Noronha para criticá-la sob a égide de um viés político-fronteiriço. Em linhas gerais, a autoficção foi forjada em 1977 pelo escritor e crítico francês Serge Doubrovsky e se propõe a trabalhar com referenciais da vida do próprio escritor metaforizados pelo exercício literário de invenção.

> biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exibe 'ao vivo' no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de certa forma crítica perante os seus modos de representação.[56]

Assim, tomando esse viés político-fronteiriço como ponto de partida da minha discussão, entrevejo que a autoficção francesa se volta muito mais para uma perspectiva *humanitas*, da interioridade; enquanto as escrevivências, emergentes dos restos das metáforas europeias, se voltam para os *anthropos*, a exterioridade, como para mim e para Silviano. Ambos homossexuais pensando a partir das exterioridades fronteiriças assentados em nossas experiências *outras*, *a priori*, desperdiçadas e violentadas pela suposta *aparência natural do mundo*[57], a qual legitima sempre a autoficção em detrimento às escrevivências fronteiriço-periféricas – a redundância aqui se faz necessária.

Escre(vi)vo da fronteira-sul de onde penso a fim de descolonizar meu ser-saber homo-biográfico por meio de uma razão *outra* respaldada pela *gramática pedagógica fronteiriça*[58] que, *grosso modo*, não considera apenas a exibição biográfica do autor/pesquisador, mas seu biolócus (*bios* + lócus) geoistórico e epistemológico, suas histórias locais e suas feridas coloniais abertas que muito sangram. Experi(vi)vencio de maneira desobediente com o objetivo primordial de barrar o (neo)colonialismo universalizante, visto que todas as vidas, narrativas e *historias locales*[59], crivadas pela diferença colonial, importam e, mais do que nunca, necessitam desatar os nós da razão moderna colonial para angariar não apenas direitos humanos, mas, essencialmente, epistêmicos[60]. Sobretudo, no que se relaciona ao Brasil, país do pretérito imperfeito.

---

[56] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 57, grifos da autora.
[57] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[58] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 12.
[59] Cf. *Histórias locais/projetos globais* de Walter Mignolo.
[60] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 314.

Dessa forma, a descolonização sensível-epistêmica enquanto respaldo das minhas/nossas escrevivências homo-biográficas só se faz possível se alicerçada por uma desobediência civil-epistêmica[61] do Sul[62] e por uma identidade em política[63], as quais destrincharei na sequência desse *trabalho-corpo-político* que pertence mais ao meu *divíduo*[64] Silviano do que propriamente a mim. Isso posto, compreendo, no bojo de Boaventura de Sousa Santos e de Maria Paula Meneses, que todas as experiências sociais produzem e reproduzem conhecimentos[65] e, por extensão, pressupõem emergências de epistemologias, no plural diga-se de passagem, conforme esse intento corrobora.

Todos os conhecimentos validados/legitimados são contextuais, dado que estão intimamente atravessados pelos atores sociais[66] que os produzem e sustentam práticas que constituem esses sujeitos. Portanto, os conhecimentos são contextuais[67] e testemunhais[68], pois não existem extrínsecos aos exercícios dos atores sociais, uma vez que suas produções dimensionam aquilo que se conhece sobre o real (dimensão ativa) e refletem o que dão a conhecer sobre os sujeitos do conhecimento (dimensão subjetiva). Por definição conceitual de "epistemologia"[69], ainda na esteira dos autores citados, entende-se toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido, ou seja, considerado.

Diante disso, as nossas escrevivências, as minhas e as de Silviano, tendo em vista o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* que o mineiro delineia há anos, tensionam,

---

[61] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 300.
[62] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 21.
[63] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[64] A conceituação acerca dos "divíduos" será realizada no decorrer do trabalho na esteira de Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018).
[65] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 15.
[66] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[67] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[68] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 58.
[69] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 15.

em suas gêneses, um caráter testemunho-contextual, sobremaneira, por desvelarem nossos horizontes de realidades atravessados pelas violências (neo)coloniais, modernas e universalizantes que categorizaram o que tínhamos/temos a oferecer enquanto saber como descartável, inexistente e deslegitimado. Há, conforme venho demonstrando, uma epistemologia dominante, com a pretensão de universalidade, fundamentada em uma dupla diferença[70]: a cultural do mundo moderno cristão ocidental e a política colonialista-capitalista.

Imbricadas, essas diferenças replicam o idealismo da *aparência natural do mundo*[71] organizada segundo políticas de identidade[72] imperiais, (neo)coloniais e altamente violentas – sejam essas simbólicas e/ou reais – para com os sujeitos da exterioridade moderna ocidental. Até que ponto as produções de Silviano ressoam com legitimidade em contextos norte-americanos-europeus destituídas do manto obscuro da periferia/subalternidade, questiono-me. Sob esse crivo, entrevejo que aquilo que dá força e sustentação para a epistemologia dominante é justamente um do elementos que ela mais mascara em sua cerne: a diferença colonial. As diferenças, sobretudo, as coloniais, estão na origem das tensões/contradições[73] e representam distribuições desiguais de poder presentes nas experiências sociais, haja vista que essas são construídas por diferentes tipos de relações socioculturais, como a escrevivente homo-biográfica a qual eu e Silviano estamos calcados. De acordo com Mignolo:

> [...] o controle da política de identidade reside, principalmente, na construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como a aparência 'natural do mundo'. *Ou seja, ser branco, heterossexual e do sexo masculino são as principais características de uma política de identidade que denota identidades tanto similares quanto opostas como essencialistas e fundamentalistas*. No entanto, a política identitária dominante não se

[70] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[71] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[72] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[73] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.

> manifesta como tal, mas através dos conceitos universais abstratos como ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, Marxismo e assim por diante.[74]

Dada essa premissa, reitero a emergência fronteiriça do desmantelamento de uma sociedade, produção de conhecimento e pensamento abissal[75] alicerçados por políticas de identidade e a necessidade, cada vez mais, de elegermos uma terceira(o) opção[76]/espaço[77] e de sermos epistemicamente desobedientes, pós-abissais[78]. Para que assim, *aprendamos a desaprender com o intuito de reaprendermos*[79] alicerçados por uma identidade em política pluri-t(r)ópica e pluri-versal[80] destituída de qualquer universalismo abstrato que não verse sobre as pluralidades do mundo. Não basta "reaprender" aos moldes desconstrutivistas pós-modernos, e, sim, com o Sul/com a fronteira tomando-os aqui não apenas enquanto divisões geopolíticas do planeta, mas como metáforas do sofrimento humano[81], dos oprimidos pelas diversas modalidades de dominação colonial e capitalista.

Do Sul, há que se trazer à tona, à escuta, aos discursos e às práticas epistêmicas-artísticas-literárias, os corpos, as escrevivências, os *loci*, as histórias locais daqueles que foram violentados e não inscritos na suposta história universal da humanidade. As epistemologias do Sul[82], ou fronteiriças, sob a pluma de Santos e Meneses, são, portanto, o conjunto de intervenções epistêmicas que denunciam a supressão das diferenças coloniais e que valorizam os saberes epistêmicos-artísticos-literários, como os de Silviano, que sobreviveram/resistiram aos colonialismos e investigam *modos operandi e vivendi* de co-presenças radicais[83] entre os

[74] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289, grifos meus.
[75] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 31.
[76] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[77] BHABHA. *O local da cultura*, p. 72.
[78] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.
[79] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[80] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321-322.
[81] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 20.
[82] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 19.
[83] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.

conhecimentos, os corpos, as sensibilidades, as histórias locais e os *loci* geoistóricos e epistemológicos.

Além disso, as epistemologias do Sul vêm à superfície epistêmica como uma maneira de barrar o pensamento abissal ultrapassando-o para que possamos descortinar um mundo pressuposto pela existência de vários mundos possíveis[84], tal qual o homo-biográfico que ensejo a partir do meu/nosso *intercorpo-dividual-fronteiriço*[85] Pedro/Silviano. A isso, conclama-se o pensamento pós-abissal que defendo o qual se posiciona criticamente à unilateralidade das linhas que dividem as experiências, os saberes e os atores sociais entre os que são inteligíveis e visíveis[86] (os que estão do lado de cá da linha abissal, isto é, os *humanitas*, a interioridade) e os que seriam supostamente os ininteligíveis inúteis e perigosos[87], corpos-objetos-produções suprimidos, esquecidos ou tornados inexistentes (os que habitam o lado de lá da linha, ou seja, os *anthropos*, a exterioridade).

Escre(vi)vemos homo-biograficamente a partir dos trópicos latinos da fronteira-sul engastando nossos corpos fronteiriços[88]/pós-abissais na fronteira, legitimando nossas experiências, pelo gesto da autorreflexão, e prezando pelas nossas vidas como forma de prezar por todas as vidas[89] crivados pela ecologia dos saberes[90], por excelência. Para o pensamento abissal, existimos/produzimos de maneira inexistente, invisível, inútil, perigosa, profana e atacando os “bons costumes” católico-protestantes do Estado-nação brasileiro – como argumentarei no decorrer das minhas reflexões. À vista disso, entende-se que para a epistemologia pós-abissal-fronteiriça, o

[84] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.
[85] A discussão acerca da ”intercorporeidade” será realizada no decorrer do trabalho na esteira de Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018).
[86] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 20.
[87] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 20.
[88] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.
[89] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 14.
[90] O conceito de “ecologia dos saberes” será discutido mais adiante neste *trabalho-corpo-político*.

pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal[91] o qual se enraíza baseado em distinções visíveis e invisíveis, dado que as invisíveis fundamentam as visíveis[92].

As grafias das produções de caráter homo são desprezadas e tornadas obscuras em detrimento às grafias da matriz falocêntrica-sexista corroborada pela heterossexualidade compulsória[93] detentora dos privilégios sociais e epistêmicos[94] para falar/produzir, e, sobretudo, ser ouvida/lida/legitimada. É de urgência, como reitera Djamila Ribeiro, filósofa negra brasileira, em *O que é lugar de fala?* (2017), desestabilizar e transcender a autorização discursivo-epistêmica-artística branca, masculina, heteronormativa[95] e mostrar como essas identidades-corpos-saberes-escrevivências *outros* têm sido historicamente silenciados e desautorizados no sentido epistêmico, ao passo em que outros são fortalecidos[96]. Em termos de distinções visíveis e invisíveis, fomentadoras do sistema de opressões da "normalidade" heterossexual, Santos corrobora:

> As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistentes. *Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro.*[97]

É à vista de escre(vi)ver contra a condição de inexistência e fomentando teorizações e práticas de co-presença radical que o pensamento pós-abissal-fronteiriço emerge dos arrabaldes das exterioridades vivas, resistentes e pulsantes. Partindo desse ponto de vista, o divíduo homossexual masculino se caracteriza

---

[91] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 31-32.
[92] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 31.
[93] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 47.
[94] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?,* p. 24.
[95] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?,* p. 28.
[96] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?,* p. 29.
[97] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32, grifos meus.

enquanto ser-fronteiriço, na medida em que tem consciência dos seus privilégios na condição de homem branco, como ocorre comigo e com Silviano. Todavia, ao mesmo tempo, reconhece seu afastamento da heterossexualidade compulsória[98] que a ele delegou o papel de desviante, profano, ininteligível, pecador, sujo, promíscuo, depravado, inexistente e impossibilitado de habitar a co-presença com os detentores dos privilégios sociais, epistêmicos, afetivos, sexuais e culturais. Para a matriz heterossexual[99], este lado da linha, nós, homossexuais, habitamos o outro lado da linha, portanto, foi nos delegado os papéis sociais de perigosos, invisíveis e sub-humanos acarretando a negação de toda e qualquer humanidade que nos caberia por direito.

É preciso, nessa perspectiva, a luta não só por direitos humanos, mas, sobretudo, a busca de (re)conquistar direitos epistêmicos de refletir, produzir, escre(vi)ver, existir e resistir às violências simbólicas e físicas as quais somos submetidos pelo alicerce da condição de *os outros* que nos foi imposta. Para isso, vejo a necessidade de obliterar as linhas abissais e o desperdício de experiências a fim de angariar a possibilidade de co-presença radical, não só dos homossexuais, mas das exterioridades já mencionadas, tendo em vista que só uma desobediência civil-epistêmica pautada em uma identidade em política pode barrar a premissa universalista da inexistência. Paralelamente, Santos explicita que o campo do direito/ciência modernos, este lado da linha, é quem determina o que conta como legal ou ilegal[100] de acordo com o direito oficial do Estado ou com o direito internacional.

Sendo assim, em cada um desses domínios, as divisões delineadas pelas linhas globais se aquilatam abissalmente no sentido em que eliminam/excluem, em

[98] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 67.
[99] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 210.
[100] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

definitivo, quaisquer realidades extrínsecas a este lado da linha[101], isto é, da interioridade. No prisma da homossexualidade, ainda que, legalmente, esta não seja mais compreendida pelo direito, tampouco, pela medicina como crime ou patologia, resguarda-se a essas pessoas da exterioridade, a negação dos direitos humanos-epistêmicos, a condenação patológica desenfreada e os julgamentos sem precedentes baseados em ideologias católico-protestantes que se multiplicam a cada dia. No Brasil, país do pretérito imperfeito em que os (neo)colonialismos grassam sem escrúpulos resguardados, sobretudo, pelos discursos presidenciais e religiosos, o pensamento abissal se dissemina mostrando que ainda estamos longe da possibilidade de co-presença-existência legitimada.

Sob a premissa da ilegalidade social-religiosa da manutenção dos "bons costumes e da família" (tradicionalista-patriarcal), violentam-se os corpos, as produções, os saberes, as experiências, os afetos, os desejos, em síntese, a possibilidade de *inscre-vi-ver-se*[102] *homo-biograficamente*. Desse modo, tal qual um desbarate e um desbunde, o projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano emerge ao colocar em xeque e (re)inserir na tradição literária-crítica brasileira não só personagens e reflexões que desmantelam essa razão/lógica colonial abissal, mas, sobretudo, sua inserção homo-biográfica nas escrevivências assentadas em narrativas e experiências biográfico-literárias da exterioridade por excelência.

A exemplo do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano, trago à baila produções, dentre muitas outras, como *Stella Manhattan* (1985), *Keith Jarrett no Blue Note*: improvisos de jazz (1996)*, Mil rosas roubadas,* "O entre-lugar do discurso latino-americano" (1978), "O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente

[101] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.
[102] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 86.

apressadas – anotações" (2004) e "Entre a flexibilidade e o rigor" (2015), textos literário-ensaístas que evocam corpos-políticos, afetos, sensibilidades e experiências as quais a normatividade heterossexual deseja violar, destruir e desautorizar. Na concepção deste lado da linha, da interioridade, a realidade homo-afetiva-erótica há de desaparecer frente a "aparência natural do mundo" com o intuito de esgotar o campo de realidade relevante. Para além dele, só deve existir inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética[103].

A exclusão, a inexistência e a ilegalidade as quais venho me debruçando sobre ocorre, *grosso modo*, no que Santos denomina de *zona colonial*[104]. Nela, tal qual vivenciamos cotidianamente no Brasil, ocorre tudo que não pode ser pensado em termos de verdadeiro/falso, legal/ilegal; a ela, resguarda-se o universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis[105] que, de forma alguma, podem ser considerados conhecimentos. Ocorre, sobremaneira, a negação radical que endossa as ausências de humanidades constituindo sub-humanidades modernas, a exclusão se torna simultaneamente radical e inexistente, haja vista que sub-humanos não são considerados sequer candidatos à inclusão social[106], quiçá, candidatos à inclusão epistêmico-artístico-literária.

A humanidade moderna, assim como a interioridade que a sustenta, não se concebem, jamais, sem sub-humanidades, ou seja, exterioridades. Racializa-se para perpetuar a manutenção dos privilégios e do poder. Escre(vi)vendo contra essa lógica/razão colonial, empreendo a co-presença radical como a condição para o pensamento de cunho abissal-fronteiriço ensejando que práticas e agentes de ambos

[103] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[104] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 35.
[105] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 37.
[106] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 38.

os lados da linha sejam contemporâneos[107] ao mesmo tempo, autorizados e legitimados da maneira equiparada, não universalista e levando em consideração as diferenças coloniais que grassam no mundo há séculos. Isso pressupõe a abolição das guerras e das intolerâncias, sejam essas simbólicas ou físicas. E é por via dessa empreitada epistêmica pós-abissal-fronteiriça que o Brasil e seus escritores, intelectuais e críticos devem se enveredar objetivando mudar a realidade abissal que se estende do período colonial até hoje[108] pleiteando o fim do pretérito imperfeito e o início de novos tempos para as gerações vindouras.

Em vista disso, compreendo, contaminado por Santos e pensando no contexto brasileiro abissal, que as linhas/fronteiras são traçadas tanto no sentido literal, quanto metafórico[109]. Sob a égide dessa perspectiva, são as linhas que definem as fronteiras como vedações e campos de morte, *loci* de destruição brutal e sem leis que prezem por *todas* as vidas, pluri-t(r)ópicas e pluri-versais, em específico, as que sentem a fratura[110], as feridas coloniais, nos corpos-políticos que são formado e construídos sendo/estando calcados na sensação de estar fora do lugar. Do outro lado da linha abissal, na exterioridade, prevalecem as apropriações e a violência que tomam diferentes formas, mas, em geral, implicam destruição física, material, cultural e humana[111] dos supostos sub-humanos racializados.

Como expus no início deste subtítulo, a premissa *você-será-hétero-ou-não-será-nada* está enraizada e é levada à risca pela sociedade heteronormativa-patriarcal-religiosa-conversadora brasileira, essencialmente nos últimos anos (2019-2020), sob legitimação dos discursos presidenciais de Jair *Messias* Bolsonaro: figura

[107] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.
[108] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 39.
[109] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 44.
[110] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.
[111] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 37-38.

política representativa da putrefação moral-religiosa-conservadora-heterossexista e de outros expoentes religiosos-cristãos-protestantes, tais como os pastores Marco Feliciano e Silas Malafaia. Esse fato torna o Brasil, estatisticamente, o país que mais mata LGBTQIA+[112] no mundo o transformando, sem recair em sensacionalismos superficiais, em um campo de guerra promovedor da tentativa de destruição brutal dos sujeitos da exterioridade homo-biográfica. Comprovadamente, corroboram minha discussão, respectivamente, o site do Senado Federal (Figura 1), em 2018, e o jornal "Folha de São Paulo (Figura 2), em 2019:

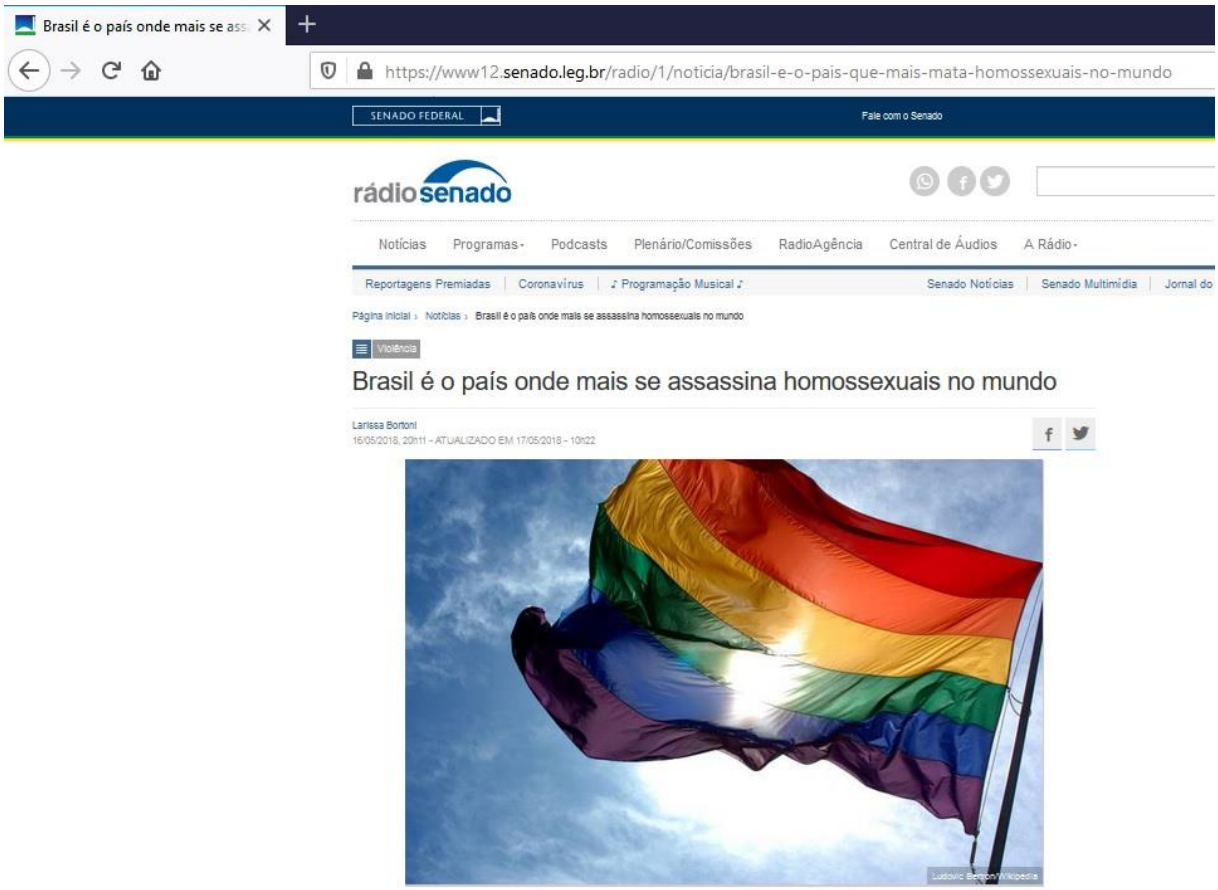



FIGURA 1 – Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo
Fonte: https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo

[112] Sigla que compreende lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais/transgêneros, *queer*, intersexos, assexuais sendo o "+" a contemplação de todas as diversidades possibilitadas pela orientação sexual e/ou identidades de gênero. Fonte: https://www.nytimes.com/2018/06/21/style/lgbtq-gender-language.html, tradução minha.




FIGURA 2 – Brasil, o país da diversidade que mais mata LGBTQIA+
Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/brasil-o-pais-da-diversidade-que-mais-mata-lgbtqia.shtml

Em vista das manchetes expostas, reitero minha assertiva, mencionada parágrafos atrás, acerca da urgência de pleitearmos o fim do pretérito imperfeito brasileiro a fim de conquistarmos novos tempos para as gerações subsequentes. Isso é, tempos em que a co-existência de vários mundos possíveis, plurais, sejam uma máxima simbólico-empírica e que impere, sobremaneira, a diversidade do mundo[113] ensejado pelo pensamento pós-abissal-fronteiriço. Porém, essa conquista da diversidade exige que voltemos nossos olhos ao sul-metafórico com o intuito de recorrermos as nossas formas excêntricas ou marginais de sociabilidade[114]/subjetividade/sensibilidade dentro ou fora da modernidade ocidental (neo)colonial, as nossas formas de vida-pensamento-produção-existência-

[113] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 51.
[114] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 64-65.

sobrevivência que recusaram serem definidas a partir dos critérios abissais explicitados.

Como expõe Santos, a todo aquele vítima de intolerância, de discriminação e de negação da sua dignidade humana, necessita-se uma comunidade de seres humanos[115]. Ou seja, uma comunidade que lhe ofereça as mãos para que a luta, civil e epistêmica, de desobediência e conquista da co-presença radical ocorram de maneira coletiva atravessada pela união das exterioridades que compartilham das mesmas dores, feridas e cicatrizes que insistem, por intermédio de terceiros, em não se fecharem. É por isso, pelos meus/pelos nossos, que insisto nas escrevivências homo-biográficas enquanto uma possibilidade *outra* de nos reinserirmos, mesmo que de maneira desobediente e radical, na história da humanidade e na *real* diversidade do mundo, não aquela noticiada pelo jornal “Folha de São Paulo”.

Ainda que se venda como tal, o Brasil, definitivamente, não é o país da diversidade, tampouco, da tolerância e da hospitalidade às diferenças coloniais. Com isso, Santos, ainda sob o prisma do pensamento pós-abissal, assevera que a fundamentação deste emerge da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta, por sua vez, continua desprovida de epistemologias adequadas[116]. Em síntese, a diversidade epistêmica está por se construir, uma vez que ainda se perpetuam duras resistências em aceitar as *diversalidades*[117] que existem, (sobre)vivem e grassam no mundo, ainda que o pensamento abissal/moderno/colonial tente de todas as formas possíveis silenciar, apagar e destruir.

A premissa das perspectivas *outras*, pós-abissais-fronteiriças, é a ideia da diversidade epistêmica do mundo[118] e o reconhecimento da existência-resistência de

[115] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 50.
[116] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 51.
[117] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[118] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 54.

uma pluralidade de conhecimentos além dos modernos já estabelecidos. Renuncia-se, então, qualquer universalismo científico-sensível-artístico. Em todos os *loci* globais, primordialmente, nos latino-americanos e brasileiros, não existem somente diversas formas de saberes acerca da matéria, das sociedades, das vidas e dos espíritos, mas, sim, demasiados conceitos sobre o que se legitima como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo. Para Santos:

> Deste empenho, surgirá uma capacidade nova de inquirição e indignação, capaz de fundamentar teorias e práticas novas, umas e outras inconformistas, desestabilizadoras e mesmo rebeldes. O que está em jogo é a criação de uma previsão ativa baseada na riqueza da *diversidade não-canônica do mundo* e de um grau de espontaneidade baseado na recusa de deduzir o potencial do factual. Desta forma, os poderes instituídos deixam de ser destino podendo *ser realisticamente confrontados com os poderes constituintes. O que importa, pois, é desfamiliarizar a tradição canônica das monoculturas do saber sem parar aí, como se essa desfamiliarização fosse a única familiaridade possível.*[119]

Cotejando o exposto por Santos, empreendo as escrevivências homo-biográficas justamente enquanto uma nova inquirição de rebeldia, de desobediência e de indignação, pautadas na identidade em política, capaz de fundamentar as vidas, as práticas e os saberes *outros*, inconformistas e desestabilizadores da matriz heterossexual compulsória[120]. Para mim, as escrevivências, dotadas de fronteiridades *geo-bio-históricas*[121], confrontam os "autos" centro-globais os desfamiliarizando dos nossos bio*loci* promovendo a possibilidade de se pensar de *modo outro* ao contemplar vidas e práticas *outras*; todavia, jamais replicando articulações monotópicas como a única forma possível de ser-saber-pensar-existir, tal qual os discursos (neo)coloniais vêm ressaltando há séculos.

Diferentemente dos saberes de ordem abissal-moderna, as escrevivências se abalizam, como condição *sine qua non*, em uma gênese formada pela presença dos

---

[119] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 63, grifos meus.
[120] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
[121] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.

*geo* + *bios* + *história dos corpos fronteiriços*[122] ancorados na borda da exterioridade, e relegados ao esquecimento[123] pela *episteme* moderna. Essa é, portanto, a resposta geopolítica-epistêmica-sensível do Terceiro Mundo ao Primeiro Mundo, revelando, sobremaneira, os privilégios sociais, culturais, sexuais, sensíveis, políticos, geoistóricos, epistemológicos e econômicos da interioridade. Para isso, *pari passu* à própria teorização pós-abissal/fronteiriça, há que se levar em conta *uma gramática pedagógica fronteiriça*[124] sendo esta, de acordo com crítico sul-fronteiriço Edgar Cézar Nolasco, o caminho das sensibilidades biográficas dos corpos dos divíduos fronteiriços, como os dos homossexuais, que compõem a *corpo-política*[125], e as sensibilidades locais, a fronteira-sul epistêmica de onde sobre-vivo, que constituem a geopolítica.

É propriamente o modo de pensar da gramática expositiva da fronteira no seu fazer descolonial que se dá a partir da inscrição dos *bios* e do processo de pensamento-produção-existência-sobre-vivência dos divíduos *outros* envolvidos, ademais, à presença dos seus corpos como condição para se pensar das fronteiras do sistema colonial moderno que sustentam as práticas sensíveis-epistêmicas do exercício de *escre(vi)ver-se inscre-vi-vendo-se*[126] homo-biograficamente. Privilegia-se, à baila de Manoel de Barros na *Gramática expositiva do chão* (2013), no prisma das discussões escrevivente homo-biográficas, o imbricamento de dois caminhos: o da sensibilidade que é a compreensão do corpo e o da inteligência que é o entendimento do espírito[127] na condição pluri-versa à descolonização do ser e do

[122] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.
[123] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.
[124] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 12.
[125] O conceito de “corpo-política” será discutido mais adiante no desenvolvimento desse *trabalho-corpo-político*.
[126] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 86.
[127] BARROS *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 12.

saber[128]. Sob a pluma do exposto, Silviano, no poema “Esses textos” publicado no livro *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1988), corrobora:

> [...]
>
> É preciso saber vestir
> o texto,
> como tatuagem na própria
> pele.
>
> É preciso saber tatuar o
> o texto,
> como sulcos feitos
> na bruta realidade.
>
> O duplo estilete
> do texto e da leitura,
> do autor e do leitor.
>
> A dupla tatuagem
> contra o próprio corpo
> e a realidade bruta.
>
> A tatuagem que se imprime
> para poder forçar
> a barra.
>
> *A tatuagem que o corpo,*
> *depois de violado,*
> *tatua. Violentando.*[129]

Diante do poema, compreendo, *inscre-vi-vendo-me*, como o crítico biográfico sul-fronteiriço e divíduo homo-biográfico de Silviano que sou, a inscrição das tatuagens, ou feridas e cicatrizes, vertidas-vestidas nas grafias dos meus textos que emergem das brutas realidades que a mim, e aos meus, foram impostas. Essa imposição sociocultural se deu desde a gestação materna, a qual minha mãe não queria que filho nascesse no dia 24 de março de 1997 para que a simbologia do veado – no jogo do bicho representado pelo número 24 – não me perseguisse, passando pelas fases escolares e, concomitantemente, pela autoaceitação e, posterior, saída do armário, prologando-se à vida adulta.

---

[128] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 13.
[129] SANTIAGO. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, p. 124-125, grifos meus.

Na idade adulta, preciso, constantemente, me provar com o duplo estilete da violência heterossexual compulsória[130]. Primeiro, para mim mesmo e, então, para os outros que sou tão capaz quanto aqueles que sempre me deslegitimaram e desautorizaram-me. À criança da figura (Figura 3), Pedro-eu-criança, que se segue, e a todas as outras crianças da exterioridade, dedico as grafias-resistências-desobediências-sobre-vivências das minhas escrevivências homo-biográficas tatuadas em meu corpo violado-violentando sócio-cultural-epistemicamente:



FIGURA 3 – Dedico ao meu eu-criança a desobediência civil-epistêmica de escre(vi)ver homo-biograficamente para pleitear mundos *outros* possíveis, pluri-versais, pluri-tópicos e, sobremaneira, simbólico-empiricamente, mundos que co-existam com as *diversalidades*[131]
Fonte: acervo pessoal

É da dura realidade explicitada pelo poema de Silviano e experienciada desde antes do nascimento sendo prolongada até a idade madura, quiçá, pós-morte, que as

[130] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
[131] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.

escrevivências homo-biográficas emergem como práticas de identidade-em-política-desobediência à “aparência natural do mundo” pautada em políticas de identidade estritamente violentas e opressoras com quem dela se desviam e, por consequência, incomodam. À revelia da tatuagem que se imprime no corpo, isto é, às feridas-cicatrizes do corpo fronteiriço, há que se forçar a barra do pensamento abissal, da colonialidade e da heterossexualidade compulsória para se conquistar direitos humanos-epistêmicos e, sobretudo, a dignidade da condição humana das exterioridades.

Valendo-me de uma paráfrase de Conceição Evaristo[132], escritora e intelectual que fundou a conceituação da escrevivência à luz das vidas-histórias de mulheres negras e suas ancestralidades, as nossas escrevivências homo-biográficas, e todas aquelas da ordem da exterioridade/*anthropos*/sub-humanos, não podem ser lidas como histórias cômico-satíricas para fazer os *humanitas*, a interioridade e a matriz heterossexista-patriarcal-falocêntrica rir. Mas, sim, incomodá-los[133] com nossos corpos-políticos, vidas, vozes, afetos, desejos, produções artísticas, histórias, projetos *homo-bio-ficcionais-ensaístas,* sensibilidades, direitos e, sobretudo, com lutas e desobediências civil-epistêmicas. Para Evaristo[134]:

> *Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções.* A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa

[132] EVARISTO. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita, p. 21.
[133] EVARISTO. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita, p. 21.
[134] Julgo necessário fazer um adendo no que convém ao meu uso do conceito de escrevivência para falar a partir de Silviano Santiago. Em sua primazia, Conceição Evaristo o utiliza para pensar a inter-relação entre o seu próprio *bios* e sua obra, uma vez que a condição de mulher negra fundamenta sua subjetividade/sensibilidade. Entretanto, como a própria escritora ressalta, qualquer autor pode ser contaminado por suas subjetividades/sensibilidades ao escrever. Isso posto, é partir desse eixo de contaminação que me assento na escrevivência para teorizar a partir de Silviano Santiago e de seu projeto intelectual-literário-biográfico-ensaísta à luz de uma articulação escrevivente homo-biográfica intercorporada tanto por mim, quanto pelo escritor e ensaísta mineiro.

> condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência.[135]

Corroborando o fragmento supracitado e com base no capítulo “Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele” da dissertação de Evaristo, volto minha perspectiva *bios*-fronteiriça à discussão da memória do corpo-político homo-biográfico. Este inscre(vi)ve-se legitimando uma identidade sexual existente, desobediente, uma vida-resistência[136]. Pela sua memória, *escre(vi)ve-se inscre-vi-vendo-se um corpo-divíduo-fronteiriço* que busca o próprio pertencimento e que se entende como dono de si próprio[137], ainda que desautorizado e deslegitimado pelas linhas abissais que grassam nas culturas e nas sociedades, em específico, na brasileira. Escre(vi)ver-se homo-biograficamente implica libertar-se das amarras médicas, jurídicas e políticas que, desde o século XIII[138] até os dias atuais, nos impõem de maneira simbólica e/ou empírica.

À semelhança na diferença do que explicita Evaristo em sua dissertação ao mencionar a condição do escravo fugido com a ausência do *status* de cidadão livre[139], empreendo que, ressalvadas as grandiosas diferenças entre as esferas raciais e sexuais, o homossexual ainda se encontra desqualificado do *status* de cidadão realmente livre nas sociedades. Ainda que as leis e a medicina atuais não nos

---

[135] EVARISTO. Conceição Evaristo, s/p, grifos meus.
[136] EVARISTO. Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele, p. 96.
[137] EVARISTO. Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele, p. 89.
[138] Segundo Francisco Ortega, o nascimento da intolerância de cunho religioso à homossexualidade se deu no século XIII configurando uma frente uniforme de recusa por parte da literatura popular, da teologia e dos escritos jurídicos. No mesmo período, inicia-se igualmente a decadência do culto à amizade. A homossexualidade latente era entendida como ameaça constante para a constituição do heterossexual adulto, daí a extrema vigilância dedicada às amizades. Isso posto, enquanto a amizade era aceita social e culturalmente, a homossexualidade não apresentava problemas. Em meados de 1250-1300, na Europa, a atividade homossexual tornou-se ilegal passível de pena de morte sendo vista como aberração perigosa, antissocial e pecaminosa. Na segunda metade do século XIX, ocorre a entrada da homossexualidade enquanto patologia no saber médico. Prolongou-se, na modernidade, o posicionamento de aversão e condenação universal à homossexualidade, a qual se tornou um problema médico e sociopolítico do século XX. Cf. o capítulo “*Amiticia* cristã” em *Genealogias da amizade* (2002) de Francisco Ortega.
[139] EVARISTO. Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele, p. 93.

condenem jurídico-patologicamente e até, às vezes, se posicionem, direta ou indiretamente, a favor das nossas cidadanias, inteligibilidades, existências e legitimidades; a nós, confere-se, ainda, os papéis de marginais, fora da lei, violadores e profanadoras das instituições civis, familiares e políticas que, à semelhança do século XIII na Europa, definem os lugares e os estigmas que se incrustam no imaginário simbólico popular legitimando, como explicitei, as diversas formas de violência.

Karl Posso, intelectual que versa sobre a homossexualidade, em *Artimanhas da sedução*: homossexualidade e exílio (2009), ressalta que a introdução da nova Constituição Federal, em 1988 no Brasil, na qual o artigo 5º assevera *que todos somos iguais perante a lei, sem distinções de qualquer natureza*, pouco colaborou no combate aos preconceitos de ordem heterossexistas[140]. João Silvério Trevisan, escritor e intelectual homossexual brasileiro, também expõe que nos anos 1980, assassinava-se um homossexual a cada 5 dias no Brasil. Já em 1997, ano do meu nascimento, a média dos homicídios de homossexuais subiu para um a cada 3 dias[141]. Promovia-se o extermínio/linchamento moral e físico de pessoas homossexuais[142].

Reitero, então, que não, nunca fomos iguais e nunca seremos. Além disso, não bastam pseudo-direitos-civis-epistêmicos assentados em políticas de identidade, mas, essencialmente, a promoção de identidades em política que versem sobre pluralidades, em uma verdadeira diversidade protegida por políticas públicas específicas às exterioridades. Do contrário, nossos corpos-políticos continuarão a ser expulsos das nossas casas, violentados, deslegitimados e expurgados cada vez mais

[140] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 15.
[141] TREVISAN *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[142] TREVISAN *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 23.

para as marginalidades simbólicas e empíricas promovidas pelo sistema de opressão da heterossexualidade compulsória.

As políticas da escrevivências homo-biográficas, portanto, se pautam na desobediência epistêmica e em uma identidade em política a fim de promover a libertação e a reinscrição das nossas vidas, narrativas, sensibilidades, presenças, ausências, ignorâncias, revoltas e lutas em nosso fazer epistêmico-literário-ensaísta. É preciso pensar em subjetividades/sensibilidades descolonizadoras[143] como forma de libertação de um pensamento vivo nas mentes e nos corpos dos sujeitos das exterioridades, as memórias gravadas em nossos corpos por gerações e a marginalização sociopolítica a qual fomos assujeitados[144]. Pela memória do corpo homo-biográfico, escre(vi)ve-se o elogio[145] dos corpos-políticos pluri-t(r)ópicos e pluri-versais onde, a exemplo, a ausência de masculinidade/virilidade co-existe sem ameaça de violação-opressão oferecendo uma óptica não maniqueísta das existências.

Enseja-se, pelo atravessamento da matriz heterossexista-patriarcal, desatar os nós da normatividade sexual e *aprender a desaprender para reaprender*[146] que o corpo masculino dotado de virilidade não seja tomado como signo positivo e que os corpos-mulheres e/ou corpos-homens-efeminados não sejam estigmatizados. Assim, pautado pela exemplificação aposta, entrevejo a necessidade do alargamento do debate extrapolando as fronteiras das masculinidades e das políticas públicas-epistêmicas voltadas às exterioridades plurais e fronteiriças. Escre(vi)ver-se homo-biograficamente implica prezar não só pelas nossas vidas, mas por todas as vidas

[143] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.
[144] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 291.
[145] EVARISTO. Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele, p. 90.
[146] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

*outras*, para que não se dê o branco na memória deixando que corpo-*corpus gay* recaia no vazio da deslembrança[147]. Sejamos desobedientes para que desbaratemos os cânones jurídicos-políticos-literários-epistemológicos-sensíveis-afetivos.

Compreendo, à guisa do explicitado, a escrevivência homo-biográfica como uma prática de desprendimento[148], uma opção descolonial como desobediência epistêmica de autorreflexão e inscrição dos saberes e das práticas homo-biográficas nas produções desses sujeitos da exterioridade, tal qual Silviano realiza com seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta*. Desprende-se, sensível-epistemicamente, das categorias arraigadas em conceitos greco-latinos[149] e das experiências e sensibilidades formadas a partir dessas bases para que nos voltemos para as nossas casas, isto é, nossos bio*loci* como *modus operandi* de nos reinserir na história da humanidade, do conhecimento, da arte e da literatura. A escrevivência não emerge dos pressupostos greco-latinos, mas, sim, dos corpos-políticos-fronteiriços das exterioridades, morada das diferenças coloniais, reintegrando as experiências/saberes desperdiçados pelo pensamento moderno-abissal pressupondo co-presenças e complementariedades[150].

A desobediência epistêmica serve àqueles que pensam ou escre(vi)vem de modo *outro*/fronteiriço/pós-abissal. A esses, pede-se obediência disciplinar[151] e epistêmica. Entretanto, ser desobediente epistemologicamente, isto é, escre(vi)ver-se com as homo-grafias, implica não jogar com as regras que a identidade disciplinar/política de identidade heterossexista conclama. A desobediência

[147] EVARISTO. Escrever inscrevi-vendo-se pela memória da pele, p. 108.
[148] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 288.
[149] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[150] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 322.
[151] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 300-301.

epistêmica joga com regras pautadas na racialização[152] – isto é, a negação da óbvia humanidade – dos corpos e das localizações geoistóricas. Respaldar-se em opções descoloniais não implica abandono ou ignorância ao que já está institucionalizado no mundo[153], pelo contrário, entrevê-se uma possibilidade crítica *outra* de produzir conhecimento e de inscre(vi)ver vidas e práticas racializadas de existência, tais como as de caráter homo-biográfico.

As opções descoloniais, intrínsecas à desobediência epistêmica, delineiam que o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e das memórias da civilização ocidental e dos seus partícipes internos[154]. Em termos de civilização, há que se pensar em uma que preze e comemore a vida, diferentemente, daquelas sociedades que tornam determinadas vidas dispensáveis-descartáveis a fim de acumular riqueza e, por extensão, mortes[155], seja por manutenção física do poder ou por simbolismos abstratos/opressores. Faz-se necessário que as opções descoloniais estejam justificadas: descolonial implica refletir a partir da exterioridade e em uma posição crítica subalterna *pari passu* à hegemonia epistêmica-social que aquilata e erige um exterior com o intuito de manter sua interioridade[156].

Ademais, a descolonialidade corrobora, ao mesmo tempo, o desvelamento da lógica da colonialidade e da reprodução da matriz (neo)colonial de poder além de desconectar-se dos efeitos totalitários-fundamentalistas das sensibilidades e dos parâmetros de pensamento moderno-ocidental[157]. Como já explicitei a partir da minha teorização das escrevivências homo-biográficas, a razão/lógica da colonialidade ainda

[152] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[153] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[154] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.
[155] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 295.
[156] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.
[157] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 313.

se perpetua nivelando o mundo por diversas categorias tanto simbólicas, quanto empíricas. Isso posto, entendo que a mudança radical sustentada pela opção descolonial e pela desobediência epistêmica se distancia da compreensão ocidental de que as vidas humanas pode ser silenciadas, expurgadas, violentadas, descartadas, linchadas etc. a qualquer custo[158]. Minhas reflexões escreviventes, conceituais e biolocais vão em direção a um projeto de civilização *outro*, fronteiriço, pós-abissal, que encoraje e comemore a reprodução de todas as vidas do planeta, sobretudo, as das exterioridades[159].

Conforme Djamila Ribeiro ressalta em sua discussão sobre a população negra, quando a exterioridade reivindica o direito à voz, ela está lutando pelo próprio direito à vida[160]. Nesse sentido, a escrevivência homo-biográfica é uma prática de refutação da pretensa universalidade colonial-abissal ao promover a multiplicidade de vozes *outras* angariando o direito à vida e desmantelando o discurso autorizado e único que se pretende universal e, por consequência, impõe-se como ordem vigente. Ainda sob a égide de Djamila, a desobediência epistêmica desvela o uso que as instituição fazem das identidades *outras* para rechaçar ou privilegiar explicitando como o poder e a identidade se articulam entremeados dependendo dos contextos-vidas-produções em que são aplicados[161].

O pensamento colonial-abissal-moderno legitima ou deslegitima certas identidades em que as desigualdades são criadas a partir de uma estrutura de opressão que sobrepõe certos grupos a outros[162]. Isso leva à replicação do ideal de que as identidades são universais e que, por consequência, falam por todos.

[158] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.
[159] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.
[160] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?*, p. 43.
[161] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?*, p. 31.
[162] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?*, p. 31.

Entretanto, a verdade é que essas supostas identidades universais *insistem* na tentativa de falar por todos, quando, na realidade, falam apenas de si ao se autodenominarem universais[163]. Trazendo a discussão para o recorte homo-biográfico, Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2018), explicita a estrutura de opressão sexual enquanto lei repressiva que efetivamente produz a heterossexualidade[164] (compulsória) e atua como uma sanção, uma lei do discurso, separando as linhas (abissais) do dizível/indizível, do legítimo/ilegítimo[165].

Dessa forma, o "sexo" é uma interpretação política e cultural dos corpos[166] e, também, é discursivamente produzido e replicado por um sistema de significações opressivo pautado em leis repressivas/normativas para as mulheres, para os homossexuais e para as lésbicas[167]. Para Butler na esteira de Monique Wittig, escritora e teórica feminista, o "sexo" é uma abstração posta à força ao campo social a qual produz uma realidade retificada violentamente modelada[168]. Em linhas gerais, o "sexo" é o efeito de realidade de um processo abrupto, dissimulado por esse mesmo efeito[169], que fundamenta o que venho chamando neste texto de heterossexualidade compulsória. Em termos de matriz heterossexual e heterossexualidade compulsória, Butler reitera:

> Uso o termo *matriz heterossexual* [...] para designar a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Busquei minhas referências na noção de Monique Wittig de 'contrato heterossexual' e, em menor medida, naquela de Adrienne Rich de *'heterossexualidade compulsória' para caracterizar o modelo discursivo/epistemológico hegemônico de inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo*

[163] RIBEIRO. *O que é lugar de fala?*, p. 31.
[164] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 119-120.
[165] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 120.
[166] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 197.
[167] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 197.
[168] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 198.
[169] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 198.

> *estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade*.[170]

Diante disso, reitero o lugar de exterioridade atribuído à homossexualidade como prática localizada, radicalmente, extrínseca à matriz heterossexual sendo, por sua vez, no interior, não condicionada pelas normas heterossexuais[171], ainda que, em termos sociais e culturais, essas normas impliquem sanções coletivas, destituição de direitos, violências, opressões, deslegitimações de ser-saber-produzir. A heterossexualidade é entendida como um sistema geral, a interioridade, que exige um deslocamento cabal[172] dos que a ela não pertencem, a exterioridade. À vista disso, Butler evoca duas opções políticas: (a) conformidade radical ou (b) revolução radical[173]. Enquanto crítico biográfico fronteiriço homo-biográfico, absolutamente atravessado pelas desobediência epistêmica e opção descolonial, sobremaneira, opto pela revolução radical.

É apenas através da desobediência civil-epistêmica radical que se angaria a derrubada da heterossexualidade compulsória enquanto sistema de dominação-opressão físico-epistemológico inaugurando uma modo *outro* de humanismo da "pessoa", da categoria (ser) gente, livre dos grilhões do sexo[174] que violentam simbólico-fisicamente os corpos-fronteiriços da exterioridade. Há que se escre(vi)ver contra à *episteme* heterossexista globalizante por meio de discursos contrários de alcance e poder iguais[175], tal como venho defendendo à luz das escrevivências homo-biográficas ao desafiar a hegemonia epistemológica do heterossexismo. Segundo

[170] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258, grifos meus.
[171] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 210.
[172] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 210.
[173] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 210.
[174] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 47.
[175] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 208.

Wittig, citada por Butler, as obras literárias podem perfeitamente operar como máquinas de guerra a esse sistema de dominação sexual[176].

Assim, valendo-me desse pressuposto literário, sobretudo contaminado pelo projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano, entendo que um dos caminhos para atingir a descolonização sensível-sexual-epistêmica é justamente *escre(vi)ver inscre-vi-vendo-se* a partir da apropriação antecipada do posicionamento de sujeito/divíduo falante e da *sua* invocação do ponto de vista do que seria universal[177]. Para mim, resguardado pelo pensamento pós-abissal/fronteiriço, o único universal possível é aquele em que prepondera a real diversidade do mundo pluri-t(r)ópico, pluri-versal e onde *todos* prezam por *todas* as vidas, sem distinções valorativas e/ou reguladoras dos saberes, das sensibilidades e dos corpos/*corpus*.

No que tange ao valor das vidas humanas, Walter Mignolo ressalta que os critérios não mencionados para mensurar esse valor são um óbvio alerta, sob uma visada fronteiriça, da política escondida de identidade imperial[178]. Isso é, o valor das vidas referente ao "enunciador universal" se torna parâmetro regulador para avaliar outras vidas humanas que não têm oportunidade de opções epistêmicas e/ou poderes institucionais[179] para escre(vi)ver suas histórias, como a deslegitimação e a desautorização enfrentadas pelas homo-grafias frente a hegemonia epistemológica heterossexista compulsória. A retórica da salvação, replicada pelo universalismo cristão-heteronormativo-compulsório, e do bem estar para todos não nos compreendem enquanto reais humanos passíveis de nos narrar, mas, como sub-humanos profanadores relegados à marginalidade da exterioridade.

[176] WITTIG *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 207.
[177] WITTIG *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 207.
[178] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 294.
[179] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 294.

Desse ponto de vista político-identitário, há que se refletir, em específico, sobre as diferenciações das política de identidade e da identidade em política. Mignolo assente que as políticas de identidade podem levar à intolerância e ao perigo do fundamentalismo, haja vista que se baseiam em pré-condições, dentre outras, de ser negro ou branco, homem ou mulher, *homossexual ou heterossexual*[180]. Tal qual venho delineando criticamente neste texto, o controle da política de identidade se sustenta, de maneira primordial, na edificação de uma identidade que não se parece como tal, mas como a *aparência natural (universal) do mundo*[181]*.* Em geral, política de identidades não se comprometem em âmbitos Estatais resguardando-se às esferas das sociedades civis[182], diferentemente da identidade em política.

Desse modo, a suposta *aparência natural (universal) do mundo* legitimada e escondida pelos privilégios[183] de ser branco, heterossexual e do gênero masculino são as características fundamentais das políticas de identidades intolerantes e fundamentalistas[184]. Essas, assentadas na pretensão universal, denotam caracteres tanto similares, quanto opostos, fomentando sua cerne de dominação opressivo-silenciadora. Dentre as características, ilusórias diga-se de passagem, das políticas de identidade estão: a neutralidade, a objetividade e a suposta "democracia"[185]. Ou seja, elementos básicos dos discursos universalistas-globalizantes-mono-tópicos os quais ignoram, propositalmente, as diferenças coloniais imbricadas na identidade em política.

[180] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[181] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[182] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 312.
[183] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 232.
[184] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[185] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 297.

À diferença descolonial da política de identidade, emerge a identidade em política por ser um elemento indispensável para a opção descolonial e para a desobediência epistêmica da razão imperial-moderna-abissal[186]. Essa importância crítica da identidade em política se resguarda na necessidade de fomentarmos teorizações e organizações de ações políticas que levem em consideração as identidades rechaçadas pelos discursos imperiais[187] (a construção do fora pelo espelhamento inverso do dentro). Sem essas elaborações de cunho identitário-político pode não ser possível desnaturalizar a construção racializada, abissal, colonial e imperial das identidades, sobretudo as sexuais, no mundo moderno alicerçado por uma economia capitalista em que não se preza por *todas* as vidas.

A identidade em política configura-se como a única forma de se pensar, de fato, descolonialmente[188] – politicamente em termos e projetos de descolonização. Todas as outras formas de pensar e agir, arraigadas em políticas de identidade, significam a permanência na razão/lógica imperial[189]/colonial universalista, a qual venho criticando desde o início deste texto. Isso posto, parafraseando o indígena Fausto Reinaga, *aymara* intelectual e ativista, citado por Mignolo: vocês me fizeram homossexual e como homossexual lutarei pela minha/nossa libertação[190] tanto sociocultural, quanto epistemológico-artística-escrevivente, até o fim dos meus dias. É das *homo-bios-grafias* do meu corpo-político fronteiriço que *escre(vi)vo inscre-vi-vendo-me* intercorporalmente com Silviano, meu divíduo e companheiro de luta civil-epistemológica-literária.

[186] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[187] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[188] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[189] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[190] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

Como explicitei no decorrer deste *texto-corpo-político-escre(vi)vente*, ainda que a razão colonial promova o contrário, é incoerente, desumano e insustentável, para um viés epistêmico fronteiriço tal qual me assento, que a lógica identitária da semelhança, isto é, “somos todos iguais”, seja, ainda, tomada como norma reguladora e prática absoluta, uma vez que sobre-vivem exterioridades e escrevivências epistêmicas-artísticas-literárias *outras* a partir de tatuagens-feridas-cicatrizes vestidas-vertidas em nossos corpos políticos fronteiriços. Mais que pensar apenas em epistemologias e teorizações descolonizadoras, há que se pensar em sensibilidades-identidades-corpos-experiências não só descolonizadores, mas, sobretudo, desobedientes, pós-abissais, do Sul, fronteiriços e descolonizados. A escrevivência homo-biográfica, portanto, compreendendo a confluência do sensível com o epistêmico, sob um prisma *outro*, torna-se uma pausa[191], uma possibilidade de *inscre-vi-ver traços*[192] sexuais, afetivos, críticos, artísticos, literários e, sobretudo, traços de vidas que existem e resistem.

[191] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 251.
[192] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 251.

## 1.3 – Os *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos: pensamentos e atravessamentos das diferenças coloniais

> Os entre-lugares *fronterizos* escavaram para si uma aprendizagem de desobediência com relação a tudo o que fora imposto em seu lócus geoistórico cultural à revelia de sua memória, de seu discurso e de sua história local. Clandestinamente e epistemologicamente, os entre-lugares *fronterizos* barram aquela crítica moderna que ainda teima em impor seu lugar/discurso sobre os demais lugares (ou entre-lugares) periféricos.
>
> NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21-22, grifos do autor.
>
> O neocolonialismo, a nova máscara que aterrorizava os países do Terceiro Mundo em pleno século XX, era o estabelecimento gradual em outro país de valores rejeitados pela metrópole, era a exportação de objetos fora de moda na sociedade neocolonialista, transformada no centro da sociedade de consumo. Hoje, quando a palavra de ordem é dada pelos tecnocratas, o desequilíbrio é científico, pré-fabricado; a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito.
>
> SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 16.
>
> O pensamento fronteiriço é a singularidade epistêmica de qualquer projeto descolonial. [...] Porque a epistemologia fronteiriça é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter ao *humanitas,* ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-lo.
>
> MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175, grifos do autor e tradução minha.
>
> As sensibilidades não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se [...] as sensibilidades dos locais geoistóricos relacionam-se [...] [entre] a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima *e todos esses signos básicos que ligam o corpo a um ou a diversos lugares*.
>
> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264, grifos meus.
>
> As práticas literárias e filosóficas (o ensaio histórico, antropológico, literário, filosófico, etc.) na América Latina foram e são todavia o espaço onde se gestou *um "pensar" à margem das disciplinas.*
>
> MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18, tradução e grifos meus.

É a partir da compreensão descortinada pelos horizontes práticos-epistemológicos das escrevivências homo-biográficas pautadas na desobediência epistêmica, na opção descolonial e na identidade em política enquanto uma possibilidade de *inscre-vi-ver traços* que existem-resistindo em um *mundo que nos*

*encurrala e que dilacera/espreme*[193] nossos corpos que minha articulação, atravessada pelas diferenças coloniais do pensamento fronteiriço e dos *entre-corpos-lugares* epistêmicos, emerge. Contudo, tais reflexões não se dão à luz de entre-lugares *desconstruídos*[194], os quais a crítica brasileira teimou em perpetuar, mas, sim, no chancelar de entre-lugares fronteiriços/*descoloniais*[195] epistemológicos que se sobressaem, essencialmente, do meu *corpo-menino-homem-fronteira*[196] de crítico que pensa da exterioridade da razão/lógica ocidental moderna e das *margens das disciplinas*[197], da fronteira-sul: um lócus tão real quanto imaginário.

Alicerçado por Nolasco, Silviano e Mignolo a partir das epígrafes explicitadas, compreendo que os *entre-corpos-lugares* fronteiriços que ensejo delinear, tomando por base o texto-base de Silviano "O entre-lugar do discurso latino-americano" de 1978[198], têm como primazia barrar os discursos ocidentalistas, modernos, (neo)coloniais e abissais que insistem em se hospedar nos trópicos, até mesmo perpetuando colonialismos internos[199], sem a autorização óbvia daqueles que têm seus corpos *encurralados* e *suas pernas dilaceradas*[200] pelas opressões e inferioridades que tais práticas corroboram. À maneira de resistir aos desequilíbrios pré-fabricados pelos pensamentos/práticas (neo)coloniais[201], advindos da Europa e dos Estados Unidos, a epistemologia fronteiriça se projeta na condição de *episteme*

[193] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[194] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[195] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[196] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[197] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[198] É importante pontuar que o texto "O entre-lugar do discurso latino-americano" foi publicado no Brasil na coletânea de ensaios *Uma literatura nos trópicos* em 1978 pela editora Rocco. E, agora em 2019, 40 anos depois, a obra foi reeditada pela editora Cepe acrescida de quatro textos suplementares e de três textos críticos de Eneida Leal Cunha, Fred Coelho e André Botelho, respectivamente.
[199] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 07.
[200] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[201] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 16.

do *anthropos* que não quer se submeter ao *humanitas*[202] por razões de cunho prático, científico, sensível as quais venho destrinchando neste *corpo-trabalho-político*.

Os *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos, fios condutores das discussões críticas que se seguem *a partir* do pensamento fronteiriço, possibilitam, pelo crivo da desobediência ou falsa obediência[203], desestabilizadoras das hegemonias geoistóricas, sensíveis, epistemológicas, corporais modernas/coloniais/ocidentais estritamente territorialistas, a promoção de processos transculturadores infinitos os quais possibilitam ao crítico descolonial pensar *dos lugares,* ou *a partir deles*[204], e não mais *sobre eles*, tal qual a *episteme* disciplinar moderna ensejou e perpetuou à extensão. "O entre-lugar do discurso latino-americano" de Silviano me permite, hoje, 40 anos depois, entrever o corpo-*corpus epistemológico da fronteira*[205] imbricado no seu discurso ensaísta, ainda que este fora (re)lido pela crítica brasileira exaustivamente pela óptica pós-moderna desconstrutivista.

Reitero, portanto, a urgência, ainda que após 40 anos de sua publicação, *de aprendermos a des-aprender para re-aprender*[206] os entre-lugares não mais sob a pluma do manto desconstrutivista, mas, sim, pela chancela descolonial[207] em que se privilegia as diferenças coloniais, os *loci* geoistóricos epistemológicos e as sensibilidades-corpos-lugares das exterioridades do pensamento ocidental-moderno-colonial: [...] cabe-me direcioná-lo hoje às novas gerações. Que ainda faça sentido!"[208], evoca Silviano sobre *Uma literatura nos trópicos* reeditado em 2019.

---

[202] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.
[203] NOLASCO. Silviano e o lugar onde o sol se põe, p. 20.
[204] NOLASCO. Silviano e o lugar onde o sol se põe, p. 23.
[205] NOLASCO. Silviano e o lugar onde o sol se põe, p. 23
[206] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[207] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[208] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 07.

Compreendo, assim, os entre-lugares desse ponto de vista epistemológico *outro* entrevendo a necessidade de correlacioná-los não só a *loci* territoriais e geoistóricos; pelo contrário, reverberá-los através de articulações de caráter epistêmico e ressonâncias críticas tangíveis aos corpos das inconveniências (os quais tratarei no subtítulo seguinte), às políticas das escrevivências e às homo-afetividades[209] angariando descolonizações dos pensamentos, espaços, sujeitos, corpos, sensibilidades, desejos etc. imbricadas pelos exercícios críticos-práticos de autorreflexidade sociocultural-política-econômica, tal qual Silviano corrobora em suas produções ensaístas-literárias emergentes dos trópicos fronteiriços.

No tocante a *um conjunto de produções emergentes dos trópicos*[210], não só do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do escritor e crítico mineiro, mas das minhas escrevivências de crítico biográfico fronteiriço e do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) o qual sou integrante desde 2015, assevero a presença epistêmica dos *entre-corpos-lugares* não apenas na tessitura discursivo-enunciativa dos meus *corpus* escreviventes, mas do meu *corpo-homem-menino-fronteira*[211] que pensa e que produz  a partir dos arrabaldes de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, na fronteira-sul que é, também, o meu entre-lugar de enunciação geo-*bios*-epistêmico o qual sinto e rivalizo a diferença colonial e os atravessamentos latentes e pulsantes em mim e nos meus. A fronteira-sul, tomada pela égide de meu *entre-corpo-lugar*, evoca consigo, ao fim e ao cabo, a emergência de uma epistemologia fronteiriça[212] que, por extensão, é anti colonial/moderna/abissal/ocidental, por excelência.

---

[209] LOPES. *O homem que amava rapazes,* p. 38.
[210] Cf. *Uma literatura nos trópicos* de Silviano Santiago.
[211] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[212] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.

À diferença do perpetuado por décadas pela crítica brasileira territorialista, é, essencialmente, na fronteira-sul que encontro a "originalidade"[213] desterritorializada da perspectiva fronteiriça privilegiada e escolhida por mim pelo crivo do meu *entre-corpo-lugar* das/nas produções que erijo assentado no meu aliado hospitaleiro Silviano. Essa "originalidade" fronteiriça não se encontra, jamais, na cópia aos modelos teóricos-artísticos-literários das fontes/influências[214] puristas europeias e/ou norte-americanas[215]. Habitar e escre(vi)ver *a partir do reunir-se na dispersão das fronteiras*[216] reais e imaginárias pressupõe respeitar suas regras e normas específicas de transfronteiridade, entre-fronteiridade[217] e transculturação ao me distanciar das hospedagens incondicionais às *teorias itinerantes*[218] viajantes dos centros mundiais hegemônicos ocidentais para as bordas/margens não-ocidentais do planeta.

A transculturação, ao invés da hospedagem e da hospitalidade incondicionais, tal qual *o próprio corpo distendido da fronteira*[219], contaminam e intercorporam as epistemologias fundadas e emergidas desse *entre-corpo-lugar* explicitando a condição de além-lugar geoistórico da fronteira e delimitando a condição epistemológica inerente a ela[220] imbricada enquanto caractere *sine qua non* das escrevivências dos divíduos que nela habitam/estão atravessados, como venho delineando a partir de mim/nós Pedro/Silviano. Encontro-me, pelo atravessamento do meu *entre-corpo-lugar sul-fronteiriço*, frente ao arquivo sensível-geoistórico-homo-biográfico do meu próprio *bios* da exterioridade, da margem. Segundo Nolasco, a *nossa fronteira-sul*, que é tanto minha quanto dele e de Silviano, contaminada pelos

[213] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.
[214] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.
[215] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.
[216] Cf. *O local da cultura de* Homi K. Bhabha.
[217] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.
[218] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha e *Histórias locais/projetos globais* de Walter Mignolo.
[219] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 23.
[220] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 23.

demasiados corpo-*corpus* vestidos-vertidos por traços epistêmicos das nossas *homo-bios-grafias* se pauta:

> Entre bárbara e *selbaje*, a fronteira-sul borda suas linhas da ordem do real e do imaginário, pontilhando, ora do lado de dentro, ora do de fora, sua força e sua resistência, e sempre impondo, ao seu modo, seu discurso *fronterizo* como resultado possível de uma epistemologia gerada nessa zona que quase sempre beira o esquecimento por parte do saber moderno, acadêmico e disciplinar. [...] Entre a fronteira, a poesia [escrevivência] e o infinito, borda-se 'esa broma que llamamos vida' de fronteira, cujo papel é transculturar, embriagada pela lucidez do abandono, o discurso colonial que teima em se agarrar a um corpo que o rechaça.[221]

É, epistemologicamente, no Sul da fronteira-sul e no bordar das linhas reais e imaginárias pontilhadas dos lados de dentro e de fora, as moradas da força e da resistência dos seus habitantes, que conclamo enquanto o meu *entre-corpo-lugar* fronteiriço[222]. Entre-espaço esse o qual possibilita a construção das verdades, narrativas e escrevivências *outras* sobre nós mesmos, de (ser) gente fronteiriça[223], permeados pelas condições intrínsecas de *homens-mulheres-meninos-meninas-fronteiras*[224] que desautorizam os de fora, os *si-mesmo humanitas*, a falarem por nós e/ou criarem/inventarem nossas sensibilidades contaminadas pela distorção das suas ópticas hegemônicas e homogeneizantes. Os discursos epistemológicos fronteiriços são as travessias[225]/dispersões[226] que reúnem povos, culturas, *loci*, *corpus-corpos*, línguas e sensibilidades entremeadas por relações que não ignoram jamais as diferenças coloniais.

A exemplo das produções sul-fronteiriças, em específico, do NECC a partir da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, trago à baila o número 11, volume 6, do periódico *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Silviano Santiago: uma homenagem, publicado 2014, dedicado à vida/obra/projeto *homo-bio-ficcional-*

---

[221] TERRON *apud* NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 26, grifos do autor.
[222] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[223] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[224] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[225] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[226] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha.

*ensaísta* do escritor e ensaísta mineiro antes mesmo da minha intercorporação e imbricamento sensível-*bios*-escrevivente com ele que, hoje, é meu aliado hospitaleiro. Dentre os textos ali contemplados de intelectuais brasileiros e latino-americanos, cito alguns: Eneida Maria de Souza, Florencia Garramuño, Heloisa Toller Gomes, Marília Rothier Cardoso, Rachel Esteves Lima, Raul Antelo, Renato Cordeiro Gomes etc. Além disso, há o ensaio “Silviano Santiago e o lugar onde o sol se supõe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul”, de Nolasco, responsável pela minha formulação crítica dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos. Dito isso, reproduzo abaixo a capa do periódico citado (Figura 4) e dou continuidade às discussões no prisma das sensibilidades:




FIGURA 4 – Capa do número 11 do periódico *CADERNOS DE ESTUDOS CULTRAIS:* Silviano Santiago: uma homenagem publicado em 2014 e organizado pelo grupo de pesquisa certificado pelo CNPq NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul coordenado pelo professor e pesquisador Edgar Cézar Nolasco
Fonte: https://periodicos.ufms.br/public/journals/31/cover_issue_290_pt_BR.jpg

Dando continuidade à discussão fronteiriça, compreendo que as sensibilidades não são essencialistas e não se subscrevem nos devidos nascimentos, como pontou Mignolo na epígrafe citada. Elas são formadas, transformadas e, também, perdidas à baila dos lugares geoistóricos e epistêmicos contaminados pelos signos imbricados nas línguas, paisagens, sensibilidades, desejos etc. Esses, por sua vez, ligam os corpos dotados de sensibilidades *diversais*[227] a demasiados *loci*[228] de produção de conhecimento, de existência/sobrevivência, como *modus operandi e vivendi* de *estar*[229], ao invés de ser, no mundo. Assim, ao convergir questões de ordem geoistóricas somadas às *bios*-sensíveis, há que se pensar em categorias *geopolíticas e corpo-políticas*[230] de configuração do conhecimento e dos desejos silenciados pelo lado mais escuro da modernidade cristã, isto é, a colonialidade[231].

Tal qual expus, o mundo e a fronteira nos encurralam, e vem nos encurralando ocidentalmente há anos, *pressionando-nos à última passagem*[232] e para atravessá-la, dilaceramos nossos *corpos-políticos-anthropos-da-exterioridade*. De modo cotidiano e recorrente, no "Ocidente da América Latina e do Brasil"[233], percebe-se a usurpação-demolição desenfreada de terras[234], geográficas, simbólicas ou epistemológicas, e cada dia traz consigo a opressão do poder colonialista-ocidental moderno para com os "não-ocidentais" assujeitados às exterioridades. Mediante a suposta "benção" da globalização no último século questiono-me: os corpos-sensibilidades-produções "não-ocidentais"/*anthropos* estão mais seguros hoje do que há dez anos?[235] Aonde

[227] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[228] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[229] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 306.
[230] Os conceitos de "geopolítica e corpo-política" serão discutidos no próximo subtítulo articulados *pari passu* às teorizações a partir das semelhanças-na-diferença.
[231] MIGNOLO. Colonialidade, p. 01.
[232] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[233] A expressão grafada entre aspas se justificará através da articulação pós-ocidental/fronteiriça que se segue.
[234] SAID. Israel está mais seguro?, p. 08.
[235] SAID. Israel está mais seguro?, p. 09.

iremos além das últimas fronteiras que nos dilaceram?[236] Para onde voarão os pássaros além do último céu/da última fronteira?[237] São essas questões, dentre outras, que fundamentam e que dão força ao que venho denominando em minhas produções de pensamento fronteiriço o qual me debruçarei, especialmente, a seguir.

Desse modo, evocados os devidos questionamentos, entendo que é no corpo desfeito, no lugar *outro* e no *reunir-se na dispersão da fronteira*[238] que os corpos inconvenientes, como o homo-biográfico, se matizam para angariar uma epistemologia *outra*, de cerne fronteiriço, que leve em consideração as históricas *bios*-locais e as diferenças coloniais imbricadas em suas escrevivências e na prática de *inscre-vi-ver-se* a partir das margens das disciplinas imperais e globalizantes. O intelectual palestino Edward W. Said, ao escre(vi)ver a partir dos conflitos israelenses, me relembra que corpos espremidos e subjugados provocam vidas-resistências[239] ao sobreviverem rotineiramente aos ataques simbólicos, discursivos, epistêmicos, civis, epistemológicos etc. dos puristas[240], templários da razão moderna ocidental-(neo)colonial.

Para Said, subjugar é provocar resistências[241] por parte dos assujeitados às práticas de (neo)colonização e "ocidentalização", sobretudo, no que convém à América Latina, ao Brasil e à fronteira epistêmica do Mato Grosso do Sul com o Paraguai e com a Bolívia de onde escre(vi)vo *dividual-intercorporalmente a partir de Silviano e das minhas/nossas homo-bios-grafias*. Nesse viés, a descolonialidade, contemplada pelo pensamento fronteiriço, é um conceito que não se origina da

[236] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[237] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[238] Cf. *O local da cultura de* Homi K. Bhabha.
[239] SAID. Israel está mais seguro?, p. 10.
[240] SAID. Israel está mais seguro?, p. 08.
[241] SAID. Israel está mais seguro?, p. 09.

Europa, mas do Terceiro Mundo[242] e dos que aqui habitam. De acordo com Mignolo, a projeção descolonial se deu *pari passu* ao momento em que a divisão tripartida do mundo se esboroava e se celebrava o início da nova ordem mundial, trazida à tona por Silviano no seu entre-lugar de 1978: “Sem o respaldo da leitura canônica, quis inventar essa nova história. Eu não era *guia*, já que a trilha não se me apresentava aberta.”[243]

Insistentemente, reitera-se que à diferença das teorias viajantes, mercadorias acadêmicas que grassam nas universidades brasileiras, a descolonialidade emerge do Terceiro Mundo[244] para dar conta dos problemas e das histórias locais dos povos e das experiências desse lócus. Abro um parênteses para ressaltar que a concepção de Terceiro Mundo não foi criada por seus habitantes, mas por homens brancos ocidentais, instituições, línguas e categorias epistêmicas do Primeiro Mundo[245]. A isso, prepondera-se a importância/necessidade de *Uma literatura nos trópicos* de Silviano, sobretudo por sua reedição e atualidade em 2019, na medida em que, na diferença do que muito fez a crítica literária tradicional brasileira, o ensaísta mineiro compreende a literatura brasileira *menos* como disciplina iluminista[246] (dado que o Iluminismo só dá conta das histórias locais da Europa e não do Brasil/América Latina) e *mais* enquanto discurso cultural do entre-lugar[247].

Discurso esse que vai ao encontro do seu *próprio e real começo* ao reverso da suposta gênese brasileira imbricada pela língua portuguesa europeia-imperial, pelo cristianismo em terras tupiniquins e pela intromissão do homem europeu em terras

[242] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 173.
[243] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08, grifo do autor.
[244] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 173.
[245] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 179.
[246] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.
[247] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.

indígenas[248]. Pontuado esse fato, o colonialismo, em específico, tão explorado pela Europa no que convém à América Latina e ao Brasil, foi tomado como uma necessidade e um mote de resolução dos problemas europeus, não como um engodo em si mesmo até a emergência dos movimentos descoloniais de libertação[249] das vidas colonizadas, tais como os negros e os indígenas-aborígenes-povos originários.

O surgimento da descolonialidade[250] dos *loci*, dos corpos e das vidas das exterioridades propôs um impacto de natureza aproximada ao da biopolítica, conceito foucaultiano pensado da Europa. A descolonização, portanto, é a proposição de alternativas às faces da modernidade dominante arraigada no capitalismo liberal e na economia estatal comunista[251], respectivamente europeus. Assim, o pensamento fronteiriço/descolonial se delineia enquanto uma alternativa *outra* às normativas europeias capitalistas e comunistas angariando um futuro desprendido de macronarrativas[252] ocidentais contaminadas pelos homens e pelas instituições, exclusivamente, oriundos da Europa ou dos Estados Unidos.

Como explicitei no subtítulo anterior deste *trabalho-corpo-político*, o pensamento de caráter fronteiriço/descolonial/pós-abissal não enseja a construção de um novo universal[253] monotópico detentor de *uma* suposta verdade em que se superaria o já institucionalizado. Mas, na diferença da razão moderna ocidental, a descolonialidade é a proposição de *uma alternativa*[254], uma escolha, frente ao leque de opções existentes que, demasiadas vezes, não permitiram aos *loci* e às pessoas o livre direito de escolha. Ao apresentar-se como uma opção/escolha, a

[248] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.
[249] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 173.
[250] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 173.
[251] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 174.
[252] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 174.
[253] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.
[254] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.

descolonialidade alarga os modos de pensar e de produzir desassociando-se das cronologias[255] e das macronarrativas modernas imperiais migradas da Europa para as margens do planeta.

Diferentemente das teorias arraigadas na modernidade-colonialidade, o pensamento de natureza fronteiriça/descolonial possui como condição *sine qua non* o comprometido com as igualdades globais e com as justiças econômicas ao afirmar que a democracia ocidental e o socialismo/comunismo não são os únicos projetos que possam orientar nossas reflexões[256] e, consequentemente, nossas práticas epistemológico-sensíveis. O pensamento fronteiriço é a contrapartida daqueles, e eu e Silviano estamos inclusos nessa plêiade, que vivem em condição de atravessamento nas fronteiras geoistóricas e epistêmicas globais sendo a singularidade crítica de qualquer projeto que se autoproclame descolonial. Essa premissa crítica se justifica na medida em que o pensamento fronteiriço está imbricado na condição de ser a *episteme*, por excelência, do *anthropos* que não deseja se assujeitar, exclusivamente, às produções do *humanitas*[257].

Assentado nessa premissa da *episteme* do *anthropos*, ainda que Silviano tenha saído do Brasil para fazer doutorado na França sobre o escritor francês André Gide, tenha ministrado aulas nos Estados Unidos, tenha sido exposto e contaminado, no sentido epistemológico, pelas plêiades modernas, pós-modernas e hegemônicas de escritores, artistas e intelectuais europeus e norte-americanos, ainda sim, o mineiro não intenta se assujeitar/assimilar/inferiorizar aos saberes, unicamente, dos *humanitas*. O mineiro de Formiga não deixa de revisitar teoricamente as tradições,

[255] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.
[256] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.
[257] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 175.

mas, não as endossa[258] unilateralmente. Ao invés disso, trabalha com as tradições a partir das bordas, nas exterioridades dos territórios disciplinares[259]. Tal qual explicitei na proposta deste *trabalho-corpo-político*, Silviano é disciplinado, leitor dos cânones e um equilibrista[260], todavia, ao mesmo tempo, não é disciplinar, tampouco, canônico[261]. Enquanto equilibrista epistêmico-artistítico-literário, ao tentar se submeter, univocamente, à *episteme* do *humanitas*, Silviano se desequilibra levando ao chão seus corpos-*corpus* das exterioridades não só geoistóricas e epistemológicas, mas sensíveis e afetivas.

Dito isso, a descolonialidade, o fazer fronteiriço, as produções, as sensibilidades e os *entre-corpos-lugares* periféricos estão interligados, haja vista que essa perspectiva crítica não quer e não se alicerça em pressupostos *humanitas*, cartesianos, tampouco, marxistas. A gênese terceiro-mundista da descolonialidade se respalda na consciência imigratória na Europa Ocidental e nos Estados Unidos descortinando suas fraturas e localizando-se nas rotas de dispersão dos pensamentos *outros*[262] que venho defendendo. Dentre as políticas do pensamento fronteiriço, se sobressai o interrogar da enunciação do que propriamente o enunciado, questões como: quem, quando, por que, onde, para quê[263] são basilares para articular os conhecimentos necessários para criar, transformar e construir o coração do pensamento fronteiriço[264], ou seja, futuros globais mais igualitários atravessados, sobremaneira, pelos *loci* e *bios* periféricos e marginalizados.

[258] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 84.
[259] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 84.
[260] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[261] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[262] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 176.
[263] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 183.
[264] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 176.

Interrogar a enunciação embasa o pensamento crítico-biográfico fronteiriço, uma vez que a criação do conhecimento não é, jamais, extrínseca aos desejos e às necessidades particulares de seus atores-produtores-sociais e das instituições civis-políticas-epistêmicas[265]. Como expus no primeiro subtítulo à luz do pensamento abissal-moderno, todo conhecimento está ancorado em projetos embutidos de caracterizações históricas, econômicas, políticas, sensíveis[266] etc. Segundo Mignolo, o que desvela a colonialidade são as dimensões imperiais dos conhecimentos ocidentais que foram disseminadas durante os últimos 500 anos[267], sobretudo, no tocante à "descoberta do Novo Mundo" e, por extensão, às práticas coloniais de dominação europeia, nitidamente perceptíveis em termos de América Latina e de Brasil.

A colonialidade, para além das subjugações geográficas e econômicas, ocupou os conhecimentos, os seres, as sensibilidades e os corpos escondendo-se através das falácias, *a priori*, salvíficas-religiosas-católicas e, *a posteriori,* das ditas rupturas críticas e mudanças paradigmáticas da modernidade[268]. Para Silviano, no ensaio "O entre-lugar do discurso latino-americano", nos termos da colonização portuguesa no Brasil, a instituição do nome de Deus[269] foi equivalente à imposição do código linguístico imperial português no qual o nome divino circularia em transparência evidente[270]. Na segunda metade do século XVI no Brasil[271], foi papel fundamental dos jesuítas e dos conquistadores efetuarem o imbricamento da representação religiosa

[265] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[266] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[267] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[268] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[269] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 14.
[270] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 14.
[271] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 14.

católica hegemônica à língua europeia imperial[272], isto é, a língua portuguesa a qual aqui se fala até hoje no prisma dos nossos legados/herança coloniais brasileiros.

Diante desse cenário, a íntima união das esferas religiosas às linguísticas contaminou o espaço ali conquistado graças ao que Silviano *conclama,* de modo irônico, de intransigência, astúcia e força dos brancos europeus[273]. Simultaneamente à junção aposta, a colonização portuguesa promovia o apagamento dos sistemas sagrados e linguísticos dos indígenas outorgando-lhes como "moeda de troca" os substitutos europeus[274]. Dentre as políticas da colonização europeia no Brasil, havia que se exterminar o bilinguismo com o intuito de expurgar a diversidade e as pluralidades religiosas na crescente imposição colonial dos *humanitas*: "Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. *Um só deus, um só rei, uma só língua: o verdadeiro deus, o verdadeiro rei, a verdadeira língua*"[275]*.* Em linhas gerais, a colonialidade europeia no Brasil primou por ocidentalizar povos e comunidades originários *não-ocidentais-da-Europa sub judice* de justificativas messiânicas e salvíficas responsáveis por mascarar suas reais intenções: *ocidentalismos para não-ocidentais*, ainda que, para isso, seja necessário violentá-los, expurgá-los e assassiná-los.

Assim, na contracorrente às imposições de quaisquer naturezas (neo)colonialistas, o pensamento fronteiriço estabelece formas de ser, de pensar e de *estar*[276] no mundo descolonialmente a partir da exterioridade, nos *loci* e nos tempos que a ficção (auto)narrativa da modernidade colonizou e criou como exterior para

[272] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 14.
[273] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.
[274] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.
[275] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.
[276] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 306.

legitimar sua própria interioridade[277]. Nesse espaço inventado e legitimado pela colonialidade, ao optar pelo pensamento/condição fronteiriça, entendo que o caminho para o futuro global não pode se assentar na *re-ocidentalização*[278], tampouco, na *des-ocidentalização*[279] das exterioridades, mas em suas descolonializações reverberando reviravoltas pluri-t(r)ópico-versais nas noções de unidade e pureza[280] ocidentais. Isso é, reclamar nossos papéis/inclusões efetivas na construção dos futuros globais que não podem, de maneira alguma, replicar as opressões autorizadas e efetuadas pelo Ocidente moderno colonial.

Há que se desestabilizar os purismos monotópicos universalistas coloniais com o atravessamento dos nossos corpos-*corpus* das exterioridades nas fronteiras e, por extensão, nos desenhos de futuros que sejam menos universalistas, puristas, unitários e mais *diversais*[281], pluri-tópicos. Pensando de modo fronteiriço e na esteira dos *entre-corpos-lugares* epistemológicos, nós, latino-americanos, distanciamo-nos cada vez mais da esfera de "simulacro e cópia do original"[282] para nos reencontrarmos com *a nossa real originalidade* expurgada e quase que completamente apagada pelos conquistadores[283] europeus portugueses. Afastamo-nos da premissa da duplicação[284] enquanto única regra válida para corroborarmos futuros globais *outros* que contemplam as diferenças coloniais do mundo e as *reais originalidades* das múltiplas civilizações. Nesse ponto de vista, de acordo com Silviano, a América Latina tem muito a ensinar ao mundo no delinear de futuros possíveis mais justos:

> A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da *destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza*: *estes dois*

[277] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 188.
[278] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 188.
[279] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 188.
[280] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 16.
[281] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[282] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.
[283] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 15.
[284] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 16.

> *conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra e mais eficaz.* A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.[285]

Aos que não querem ser assimilados, como eu e os meus fronteiriços, as práticas de re-ocidentalizar e des-ocidentalizar não suprem nossas necessidades, não resolvem nossos problemas, nem consideram nossas sensibilidades e histórias *bios*-geo-locais. Por isso, o pensamento fronteiriço e a descolonialidade são os caminhos mais coerentes para trazer à voga nossas exigências e reiterar a urgência das nossas participações na crescente sociedade política global e nos futuros mundiais[286] que estão se delineando no século XXI. O não se assimilar exprime nossa contrariedade à permanência no reservatório da modernidade ocidental[287] ao não aceitarmos nossa suposta inferioridade de sub-humanos, de segunda classe. Optamos por não deixar que os *humanitas* decidam como devemos ser, existir, pensar e produzir ao nos empurrarem um jogo ocidental-moderno que não era nosso e que nos foi imposto[288].

*Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a (in)submissão ao código e a agressão, entre a (des)obediência a rebelião, entre a assimilação e a expressão*[289] desprendemo-nos[290] para reencontrar epistemicamente nossos *loci,* corpos, sensibilidades e desejos que foram expurgados pelo ocidentalismo moderno colonial. Ao fazê-lo, dirigimo-nos a um reservatório *outro*[291], contemplado por formas de vidas e de pensamentos das exterioridades que foram abruptamente desqualificados pela teologia cristã europeia a qual, desde o

---

[285] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17-18, grifos meus.
[286] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 189.
[287] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[288] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[289] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[290] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 177.
[291] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 177.

Renascimento, expandiu-se através da filosofia e da ciência[292] por meio de práticas e enunciações dos templários-puristas defensores e replicadores da modernidade ocidental. Caso permaneçamos no reservatório da modernidade, respaldado por elementos gregos, romanos, renascentistas e iluministas etc., estaremos presos e enjaulados à/na falácia de que não existem maneiras *outras* de existir, fazer, escre(vi)ver e sobreviver[293]. Além de resistirem, nossos pensamentos, corpos, sensibilidades, desejos e produções inconvenientes *re-existem*[294].

Portanto, pensando em futuros globais, não nos assimilamos e não aceitamos o manto da inferioridade. Escolhemos pensar *a partir* da fronteira, dos *entre-corpos-lugares* de modo epistemologicamente fronteiriço, *outro*, pautados em uma terceira opção[295] e em *um terceiro espaço*[296]. Para Mignolo, existem três cenários que hoje delineiam o estabelecimento dos futuros globais[297]: 1. A re-ocidentalização frente a continuidade do projeto incompleto da modernidade ocidental colonial, 2. A des-ocidentalização dentro das áreas limítrofes da modernidade ocidental e 3. A descolonialidade na emergência de uma sociedade política global pautada no desprendimento de ambos os processos citados, dado que esses se localizam nas áreas controladas pela autoridade Estatal e pela economia capitalista[298]. Segundo o intelectual argentino, re-ocidentalização, des-ocidentalização e descolonialidade:

> A primeira é o projeto do presidente estadunidense Barack Obama que busca reparar os danos que causaram os antigos presidentes e vice-presidentes, respectivamente, George W. Bush e Dick Cheney à liderança estadunidense e ocidental. A des-ocidentalização, por sua parte, é a política das poderosas economias emergentes (China, Singapura, Indonésia, Brasil e Turquia a quem agora se soma o Japão). *A descolonialidade é o projeto que define e motiva o surgimento deu uma sociedade política global que se desprende tanto da re-ocidentalização como da des-ocidentalização.* Apesar da

[292] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 177.
[293] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 177.
[294] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 180.
[295] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[296] BHABHA. *O local da cultura*, p. 76.
[297] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 186.
[298] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 186.

> complexidade, ambiguidade, heterogeneidade e imprevisibilidade da realidade, resulta possível distinguir como se orientam os três principais projetos que constituem os futuros globais.[299]

O pensamento fronteiriço se coloca em cena como condição impreterível para que ocorram projetos de descolonialidade e de des-ocidentalização, ainda que ambos se difiram de maneira radical em seus introitos. O pujante no delinear da discussão *outra* que proponho aqui é a necessidade da epistemologia fronteiriça no entrever crítico da des-ocidentalização[300], visto que esta implica pensar e produzir em situação de exterioridade à ocidentalização moderna[301] colonialista. Diferentemente da descolonialidade, a origem de conceitos como modernidade, pós-modernidade, rupturas crítico-teóricas e alterações paradigmáticas[302] postos, estabelecidos, legitimados e institucionalizados por todo os hemisférios mundiais, geográficos e epistemológicos, foi a Europa, seus habitantes e suas histórias internas tornados universais-globais.[303]

Todavia, divergente à falácia universalista europeia que se perpetua há séculos nos saberes, existências e produções críticas, artísticas e literárias, seus conceitos não são universais, tampouco, globais[304]. Tais conceitualizações são regionais, dado que emergem da região europeia ocidental e, por isso, deveriam ter a mesma categoria valorativa[305] que qualquer outra produção, configuração e transformação de

---

[299] "La primera es el proyecto del presidente estadounidense Barack Obama, que busca reparar los daños que causaron los antiguos presidente y vicepresidentes, respectivamente, George W. Bush y Dick Cheney al liderazgo estadounidense y occidental. La desoccidentalización, por su parte, es la política de las poderosas economías emergentes (China, Singapur, Indonesia, Brasil y Turquía, a quienes ahora se suma Japón). La descolonialidad es el proyecto que define y motiva el surgimiento de una sociedad política global que se desprende tanto de la reoccidentalización como de la desoccidentalización. A pesar de la complejidad, ambigüedad, heterogeneidad e imprevisibilidad de la «realidad», resulta posible distinguir cómo se orientan los tres principales proyectos que construyen futuros globales.". MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 187, grifos meus e tradução minha.

[300] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 187.

[301] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 187.

[302] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.

[303] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.

[304] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.

[305] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.

conhecimentos e produções artísticas, como a literatura. A diferença que grassa entre o suposto universalismo europeu e os saberes tornados regionais é que as histórias locais da Europa se converteram, pelo crivo da *matriz colonial de poder e dos nós histórico-estruturais heterogêneos*[306] nela incutidos, em desenhos/projetos globais[307], supostamente, suficientes, bons e representativos para todos os habitantes do planeta, tal como entrevejo a partir dos trópicos e da fronteira-sul.

Essa falaciosa universalização implica dizer que conceitos originados no cenário europeu, como modernidade e pós-modernidade, foram necessário para dotar de sentidos e valores os desejos particulares e as exigências das instituições perpassados por uma monotopia histórica, política e narrativa a qual desprezou todas e quaisquer diferenças coloniais existentes e sobreviventes no mundo. A exemplo disso, questiono-me se as formas que a América Latina e o Brasil *viveram e sentiram* a modernidade e a pós-modernidade, sem direito de escolha, se deram do mesmo modo que a Europa ou os Estados Unidos. É claro, para mim, que não. É, também, no plano discursivo da criação de (auto)narrativas que se assenta o debate da criação *do outro*, *anthropos*, seguindo a lógica do mesmo, do *humanitas*, isto é, da interioridade europeia frente a alteridade dos não-ocidentais.

Para os *anthropos*, delegou-se, pela racialização pressuposta pela colonialidade imbricada na modernidade, a alteridade correspondente à categoria “do outro”[308], o bárbaro/estrangeiro[309]. Entretanto, esses não existem ontologicamente, ou seja, na realidade material, são categorias inventivo-discursivas coloniais corroboradas pela interioridade, “pelo mesmo”, no processo de (auto)construção

[306] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[307] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[308] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[309] MONTAIGNE *apud* SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 09.

narrativa, fazendo-nos crer que você mesmo pode ser “o outro” e acredita veemente que *isso* não é você[310]. Descolonialmente, toma-se para si essa categoria discursivo-enunciativa para locucionar um lugar epistemológico de resistência, tal qual citei no subtítulo anterior: *vocês me fizeram homossexual e como homossexual lutarei pela minha/nossa libertação até o fim*. A invenção enunciativa “do outro” não denomina entidades existentes, mas as inventa[311] como legitimação de poder do “si mesmo”.

As categorias discursivas de *anthropos* e *humanitas* são erigidas a partir de um agente-enunciador e de uma instituição, claramente não qualquer uma, para que tais discursos se propaguem no imaginário coletivo tomando por base posições de poder para se gestar esses enunciados (verbais e/ou visuais) pelos quais nomeiam e *fazem existir*[312] suas procedências. Mignolo explicita que a categoria *anthropos* vulnera as vidas e as escrevivências, sejam crítico-ensaístas ou artístico-literárias, de homens e mulheres negros/negras, *homossexuais*, lésbicas e pessoas do mundo não-europeu e não-estadunidense[313]. A epistemologia territorial e imperial colonialista-moderna-abissal, que inventou e perpetuou tais categorizações, escancara sua reafirmação enquanto interioridade ao criar e promover uma ficção que busca deslegitimar e oprimir sem precedentes as pessoas e as produções dos entre-lugares fronteiriços do mundo.

Contudo, quando se toma consciência crítica, como a descolonial-fronteiriça, que existe uma epistemologia dominante e imperialista que criou e disseminou tais categorias classificatórias tomando como suporte a reafirmação da sua própria interioridade e legitimidade, entende-se que a suposta inferioridade não passa de uma

[310] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[311] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[312] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[313] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.

ficção[314] inventada para legitimar e autorizar extensivas dominações geoistóricas e epistêmicas à exterioridade ocidental. À vista disso, uma vez que não há ensejo de assimilação nem aceitação por parte de nós *anthropos* em relação aos *humanitas*, como exemplifiquei a partir da trajetória intelectual de Silviano, desenha-se a perspectiva do que expus como desprendimento, opção descolonial e desobediência epistêmica. Isso se dá, sobremaneira, segundo o que Mignolo conclama enquanto exterioridade:

> A exterioridade não é um *fora* ao capitalismo e à civilização ocidental, mas um *fora* que se cria no processo de criar o *dentro*: o entrelaçamento do espaço que cria a diferença imperial (de onde surge basicamente a des-ocidentalização) e da diferença colonial (de onde surge basicamente a descolonialidade). O dentro da modernidade ocidental tem sido construído desde o Renascimento, baseado na dupla, simultânea e contínua colonização do espaço e do tempo. [...] *Pensar na exterioridade exige uma epistemologia fronteiriça. Atualmente, a epistemologia fronteiriça serve tanto aos propósitos da des-ocidentalização como aos da descolonialidade; mas a des-ocidentalização não chega tão longe como a descolonialidade.*[315]

Diante disso, compreendo que nós, os *anthropos* (“os outros” e as “outras) que experienciamos, sobrevivemos, e escre(vi)vemos a partir das nossas fronteiras, das exterioridades, intercorporados por uma consciência descolonial, atuamos nas práticas e nos processos de desprendimentos, de re-existências e, ao nos desprendermos, operamos desobediências[316] não apenas civis, mas, essencialmente, epistêmicas. Claro, assentando-nos nessa premissa *outra*, pagamos o preço frente aos construtos disciplinares das ciências humanas, da teoria da literatura, dos periódicos acadêmicos e das universidades que são territoriais[317], por excelência.

---

[314] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 178.
[315] “La exterioridad no es un *afuera* del capitalismo y de la civilización occidental, sino el *afuera* que se crea en el proceso de crear el *adentro*: el entramado del espacio que crea la diferencia imperial (de donde surge básicamente la desoccidentalización) y de la diferencia colonial (de donde surge básicamente la descolonialidad). El adentro de la modernidad occidental ha sido construido desde el Renacimiento, basado en la doble, simultánea y continua colonización del espacio y del tiempo. […] Pensar en exterioridad exige una epistemología fronteriza. Actualmente, la epistemología fronteriza sirve tanto a los propósitos de la desoccidentalización como a los de la descolonialidad; pero la desoccidentalización no llega tan lejos como la descolonialidad.”. MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 187-188, grifos meus e tradução minha.
[316] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 180-181.
[317] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.

Sendo assim, quando *anthropos* escre(vi)vem, por exemplo, em línguas modernas e imperiais, como eu e Silviano fazemos escre(vi)vendo em português, o realizamos com nossos *entre-corpos-lugares* incutidos na fronteira[318]. Dessa forma, se Silviano vivenciou situações e eventos geoistóricos/epistemológicos ao redor do mundo falando línguas imperais e transitando entre Brasil, América Latina, França, Estados Unidos, México etc., o mineiro o fez com seu corpo-*corpus* homo-biográficos *incutidos e atravessados nas fronteiras*[319] tal qual eu realizo pelo crivo da minha epistêmica-fronteira-sul.

Ainda que tenhamos sido treinados pela vida[320], pela mídia, pela escola e, muitas vezes, pela universidade para percebermos nossas gritantes diferenças coloniais, para sentir que *fomos feitos anthropos*[321] e que não fazemos parte, ou não totalmente, dos discursos-enunciados-práticas ditos universais, não aspiramos, de maneira alguma, nos convertermos em *humanitas*[322]. Haja vista que foi esta categorização que nos definiu, bem como nossos *entre-corpos-lugares*, enquanto inferiores, inconvenientes, sub-humanos e racializados. Como Mignolo bem coloca, nos orgulhamos de sermos *anthropos* frente a arrogância imperial dos *humanitas*[323]. Como categoria de pertencimento, não nos interessamos pela interioridade, optamos pela opção descolonial e estamos muito bem, obrigado.

Dado o exposto, ainda na esteira de Mignolo, agora, atravessado por Frantz Fanon, intelectual de ascendência africana, debruço-me sobre o conceito de *sociogênese* introduzido por Fanon e trabalhado pelo crítico argentino. A sociogênese,

[318] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.
[319] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.
[320] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.
[321] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.
[322] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.
[323] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 181.

sob a égide de tudo que venho discutindo neste *trabalho-corpo-político-fronteiriço*, é a incorporação de todas de práticas *outras*, as quais venho discutindo: desprendimento, pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica[324]. Isso é, desprende-se das opções filogenéticas e ontogenéticas[325], da dualidade maniqueísta do pensamento territorial moderno-colonial e é, nas esferas da *geopolítica e corpo-política* – as quais discutirei ainda no próximo subtítulo – um descortinar de horizontes à gramática da descolonialidade (ou gramática pedagógica da fronteira), e não um conceito híbrido[326].

A sociogênese, tendo por base as reflexões de Fanon a partir da raça, se assenta na lógica do ser classificado ontologicamente inferior[327] e, portanto, também considerado como tal ontologicamente, no plano do racismo epistêmico-ontológico, e peço licença crítica para estender essa inferiorização aos homossexuais e à homofobia por eles sofrida, meus/nossos (Pedro/Silviano) lugares discursivo-epistêmico-*bios*-sensíveis de existência, sobrevivência e de fala. Dito isso, a conceitualização da sociogênese emerge *pari passu* ao momento em que se toma consciência de que se é negro, ou homossexual, não pelo essencialismo da cor da pele, ou dos desejos homo, mas, sim, por vias dos imaginários raciais-homofóbicos legitimados e reiterados pelo mundo colonial moderno que *cria, inventa e faz do outro* negro/*gay* com base em um discurso cujas leis não podem ser controladas e nem dão vasão para queixas ou contrapartidas[328].

A sociogênese, enquanto exercício de (auto)compreensão epistemológica, surge das práticas de pensamento e habitação das fronteiras do pensar

[324] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[325] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[326] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[327] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[328] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.

descolonialmente[329], do entendimento de uma "existência africana"[330]/homossexual, mas, além disso, pode ser compreendida sob a égide de quaisquer experiências-existências *outras* de sujeitos-assujeitados racializados[331], nesse contexto de sub-humanidades, imbricados estão os meus corpos-*corpus* e os de Silviano. A experiência racializada, enquanto negação da óbvia humanidade dos sujeitos das exterioridades, pode ser *apresentada em seu conteúdo*[332] (ao falar sobre na condição de objeto) por parte das disciplinas territoriais pré-concebidas (a sociologia, a psicologia, a história etc.) que são capazes de falar *sobre o outro e descrever*[333] suas experiências. Todavia, não podem, jamais, suplantar *o pensamento do outro*[334] (o falar *a partir da* própria experiência que (auto)constitui o sujeito da exterioridade).

Dessa forma, a sociogênese se embasa no pensamento fronteiriço, ou melhor, *ela é o próprio pensamento fronteiriço*[335] ao se afastar das regras que operam o pensamento moderno ocidental e das teorias territoriais sobre as quais estão apoiadas as disciplinas já existentes. A sociogênese é, sobremaneira, uma forma de desprendimento *corpo-político* da *matriz colonial de poder e dos nós histórico-estruturais heterogêneos*[336] por esta perpetuados ao se (auto)afirmar como forma de habitar/ser o próprio pensamento fronteiriço. Sendo assim, dessa perspectiva, não se responde à lógica, à experiência e às necessidades dos construtos lineares da matriz colonial do poder nem se submete aos parâmetros lineares e paradigmáticos colonizados pela modernidade ocidental.

[329] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[330] GORDON *apud* MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[331] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[332] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[333] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[334] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 182.
[335] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 183.
[336] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

Segundo Mignolo, é no lado mais escuro da modernidade que se esconde a colonialidade[337]. Esta, por sua vez, foi uma conceitualização não apenas realizada pelo argentino em *Histórias locais/projetos globais* (2003), mas, sim, introduzida pelo intelectual peruano e sociólogo Aníbal Quijano entre as décadas de 1980 e 1990[338]. Isso posto, a colonialidade é concebida epistemologicamente enquanto a lógica subjacente da função e dos desdobramentos da civilização ocidental[339] replicados desde o Renascimento até a atualidade, tendo em vista que os colonialismos históricos-espaciais-temporais[340] vêm sendo os responsáveis pelas dimensionalidades constitutivas do Ocidente, ainda que essas condições sejam mascaradas e minimizadas. O conceito de colonialidade/modernidade, tal qual assevera Mignolo, não se pretende totalitário[341], mas a especificação de um projeto particular de dominação. Nos termos da colonização europeia portuguesa-espanhola nas Américas, Silviano, atravessado pela percepção do entre-lugar, ressalta:

> Desde o século passado, os etnólogos, no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar *que a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural, do que ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras 'escravo' e 'animal', nos escritos dos portugueses e espanhóis. Essas expressões, aplicadas aos não ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer*.[342]

O projeto geral dessa dominação colonialista se deu com as invasões europeias nos *loci* dos povos originários, dentre outros, os Abya Yala, Tawantinsuyu e Anahuac[343] com a formação das Américas e do Caribe ademais ao tráfico de escravos africanos[344]. A colonialidade, pelo crivo epistemológico, já é um conceito de

[337] MIGNOLO. Colonialidade, p. 01.
[338] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[339] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[340] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[341] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[342] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 11-12, grifos meus.
[343] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[344] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.

ordem descolonial, uma vez que não foi pensada pelo *si-mesmo*, mas pelo *anthropos*, *pelo outro*. *A priori*, a razão/lógica da colonialidade se fundamentou, sobretudo, no pensamento da teologia/teopolítica do conhecimento[345] se transformando, *a posteriori*, no secularismo o qual retirou Deus da categoria de fiador do conhecimento (re)colocando o homem e a razão no lugar do divino cristão ocidental, com isso, centralizando o ego europeu[346]. Nesse cenário, a egopolítica (cosmologia a qual a biopolítica foucaultiana se assentou)[347] descentraliza a teopolítica em que se preocupava, essencialmente, com o controle da alma e *não do corpo*[348]. Todavia, ainda frente a tais alterações, ambas se uniram para perpetuar a manutenção do poder e do controle epistemológico-político da matriz colonial[349].

Para Mignolo, a teologia política não era uma esfera meramente metafísica, e, sim, um paradigma estrutural embasado, sobremaneira, nas categorias de conhecimento, visão e configuração institucional do mundo[350]. Em linhas gerais, a teologia política se escondia através dos dogmas religiosos para perpetuar estruturas de poder pelo crivo da matriz colonial europeia. Ressalvadas as diferenças, há, hoje, no nosso Brasil, meu e de Silviano, um cenário semelhante disseminado pelo protestantismo enraizado na política (bancadas evangélicas), na economia, na cultura etc. com o intuito de utilizar discursos-práticas-dogmas religiosos para angariar poder e, consequentemente, produzir opressões desenfreadas, sobretudo, no tocante aos *sujeitos-corpos-sensibilidades-desejos inconvenientes*, tal qual eu e Silviano, divíduos

[345] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[346] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[347] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[348] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[349] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[350] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

homo-biográficos. Como expõe a seguinte manchete (Figura 5) do jornal “Estadão” (2012) sobre a “cura *gay*” proposta por parlamentares evangélicos:




FIGURA 5 – Bancada evangélica investe na “cura” dos *gays* (2012)
Fonte: https://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/bancada-evangelica-agora-investe-na-cura-dos-gays/

Dado o explicitado, compreendo, ainda na esteira de Mignolo, que a lógica que sustentou as diversas esferas da matriz colonial de poder passou por passos sucessivos e acumulativos que foram *mascarados positivamente* por discursos messiânicos da modernidade, tais como: a salvação, o progresso, o desenvolvimento, a modernização e a democracia[351]. Dentre esses passos[352], o primeiro envolveu a retórica da modernidade enquanto salvação[353], o segundo dispôs o controle das almas dos não-europeus/não-ocidentais pela opressão da missão civilizadora exterior à Europa (a exemplo: América Latina e Brasil)[354] e da administração dos corpos dos Estados-nações emergentes. O terceiro, continuado até a atualidade, se deu no

[351] MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.
[352] MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.
[353] Cf. “O entre-lugar do discurso latino-americano” de Silviano Santiago.
[354] Cf. “O entre-lugar do discurso latino-americano” de Silviano Santiago.

prisma do capitalismo a partir do momento em que as corporações e o mercado se tornaram dominantes, hegemônicos e globalizados[355].

Por isso, no que convém à colonialidade enquanto lado mais escuro da modernidade, há que se discutir sobre um monstro de quatro cabeças e duas pernas que subsiste entendido como a *matriz colonial de poder*[356]. Para Mignolo, partindo da formulação original de Quijano de *patrón colonial de poder*, a matriz colonial do poder[357] é sustentada por quatro domínios inter-relacionados: o controle econômico, da autoridade, *do gênero e da sexualidade* (*entre-corpos-lugares inconvenientes)*, *do conhecimento e da subjetividade (escrevivências homo-biográficas).* Ademais, os eventos desdobrados por ela se dão em duas direções *pari passu*: uma relacionada à luta entre os Estados imperais europeus e a outra a luta entre esses Estados e os sujeitos por eles colonizados, africanos e indígenas, que foram oprimidos, escravizados e explorados[358].

A metaforização da matriz colonial do poder em *um monstro de quatro cabeças e duas pernas*[359] é justificada pelo argentino enquanto a constituição de "quatro cabeças", ou vieses inter-relacionados, de administração e controle da ordem mundial por meio das suas "duas pernas", ou seja, através dos fundamentos raciais e *patriarcais*[360] do conhecimento em que a enunciação da ordem mundial do mundo foi legitimada e autorizada. Em princípios históricos, a matriz colonial do poder e a civilização ocidental foram fundamentados no argumento teológico na medida em que este foi/é o responsável por "categorizar no sangue"[361] a diferença colonial entre cristãos, mouros e judeus, visto que os agentes e as instituições contaminadas pela

[355] MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.
[356] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02.
[357] MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.
[358] MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.
[359] MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.
[360] MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.
[361] MIGNOLO. Colonialidade, p. 05.

egopolítica e pela teopolítica seculares eram fundamentalmente homens europeus, brancos e *presumiam relações heterossexuais como a norma, e, por extensão, promoviam as distinções de gênero e a normatividade sexual*[362]. No intento de Silviano, compreendo que da óptica desses homens supracitados, aos nossos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos restou, para além de toda dominação, o *sentimento de inconveniência*[363] à ordem/aparência natural do mundo.

A matriz colonial do poder[364] é, portanto, uma estrutura baseada em uma razão ocidental que demarca a totalidade dos agentes e das instituições civis ocidentais propondo uma lógica administrativa monotópica, opressora, cristã, branca, masculina e heterossexual já estendida e replicada para além dos próprios sujeitos que a criaram e a administraram[365], como se percebe no Brasil do século XXI ilustrado pela manchete supracitada do jornal "Estadão". A matriz colonial do poder é aquilo que tem nos administrado há séculos, estamos inseridos nela e atravessados por cada *nó interconectado*[366] que a fundamenta. Não há como observá-la ou descrevê-la de fora, dadas suas forças de imbricamento à civilização ocidental hegemônica e de propagação mundial há 500 anos ao se originar no Atlântico e se expandir/colonizar outras civilizações justificadas pelas diferenças coloniais e imperiais[367].

Em termos de operação, a matriz colonial do poder é gestada e operada sobre uma diversidade de opressões ou de nós histórico-estruturais heterogêneos ligados pela "/" (barra)[368] que separa/aproxima modernidade/colonialidade, leis imperiais/regras coloniais e centro/periferia, sendo essas drásticas consequências na

[362] MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
[363] Cf. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución" entrevista de Adrián Melo com Silviano Santiago.
[364] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[365] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[366] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[367] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[368] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.

construção linear global do fundamento moderno[369]. Os nós apostos são interconectados pelas diferenças coloniais-imperiais que grassam nas exterioridades assegurados pela lógica hegemônica da colonialidade[370]. Além disso, eles são interdependentes[371], o quer que dizer que aproximam as opressões umas das outras, como fiz, anteriormente, com o racismo debatido por Fanon atrelado à homofobia que diariamente eu, Silviano e os nossos somos submetidos. Pela lógica da matriz colonial moderna, os nós geram, reproduzem e mantêm hierarquias de poder interconectadas e só uma opção descolonial respaldada por um pensamento fronteiriço/descolonial podem dar conta de desatar os nós retirando os *anthropos* da mira da modernidade e das armadilhas epistêmico-empíricas (neo)coloniais[372].

Os nós histórico-estruturais heterogêneos, permeados pelas diferenças coloniais e imperais, são compreendidos como um estado de hierarquização inferior em que qualquer forma de opressão, provavelmente, está relacionada a muitas outras, também, como explicitei no subtítulo anterior sob a pluma da relação entre o feminismo e as lutas dos LGBTQIA+ pelo crivo dos corpos. Mignolo cita os exemplos[373] de que, para alguns, a economia e as lutas de classe são os pilares das hierarquias sociais, para outros, essas são corroboradas pela classificação das raças e das sensibilidades, como a dos *entre-corpos-lugares inconvenientes*, de forma a operar valores através das diferenças coloniais[374]. Nesse sentido, é urgente refletir descolonialmente sobre o entrecruzamento da matriz colonial do poder com os nó histórico-estruturais heterogêneos no tocante à dispensabilidade e descartabilidade das vidas humanas em projetos de futuros globais possíveis[375].

---

[369] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[370] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[371] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[372] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[373] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[374] MIGNOLO. Colonialidade, p. 10.
[375] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

Nesse viés, há um horizonte oculto nos eventos econômico-epistemológicos que aconteciam/acontecem simultaneamente desde a Revolução Industrial até o século XXI[376] em relação ao não prezar por *todas* as vidas do planeta. O viés colonial, ocultado na retórica da modernidade[377] *sub judice* dos discursos de salvação/modernização/democratização, sustenta práticas econômicas que desprezam vidas humanas, enquanto o conhecimento justifica o racismo e a inferioridade dos *anthropos* reconhecidos pelo manto da dispensabilidade. A distância sensível-*bios*-geo-cultural inter-humana foi alargada após a Revolução Industrial e todas as civilizações *outras* foram expurgadas, aos olhos do homem heterossexual branco ocidental, ao passado[378] enquanto este construía o presente e planejava o *seu* futuro global. Alguns dos produtos da Revolução Industrial e Tecnológica não foram apenas a suposta "modernização" por meio das máquinas, mas, também, a industrialização e a mercantilização dos alimentos e das vidas[379], em específico, as não-ocidentais, as não-modernas, das exterioridades. Diante dessa retórica da modernidade, que ocultou a colonialidade, Mignolo compreende que a modernidade:

> [...] *é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a 'colonialidade'.* A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum e contemporânea de "modernidades globais" implica 'colonialidades globais' no sentido exato de que a MCP [matriz colonial de poder] é compartilhada e disputada por muitos contendedores: se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais.[380]

Em linhas gerais, a modernidade[381] não é definida como um período histórico-linear ontológico do qual não podemos escapar, mas, sim, enquanto *narrativa de um*

[376] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[377] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[378] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[379] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[380] MIGNOLO. Colonialidade, p. 02, grifos meus.
[381] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

*período histórico europeu*[382] escrito pelos *humanitas* que perceberam seu suposto protagonismo na história mundial, pressuposto esse, generalista, tomado como verdade universal por seus atores sociais. “Modernidade” e “modernização” foram as premissas utilizadas pelos europeus para disseminar a “ficção heroica e triunfante” que eles estavam “ajudando”, com muitas aspas, a criar e a construir[383]. Essa história, como assente Mignolo, era a narrativa do capitalismo imperial e da obscuridade da modernidade imbricada pela colonialidade[384].

Precisa-se, portanto, para além das “ficções heroicas e desbravadoras” narradas pelos europeus, assumir não só as glórias da modernidade, mas, sobretudo, seus crimes[385], nenhum deles pode ser desconsiderado e/ou ignorado. No tocante ao entre-lugar epistemológico fronteiriço, e, por extensão, aos crimes e discursos opressores cometidos e replicados pelos colonizadores, Silviano, ao citar Claude Lévi-Strauss, explicita os meandros psicossociológicos[386] dessas “ficções heroicas dos desbravadores do Novo Mundo” pelo ponto de vista hegemônico e colonialista dos monges da Ordem de São Jerônimo[387] frente aos indígenas e à “impossibilidade” desses de viver por eles próprios como “camponeses de Castilha”:

> Na verdade, talvez seus netinhos possam; além do mais, os indígenas estão de tal modo entregues ao vício que ainda se pode duvidar da sua capacidade; como prova, evitam os espanhóis, recusam-se a trabalhar sem remuneração, mas levam a perversidade até o ponto de presentearem os próprios bens; não admitem repudiar os companheiros que tiveram as orelhas decepadas pelos espanhóis. [...] *Seria melhor para os índios que se transformassem em homens escravos do que continuassem a ser animais livres* [...].[388]

Da perspectiva “dessas ficções heroicas e desbravadoras europeias”[389], Mignolo localiza no século XVI o domínio epistemológico dos europeus quando esses

[382] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.
[383] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.
[384] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.
[385] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[386] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.
[387] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12.
[388] STRAUSS *apud* SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 12, grifos meus.
[389] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 316.

realizaram uma revolução científica que lhes deu um controle mais expansivo e maior sobre o meio ambiente do que antes havia se visto ou conseguido[390]. Diante desse cenário de dominação e de dispensabilidade, a modernidade se apresenta alicerçada por uma dupla colonização do tempo e do espaço enquanto pilares da civilização ocidental[391]. No prisma do tempo[392], a colonização se deu pela criação renascentista da Idade Média e o do espaço[393] pela conquista do "Novo Mundo", ainda que a América não fosse uma entidade existente para ser descoberta. A América foi inventada, explorada, colonizada, mapeada e apropriada[394] *sub judice* do discurso cristão-salvífico direcionado aos "desalmados", como os indígenas no Brasil, por exemplo.

Silviano influi, no plano da América Latina enquanto uma invenção europeia, que não há mais como esse lócus geoistórico e epistemológico fechar-se às invasões estrangeiras-ocidentais e/ou reencontrar, também, suas condições de paraíso, isolamento, inocência e originalidade[395]. Para o pensamento colonial, representamos mero simulacro, cópia fora de moda[396], por via do retrocesso "imperceptível" no tempo que, conjuntamente com o espaço, foram colonizados pela hegemonia europeia. As geografias dos trópicos, bem como as epistemologias, devem ser do crivo do assimilação e da agressividade, da aprendizagem e da reação, da falsa obediência[397] e da desobediência civil-epistêmica. O ensaísta mineiro reitera que, caso

[390] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[391] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[392] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[393] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[394] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[395] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[396] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[397] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.

permaneçamos na passividade, reduziríamos nosso papel efetivo à exclusão por analogia “ao original/ao primeiro”[398] europeu.

Isso posto, é necessário que assinalemos nossas diferenças coloniais e recuperemos nossas originalidades, expurgadas pelos colonialismos radicais, haja vista que o silêncio civil-epistêmico seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural[399] advinda de nós, latinos e brasileiros. Pior ainda, seriam nossas ressonâncias acríticas[400] aos legados coloniais que ainda grassam nos trópicos e nos *loci* tupiniquins mascarados de rupturas críticas e mudanças paradigmáticas da modernidade[401], como a modernidade e a pós-modernidade. Para Silviano, nos termos dos discursos e legados (neo)coloniais nos trópicos: falar, escre(vi)ver significa: falar contra, escre(vi)ver[402] contra na tentativa de nos voltarmos para nós mesmos, para nossas histórias locais, *loci* geoistóricos e epistemológicos. Enfim, para nossos *entre-corpos-lugares fronteiriços*.

De acordo com Mignolo, entre o intervalo de tempo entre 1500 e 2000, houve três fases acumulativas e não sucessivas da modernidade: “[...] a fase ibérica e católica, liderada pela Espanha e Portugal (1500-1750), a fase “coração da Europa liderada pela Espanha e Portugal (1750-1945) [...]”[403] e a mais recente, a estadunidense liderada pelos Estados Unidos de 1945 aos anos 2000. Hoje, século XXI, impera-se a ordem global capitalista hegemônica enraizada em um mundo policêntrico e interconectado[404] pelo mesmo modelo econômico[405], ressalvadas as exceções. Em resumo, as imagens da modernidade dita universal são construções

[398] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[399] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[400] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[401] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[402] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[403] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[404] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.
[405] MIGNOLO. Colonialidade, p. 04.

narrativas criadas pelo “si-mesmo” (*humanitas*) e aplicadas “aos outros” (*anthropos*) na condição de supostas realidades respaldadas pelo domínio do conhecimento.

O conhecimento, por sua vez, foi utilizado como configuração e ferramenta básicas e extremamente poderosas aplicadas no controle autoritário transferido para o mercado. No plano da matriz colonial do poder, o saber explicitava-se dubiamente[406]: era tanto a mediação para a criação “real” do mundo, bem como o modo de ser (subjetivo) no mundo. Sendo assim, a partir do momento em que o conhecimento imperial se estabelecia como *o verdadeiro saber*[407] tornava-se mercadoria de exportação (*teorias itinerantes*[408]), e imposição, pela justificativa, primeiro, da teologia cristã, depois, da filosofia secular e das ciências modernas territoriais, àqueles cujas produções, experiências e pensamentos eram outros: não-modernos e não-ocidentais.

Posteriormente, a crise da modernidade gerou sua própria (auto)superação a partir dos projetos que viriam na sequência, tais como a pós-modernidade, o pós-colonialismo, o pós-orientalismo e o pós-ocidentalismo[409]. Cada um deles, com suas especificidades, se articula ao passo que vão angariando novos *loci* geoistóricos e epistemológicos que contribuam para o deslocamento das hierarquias de poder que vieram dominando nos últimos cinquenta anos os estudos de áreas *pari passu* à crescente hegemonia mundial estadunidense[410]. Segundo Mignolo[411], a inconclusão da modernidade é o mesmo projeto dos (neo)colonialismos, e seus legados, na etapa em que se encontra o capitalismo avassalador sem fronteiras[412]. Os quatro pós citados ensejam, ressalvadas as diferenças, a superação da modernidade-

[406] MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.
[407] MIGNOLO. Colonialidade, p. 08.
[408] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha e *Histórias locais/projetos globais* de Walter Mignolo.
[409] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.
[410] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.
[411] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.
[412] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.

colonialidade[413] e a instauração de uma democracia mundial assentada no descentrar e no romper das relações entre áreas culturais e produção de saberes, ainda que não consigam ir tão longe quanto o pensamento fronteiriço/descolonial. Da forma como podem, esses pós contribuem na escuta e na evocação das histórias locais dos subjugados a fim de descentralizar as histórias e as *epistemes* globais ditas universais[414].

À semelhança da modernidade, há que se pensar nas questões críticas relacionadas ao ocidentalismo, sobretudo, no que convém à América Latina e ao debate dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos o qual venho articulando à luz de Silviano Santiago. Para o antropólogo venezuelano Fernando Coronil, citado por Mignolo, o ocidentalismo é um conjunto de estratégias cognitivas, ligadas à manutenção do poder, que separam e segregam o planeta em unidades bem especificadas[415]. Separam-se os entre-lugares das histórias, transfigurando as diferenças coloniais em perspectivas valorativas, angariam a naturalização desses signos representacionais e, como já explicitei na discussão acerca da modernidade, entrevem-se desígnios perversos, não justificáveis, na produção claramente assimétricas das relações de poder[416] já perpetuadas pela modernidade colonial. Dentre as estratégias do ocidentalismo, Mignolo na esteira de Coronil, corrobora:

> Para explicar essa caracterização, Coronil analisa três estratégias particulares na autoconstrução do Ocidentalismo: A dissolução do Outro no Mesmo. Nessa modalidade, se considera o Oeste e o não-Ocidente como entidades autônomas e opostas, e a proposição se resolve mediante a incorporação das zonas e das comunidades não-Ocidentais, na marcha triunfal da expansão ocidental. A incorporação do Outro no Mesmo. Nessa segunda modalidade, a atenção que se presta ao Oeste na construção da modernidade obscurece, às vezes sem se propor a ele, o papel que as comunidades não-Ocidentais tiveram e têm na construção da modernidade. É precisamente essa modalidade que obscurece e reprime o papel dos intelectuais não-Ocidentais na construção de um conhecimento planetário. A desestabilização do Mesmo pelo Outro. Nessa modalidade, são os

[413] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.
[414] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 10.
[415] CORONIL *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 15.
[416] CORONIL *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 15.

> intelectuais e acadêmicos de esquerda, críticos da modernidade e do colonialismo, quem mantém e produz a ideia do Outro, desta vez como um espelho crítico de onde se pode observar "nossas" próprias limitações.[417]

No crivo do ocidentalismo, Mignolo[418] reitera que a coisificação do conceito de cultura e a promoção de entes como se fez com as culturas nacionais (continentais e subcontinentais) foram e são partes essenciais do projeto de ocidentalização que constrói e aquilata o Ocidente como o *si-mesmo* e o resto do mundo enquanto *a alteridade, os outros.* O lugar criado e inventado entre o *humanitas* e o *anthropos* se respaldou na premissa de considerar, territorialmente, culturas enquanto entes fechados em seus respectivos territórios nacionais[419]. Por sua vez, a transnacionalização do capital e seus desenraizamentos nacionais incutidos pelas migrações estimuladas pelo viés econômico desestabilizam e esboroam cada vez mais os ideias de que culturas são entes fechados e estritamente localizados em blocos geográficos discretos[420]. Como é o caso da América Latina que foi construída[421], por narrativas imperiais colonialistas, pelo crivo da conceituação de entidade geocultural que foi se delineando de maneira conflituosa no processo da ocidentalização[422], tal qual “O entre-lugar do discurso latino-americano” de Silviano descortina.

---

[417] “Para explicitar tal caracterización, Coronil analiza tres estrategias particulares en la auto-construcción del occidentalismo: La disolución del Otro en el Mismo. En tal modalidad, se considera el Oeste y lo No-Occidental como entidades autónomas y opuestas, y la oposición se resuelve mediante la incorporación de las zonas y las comunidades no-Occidentales, en la marcha triunfal de la expansión occidental. La incorporación del Otro en el sí mismo. En esta segunda modalidad, la atención que se presta al Oeste en la construcción de la modernidad oscurece, a veces sin proponérselo, el papel que las comunidades no Occidentales tuvieron y tienen en la construcción de la modernidad. Es precisamente esta modalidad la que oscurece y reprime el papel de los intelectuales no-Occidentales en la construcción de un conocimiento planetario. La desestabilización del Mismo por el Otro. En esta modalidad, son los intelectuales y académicos de izquierda, críticos de la modernidad y del colonialismo, quienes mantienen y reproducen la idea del Otro, esta vez como un espejo crítico donde se pueden observar "nuestras" propias limitaciones.” CORONIL *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 15, tradução minha.

[418] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 03.

[419] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.

[420] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.

[421] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.

[422] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.

É na zona fronteiriça do pensamento *outro* que venho angariando que se constroem os embates epistêmico-sensíveis-geoistóricos entre aqueles que se consideram “o próprio” e os considerados “estrangeiros”. É a partir desse *entre-corpo-lugar epistemológico fronteiriço* que os intelectuais da América Latina, Silviano a exemplo, refletem teoricamente *a posteriori* às independências do países europeus, Espanha e Portugal, quando se fazia necessária a construção da nação e a criação de políticas educativas[423] descoloniais que integrassem os projetos nacionais aos continentais. Como herança da modernidade-colonialidade[424], os processos de “ocidentalização” ou “ocidentalismo” ensejam perpetuar suas respectivas hierarquias de opressão ignorando as diferenças coloniais das exterioridades dos *loci* não-modernos e, então, não-ocidentais[425]. Além disso, no prisma de ambos os projetos, pressupõe-se o impedimento das simultaneidades epistemológico-espaço-temporais entre os “verdadeiros/originais” ocidentais e os “estrangeiros/bárbaros”[426].

Nessa perspectiva, *o entre-corpo-lugar* epistemológico fronteiriço articulado sob a égide do ensaio de Silviano, ressalvadas nossas diferenças de seleção e de escolhas teóricas, vem novamente à superfície para indagar o confronto[427] dos discursos literário-críticos latino-americanos, “não-ocidentais”, frente aos processos de ocidentalização europeia que insistem em se hospedarem aqui. Silviano inicia a articulação do entre-lugar fazendo referência à história grega utilizada por Montaigne na obra *Ensaios* a qual versa acerca dos “canibais do Novo Mundo”[428]. O mineiro se utiliza dessa referência para inscrever o contexto de não simultaneidade entre nós e eles, do ponto de vista do “verdadeiro Ocidente”, uma vez que ocupamos o lugar da

[423] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.
[424] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.
[425] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.
[426] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 09.
[427] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 09.
[428] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 09.

alteridade, isto é, *os outros*: “Não sei que bárbaros são estes (pois os gregos assim denominavam *todas as nações estrangeiras)* [...]”[429].

O exemplo utilizado por Silviano ao citar Montaigne está relacionado à formação bélica e à arte militar dos gregos que subestimavam os romanos, considerados estrangeiros/bárbaros[430]. No fronte de combate, os gregos, povos ocidentais e supostos por *si-mesmos* como os únicos detentores dos saberes bélicos, perdem a luta para a armada bem organizada romana/estrangeira/bárbara que em nada perde à presunção grega[431]. Apesar das diferenças socioeconômicas entre ambas as civilizações[432], os dois exércitos mantiveram-se em equilíbrio no campo de batalha superando a empáfia colonialista-imperial dos primeiros (auto)considerados superiores. Como apontei anteriormente, há uma semelhança contextual entre essa exemplificação bélica e a produção de conhecimentos-literaturas-artes na América Latina/Brasil no plano das modernizações-(neo)colonizações-ocidentalizações europeias que ainda desejam perpetuar-se nos trópicos como os agentes únicos, verdadeiros e messiânicos a nós “não-ocidentais”, estrangeiros e bárbaros.

Para Mignolo, no cenário dessas tentativas de ocidentalizações nos trópicos, no que convém às saídas epistemológicas para barrá-las, apenas agregar mais um “pós” às plêiades teóricas[433] já existentes seria recair em um convite para o cansaço crítico. Há que se mencionar que em determinado momento do ensaio de Silviano, o mineiro faz referência à descolonização[434] e não à pós-ocidentalização no tocante à América Latina e ao Brasil. Dito isso, o intelectual argentino assente que o termo “pós-

[429] MONTAIGNE *apud* SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 09, grifos meus.
[430] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 10.
[431] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 10.
[432] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 11.
[433] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 02.
[434] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17.

ocidentalismo" não é uma novidade já tendo sido contemplado nos escritos do ensaísta cubano Roberto Fernández Retamar em 1976[435] na condição elementar de ser um constituinte da sua lógica de revisão do pensamento na América Latina desde o século XIX a fim de definir o âmbito histórico dos *nossos trópicos latino-Américos*[436]. Delineia-se, assim, não meras questões de verdades históricas, e, sim, nossas próprias categorias geoculturais imbricadas nas relações com os conhecimentos e com os poderes[437]. Mignolo explicita:

> Para os pensadores da América Latina, o cruzamento e a superposição de poderes imperiais se conceberam *não tanto em termos de colonização mas de ocidentalização*. *É por essa razão que "pós-ocidentalismo" (ao invés de pós-modernismo e pós-colonialismo) é uma palavra que encontra seu lugar "natural" na trajetória do pensamento na América Latina, assim como "pós-modernismo" e "pós-colonialismo" o encontra na Europa, Estados Unidos e nas ex-colônias britânicas, respectivamente* (Mignolo 1996). Não se trata de reclamar autenticidades e lugares de origem, mas de meras trajetórias históricas e de direitos de cidadania. [...] "Pós-ocidentalismo" pode designar a reflexão crítica sobre a situação histórica da América Latina que emerge durante o século XIX, quando se vão redefinindo as relações com a Europa e gestando o discurso da "identidade latino-americana", passando pelo ingresso dos Estados Unidos, até a situação atual em que o termo adquire uma nova dimensão devido a inserção do capitalismo no "Oriente" (Leste e Sudeste da Ásia).[438]

Em linhas gerais, tal qual a passagem aposta reitera, o pós-ocidentalismo encontra força na América Latina por justamente levar em consideração os processos de apagamentos, silenciamentos e ocidentalizações que nossas histórias locais e os nossos *entre-corpos-lugares* epistemológicos fronteiriços e geoistóricos sofreram por vias, histórias e saberes hegemônicos europeus. O pós-ocidentalismo, em termos

---

[435] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 02.
[436] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 02.
[437] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 02.
[438] "Para los pensadores en América Latina, el cruce y superposición de poderes imperiales se concibió no tanto en términos de colonización sino de occidentalización. Es por esta razón que "posoccidentalismo" (en vez de posmodernismo" y "poscolonialismo") es una palabra que encuentra su lugar "natural" en la trayectoria del pensamiento en América Latina, así como "posmodernismo" y "poscolonialismo" lo encuentra en Europa, Estados Unidos y en las ex-colonias británicas, respectivamente (Mignolo 1996). […] "Posoccidentalismo" puede designar la reflexión crítica sobre la situación histórica de América Latina que emerge durante el siglo XIX, cuando se van redefiniendo las relaciones con Europa y gestando el discurso de la "identidad Latinoamericana", pasando por el ingreso de Estados Unidos, hasta la situación actual en que el término adquiere una nueva dimensión debido a la inserción del capitalismo en "oriente" (este y sureste de Asia)." MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 02, tradução e grifos meus.

latino-americanos, pode ser angariado por via da funcionalidade epistêmica contra as supostas rupturas paradigmáticas hegemônicas, como a pós-modernidade. Todavia, demonstrada sua importância, reitero a necessidade de aquilatarmos nossas bases teóricas-sensíveis no pensamento fronteiriço[439]/descolonial o qual as reflexões filosóficas, literárias ensaístas etc. são incorporadas às histórias locais latino-americanas encontrando seu lugar em saberes desincorporados dos desenhos e projetos globais europeus nas humanidades[440].

Ainda na esteira de Retamar no intento do pós-ocidentalismo, corrobora-se a ideia defendida por porta-vozes de comunidades visivelmente categorizadas de "não-ocidentais"[441] (descendentes de aborígenes e africanos) que os "latino-americanos verdadeiros" não são europeus/ocidentais[442]. Longe de constituírem corpos estranhos à nossa América[443], os indígenas e os negros pertencem a ela com pleno direito, mais, ainda, que os "estrangeiros civilizadores"[444] habitantes, também, dos trópicos. Em alguns países da América, os indígenas podem constituir uma "minoria nacional" que, no entanto, aquilata uma maioria real[445] descendente dos sobreviventes à dominação e à destruição das suas civilizações no papel de provas vivas[446] da irrupção promovida pelos ocidentais europeus. Tal qual o pensamento fronteiriço, busca-se transcender o ocidentalismo, o (neo)colonialismo e a modernidade enquanto eixos de unidade/pureza[447], valendo-me dos termos de Silviano, para nos voltarmos aos

[439] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 19.
[440] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 19.
[441] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 03.
[442] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 03.
[443] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04.
[444] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 04
[445] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 03.
[446] RETAMAR *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 03.
[447] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 17.

nossos *entre-corpos-lugares* fronteiriços, nossas produções e histórias locais latino-americanas.

Todavia, ainda que o pós-ocidentalismo tenha o intuito de transcender o ocidentalismo, suas bases foram concebidas pelo atravessamento ocidental das discussões de classes europeias promovidas pelo proletariado[448] deixando brechas no tocante à intersecção, por exemplo, entre etnicidade e trabalho[449]. Para Mignolo, essas interrelações estão contidas já nos primeiros momentos da expansão ocidental[450] quando a exploração dos ameríndios nas minas era complementada pelos escravos africanos nas "terras descobertas"[451]. Ao somarmos etnicidade ao trabalho, diferentemente do que o pós-ocidentalismo angariou, as reflexões críticas e a busca de desmantelamento do ocidentalismo se enraízam *pari passo* ao momento fundador do discurso imperial da modernidade[452] e ao início da formação de estruturas de poder principiadas pela "pureza de sangue"[453] e "unidade da língua"[454], os quais já debati entremeado pelo entre-lugar de Silviano.

Ressalvada a problemática imbricada no pós-ocidentalismo e o reiterar da necessidade/urgência do pensamento fronteiriço/descolonial na América Latina e no Brasil, não se pode argumentar o pós-ocidentalismo enquanto quimera intelectual[455] por vias do pessimismo gerado pelo atual estágio da globalização e do capitalismo desenfreados na nova ordem mundial vigorante. À semelhança do que expus a partir da desobediência civil-epistêmica homo-biográfica em termos de lutas, Mignolo assente, no plano do então pessimismo, que os movimentos socias seguem

[448] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[449] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[450] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[451] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[452] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[453] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[454] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[455] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.

ampliando-se em quantidade e em diversidade, ao ponto da celeuma pós-ocidental do proletariado não ser o único movimento de libertação com força de transformação social. A rearticulação dos diálogos entre práticas sociais e epistêmicas[456] é um aspecto fundamental do pós-ocidentalismo enquanto pressuposto histórico e horizonte intelectual[457] *outro*.

Em específico, no tocante às particularidades da América Latina, a visada pós-ocidentalista, contaminada pelo pensamento fronteiriço, tem um papel elementar no desmantelamento da reprodução das estruturas dos estudos de áreas[458], em formulações críticas e práticas. De acordo com Silviano, o escritor latino-americano[459], tal qual o borgeano Pierre Mernard, ensina que é urgente a liberação da imagem da América Latina enquanto *entre-corpo-lugar* sorridente e feliz, permeado por carnaval e *fiesta*, *colônia de férias para turismo* (e colonialismo) *cultural*[460]. Isso é, precisamos transcender a premissa *ocidentalizadora* da América Latina enquanto objeto passível de análise pelas disciplinas territoriais modernas a fim de reiterarmos seu *entre-corpo-lugar* de lócus geoistórico e epistemológico (auto)gerador/produtor de conhecimentos, literaturas, artes etc. A imagem que se segue (Figura 6), capa do dossiê do "Suplemento Pernambuco" dedicado à reedição de *Uma literatura nos trópicos* em 2019, já nos adverte das urgências de *descentramento, deslocamento e desbunde* nos trópicos:

[456] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 07.
[457] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 07.
[458] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[459] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[460] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.




FIGURA 6 – Capa do dossiê organizado pelo "Suplemento Pernambuco" à reedição de *Uma literatura nos trópicos* de Silviano Santiago em 2019
Fonte: https://image.isu.pub/180424113954-8bf5867eab54f1fab19113948a7ca7bf/jpg/page_1.jpg

No plano do aprender a *des*aprender para *re*-aprendermos a América Latina, Silviano explicita que a literatura latino-americana de hoje descortina o horizonte teórico em que é necessário se inspirar no momento de elocução e articulação dos discursos críticos a que ela é objeto[461]. Esse campo epistemológico emergente dos

[461] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.

*bios*+geo+*loci* latino-americanos contradiz os princípios universalistas de certas críticas universitárias[462] territorialistas apenas interessadas pelas fontes/influências/partes invisíveis dos textos[463] (pelas supostas dívidas contraídas pelo escritor), ao mesmo tempo em que rejeita discursos ocidentalizantes pseudomarxistas[464] defensores das práticas primárias dos textos objetando leituras fáceis e preguiçosas.

Para Silviano, os teóricos correspondentes às categorias supracitadas esquecem que a eficácia da crítica latino-americana se deve ao *des*-condicionar[465] o leitor, tornar sua vida impossível no interior das sociedades burguesas de consumo[466]. Leituras de cunho fáceis e preguiçosos, não sendo essas as executadas por escritores dos trópicos, insistem na razão moderna acerca da situação de colônia dos nossos *loci* e da suposta preguiça daqueles que aqui habitam[467]. Na contracorrente do intento moderno-colonial exposto, as leituras e produções de cunho latino-americano, atravessadas pelo pensamento descolonial/fronteiriço, emergem da autorreflexidade das nossas próprias diferenças coloniais as quais grassam nos nossos *entre-corpos-lugares* geoistóricos e epistemológicos e que fundamentam nossas sensibilidades de divíduos que escre(vi)vem das bordas, como é o meu/nosso caso (Pedro/Silviano), angariando entre-lugares latino-americanos e brasileiros sul-fronteiriços.

Esses *entre-corpos-lugares* epistemológicos fronteiriços não são abstrações filosóficas "fora do lugar"[468], mas um posicionamento *outro* que coloca as culturas/produções latino-americanas e brasileiras *entre outras*[469], permeando novos

[462] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[463] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[464] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[465] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[466] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[467] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 29.
[468] SOUZA *apud* NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21.
[469] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21.

*corpus*-corpos sensíveis, teóricos, das obras ensaístas e ficcionais. Angariar *entre-corpos-lugares* chancela o pensar por fora das políticas imperiais que contaminaram os trópicos há séculos[470]. À diferença dos construtos disciplinares territoriais, o *entre-corpo-lugar* não é um lugar situável unicamente nas esferas espaço-temporais[471]. Mas, atravessado pela condição de uma prática fronteiriça epistemológica[472], ele propõe significações imbricadas nas geopolíticas do conhecimento, das pessoas, das línguas, das produções culturais, dos *corpus*-corpos, das sensibilidades, das escrevivências, enfim, o repositório da exterioridade enquanto aquilo que foi inventado e, por extensão, rechaçado pelo pensamento ocidental, moderno e colonial.

Silviano, ao corroborar a possibilidade de um conceito pós-colonial[473] em 1978 e o re-pensar a América Latina, abriu uma fissura[474] nas produções latino-americanas e brasileiras que, 40 anos depois de escancarada, ainda sangra. As práticas *homo-bio-ficcionais-ensaístas* do mineiro colocam em xeque a crença da razão moderna ser a única possível[475] e válida incentivando a vigilância e a autorreflexidade crítica às *sombras do Ocidente*[476] imperantes nos trópicos. É pelo crivo dos *entre-corpos-lugares*, tanto seus quanto dos outros, que meu aliado hospitaleiro alicerça suas produções por práticas e pensamentos biográfico-fronteiriços[477] que consideram e trazem à voga as diferenças coloniais promovendo a descentralização das fronteiras

[470] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 22.
[471] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 22.
[472] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 22.
[473] Em 2014, Silviano apresentou um texto intitulado “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial (depoimento)” no “III Colóquio do NECC: entre-lugares pós-coloniais”, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, organizado pelo grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), coordenado pelo professor e pesquisador Edgar Cézar Nolasco, o qual sou membro desde 2015. O texto em questão será discutido adiante nesse *trabalho-corpo-político*.
[474] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[475] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 86.
[476] FAREED *apud* NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 24.
[477] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 86.

internas do país[478] e, por extensão, colaborando para que nos compreendamos melhor enquanto América Latina, latino-americanos e brasileiros.

Assim, no prisma do re-pensar a América Latina arraigado à transcendência do ocidentalismo, Mignolo assente que há duas urgências em relação ao pensamento e aos estudos de natureza latino-americano[479]. Sendo essas: a primeira[480], o re-pensar a conceituação de América Latina no momento em que as utopias ocidentais socialistas caíram e o capital internacional começou a construir e inventar novas regiões. A segunda[481], arraigada à primeira, é a necessidade de repensarmos as relações latino-americanas entre seus pensamento e estudos no âmbito das produções acadêmicas e intelectuais. Segundo o argentino, ambas as configurações universitárias estão presas, ainda, nos crivos geoistórico e epistemológico, aos marcos das epistemes modernas ocidentais[482]. Nesse ínterim, a contribuição dos desenhos pós-ocidentais baseados nas categorias do pensamento descolonial/fronteiriço será de construir a América Latina na nova cena global capitalista além de aquilatar a ponte entre *o pensamento na* América Latina e *os estudos de* América Latina[483].

Sob a égide do *pensamento na América Latina*, as práticas literárias e filosóficas (os *ensaios*[484] históricos, antropológicos, literários, filosóficos etc., como o respectivo ao entre-lugar de Silviano) emergentes desse biolócus foram e são os espaços onde se gestam um *pensar a partir das margens das disciplinas*[485]. Ao passo que as práticas científicas se localizam em regiões de demasiado desenvolvimento

[478] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 86.
[479] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 17.
[480] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 17.
[481] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 17.
[482] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 17.
[483] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 17.
[484] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[485] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.

econômico-tecnológico, os *loci* de menor progresso não podem competir *pari passu* ou manter-se no mesmo nível de produtividade dos primeiros[486]. Desse modo, as atividades intelectuais se bifurcam por dois caminhos: em zonas onde se produz saberes *sobre*[487] determinados *loci,* como a Europa no tocante à América Latina com base nos estudos de área e zonas *de onde se produz "cultura"*[488], nossas produções sob a óptica dos ocidentais hegemônicos.

Essa distinção impossibilita a produção de "conhecimentos" legitimados e autorizados em zonas de potencialidades econômicas e tecnológicas na América Latina, destacando-se as desvantagens materiais para os exercícios das práticas epistemológicas[489]. Ademais a isso, questiono-me mais uma vez acerca das ressonâncias do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano para além dos trópicos, haja vista seu lócus terceiro-mundista de emergência. Dito isso, sob a pluma de Paulin J. Houtjoundji, filósofo beninense citado por Mignolo[490], compreendo que a atividade científica terceiro-mundista é caracterizada, pelo ponto de vista global, pela posição de dependência oriunda da mesma natureza aplicada à atividade econômica[491] desses *loci*, como o Brasil meu e de Silviano.

Isso implica dizer que a interrelação epistemológica entre saber e economia, em sua gênese histórica, resulta do processo de integração do Terceiro Mundo nos processo globais de produções científicas manejadas e controladas pelos países, unicamente, do Norte[492]. Sendo este não apenas categoria geopolítica do mundo, mas, também, a metáfora da hegemonia global econômica, social, política, científica

[486] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[487] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[488] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[489] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[490] HOUTJOUNDJI *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[491] HOUTJOUNDJI *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.
[492] HOUTJOUNDJI *apud* MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 18.

etc. A saída do entre-lugar foi estratégia crítica[493], sobremaneira, epistemológica, quando pensada por um escritor-ensaísta-crítico brasileiro em língua portuguesa. Silviano fala e escre(vi)ve contra a hegemonia do Norte na América Latina assentado na opção descolonial assumida pelo *entre-corpo-lugar fronteiriço* que impôs, ao seu modo, uma desobediência epistêmica ao maniqueísmo dualista moderno[494]. Silviano já sinalizava em 1978 uma perspectiva epistêmica *outra* cujas produções culturais latinas traziam/trazem inscritas em seus *corpos-corpus-políticos subalternos*[495] as diferenças coloniais expurgadas pelos projetos ocidentais-modernos-coloniais. Silviano, no plano crítico do papel do intelectual latino-americano frente a relação assimétrica entre as nações que ocupam a "mesma cultura ocidental"[496], ressalta:

> Se os etnólogos são os verdadeiros responsáveis pela desmistificação do discurso da História, se contribuem de maneira decisiva para a recuperação cultural dos povos colonizados, dissipando o véu do imperialismo cultural – *qual seria pois o papel do intelectual hoje em face das relações entre suas nações que participam da mesma cultural, a ocidental, mas na situação em que uma mantém o poder econômico sobre a outra?* [...] Qual seria a atitude do artista de um país em evidente inferioridade econômica com relação à cultura ocidental, [...] da metrópole, e, finalmente, à cultura do seu próprio país? Poder-se-ia surpreender a originalidade de uma obra de arte se se institui como única medida as dívidas contraídas pelo artista junto ao modelo que teve necessidade de importar da metrópole? Ou seria mais interessante assinalar os elementos da obra que marcam a sua diferença?[497]

A resposta para os questionamentos evocados no fragmento aposto está aquilatada no próprio entre-lugar de Silviano o qual enseja declarar, de uma vez por todas, da falência dos métodos replicados pela academia moderna e territorial da busca incessante às fontes e às influências[498] entremeadas por um desejo de purismo e unidade hegemônicos e monotópicos. Para o mineiro de Formiga, o perpetuar dos sistemas modernos de fontes e influências no tocante às produções latino-americanas

[493] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21.
[494] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21.
[495] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 21.
[496] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18.
[497] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 18-19, grifos meus.
[498] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.

e brasileiras apenas assinala a indigência dos trabalhos[499] já desfavorecidos por razão dos aspectos econômicos que as atravessam e sublinharia, também, uma suposta falta de imaginação dos artistas dos trópicos ao serem obrigados, por falta de uma tradição autóctone[500] (que lhes foi expurgada por meio da colonização europeia), a apropriar-se de moldes e parâmetros emergidos das metrópoles hegemônicas.

Os discursos das fontes e das influências, arraigados na tradição moderna europeia, ridiculariza[501] as buscas dos artistas latino-americano quando *acentuam por ricochete a beleza, o poder e a glória*[502] das obras criadas no entremeio das sociedades colonialistas e/ou neocolonialistas a partir das histórias locais dos seus divíduos fronteiriços. Permanecer no âmbito das fontes e das influências, na América Latina, é reduzir o trabalho de criação dos seus artistas à condição de obra parasita[503], isto é, uma produção, supostamente inferior, secundária, que necessita alimentar-se de outra, primária e por suposição superior, para aquilatar-se. O conceito de obra parasita[504], arraigado na tradição da influência, aprisiona a produção segunda ao brilho e ao prestígio da fonte sendo esta uma estrela inatingível e pura[505] responsável por obscurecer tudo o que se produz nas margens do planeta.

A estrela, ao passo que ilumina os movimentos dos atores sociais que produzem, também os torna súditos ao seu magnetismo superior[506] hegemônico, haja vista que o único valor[507] que conta na álgebra das fontes e das influências é o incrustado nas produções das metrópoles. Isso se perpetua ainda que a metrópole

[499] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[500] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[501] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[502] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[503] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[504] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 19.
[505] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.
[506] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.
[507] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

tenha colonizado e dizimado as periferias promovendo apagamentos e silenciamentos das culturas, produções, histórias locais, sensibilidades e corpos e *outros* desses *loci* (como aconteceu no Brasil no que convém aos povos originários violentados pelas práticas genocidas de Portugal na "descoberta do Novo Mundo"). O papel, portanto, do artista latino-americano[508], afastando-se das raízes das fontes e influências, é o de contrair a dívida e minimizar as distâncias insuportáveis entre ele e a estrela, além de dominar o movimento ascendente de que fala o crítico e *inscre-vi-ver* seu projeto no horizonte da cultura ocidental[509] autoconsciente das diferenças coloniais que o fundamentam.

Ainda na sob a égide do entre-lugar de Silviano, compreendo que ao declararmos a falência do sistema hegemônico de fontes e influências, há a necessidade substituí-lo por outro(s)[510]. Nesse viés, a saída epistemológica fronteiriça-descolonial que entrevejo como forma de transcender essas hegemonias se angaria nos subsídios do reconhecimento das diferenças coloniais ensejando as pluriversalidades globais e, por extensão, o delinear de possíveis futuros globais pelo crivo do reconhecimento das reais *diversalidades*[511] e identidades em políticas dos *entre-corpos-lugares* do mundo. Dessa perspectiva, os elementos esquecidos, negligenciados e abandonados[512] pela crítica moderna são postos em relevo em benefício a um discurso crítico *outro* que estabelece *como único valor*[513] a promoção das diferenças coloniais horizontalizadas.

[508] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.
[509] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.
[510] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.
[511] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[512] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.
[513] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.

O escritor latino-americano, no estabelecimento das suas leituras que não são inocentes[514] (e nunca poderiam sê-lo), lança um olhar malévolo e audacioso fomentando textos escrevíveis[515], ou escreviventes, que apresentam um modelo produtor não representacional que excita e *des*-condiciona o leitor levando-o a abandonar a posição passiva e preguiçosa de consumidor. Pelo contrário, os textos escreviventes convidam o leitor à aventura de produzir e escre(vi)ver textos, tal qual Silviano o fizera comigo contaminando sensível-epistemologicamente meus *entre-corpos-lugares* e minha trajetória de crítico biográfico fronteiriço que escre(vi)ve dos trópicos da fronteira-sul. A produção latino-americana, ao invés de tranquilizar o leitor na sociedade de consumo burguesa, o desperta/radicaliza convidando-o à *práxis*[516] da escrevivência fronteiriça. Dada essa premissa, na esteira de Silviano citando Roland Barthes, questiono: *quais textos eu aceitaria escre(vi)ver e desejar inscre-vi-vendo-me como uma força neste mundo que é o meu?*[517]

Metaforizar-me-ia à moda europeia autoficcionalizando-me ou me escre(vi)veria com meu *entre-corpo-lugar* epistemológico imbricado e emergido *a partir* da fronteira atravessado pelas minhas histórias locais, sensibilidades e desejos? Para nós (Pedro/Silviano), a resposta é clara e está respalda na diferença colonial que nos fundamenta enquanto divíduos fronteiriços. Como Silviano expõe, as interrogações no plano dos textos escrevíveis são reflexos das nossas insubordinações[518] e desobediências à dominação que nos foi incutida há séculos. O escritor/ensaísta latino-americano, perpassado pela desobediência epistêmica e por sua condição não-ocidental, escre(vi)ve-se longinquamente da metrópole trazendo à

[514] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 25.
[515] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.
[516] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 21.
[517] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 22.
[518] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 22.

baila as diferenças coloniais não contempladas pelo discurso hegemônico, tal qual faz o mineiro com seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta inscre-vi-vendo* suas geo e corpo-políticas das inconveniências[519] homo-biográficas no chancelar suas/nossas das fronteiridades.

Nesse sentido, as críticas remetidas à suposta "alienação" dos escritores latino-americanos e brasileiros são, segundo Silviano, inúteis e até mesmo ridículas[520]. O escritor dos trópicos *é sua própria experiência de vida, sua corpo-escrevivência-fronteiriça* emergida dos *entre-lugares* epistemológicos e geoistóricos que lhe concernem. Ademais, esse escritor é, também, o devorador de livros os quais os contos de Jorge Luis Borges falam demasiadas vezes: lê o tempo todo e publica esporadicamente[521]. Os conhecimentos, acerca da colonialidade e/ou do pensamento fronteiriço por exemplo, não enferrujam os artífices de criação literária nos trópicos, pelo contrário, podem ser o princípio organizador[522] e estimulante da produção escrevivente a partir das margens das disciplinas territoriais, como se entrevê com Silviano Santiago no imbricamento das suas produções literárias às ensaístas, ou vice-versa, e da autorreflexidade *bios*-geo-fronteiriça nelas incutidas.

Dado o exposto, à luz do entre-lugar de 1978 gerido por Silviano e dos caminhos que venho delineando a partir dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos em 2020, entendo, assentado nas reflexões de Nolasco[523], que a crítica do intelectual mineiro tomou proporções e ramificações[524] extremamente variadas em todos esses anos, ainda que saibamos que os conceitos e os textos são

[519] Cf. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución" entrevista de Adrián Melo com Silviano Santiago.
[520] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 22.
[521] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 27.
[522] SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 27.
[523] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.
[524] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.

datados. No entanto, a problemática acerca do entre-lugar no prisma das produções brasileiras reside justamente na não *escuta*[525], por boa parte desta, à projeção/abertura pós-colonial/pós-ocidental que o entre-lugar de 1978 angariou. Diferentemente da América Latina, que é o lugar "natural" das teorizações descoloniais/fronteiriças, não vejo o Brasil enquanto o lócus "natural" dessas mesmas teorizações[526], uma vez que "[...] aqui todas as demais teorias têm seu natural *exatamente por não o ter/ser.*"[527]. Isso se justifica (ou não) pela tendência crítica brasileira[528] de recebimento, avaliação, abertura e hospitalidade incondicional às teorias viajantes/estrangeiras/*itinerantes*[529] dos centros hegemônicos, Europa ou Estados Unidos[530], para os nossos trópicos periféricos e marginais.

Para Nolasco, o entre-lugar de Silviano, diferentemente do *entre-corpo-lugar* que venho articulando pelo viés fronteiriço e epistemológico, não pressupunha uma leitura *pós-colonial por excelência*, mas, sim, o esboço de uma *preocupação* e uma *possibilidade de fundo pós-colonial*[531], ignorado por boa parte da crítica brasileira sendo enviesado por leituras de caráter hegemônico e territorialista. O entre-lugar de 1978 articulado pelo intelectual mineiro já sinalizava a preocupação[532] pós-ocidental em jogo no projeto seu *homo-bio-ficcional-ensaísta* ao propor uma escavação epistemológico-fronteiriça das culturas e literaturas latino-americanas a brasileiras[533] permitindo que Silviano convocasse não só uma *episteme* de viés *outro*, bem como

[525] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 18.
[526] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27.
[527] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 27, grifos meus.
[528] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.
[529] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha e *Histórias locais/projetos globais* de Walter Mignolo.
[530] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 16.
[531] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 19.
[532] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 19.
[533] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 19.

amigos-críticos-escritores que podiam auxiliá-lo em uma melhor compreensão das nossas realidades imbricadas nos trópicos[534].

O entre-lugar que angario é um espaço-corpo epistemológico, fronteiriço, concreto, material, político, existencial, local, midiático, transnacional, de desejos, afetos, memórias[535], sensibilidades e histórias locais *outras* desperdiçadas pelo repositório da modernidade ocidental colonial. Refletir acerca das *homo-bios-grafias* incrustadas nos nossos (Pedro/Silviano) corpos-*corpus* dividuais nas condições de *atravessamentos fronteiriços* a partir trópicos geoistóricos/epistêmicos da América Latina e do Brasil é um *modos operandi e vivendi* de *des*-articular para assim re-pensarmos as inserções dos nossos *entre-corpos-lugares* na história da humanidade que buscou apagar/deslegitimar-nos. O exercício do *entre* defendido por Silviano nos mostra que a crítica fronteiriça rechaça tudo, ou quase tudo, que se mostra à serviço da evocação das especificidades culturais locais[536] e sensíveis *outras*.

Isso não quer dizer que se ignora os postulados das críticas territoriais modernas imperantes nos trópicos. Mas, sim, colocamo-nos frente a ela pelo posicionamento da "falsa obediência" descortinada por Silviano, isto é, uma desobediência epistêmica pautada nas opções descoloniais que convida todos a *aprender a desaprender para re-aprender.* Silviano, como o equilibrista que é, não deslegitimou as ideias europeias hospedadas no Sul[537], todavia, não se amarrou a elas em repetições acríticas como vemos, em demasia, nos cenários acadêmicos brasileiros[538]. *Uma literatura nos trópicos*, a gênese do entre-lugar latino-americano, propõe o *descentramento, o deslocamento e o desbunde* do sistema colonial moderno

[534] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 19.
[535] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 28.
[536] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 20.
[537] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 20.
[538] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 20.

pelo crivo do chancelar um entre-lugar enquanto possibilidade epistemológica de *descolonização* das normas impostas pela colonialidade como maneira única de se ler nos/os trópicos[539].

O *entre-corpo-lugar fronteiriço* epistemológico, ainda, do ponto de vista literário e das escrevivências homo-biográficas na contracorrente às autoficções europeias, estabelece um desbarate à hierarquia estética[540] (da arte, da literatura etc.) a qual, por meio das suas respectivas instituições hegemônicas (as escolas de belas artes e o cânone ocidental moderno, por exemplo) administraram por séculos os sentidos *e as sensibilidades* pelo estabelecimento de normas do belo e do sublime[541]. Com isso, diferenciando, por suas (auto)postulações, o que era arte/literatura e o que seria contemplado ou não enquanto obra de arte e/ou literatura[542] pela inventividade dos nós estéticos arraigados na matriz colonial do poder[543]. As escrevivências homo-biográficas, portanto, atravessadas por *entre-corpos-lugares* das exterioridades, desbaratam tanto os nós estéticos bem como os sexuais-homofóbicos imperais e colonialistas. No plano dos nós sexuais-homofóbicos, Mignolo reitera a ocorrência de:

> Uma hierarquia de gênero/sexo global que privilegiava homens em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu em detrimento de outras formas de configuração de gênero e de relações sexuais [...] introduzindo *regulamentos para relações 'normais' entre os sexos* [...] *Consequentemente, o sistema colonial inventou também as categorias 'homossexual e 'heterossexual'* ([...] *'el pecado nefando'*) [...] Essa invenção faz com que a 'homofobia' seja irrelevante para descrever as civilizações Maia, Asteca ou Inca, pois nessas civilizações as organizações de gênero/sexo eram moldadas em categorias diferentes, que os espanhóis (e os europeus em geral, cristãos ou seculares) foram ou incapazes de ver ou indispostos a aceitar. Não havia homofobia, já que os povos indígenas não pensavam através desses tipos de categorias [...][544]

[539] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 20.
[540] MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.
[541] MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.
[542] MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.
[543] MIGNOLO. Colonialidade, p. 11.
[544] MIGNOLO. Colonialidade, p. 11, grifos meus.

Isso posto, entrevejo a possibilidade de articular um *entre-corpo-lugar* epistemológico fronteiriço que, para além das categorias geopolíticas grassadas nos trópicos já discutidas, descortina um horizonte *outro* contemplativo das *homo-bios-grafias* de nós (Pedro/Silviano) divíduos fronteiriços. Dito isso, angario a possibilidade de refletir agora a partir *de entre-corpos-lugares gays* geo-epistemicamente localizados nas bordas e nas margens das sensibilidades modernas colonizadas pelos legados imperais europeus modernos. À luz do fragmento explicitado por Mignolo, compreendo que o eurocentrismo[545] não emerge apenas como uma questão geográfica, mas, sobretudo, epistemológica[546]. Sendo, dessa maneira, o conhecimento científico-sensível-egopolítico enunciado do ponto de origem europeu, contudo, localizado e reproduzido nas suas colônias e ex-colônias, bem como em *loci* não diretamente colonizados (rotas de dispersões)[547].

Os traços inegáveis do eurocentrismo[548], sobremaneira, no tocante à homofobia, encontram-se muito bem vivos, político-sensível-epistemicamente, dissipados em todos os cantos do mundo, em especial, no Brasil como já demonstrei a partir das notícias de opressão que aqui insistem em perpetuar-se. Desse forma, na esfera do *entre-corpo-lugar* homo-biográfico, Denilson Lopes[549], intelectual carioca que escre(vi)ve, dentre várias perspectivas[550], *a partir dos estudos gays*, afirma que no prisma do entre-lugar, podemos incluir a experiência *gay*[551] no redimensionamento

[545] MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.
[546] MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.
[547] MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.
[548] MIGNOLO. Colonialidade, p. 12.
[549] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 24.
[550] Julgo necessário realizar um adendo no que convém à utilização que faço das reflexões de Denilson Lopes para subsidiar minhas postulações. Lopes, diferentemente do que angario neste *trabalho-corpo-político*, está atravessado por perspectivas críticas que, em menor ou maior grau, diferenciam-se do que aqui venho delineando. Contudo, ainda sim, insisto nas possibilidades teóricas que o intento de um entre-lugar *gay* descortina para fundamentar e endossar meus *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos.
[551] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 24.

da nação tendo em vista sua invisibilidade histórica não só nos limiares das repressões, mas, também, enquanto ambígua resistência a partir das afetividades entre homens como lugar de fala e escrevivência no mundo[552] na voga de escritores e ensaístas homo-biográficos como Silviano Santiago com seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* ao reinserir as grafias homo na história da humanidade e, por extensão, escavar fissuras e obliterar os cânones literários-ensaístas-científicos homofóbicos brasileiros.

A questão das *homo-bios*-grafias, para além da alcunha de temas menores como tratou a esquerda tradicional latino-americana[553], encontra legitimidade nos *entre-corpos-lugares* epistemológicos fronteiriços que descortinam os horizontes[554] das diversidades/*diversalidades*[555] nas sociedades em que as diferenças coloniais foram deixadas de lado e/ou excluídas. Para Lopes, o entre-lugar não se sobressai apenas enquanto espaço frágil do intelectual dos trópicos no que tange às produções periféricas[556], mas, além disso, é o fomento para as bases de políticas das afetividades[557] homo-biográficas, de estéticas das amizades e relações *outras* imbricadas em éticas particularistas da deriva, dos desejos/dos direitos relacionais *gays* e dos encontros[558] no dimensionamento das nações, em especial, no tocante ao Brasil.

No ilustrar dessa conceituação de um *entre-corpo-lugar gay* no estatuto fronteiriço que concerne aos homossexuais, recorro, mais uma vez, a Karl Posso em *Artimanhas da sedução* tendo em vista que, no nosso entender, a nação-Estado

---

[552] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 24.
[553] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 23.
[554] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 32.
[555] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.
[556] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 207.
[557] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 38.
[558] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 207.

depende da homossexualidade para reafirmar sua identidade heterossexista centrada no seu (auto)privilégio de regeneração[559]. É por essa razão que o Estado-nação *precisa garantir* que o homossexual, que ela oprime, desautoriza e violenta, seja uma presença sociocultural identificável e um construto articulado de maneira coerente[560] o que nos torna divíduos fronteiriços *ao mesmo tempo* alheios e centrais à nação-Estado habitando um atravessamento marginal/limítrofe, ou seja, re-existindo no *entre-lugar*[561] do dimensionamento nacional-Estatal. Assim, ao sermos direcionados a esse *entre-corpo-lugar* nacional, integramos a condição de ameaça à estabilidade identitária do sistema, da ordem[562] e dos bons costumes, haja vista que não *respeitamos as fronteiras*, posições e regras[563]. Para Posso na esteira de Julia Kristeva[564], a nós, resta o *status* de *abjetos*[565] e *a condição de indecibilidade*[566] ao Estado-nação. Para Jacques Derrida, citado por Posso:

> O indecidível perturba a lógica binária, pois visita ambos os lados de uma oposição ao mesmo tempo que não consegue agir de acordo com nenhuma deles: *ele transcende, portanto, as fronteiras da oposição e leva ao questionamento do princípio da própria estrutura binária*. [...] 'Uma proposta indecidível (...) é uma proposta que, dado o sistema de axiomas que governam uma multiplicidade, não é uma consequência analítica nem dedutiva desses axiomas, nem os contradiz, não é verdadeira nem falsa com relação a esses axiomas [...][567]

*O indecidível transcende as fronteiras da oposição e leva ao questionamento do princípio da estrutura binária*. Eis o pressuposto que corrobora minha articulação do homossexual enquanto o *ser-inconveniente-de/na-fronteira*[568] dos *entre-corpos-lugares* postos e expostos nos Estado-nações. Dessa premissa, concebo os

[559] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 23.
[560] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[561] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[562] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[563] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[564] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[565] KRISTEVA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 24.
[566] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 25.
[567] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 239.
[568] Cf. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución" entrevista Adrián Melo com Silviano Santiago.

pensamentos de caráter descolonial/fronteiriço/pós-ocidental, ressalvadas as diferenças já pontuadas, como horizontes[569] em que as repressões criadas, forjadas e emergidas das expansões coloniais, supostamente justificadas nos seios do Renascimento (cristianização), do Iluminismo (civilização) e/ou da modernização (tecnologia e consumismo) possam ser *transcendidos*[570] na tentativa de angariar futuros globais e, por sua vez, *entre-corpos-lugares* mais justos, pluri-versais e igualitários no plano da possibilidade da co-existência de muitos mundos *outros* possíveis.

Os *entre-corpos-lugares fronteiriços* epistemológicos possibilitadores da inserção das *homo-bios-grafias* nas produções científicas-ensaístas-literárias-artísticas estabelecem um corpo-*corpus* estratégicos de resistências que incorporam o global e o local[571] buscando solidariedades e igualdades transnacionais através dos comparativismo[572] para apreender nossas condições fronteiriças, histórias locais, sensibilidades, afetos e desejos. Esses entre-lugares encenam as exterioridades contemplando os *anthropos* deixados de lado na suposta construção da história/modernidade/cânone da humanidade ocidental. Ao pluriverso do que se supôs nas replicações territorialistas e modernas do entre-lugar, este não se aquilata na abstração de um *não lugar*[573], mas, sim, *um corpo-lugar epistemológico outro* o qual coaduna as construções de territórios de pertencimento e acolhimento no quadro internacional, não simplesmente uma monotopia superficial de inversão das posições já existentes[574].

[569] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[570] MIGNOLO. Postoccidentalismo, p. 05.
[571] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 23.
[572] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 23.
[573] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 25.
[574] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 25.

É pelo prezar por *todos*/*todas* as vidas, saberes, corpos, produções, leituras, desejos, afetos que abalizo os *entre-corpos-lugares fronteiriços epistemológicos*. Dessarte, a fecundidade[575] epistemológica desses reside não apenas na obliteração dos binarismos maniqueístas Primeiro/Terceiro Mundo, centro/periferia[576], homossexual/heterossexual, corpos convenientes/inconvenientes etc., mas na possibilidade de fecundar e descortinar re-existências globais. Para Lopes, por exemplo, pode-se ler Homi K. Bhabha, crítico indiano já citado aqui, pontuando não apenas entre-lugares e, sim, "entre-tempos"[577] os quais narrativas e contra-narrativas nacionais possam emergir[578]. Desse modo, os *entre-corpos-lugares* fronteiriços aquilatam uma resposta epistemológico-geoistórica às construções das nações enquanto sistemas orgânicos[579] dentro da suposta história linear colonizada de formação[580].

Entre os *corpos e lugares* fronteiriços residem os espaços de trânsito entre tempos, culturas, linguagens, sensibilidades, desejos, corpos-*corpus*, histórias locais colonizados constituindo implosões dialéticas[581] às dualidades, por exemplo, entre arte e sociedade[582]. Ademais, avança-se os estudos das representações sociais ao radicalizar os alargamentos promovidos pelo debate acerca das articulações e das mediações[583] nos fluxos dos enunciados e das imagens que transitam social, cultural e temporalmente[584]. Por isso, entrevejo a necessidade já exposta no início desta discussão de articularmos entre-lugares não mais desconstrutivistas, tal qual a crítica

[575] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 27.
[576] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 27.
[577] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 27.
[578] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 27.
[579] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 29.
[580] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 29.
[581] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 29.
[582] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 30.
[583] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 30.
[584] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 30.

brasileira realizou, mas sim, entre-lugares descoloniais e descolonizadores dos legados coloniais-ocidentais-modernos imperantes nos trópicos e, sobremaneira, nos corpos-*corpus* do que aqui habitam.

Há que se pensar, no prisma das *homo-bios-grafias escreviventes*, não simplesmente em *entre-lugares*, mas em desejos, afetos, corpos-*corpus entre homens*[585] *atravessados por entre lugares*[586] geoistóricos, epistemológicos e fronteiriços, por excelência. Silviano, portanto, o faz a partir do imbricar de políticas do afetivo[587] entre rapazes voltando-se às suas *experivivências* e afastando-se cada vez mais da figura de *intelectual maior*[588]. Evocam-se as nuances de corpos-*corpus* marginalizados, *homo-trans-fronteiriços*, no chancelar literário-ensaísta do mineiro. Silviano descoloniza os *entre-corpos-lugares*, ou tenta fazê-lo, por meio das grafias postas-impostas em seus *corpus* escre(vi)vendo não só sua vida de homem *gay*, mineiro, fronteiriço, latino-americano, mas, sobremaneira, as *nossas vidas*.

Para isso, o ensaísta-*escrevivedor* natural de Formiga se arraiga no exercício epistêmico-literário da *autorreflexidade*[589] vestindo-vertindo seu *projeto-homo-bio-ficcional-ensaísta* de *bios*-geo-narrativas políticas das exterioridades enraizadas em seu corpo-*corpus* de *anthropos*. Essa minha proposição crítica atribuída ao meu divíduo-aliado-hospitaleiro está alocada e emerge *a partir dos entre-corpos-corpus-lugares* epistêmicos e ficcionais endossados por Silviano no ato de reinscrever suas/nossas grafias homo-biográficas na tradição literária[590] por meio de personagens *gays*, *queer,* marginais e terceiro-mundistas, presentes, quer queira, quer não,

[585] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 187.
[586] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 187.
[587] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 197.
[588] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 197.
[589] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 99.
[590] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 84.

também em seus ensaios. Tal qual o corpo posto-exposto e desfigurado, capa da última edição do romance *queer Stella Manhattan* (2017), enclausurado em um cubo passível de ser compreendido enquanto metáfora da colonialidade imperialista que colonizou e continua oprimindo e violentando os corpos das exterioridades, sobremaneira no Brasil, pelo crivo dos traços fundamentais das nossas *homo-bios-grafias*, isto é, o simplesmente fato *de existirmos e resistirmos fronteiriçamente*. Segue a imagem (Figura 7) do romance *Stella Manhattan* publicado, primeiramente, em 1987 pela editora “Nova fronteira” e republicado em 2017 pela “Companhia das letras”:

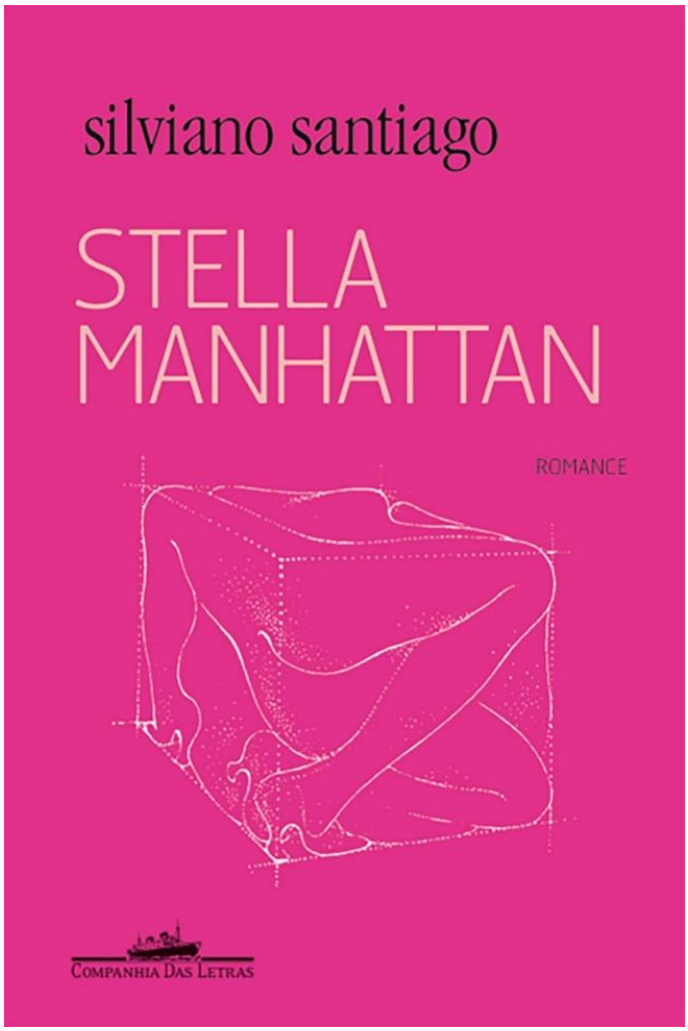



FIGURA 7 – Imagem da capa do livro *queer Stella Manhattan* de Silviano Santiago republicado em 2017 pela editora “Companhia das letras”
Fonte: https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/61iSP72ua8L.jpg

Dadas as reflexões apostas e direcionando-me para a sequência deste *corpo-trabalho-político* a qual me assentarei na corpo-política da inconveniência desviante atrelada às políticas das semelhanças-na-diferença, reitero a emergência/urgência epistemológica-sensível-política-geoistórica de nos articularmos à luz de pensamentos fronteiriços/descoloniais/pós-ocidentais emergentes das exterioridades dos *loci* e dos corpos espremidos e subjugados pelos imperialismos coloniais inscrutados na obscuridade de modernidade ocidental. No prisma da constituição de futuros globais mais igualitários e da formulação epistêmica de vários mundos possíveis, hoje, não entrevejo outra saída crítica que dê conta dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços que grassam no planeta, sobretudo, no tocante ao meu/nosso (Pedro/Silviano) lugar de fala sensível, epistêmico e político das minhas/nossas *homo-bios-grafias* emergentes dos trópicos.

Respondendo aos próprios questionamentos que fiz no início deste subtítulo, não, não estamos mais seguros hoje do que há dez anos, sobremaneira, no Brasil, e só poderemos angariar nossa segurança e/ou direitos humanos-epistêmicos se *aprendermos a desaprender para re-aprendermos* a partir das últimas fronteiras e do último céu assentados em um pensamento fronteiriço consciente dos nossos próprios *entre-corpos-lugares* de divíduos da/na fronteira da história da humanidade moderna. É mais que necessário sermos/escre(vi)vermos pelo endosso da desobediência epistêmica e das opções descoloniais extrínsecas a quaisquer políticas de identidade messiânicas, salvíficas e/ou modernizadoras. A modernidade, ao ocultar seu lado mais obscuro, isto é, a colonialidade, nos delegou a categorização de *anthropos* ressaltando nossas supostas inferioridades frente ao Ocidente que a nós só ofereceu

suas migalhas, seus restos. A modernidade não pode ser entendida sem a colonialidade e/ou vice-versa[591].

*Entre-ser-habitar-entrelugares* é a possibilidade crítica *outra* ensejada pelo pensamento fronteiriço emergente dos trópicos latino-americanos, tupiniquins e sul-fronteiriços para oportunizar a legitimidade dos nosso corpos-*corpus-loci* nas produções científicas-artísticas-literárias *pari passu* a qualquer outra de origem europeia e/ou norte-americana. De modo que já expus e reitero propositalmente, somos divíduos fronteiriços-homo-biográficos orgulhosos de sermos *anthropos* frente a arrogância imperial dos *humanitas* e, a eles, epistêmico-artístico-literariamente, não perdemos em nada. Para nós, *abjetos* e *indecidíveis*, a condição de atravessamento fronteiriço, o ser *em/na/a partir da fronteira*, é nosso *leitmotiv* para re-existirmos, lutarmos e produzirmos cada vez mais, ainda que o mundo e o Brasil, no auge do seu totalitarismo pós-ditadura militar, insistam em nos encurralar e dilacerar nossas pernas.

[591] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

## 1.4 – A corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural: por uma política das semelhanças-na-diferença

> [...] a geopolítica e a corpo-política (entendidas como a configuração biográfica de gênero, religião, classe, etnia e língua) da configuração de conhecimento e *dos desejos epistêmicos* foram ocultadas, e a ênfase foi colocada na mente em relação ao Deus e em relação à razão.
>
> MIGNOLO. Colonialidade, p. 06, grifos meus.
>
> [...] hoje se percebe melhor como, no palco da arte *e no palco da vida*, *o gestual de inconveniência* do cantor e dos espectadores foi e continua sendo uma *forma paralela de resistência política a autoritarismos e a perseguições tradicionalmente preconceituosas*, acentuadas desde o golpe militar de 1964.
>
> SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17, grifos meus.
>
> Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? *Há corpos 'não marcados'? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do lugar do outro?*
>
> LOURO. *Um corpo estranho*, p. 69, grifos meus.
>
> O corpo alarga uma metáfora política.
>
> Não é república ou infalível.
>
> Tentativa única,
>
> *o corpo carrega o fado comum do poema*:
>
> *extravio e luta*.
>
> *Fortaleza e catástrofe*.
>
> MAROVATTO. *Tente entender o que tento dizer*, p. 137, grifos meus.
>
> [...] um planeta no qual as semelhas-na-diferença poderiam substituir a ideia de semelhanças-e-diferenças, manipuladas pelos discursos coloniais e imperiais. [...] a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas não numa única direção [...], mas *em todas as direções e temporalidades regionais possíveis*.
>
> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278, grifos meus.

Este subtítulo inicia exatamente *a partir* das minhas/nossas (Pedro/Silviano) *homo-bios-grafias* dos trópicos-sul-fronteiriços de onde o anterior terminou. Isso é, pelo atravessamento dos *entre-corpos-lugares* os quais angariei e articulei endossados pelo pensamento fronteiriço emergente dos nossos corpos-*corpus*-sensibilidades-*loci* de *anthropos* que não ensejam assujeitar-se às hegemonias

coloniais-modernas-imperiais dos *humanitas*, ainda que, dessas, não nos encontremos totalmente desvinculados. Nesse ínterim, complementador das reflexões chanceladas até agora nesse *trabalho-corpo-político*, debruçarei-me, agora, no plasmar da corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural endossada não por *semelhanças-e-diferenças*[592], as quais fomentaram o arcabouço epistêmico inventivo *da ideia* moderna de civilização ocidental[593], mas, sim, nas políticas das *semelhanças-na-diferença*[594] no evocar das múltiplas direções e temporalidades[595] epistêmico-sensíveis-corpo-locais possíveis.

Sob a pluma das epígrafes postas-expostas, sobretudo, a de Guacira Lopes Louro, intelectual brasileira versada nos estudos de gêneros e sexualidades, compreendo que os *corpos marcados*[596] carregam rastros, feridas e cicatrizes inscritas-vertidas pelas semelhanças-e-diferenças[597] na construção/invenção da alteridade (*o outro*)[598] pelos discursos e práticas coloniais, modernas e imperiais. Quando se fala em “corpos”, com raras ressalvas, automaticamente o imaginário sociocultural popular projeta signos masculinos, másculos-viris, brancos, *heterossexuais*, eurocêntricos e aquilatados em traços físicos institucionalizados subjetivo-coletivamente como “belos”. Desse ponto de vista, emergem as categorias *outras,* dos *corpos marcados*[599], as quais me debruçarei a seguir compreendidas como *inconvenientes*[600] e *desviantes*[601], em especial, no crivo das *homo-bios-grafias*,

[592] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[593] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[594] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[595] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[596] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[597] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[598] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 69.
[599] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[600] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.
[601] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.

legitimados como tal pelas semelhanças-e-diferenças[602] e não nas semelhanças-na-diferença[603], sendo essas a seara das reflexões que se seguem.

Para isso, recorrerei à *geopolítica e à corpo-política*[604] no tocante à fronteira-sul e a minha/nossa (Pedro/Silviano) inscrição escrevivente, haja vista o lócus, geoistórico e epistemológico, a partir do qual escre(vi)vo, sobrevivo e re-existo pelo atravessamento das minhas histórias locais, bem como pelas grafias *gays* que fundamentam meus desejos epistêmicos[605] e meu lugar de fala/sensível do mundo[606] no pluriverso à ênfase (im)posta pela razão moderna-colonial. Alicerçado pelo exercício de (auto)reflexidade[607], tomado do meu divíduo-aliado hospitaleiro Silviano, através dos palcos das artes-literaturas e das vidas[608], entrevejo a possibilidade epistêmica das gestualidades dos *corpos inconvenientes*[609] enquanto formas de resistências políticas ao angariarmos a obliteração dos autoritarismos e das perseguições[610] opressoras, em específico a mim/nós, heterossexistas normalizadoras.

Conforme o exposto pelo poema de Mariano Marovatto, *os corpos alargam metáforas políticas e carregam os fados comuns, extravio, luta, fortaleza e catástrofe*[611]. Para além de resistir, os (meus/nossos) *corpos desviantes*[612] re-existem[613], pois apenas resistir não é o suficiente, dado que isso significaria que as normas do jogo são controladas por alguém/algo a quem resistimos[614]. Pelo endosso

---

602 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
603 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
604 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
605 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
606 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
607 NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 99.
608 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
609 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.
610 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
611 MAROVATTO. *Tente entender o que tento dizer*, p. 137.
612 KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
613 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.
614 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

das semelhanças-na-diferença[615], destituídas de signos valorativos hierárquicos, evoca-se a recolocação dos desejos, dos afetos, dos corpos-*corpus, loci* etc. desautorizados pelo pensamento ocidental. Dessa forma, nossos desafios atuais e dos futuros globais residem nas possibilidades de angariarmos corpos transcendidos e destituídos da matriz colonial do poder lançando-nos ao vazio[616], visto que ainda não o conhecemos plenamente, de sociedades que prezem todas/todos vidas/corpos plenamente co-existentes em harmonia[617]. Diferentemente dos cenários de marginalizações que estão delineados, institucionalizados e expostos, sobretudo no Brasil, tal qual venho demonstrando e continuarei descortinando a partir das veredas homo-*bios*-gráficas/*corpo-geo-políticas*[618] da inconveniência desviante.

Sendo assim, segundo Silviano, à luz da definição do "Dicionário Houaiss", em "Inconveniências do corpo como resistência" (2019), a inconveniência é: "ação, dito ou fato que não é conveniente, *que não atende ao gosto, aos costumes ao bem-estar de outrem*; indelicadeza, *incivilidade*, indiscrição, grosseria".[619] No contexto da discussão não apenas *sobre*, mas, primordialmente, *a partir dos* corpos inconvenientes, o mineiro expressa que por mais de dois milênios as poéticas clássicas vieram causando repressão[620] aos corpos dos autores/dramaturgos/diretores/atores[621] dos textos em detrimento à primazia dos *corpus textuais discursivos* – a redundância se faz proposital. Exigia-se de todos, diante dos expectadores, que aludissem à indispensável exposição no palco e obedecessem às regras autoritárias do decoro[622].

---

615 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
616 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.
617 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.
618 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
619 HOUAISS *apud* SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16, grifos meus.
620 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.
621 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.
622 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.

Silviano reitera, ainda, que as poéticas teatrais canônicas desprezavam a imagem corporal ao vivo no palco com o objeto de dar prioridade ao *corpus*, texto representado pelo ator, o qual servia para escamotear o episódio censurado[623]. Assim, no plano desse cenário de exclusão frente a materialidade corpo-sensível dos sujeitos em cena, o mineiro de Formiga assevera que a discussão *sobre/a partir dos* corpos inconvenientes só pode se assentar em uma perspectiva que seja inversa/oposta às (tradições das) poéticas clássicas teatrais[624], pois o que está em voga na sua articulação é justamente *a exposição no palco* dos corpos inconvenientes. Para ilustrar a articulação, o mineiro evoca o corpo/*performance* do cantor brasileiro Ney Matogrosso, especialmente em uma apresentação da canção "Sangue latino" no Maracanã, em 1973, com o grupo "Secos & Molhados"[625]. Vejamos algumas imagens (Figuras 08 e 09) do grupo em questão no ato da *performance* no palco:



[623] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[624] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[625] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.

FIGURA 8 – Fotografia do grupo musical “Secos & Molhados” comandado por Ney Matogrosso na década de 1970 no Brasil
Fonte: https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/14860955.jpg?w=700

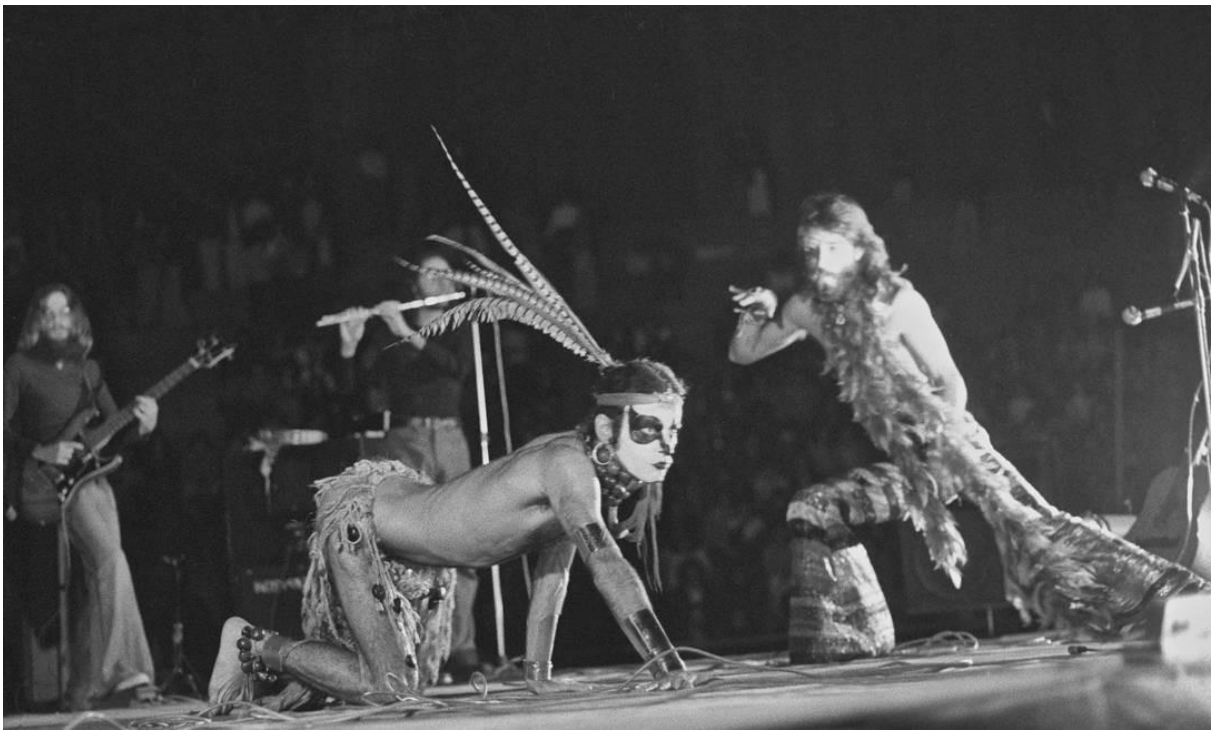


FIGURA 9 – Fotografia do grupo musical “Secos & Molhados” comandado por Ney Matogrosso na década de 1970 no Brasil
Fonte: https://ogimg.infoglobo.com.br/in/23867099-8af-6e5/FT1086A/652/53.jpg

Isso posto, compreendo que a crítica de Silviano aos cânones clássicos das poéticas teatrais, os quais deixaram de lado o corpo em detrimento ao *corpus*, atrelada à evocação do corpo de Ney Matogrosso em cena, performaticamente, no espaço público, transgredindo os costumes heterossexistas em vigência sociocultural[626] contribuem para a fomentação do que estou chamando epistemologicamente de corpos inconvenientes[627]. A presença desses, ainda que posta-exposta-vertida nos textos e nas palavras, encontra força motriz pulsante e latente nas *performances* dos sujeitos ambíguos/fronteiriços/*indecidíveis*[628] em cena no espaço-palco público, tal qual exemplificado pelo ensaísta mineiro a partir de Ney Matogrosso na década de

[626] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.
[627] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[628] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 239.

1970 e, como farei adiante, a partir da *drag queen* brasileira Pabllo Vittar nos meados da segunda década do século XXI. A inconveniência dos corpos, portanto, endossa-se mais pela imagem ao-vivo do cantor circunscrito pela política inerente a sua própria carne em cena do que à imagem expressa pelos textos, pelas letras das músicas e/ou pelo avesso das palavras[629].

Nesse viés, reitero que não é demais pontuar que o *corpo foi o relegado ao esquecimento na epistemologia moderna*[630] – fundamentada nas bases greco-latinas clássicas criticadas por Silviano – a qual pregou, à exaustão, a política identitária das semelhanças-e-diferenças para excluir e diferenciar. *Comparativamente*, entrevejo que a exclusão dos corpos em vias da exaltação dos *corpus* relaciona-se mais à política do *cogito* cartesiano racionalista moderno*,* "Penso, logo existo!"[631], afastando-se da corpo-política e da geopolítica[632], não-modernos, dos conhecimentos. Do ponto de vista epistêmico-fronteiriço e atravessado pelas políticas das semelhanças-na-diferença os quais estou calcado, não prezo, jamais, pela suposição de que se pensa para existir, mas, sim, que se pensa *a partir* das sensibilidades-desejos-afetos e *de onde*, geoistórico e epistemologicamente, se habita[633], como realizo à luz da minha fronteira-sul, que é tão minha quanto de Silviano sendo imaginária e física ao mesmo tempo. Da perspectiva subalterna, é necessário pensar menos em *racionalidades da razão*[634] e mais em *racionalidades das emoções e das sensibilidades outras*[635].

Na esfera do pensamento fronteiriço, o distanciamento da hegemonia cartesiana racionalista somado à devolução do biolócus (sensibilidades + localizações

[629] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.
[630] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26.
[631] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 27.
[632] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26-27.
[633] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 27.
[634] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[635] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.

geoistórico-epistêmicas[636]) conferem poder[637] àqueles expurgados, silenciados e marginalizados na produção dos saberes e na legitimação dos corpos hegemônicos *não-marcados*[638]. No tocante aos lugares das teorizações (*ser, vir de, e estar em*[639]), é mais que necessário insistirmos nas interligações entre produção de conhecimento e *loci* de enunciação dos atores sociais envolvidos nesse processo, visto que esses *loci* não são dados, mas, encenados[640]. A teorização fronteiriça relocaliza os limites entre o conhecimento, o conhecido e aquele que conhece[641], fato que, para Mignolo, justifica suas aproximações/cumplicidades com as *minorias socioculturais*[642].

No âmbito das diferenças coloniais e dos *loci*, reitero as condições de *estar* em somado ao *pensar a partir* das fronteiras[643], dos corpos-*corpus outros*, das categorias geoculturais, dos gêneros, das sexualidades, da política e das localizações geoistóricas latentes no mundo[644]. Abro um parênteses para me debruçar sobre o que venho chamando de *lócus geoistórico*[645] neste *trabalho-corpo-político*. De acordo com Mignolo, o local geoistórico não se restringe a um lugar geográfico específico, mas a um espaço geográfico com histórias locais particulares[646] – não contempladas pelos projetos globais – como as dos *pantaneiros, paraguaios, bolivianos, indígenas, bugres, andariegos*[647] no atravessamento da minha fronteira-sul. As políticas e as sensibilidades do indagar sobre os *biosloci* geoculturais chancelam de maneira complementar[648] as teorias e as agências humanas no exercício da teorização em

---

636 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
637 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
638 KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
639 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
640 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
641 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
642 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
643 ANZALDÚA *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 179.
644 ANZALDÚA *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 179.
645 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 254.
646 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 254.
647 NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 17.
648 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.

obliterar pretensões universalistas racionais modernas em que *algumas* formas de conhecimentos e de corpos, *e não outras*, são marcadas enquanto objetos, primitivos e bárbaros[649].

O pensamento teórico, bem como os corpos que o produzem, não se encontram, jamais, extrínsecos e/ou desvinculados aos *loci* linguísticos, epistemológicos e geoistóricos[650]. A escrevivência homo-biográfica a qual articulei anteriormente já nos comprovou essa premissa. Enfatizar os lugares de enunciação e emergência das teorias desvela o fundamento que essas não são criadas e/ou produzidas *por um sujeito universal situado na história local do Ocidente*[651]. Pelo contrário, as produções críticas-artísticas-performáticas localizam-se na condição de atravessamento por línguas, corpos, histórias e sensibilidades específicos[652]. É basilar que se compreenda que *não existem verdades universais*[653] válidas para todos os sujeitos, tempos e/ou lugares do mundo.

Voltar-se para os *loci* geoistóricos respaldados pela política de (história) local[654], frente a hegemonia dos projetos globais modernos, implica deixar claro e delimitado que não existe uma macronarrativa/teoria/corpo universal para tudo que é imaginável, ou seja, as supostas totalidades não têm correlação ontológica[655], mas, apenas discursivo-enunciativa, tal qual já explicitei. Mignolo expõe a emergência de transcendermos a cultura monotópica do conhecimento[656] (repositório das estruturas sociais e econômicas de opressões, dominação e subordinação) para *aprendermos a desaprender para re-aprender* que o pensamento é, simultaneamente, *universal e*

[649] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.
[650] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.
[651] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.
[652] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.
[653] WALLERSTEIN *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 261.
[654] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[655] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[656] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.

*local*[657]. *Universal*[658] na medida em que é um pressuposto básico de certas espécies de organismos vivos e *local*[659] por não existir no vácuo, haja vista que o pensamento corresponde a necessidades materiais e locais.

Portanto, compreender o pensamento pelo crivo da simultaneidade universal-local[660] é entendê-la pela égide do *pensamento liminar*[661] e não da visada binária-maniqueísta entre corpo e alma/mente, visto que esta foi usurpada pela *episteme* moderna e universalizada pelo racionalismo. Fecho o parênteses. Busco, dado o exposto, reinserir os corpos *outros*, tais como os inconvenientes (os quais venho delineando) e os desviantes (que serão discutidos *a posteriori)*, nas políticas das semelhanças-na-diferença[662] que não totalizam, tampouco, homogeneízam[663] as diferenças coloniais, mas, sim, as reinserem na cerne dos discursos críticos como forma de pensar fronteiriçamente/descolonialmente a partir das exterioridades das semelhanças-e-diferenças[664] que nos excluíram de forma radical[665] ao propor valores hierárquicos às nossas produções, saberes e corpos-*corpus* contaminados pelas diferenças coloniais.

Pressupor que os *corpus* têm mais importância que os corpos, sobretudo, os das diferenças coloniais, implica prezar por monotopias universalistas reiteradas pelo pensamento moderno colonial racionalista, por excelência. À diferença, a corpo-política da inconveniência desviante, a qual estou delineando neste *trabalho-corpo-político*, pressupõe o afastamento e a separação do *cogito cartesiano* reiterando a

[657] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.
[658] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.
[659] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.
[660] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.
[661] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 285.
[662] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[663] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 80.
[664] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[665] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 91.

premissa de que *somos a partir de onde pensamos*[666]. Fronteiriçamente, a corpo-política está voltada para os corpos que foram ignorados pelas hegemonias imperialistas modernas e conclamados à égide de *corpos inexistentes*[667], isso é, *corpos outros expurgados à exterioridade*[668], tais como o meu, o de Silviano, o de Ney e o de Pabllo Vittar – a qual tratarei em específico adiante – corpos atravessados por desejos, afetos, *performances* e sensibilidades desviantes às normas institucionalizadas. A inconveniência, dito isso, é uma contraproposta de re-existência artístico-performática coletiva[669] à clave de *corpos inexistentes*[670] aplicadas ao nossos corpos das diferenças coloniais. Para Mignolo:

> A corpo-política é um componente fundamental do pensamento descolonial, do fazer descolonial e da opção decolonial, ao revelar, primeiramente, as táticas da epistemologia moderna de afirmar-se a si mesma na *humanitas* do primeiro mundo desenvolvido, e, por outro, de empreender a criação de saberes descoloniais que respondam às necessidades dos *anthropos* do mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento.[671]

À vista disso, Nolasco empreende que a corpo-política reside justamente no lado escuro da modernidade, na colonialidade, ou melhor, *do outro lado da fronteira*[672]. *Nossos corpos estão situados nas fronteiras*[673] e, em maior ou menor grau, no palco da vida[674] cotidiana e/ou no da arte sob a pluma das inconveniências artístico-performáticas angariadas por Silviano. Em vias dessas reflexões, entendo que negar que escre(vi)vemos, performarmos, tal qual Ney, e re-existirmos como povos-corpos-*corpus*-saberes colonizados é negar nossa própria história[675]. Entretanto, a (auto)consciência colonial é propriamente modificada pelas nossas experiências e pelas relações/diálogos que propomos com as nossas próprias tradições e histórias

---

666 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 27.
667 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.
668 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.
669 SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
670 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.
671 MIGNOLO *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 26, grifos do autor.
672 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.
673 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 28.
674 SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
675 DAS *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 239.

intelectuais/locais[676]. Ainda que, hoje, o colonialismo não tenha o mesmo efeito que há 180 anos, as diferenças coloniais *sobrevivem* com toda força latente e se rearticulam com as novas formas globais de colonialidade do poder[677].

Na proposição das diferenças coloniais que grassam no mundo e apagam, oprimem, excluem e expurgam corpos *outros*, há que pensarmos na existência e na institucionalização de um *sujeito-corpo cognoscitivo transcendental*[678] que está, intimamente, arraigado ao que já discuti enquanto *aparência natural do mundo*[679] – a qual tanto eu quanto Silviano na posição de homossexuais latino-americanos-brasileiros-fronteiriços estamos extrínsecos. A aparência natural do mundo, por sua vez, terminantemente, rechaça e exclui corpos inconvenientes/desviantes, dado que não se enquadram na projeção empírico-ocidental de ser homem, *heterossexual* e pertencente à classe média[680], elementos preponderantes para o sujeito-corpo cognoscitivo transcendental. Logo, a exclusão dos corpos (*outros*) frente a hegemonia textual-discursiva racionalista se ancora na particularidade sociocultural racionalista dos sujeitos cognoscitivos[681] afastando-se de qualquer perspectiva de cunho corpo-político e/ou geopolítico.

Diante disso, do prisma fronteiriço, entrevejo que pensar politicamente em sensibilidades requer refletir nos imbricamentos das nossas questões *outras de anthropos* no plasmar do gênero, sexualidade, raça ou até mesmo nas configurações de classe[682]. Como já explicitei e julgo necessário reiterar, minha discussão se projeta no chancelar da sexualidade, em específico, da homossexualidade por esta ser o meu

[676] DAS *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 239.
[677] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 271.
[678] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 175.
[679] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[680] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 175.
[681] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 175.
[682] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 178.

lugar de fala enunciativo-sensível[683] e escrevivente do mundo, bem como o do meu aliado hospitaleiro Silviano imbricado epistemologicamente em meus corpo-*corpus*. É a partir dos traços das nossas *homo-bios-corpo-grafias* que escre(vi)vo para mim e para meu mineiro de Formiga. Dessa maneira, minhas articulações se voltam menos para a necessidade teórica de se propor verdades abstratas[684] e mais pelo delinear de preocupações éticas e políticas corroboradas pelas estruturas de dominação[685]. Angario, então, a emancipação humana como libertação e erradicação das matrizes de poder que sustentam tanto as hegemonias quanto as subalternidades[686].

Compreendo, atravessado por Nolasco, que negar as diferenças coloniais e a exterioridade *sub judice* de argumentos ditos universais é ignorar os mundos das exclusões que grassam no planeta[687]. No pluriverso a esse comportamento imperial-colonial-moderno, Silviano, imbricado pela concepção consciente ou não, das semelhanças-na-diferença[688], além de dialogar com a tradição literária e cultural brasileiras, a dessubalterniza[689] através do seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* arraigado pelos corpos inconvenientes/desviantes endossados por práticas plurilógicas e plurit(r)ópicas[690] de subversão/transcendimento das *doxas* modernas e valorativas da semelhanças-e-diferenças. Sendo essas as responsáveis pelas histórias mal contadas[691], isto é, falar pelo outro promovendo universalismos abstratos[692] e hierarquizantes.

[683] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[684] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 178
[685] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 178
[686] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 178
[687] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 94.
[688] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[689] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[690] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[691] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 79.
[692] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 79.

O projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do mineiro se descortina justamente pelo reverso/subversão do sistema colonial moderno[693] o qual relegou ao segundo plano os corpos-*corpus* das diferenças coloniais em detrimento aos dos homens brancos e heterossexuais do Primeiro Mundo, replicadores das políticas de identidade das semelhanças-e-diferenças. Silviano escre(vi)ve *a partir* de uma posição disciplinar descentrada[694], haja vista que o faz tomando por base os limítrofes do seu próprio corpo homo-biográfico incrustado no atravessamento das fronteiras, tanto geoistóricas quanto epistemológico-sensíveis. O mineiro não escreve *sobre "Literatura"*[695], enquanto prática institucional canonizada pela própria modernidade, mas, sim, *escre(vi)ve inscre-vi-vendo-se a partir da literatura*[696] que é, ao mesmo tempo, exercício ficcional e teórico ambivalente, ou seja, a ficção é contaminada pela teoria e vice-versa.

Mignolo, em *Histórias locais/projetos globais* (2003), relembra que Aníbal Quijano (auto)descreve suas produções, e a ele mesmo, enquanto *descolonizações intelectuais*[697]. De certa maneira, pela égide comparatista entre o crítico peruano e Silviano, compreendo que meu aliado hospitaleiro, ainda que tomado por uma herança pós-moderna oriunda de sua formação intelectual, *abre a possibilidade* de lermos seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* à semelhança, ressalvadas as diferenças, do que afirmou Quijano. A nível exemplificativo dessa premissa, menciono a discussão que realizei anteriormente acerca das escrevivências homo-biográficas e dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos sob a chancela do projeto de Silviano compreendidos/alicerçados, sobremaneira, por uma epistemologia *outra*, não-

[693] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 96.
[694] GLISSANT *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.
[695] GLISSANT *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.
[696] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 86.
[697] QUIJANO *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.

moderna/de fronteira/descolonial. No imbricamento literatura-teoria, exercício latente e pulsante no projeto de Silviano, Mignolo corrobora:

> [...] quando "narrativas literárias" são também consideradas teorias em si mesmas, a distinção entre localização da produção teórica e cultural começa a desmoronar. [...] Se os discursos pós-coloniais (incluindo a literatura e as teorias) associam-se a pessoas (*provindas*) *de* países com heranças coloniais, é precisamente devido ao deslocamento do lócus da produção intelectual do Primeiro para o Terceiro Mundo. [...] as práticas teóricas pós-coloniais não estão apenas mudando nossas visões dos processos coloniais, mas ao estabelecer ligações epistemológicas entre locais geoistóricos e produção teórica, estão também desafiando as próprias bases do conceito de conhecimento e compreensão.[698]

Dado o fragmento acima, reitero que *quando narrativas literárias são também consideradas teoria em si mesmas, a distinção entre localização da produção teórica e cultural começa a desmoronar*[699]. Silviano, portanto, propõe esse desmoronamento entre a dualidade literatura/teoria aquilatando um pressuposto *outro* de razão, pautada nas sensibilidades, emoções, desejos e corpos *outros*, sob a pluma de *loci* diferenciais de enunciação[700]. Diferencial[701] na medida em que desloca para uma prática *outra*, das semelhanças-na-diferença, as compreensões de conhecimento, ciência, teoria, literatura, arte, corpos etc., fundamentos esses articulados no decorrer da modernidade[702] arraigada à colonialidade. O escritor-ensaísta mineiro oblitera o entendimento falacioso de que o Terceiro Mundo, e seus corpos marcados[703], produzem apenas "cultura"[704] enquanto o Primeiro, e seus corpos não-marcados[705], criam "conhecimento científico"[706].

Voltando-me à articulação dos corpos inconvenientes, atravessada pelas políticas das semelhanças-na-diferença, compreendo que Silviano trabalha *pari passu*

---

[698] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165, grifos do autor.
[699] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 165.
[700] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 167.
[701] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 167.
[702] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 167.
[703] KILOMBA *apud* OLIVEIRA. Grada Kilomba, s/p.
[704] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 172.
[705] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[706] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 172.

*os* corpo-*corpus* inconvenientes/desviantes inscre(vi)vendo não só o *seu* corpo, mas os *nossos* corpos e o poder de re-existência coletiva[707] que a inconveniência desses pode corroborar. Na concepção do corpo inconveniente à luz da *performance* de Ney Matogrosso, em 1973 diante do Maracanã lotado, meu divíduo-homo-biográfico assente que o poder dessa imagem performativa é tão revolucionária que influenciaria a conquista da participação política popular na fase "abertura" do processo de democratização[708] do país acarretando, então, em um projeto sociopolítico[709] da juventude brasileira afiançada por vitórias e conquistas nas lutas dos grupos minoritários pela cidadania e exercício das identidades[710]. Penso, nesse sentido, que para além de ser um corpo inconveniente, este é político e epistemológico, por excelência.

A inconveniência[711], portanto, é o momento da *performance* no palco que o corpo do cantor se torna indelicado, incivilizado, indiscreto, grosseiro, corruptor, transgressor, não atendendo aos gostos e costumes sociopolítico-culturais postos e institucionalizados, para me valer de algumas das definições previamente supracitadas do "Dicionário Houaiss"[712]. O corpo inconveniente é mutante e significa[713], ademais, sua experiência é acoplada aos corpos dos jovens espectadores em pílulas de re-existências homeopáticas[714], de modo lento, orgânico e, quiçá, definitivo[715]. A juventude espectadora de *performances* musicais, seja ao vivo ou em casa através da mídia, é atravessada por processos que transformam e moldam suas

[707] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[708] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[709] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[710] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[711] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[712] HOUAISS *apud* SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 16.
[713] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[714] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.
[715] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.

personalidades privadas/públicas[716] em construção e, quando embebidas das pílulas homeopáticas das inconveniência dos (seus) corpos pelo crivo da mediatização da imagem ambígua e irreverente do cantor, desvela-se um processo de ressurgimento pessoal ainda mais autêntico e forte[717] para se viver mais feliz e em liberdade plena[718]. Institui-se, pelo crivo da arte subversiva, a (auto)consciência política de prezar pela própria vida e, por extensão, por *todas as vidas*.[719]

O jovem, ainda que singular e anônimo, enseja e busca viver nos espaços públicos e/ou no seu quarto de dormir à semelhança do corpo do artista livre e exposto no palco[720]. Publicamente, a juventude replica, pelo crivo dos seus próprios corpos, sensibilidades e encenações socioculturais, os gestos de ruptura promulgados pelo artista performático tirando-lhe o véu individual da inconveniência do corpo tornando-a *coletiva*[721]. É pela contaminação subversiva artista-espectador que se alargam as fronteiras das inconveniências dos corpos no processo das reconfigurações identitárias ao colocar-se em xeque e, por extensão, subverter-se as ordens disciplinares e os controles comportamentais dos sistemas socioculturais político de natureza repressiva[722]. Vejamos, mais uma vez, o corpo inconveniente, subversivo e revolucionário de Ney Matogrosso, agora, em épocas diferentes. Primeiramente, na década de 1970 (Figura 10), ainda com o grupo “Seco & Molhados”, e, em seguida, em 2008 (Figura 11), já em carreira solo pelo Brasil:

[716] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[717] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[718] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[719] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 294.
[720] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[721] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[722] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.



FIGURA 10 – “Secos & Molhados” na década de 1970
Fonte: https://mondomoda.files.wordpress.com/2009/09/secos-molhados-reproduc3a7c3a3o2.jpg?w=723



FIGURA 11 – Ney Matogrosso performando em carreira solo (2008)
Fonte: https://musica.uol.com.br/album/ney-matogrosso-inclassificavel_album.jhtm

Diante desses corpos postos-expostos, em épocas distintas, pelas imagens de Ney Matogrosso, Silviano me ajuda a reiterar que os corpos inconvenientes, independentemente de suas temporalidades, sejam os dos artistas ou dos espectadores, sofrem represálias[723] e opressões, simbólico-discursivas-civis-epistêmicas estendendo-se às físico-destrutivas, por circunscreverem em si mesmos o político, a ruptura e a insubordinação, como venho delineando pela égide das *homo-bios-grafias*. Em *tempos de chumbo*[724], como conclama Silviano no que tange aos períodos de repressão, ao se alargarem os horizontes às pluriversalidades[725] e às multidireções[726] comportamentais, aproximando-se mais ao que venho delineando de políticas das semelhanças-na-diferença[727], o jovem é tomado por processos de ressubjetivação[728] e até mesmo uma remodelação de fundo teatral[729] pelo corpo em plena inconveniência performática posto em cena pelo artista.

Há, na juventude espectadora, assim como no artista, sem restrição de idade, o desejo de adaptar-se mimeticamente ao presente na esperança de dias/vidas melhores[730] em mundo mais possíveis e igualitários às *diversalidades*[731] e às diferenças (coloniais, sobretudo) que grassam nas sociedades e que imperam nos corpos e nas marcas de poder a eles impostos. Em contextos específicos, o jovem enseja poupar-se de constrangimentos familiares, escolares, sociais etc. imbricados por preconceitos políticos que *padecem na carne*[732]. *Diversalmente*[733], angaria-se inserir as diversidades das histórias locais, corpos-*corpus*, desejos, sensibilidades,

[723] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[724] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[725] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321-322.
[726] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[727] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[728] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[729] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[730] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[731] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135-136.
[732] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[733] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135-136.

afetos, ausências, presenças etc. em um projeto universal[734] *pluri-tópico e pluri-versal*[735] deslocando a aparência natural do mundo e a proposição de um sujeito cognoscitivo abstrato pautado em semelhanças-e-diferenças que só fizeram expurgar, oprimir, rechaçar e silenciar os corpos-sensibilidades-saberes dotados de diferenças coloniais.

Dessa forma, a revolução comportamental[736] política, corroborada pelo corpo inconveniente do artista na cena performativa pública, influi a juventude a pleitear participações coletivas na contracorrente ao *status quo*[737] e, ainda que inconscientemente, aos legados coloniais-modernos e teorias itinerantes[738] imperantes no Brasil há séculos promovendo opressões corpo-sensíveis-epistêmicas desenfreadas, tal qual visto no tocante aos *homossexuais*, mas passível de ser estendido, também, às mulheres, aos negros, aos indígenas etc. Assim, ao artista imbricar sua arte-política-epistêmica com a sociedade e seus cidadãos, em específico, os jovens, entrevê-se frutos rebeldes[739] promovedores de transformações socioculturais-políticas brasileiras nas décadas que se seguiriam ao fim da ditadura militar.

Para Silviano, nos anos precisos pós-ditadura militar, sob influência também da re-existência promovida pelos corpos inconvenientes em cena, houve a criação de formações-em-coletividades[740] de grande parte da juventude brasileira. Coletividades *irreverentes, escandalosas e irredutíveis*[741]. As sociedades se transformam, muitas

[734] GLISSANT *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 253.
[735] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321-322.
[736] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.
[737] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.
[738] O conceito de "teorias itinerantes" será discutido mais adiante nesse *trabalho-corpo-político pari passu* à articulação crítica de "epistemicídio".
[739] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.
[740] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[741] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

vezes, sem sabê-lo[742], afirma meu divíduo-fronteiriço na esteira de Michel Foucault. Não necessariamente há que se ter consciência acerca dessas mudanças, elas se tornam[743] e transformam. Algumas vezes, se sucedem de maneira não necessariamente programada e, no plano das inconveniências erigidas das artes, podem emergir dos espetáculos, afetos, amizades, amores, desejos, espaços públicos[744] etc. Interessa, portanto, menos a individualidade do corpo do artista e mais a ressonância desta em termos de coletividades[745] socioculturais *outras*. Em ritmo e coletivamente, a juventude começa a pôr o pé na porta dos seus respectivos armários onde se trancafiavam as vergonhas de *ser em público*[746] – tratarei mais adiante a questão do *sair do armário*.

Assim, a experiência transitiva, fronteiriça/*indecidível*[747], segundo o ensaísta mineiro, é o fundamento da amizade entre os corpos inconvenientes[748] formados em coletividades de re-existência e subversão nos espaços públicos da sociedade. Essa experiência de amizade e re-existência, distingue-se, sobremaneira, dos três processos principais de formação do jovem, o familiar, o religioso e o educacional[749]. Para esses, em geral, resguardam-se gestos homogeneizadores/castradores[750] totalmente contrários à experiência do corpo inconveniente posto-exposto no palco pelo artista em *performance*. A prática da inconveniência angariada pela arte subversiva desvia o jovem do totalitarismo intrínseco às castrações familiares, religiosas e educacionais ao fomentar sua responsabilidade para libertar-se[751]

[742] FOUCAULT *apud* SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[743] FOUCAULT *apud* SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[744] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[745] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[746] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[747] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 239.
[748] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[749] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[750] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[751] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

angariando vidas privadas e públicas que levem em conta suas próprias sensibilidades, afetos, desejos, histórias locais, e, sobretudo, *seus corpos*.

Dito isso, ainda no prisma das formações-em-coletividades, Silviano explicita que essa juventude, de corpos inconvenientes, *irreverentes, escandalosos, irredutíveis*[752] e re-existentes, ensejavam reinvindicações socioculturais-políticas emancipatórias comuns[753] com interesses amplos e plurais. Esses jovens buscavam emancipar-se menos nos campos ideológicos e mais em direção a presentes compartilhados/coletivos *diversais*[754], como diria o pensamento fronteiriço, e inventados[755]. Metaforicamente, de acordo com Silviano, isso se daria exatamente *quando o sujeito passasse a ser e a estar no mundo pelas cosquinhas que faz na pele da História e da Sociologia*[756]*.* Todavia, anos após essas lutas e conquistas emancipatórias, a política tornaria a nos atacar pelo crivo da imposições de regras religiosas e de ideários tacanhos de perseguição às inconveniências e às diferenças[757] (coloniais).

Em 2019, ano de posse do então presidente Jair *Messias* Bolsonaro – grafo o segundo nome em itálico em tom irônico, haja vista a contaminação religiosa/conservadora imbricada nos discursos e práticas desse sujeito –, entrevê-se a disseminação de discursos políticos, alinhados ao conservadorismo heterossexista latente, na busca por erradicação das leis de direito/conquistas dos grupos marginalizados[758], dentre deles, de nós homossexuais, *sub judice* de argumentos indecorosos, de raiz cristã-normativa, tais quais, no pluriverso, os gestuais políticos-

[752] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[753] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[754] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 135-136.
[755] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[756] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[757] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[758] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

públicos-corporais das inconveniências do artista no palco[759]. Nesse tocante, Silviano nos relembra que hoje[760] se percebe melhor as gestualidades das inconveniências corpo-artísticas, atrelados não só aos palcos das artes, mas, das vidas, no endosso de resistências políticas a autoritarismos e perseguições[761] de matriz opressora, preconceituosa e totalitária, replicada por Bolsonaro, a qual foi acentuada desde o golpe militar de 1964 que, coincidentemente (ou não), o então presidente tem grande apreço.

Para Bolsonaro, a Bíblia pesa mais que a Constituição[762]. Essa é a premissa da crítica de Silviano no que convém ao momento político-histórico-social-cultural que vivemos, experienciamos, sobrevivemos e *(r)existimos* com a inconveniência e o desvio imbricados em nossos corpos tomados pelas diferenças coloniais que nos fundamentam enquanto *outros*. O cenário corroborado pela eleição de Bolsonaro em 2018, e empossado em 2019, com justificativas óbvias, poderia levar-nos a um pessimismo (o qual fui, em certo momento, tomado) social-epistêmico-sensível latente no que se refere à possibilidade do *triunfo da barbárie*[763] ao colocarem em xeque, por exemplo, julgamentos de conquistas mínimas na comunidade LGBTQIA+[764]. Contexto o qual o presidente enunciou que gostaria de ter um juiz evangélico na Corte Suprema a fim de barrar discussões tangíveis a crimes de ódio, tais como a homofobia, recentemente equiparada legalmente ao racismo[765].

Entretanto, como relembra Oscar del Barco, filósofo argentino citado por Mignolo em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), ainda que a

[759] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[760] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[761] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.
[762] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[763] BARCO *apud* MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
[764] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[765] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.

barbárie pareça ser definitiva, não temos outro horizonte civil-epistêmico a não ser a luta[766]. Em certo momento, os intelectuais de hoje desaparecerão, todavia, os oprimidos continuarão existindo e elaborando teorizações que encampem suas necessidades e esperanças[767]. Não há outra saída que não seja a luta[768] implicada pela insubordinação somada à desobediência epistêmica-civil. As lutas, a teorização *outra* e os corpos da inconveniência desviante angariam transformações de cunho semelhante-na-diferença[769] em vias de trazer à voga processos *plurilógicos e pluritópicos*[770] que obliterem a universalidade monotópica incutida nas semelhanças-e-diferenças[771]. Ao arcabouço desta, relegou-se as diferenças *dos outros*, a citar *os bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos*[772], ademais, eu e Silviano da óptica do governo heterossexista-cristão-conservador de Bolsonaro no Brasil desde 2019.

Pensar em um mundo/sociedade/futuro em que prevaleçam as políticas das semelhanças-na-diferença[773] implica substituir o universalismo abstrato das semelhanças-e-diferenças por universalismos pluritópicos e pluri-versais que chancelem as co-existências igualitárias de *todas as vidas* atravessadas por *todas as corpo-políticas* e *geopolíticas*[774]. É promover, pois, a existência de todas as direções, *loci*, sensibilidades, corpos-*corpus* e temporalidades regionais possíveis[775]. Dito isso, entrevejo, atravessado por uma conceituação *outra* da dita barbárie, que, frente a esse cenário de lutas, inconveniências, desvios e teorizações de cunho fronteiriços, nossos

[766] BARCO *apud* MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
[767] BARCO *apud* MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
[768] BARCO *apud* MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
[769] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[770] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[771] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[772] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[773] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.
[774] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 16-17.
[775] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 278.

corpos de sujeitos subalternos (subalternidade enquanto uma perspectiva[776]) implicam a emergência e a projeção de uma *teorização bárbara*[777], por excelência. De acordo com Mignolo:

> [...] a teorização pós-ocidental/colonial [é] uma espécie de 'teorização bárbara': uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito de racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando, precisamente, a partir da situação na qual foram colocados, sejam eles judeus, muçulmanos, ameríndios, africanos ou outros povos do 'Terceiro Mundo' [...] [é] *escrever* [...] *a partir da 'marginalização e da 'barbárie'* [...] do 'local filosófico' onde a localização não é apenas geográfica, mas *histórica, política e epistemológica* [...] contribuíram para mostrar os limites da civilização e a ascensão da 'teorização bárbara' ([...] pós-colonial, feminina [...] *homossexual* etc).[778]

No caso do contexto social-político-cultural brasileiro a partir do qual escre(vi)vo em 2020, minha teorização bárbara, emergente do meu corpo desviante-inconveniente de homossexual, se projeta do "Terceiro Mundo" para o próprio "Terceiro Mundo"[779]. Isso porque estou endossado na contracorrente às políticas e aos discursos promovidos e reiterados pelo presidente da república estritamente opressor e violentador das sensibilidades, corpos, práticas e saberes *outros*, não só da população LGBTQIA+, mas, também, das mulheres, negros, indígenas etc. Nesse ínterim, Silviano, ao ser entrevistado em Buenos Aires por Adrián Melo em 2019[780] e discorrer sobre os corpos inconvenientes, descortina que quando fala sobre as resistências contra a ditadura, na realidade, não está se referindo apenas ao golpe militar de 1964, mas, sim, à ditadura do presente[781], ainda que mascarada. O ensaísta mineiro traz à evidência questões e celeumas para pensarmos e propormos maneiras de *resistirmos na atualidade*[782].

---

[776] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[777] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 157.
[778] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 157-158, grifos meus.
[779] Não estou desconsiderando a possibilidade das minhas formulações críticas emergirem para o Primeiro Mundo. Em específico, nesse momento da discussão, pontuo essa projeção do Terceiro Mundo para ele mesmo a fim de me contrapor aos legados coloniais-modernos-ocidentais que vigoram no Brasil.
[780] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[781] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[782] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.

Isso posto, Silviano empreende que seu interesse epistêmico-crítico pesa mais para o lado das diferenças (e as leio enquanto diferenças coloniais) do que às desigualdades[783] – o que não quer dizer que essas não o interessem. Essa premissa é justificada por Silviano pela égide das disciplinares territoriais, sociologia e ciências sociais[784], que já externaram as desigualdades à exaustão teórica. Contudo, sem compreender a formação transitória do jovem que altera de posição/comportamento entremeado pela rebeldia e pela não convencionalidade singular[785]. A nível de ilustração desse cenário, a *performance* de Ney Matogrosso de 1973 é evocada na medida em que corrobora identidades coletivas juvenis pela chancela da inconveniência do corpo contrastante à vida burguesa[786]. É arraigar, portanto, formas de artes que são destacáveis a nível de delinear inconveniências coletivas aos períodos ditatoriais[787], quer queira, quer não, como o que vivemos no governo *bolsonarista* na segunda década do século XXI.

Dado esse cenário, Silviano nos relembra que a inconveniência posta em sua articulação, não quer se voltar, única e somente, para a atitude de ir contra os costumes[788], pois, a depender da óptica entrevista, Bolsonaro é extremamente inconveniente[789] – ainda que no sentido oposto ao atribuído aos nossos corpos desviantes. Na visada dessa perspectiva de resistência, de teorização bárbara e dos corpos inconvenientes, há ainda um outro elemento atrelado à articulação de Silviano que me chama a atenção e toca sensivelmente minha *homo-bios-grafia*, e, por extensão, grande parte (ou senão todos) os homossexuais ao redor do mundo: a

[783] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[784] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[785] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[786] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[787] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[788] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[789] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.

*metáfora/gíria norte-americana do "sair do armário"*[790], a qual, atualmente, entrevê possibilidades *outras* de sociedades e *loci* menos heterossexistas e mais não-binários, transgêneros, com identidades étnicas plurais[791] etc.

Em linhas gerais, socioculturalmente, "sair do armário" quer dizer afastar-se da compulsão heterossexual presumida[792] e *assumir-se* desviante à norma, *gay* e/ou lésbica, perante a sociedade, desde os espaços privados (família) estendendo-se às vivências públicas (amizades, amores). É o momento em que o sujeito homossexual encontra coragem para expor ao mundo a condição de homossexual que lhe foi imposta[793], isto é, as diferenças coloniais e a condição de *anthropos* a ele criada/aferida, e sobreviver/re-existir pelo crivo da sua emancipação e, por extensão, liberdade sexual, sensível, afetiva, corporal etc., ainda que, para tal, se esbarre em diversas represálias tais quais venho abordando. Entretanto, para Silviano, as formas de sair do armário são mais amplas[794] e plurais do que a restrição à homossexualidade convencionada pelo imaginário sociocultural.

"Sair do armário" é simplesmente não ter vergonha de não ser só *bicha*[795], mas, para além disso, de ser, também, negro ou negra, travesti, indígena, transexual etc.[796] de, cotidianamente, no palco não apenas da arte e, também, da vida, projetar seus corpos inconvenientes/desviantes e mostrar-se como tal[797]. De maneira coletiva, os jovens são influenciados pelos corpos inconvenientes, como o de Ney já exposto, os quais guardam e enclausuram nos armários as vergonhas, criadas pelas estruturas de opressões heterossexistas-racializadas-patriarcais-genocidas, de *ser e estar* em

[790] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.
[791] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 20.
[792] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
[793] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[794] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[795] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[796] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[797] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.

público[798]. A inconveniência dos corpos, nesse viés, desenquadra das molduras socioculturais e político-ditatoriais as formas dos ditos e supostos bons comportamentos e desvelam o véu das hipocrisias sociais[799]. Todavia, “sair do armário” e tomar para si o (auto)reconhecimento das sensibilidades, desejos, afetos, corpos-*corpus outros* e *performances* de gênero/sexualidade inconvenientes-desviantes, em contextos perpassados por características totalitárias e heranças/legados coloniais como o Brasil, requer coletividades, (auto)cuidados e re-existências, haja vista as diversas represálias as quais somos ou podemos ser submetidos.

Incorporamos a condição de barbárie a nós (im)posta e re-existismos politicamente reivindicando a força dos nossos corpo-fronteiras passíveis de criarem condições de desvelar a barbárie não em nós[800] (*anthropos*), mas, sim, *no-mesmo*[801], na heterossexualidade compulsória-sexista[802] que incute marcas de poder[803], simbólicas e/ou físico-materiais, nos nossos corpos desviantes[804]. Habitar nossas corpo-fronteiras subscreve as diferenças coloniais[805] marcadas no *padecer das nossas próprias carnes*[806]. Portanto, sob a pluma de todo o exposto *a partir* dos corpos inconvenientes, chego à sua cerne sustentada pelas *relações entre política e sexualidade*[807].

Segundo Silviano, é do seu interesse latente entrever as formas de resistências na legitimação de resistências políticas alternando-se, portanto, o cenário

[798] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.
[799] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 18.
[800] MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.
[801] MIGNOLO. Colonialidade, p. 14.
[802] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
[803] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 69.
[804] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[805] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.
[806] SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[807] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.

performático dos palcos para o contexto angariado no Congresso Nacional Brasileiro[808]. Assim, compreendo, no que convém não só ao espaço público supracitado, mas, também, aos seus desmembramentos espaciais-políticos, que as figuras dos políticos Marielle Franco e Jean Wyllys eram inconvenientes[809], por excelência. Paralelamente, não é à toa, tampouco, casual, que ambos os políticos experenciavam e inscre(vi)viam comportamentos inconvenientes-desviantes, haja vista que Jean é *gay* e Marielle era bissexual[810]. Resguardado por esse fato de imbricação da vida privada (sexualidade) à pública[811] (carreira política) somado às inscrições e aos pronunciamentos altamente voltados para as diferenças (coloniais) pluri-versais[812] e à possibilidade de co-existência[813] de mundos possíveis[814], um deles (Jean) foi outorgado a exilar-se do Brasil frente a série de ameaças político-homofóbicas, enquanto a outra (Marielle) fora assassinada[815] a tiros dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro.

A esses corpos político-inconvenientes-desviantes, delegou-se as represálias do exílio e do assassinado, respectivamente, explicitando as ligações entre público-privado[816] no tocante aos corpos inconvenientes e, sobremaneira, na questão sexual como elemento político que no Brasil está se delineando de maneira extraordinária[817] – no sentido pejorativo no termo. Inconvenientemente, *todo o político está atravessado pela sexualidade*[818] e, nessa chancela, Marielle e Jean, vidas essas encenadas na política, mostraram como a questão sexual é *um fundamento integrante da política*

[808] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[809] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[810] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[811] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[812] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 321-322.
[813] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[814] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.
[815] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[816] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[817] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[818] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.

*nacional*[819], tendo em vista que os espaços políticos de poder são, predominantemente, dominados por homens heterossexistas-patriarcais*. Fala-se mais de sexualidade do que de política, ou não se pode falar de uma sem a outra*[820].

Isso posto, à diferença do que venho defendendo neste *corpo-trabalho-político*, na mente desses supostos sujeitos cognoscitivos[821], predominantes nos espaços políticos de poder, impera-se, pois, ressalvadas as diferenças, uma lógica semelhante àquela oriunda da razão imperial-moderna-colonial a qual expunha como primazia a mente em relação a Deus[822] e à razão[823] centralizando-se nos âmbitos da heterossexualidade compulsória[824] e no falocentrismo dominante, sendo esses elementos imperantes na política brasileira. É preciso descolonizar-nos da teopolítica e da egopolítica[825], arraigadas às semelhanças-e-diferenças e voltar-nos para a corpo e geopolíticas[826] das semelhanças-na-diferença nas configurações biográficas de gênero, sexualidade, classe, etnia e desejos epistêmicos[827].

Esses, por sua vez, foram/são ocultados e silenciados pela matriz de dominação[828] político-cristã, conservadora e violenta que grassa no Brasil *sub judice* da legitimação discursivo-prática do então presidente da república. No crivo da percepção (homo) biográfica do corpo-político[829], Mignolo, na esteira de Fanon debatendo racismo, todavia, passível de ser articulado no prisma da sexualidade, explicita a necessidade de contrapormos epistemologicamente a corpo e

819 SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
820 SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
821 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 175.
822 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
823 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
824 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
825 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
826 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
827 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
828 MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.
829 MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.

geopolíticas[830], de fundo fronteiriço/descolonial, à egopolítica e à teopolítica[831] modernas-coloniais, proclamadas universais[832], na tentativa de resgar nossas corpo-sensibilidades[833] suprimidas e expurgadas pelas normas socioculturais conservadoras, bem como nossos *loci* geoistóricos dos corpos[834] inconvenientes e desviantes:

> Quando Frantz Fanon termina seu *Pele negra, máscaras brancas* com a prece: *Oh corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que se interrogue* [...] expressou, em uma só frase, as categorias básicas da epistemologia fronteiriça: a percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está arraigada assim como o corpo racializado, nas histórias locais marcadas pela colonialidade. Ou seja, um pensamento que faz visível a geopolítica e corpo-política de todo pensamento que a teologia cristã e a egologia (e.g. cartesianismo) ocultam.[835]

Dito isso, entrevejo que a "visão de mundo"[836], de caráter moderno e colonialista, a qual restringiu e ensejou bloquear afetos, sensibilidades, emoções e desejos *outros*, inconveniente-desviantes, contrapõe-se, em minha articulação, à "sensibilidade de mundo"[837] que venho angariando pelo crivo não só do meu corpo-*corpus* escrevivente homo-biográfico, e, sim, dos nossos, Pedro/Silviano. Nessa esfera, precisamos *aprender a desaprender para reaprendermos*[838] a pensar *a partir* das fronteiras que habitamos[839], não só as do Estado-nação, como as aquilatadas no repressor e totalitário Estado de Bolsonaro no Brasil, mas, ademais, as fronteiras do mundo colonial/moderno, sendo essas ontológicas e, sobremaneira, epistemológicas operando na articulação opressiva dos corpos, mentes e produções das exterioridades.

---

[830] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.
[831] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.
[832] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.
[833] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.
[834] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 17.
[835] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 16, grifos do autor.
[836] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[837] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[838] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[839] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

Nessa perspectiva de uma “visão de mundo” herdada da modernidade-colonialidade, a qual não contempla as sensibilidades *outras* e o prezar por todos os corpos-*corpus*, vidas desejos e afetos, retomo a questão do “sair do armário”, agora, no tocante, em específico, das implicações denotadas pelo verbo *assumir*[840] no plasmar das *homo-bios-grafias*. De acordo com Silviano, no ensaio “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações” (2004), o verbo *assumir*[841], no Brasil da décadas de 1960-1970 no Brasil, entronizava várias barras[842], as quais compreendo enquanto fronteiras. Primeiramente, se dava visibilidade às dicotomias público/privado nas vidas individuais[843], tal qual expus à luz de Marielle e Jean na política, fomentando fatores de dominâncias nas pesquisas sobre os sujeitos[844] *outros*. Nesse plano, desvela-se outra duplicidade de existência camuflada ainda mais complexa: a vida familiar *versus* a vida secreta (*closet)*[845] do homossexual.

Assumir-se, portanto, implicaria viver na contracorrente da família brasileira conservadora pautada em estruturas heterossexistas e patriarcais. À figura do homem, compulsoriamente[846], espera-se que se delineiem *performances claras* e binárias de gênero[847] (macho/fêmea) e de sexualidade[848] (heterossexual/homossexual) endossadas por construtos socioculturais másculos, grosseiros, não-sentimentais, desleixados e, essencialmente, heterossexuais-patriarcais não possibilitando aberturas para questionamentos. Assim, é justamente, ali, no entre-lugar entre essas *performances* compulsórias de gênero e de sexualidade

[840] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[841] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[842] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[843] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[844] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[845] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[846] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 258.
[847] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 162.
[848] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 162.

e a plena liberdade ser/estar/exercitar desejos e afetos *outros pari passu* aos *modus operandi e vivendi* dos corpos inconvenientes-desviantes que reside a metáfora do armário introjetada, à revelia, na vida dos *anthropos* homossexuais. Como no meu caso que, por um gesto de inocência e confiança durante minha adolescência, fui *retirado à força* do armário que, ao mesmo tempo me sufocava, mas, também, protegia-me. Os canais entre a homossexualidade e a heterossexualidade são incomunicáveis[849] e, entre eles, há o armário.

No que convém à família, Silviano reitera que esta sempre reagiu de maneira violenta aos comportamentos *gays* ou lésbicos assim como aos casamentos inter-raciais[850]. Dadas as condições de opressão e deslegitimação perpetuadas, salvo raras exceções, pela familiar nuclear[851], arraigada ao espaço privado fraternal, organizam-se vidas solidárias e privadas[852] projetadas aos espaços públicos na busca de coletividades que prezem pelas pluriversalidades e, por extensão, pela co-existência das diferenças (coloniais) e de todos os corpos (inconvenientes-desviantes) livres dos armários. Os corpos, nesse ínterim, *ligam-se a um ou a vários lugares*[853], geoistóricos e sensível-epistemológicos, na busca do exercício da vida de maneira mais digna, equiparada e liberta.

Tomando por base o estado de exílio[854] que o corpo inconveniente-desviante do homossexual ocupa na sociedade autocentrada na heterossexualidade compulsória e nos corpos não-marcados[855], compreendo a necessidade de não permitirmos os apagamentos das *nossas* sensibilidades[856] em virtude das represálias

[849] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[850] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 202.
[851] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 196.
[852] SANTIAGO. O homossexual astucioso, p. 198.
[853] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[854] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[855] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[856] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.

familiares, trabalhistas, escolares, políticas, midiáticas etc. as quais somos cotidianamente alvos. Ainda que tentem nos fazer entender o contrário, nossas sensibilidades têm um senso de territorialidade[857] ligado aos locais geoistóricos e epistemológicos que nos atravessam[858] e é ali, na conjunção desses *loci* com nossos semelhantes, que encontramos força motriz para re-existir e civil-epistemicamente desobedecermos.

À vista disso, entrevejo que as marcas[859] inscritas em nossos corpos pela força dos legados coloniais-modernos são justamente uma das condições *sine qua non* para crivarmos (auto)reflexões atuantes nas interseções das nossas memórias[860] expurgadas, dos acontecimentos que nos transpassam e nas esperanças quase utópicas[861] de futuros globais mais igualitários. Dessa forma, nossa luta se angaria, eminentemente, não em uma categoria[862], mas, sim, em uma perspectiva subalterna[863], por excelência. Isso quer dizer que estamos mais empenhados a teorizar a partir das relações "contratuais"[864] da subalternidade em posição de (des)obediência aos postulados coloniais e às veredas de dominação caras às configurações da modernidade[865], a exemplo: a "visão de mundo" dissipadora das sensibilidades *outras* e a presença do armário no introito de regular e expurgar as dissidências sexuais, ambos discutidos anteriormente.

Em termos comparativos, os sentidos de "periférico" e "subalterno" são análogos[866] se os tomarmos enquanto perspectivas daquilo que se situa em um

[857] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[858] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 264.
[859] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 256.
[860] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 256.
[861] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 256.
[862] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[863] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[864] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[865] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 259.
[866] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 270.

espaço relacional compreendido como inferior[867], tal qual venho delineando à luz das escrevivências homo-biográficas, dos *entre-corpos-lugares* fronteiriços epistemológicos e, agora, dos corpos inconvenientes/desviantes. Nesse viés, o triunfo dos estudos subalternos[868], pela égide de perspectiva, reside justamente na possibilidade de evitarmos a reinscrição das estratégias de subalternização[869] do conhecimento, dos *loci*, das sensibilidades, dos desejos/afetos não heterossexuais, além dos corpos das exterioridades que re-existem. Reitero, então, que só pode oferecer re-existência política o corpo inconveniente[870] e desviante, tais como o meu, o de Silviano, o de Ney Matogrosso e, em específico, o da *drag queen* brasileira Pabllo Vittar, a qual me debruçarei agora.

Para isso, relembro, na esteira da articulação de Silviano sobre/a partir dos corpos inconvenientes, que as ideologias das letras das músicas têm menor importância do que as *performances* no palco, ao vivo, dos artistas[871]. A exemplo, o mineiro assente que o corpo que re-existe não é o do cantor da "Bossa Nova"[872], sentado em um banquinho portando um instrumento musical, pelo contrário, é a imprevisibilidade subversiva não-normativa do corpo performático de Ney Matogrosso com movimentos misteriosos, sensuais e andróginos que projeta a possibilidade corpo-sensível-epistêmica de transgressão política[873]. A questão musical-performática, nesse tocante, é indissociável do corpo do cantor ou cantora em cena[874]. Ney transmite um *modus operandi e vivendi* de ser-estar-existir corporalmente no ato

[867] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 270.
[868] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 279.
[869] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 283.
[870] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[871] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[872] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[873] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.
[874] SANTIAGO. "Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución", s/p.

da *performance* destituído de qualquer vergonha[875] e/ou amarra sociocultural (im)posta. Dito isso, é a partir do introito sexual não-normativo/dissidente que se aquilata propriamente a re-existência libertária de se mover/comportar como *bicha* em uma visada ampla, ressignificada no pluriverso aos sujeitos normalizados[876]. Nesse contexto, vejamos imagens (Figuras 12, 13 e 14 abaixo) da *drag queen* Pabllo Vittar justamente no ato *performático* desenhado nos palcos:



FIGURA 12 – Pabllo Vittar performando no desfile da “Casa de Criadores” em 2017
Fonte: https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2017/05/09/pabllo-vittar-marca-primeiro-dia-da-casa-criadores.html

[875] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.
[876] SANTIAGO. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”, s/p.



FIGURA 13 – Pabllo Vittar performando no desfile da “Casa de Criadores” em 2017
Fonte: https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2017/05/09/pabllo-vittar-marca-primeiro-dia-da-casa-criadores.html



FIGURA 14 – Pabllo Vittar performando no desfile da “Casa de Criadores” em 2017
Fonte: https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2017/05/09/pabllo-vittar-marca-primeiro-dia-da-casa-criadores.html

É especialmente *a partir* da transgressão performática corpo-inconveniente de re-existir politicamente frente a totalitarismos de ordem heterossexistas e falocêntrica que se delineia o contorno de uma dissidência latente de Pabllo Vittar, à semelhança de Ney Matogrosso nos anos 1970 com o grupo "Secos & Molhados". A *drag queen* se faz necessária à contracultura artístico-sociopolítica da comunidade LGBTQIA+ ao imbricar emblemas fronteiriços, indecidíveis[877] e ambíguos de gênero e sexualidade no *mainstream* musical brasileiro, sobretudo, no atual momento político que vivemos atravessados pelas ideologias conservadoras e religiosas de Jair Bolsonaro perpetuadoras dos legados coloniais homofóbicos e teopolíticos[878]. Minha articulação epistêmica inconveniente-desviante entremeada pela figura não só de Ney Matogrosso, mas, também de Pabllo, se justifica especialmente por uma fala do então integrante do "Secos & Molhados".

Para Ney Matogrosso: "[...] quando me viam no palco, maquiado, com bigode e uma grinalda na cabeça, *requebrando como um ser híbrido,* [as pessoas] *ficavam ainda mais confusas*"[879]. Diante do fragmento exposto, entrevejo que Ney Matogrosso e Pabllo Vittar se aproximam na mesma medida que Marielle Franco e Jean Wyllys: todos esses, assim como eu e Silviano, são corpos inconvenientes que se desviam da compulsão heterossexual-normativa-patriarcal e desestruturam as fronteiras e as regras de gênero e sexualidade confrontando os legados imperiais, modernos e ocidentais da teopolítica[880] opressora e universalista tão bem quista tanto pelo presidente da república, quanto por boa parte dos políticos em exercício no Brasil. Temporalmente, Ney nos foi tão necessário na década de 1970 introjetando sua

[877] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 239.
[878] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[879] MATOGROSSO *apud* SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.
[880] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.

corpo-política da inconveniência nos palcos tal qual Pabllo é hoje, na segunda década do século XXI.

Pabllo descortina o horizonte crítico-epistêmico de que não resistimos porque somos *bichas*[881], mas sim, re-existimos politicamente pela opressão e pelas marcas de poder hegemônico-colonial incutidas[882], à revelia, em nosso corpos-*corpus* de *anthropos*. Essa diferença me permite entender que gênero, diferenças étnicas e sexuais[883] poderiam ser absorvidos pelo sistema vigente e postos na esfera da subalternidade interior[884]. Além disso, a existência inconveniente-política-desviante vem à tona para relembrar que tolerância e as semelhanças-e-diferenças não são suficientes para dar conta da reinscrição das nossas corpo-políticas na história da humanidade. Há que se prezar por *todas* as vidas no chancelar das políticas da semelhanças-na-diferença e nas co-existências angariando a dissipação das marcas de poder arroladas aos nossos corpos-*corpus* das exterioridades.

Para a artista e intelectual portuguesa Grada Kilomba, há uma narrativa universalista e monotópica do que é conhecimento, arte, corpos-*corpus*, sexualidade e gêneros[885] que exclui, rechaça, expurga e cria categorizações que desumanizam[886] e sub-humanizam[887] os corpos marcados os identificando enquanto *desviantes*[888], inferiores, insubordinados sendo tudo aquilo que não é representaria a nação[889]. Sendo assim, no plasmar dessas significações imbricadas no corpo e na *performance* inconveniente e re-existente de Pabllo, percebemos as dimensões patriarcais e

[881] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais,* p. 244.
[882] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais,* p. 244.
[883] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais,* p. 244.
[884] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais,* p. 244.
[885] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[886] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[887] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[888] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[889] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.

homofóbicas do colonialismo[890] que grassa e é legitimado, ainda, no Brasil. De acordo com a intelectual portuguesa, o colonialismo se apresenta em três dimensões[891]: a prática de marginalizações de determinados corpos e identidades, a capitalização de tudo que for possível e a militarização das relações humanas[892]. Nessa esfera, reverbera-se a política do medo[893] que cria *o outro* e seus respectivos *corpos desviantes*[894] para sustentar que esses são terríveis/perigosos e, portanto, há que se defender deles pelo estabelecimento de barreiras e fronteiras[895] sociais, culturais, políticas, econômicas, físicas, civis e artístico-epistêmicas.

Na contracorrente às imposições (im)postas pelas normativas do colonialismo, o saber e a arte se projetam enquanto *territórios de descolonização*[896], consciente ou não. À vista disso, Pabllo angaria esses *loci* descoloniais/fronteiriços a partir da pluversalidade performática do seu corpo inconveniente-desviante posto-exposto em cena nos palcos elaborando possibilidades de re-existências coletivas, tal qual Ney Matogrosso, às medidas totalitárias que angariam o exercício de colonizar aquilo que consideram como corpos sub-humanos. Indecidível, dissidente e fronteiriça, a corpo-política da *drag queen* brinca e joga com os signos de gênero e sexualidade estabelecendo a dúvida e a ambiguidade aos espectadores os desviando dos binarismos maniqueístas do que é *ser homem ou mulher*. Segundo Guacira Lopes Louro:

> A *drag* assume, explicitamente, que fabrica seu corpo, ela intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, realiza todos esses atos não porque pretende se fazer passar por uma mulher. Seu propósito não é esse, ela não quer ser confundida ou tomada por uma mulher. A *drag* propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. *O que faz pode ser compreendido como uma paródia do*

[890] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[891] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[892] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[893] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[894] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[895] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[896] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.

> *gênero: ela imita e exagera, se aproxima, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia*.[897]

A exemplo das imagens expostas (Figuras 12, 13 e 14) e do fragmento supracitado, entendo que a artista "bagunça" as *próteses de performance* de gênero, ora se apresentando de peruca (à semelhança de uma imagem estereotipada feminina), ora sem, e, ao mesmo tempo, com vestes, socialmente, atribuídas às mulheres *pari passu* à exposição do colo e dos mamilos masculinos. Conscientemente ou não, Pabllo desmantela as estruturas de poder na chancela da exposição pública de seu corpo inconveniente atravessado por linguagens visuais[898] e semânticas *outras*, não-normativas e pluri-versais. Ademais, no seu ato performático, descortina-se o horizonte dos corpos que são marcados ou não[899]. A esses, desvela-se o arcabouço da universalidade que produz o poder colonialista[900] e opressor incutindo corpos que correspondem à condição humana[901] e à nação e, por isso, a categorização não precisa ser mencionada.

Ou seja, quando se fala de corpo, em geral, é o corpo não desviante e heterossexual que o imaginário coletivo projeta. Quando falamos de homens, é aos heterossexuais que nos referimos. As marcas do poder, imbricadas pelos privilégios dos *humanitas*, resguardam-se aos corpos marcados dos *anthropos*, ou seja, às exterioridades. Contrapondo a normatividade heterossexual patriarcal, o corpo *queer*[902], marcado, dissidente e desviante de Pabllo é estranho, raro, esquisito. É o excêntrico que, enquanto *anthropos*, não quer ser "integrado", tampouco, "tolerado"[903]. A inconveniência corpo-política e desviante minha, de Silviano, de Ney e Pabllo

---

[897] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 78-79, grifos meus.
[898] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[899] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[900] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[901] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[902] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 08.
[903] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 08.

desvela nosso posicionamento de não angariarmos o pertencimento nem a referência universal ao/do centro[904]. Endossamos, em nossos corpo e geopolíticas das semelhanças-na-diferença pluri-versais, maneiras de pensar, ser e escre(vi)ver (seja epistemicamente ou em práticas performáticas artísticas) no exercício de desafiar normas socioculturais regulatórias assumindo e (auto)refletindo a partir dos nossos desconfortos da ambiguidade, do entre lugar, da fronteira e do indecidível[905]. Somos estranhos ao existirmos pela égide do incômodo, da provocação e do fascínio[906].

Corroborado pelas discussões apostas, sobremaneira, pela inconveniência angariada por Silviano, compreendo que para além de debruçar-me sobre a subalternidade pelo crivo de uma perspectiva, julgo necessário discuti-la pela égide da razão subalterna. Esta, segundo Mignolo, compreende a plêiade de práticas epistêmicas emergindo *dos* e voltando-se *aos* legados coloniais[907] ao propor o contramoderno enquanto espaço de controvérsia[908] que questiona as ordens ditas naturais, de si-mesmo/outro, civilizado/bárbaro[909] e, estendo ao recorte crítico aqui exposto, de corpos marcados/desviantes/inconvenientes e os não marcados. De modo simultâneo, a razão subalterna[910] se alimenta e é alimentada pelas práticas teóricas promovidas pelos movimentos de descolonização[911] emergindo como resposta epistêmica à necessidade de desestruturarmos e repensarmos as histórias narradas[912], ditas universais, pelo endosso da evocação das diferenças coloniais, incutidas nos meus/nossos corpos desviantes, marcados e inconvenientes.

---

[904] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 08.
[905] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 08.
[906] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 08.
[907] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139.
[908] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 140.
[909] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 140.
[910] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 143.
[911] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 143.
[912] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 143.

Ensejamos, portanto, um pensamento *outro*, da premissa das políticas de semelhanças-na-diferença, a fim de refletirmos *a partir e para além* das disciplinas hegemônicas, territoriais e ocidentais[913] embutidas nos corpos-*corpus* das diferenças coloniais. Pretendemos ir além dos legados imperialistas-ocidentais, das prescrições e divisões normativo-binárias de gênero, sexualidade, raça e etnia tomados pelo anseio de ultrapassarmos a subalternidade[914] aquilatando, pelo reverso, elementos possibilitadores de *formas subalternas de pensar e de re-existir*[915]. Para Louro, no tempo em que a Bíblia imperava pelo reconhecimento de "fonte de autoridade"[916], era no enunciado sagrado que se sustentavam as relações entre homens e mulheres e, por sua vez, as diferenças existentes entre ambos[917]. Todavia, nesse momento, o corpo era valorado com de menor importância tornando-se, posteriormente, primordial nas justificativas das diferenças[918] (coloniais).

Isso posto, ao longo do tempo, perpassados pela colonialidade e pelo ocidentalismo, os corpos dos sujeitos *vêm sendo indiciados, classificados, rotulados, ordenados, valorados, hierarquizados*[919] e definidos não só pelas aparências que expunham, mas, também, pelos desejos, *loci* geoistóricos e sensibilidades neles atravessados. Essas marcações se delineiam com base em emblemas de raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, nacionalidade[920] etc. e, por isso, hierarquicamente, conteriam valores maiores ou menores[921], tal qual venho demonstrando desde o início deste *trabalho-corpo-político*. Imbricadas nas semelhanças-e-diferenças, as

[913] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139-140.
[914] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139-140.
[915] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139-140.
[916] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.
[917] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.
[918] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.
[919] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 69.
[920] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.
[921] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.

categorizações corporais delineiam os espaços e os lugares dos sujeitos emitindo marcas de poder opressor na cultura a qual estão inseridos[922]. Em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), a historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz explicita que:

> Toda sociedade elabora seus *próprios marcadores de diferença*. Ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral, de inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência. [...] De outra parte, o aumento da percepção social da igualdade, com a inclusão de novos sujeitos políticos, muitas vezes acaba por gerar insatisfação em setores da sociedade que tendem *a considerar "o outro" como menos legítimo e dessa maneira lhe negam o direito a uma cidadania plena, condicionada pela "diferença" que ostentam*.[923]

Todavia, essas marcas de poder não são estáveis e precisam, continuamente, serem reinventadas e reiteradas para garantir a solidez e a permanência[924] das hierarquias angariadas pela matriz colonial de poder[925]. Dentre os espaços socioculturais de investimento e (de)marcação corporal estão, dentre outros, as famílias, escolas, igrejas, leis, mídias e médicos[926] contaminados pelos legados coloniais, modernos e ocidentais de racialização[927], isto é, a óbvia negação das humanidades *outras*. As normas de regulação dos corpos-*corpus* estabelecem limites de sanidade, legitimidade, moralidade e/ou coerência[928], tendo em vista a/o inconveniência/desvio das fronteiras aquilatados pelos *corpos* outros marcados como ilegítimos, imorais e/ou doentes[929]. Assim sendo, para Louro, não existe um núcleo plenamente efetivo, estável e confiável[930] o qual as normas, por exemplo, de sexo-

[922] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 70.
[923] SCHWARCZ. *Sobre o autoritarismo brasileiro*, p. 174-175, grifos meus.
[924] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 75.
[925] MIGNOLO. Colonialidade, p. 09.
[926] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
[927] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[928] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
[929] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
[930] LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.

gênero-sexualidade possam ser replicadas com segurança, há que reinventá-las de tempos em tempos[931].

Da mesma forma no que convém às re-existências políticas de transgressão que necessitam se reinventar e se deslocar para transcender e descolonizar as imposições universalistas das semelhanças-e-diferenças que hierarquizam corpos-*corpus*, desejos, sensibilidades, afetos e *loci* geoistóricos e epistemológicos em marcações binárias e maniqueístas de poder. Nos dois casos, é *a partir do corpo e através* dele[932] que as práticas de afirmação e/ou transgressão/descolonização das regulações opressoras se realizam e delineiam-se. Então, atravessado por Louro, entrevejo que os corpos-*corpus*, inconvenientes/desviantes ou não, são marcados de maneira sociocultural, simbólica e material por seus habitantes ou até mesmo por terceiros[933]. Por isso, a corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural só pode ser pensada com base nas políticas das semelhanças-na-diferença e *a partir da fronteira*[934].

Tendo em vista que entrevejo os meus/nossos corpos homossexuais enquanto *a própria morada da fronteira*, incute-se, sobremaneira, pensar à luz das nossas (auto)inscrições-reflexões da perspectiva subalterna[935] e dos *loci* geoistóricos e epistemológicos os quais estamos atravessados. Pensar *a partir das* (nossas próprias) fronteiras[936] e do conceito moderno de teoria territorial pressupõe trazer à superfície as formas anônimas de pensamentos, sensibilidades, afetos, desejos e re-existências silenciados pela modernidade ocidental colonialista[937]. Tal qual Mignolo assevera,

---

931 LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
932 LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
933 LOURO. *Um corpo estranho*, p. 76.
934 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
935 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
936 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
937 MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.

pensar teoricamente é *dom de todos os seres humanos*[938], independente, do período e dos *loci* geoistóricos e epistêmicos os quais habitam[939]. Aquilata-se, então, a proposição de *novos sujeitos epistemológicos*[940] que pensam não apenas sobre as fronteiras, mas, essencialmente, *a partir delas*[941].

Espero, nesse intento, angariar reflexões corporificadas[942] de uma (auto)consciência *outra* e novas formas de corpo-racionalidades que se projetem com base nas experiências subalternas na construção e reorganização das sociedades[943] e dos futuros globais mais igualitários possíveis. Refletir sob a pluma das nossas corpo-experiências subalternas contribui tanto para a (auto)reflexidade[944], já explicitada por mim nas escrevivências de Silviano, quanto para políticas públicas de direitos humanos e epistêmicos ensejando condições de transformação das relações desiguais de subalternidades que grassam no mundo capitalista-neocolonial de hoje[945]. Fronteiriçamente, essa premissa endossa as reflexões baseadas nas nossas posições de sujeitos entranhados por heranças coloniais em nossos corpos-*corpus*, histórias locais e sensibilidades[946] das exterioridades.

Dito isso, a força da teorização fronteiriça/descolonial[947] está, em especial, na sua capacidade de transformação epistemológica, social e cultural no desejo de propor mundos pluri-versais e semelhantes-na-diferença possíveis. Assim, escre(vi)ver a partir dos corpos-*corpus* homo-biográficos inconvenientes e desviantes

[938] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[939] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[940] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[941] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[942] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[943] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 160.
[944] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 160.
[945] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 160.
[946] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[947] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 180.

implica realizar a alta rotatividade dos signos[948] e grafias *homo*, *anthropos*, da exterioridade. Esses mesmos signos que nos isolam/tentam provocar o "exílio dos nossos corpos"[949], frente a normatividade sexual-sociocultural, são os que escre(vi)vem a plenitude desses nossos corpos na construção de direitos relacionais[950] *outros* de ser, estar e existir no mundo. O corpo homossexual fronteiriço é, na contracorrente da teopolítica, a profanação do sagrado[951] e da "ordem/aparência[952] natural do mundo" pelo crivo dos desejos/afetos *outros* de pertencimento e de re-existência às subordinações (im)postas. A opressão heterossexista-compulsória-patriarcal seria, portanto, uma forma de pretender exilar o corpo inconveniente-desviante das sensibilidades homo-biográficas que o constroem enquanto corpo-político-*outro*.

Aos corpos-*corpus* homo, imperou/impera as interdições, os distanciamentos e as hierarquias político-socioculturais em virtude da sua suposta "existência de cunho profanador"[953]. Nesse cenário, a palavra literária, como a de Silviano, e a artístico-performática, tal qual a de Ney Matogrosso e Pabllo Vittar, ensejam afirmar a alteridade enquanto direito humano-epistêmico[954] desejando, pela perspectiva subalterna, a reinscrição das suas identidades silenciadas, apagadas, violentadas e patologizadas que são constantemente reinventadas pela chancela da memória[955] do escritor e/ou do artista em cena no palco. *Inscre-vi-vendo*[956] o corpo inconveniente-desviante como marca e signo de uma contracultura[957], o escritor/artista estabelece

[948] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 87.
[949] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 87.
[950] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 87.
[951] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 87.
[952] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[953] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.
[954] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.
[955] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.
[956] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.
[957] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.

práticas artísticas de resistência política que se revelam enquanto escrevivências desses corpos oprimidos e subalternizados[958].

Na baliza dessas vivências subalternas, implica-se, antes de tudo, a *experivivência dos corpos*, haja vista que são esses os alvos de repressão físico-material da compulsão heterossexual instituída culturalmente. No momento em que se considerou os corpos-*corpus* homo-biográficos sujos, depravados, profanadores, doentes, para o homossexual, delegou-se o exílio de *ser corpo e, pari passu, não ter corpo*[959], dado que os legados coloniais buscaram destruir e negar completamente a possibilidade de óbvia humanidade homossexual. Assim, é pela tentativa de conservação e reinscrição de uma cultura que tem no corpo, e em suas *performances*, as formas de vivências de sua vida-resistência que nós homossexuais não esquecemos, tampouco, apagamos/desconsideramos as violências a nós perpetuadas[960].

É pela permanência dessa memória[961], ainda que manchada pelo sangue das opressões socioculturais, civis, legais e médicas e remendada, que prezamos pelas *nossas vidas e corpos-corpus* como (in)divíduos e enquanto coletividades[962]. Nossos corpos caminham buscando refazer a certeza nós mesmos pelas vivências públicas perpassados por direitos públicos, da amizade e de políticas de homo-afetividades-sexuais de existir-resistir-sobreviver[963]. Há que trazermos à escuta esses corpos-*corpus* repositórios de memórias[964] subalternas subjugadas que são criadas, recriadas e inventadas[965] por nossas escrevivências *outras*, tais quais as minhas e as

[958] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 88.
[959] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[960] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[961] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[962] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[963] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[964] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.
[965] EVARISTO. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele, p. 107.

dos meus os quais venho elencando em minha plêiade de amigos espectrais, literários, artísticos e, essencialmente, epistemológicos os quais me ajudam a pensar melhor não só os espaços que me atravessam, mas, sobretudo, minhas sensibilidades e os meus próprios corpos-*corpus* subalternos. No prisma do corpo, ainda, debruço-me sobre *a doença do corpo homossexual*[966], o último ponto de articulação deste subtítulo, também, violentamente, conhecido como a *peste/câncer gays*[967]. Refiro-me à emergência da "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida" (AIDS). Judith Butler, na esteira do intelectual britânico Simon Watney, em *Problemas de gênero* (2018), identifica a:

> [...] a construção contemporânea da 'pessoa poluidora' com a pessoa portadora da aids. Não só a doença é representada como a 'peste gay', mas na reação histérica e homofóbica da mídia à doença registra-se a construção tática de uma continuidade entre o *status* poluído do homossexual, em virtude da violação *de fronteiras que é o homossexualismo* [sic], e a doença como modalidade específica de poluição homossexual. O fato de a doença ser transmitida pela troca de fluidos corporais sugere, nos gráficos sensacionalistas dos sistemas significantes homofóbicos, os perigos que *as fronteiras corporais permeáveis* apresentam para a ordem social como tal.[968]

Desse ponto de vista, Butler reitera, ainda, que a categoria de *corpo perigoso e poluído/poluidor*[969], no tanger das pressupões homofóbicas que grassam nas sociedades, é anterior à presença cultural da AIDS e independente dela[970]. Essa construção valorativa-opressora é, supostamente, justificada pelo fato das práticas sexuais entre homens se estabelecerem claramente por permeabilidades corporais[971] e violação de fronteiras[972] não sancionadas e não legitimadas pela ordem hegemônica heterossexual compulsória vigente. Nesse ínterim, João Silvério Trevisan aponta que a AIDS seria, portanto, *a doença do corpo resultante de uma alma conspurcada*[973].

---

966 TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 400.
967 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 228.
968 WATNEY *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 228, grifos meus.
969 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 228.
970 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
971 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
972 BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 228.
973 TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 400.

Por isso, cristalizou-se o imaginário coletivo homofóbico de que *a AIDS seria uma doença obscena*[974].

No Brasil do final do século XX[975], momento de disseminação da AIDS no mundo e em terras tupiniquins, exigia-se dos homossexuais parâmetros de identificação que não fossem mais respaldados pelas *performances* de gênero/sexualidade crivadas pela efeminação[976] (já desacreditada). Era necessário algo que traísse a vida privada do *anthropos* homossexual tornando-a pública[977], dito isso, a AIDS emergiu trazendo a solução[978] para a continuidade das opressões heterossexuais aos corpos inconvenientes-desviantes da exterioridade da matriz sexual dominante. Ao emergir essa suposta solução para identificar homens *gays*, houve a eclosão global de discursos higienistas e sanitários[979], mascarados, em geral, pela introjeção sociocultural homofóbica e patologizante médica as quais relegaram cada vez mais os homossexuais para as margens das sociedades.

Karl Posso explicita que as ligações entre o desvio sexual e a doença[980] promoveram o renascimento[981] teopolítico oportunista e homofóbico das associações médico-científicas de patologizar os corpos homossexuais além das expurgações religiosas advindas das instituições evangélicas e pentecostais fundamentalistas[982], as quais sempre se posicionaram contra a conduta dissidente imbricada em nossos corpos-*corpus* inconvenientes-desviantes. Nesse contexto, a reformulação da homossexualidade enquanto doença proveu os grupos católicos de sustentação e

---

974 TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 400.
975 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
976 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
977 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
978 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
979 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
980 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
981 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
982 POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.

apoio científico[983] para delinear e aplicar medidas médicas corretivas redirecionando todo e qualquer desejo sexual para a reprodução[984]. Ou seja, as práticas sexuais deviam ficar resguardadas unicamente aos casais heterossexuais exilando os homossexuais de qualquer prática sexual entendida com profanadora, suja e poluída. Dito isso, mais uma vez, a hegemonia do pensamento científico se prestou não às pluriversalidades dos mundos possíveis, mas, sim, às semelhanças-e-diferenças para deslegitimar, desautorizar e oprimir, juntamente com a teopolítica, os corpos, sensibilidades e desejos desviantes da *ordem/aparência natural do mundo*[985].

Sendo assim, a construção dos signos simbólico-discursivos da AIDS pela égide de *praga/câncer gays*[986] difundiram a suposição coletiva de que todos os homossexuais eram portadores da doença e, então, a rejeição a esses seria justificada pois era de interesse da saúde pública[987]. Violentamente, enraizou-se uma *stigmata*[988] marcada nos homossexuais explicitando não só o posicionamento homofóbico frente as práticas/existências desviantes, mas, pior ainda, apontando o *sofrimento e a morte*[989] dos contaminados pela AIDS enquanto consequências imediatas deste "vício"[990] enunciando os discursos de extinção aos homossexuais e a crescente escalada da violência[991], não apenas simbólica, da homofobia material e física.

Nesse ínterim, *a ficção reguladora da coerência heterossexual*[992] extrapolava todo e qualquer limite de humanidade e sensibilidade justificando as consequências

[983] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
[984] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 21.
[985] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[986] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[987] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[988] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[989] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[990] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[991] POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 22.
[992] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 234.

da AIDS pela culpabilização dos próprios homossexuais ao praticarem *seus sexos* de maneira profanadora, desviante, suja, pecadora e transgressora das fronteiras (im)postas socioculturalmente. A violência, já muito conhecida pela nossa comunidade LGBTQIA+, sentiria, mais uma vez, nos corpos *a inscrição opressora dos acontecimentos*[993] do final do século XX que não apenas os violentaram patologicamente com os sintomas da AIDS e, talvez, a morte. Mas, sobremaneira, de maneira simbólica, verbal, pública e físico-material pela crescente da homofobia "justificada" pela peste[994] que nós, sujeitos desviantes, em suposição, teríamos lançado ao mundo. No livro *Tente entender o tento dizer* (2018), organizado por Ramon Nunes com textos que trazem à tona o tema HIV/AIDS, Silviano, com o poema "Sim", delineia:

> Não há por que esquecê-la,
> embora sua chegada seja iminente.
> Cata-se a Vida a cada dia.
> Ela é a cada dia. É.
> Não me sacrifico.
> Inquieto-me.
> Sorrio como empalideci na
> tarde em que soube de supetão da sua chegada iminente.
> Braços estendidos transbordam a largura da cama.
> Abrem o corpo em cruz.
> Aguardo a iminência.
> Como se ela acontecesse já. Já.
>
> [...]
>
> Em céu de brigadeiro
> *o avião do corpo se desgovernou num átimo de segundo.*
> Felicidade.
> Pergunto à Vida se ainda faz
> sentido lhe emprestar sentido.
> Responde-me que sim.[995]

À luz do poema de Silviano, chamo atenção para o verso *o avião do corpo se desgovernou num átimo de segundo*. Sim, nossos corpos inconvenientes-desviantes se desgovernaram, porém, não somente pela eminência do vírus que serviu para

[993] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 224.
[994] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 399.
[995] SANTIAGO. Sim, p. 27, grifos meus.

reiterar a *ficção reguladora da coerência sexual*[996] (imbricada nos legados colonialistas modernos ocidentais), mas, sobretudo, para que esta nos oprimisse de modos os quais não conseguiram *a priori*, ainda que tentasse pelo discurso médico-científico territorialista patologizante. A AIDS veio para sustentar, como suposta legitimação e autorização, a homofobia imperante na sociedade daqueles tempos e presente/pulsante ainda hoje, em específico, no Brasil cristão-conservador de Bolsonaro. A *peste/câncer gays*[997] foram a força motriz para relegar cada vez mais nós *anthropos* dissidentes às margens/periferias, à inexistência e à subalternidade, por excelência.

No prisma, ainda, das violências, Trevisan em *Devassos no paraíso* (2018), assente que os hospitais particulares brasileiros conveniados ao INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Média da Previdência Social), na década de 1980, recusavam sistematicamente o recebimento de pacientes que se quer tivessem suspeita de contaminação pela AIDS[998]. As alegações das administrações dos hospitais eram justificadas pelo medo que afugentaria não só os pacientes, mas, também, os funcionários[999]. Para o intelectual *gay* brasileiro, a verdade era que os contaminados pelo vírus necessitavam de salas e de cuidados intensivos não sendo, pois, lucrativos para os hospitais[1000]. Ademais, aos enfermos, delegou-se um tratamento homofóbico-opressor tratando-os como indigentes e rejeitados, ainda que apresentassem as documentações regularizadas[1001].

---

[996] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 234.
[997] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 399.
[998] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 396.
[999] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 396.
[1000] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 396.
[1001] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 396.

Ainda nesse contexto médico-hospitalar, o então professor de infectologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Ricardo Veronesi, defendia que “em termos de saúde pública, o direito dos homossexuais vai até o ponto de não interferir nos direitos dos outros”[1002]. Entretanto, Trevisan explicita que esses direitos citados por Veronesi não eram especificados e brandia-se, então, a autoridade sanitária para obliterar os “direitos dos homossexuais”[1003]. Respaldados pelo discurso do bem coletivo da saúde pública, os médicos de São Paulo e do Rio de Janeiro propuseram “medidas coercitivas” de “vigilância sanitária”[1004], sendo, algumas dessas, o fechamento de saunas eminentemente *gays* e a proibição dos bailes carnavalescos homossexuais cariocas[1005].

Em vias desse cenário, as supostas medidas de segurança sanitárias não eram aplicadas a saunas de frequência heterossexual[1006] derrubando a máscara moral das proposições médicas disfarçadas pela defesa dos direitos heterossexuais e, então, promovendo a ascensão das repressões homofóbicas[1007]. O desejo homossexual, portanto, se viu muito mais ameaçado pelo conservadorismo opressor latente, promovedores das doenças pelo crivo do pecado e da culpa[1008], do que propriamente pela AIDS em si[1009]. O pensamento científico-médico, ao invés de angariar medidas pluri-versais e igualitárias de controle ao vírus eminente, se debruçou, mais uma vez, à teopolítica[1010] hegemônica a fim de dar continuidade aos legados de opressões e de extermínio dos homossexuais já em situação de vulnerabilidade naquele contexto.

---

[1002] VERONESI *apud* TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1003] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1004] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1005] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1006] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1007] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1008] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1009] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 401.
[1010] MIGNOLO. Colonialidade, p. 06.

Isso posto, as consequências de AIDS não se resguardaram “apenas” às esferas sanitário-patológicas, mas, sobremaneira, às violências socioculturais, simbólicas, discursivas e material-físicas.

*Pari passu* a essas violências médico-hospitalares, os espaços públicos foram tomados por discursos de ódio homofóbicos, tais como nos muros de Recife, em 1983, com discursos como: “Viadagem dá câncer”, “AIDS é câncer de bicha”, Cuidado! Risco de bicha”, “Vida a família”[1011], dentre outros. Dito isso, hoje, 37 anos após a emergência da AIDS, não nos encontramos tão distantes desses discursos opressores reiterados pela compulsão heterossexual, conservadora e teopolítica dos “bons costumes”. Para além dos diversos exemplos os quais já mencionei neste *trabalho-corpo-político*, agora, no que convém a enunciados de ódio pichados em espaços públicos no Brasil do século XXI, trago à baila as mensagens “Ñ [sic] aos *gays*!” (Figura 15) e “Quem gosta de dar, gosta de apanhar” (Figura 16) pichadas com um material de cor avermelhada, semelhante a sangue, nas paredes da Universidade de Brasília (UNB), em 2013:

[1011] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 395.




FIGURA 15 – “Ñ [sic] aos *gays*!”, mensagem pichada em uma parede da Universidade Brasília (UNB), em 2013
Fonte: http://www.muza.com.br/2013/01/universidade-de-brasilia-recebe.html




FIGURA 16 – “Quem gosta de dar, gosta de apanhar”, mensagem pichada em uma parede da Universidade Brasília (UNB), em 2013
Fonte: http://www.muza.com.br/2013/01/universidade-de-brasilia-recebe.html

As mensagem explicitadas nas imagens expostas (Figuras 15 e 16) me faz pensar que, caso retirássemos suas respectivas datas (2013), poderíamos claramente

atribuí-las às pichadas nos muros do Recife, em 1983. Do modo que expus no subtítulo anterior, não, não estamos mais seguros hoje do que há dez anos[1012], tampouco, há 37 anos. A homofobia ainda é latente nos *loci* geoistóricos e epistemológicos brasileiros, agora, subsidiadas por discursos políticos de figuras, dentre outros, do então presidente Jair Bolsonaro. Ainda no contexto da eclosão da AIDS no Brasil, Trevisan narra que, em maio de 1985 na periferia de São Paulo[1013], jornais noticiaram que um homem, possivelmente *gay*, foi ao bar onde costumava frequentar para encontrar amigos do bairro[1014]. E, em um determinado dia, já com a eclosão do vírus, esses supostos colegas o cercaram com frases de ódio como “Sai daqui, seu viado [sic]. Você quer nos passar sua doença?"[1015]. Como se não bastassem as violências verbais, o espancaram deixando dentes e um braço quebrados[1016]. Ainda no plano das opressões verbais homofóbicas, Trevisan reproduz um discurso do radialista Anafásio Jazadji, 1985, em seu programa radiofônico:

> [...] os homossexuais, essas lésbicas, esses pederastas sejam isolados, alijados [da sociedade pois] essa bicharada anda agora com essa peste matando pessoas. Como anormais que são, devem ficar confinados não sei lá onde. [...] Lamentavelmente, *nosso Brasil* está em terceiro lugar nessa ‘peste gay’, nessa doença que mata. Então, tem que se isolar esses canalhas. Eles estão no governo, aqui, ali, em toda parte. São um perigo à saúde pública. Se você tomar um cafezinho no bar, numa xícara usada por eles, você irá contrair a doença. Eles têm que ser isolados da comunidade [...] *Vamos torcer para que algum homem com H maiúsculo tome providências porque está tudo pervertido*.[1017]

O discurso opressor-homofóbico de Jazadji, somado às violências supracitadas, não só descortinam o horizonte de brutalidade, selvageria, barbárie, constrangimento e intimidação o qual os homossexuais da década de 1980 eram assujeitados, bem como, plasmam, pelo crivo da semelhança, o Brasil de 2020 a partir do qual eu e Silviano escre(vi)vemos homo-biograficamente. Os termos grafados no

---

[1012] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[1013] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 405.
[1014] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 405.
[1015] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 405.
[1016] TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 405.
[1017] JAZADJI *apud* TREVISAN. *Devassos no paraíso*, p. 406, grifos meus.

fragmento aposto, *nosso Brasil* e *algum homem H maiúsculo tome providências porque está tudo perdido,* são construções enunciativas utilizadas por Bolsonaro e por outras figuras públicas ao se referirem aos grupos minoritários, em especial, à comunidade LGBTQIA+, para justificar suas ideologias conservadoras em favor ao prezar pela família tradicional cristã patriarcal heterossexual e pela expurgação de quaisquer práticas dissidentes, inconvenientes e desviantes.

Para o Brasil deles, não há espaço algum para as exterioridades e é na contracorrente/subversão/transcendência dessa premissa das semelhanças-e-diferenças neocoloniais que re-existirmos e escre(vi)vemos pelo crivos das nossas homo-*bios*-grafias ensaístas/literárias/culturais/performáticas desobedecendo civil-epistemicamente e transgredindo não só a ordem/aparência[1018] natural do mundo compulsória heterossexual-patriarcalista, mas prezando pela inscrição dos nossos corpos-*corpus* que não permitirão que nossas memórias, sensibilidades, desejos, afetos e existências sejam exterminadas. Existir homo-biograficamente incute ser, estar, pensar e sobreviver pelo angariar das políticas das semelhanças-na-diferença de mundos pluri-versais co-existentes possíveis.

Trevisan, na esteira do escritor francês Antonin Artaud, assente que a peste é o momento da verdade em que "os conflitos em nós adormecidos nos são restituídos com todas as suas forças"[1019]. Portanto, com a liberação do inconsciente comprimido, o lado sombrio das coletividades domesticadas/dopadas[1020], vêm à tona estruturas e ideologias de opressão tal qual visto com a homofobia pela emergência da AIDS, primeiramente, pela contaminação da comunidade *gay*. Isso posto, para a intelectual norte-americana Susan Sontag, também mencionada por Trevisan, "toda sociedade

[1018] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[1019] ARTAUD *apud* TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1020] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.

[...] precisa identificar uma determinada doença com o próprio mal, *uma doença que torne culpadas as suas vítimas*."[1021] Assim, não é coincidência, que, em imediato, a AIDS foi atrelada à peste, haja vista que o tanto o discurso médico quanto a teopolítica precisavam dar "uma reposta" à condição indecidível[1022] dos homossexuais e o fizeram a partir da culpabilização dos contaminados pela égide dos discursos religiosos de pecado, profanação e penalidade divina.

À diferença do que se pode pensar, os fenômenos das violências socioculturais e físico-materiais não eram novidades à sobrevivência e re-existência dos homossexuais. Pelo contrário, a eclosão da AIDS apenas revelou o que estava "camuflado"[1023]: a homofobia patriarcal heterossexista, que sempre esteve ali, replicada pelos legados colonialistas imperiais ocidentais das semelhanças-e-diferenças que buscam exterminar "o outro" pelo crivo das diferenças coloniais. Para Trevisan, a AIDS não criou nada[1024], mas exacerbou estruturas em que as normas compulsórias sociais e morais nem sempre deixavam aflorar à luz do dia[1025]. *In peste veritas*, na peste, o momento da verdade[1026]. Dito isso, mais que a erradicação da AIDS, descortina-se a necessidade de aniquilar outro vírus[1027], independente de vacinas ou remédios, visto que está imbricado por uma doença sociocultural mais sutil e menos física[1028]: a homofobia.

A violência da AIDS tomou proporções assustadoras não apenas por suas condições patológicas, mas, sobretudo, pelo obscurantismo[1029] homofóbico colonial-imperialista enraizado nos empresários morais representados pelos igrejas ou pelos

[1021] SONTAG *apud* TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399, grifos meus.
[1022] DERRIDA *apud* POSSO. *Artimanhas da sedução*, p. 239.
[1023] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1024] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1025] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1026] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1027] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1028] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1029] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.

líderes políticos[1030] da época. Alicerçada pelo mistério e pelo desconhecimento que a envolvia, tal qual outras doenças pouco conhecidas, provocaram-se interpretações replicadas “como metáforas para o que se considera social ou moralmente errado”[1031]. No caso da então *peste gay*, somou-se a culpabilidade e punição ligadas à suposta devassidão[1032] arraigadas na práticas sexuais homo-biográficas e na rejeição ao vírus pela égide de sujeira físico-moral passível da urgência de ser purificada[1033]. Contrair AIDS, naquele momento altamente estigmatizado, era equivalente a “descobrir” que se fazia parte de um grupo de risco, uma comunidade de párias[1034]. De fato, o que incutia risco aos homossexuais, para além da patologia, era e ainda é a *ficção reguladora da coerência sexual*[1035] que violenta, oprime, desautoriza, deslegitima e deseja exterminar os homossexuais em todas e quaisquer esferas as quais sejam possíveis.

Essa proposição de risco é relevante, pois, no início, no Ocidente, o vírus da AIDS foi relegado à chancela de “doença moral”[1036] da homossexualidade, sendo justificada pelas práticas sexuais *outras* consideradas desregradas, perigosas e anormais. Assim, o comportamento sexual que, falaciosamente, produziria a AIDS era tomado como: “[...] irresponsabilidade, delinquência – o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente.”[1037] Em linhas gerais, a culpa da AIDS era do doente e, se, diante dos acometidos pelo câncer, as pessoas não adoentadas sentiam pena; aos tomados pela AIDS, o sentimento era de

[1030] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1031] SONTAG *apud* TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1032] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1033] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 399.
[1034] SONTAG *apud* TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 400.
[1035] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 234.
[1036] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 400.
[1037] SONTAG *apud* TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 400.

raiva[1038] imbricado pelos julgamentos morais-conservadores-religiosos que promoviam o vírus como a *doença do corpo resultante de uma alma conspurcada*[1039].

Sendo assim, no cenário viral-pandêmico o qual estava desenhado nos entremeios da década de 1980, para os defensores da moral e dos bons costumes, de natureza heterossexista patriarcal diga-se de passagem, o possível extermínio dos *gays* seria simplesmente uma purificação do mundo tornando-o, mais limpo, tranquilo e decente[1040]. Para Trevisan, era *o admirável mundo novo do fascismo*[1041]. Em *Imprensa gay no Brasil* (2002) a escritora e professor de literatura Flávia Péret, ao citar Trevisa, descortina o horizonte desumanizado de selvageria direcionado à comunidade homossexual: ”Quando houve a peste suína no Brasil, a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, *a solução tem que ser a mesma: erradicação dos elementos que podem transmitir a peste guei.*”[1042] À vista disso, destinado aos *gueis* (para usar a nomenclatura de Trevisan), desenhou-se um projeto de extermínio, que perdura, ressalvadas as diferenças, até os dias de hoje, tal qual aplicado aos animais contaminados, sem considerar qualquer pressuposto de humanidade/sensibilidade. Não preciso reiterar que isso diz muito sobre o país que vivemos, sobrevivemos e re-existismos, sobremaneira, no governo de Jair Bolsonaro e nas ondas religiosas que se multiplicam a cada dia. Para Silviano, portanto, a metáfora do vírus recorre na decadência do corpo social preconceituoso[1043].

No início do capítulo intitulado “Aids”, Péret questiona: “Quem ousaria imaginar que todas as conquistas do movimento homossexual dos anos 1970 [...] sofreriam um

[1038] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 400.
[1039] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 400.
[1040] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 411.
[1041] TREVISAN*. Devassos no paraíso*, p. 411.
[1042] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 65, grifos meus.
[1043] SANTIAGO. No final dos anos 60, a peste nos EUA era outra, lembra Silviano Santiago, s/p.

golpe tão forte com a descoberta de um vírus, entre outras formas, sexualmente?”[1044] Entretanto, Trevisan reitera que ao mesmo tempo que a AIDS foi o veneno, também expressou-se como antídoto[1045]. Diferentemente do que muitos acreditavam nos anos 1980[1046], a AIDS obteve o trunfo de rearticular e mobilizar os movimentos de direitos na luta homossexual[1047]. Além disso, ainda que os anos 1980 tenham sido um terror para nossa comunidade[1048], o vírus teve um efeito colateral importante: nunca se falou tanto em homossexualidade e de maneira tão explícita[1049]. Dentre os movimentos atravessados por esse cenário de terrorismo sexual, emergiram o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS/São Paulo (Gapa)[1050], o Grupo *Gay* da Bahia[1051] (1983), os informativos “Pela Vidda” e “Voz Posithiva”[1052], a ONG “Gestos”[1053], dentre muitos outros.

Sendo assim, este subtítulo termina exatamente onde a paisagem *bios*geográfica da exterioridade a ser trabalhada a seguir se inscreve e se projeta pela égide da (auto)reflexidade homo-*bios*-cultural de nós homossexuais sul-fronteiriços dos trópicos que não desejamos sermos integrados, tolerados nem mesmo resguardados aos armário que nos foram impostos. À revelia, impusemos nossos pés para romper as barreiras e, metaforicamente, as portas dos armários que nos vêm nos enclausurando séculos a fio. A corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural entrevista pela égide das políticas das semelhanças-na-diferença foi o meu arsenal epistemológico-sensível para me inserir no campo de batalha

[1044] PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 63.
[1045] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 127.
[1046] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 68.
[1047] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 68.
[1048] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 127.
[1049] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 127.
[1050] PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 67.
[1051] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 68.
[1052] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 68.
[1053] TREVISAN *apud* PÉRET. *Imprensa gay no Brasil*, p. 68.

sociocultural-epistêmica de extermínio a nós homossexuais. Tal qual o poema que epigrafou esse subtítulo, os meus/nossos corpos-*corpus alargam metáforas políticas e carregam fados comuns, extravio, luta, fortaleza e catástrofe*[1054].

É pelo atravessamento da fortaleza dos meus/nossos corpos-fortalezas que angariei pensar *a partir* da corpo e geopolíticas dos conhecimentos e das sensibilidades para reinscrever na história das *reais humanidades pluri-versais e pluri-tópicas* os corpos inconvenientes e desviantes que são tanto meus quanto de Silviano, Ney Matogrosso, Pabllo Vittar, Marielle Franco (*in memorian*) e Jean Wyllys. Ainda que nossos corpos-*corpus* sejam marcados[1055] e rasgados pelas garras da homofobia ainda imperante no Brasil, *pari passu* a isso, estão os rastros, feridas e cicatrizes inscritas-vertidas que não nos deixam esquecer a historicidade das opressões e das violentações as quais, por séculos, viemos sofrendo. Integrando minha razão subalterna à luz dos meus *loci* geoistórico e epistemológicos, compreendo que a transcendência dessas semelhanças-e-diferenças tem que se dar pela chancela do pensamento *outro* que emerge *a partir* das fronteiras e, por extensão, do meu/nosso corpo-fronteira que se escre(vi)ve homo-biograficamente nos palcos das artes-literaturas e, em específico, das vidas *outras*.

Ainda que hoje, o colonialismo não obtenha os mesmos efeitos e consequências que há séculos atrás, suas marcas e legados *sobrevivem* nas diferenças coloniais que resistem e grassam no mundo, sobremaneira, no Brasil de Jair Bolsonaro e dos movimentos religiosos-cristãos em constante crescimento. Como explicita o vulgo homossexual nos dias atuais, *não deitaremos* para a política do

[1054] MAROVATTO. *Tente entender o que tento dizer*, p. 137.
[1055] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.

medo[1056] imposta pelos neocolonialismos. Arraigados nas produções/saberes *outros* e nas artes, projetamos nossos corpos-*corpus* pelo atravessamento fronteiriço enquanto territórios de descolonizações[1057] semelhantes-na-diferença socioculturais, artísticos e epistemológicos, seja da maneira consciente, como eu e Silviano realizamos através das nossas escrevivências homo-biográficas, ou não.

Dito isso, incorporamos as condições de bárbaros, sub-humanos, sujos, poluídos, depravados, doentes, profanadores, dissidentes, perigosos, transgressores, subversivos, inconvenientes e desviantes para sobrevivermos em coletividade e re-existirmos politicamente, quer queiram os replicadores da *ficção reguladora da coerência sexual*[1058] e da *ordem/aparência dita natural do mundo*[1059] ou não. A putrefação moral incutida nos discursos em favor da família heterossexual patriarcal brasileira e dos “bons costumes” não se sustentam mais, tampouco, amedronta-nos. Dito isso, Silviano Santiago, Ney Matogrosso, Pabllo Vittar, Marielle Franco, Jean Wyllys, João Silvério Trevisan, Judith Butler, Susan Sontag, Guacira Lopes Louro, Karl Posso, dentre outros amigos críticos, artísticos, literários, espectrais e discursivos, os quais convoquei à minha conversa epistemológica formatada-em-coletividade, me dão subsídio para reiterar: não seremos integrados e/ou tolerados, mas, re-existiremos politicamente até que existam mundos pluri-versais co-existentes e igualitários os quais prezem por todas as vidas dando-lhes igualdade, em todas as esferas possíveis, e, sobretudo, dignidade humana, a qual, até o momento, vem nos sendo negada.

[1056] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[1057] KILOMBA. Grada Kilomba, s/p.
[1058] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 234.
[1059] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

## 1.5 – Paisagens *bios*geoculturais das exterioridades: minha fronteira-sul, a morada das diferenças coloniais

> Trago aquele território-não-nomeável dentro de minha alma.
> De sua paisagem sombria e pantanosa, certa noite ouvi o canto desesperado do urutau
> e não tive medo de ir em sua direção – daí adveio minha eterna condição de andarilho,
> em busca de um amor que não existira, de um desejo sem objeto e de uma dor colonizada em meu peito ferido. Por que me abandonaste?
>
> NOLASCO. *Pântano*, p. 53.

> Vi uma vez e nunca mais ignorei que a fronteira-sul principiava do outro lado da Revolta; nessa época minha memória era o decalque de uma paisagem cinzenta e azul da ilha da Revolta com o canto do urutau encobrindo *aquele vasto campo biográfico*. Dentro daquela tarde recolhi-me para ler o conto O Sul de Borges (*para compor uma biogeografia familiar e histórica*).
>
> NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 77, grifos meus.

> [...] pensar a paisagem como biográfica e os retratos culturais como partes de uma *epistemologia outra* [...] Pois se a paisagem cultural é biográfica e os retratos recortes culturais de identidades dos sujeitos locais, *bio*geográficas, cada sujeito artista retrata a sua percepção dos lugares variados de forma ou de maneira diferentes. Portanto, cada lugar é específico e 'retratado' de maneira particular. Os sujeitos observadores vão percebê-los cada um a seu modo.
>
> BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 55, grifos do autor.

> Quanto a mim, *penso na exterioridade, do 'outro lado da linha', ou melhor, da fronteira*, mais precisamente para aquele lugar situado que se apresenta na pergunta do poeta Mahmud Darwich: 'Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?' Não me predisponho a pensar apenas na exterioridade; antes, quero e devo *pensar a partir dela.* A exterioridade dormita na ignorância da universalidade do dentro. [...] [Minha escrevivência] é minha *travessia em direção à exterioridade fronteiriça que me habita*.
>
> NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12, grifos meus.

> [...] a natureza é, por excelência, *o lugar da exterioridade*. Mas como o que é exterior *não pertence e o que não pertence não é reconhecido como igual, o lugar da exterioridade é também um lugar de inferioridade*. Tal como para o caso do selvagem, a 'criação' da natureza permite tratá-la simultaneamente como uma ameaça e um recurso.
>
> SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 188, grifos meus.

É pelos atravessamentos biográficos-escreviventes e geoculturais da paisagem geoistórica e epistemológica da minha fronteira-sul, tão real e geoistórica quanto imaginária e epistemológica, que este subtítulo emerge chancelado pela exterioridade que habita não apenas em mim, mas, também, em meu aliado hospitaleiro fronteiriço

Silviano e nos amigos críticos-poéticos-literários os quais convocarei à minha conversa[1060] epistêmica. Esses, mediados pelo meu manejo teórico, se colam/roçam no meu/nosso intercorpo-*corpus*[1061] inconveniente-desviante a partir da aproximação-dispersão[1062] da/na fronteira. O território-quase-não-nomeável[1063] do lócus fronteiriço está imbricado em minha alma[1064] de *menino-homem-fronteira-homo-biográfico*, bem como suas paisagens sombrias, porosas e pantanosas da exterioridade dormitadas, pela óptica colonialista-imperial do Ocidente, na ignorância, no esquecimento e na inferioridade[1065].

Foi exatamente ali, na suposta ignorância e revolta da fronteira, que passei minha infância e cresci contemplando suas paisagens geográficas e biográficas, responsáveis pela formação da minha sensibilidade de mundo[1066], na fazenda dos meus avós localizada na bordas de Campo Grande (MS), a capital que nasci e continuo habitando-sobrevivendo. Pela convivialidade com as sensibilidades e com os horizontes que tais paisagens descortinavam aos meus olhos inocentes de criança que vivia entre o campo e a cidade, percebi, precocemente, que não existia apenas um mundo possível, e, sim, vários, cada um com a sua particularidade e não sendo, de maneira alguma, um melhor que o outro. Eles se mostravam tão diferentes quanto era possível sê-lo e justamente essa característica me saltava os olhos, a experiência de viver entre-lugares que me ocorriam, fronteiriçamente, próximos/distantes e geográficos/imaginários ao mesmo tempo.

---

[1060] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 11.
[1061] A conceituação de “intercorporeidade” será delineada no subtítulo a seguir à luz das reflexões de Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018).
[1062] Cf. *O local da cultura de* Homi K. Bhabha.
[1063] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1064] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1065] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 188.
[1066] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

Silviano, *pari passu* e ressalvadas as nossas diferenças, experienciou essa condição de travessia ao nascer em 1936 no oeste de Minas Gerais, em Formiga, ir para Belo Horizonte estudar letras e, *a posteriori*, se mudar para Paris para escre(vi)ver uma tese sobre o escritor francês André Gide. Ademais, meu aliado hospitaleiro, na sua condição de professor-pesquisador-andarilho, lecionou em universidades estadunidenses voltando para o Brasil na posição de docente no Rio de Janeiro, na PUC-Rio, e nessa universidade se tornou professor emérito. Hoje, com quase 84 anos, transpassados anos e anos de carreira intelectual, o mineiro (sobre)vive e re-existe na capital carioca, até onde se sabe, em um apartamento localizado no bairro Copacabana. Dito isso, para além de todas as semelhanças-na-diferença transpostas entre mim e meu divíduo, entrevejo que, ambos, nas nossas particularidades, sabemos como é perceber o mundo pela óptica das paisagens/entre-lugares não apenas geoistóricos/físicos, mas, sobremaneira, epistemológicos e imaginários. Assim, vejamos, imaginariamente, a cidade de Formiga reproduzida no mapa geográfico de Minas Gerais na fotografia (Figura 17) abaixo:




FIGURA 17 – Fotografia minha tirada no “Museu da Liberdade” em Belo Horizonte (2018), viagem a qual fui à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) falar *a partir* do meu divíduo-aliado hospitaleiro Silviano Santiago em um evento acadêmico
Fonte: acervo pessoal

Dito isso, alicerçados, dentre outras, por essa premissa sensível-crítica aquilatada em nossos *bios* desde cedo é que, hoje, na posição de críticos (biográfico fronteiriço, no meu caso), angariamos em nossas escrevivências as possibilidades pluri-versais e pluri-tópicas de lutar e escre(vi)ver pelas co-existências das diferenças (coloniais) angariando sociedades mais igualitárias e justas ao prezarmos por *todas as vidas*. Dito isso, no tocante à minha condição fronteiriça, trago à tona imagens (Figuras 18 e 19) do meu eu-criança posto-exposto na paisagem *bios*geográfica tomada pelo pôr do sol quase sanguíneo da fronteira-sul, *um grande sertão*

*epistemológico*[1067] onde nasci, cresci e parti trazendo-a dentro de mim[1068]. Parafraseando Edgar Cézar Nolasco, no livro *Pântano* (2014), as imagens a seguir descortinam meu encontro com a paisagem sanguinolenta do crepúsculo[1069] que encobre uma tintura vermelha, quase negra, do vulto da fronteira que re-existe ao esquecimento[1070], à ignorância, e à revolta:

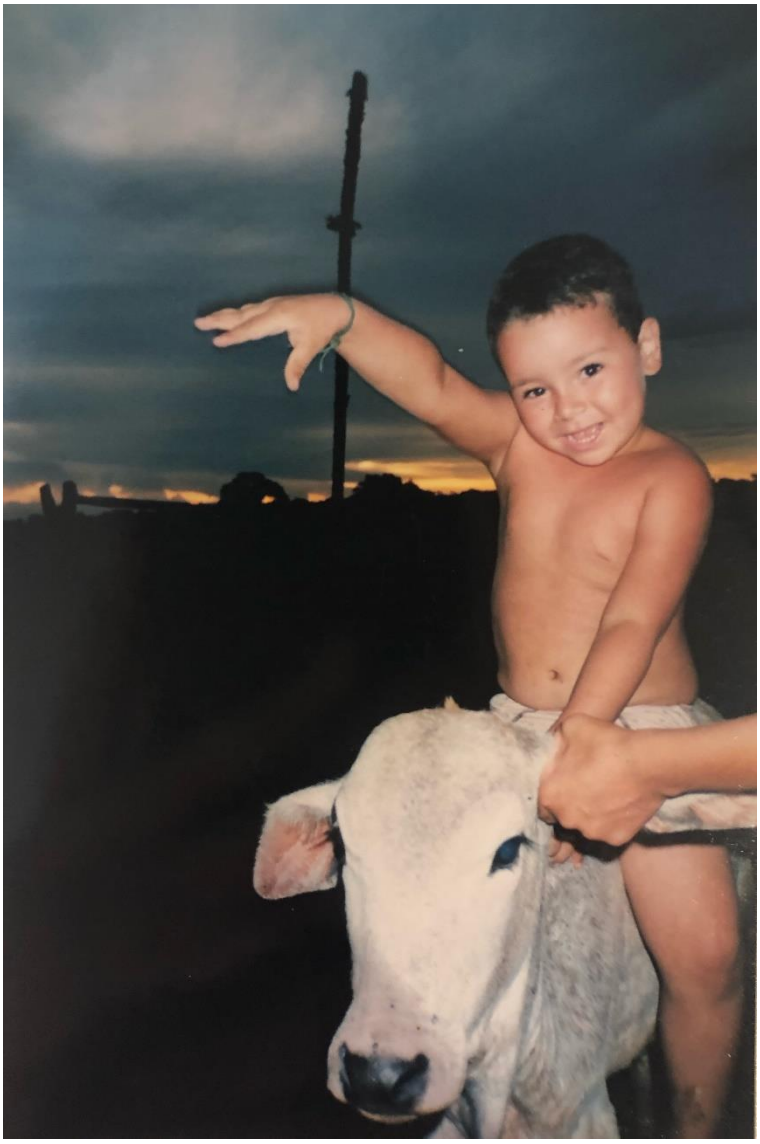


FIGURA 18 – Meu eu-criança na paisagem *bios*geográfica sul-fronteiriça da fazenda dos meus avós Suzete e Antônio
Fonte: acervo pessoal

[1067] NOLASCO. *Pântano,* p. 13.
[1068] NOLASCO. *Pântano,* p. 13.
[1069] NOLASCO. *Pântano,* p. 54.
[1070] NOLASCO. *Pântano,* p. 54.



FIGURA 19 – Meu eu-criança na paisagem *bios*geográfica sul-fronteiriça da fazenda dos meus avós Suzete e Antônio
Fonte: acervo pessoal

Dado o exposto e na esteira das epígrafes supracitadas, entrevejo, já na vida adulta, que nunca tive medo de ir em direção[1071] à minha fronteira-sul, de contorná-la e, agora bordá-la, por dentro e por fora, pelo crivo das minhas práticas epistêmicas escreviventes de crítico que pensa a partir do seu lócus geoistórico e epistêmico. A dor colonizada de *anthropos* sobre-existe em meu peito ferido[1072]. E, neste

[1071] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1072] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.

lócus/campo biográfico[1073] e geocultural da exterioridade, ademais a qualquer figuração acadêmica, me formei o *menino-homem-fronteira-homo-biográfico* que nos dias atuais me orgulho de ser. Fronteiriço, por excelência, venho compondo-delineando-tracejando as bordas do meu lócus de sobrevivência e de enunciação que atravessa todas e quaisquer homo-*bios*-grafias familiares e históricas[1074] enunciadas neste *trabalho-corpo-político*.

Tal qual o crítico sul-fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira assente, aquilato essas minhas paisagens pela égide biográfica e seus retratos culturais afincados em uma epistemologia *outra*[1075], fronteiriça-descolonial, e em meus corpo-*corpus* escreviventes. As paisagens *bios*geoculturais teorizadas, ilustradas, delineadas e criadas por mim retratam, como condição *sine qua non*, a *minha* óptica de andarilho e divíduo atravessado por minhas sensibilidades e histórias locais da/na fronteira e na exterioridade. Cada qual entrevê a paisagem particular[1076] que se desenha aos seus olhos e, por extensão, a retrata da maneira que melhor lhe convém e é possível. Da minha visão, posto em um lócus enunciativo acadêmico, ainda que não o queira, territorial, entrevejo essas imagens paisagísticas do “outro lado da linha”[1077], ademais ao último céu[1078] e aos escombros da fronteira que me resta.

À diferença do que venho fazendo neste trabalho, agora, me utilizarei menos da reprodução de imagens/fotografias e mais de *poemas-imagens*, sobremaneira, oriundos da trilogia poética de Nolasco, *Pântano, O oráculo da fronteira* (2018) e a *Ignorância da revolta* (2019), que como eu, pensa, sobrevive e re-existe a partir da

[1073] NOLASCO. *O oráculo da fronteira,* p. 77.
[1074] NOLASCO. *O oráculo da fronteira,* p. 77.
[1075] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 55.
[1076] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 55.
[1077] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12.
[1078] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12.

fronteira-sul. As minhas/nossas paisagens são *fronterizas* e periféricas, atravessadas pelo portunhol selvagem, desenhadas não só para mim, e, sim, para todos aqueles[1079] que ali se encontram permeados pela porosidade da condição fronteiriça que nos habita e a qual vivenciamos na carne queimada pelo sol escaldante dos trópicos. Nesse lócus, habitamos o entre-lugar, o liminar, as permeabilidades lindeiras e transfronteiriças[1080] que parecem pontuar as *bios*geografias do nosso pensamento periférico quase incontornável[1081] e não palpável, haja vista suas peculiaridades imaginárias e epistemológicas incutidas pelo caráter fronteiriço de ser, estar e falar/escre(vi)ver a partir da exterioridade. Dito isso, Nolasco, no poema "Epistemologia *fronteriza*", explicita:

> Nasci na fronteira-Sul;
> Cresci na fronteira-Sul;
> Parti da fronteira-Sul;
>
> Trouxe a fronteira-Sul dentro de mim:
> – Um grande sertão epistemológico.
>
> Aprendi a desaprender a cor sanguinolenta da fronteira.[1082]

Isso posto, compreendo que ao mesmo tempo que habito a fronteira e o seu *sertão epistemológico*, esses habitam em mim[1083], no meu corpo homo-biográfico-sul-fronteiriço e se esparramam no *corpus* político o qual venho tracejando não só nesse trabalho, mas desde 2015, ano em que adentrei a universidade/a pesquisa, e, sobremaneira, em 2017, quando me vi frente-a-frente, crítico-afetivamente, ao meu aliado hospitaleiro Silviano. É na rachadura do talhão[1084] *fronterizo*-biográfico-geocultural que aquilato minha forma de pensar escre(vi)vendo a partir da exterioridade e do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do meu mineiro aliado

[1079] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 91.
[1080] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1081] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1082] NOLASCO. *Pântano*, p. 13.
[1083] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1084] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.

hospitaleiro. Nesse invés *outro*, do pensamento descolonial, percebo que é papel[1085] do divíduo, ainda que da academia territorialista, sair-de-dentro-do-pensamento e do discursos modernos[1086], voltar-se para seu lócus/paisagem geoistóricos-epistêmicos e, por extensão, para sua histórias e sensibilidades locais para pensar da sua borda do fora, da margem, da periferia[1087].

Deslizamo-nos[1088], não apenas eu, como também Silviano e Nolasco, pelos princípios das exclusões, das dominações[1089] e dos saberes sem lei da fronteira. Dessa forma, não acreditamos, jamais, que devamos perseguir apenas *uma teoria*, antes disso, busquemos nossas teorizações[1090] encrustadas em nossos corpus-*corpus*, *bios*, *loci,* histórias e sensibilidades locais a partir das nossas exterioridades de homens que existem e estão em condições *outras* de pensamento, na margem das disciplinas modernas-ocidentais-imperiais territoriais. Com/na fronteira, aprendemos a respeitar/privilegiar a não supremacia da teorias, por outro lado, as co-existências das teorizações que emergem a partir das particularidades de cada divíduo que se escre(vi)ve com base nas paisagens *bios*geoculturais de suas sobrevivências.

Sendo assim, se a teorização é o meu sintoma[1091], o meu grito por liberdade das amarras neocoloniais que ainda imperam hoje, a fronteira-sul é o meu lugar de resguardo, de saber, de existência-sobrevivência e de incômodo, tudo ao mesmo tempo. A paisagem da fronteira, da exterioridade, me constitui tanto quanto a constituo, ela é a extensão do meu corpo-*corpus*[1092] fundamentando meu lugar enquanto o lócus mais real e imaginário existente. Compreendo, nessa perspectiva,

[1085] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1086] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1087] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1088] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1089] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 13.
[1090] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 14.
[1091] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.
[1092] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.

que nenhuma teoria moderna oriunda da Europa ou dos Estados Unidos dispendeu seu tempo para tratar da exterioridade[1093] que habita a idiossincrasia fronteiriça e a mim e, mesmo que quisesse, não poderia falar *a partir* dela, apenas *sobre*, como tem feito há séculos com todos nós *anthropos* com suas instituições disciplinares. As *epistemes* modernas só preocuparam em reafirmar sua premissa e manutenção da interioridade *humanitas*, falar do dentro do dentro. Assim, ao fora, resguardou-se ignorância, inferioridade e assujeitamento.

À semelhança de Nolasco com seus versos, na minha escrevivência, a fronteira simboliza os *loci* por onde sangram[1094] minhas escrevivências para a minha/nossas vidas de divíduos que pensam nas/das margens. Somos a partir dos lugares e das paisagens biográficas[1095], geoculturais e histórico-ancestrais que tivemos à nossa disposição para fundamentarmos nossas sensibilidades de mundo[1096] e as veredas sensível-epistêmicas que seguiríamos. Silviano, no seu ínterim, pensou os *loci* dos trópicos com base em seu entre-lugar e nas postulações culturais *outras* herdados da visada pluri-versal que o mineiro chancelou em sua carreira intelectual andarilha pelo mundo, habitando não só as periferias e as bordas, mas, também, os centros do planeta então globalizado.

Para mim, sob a pluma de Nolasco, a paisagem da exterioridade fronteiriça *não passa de um livro aberto*[1097] a ser desenhado-bordado pelos seus transeuntes, andarilhos e atravessados. É ali, no seu interstício, que habita uma comunhão/convulsão de linguagens[1098], sensibilidades, *bios*-grafias, histórias locais e

[1093] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.
[1094] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.
[1095] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 15.
[1096] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[1097] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 17.
[1098] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 17.

corpos-carne que sangram convergindo-divergindo, simultaneamente, entre si, em busca de uma co-existência quase sempre não harmônica[1099] que fundamenta a fronteira sem lei, sanguinolenta, a partir da qual escre(vi)vo. A exterioridade[1100] da fronteira-sul não é algo descritível no interior do sistema-colonial-imperial, pelo seu contrário, requer uma narrativa emergida e criada com base na própria exterioridade a partir dos seus habitantes[1101]. A exterioridade salvaguarda meu/nosso direito epistêmico[1102] de falar e escre(vi)ver sob a égide desse lugar geoistórico e epistêmico. Em *A ignorância da revolta*, Nolasco assente:

> IV – A paisagem da fronteira-sul é a morada da minha ignorância. Quando a vejo suspensa sobre o pântano, ou sobre a fronteira mesma, sei que nenhum clarão de quaisquer saberes vindos de longe pode irromper aquela cosmologia do lugar eivada de matizes nativos, sombrios e sanguinolentos onde abundam guavirais e pés de abóbora entrelaçados sobre o guanxuma da Revolta. De quando em quando, um urutau corta o breu paralisado da noite sobre o pântano para se refugiar nos paus secos do outro lado da fronteira-sul. Minha paisagem agrega e não contempla não apenas o canto desolado do urutau, *como também a dor presa na garganta dos povos humilhados e oprimidos e esquecidos e ignorados que sobrevivem de ambos os lados da fronteira seca.*[1103]

Para Mignolo, a exterioridade é o *domínio dos estrangeiros sem teto, desempregados, ilegais, excluídos da educação, da economia e das leis que regulam o sistema*[1104]*.* Dessa esfera, vou além, ademais às categorias citadas, no âmbito exterior se resguardam, também, as dissidências de gênero/sexualidade, os *loci* outros, extrínsecos aos centros globais hegemônicos, os andarilhos/atravessados, os sul-*fronterizos*, os brasileiros/latino-americanos, dentre muitas outras classificações as quais não tenho espaço para listar aqui devido sua vasta extensão. Em linhas gerais, tal qual já discuti, à exterioridade designa-se a categoria ficcional do “o

[1099] NOLASCO*. A ignorância da revolta*, p. 17.
[1100] MIGNOLO. *Vuelco de la razón*, p. 51.
[1101] MIGNOLO. *Vuelco de la razón*, p. 51.
[1102] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 89.
[1103] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 21, grifos meus.
[1104] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 243.

outro”[1105] criada pela hegemonia colonial-imperialista do-mesmo[1106]. Esse *outro* é o impensável[1107], inferior, bárbaro, sub-humano sempre exterior à matriz de poder ocidental.

Para Homi K. Bhabha, esse outro, exterior e *anthropos* pelo viés de Mignolo, perdeu o poder de significação[1108], de negar/iniciar seus desejos epistêmico-históricos para estabelecer seus próprios discursos institucionais-oposicionais[1109]. *A priori*, a nós, eu, Nolasco, Silviano, acreditou-se que restara a possibilidade única de assujeitamento e inferioridade. Ainda que se possa conhecer, quase da maneira impecável[1110], *sobre* culturas e, por extensão, histórias e sensibilidades locais *outras* docilizadas pelo corpo da diferença[1111] colonial que reproduz relações (assimétricas) de subalternidade e dominação, *in facto*, só se entrevê a gênese dessas ambientações *outras* pelo atravessamento latente em seus interiores. Isso é, só se pode falar *a partir da* exterioridade, e não sobre ela, habitando-a, sentindo suas diferenças coloniais na pele e na carne imbricadas pela ferida colonial aberta à revelia e, terminantemente, sanguinolenta.

Mignolo, em “Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial” (2010), no plano das paisagens biosgeoculturais da exterioridade, me é necessário para pontuar que a reinserção das configurações de cunho geoistórico-biográfico nos processos de produção do saber permitem que reestruturemos da maneira radical os aparatos de enunciações formais da descolonização[1112]. Ao reverso da lógica/razão colonial, não é suficiente alterar o

[1105] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 243.
[1106] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 243.
[1107] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 243.
[1108] BHABHA. *O local da cultura*, p. 65.
[1109] BHABHA. *O local da cultura*, p. 65.
[1110] BHABHA. *O local da cultura*, p. 65.
[1111] BHABHA. *O local da cultura*, p. 65.
[1112] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 13.

conteúdo da conversa[1113] (o enunciado); antes disso, há que se angariar a mudança dos seus termos[1114] (a enunciação) promovendo a real inscrição dos divíduos pensantes  a partir de quaisquer *loci* de enunciação geoistóricos e epistemológicos. Dito isso, quero entender que não estou defendendo uma suposta supremacia da exterioridade frente a interioridade. Pelo contrário, ensejo as co-existências dos dois lados da linha[1115] de maneira simultânea, equiparada e realmente humana.

A construção de futuros globais mais justos tendo em vista o prezar por *todas as vidas*, *paisagens e lugares outros* não pode ignorar o presente já posto e institucionalizado[1116], uma vez que a expansão ocidental-colonial-imperialista-capital é real e sentida na pele por nós *anthropos*, Silviano já vem corroborando esse fato desde o entre-lugar de 1978 e, sobretudo, com seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* emergido das exterioridades geoistóricas-epistêmicas e sexuais do planeta. A possibilidade de um futuro descolonial se pauta na possibilidade de extinção das flagelações, vergonhas e penitências[1117] incutidas aos arrabaldes do mundo capitalista e imperial desenfreado. Debruçamo-nos em seus esplendores e, sobremaneira, nas misérias[1118] que aquilataram construtos hegemônicos os quais deixaram de fora 80% da humanidade[1119] com base na conceituação do filósofo europeu Immanuel Kant sobre o que seria o “homem” e a “humanidade”.

Tais conceitos, oriundos das história locais da Europa, foram utilizados como referência pelo renascimento e retomados pelos iluministas[1120] para classificar o planeta excluindo todas e quaisquer idiossincrasias geoistóricas-epistêmicas das

[1113] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 13.
[1114] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 13.
[1115] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
[1116] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 24.
[1117] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 24.
[1118] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 25.
[1119] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 25.
[1120] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 25.

civilizações exteriores à hegemonia da Europa. Nessa perspectiva, entrevejo que o imperialismo e a cosmologia capitalista[1121], ao voltar-se para *loci* de países em desenvolvimento, como os trópicos latino-americanos e o Brasil, acreditavam que eram os responsáveis para classificar o que era bom não apenas para si mesmo, mas, para as exterioridades *outras* existentes e, por conseguinte, assujeitadas à suposta grandiosidade dos europeus. Acreditava-se que pelo fato de os europeus saberem "como chegar ali"[1122] (no século XV), pelo crivo das "grandes navegações", poderiam guiar os caminhos para que os sub-humanos e sub-desenvolvidos pudessem alcançar o mesmo nível que eles[1123], ainda que, para isso, fosse necessário utilizar do extermínio e da escravidão.

Assim, para Mignolo, há um paralelo bem desenhado entre *humanitas* e *anthropos*, por um lado, e países desenvolvidos e sub-desenvolvidos por outro[1124]. Entrevê-se, nesse prisma, as interrelações entre corpo-política e a geopolítica na criação da exterioridade, da "*hybris do ponto* zero"[1125], e na manutenção da interioridade hegemônica. Por vias dessa correlação, é fundamentalmente com base no *si-mesmo-humanitas* que a exterioridade foi criada e (im)posta aos *loci* e às populações extrínsecas, não apenas de modo geográfico, mas, sobretudo, epistemológico, da hegemonia europeia colonial do Ocidente. Dessa forma, o crítico argentino, no texto supracitado, ilustra as idiossincrasias da exterioridade ao trazer à tona o depoimento da antropóloga Maori Linda Tuhiwai Smith na Zona Zelândia invadida pelos britânicos:

> Uma das supostas características dos povos primitivos era que não podíamos utilizar nossas mentes ou intelectos. Não podíamos inventar coisas, não podíamos criar instituições ou história, não podíamos imaginar, não podíamos

[1121] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 30.
[1122] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 30.
[1123] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 30.
[1124] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 30.
[1125] MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 30.

> produzir nada valor, não sabíamos como usar a terra ou outros recursos do mundo natural, não praticávamos as 'artes' da civilização. *Ao não ter esses valores, nos desclassificávamos a nós mesmos, não somente da civilização, mas da humanidade mesma. Em outras palavras, não éramos 'completamente humanos'; alguns de nós não éramos nem considerados parcialmente humanos*. *As ideias sobre o que contava como humano, associadas com o poder para definir as pessoas como humanas ou não humanas, já estavam codificadas nos discursos imperiais e coloniais antes do período do imperialismo coberto aqui.*[1126]

Tendo em vista esse cenário colonial dos Maori e voltando-me para a minha paisagem *bios*geocultural da exterioridade sul-fronteiriça, percebo meu *sertão epistemológico fronterizo*[1127], que se esparrama tanto em Silviano quanto em mim, significado como lugar ingovernável[1128] e cotejado enquanto meu lócus de enunciação que faz emergir artes, literaturas, culturas e saberes *outros* não dominados pelos governos que promulgam regiões limítrofes controláveis[1129]. É por vias desse entendimento que minha compreensão de fronteira não se dá nunca apenas no plano geográfico, mas, sobremaneira, epistêmico, conceitual, cultural e imaginário[1130]. A fronteira se faz real na medida em que ancora a condição de atravessamento das práticas e dos divíduos andarilhos transpassando seus lados[1131], ora regulados pelo Estado-nação, ora inexistes à óptica governamental que classificam os lados dos espaços fronteiriços contrabandeando práticas culturais[1132].

---

[1126] "Una de las supuestas características de los pueblos primitivos era que no podíamos utilizar nuestras mentes o intelectos. No podíamos inventar cosas, no podíamos crear instituciones o historia, no podíamos imaginar, no podíamos producir nada de valor, no sabíamos cómo usar la tierra y otros recursos del mundo natural, no practicábamos las 'artes' de la civilización. Al no tener esos valores, nos descalificábamos a nosotros mismos, no sólo de la civilización, sino de la humanidad misma. En otras palabras, no éramos 'completamente humanos'; algunos de nosotros no éramos considerados ni parcialmente humanos. *Las ideas sobre lo que contaba como humano, asociadas con el poder para definir a las personas como humanas o no humanas, ya estaban codificadas en los discursos imperiales y coloniales antes del periodo del imperialismo cubierto aquí.*" SMITH *apud* MIGNOLO. Desobediencia epistémica, pensamiento independente y liberación descolonial, p. 28-29, grifos meus e tradução minha.

[1127] NOLASCO. *Pântano*, p. 13.

[1128] HISSA *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 30.

[1129] HISSA *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 30.

[1130] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 30.

[1131] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 30.

[1132] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 30.

Conceituar as fronteiras ademais às concepções monotópicas geográficas e territorialistas implica a descolonização dos discursos das artes[1133], culturas, literaturas, saberes, sensibilidades, *loci,* corpos-*corpus* e paisagens aprisionadas e engessadas[1134] nos enunciados hegemônicos territorialistas. Tal qual Bessa-Oliveira explicita, as histórias desses lugares e dessas paisagens *bios*geoculturais da exterioridade, respaldas pela égide epistêmica-imaginária, incutem leituras fronteiriças[1135] produtoras de saberes críticos-literários-poéticos-artísticos *outros*, desamarrados das mordaças ocidentais-coloniais-imperialistas. Essa condição é perceptível não só com base nas minhas escrevivências sul-fronteiriças e na poética de Nolasco, mas, também, no projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano ao delinear paisagens das exterioridades em suas *inscre-vi-vências* voltando-se para personagens/discussões culturais a partir de *loci* subalternos/periféricos/marginais implicados em experiências fronteiriças, por excelência.

Meu aliado hospitaleiro mineiro, nos âmbitos ensaístas-literários-culturais, é incisivo ao apelar pela revisão dos modelos[1136] – tal qual já articulei partindo do entre-lugar de 1978 – primando pelas mudanças político-culturais oriundas dos acontecimentos que grassam no mundo[1137], além de voltar-se para as diferenças coloniais nas lutas pelos direitos das cidadanias das ditas minorias[1138], a exemplo, nós mesmos homossexuais dos trópicos sul-fronteiriços. No plano da ficção, Silviano abre os horizontes das possibilidades de afetos, sensibilidades e desejos *outros,* periféricos e marginais, como em *Mil rosas roubadas* com os amigos-amantes Silviano e Zeca e/ou em *Stella Manhattan* com o imbricamento dos corpos *queer*. No tanger à

[1133] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1134] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1135] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 73.
[1136] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174.
[1137] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174.
[1138] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174.

produção ensaísta, o intelectual se apropria da leitura da tradição brasileira em argumentação *pari passu* às teorias estrangeiras[1139], sem recair em bairrismos provincianos. Silviano crê na possibilidade de construção e projeção transfronteiriça do pensamento crítico brasileiro[1140] enquanto endosso do imbricamento entre conceitos locais já postos e institucionalizados e os oriundos dos processos de globalização sem deixar de fora da discussão as imposições espaciais-temporais[1141], haja vista, que como já aquilatei, essas foram colonizadas pela hegemonia europeia.

Nessas minhas/nossas leituras de cunho fronteiriço, descortina-se o espaço das diferenças coloniais onde emerge a colonialidade do poder[1142]. Para Mignolo, citado por Bessa-Oliveira, a diferença colonial: "[...] é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem [...]"[1143]. Nesse lugar epistêmico, as hegemonias são forçadas a co-existirem às exterioridades. Assim, tal qual a concepção de fronteira que venho articulando, a diferença colonial é a comunhão simultânea das esferas físicas-imaginárias[1144] e das histórias locais assujeitadas pela colonialidade do poder dos *humanitas*. Às paisagens, *loci*, corpos-*corpus*, saberes e sensibilidades *outros* houve o sentenciamento da diferença colonial epistêmica pela História/Arte/Literatura (com iniciais maiúsculas) para subjugar, dominar, atravessar, expurgar e, em um último nível, exterminar:

> [...] *é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras da vida e pensamento*. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura como produção irregular e incompleta de sentido de valor, frequentemente coposta de demandas e

[1139] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174-175.
[1140] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174-175.
[1141] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 174-175.
[1142] MIGNOLO *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 74
[1143] MIGNOLO *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 74.
[1144] MIGNOLO *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 74

> práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica, para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. A transmissão de culturas de sobrevivência não ocorre no organizado *musée imaginaire* das culturas nacionais com seus apelos pela continuidade de um 'passado' autêntico e um 'presente' vivo – de valor preservadora nas tradições 'nacionais' organicistas do romantismo ou dentro das proporções mais universais do classicismo.[1145]

Isso posto, reitero a premissa basilar deste subtítulo que pensar da exterioridade não requer fazê-lo *exclusivamente* de uma localização espacial-geográfica específica, mas, sobremaneira, aquilatado em uma posição crítico-teórica *outra* fronteiriça-descolonial-pós-abissal[1146], por excelência. Desse prisma, subsidiam-se os *bios*-divíduos, os geo-espaços e as grafias-narrativas para fomentar o que Bessa-Oliveira conclama de *biogeografias*[1147], a fronteira ou o corpo-em-estado-de-fronteira posto-exposto na ordem do contato[1148]. Entrevejo que a edificação das fronteiras[1149] vertidas em construtos monotópicos territoriais se deu/dá pelos assujeitamentos promovidos pelos discursos da colonialidade do poder que privilegiam sempre sua interioridade, de dentro para dentro, na manutenção do privilégio e do poder. Daqui, deste meu/nosso *sertão epistemológico* sul-fronteiriço, emergem *inscre-vi-vendo-se* corpos-*corpus* artístico-literários-poéticos-críticos inscritos e encrustados da/na fronteira[1150], em estado quase permanente de exterioridade à hegemonia ocidental latente.

É na (trans)posição das fronteiras que se (trans)bordam[1151] os corpos que nelas estão calcados. Desse ínterim, pela égide do pensamento fronteiriço, chancela-se as *diversalidades*[1152] imbricadas nas culturas latino-americanas-brasileiras-sul-

---

[1145] BHABHA *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 75, grifos meus.
[1146] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 83.
[1147] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 87.
[1148] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 87.
[1149] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 87.
[1150] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 87.
[1151] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 87.
[1152] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 88.

*fronterizas* que (trans)bordam biogeografias culturais[1153]. Desse modo, a suposta inferioridade projetada às exterioridades, para Boaventura de Sousa Santos em *A gramática do tempo* (2010), advém da dimensão conceitual da descoberta imperial ao promover a ideia "do outro" transformado em alvo de violência física e epistêmica[1154]. Além de assegurar essa então inferioridade, a descoberta a legitimou e a aprofundou[1155] o quanto foi possível e nas mais variadas esferas da humanidade. Em termos de significação colonial, "o descoberto" era *aquilo* que estava longe, abaixo, nas margens[1156], à semelhança do que percebo hoje no tocante à minha fronteira-sul tornada inexiste não só pelos projetos globais, mas, também, pelas regiões centrais do Brasil, sobretudo, o eixo Rio-São Paulo.

Nesse viés, o descoberto, à semelhança do que a antropóloga Maori supracitada aferiu, não tinha saberes/arte/direitos/pensamento ou, se os têm, esses eram desprovidos de quaisquer valores e legitimidade[1157]. Para sustentar essas relações de inferioridade, a hegemonia colonial recorreu a diversas estratégias, dentre elas a guerra, a escravatura, o genocídio, a homofobia, o racismo, a desqualificação, a transformação "do outro" em objeto ou recurso posto-exposto em sucessões de imposições político-epistêmicas-econômicas[1158]. Além disso, ainda na chancela das práticas de inferiorização, para Santos, se desenrolaram na economia[1159], tributação, colonialismo, neocolonialismo e globalização imperiais, no viés político[1160], cruzadas, impérios, estados coloniais, ditaduras e democracias e na perspectiva da cultura[1161],

[1153] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 88.
[1154] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1155] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1156] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1157] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1158] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1159] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1160] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1161] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.

epistemicídio, missionação, assimilacionismo, além de indústrias e massificação culturais.

Ainda no prisma da descoberta, passível de ser articulada hoje *pari passu* às relações assimétricas difundas às fronteiras e aos corpos-*corpus outros* (como os meus e o de Silviano), entrevejo que os pressupostos colonialistas-ocidentais não dão espaço para as possibilidades de co-existências igualitárias das diferenças[1162] (coloniais). Com isso, a dignidade/humanidade das exterioridades são apagadas/silenciadas/expurgadas em vias da (auto)manutenção dos, antes, descobridores e, hoje, *humanitas* postos na interioridade dos projetos globais do capitalismo pulsante e latente. Atravessados pela urgência de *aprendermos a desaprender para reaprender*[1163], de maneira outra pluri-versal e pluri-tópica, esses paradigmas institucionais hegemônicos da interioridade que aquilatamos nosso inconformismo[1164] respaldado por (auto)questionamentos e (auto)reflexidade[1165] do Ocidente. No poema “Política local”, Nolasco reverbera:

> O poeta subalterno da fronteira-Sul reconhece e rechaça a política do poeta do centro e já pensou na possibilidade pôr pra correr o poeta ocidental. Já o poeta nacional do centro não descarta a chance de ocupar o lugar do poeta universal e repetir sua poética nos grandes centros do país e periferias afora. Que o poeta do centro almeje tal feito é academicamente compreensível pela tradição poética e política nacional. *Agora que o poeta da fronteira-Sul quisesse incorporar em sua poética bugresca a poética dos outros dois seria simplesmente incompreensível. Compete a ele não ignorar as demais poéticas, mas daí repeti-las nos trópicos sulistas seria um disparate poético. Em todo caso, não faz parte da boa política do poeta subalterno deixar o poeta ocidental achar que continua a tirar ouro do nariz, nem muito menos que ainda pode falar por toda a antipoética subalterna.*[1166]

À luz do fragmento poético supracitado, percebo que mesmo Silviano não escrevivendo a partir da mesma fronteira-sul a qual eu e Nolasco habitamos e somos

[1162] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 190.
[1163] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[1164] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 190.
[1165] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 190.
[1166] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 36, grifos meus.

habitados, a paisagem teórica[1167] delineada por ele se criva em uma visão crepuscular das civilizações na sobreposição da montanha, da planície e do mar[1168]. No verso do poema “O que Minas?”, de Silviano, “Minas do lar/Minas sem mar”[1169], meu aliado hospitaleiro, como o equilibrista[1170] que sempre foi, estabelece uma proposição *outra* do espírito mineiro dividido entre o não rechaço à tradição e, ao mesmo tempo, a procura incessante pelo *outro*, exterior ao outro lado da montanha[1171] (ou, lida por mim, pelo outro lado da fronteira, isto é, a escuridão da diferença colonial). Silviano angaria a descentralização do espírito mineiro no reverso aos estereótipos criados ao seu redor[1172]. Pela prática nômade, andarilha e transfronteiriça, possibilita-se a convivência igualitária com várias visadas teóricas assumindo um posicionamento pluralista o qual reinsere as diferenças coloniais na prática escrevivente-literária-ensaísta.

Silviano, pelo atravessamento fronteiriço, compreende que no tocante ao sistema econômico-epistêmico-artístico-literário dominante global *existe algo exterior a ele*[1173]*.* Ou seja, pessoas, *loci outros*, discursos, conhecimentos e ignorâncias que sobrevivem e re-existem em sua condição de exterioridade ou fronteiridade[1174]. Na exterioridade da ignorância dos *humanitas*, ainda que esses busquem rechaçar, existem *vidas que dormitam nas fronteiras ignoradas*[1175]. Silviano não só escuta sua condição de *anthropos*, como se aproxima dela, encenando sujeitos subjugados em suas narrativas e produções críticas os reinscrevendo na cultura e na história da

[1167] SOUZA. *Crítica cult*, p. 46.
[1168] SOUZA. *Crítica cult*, p. 46.
[1169] SOUZA. *Crítica cult*, p. 41.
[1170] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[1171] SOUZA. *Crítica cult*, p. 41.
[1172] SOUZA. *Crítica cult*, p. 41.
[1173] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 90.
[1174] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 90.
[1175] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 90.

humanidade. Ainda que tomado, em parte, por uma herança pós-moderna, o mineiro é um intelectual brasileiro, periférico, latino, fronteiriço e escre(vi)vendo em uma língua portuguesa[1176] não praticada como na Europa. Como eu e Nolasco, meu divíduo escre(vi)ve *inscre-vi-vendo-se* nas bordas da exterioridade do mundo Ocidental hegemônico.

Sendo assim, endosso que é do habitar a exterioridade, não apenas territorialista, que emerge a possibilidade da epistemologia fronteiriça enquanto método de pensar descolonialmente[1177]. Dessa premissa, minha fronteira-sul é a morada da revolta, da ignorância e do abandono de toda sorte[1178]. Assim, só um pensamento que contemple as diferenças coloniais que nela grassam possam tentar contornar a paisagem *bios*geocultural desse lócus de dentro da sua própria exterioridade latente. Enquanto críticos e intelectuais terceiro-mundistas aprendemos a negociar com as teorias migrantes[1179] de fora para nos voltarmos para nossas próprias locais e sensibilidades biográficas a partir das paisagens *bios*geoculturais que se desenhavam nas fronteiras, sejam essas do Mato Grosso do Sul ou as mineiras para além das montanhas.

Diferentemente dos intelectuais centralizados condenados a pensar sempre *sobre*[1180] algum objeto inerte aos seus olhos, escre(vi)vemos a ferro e fogo *a partir*[1181] dos nossos corpos-*corpus*, sensibilidades, desejos/afetos *outros* e *loci* geoistóricos/epistêmicos exumando e refundando nossas “histórias esquecidas”[1182] soterradas nas margens disciplinares da História (com letra maiúscula) e do

[1176] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 87.
[1177] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 80.
[1178] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 90.
[1179] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 89.
[1180] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 89.
[1181] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 89.
[1182] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 89.

pensamento Ocidental. Pelas tessituras e bordados escreviventes que delineamos em nossas práticas-produções críticas-poéticas-literárias-ensaístas inscrevemos as experiências subalternas que nos assolam e registramos/tornamos públicos nossos *bios*[1183]. Parece-me, na esteira de Nolasco, que a nós, críticos das bordas, facultou-se a condição de teorizar sempre com base na situação de atravessamento[1184] trazendo à tona qual é o papel do intelectual hoje nas produções acadêmicas, ainda, estritamente territorialistas e disciplinares, por excelência. No poema "Fragmentos para um ensaio biográfico", o poeta sul-fronteiriço expõe:

> Nasci na Revolta; logo sou um homem revoltado (Mas confesso que prefiro a rubrica deserdado.) *Um homem revoltado é um homem que aprendeu com a Natureza a teimar contra as injustiças do mundo e a teimar contra o discurso bonito e empolado cercado de subjetividades advindas do homem das Humanidades*. Um homem revoltado também é um homem duplamente enfezado. Literalmente caga e mija em cima do saber imposto pelos doutores da Lei e das Letras como única saída do obscurantismo e, com isso*, o homem conscientemente enfezado acaba por propor outras formas de pensar por poéticas que emergem da ignorância*. Não preciso dizer que sou filho legítimo de uma família de gente enfezada da fronteira-sul.[1185]

Sob a pluma da citação aposta, compreendo-me, também, como um homem criado justamente na revolta da fronteira-sul, tal qual delineei no início deste subtítulo reproduzindo imagens do meu eu-criança na fazenda dos meu avós Suzete e Antônio nas margens e Campo Grande. Formei-me *homem-menino-fronteira-homo-biográfico* justamente onde dormita(va) o esquecimento e a *solitude* dos *anthropos* sul-fronteiriços. Considerando essa condição andarilha e atravessada incutida na gênese do meu ser, hoje, entrevejo que o endosso das minha reflexões críticas de pesquisador se descortina diferencialmente na maneira a qual desloco (e traduzo)[1186] as leituras epistêmicas que me abalizo para pensar pela égide diferencial[1187] minha periferia posta-exposta em cena neste *trabalho-corpo-político*.

---

[1183] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 90.
[1184] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 90.
[1185] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 37, grifos meus.
[1186] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 91.
[1187] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 91.

Angario a reinvindicação de direitos críticos, filosóficos[1188], *bios-geo-culturais* e sensíveis à revelia do pensamento dual, hierárquico e universalista imperante na História do Ocidente. Dito isso, desencubro/retiro a tarja imperial[1189] da imagem de atrasada, nativa, sombria, bárbara, selvagem, sem capacidade de reflexão, sem sensibilidade, dependente[1190] e resto do mundo/civilização/saber[1191] da paisagem *bios*geocultural da fronteira-sul da exterioridade. Esta, por sua vez, continua sendo o interstício limítrofe epistemológico. Se um por lado, ela denota a condição infinita de atravessamento[1192], ao mesmo tempo, barra as teorias viajantes[1193] apontando que só pode narrá-la com base em um pensamento, também, fronteiriço emergente de dentro do seu próprio seio. Em linhas gerais, um saber *outro* que se predisponha a escutar o balbucio[1194] dos *anthropos*, ou seja, dos *oprimidos pero no vencidos*[1195] em todas as suas *diversalidades* biográficas, culturais, linguísticas, sensíveis, geoistóricas e epistemológicas.

Parece-me, que no tocante à fronteira-sul, esta sofra uma tripla categorização de inexistência, visto que parece não existir frente aos Estados centralizados brasileiros (sobretudo, no eixo Rio-São Paulo), nem na perspectiva macro da América Latina em relação ao Brasil e, em uma instância maior ainda, para os projetos globais ocidentais promovidos, sobretudo, pela Europa e pelos Estados Unidos. Percebo, nesse ínterim, que o biolócus de onde erijo minhas escrevivências incute a *periferia da periferia da periferia*[1196]. Em termos de América Latina, segundo Mignolo, o Brasil

[1188] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 92.
[1189] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 92.
[1190] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 92.
[1191] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 92.
[1192] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1193] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1194] ACHUGAR *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1195] CUSIQUANCI *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 94.
[1196] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 97.

está posto nela não por uma questão linguístico-cultural, mas por pertencer territorialmente ao continente[1197] ficando de fora dos debates críticos sobre os trópicos por vias dos desconhecimentos linguísticos acarretando uma subalternização endossada pela própria América Latina[1198].

Julgo necessário, portanto, pontuar que as exterioridades residem em todos nós, Pedro, Silviano e Nolasco, contudo, de maneiras diferentes, haja vista as condições periféricas distintas que nos habitam. Ainda que para filósofo argentino Enrique Dussel, citado por Mignolo em *Histórias locais/projetos globais*, a América Latina resida na exterioridade do "outro"[1199] a qual se constitui o sistema mundial moderno, o que explicaria as sucessivas construções de exterioridades nas narrativas coloniais[1200], ainda sim, o Brasil e, mais especificamente, a fronteira-sul não encontra seus lugares ao sol no plano das teorizações sobre/a partir dos trópicos. Dessa forma, para não recairmos em bairrismos provincianos, há que voltarmos nossos olhos para todas as esferas de inexistências que nos incutem, de maneira consciente ou não. Habitamos e somos habitados pelas exterioridades tanto quanto todos os latino-americanos e, por isso, angario co-existências epistêmicas globais, mas, também, continentes e interestatais, no tocante ao Brasil. No *poema-imagem* "Fronteira", Nolasco explicita:

> *A fronteira é meu lócus biográfico.*
> *A fronteira é dentro e fora de mim.*
>
> [...]
>
> Eu me aconteço na fronteira, incluindo seu dentro e seu fora, mas sobretudo sua borda rendada e porosa (enjoei de metafísica).
> A fronteira é minha possibilidade de existir. Estou condenado a percorrer sua encosta e, por conseguinte, construir minha travessia desde antes do meu nascimento. Nessa trajetória biográfica e intransferível eu contorno minha angústia, reconheço minha presença e ainda tenho esperança.

[1197] MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 97.
[1198] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 97.
[1199] DUSSEL *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 244.
[1200] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 244.

> [...]
>
> Se a fronteira é meu lócus fronteiriço, meu poema é meu tempo biográfico-histórico. Sou e estou em meu poema na medida em que ele não se resume a um objeto estético. Estou na condição do desalojamento de sua beleza. *Meu poema ainda vai chegar a existir,* assim como vai se erigir a pergunta que faço ao mundo por meio dessa falha poética que intento contornar dentro dessa tarde de janeiro de 2015, enquanto olho para o crepúsculo suspenso sobre a fronteira-sul.[1201]

Assim como o poema de Nolasco, a minha fronteira-sul *ainda vai chegar a existir* na história da humanidade, dos saberes e das artes-literaturas destituída da sua tripla insígnia de periferia/exterioridade. Se ela é meu lócus fronteiriço, não só a minha escrevivência, como a de Silviano, a partir da condição de meu intercorpo-aliado-hospitaleiro, são meu tempo-biográfico-histórico vertidos e inscritos nos meus corpo-*corpus* homo-biográficos-sul-fronteiriços. À vista disso, Homi K. Bhabha me é necessário para abalizar que existe uma suposição autodestrutiva, promovida pelo Ocidente e replicada nos trópicos, de que a teoria é, como condição *sine qua non*, a linguagem da elite privilegiada socioculturalmente[1202]. Em linhas gerais, acredita-se que o lugar da teoria é intrínseco aos arquivos eurocêntricos[1203] do Ocidente imperialista ou neocolonial e, por extensão, inexistente em quaisquer outros *loci* geoistóricos e epistemológicos de produção do conhecimento e das artes-literaturas.

Nesse cenário, a falaciosa construção de uma suposta "teoria pura"[1204] eurocentrada exime a existência das tragédias e das histórias dos condenados da terra[1205] atravessados pelas diferenças coloniais que grassam no planeta. Para Bhabha, esse é o contexto em que antagonistas sociais e contradições históricas não tomam outra forma que a do binarismo maniqueísta posto pela teoria *versus*

[1201] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 81, grifos meus.
[1202] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.
[1203] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.
[1204] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.
[1205] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.

política[1206] em que a meta de conhecimento, nesse prisma, se resguarda à inversão simplista das relações opressor-oprimido, centro-periferia e imagem negativa-positiva[1207]. Pelo reverso, o crítico indiano, assim como eu, Nolasco e Silviano viemos propondo, situa-se no deslizar/atravessamento das margens do deslocamento cultural[1208] (já demonstrei essa proposição a partir do entre-lugar de 1978 do meu mineiro) embaçando quaisquer binarismos e/ou dicotomias simplórias e prejudiciais para a articulação das diferenças coloniais e, por conseguinte, das exterioridades.

Ressalvadas as diferenças, Bhabha aquilata um entre-lugar[1209], um terceiro espaço[1210], tal qual Silviano, angariando um novo lugar de enunciação político e histórico transformador das significações da herança colonial nos signos liberatórios de povos realmente livres e de um futuro global mais igualitário[1211]. Para o intelectual indiano, o terceiro espaço[1212], ou o entre-lugar dessa perspectiva, é a ambivalência da estrutura de significação e de referência rompendo o espelho da representação o qual o saber cultural é revelado como um código integrado, aberto e em expansão[1213]. Desse viés, desafia-se as noções de identidades históricas das culturas[1214] como força homogeneizante, monotópica, unificadora, legitimada pelo passado como originário e mantido em pulsação na tradição nacional das civilizações[1215].

À semelhança do entre-lugar de Silviano, o terceiro espaço, em si mesmo, é irrepresentável[1216] e aquilata/endossa premissas enunciativas responsáveis pela não-

[1206] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.
[1207] BHABHA. *O local da cultura*, p. 47.
[1208] BHABHA. *O local da cultura*, p. 50.
[1209] BHABHA. *O local da cultura*, p. 75.
[1210] BHABHA. *O local da cultura*, p. 73.
[1211] BHABHA. *O local da cultura*, p. 75.
[1212] BHABHA. *O local da cultura*, p. 73.
[1213] BHABHA. *O local da cultura*, p. 73.
[1214] BHABHA. *O local da cultura*, p. 73.
[1215] BHABHA. *O local da cultura*, p. 73.
[1216] BHABHA. *O local da cultura*, p. 74.

unidade ou fixidez dos significados e símbolos das culturas não possibilitando que esses sejam apropriados, traduzidos, re-historicizados[1217] e lidos do modo como a interioridade, o si-mesmo e os *humanitas* têm se valido das exterioridades como *recurso*[1218] para reafirmar e manter sua própria endogenia. Isso corrobora justamente o que venho defendendo de que a fronteira-sul, ou as Minas sem mar de Silviano, só podem ser narradas, delineadas, desenhadas e/ou teorizadas *a partir* delas mesmas, dos seus habitantes andarilhos e atravessados pelas diferenças coloniais e histórias-sensibilidades locais que nela estão incutidas.

É justamente a condição "entre", ou "inter"[1219], que carrega o fardo do significado das culturas[1220] possibilitando que se comece a apreciar as *reais* histórias locais dos povos[1221] contadas por eles mesmos e não por intermédio de terceiros, sejam esses quais forem. No explorar desse terceiro espaço quase irrepresentável, barramos as polaridades simplórias e maniqueístas emergindo para o mundo *a partir de nós mesmos*[1222]*,* dos nossos desejos-afetos *outros*, gêneros/sexualidades dissidentes-desviantes-inconvenientes, *loci* geoistóricos/epistemológicos e paisagens *bios*geoculturais das exterioridades. Como Mignolo explicita, ao habitarmos a fronteira, nossos horizontes de expectativas e espaços de *experivivências* e, por extensão, de escrevivências já não são os dos impérios ocidentais-neocoloniais, ainda que tenhamos casa, número, rua, telefone e carteira de habilitação em nacionais imperais[1223]. Na esteira dessa proposição *bios*geocultural e crítica, evoco dois

[1217] BHABHA. *O local da cultura*, p. 74.
[1218] SANTOS. *A gramática do tempo*, p. 182.
[1219] BHABHA. *O local da cultura*, p. 76.
[1220] BHABHA. *O local da cultura*, p. 76.
[1221] BHABHA. *O local da cultura*, p. 76.
[1222] BHABHA. *O local da cultura*, p. 76.
[1223] MIGNOLO *apud* NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 67.

*poemas-imagens,* “Uma dor colonizada” e “*El desdichado de frontera*” respectivamente, de Nolasco:

> Contraditoriamente,
> a fronteira-Sul é Ocidental:
> lugar onde o sol se põe.
> O monstro colonial emergiu e
> tornou toda uma experiência local *fronteriza*
> em um pântano estéril e sedento
> por uma razão vinda de longe.[1224]
>
> [...]
>
> Condenado, continuo a voltar àquele lugar que nunca saiu de mim
> e, para meu alento e desencanto, *encontro aquela paisagem sanguinolenta do crepúsculo encobrindo de um vermelho quase*
> *negro, pertinho da melancolia*,
> o vulto de uma fronteira que resiste ao esquecimento de uma vida
> de outrora.[1225]

Assim como o canto do poeta sul-fronteiriço, coloco-me, também, na condição de condenado à fronteira, *continuo a voltar a esse lugar que nunca saiu de mim, encontro sua paisagem sanguinolenta do crepúsculo encobrido de um vermelho quase negro, pertinho da melancolia* das diferenças coloniais as quais habito e sou habitado, simultaneamente. É a partir da paisagem para além do último céu[1226], do fim da fronteira do mundo moderno, nesse espaço histórico e geopolítico (Brasil/Paraguai/Bolívia)[1227], segundo Bessa-Oliveira, que aquilato a conceituação das paisagens *bios*geoculturais pela égide de uma *episteme outra* para saberes-artes-literários descoloniais do ser, sentir, estar e saber[1228]. Os imbricamentos do *bios*-divíduo, do geo-espaço somados às grafias-narrativas[1229] descortinam a possibilidade de pensar essas paisagens *bios*geoculturais fronteiriças[1230].

---

[1224] NOLASCO. *Pântano*, p. 15, grifos do autor.
[1225] NOLASCO. *Pântano*, p. 54, grifos meus.
[1226] DARWISH *apud* SAID. Israel está mais seguro?, p. 07.
[1227] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1228] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1229] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1230] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.

Para o crítico aposto da fronteira-sul, isso se dá justifica na medida em que todo lugar, geográfico ou epistemológico, produz arte, cultura, saberes e pensamentos *outros* arraigados aos divíduos (*bios*)[1231] e que essas produções não são superiores ou inferiores a de outros *loci*, centralizados ou não, mas diferentes pelas idiossincrasias *bios*geográficas[1232] que lhes fundamentam. Angario elocubrar paisagens e retratos culturais endossados por horizontes *outros* que não os essencialistas entrecortados pela visada do "natural"[1233]. Nos idos contemporâneos, as paisagens se transformaram tornando-se culturais[1234] à luz da óptica das histórias locais e sensibilidades biográficas de cada divíduo que (se) escre(vi)ve, tal qual venho desenhando minha fronteira-sul e como farei adiante com a paisagem da Praça Sete de Setembro localizada em Belo Horizonte a partir das *Mil rosas* que roubei do meu mineiro.

Desse ponto de vista, entrevejo que cada artista/escritor/crítico elege de maneira afetiva, geoistórica e epistemológica suas paisagens *bios*geoculturais[1235] atravessado não só pelos seus *loci*, mas pela chancela de suas *inscre-vi-vências* sensíveis contaminadas (no sentido positivo do termo) pelo que é entrevisto nos espaços que esse divíduo está integrado[1236], seja na sua interioridade, ou no meu/nosso caso, na tripla exterioridade da fronteira-sul. No prisma do *bios* que funda a gênese desse divíduo *delineador de paisagens* estão incrustadas/coladas/roçadas memórias[1237], reais (se é que se possa acreditar que a memória é real) e/ou inventadas, suas ou roubadas, (trans)postas[1238] em escrevivências. Por conseguinte,

[1231] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1232] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 31.
[1233] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 53.
[1234] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1235] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1236] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1237] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1238] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.

essa leitura *outra* das paisagens me permite :"[...] ressignificar as antigas noções de paisagens e retratos como representações ou recortes de algo 'realista', para torná-las impressões biogeográficas e culturais [...]"[1239] que são ressaltadas nas escrevivências de cada divíduo biográfico pelo crivo da sua impressão óptica[1240] desvelando as histórias, memórias e sensibilidades locais. Em "Paisagens bugresca", Nolasco delineia:

> [...]
>
> *Vi o crepúsculo oscilante da fronteira cair sobre o pântano* enquanto um deus subalterno me advertia que a poesia não me salvaria de meu desespero de mim que come, dorme e pensa (e sabe que vai morrer).
>
> [...]
>
> *Vi e guardei a cor sanguinolenta do crepúsculo oscilante da fronteira-sul num verso que não penso em torná-lo público*; antes o quero guardado para mim e para aquele que soube a mim em meu silêncio de poeta e morte (pare de coçar minha alma, oh morte que habita meu corpo).
>
> [...]
>
> *Vi a extensão da planície extravasar para além das bordas da fronteira* e dentro dela um bugre deus subalterno comendo banana enquanto mirava em direção ao poente. Sua face contornava o desenho da solidão e do abandono do lugar.[1241]

Os excertos *imagético-poéticos* de Nolasco corroboram minha articulação *geo-bios*-espacial-epistemológica de que as paisagens são delineadas e fomentadas *a partir* da óptica daquele divíduo que a entrevê para além do seu último céu e da sua última fronteira. Para a crítica de arte Anne Cauquelin, citada por Bessa-Oliveira, "[...] é por meio da arte que digo o que vejo que devo ver na natureza. E o que vejo dessa maneira é paisagem."[1242]. Cada divíduo transfere para a sua escrevivência aquilo que lhe é possível enxergar da paisagem cultural, e ao seu modo[1243]. Os objetos implicados no desenho dessas paisagens *bios*geoculturais, tal qual por Nolasco nos

---

[1239] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1240] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 60.
[1241] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 76-77, grifos meus.
[1242] CAUQUELIN *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 57.
[1243] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 57.

fragmentos poéticos supracitados e Silviano *a posteriori*, não remetem, *in natura*, à realidade descolada, mas, sim, configura a óptica ordenatória[1244] do divíduo fronteiriço frente as aparições que o atravessam significando *a natureza*[1245].

Minhas paisagens *bios*geoculturais aqui traçadas, enquanto condição *sine qua non* fronteiriça, distanciam-se da metodologia cronológica[1246] que mantém a perspectiva paisagística como essencialista, natural ou como recortes Históricos (em maiúsculo). Pelo contrário, privilegio as condições biográfico-geoistóricas-epistemológicas que as aquilatam pela chancela de retratos culturais[1247] permeados por histórias (em minúsculo) e sensibilidades biolocais, sobremaneira, das exterioridades, margens e periferias. O ponto de partida que me respaldo para pensá-las é justamente o divíduo atravessado por espaços biográfico-fronteiriços[1248] na fomentação da suas próprias identidades culturais[1249]. Na esteira de Bessa-Oliveira, compreendo que as paisagens desenhadas nas produções escreviventes narram histórias[1250] e sensibilidades locais à luz das memórias, arquivos (não eurocentrados) e paisagens culturais imbricados nos lugares destituídos de quaisquer dívidas com o imperialismo-ocidental replicado pelos projetos globais[1251].

Ao passo que Nolasco escre(vi)ve a nossa fronteira-sul em sua trilogia poética, Silviano o faz a partir de seus personagens terceiro-mundistas, homossexuais, brasileiros, latino-americanos imbricados a paisagens *outras*, *diversais*, pluri-tópicas e pluri-versais, como no primeiro encontro quase amoroso de Zeca e Silviano na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte (1952) no romance *Mil rosas roubadas*. Do ponto

[1244] CAUQUELIN *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 59.
[1245] CAUQUELIN *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 59.
[1246] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 62.
[1247] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 62.
[1248] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 63.
[1249] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 63.
[1250] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 63.
[1251] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 63.

de vista mais sensível de mundo, e menos subjetivo, os *bios* de nós divíduos sul-mato-grossenses e mineiros aquilatam o desenhar de paisagens *bios*geoculturais enquanto "retratos"[1252] das nossas histórias e culturas locais. Sendo assim, entrevejo que as minhas fronteiras e, por extensão, paisagens das exterioridades, ressalvadas suas diferenças sensíveis, se roçam com as de Nolasco e com as de Silviano na gestualidade de nossas escrevivências unidas justamente pela dispersão da/na fronteira que elas esbarram.

O que busco e quero entender, e me valho, ainda, de Bessa-Oliveira para fazê-lo, é a paisagem artístico-poética-literária posta-exposta-vertida em um campo conceitual epistêmico[1253] intercorporado pelas diferenças coloniais que grassam em nossos *bios*, *loci* e sensibilidades (ópticas) de mundo[1254]. Isso só é possível pelo imbricamento *bios*-crítico-cultural[1255] por excelência, à revelia da pressuposição dos retratos das diferenças sociais e dos construtos Histórico-locais[1256] do mundo Ocidental, das regiões centrais do Brasil e da condição periférica incutida pela América Latina ao lócus tupiniquim. O escritor e crítico uruguaio Hugo Achugar, citado por Nolasco, me corrobora: "A paisagem, que traça essas múltiplas memórias, supõe um posicionamento e um lugar específico a partir de onde se fala e a partir de onde se lê."[1257]. Ademais, no "Epílogo" do livro *Pântano*, Nolasco nos complementa:

> [...] *as imagens e paisagens pobres e biográficas que foram se desenhando nos poemas que compõem o livro Pântano acabam por espelhar o contorno do meu bios, como o boi ruminando no campo e o pôr do sol na fronteira fazem parte da planície.* (A paisagem do crepúsculo se distende sobre a planície e encontra o espelho d'água represado no pântano em que se vê a imagem refletida de um Narciso melancólico, mistura do sol negro da fronteira e do canto do urutau.). Ai de mim, oh pântano selvagem! Não: vinde a mim, oh poética selvagem.[1258]

[1252] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 66.
[1253] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 79.
[1254] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[1255] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 79.
[1256] BESSA-OLIVEIRA. *Paisagens biográficas pós-coloniais*, p. 79.
[1257] ACHUGAR *apud* NOLASCO. *O oráculo da fronteira,* p. 17.
[1258] NOLASCO. *Pântano,* p. 109, grifos meus.

Nolasco, no livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), reafirma não só o “Epílogo” do seu livro poético, como reitera, também, minha argumentação sobre a necessidade de primarmos pelos *bios* e pelos *loci* geoistóricos-epistemológicos para contornamos as bordas[1259] das paisagens das exterioridades desenhadas e delineadas na fronteira-sul no tergiversar das produções artísticos-culturais-poéticas-literárias[1260] que emergem desses espaços *outros*. Dito isso, entendo que a aproximação das sensibilidades *bios*-locais com a paisagem geocultural nos permite entendê-la afora quaisquer universalismos abstratos imperiais[1261], contemplando suas especificidades, arraigadas aos divíduos fronteiriços que a desenham, para além de bairrismos ou provincianismos[1262].

À revelia da conceituação Histórica-essencialista-naturalista do chancelar paisagístico, este, alicerçado pelo pensamento fronteiriço, traduz o seio *bios*-sensível-afetivo-local-epistemológico dos divíduos atravessados e *capta a alma fantasmática desse lugar periférico*[1263]. Tal qual a conceituação que expus acerca/a partir das exterioridades, as paisagens conceituais *bios*geoculturais da/na fronteira não abnegam as memórias da tradição[1264] que estão enraizadas nas produções artístico-culturais-epistêmicas-literárias. Pelo contrário, preocupam-se em asseverar que *todas* as paisagens, bem como *todas as vidas e loci*, saiam dos mundos subjugados, assujeitados, oprimidos e sombrios que estão postos-expostos-(im)postos nas culturas[1265]. Não só as minhas/nossas (Pedro/Nolasco) paisagens descortinam esse

[1259] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 96.
[1260] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 96.
[1261] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 96.
[1262] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 97.
[1263] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 98.
[1264] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1265] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.

horizonte *outro* co-existente, mas, adiante como demonstrarei, a de Silviano arraigada às Minas Gerais no Sudeste do Brasil.

No caso da nossa fronteira sem lei[1266] posta geograficamente no Mato Grosso do Sul, ela nem sempre é concreta e, na maioria das vezes, apresenta-se de maneira imaginária e epistemológica[1267]. Alternando-se, ora um lado se sobrepõe ao outro no meu manejo crítico ou, como Nolasco expõe, até mesmo de forma inconsciente[1268], haja vista sua condição ambivalente. Entretanto, ademais a essa peculiaridade, ainda sim, a fronteira-sul é o lócus da margem, do "subúrbio do mundo"[1269], um espaço esquecido e perdido no vasto espaço territorial que delineia a região Centro-Oeste do Brasil[1270]. Um lugar onde "[...] pântano e cerrado se revezam se se hibridar, um lugar deslocado e afasto dos centros desenvolvidos do país segundo esses mesmos centros, fora do eixo [...]"[1271].

No plano da fronteira-sul e, por extensão, da sua paisagem *bios*geocultural, frente ao Brasil, há um rompimento e/ou embaralhamento dos traços nacionalistas e patrióticos[1272], quase como vindo nos lembrar de que além de uma fronteira não tem suas linhas/traços/bordas/margens/lados bem delimitados e/ou definidos[1273], ela borra suas próprias diferenças coloniais locais[1274] entrevistas pelos divíduos que a habitam e que são habitados. De acordo com Nolasco, a fronteira-sul: "[...] é uma sanga na terra vermelha por onde corpos atravessam e se roçam contra outros corpos, lembrando a paisagem do capim barba-de-bode [...]"[1275]. Além disso:

---

[1266] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1267] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1268] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1269] PIGLIA *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1270] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1271] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 99.
[1272] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 103.
[1273] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 103.
[1274] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 104.
[1275] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 33.

> Fronteira-Sul
>
> É também território geográfico.
> Lugar sem lei, fora da lei.
> Lugar que faz suas próprias leis.
> Sem lados. Zonas da ilegalidade e do contrabando.
> Lugar onde sujeitos *oprimidos pero no vencidos* trabalham.
> Lugar abissal e biográfico onde canta o urutau.[1276]

À vista desse *sertão paisagístico epistemológico*, enquanto território biográfico dos *oprimidos pero no vencidos*, a paisagem da exterioridade encrustada na fronteira-sul imbrica a política e as idiossincrasias pluri-tópicas e pluri-versais dos divíduos postos-expostos nesse lócus geoistórico e epistêmico emoldurando em suas próprias peles/carnes/corpos-*corpus* as perdas e os desejos incutidos na condição de fronteiridade[1277]. E, o mais importante, para mim, nessa articulação das paisagens *bios*geoculturais é o entendimento de que quaisquer paisagens se *apresentam sempre como um lócus e um leitmotiv de reflexão teórica*[1278]*,* por excelência*.* Nunca menos que isso. Outro ponto salutar a ser explicitado é o fato de que a paisagem da fronteira-sul, ao revés das pós-modernidades latentes, delineia, aquilata, fomenta e sustenta *um lugar específico, nunca um não-lugar*[1279].

Essa especificação torna nítidos os traços diferenciais[1280] entre centro/periferia, eixo/fora do eixo voltando-se para as especificidades dos *loci* periféricos, ou não, e rechaçando os binarismos maniqueístas replicados pelas concepções modernas e ocidentais. Subversivamente, a paisagem *bios*geocultural da fronteira-sul inscreve em seu corpo-texto histórias locais particularidades, memórias *outras*, uma tradição única, assim como as insígnias das perdas, ganhos, vidas, mortes[1281], *a cor matizada do sangue escorrido pela terra ou do crepúsculo oscilante da fronteira-sul*[1282]. Ao nos

---

[1276] NOLASCO. *Pântano,* p. 17, grifos do autor.
[1277] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1278] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1279] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1280] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1281] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1282] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.

preocuparmos em tentar contornar, epistêmico-poético-literariamente, as bordas imaginárias e reais de uma paisagem[1283], consideramos a importância que as memórias, tradições e inércias têm no estabelecimento e na configuração de uma paisagem[1284] que está estritamente amarrada, imbricadas e alicerçada à identidade[1285] dos seus divíduos em condição de atravessamento, transfronteiridade e exterioridade. Encerrando as reproduções *poéticas-imagens-paisagens* de Nolasco, trago à baila dois poemas intitulados “Abandono” e “Para compor uma biografia da revolta”, respectivamente:

> Escureceu, de repente, às três horas da tarde, ao Sul da fronteira-Sul, que mais me parecia que tudo ia se dissolver entre o pântano e o cerrado, e em nada poético como acontece em poema inicial de Drummond.
>
> [...]
>
> O urutau deserdado cantou do outro lado da fronteira de forma ainda mais melancólica, desesperada e só.
>
> [...]
>
> Só o homem, ignorante a tudo o que acontecia ali, continuou firme a olhar o crepúsculo oscilante da fronteira-Sul, que mudava de cor conforme a tempestade avançava sobre o pântano vermelho.[1286]
>
> [...]
>
> Foi a fronteira-Sul, cuja paisagem sempre fez sombra em minha vida desde meu nascimento, confundindo-se, inclusive, com o *bios* da minha planície, que viria a me dar a consciência de que a morte é tangível e real entre todos os que amamos.
>
> [...]
>
> Cresci assistindo ao por do sol tingir(se) de um barrado sanguinolento e encobrir, aos poucos, a fronteira-Sul atravessada por suas gentes e suas respectivas histórias locais. E todos os dias, antes da tarde, perder-se na sombra escura da fronteira que trasladava do lado de cá, a água no pântano especularmente refletia o céu vermelho quase escuro que aos poucos se perdia do outro lado. Sempre ouvi à distância o exato momento em que os patos selvagens deixavam o pântano e voavam em direção ao *último céu do poeta do outro lado do mundo*.[1287]

[1283] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1284] ACHUGAR *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1285] ACHUGAR *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza,* p. 105.
[1286] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 47.
[1287] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 97, grifos do autor.

Ainda no plano da correlação/confusão do *bios* com as paisagens, Silviano, na égide do seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta*, empreende a possibilidade de pensarmos essas paisagens não apenas pelas esferas geoculturais, mas, também, no plano sensível-sexual-afetivo *outro* permeando exterioridades geoistóricas, epistemológicas e dissidentes-desviantes-inconvenientes imbricadas no fomentar das nossas homo-*bios*-grafias. Esses retratos culturais delineiam permeabilidades paisagísticas marginais tomadas pela melancolia, alegria possível, deriva sexual, temor da AIDS, solidão, ternura e pela busca por relações[1288] aquilatadas em direitos relacionais subalternos/periféricos de nós homossexuais. Tal qual Denilson Lopes reverbera, isso se entrevê não só no mineiro, como em Caio Fernando Abreu, Cazuza[1289] etc. Em *Mil rosas roubadas*, meu intercorpo nascido em Formiga aponta a paisagem da margem em Belo Horizonte:

> Do lado de lá da avenida circular e circundante, à margem, portanto, da cidade planejada e construída de maneira racional, à margem do burgo medieval protegido, morava então *tudo o que era enviesado, miserável e desconhecido*. Na muralha da avenida do Contorno abriam-se então duas portas: para o Rio de Janeiro e para São Paulo. Seriam tardias as portas abertas para Salvador e para Brasília.[1290]

À vista disso, a escrevivência homo-biográfica de Silviano, responsável pela fundação e pela inscrição dessas paisagens/retratos culturais na tessitura literária-ensaísta, longe de constituir exacerbações individualistas ou narcísicas excessivas[1291], endossa o direito epistêmico à reinscrição na tradição e na história da humanidade as vozes expurgadas, rechaçadas, deslegitimadas e desautorizadas pelos discursos hegemônicos[1292] coloniais-imperiais do Ocidente, ainda germinado no contexto brasileiro. Ao fazê-lo, meu divíduo-aliado-hospitaleiro expande as

[1288] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 140.
[1289] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 140.
[1290] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 39, grifos meus.
[1291] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 30.
[1292] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 30.

reinvindicações das minorias, em especial, dos *gays*, redefinidores dos nossos lugares políticos e identidades[1293] subjugadas. A escrevivência de Silviano, altamente contaminada (no bom sentido do termo) pelo seu biolócus, ressurge desvelando-reinscrevendo individualidades coletivas[1294] criadoras de paisagens *outras* tornadas inexistentes pelas heranças colonialistas que insistem em se hospedar, à revelia, nos trópicos. No romance *Mil rosas roubadas*, o escritor traceja, imbricado pelas sensibilidades-afetos entre homens, a paisagem *bios*geocultural-histórica dos espaços em que ele e seu amigo-amado Zeca moravam:

> *Antes de nascermos um para o outro em 1952, eis nossos dois bairros, nossas três praças, nossas duas avenidas, nosso prefeito/governador/presidente, nossas duas famílias.* À sua maneira, todos e cada um foram partes integrantes da Minas Gerais pequeno-burguesa que, como nação, redescobriria nos anos 1960 no patriarcado, na fé e nos militares a força recalcada do tradicionalismo, e, através de passeatas a favor da família, da propriedade e de Deus, se reorganizaria de maneira afrontosa em 1964.[1295]

É dessa exterioridade das sexualidades compulsório-dominantes e das periferias dos *loci* globais-centralizados que a escrevivência do meu divíduo emerge e sobressai-se. Excluído do real[1296], esse nosso ponto de vista homossexual que contempla e desenha-traceja-delineia-borda suas paisagens ao pluriverso das subjetividades colonizadoras é construído, conscientemente ou não, a partir de um conjunto de exclusões, margens, limites, instituições, compulsões, expurgações e violências[1297] que se mascaram em ausências[1298] não compreendidas e/ou consideradas pela interioridade *humanitas* Ocidental colonialista. Esta, por sua vez, não fez outra coisa senão nos oprimir, tentar nos cegar e barrar a inscrição das paisagens *bios*geoculturais-sexuais *outras* que se descortinam à nossa disposição-

[1293] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 30.
[1294] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 32.
[1295] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 41, grifos meus.
[1296] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 221.
[1297] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 221.
[1298] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 221.

contemplação sensível, epistêmica, geoistórica e *inscre-vi-vente*. No prisma da exterioridade sexual, para o escritor árabe *gay* Abdellah Taïa, no livro *Aquele que é digno de ser amado* (2018):

> Toda manhã eu me arrenego. Abro os olhos, lembro que sou homossexual. Eu bem me esforcei para me aceitar, me limpar dos xingamentos, repito para mim mesmo, há anos, *que tenho o direito de viver livre, dignamente, viver vivo, e não adianta nada: essa pele homossexual que o mundo me impôs é mais forte que eu, mais dura, mais tenaz.* Essa pele é a minha verdade, para além de mim mesmo. Não a aceito completamente, mas sei que só existo por ela, apesar das minhas múltiplas tentativas de fuga, de emancipação. [...] Eu sou homossexual. Agora, mais homossexual do que nunca.[1299]

Assim como Taïa*,* Silviano e eu, *temos o direito de viver livres, dignamente, viver vivos, e não adianta nada: essa pele homossexual que o mundo nos impôs é mais forte que nós, mais dura e mais tenaz.* Essa pele é a minha/nossa verdade e só para além de mim/nós mesmos e *a partir* dela que podemos perceber e tracejar as paisagens *outras* explicitadas aos nossos olhos e às *experivivências* de divíduos das exterioridades. Teoria nenhuma dos *humanitas*, do *si-mesmo*, advinda de quaisquer *loci* globais do Ocidente podem dar conta de contornar essas sensibilidades subalternas responsáveis pela fomentação de paisagens não naturalistas/essencialistas e/ou não legitimadas pelas normalizações que regem as sociedades capitalistas globais na atualidade. Assim como expus antes*, fizeram-nos homossexuais*[1300] e enquanto tal, delinearemos *nossas* paisagens *bios*geoculturais-sexuais desviantes e inconvenientes pela chancela da exterioridade escrevivente que nos acomete. Nesse ínterim, entrevejo, ainda, a paisagem sensível-afetiva-desejante do agreste da puberdade posta-exposta-vertida nas homo-*bios*-grafias incutidas nas *Mil rosas* que roubei de Silviano:

> A paisagem agreste, noturna e misteriosa da puberdade é o primeiro núcleo da vida temível e pacífica, íngreme e estéril. *Há o jovem que nasceu preparado para a vida e que, como o potro selvagem, nunca vai aceitar que o vaqueiro o lace o subjugue pelo cabresto.* Que o dome para que nele monte o peão vencedor. Há, ainda o que nasceu despreparado para a vida e estará

[1299] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 25.
[1300] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

> sempre pondo a cabeça pra fora, num misto de docilidade e busca de coices extraviados. À espera do laço que o enlace. Enlaçado, encontra a si mesmo ao renegar o cabresto que, à guisa de auxílio, e de consolo, algum amigo inesperado lhe impõe. *Desde o nosso primeiro encontro passei a ter Zeca em alta conta.*[1301]

À diferença do que se concebe socioculturalmente pela chancela da compulsão sexual, habitar a exterioridade da ordem hegemônica[1302] não quer dizer estar "dentro" de um *estado sórdido e desordenado da natureza*[1303], ainda que, nós, homossexuais, sejamos concebidos pela economia significante homofóbica[1304] enquanto incivilizados e antinaturais[1305]. Assim como no tocante ao corpo, discutido no subtítulo anterior, quando se fala em sociedade é à heterossexual que, salvo raras exceções, estão referindo-se[1306]. Mulheres, lésbicas, *gays*, dentre outros divíduos da exterioridade, não podem falar no interior do sistema linguístico-discursivo da heterossexualidade compulsória[1307]. Butler assevera que *falar nesse sistema é ser privado da possibilidade de fala*[1308], uma vez que esse "eu" *outro* não pode existir intrinsecamente à linguagem[1309] daquele que lhe delegou a pele-carne-corpo de homossexual. Entretanto, subvertendo essa lógica compulsória que cinde a fala da exterioridade, em *Mil rosas roubadas*, Silviano não só incute suas sensibilidades, desejos e afetos homo-*bios*-gráficos escreviventes a partir da relação amorosa-amântica com Ezequiel Neves (Zeca), como delineia, *pari passu*, a paisagem da Praça Sete de Setembro responsável pelo primeiro encontro, quase amoroso, entre os rapazes:

> Para reganhar galeio definitivo, vou finalmente ao dia do nosso primeiro encontro. Em fins de 1952, ele e eu caminhávamos ao léu no centro de Belo Horizonte e nos encontramos na praça de todos os encontros – a Sete de Setembro. Na circunferência adornada por edifícios e casarões de porte, no interior do círculo desenhado pelos trilhos paralelos de bonde no asfalto e nos ares por fiação elétrica intrincada (espécie de teia de aranha da

[1301] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 51, grifos meus.
[1302] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
[1303] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
[1304] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
[1305] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 229.
[1306] WITTIG *apud* BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201.
[1307] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201.
[1308] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201.
[1309] BUTLER. *Problemas de gênero*, p. 201.

> modernidade), ali, desembocam os dois lados das avenidas Afonso Pena e Amazonas e das ruas Rio de Janeiro e dos Carijós [...] *Ali, sob a guarda vigilante do obelisco em forma de pirulito, doado à capital no Centenário da Independência*, imperam a economia nacional e internacional de vários bancos e a economia local do comércio varejistas [...][1310]

Isso posto, foi ali, na Praça Sete de Setembro, no espaço de *todos os encontros*[1311], centralizada pelo *obelisco em forma de pirulito*, em Belo Horizonte, que vislumbrei a paisagem *bios*geocultural da exterioridade desenhada pelo mineiro em *Mil rosas roubadas* e, a qual, pelo crivo das minhas práticas e articulações crítico-biográficas fronteiriças e sensível-afetivas, a transfigurei em minha paisagem no plasmar das minhas escrevivências emergidas à luz (ou da obscuridade) do meu *sertão epistemológico*[1312] sul-fronteiriço. Esse fato se aquilata não apenas neste trabalho em específico, mas, como um todo nas produções que venho delineando em minha jornada intelectual debruçando-me sobre/*a partir* do meu aliado-hospitaleiro-intercorpo Silviano. Compreendo, desse viés, que sou tanto meu divíduo quanto este é Pedro reunidos justamente na dispersão[1313] das nossas fronteiras que nos fundamentam enquanto homens *gays* que existem e escre(vi)vem da exterioridade dos *loci*, afetos, desejos, saberes e subjetividades normatizadas e instituídas compulsoriamente através dos legados imperais-colonialistas do Ocidente que, ainda, imperam no Brasil e nos trópicos.

À guisa do exposto, e encaminhando-me para o encerramento deste subtítulo, trago à baila duas fotografias (Figuras 20 e 21), reproduzidas abaixo, da nossa Praça Sete em dois momentos distintos, em 1940 e 2019, respectivamente. A primeira, foi me cedida pelo professor e pesquisador mineiro Luiz Morando e delineia um recorte paisagístico desse meu/nosso espaço interrelacionado por relações diferenciais

---

[1310] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 61, grifos meus.
[1311] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 61.
[1312] NOLASCO. *Pântano*, p. 13.
[1313] Cf. *O local da cultura de* Homi K. Bhabha.

*outras* em tempos já muito transpassados. A segunda, muito mais recente, foi tirada em 2019 por um andarilho desconhecido que atravessava a minha/nossa Praça e retrata minha inscrição biográfica em uma paisagem *bios*geocultural da exterioridade que, *a priori*, não me pertencia, mas que foi roubada e transfigurada pelos meus gestos escreviventes de pesquisador transeunte advindo dos arrabaldes da fronteira-sul, sendo esta, também, tão minha quanto de Nolasco, tal qual expus através de sua *trilogia poética fronteriza*. Serei eu um ladrão epistêmico-sensível-afetivo de escrevivências alheias? Talvez sim, talvez não. Vejamos as fotografias:




FIGURA 20 – Praça Sete de Setembro em 1940
Fonte: acervo pessoal, fotografia cedida pelo professor e pesquisador mineiro Luiz Morando




FIGURA 21 – Fotografia da minha pessoa tirada por um andarilho que atravessava a Praça Sete de Setembro em 2019
Fonte: acervo pessoal

Portanto, dada a série de reflexões posta-expostas a partir da paisagens *bios*geoculturais das exterioridades, assentadas na fronteira-sul e nas Minas Gerais sendo ambas, simultaneamente, minhas e dos meus divíduos-intercorpos Nolasco e Silviano imbricados em minha *inscre-vi-vência*, compreendo que só uma teorização, e não teoria, e uma sensibilidade de mundo[1314], não visão/subjetividade, que prime pela inscrições dos *bios* e dos *loci* dos envolvidos no processo de construção do saber pode dar conta das particularidades que esses subscrevem em suas existências

[1314] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

emergidas das exterioridades do mundo, dos saberes, das dissidências sexuais, desejantes e afetivas *outras*. Ainda que queira, a interioridade *humanitas* do *si-mesmo*, responsável por criar sua exterioridade, não pode jamais se sobrepor às vozes expurgadas, silenciadas, subjugadas, assujeitadas e oprimidas dos *anthropos*. Àqueles, relegou-se a condenação de *analisar o outro sempre sobre, nunca a partir*[1315]*.*

Contaminado (novamente, no bom sentido do termo) pela *trilogia poética fronteriza* de Nolasco e, conscientemente, atravessado pelas paisagens *bios*geoculturais e pelas sensibilidades de uma criança que nasceu na fronteira e que, atualmente, pensa a partir dela, entrevejo que trago seu território-quase-não-nomeável[1316] dentro da gênese do meu ser e da minha alma. Não tive medo de ir ao encontro da sua paisagem sombria e pantanosa[1317], responsável pela condição de andarilho-atravessado-transeunte que perpassa minha pele permeada pela ferida colonial, e do vasto campo biográfico[1318] que por ela foi me proporcionado para subsidiar aquilo que hoje, na vida adulta, sou. Desde o momento que a vi, nunca mais a ignorei principiando do outro lado da revolta[1319] e da paisagem aposta sobre o crepúsculo sanguinolento o qual diariamente vem nos relembrar a condição de exterioridade que nos habita.

É nessa exterioridade dormitada na suposta ignorância à universalidade do dentro que subjaz minha escrevivência/travessia em direção à condição fronteiriça[1320] que me atravessa desde os idos da infância percorrida nos entre-lugares da cidade e

[1315] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 89.
[1316] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1317] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1318] NOLASCO. *Pântano*, p. 53.
[1319] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 77.
[1320] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 12.

da fazenda dos meus avós maternos. Justamente ali, na minha vida ainda juvenil de trânsito, entrevi que se desenhavam aos meus olhos possibilidades *outras* de existências do(s) mundo(s). À revelia do que me foi ensinado, o mundo é passível de existir de maneira pluri-versal e pluri-tópica pulsando as co-existências das diferenças coloniais *pari passu* ao já institucionalizado pelos projetos globais. Nesse ínterim, angario voltar-me para a dor presa na garganta[1321] dos *bios*/*loci* dos humilhados, expurgados, oprimidos e esquecidos que sobrevivem re-existindo de ambos os lados das fronteiras[1322], não apenas a minha do sul geoistórico e epistêmico, mas as de Silviano e aquelas imbricadas nos meus parceiros de lutas-civis-epistêmicas homo-biográficos.

Foi justamente essa condição *outra*, afincada na exterioridade, que me possibilitou escre(vi)ver Silviano e colar/roçar nossos corpos-*corpus* para além de quaisquer construtos *unicamente* disciplinares vertidos na academia territorialista brasileira. Tanto meu aliado hospitaleiro quanto eu não ensejamos incorporar em nossas homo-*bios*-grafias o universalismo monotópico dos saberes e das subjetividades viajantes emergidos de paisagens centralizadas-hegemônicas do planeta as quais, além de não nos competir, tampouco, representa-nos. Ainda que não ignoremos o já institucionalizado, não servirmos, nem nos assujeitamos a ele. Desobedecemos epistemicamente teimando contra as injustiças postas-expostas-(im)postas das subjetividades oriundas dos homens brancos, eurocentrados e heterossexuais das Humanidades[1323] (em maiúsculo) e das *Belles-lettres*. Nossas fronteiras são os *loci* biográficos-epistêmico-geoistóricos e as paisagens

[1321] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 21.
[1322] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 21.
[1323] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 37.

*bios*geoculturais, dentro e fora de nós[1324], que nos permitem pensar diferencialmente[1325] com base nas exterioridades que nos foram incutidas.

Entendo, portanto, que para além das atribuições permeadas pelas necessidades *academicistas*, minhas escrevivências homo-biográficas sul-fronteiriças vertidas neste *trabalho-corpo-político* acabam por reverberar e delinear o contorno/desenho do meu *bios*[1326], minha quase autobiografia epistêmica-sensível-afetiva-crítica, atravessada pelo meu intercorpo-duo-simbiótico Silviano Santiago. Permeados por uma ferida colonial que nos rasgou o tanto quanto pode à exaustão do sangrar da nossa carne dita sub-humana, angariamos a possibilidade de vivermos livremente e bordarmos nossas paisagens *bios*geoculturais da exterioridade no plano da tessitura escrevivente pelo enviesamento de uma óptica *outra* ordenatória de mundo. Essa pele[1327] fronteiriça e homossexual por excelência é a nossa verdade, ademais a nós mesmos[1328]. Sabemos que existimos a partir dela e, por isso, somos mais fronteiriços e homossexuais do que nunca[1329] poderíamos sê-lo.

[1324] NOLASCO. *A ignorância da revolta*, p. 81.
[1325] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 91.
[1326] NOLASCO. *Pântano,* p. 109.
[1327] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 25.
[1328] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 25.
[1329] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 25.

## 1.6 – A província íntima das minhas/nossas escrevivências intercorporais homo-biográficas: aquecer a razão para *corazoná-la*

> [...] por que razão, depois de tantas atrocidades cometidas na época moderna, do século XV aos nossos dias, tanto sofrimento, tanta destruição de vidas e culturas, tanta humilhação de memórias e experiências, tanta negação de aspirações a uma vida melhor, a uma vida digna, as pessoas continuam a resistir, recusando-se a desistir de lutar pela dignidade humana e por uma vida melhor? Apesar de saber bem que não serei capaz de responder a essa pergunta, na seção que se segue, trago à discussão alguns fatores que poderão ajudar-nos a perceber a resiliência humana.
>
> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.
>
> [...] o intelectual, escondido no jogo do seus móbiles intelectuais, *não sabe nem quer saber quem ele é e não pretende expor-se ao vento fecundante* que destroçaria a figura-intelectual enquanto esconderijo e esconderijo poderoso.
>
> PESSANHA. Província da escritura, p. 158, grifos meus.
>
> Quem se desloca pelos espaços íntimos é capaz de nomear o tráfego e a orgia de gestos incorporadores e a imersão abissal no próximo. *Ora, a linguagem sujeito/objeto falsifica o campo das dualidades arcaicas.* [...] O adentramento no mundo não coincide com o nascimento biológico, mas tem a ver com a participação em relações de proximidade no interior de receptáculos autogerados.
>
> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74-75, grifos meus.
>
> *Corazonar é um sentir-pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam*. Visa ser instrumentalmente útil sem deixar de ser expressivo e performativo. [...] Essa familiaridade inclui muitas vezes memórias partilhadas de opressão e de sofrimento injusto. A partilha pode ser facilitada pelo pertencimento local, territorial, mas também pode acontecer através de uma condição de pertencimento desterritorializado.
>
> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154-155, grifos meus.
>
> É ele [o aliado] quem, ao nomear e sorrir, imuniza o clarão alético com seu gesto humanizador. Se este for sintônico e correspondente, o outro polo experimentará o ente que toma nas mãos [...] não como uma mera coisa diante dos olhos ou um utensílio, mas como uma criatura sua, vivaz e animada. Seres humanos são migrantes que, por chegarem prematuramente do interior materno, dependem de seres que *emprestem seu próprio corpo* [...] Em seu interior, *a coisa é tomada de tal modo que ela penetra e dá corpo a quem a toma. O movimento de possuir e ser possuído consuma o resgaste para fora do exílio*.
>
> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75, grifos meus.

Deslocando-me pelos meus/nossos (Pedro/Silviano) espaços íntimos e na contramão da percepção *academicista* de que o intelectual *não sabe nem quer saber quem ele é e não pretende expor-se ao vento fecundante*[1330] da província da

[1330] PESSANHA. Província da escritura, p. 158.

intimidade escrevivente que endosso este subtítulo consumando o resgate para fora do exílio[1331] das *propaladas intelectualizadas*[1332] e delineando tráfegos e orgias de gestos incorporadores[1333] ao aquecer a razão para *corozoná-la*[1334] por vias de uma perspectiva *outra*, fronteiriça, do Sul global e metafórico. Atravessado por uma plêiade de aliados/amigos críticos-literários-poéticos-afetivos, ademais ao meu divíduo *mor* Silviano, os quais, amo, elejo e herdo, evoco uma teorização sensível-epistêmica-íntima corroborada pela intercorporeidade de Juliano Garcia Pessanha e pelo *corazonar* de Boaventura de Sousa Santos aquilatada no pluriverso *bios*gráfico da dicotomia altamente difunda nas academias de sujeito/objeto.

Nesse ínterim, compreendo minha/nossa condição de divíduos que habitam epistêmico-geoistoricamente fronteiras[1335] e, por extensão, existimos *a partir* do corpo-*corpus* biográfico-íntimo-escrevivente dessas imbricados por uma consciência *outra* que não nos permite pensar assentados em dicotomias maniqueístas objetificantes tal qual o pensamento moderno ocidental tentou, à exaustão e à revelia, ensinar-nos. Falamos e sobrevivemos à luz de um espaço *fronterizo* permeado por entre-lugares, por opções descoloniais e por um Terceiro Mundo. Sendo este último não inventado por nós[1336], mas por homens, territorialismos, sensibilidades, saberes e categorias do Primeiro Mundo[1337], assim como fizeram na instituição do binarismo excludente de apregoar um abismo entre sujeitos e objetos.

Por consequência, isso fundamentou a dualidade ostensiva dos objetos entrevistos pelas insígnias de inertes, amorfos e extrínsecos aos *loci/bios* de

---

[1331] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1332] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1333] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[1334] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1335] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.
[1336] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.
[1337] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.

produção, enquanto os sujeitos foram tomados pelos caracteres de vivos, pensantes e postos-expostos na(s) cultura(s). Dado esse contexto, reitero que tanto Silviano quanto seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* jamais ocuparam o lugar de "objeto" em minhas escrevivências entremeadas na pesquisa que traço-bordejo a partir dos meus/nossos corpos-*corpus*. Muito pelo contrário, como condição *sine qua non* de um escre(vi)ver homo-biográfico crítico-fronteiriço, o qual venho delineando não só neste *trabalho-corpo-político*, mas, em minha trajetória intelectual desde 2017, ano em que me tornei herdeiro do nascido em Formiga. Meu mineiro é Pedro na mesma medida em que Pedro é Silviano, intercorporalmente.

À guisa dessa premissa, as epígrafes postas-expostas me elucidam a necessidade de descortinar um horizonte *outro* em que se angaria a possibilidade de ir contra as práticas instituídas nas academias de *analisar* textos e escrever somente *sobre* eles, ignorando quaisquer grafias biográficas-geoistóricas e/ou sensibilidades responsáveis por fundá-los. Na esteira de Juliano Garcia Pessanha, em "Província da escritura" (2018), compreendo que "a figura do intelectual", salvo raras exceções, se esconde atrás das máscaras plásticas dos textos não ensejando expor-se[1338], e, em maior grau, não sabendo quem, efetivamente, se é[1339]. Aos ventos fecundantes[1340] das províncias íntimas-escreviventes, o intelectual *academicista-territorialista* resguarda o rechaço e a ignorância entremeados por um desejo de se esconder frente as produções ditas *intelectualizadas*. Traz-se à cena escritural o *corpus* discursivo-enunciativo relegando à obscuridade, ao recalque e ao suposto apagamento o corpo daquele que escre(vi)ve *inscre-vi-vendo-se,* ainda que o faça inconscientemente e à revelia.

[1338] PESSANHA. Província da escritura, p. 158.
[1339] PESSANHA. Província da escritura, p. 158.
[1340] PESSANHA. Província da escritura, p. 158.

Isso posto, abalizo uma teorização *outra*, aquilatada em uma intercorporeidade e em um aquecer da razão dito *corazonar*, ao me deslocar não apenas *entre* os textos. Para além deles, transpasso e atravesso os meus/nossos espaços íntimos fomentando tráfegos e práticas que endossam orgias incorporadoras[1341] imergindo a fundo no próximo que, pelo meu manejo epistêmico, também sou eu. Compreendo, desse viés, que a linguagem sujeito/objeto[1342] falsifica o campo da província da intimidade a qual desejo endossar e, por isso, não me é suficiente, tampouco, necessária. Sou copartícipe de relações que, ao mesmo tempo, me são próximas e distantes no interior dos receptáculos autogerados[1343] pelas minhas/nossas escrevivências emergidas, sobremaneira, dos meus/nossos (Pedro/Silviano) corpos-*corpus* epistêmico-sensíveis. Essa intercorporeidade aquilatada por mim tem seu *leitmotiv* na prática de *corazonar*[1344] corroborando um sentir-pensar responsável por juntar aquilo que as dicotomias e os binarismos modernos separaram[1345], os sujeitos e os objetos, por exemplo.

O *corazonar*, fundamentado por Boaventura de Sousa Santos, me permite ser expressivo e performativo[1346] no tocante ao meu divíduo-aliado hospitaleiro Silviano, o qual, em maior ou menor grau, criei e tracejei para mim. A familiaridade entre nós incute memórias compartilhadas de opressão e de sofrimentos injustos[1347] homo-biográficos e geoistóricos-epistemológicos. Ademais, a partilha intercorporal que nos atravessa é promulgada não só pelos pertencimentos locais e territoriais[1348] que nos distanciam aproximando-nos, mas, sobremaneira, pela condição de

[1341] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[1342] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[1343] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1344] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1345] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1346] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1347] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.
[1348] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.

(inter)pertencimento desterritorializado[1349] no roçar dos nossos corpos *outros* imprimidos nas escrevivências *fronterizas* apregoadas nas minhas/nossas *homo-bios-grafias* dos trópicos. Tomamo-nos, um ao outro, não como *meros objetos diante dos nossos olhos passíveis de serem utilizados como utensílios críticos*[1350]*,* mas, sim, pela chancela de divíduos vivazes que são animados pelas canibalizações e intercorporeidades simbióticas.

Empresto meu corpo[1351] e minhas feridas-cicatrizes a Silviano na mesma sintonia e ritmo em que tomo os seus para mim fundamentando um corpo-*corpus* outro, ambivalente, duo-bipolar. É, para Pessanha, justamente esse movimento simbiótico que *faz possuir e ser possuído consumando o resgate para fora do exílio*[1352] territorial da academia pautada nos moldes modernos ocidentais expurgadores de toda e qualquer sensibilidade no *modus operandi* de pensar e escrever "intelectualmente". Para mim, atravessado pelas práticas e reflexões crítico-biográficas fronteiriças, é quase (para não recair em extremismos) impossível escrever pela égide plástica dos sujeitos/objetos assentados na perspectiva do falar *sobre*. Pelo reverso, volto-me, sempre, para a província da intimidade para pensar *a partir* não só de mim e das minhas sensibilidades, mas, também, dos meus que incrustam e compõem meu ser escrevivente-sensível-pesquisador.

É, portanto, através do entendimento de que o meu eu não é solitário, mas um amontoado de muitos outros, próximos e/ou distantes nas lutas civis-epistêmicas as quais estou debruçado, que percebo e sustento a condição de continuidade à resiliência humana[1353], apontada por Santos na primeira epígrafe deste subtítulo.

[1349] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.
[1350] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1351] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1352] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1353] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.

Diante de tantas atrocidades, barbáries, sofrimentos, destruições de vidas/culturas, humilhações de memórias/experiências e negações de sociedades mais justas e co-existentes[1354] entrevistas não só por mim, mas por meus ancestrais, desde o século XV até os dias de hoje[1355], ainda sim, continuamos a sobreviver recusando-nos a desistir das lutas pela dignidade de vidas melhores[1356] a nós e aos nossos. Tomado por essa condição de re-existência, fomento as práticas de intercorporeidade e de *corazonar* enquanto formulações *outras* capazes de não mais afastar os divíduos e as sensibilidades.

Pelo reverso, quero entender que só a aproximação tangendo o roçar das sensibilidades e dos corpos-*corpus outros* podem fomentar um direito relacional de co-existência ao já institucionalizado e a possibilidade de nos desprendermos das construções que falam sempre *sobre*, voltando-nos para o versar *a partir de* nós mesmos e daqueles que elegemos, amamos e herdamos. Há que se *corazonar*/aquecer a razão transformando a latência em potência, a ausência em emergência, o inatingível no "ali-à-mão"[1357], como tenciona Santos. As epistemologias do Sul[1358], que atravessam o *corazonar*, estão voltadas para os conhecimentos e para as sensibilidades arraigadas na re-existência e na luta contra a opressão abalizando saberes que são materializados e corporizados em corpos concretos, coletivos ou individuais[1359], não apenas nos *corpus* discursivo-enunciativos "intelectualizados". Ainda que para isso, enfrentemos diversos desafios[1360] oriundos dos legados modernos ocidentais.

---

[1354] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.
[1355] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.
[1356] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 148.
[1357] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1358] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1359] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1360] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

Dessa forma, assento-me, primeiramente, nas problemáticas e nas particularidades da dicotomia sujeito/objeto no que convém à teorização a qual desejo fomentar à luz de uma província íntima responsável pelas minhas/nossas (Pedro/Silviano) escrevivências intercorporais homo-biográficas. No tocante à epistemologia fronteiriça, objetiva-se obliterar as diferenciações entre os supostos sujeitos conhecedores e os objetos conhecidos[1361], entre um "híbrido" (limite daquilo conhecido) e um "puro" (indivíduo (inter)disciplinar)[1362] não contaminado pelos fatores liminares que descreve pela chancela do "sobre". Assim, Mignolo assente a urgência de alterar os termos do diálogo ultrapassando essa distinção sujeito/objeto por vias de um pensamento liminar[1363] em que se fomente uma lógica *outra*. Sendo esta, pelo meu entrever, uma proposta de intercorporar e *corazonar* os saberes e as sensibilidades-*bios*-*loci* permeadas nas instâncias de produções dos saberes.

Na separação binária sujeito/objeto, a epistemologia moderna relegou ao objeto o estatuto quase indiscutível de não pensante, amorfo, inferior, desprovido de teoria[1364], ensejando melhor dominá-lo e assujeitá-lo à hegemonia das teorias ditas "pensantes"[1365]. No prisma das discussões fronteiriças-descoloniais advindas do meu Sul, não há como separar ambas as esferas de pensamento, haja vista que este se respalda, essencialmente, no entremear dos *bios* dos envolvidos[1366] aos *loci* de emergência, bem como no imbricamento de muitos outros eleitos, herdados, amados e até odiados na prática vivaz e pulsante de pensar. Silviano ilustra magistralmente essa premissa, não só no âmbito ensaístico (tal qual delineei com base no entre-

[1361] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.
[1362] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.
[1363] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 42.
[1364] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.
[1365] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.
[1366] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.

lugar), mas, em especial, em sua literatura escrevivente tomada pelas sensibilidades de si mesmo e de terceiros.

As epistemologias do Sul, contempladas pela chancela de um pensamento corporizado-sensível, divergem das oriundas do Norte as quais fundamentam-se na proposição de um sujeito universal, racional[1367], que é epistêmico e nunca concreto e/ou empírico[1368]. Para Santos, Kant, escritor do tratado edificado da filosofia do Ocidente acerca da subjetividade, assevera o maniqueísmo ao explicitar na epígrafe da obra *Crítica da razão pura* a premissa "*nobis sibi silemus*"[1369] (sobre nós nada dizemos). Diante disso, incute-se, notoriamente, o abismo entre sujeito/objeto tornado fundamental para o pensamento moderno ocidental europeu desde Descartes[1370] desvelando a supremacia do dito sujeito epistêmico sobre o empírico[1371], quase como se este não existisse e/ou não tivesse importância no filosofar e/ou no produzir conhecimentos.

Nesse viés, o sujeito empírico deveria ser silenciado não só porque está "sujeito" à contaminação do objeto, ademais, pelo fato dele ser, facilmente, "convertível" à condição de objeto de alguém[1372]. Para o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, citado por Santos, sobre-existe na experiência um *retrato original que não se pode extrair da sua relação com a natureza, a significação é corporizada*[1373]. Essa premissa se projeta contra Descartes e Kant ao defender que o intelectual que pensa-escreve não está separado do mundo[1374] e das suas sensibilidades. Ainda que se mascare, o mundo está inscrito no sujeito e a percepção não é um mero produto

[1367] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1368] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1369] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1370] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1371] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1372] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1373] MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1374] MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

do consciente intelectualizado, mas, sim, do corpo vivo e vivido[1375], não extrínseco ao mundo físico que, quer queira quer não, existe e não é uma entidade externa[1376] àquele que pensa e produz conhecimento.

As minhas/nossas (Pedro/Silviano) inscrições corporizadas e *corazonadas* fazem a proposta monotópica do sujeito unicamente empírico cair por terra, haja vista que escre(vi)vemos pelo entremear dos nossos corpos postos-expostos-vertidos em nossos *corpus inscre-vi-ventes*. Seja a partir da fronteira-sul, do Brasil, da América Latina e/ou das *homo-bios-grafias* que nos competem, é a partir dessas condições *outras* que abalizamos nossas percepções erigidas intrinsecamente aos mundos físico e, também, epistemológico os quais estamos inseridos. De acordo com as epistemologias do Sul, arraigadas em nós, nossos saberes (inter)corporizados[1377] manifestam-se pela vivacidade que empreendemos na luta contra as opressões[1378], seja no tanger do sofrimento promulgados pelas derrotas e/ou pela exultação com as vitórias[1379]. Quer sejam corpos individuais ou coletivos, ambos são *corpos sociais*[1380] enraizados e atravessados por um mundo existente, empírico, permeado por modalidades *diversais* e pluri-tópicas de sensibilidades.

Santos afirma, ainda na esteira da filosofia ocidental hegemônica europeia, que Arthur Schopenhauer, herdeiro de Platão, resguarda ao corpo a insígnia de *obstáculo ao conhecimento*[1381]: "[...] todo o conhecimento que é originário dos sentidos é enganador [...] o *único conhecimento verdadeiro, exato e seguro é aquele que é livre e afastado de toda a sensibilidade* (e, assim, de toda a percepção intuitiva) [...]"[1382].

---

[1375] MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1376] MERLEAU-PONTY *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.
[1377] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1378] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1379] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1380] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1381] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1382] SCHOPENHAUER *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136, grifos meus.

Na contramão dessa acepção des-corpórea do conhecimento, entrevejo que não há qualquer pessoa dualística cartesiana em que a mente está dissociada-desconectada do corpo compartilhando as mesmas razões de todas as outras pessoas[1383]. Para mim, a reflexão e o produzir pressupõem um transpassar pelos desejos, afetos, corpos e sensibilidades daquele que se propõe a delinear práticas epistêmicas.

Ao contrário do que a *episteme* moderna promoveu, o corpo não é uma tábula rasa[1384] e/ou um mero suporte que carrega uma mente emancipada, intelectualizada e pensante. O corpo possibilita, sobremaneira, emoções, afetos, cheiros, tatos, audições, visões os quais foram rechaçados e retirados dos postulados da narrativa epistêmica moderna ocidental[1385]. Com o pensamento oriundo do Sul, apreendemos a dificuldade que o Norte tem em conceber o corpo em sua densidade sensível-emocional-afetiva[1386] sem o transfigurar em um objeto de estudo[1387] para se pensar sempre *sobre* ele, nunca *a partir*. Para Santos, o corpo estabelece narrativas somáticas[1388] que sustentam os saberes pensados, falados e escritos pela chancela "intelectual". Dessa perspectiva, tenho a consciência crítica de que as escrevivências promulgadas por mim e por Silviano não seriam legitimadas, consideradas e/ou autorizadas justamente por emergirem do seio mais profundo arraigado em nós, em nossas sensibilidades e em nossos corpos de homossexuais latino-americanos e brasileiros.

Devemos, portanto, aprender a partir/com as críticas feministas, LGBTQIA+, interculturais e descoloniais[1389] o valor epistemológico, sensível e cognitivo do corpo

---

[1383] JOHNSON; LAKOFF *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 136.
[1384] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.
[1385] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.
[1386] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.
[1387] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.
[1388] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.
[1389] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 137.

na fomentação do pensamento e na importância dele nas lutas sociais atravessadas por emoções, desgostos, alegrias, amores, ódios, festas e luto[1390], isto é, sensibilidades, por excelência. Segundo Santos, *as emoções são a porta que dá caminho para a vida e são esses mesmos os caminhos da luta, os corpos estão no centro da lutas e essas no centro dos corpos*[1391]. Assim, aos corpos agirem sobre si dizem de/para si mesmos[1392] possibilitando as gestualidades intercorporais que estou delineando sob a pluma do meu divíduo e companheiro de desobediência civil-epistêmica Silviano. Às teorias modernas hegemônicas, não compete o elocubrar da constante reinvenção dos corpos[1393], mas, sim, a des-invenção desses para torná-los amorfos, previsíveis e inteligíveis[1394].

Na crítica à dicotomia sujeito/objeto da visada geopolítica do conhecimento, o potencial contra-hegemônico dos saberes advindos do Sul se embasam nos gestos de socorro/cuidados incondicionais à luta política no pluriverso aos sofrimentos incutidos nas sociedades por meio do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. Responsáveis por tornaram “o outro” sempre objeto por vias da sua suposta supremacia de sujeitos conhecedores e, portanto, responsáveis por ditarem as regras do jogo. Segundo Santos, na maioria das vezes, o trivial[1395] atribuído ao sofrimento humano é resultado dos enunciados normalizadores das *epistemes* modernas aquilatadas em percepções estatísticas[1396] reduzindo à obscuridade e ao anonimato dos números a barbárie da degradação humana[1397] de corpos que transpassam a contabilização numérica, sendo, muito para além de números, filhos, amores,

[1390] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.
[1391] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.
[1392] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 138.
[1393] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 139.
[1394] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 139.
[1395] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1396] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1397] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.

amantes, amigos, pais e mães de muitos outros que também existem no mundo empírico. Valorizando as reais narrativas concretas (a redundância se faz necessária) das vítimas das opressões, a ecologia do saberes[1398] pode contribuir para destituir os caracteres de sujeitos/objetos e assegurar o sofrimento enquanto uma presença realmente intolerável, sobretudo, na proposição de futuros globais mais justos e igualitários.

Em linhas gerais, sob a pluma de Santos, a ecologia dos saberes[1399] está assentada no reconhecimento das pluralidades de conhecimentos heterogêneos plurais em interações sustentáveis e dinâmicas as quais não comprometem sua autonomia[1400]. Baseia-se, sobremaneira, na proposição de que os saberes, as sensibilidades, as experiências-existências são interconhecimentos promovendo uma contra-epistemologia[1401] às hegemonias institucionalizadas. Há um entrecruzar não apenas de conhecimentos, mas, também, de ignorâncias[1402], endossando a proposta de que não existe uma unidade de saber, tampouco, de ignorância[1403]. Esta, por sua vez, é tão heterogênea e interdependente quanto aquela[1404]. A ignorância, nesse prisma, pode ser não apenas um estado original/ponto de partida, e, sim, um lugar de chegada[1405] possibilitando ser resultado do esquecimento ou da des-aprendizagem arraigados no processo recíproco de aprendizado ambivalente[1406].

A ecologia dos saberes, advinda da epistemologia pós-abissal promulgada por Santos, institui a interação, o intercorpo e a interdependência[1407] entre os saberes

[1398] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1399] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.
[1400] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.
[1401] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 55.
[1402] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.
[1403] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.
[1404] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.
[1405] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.
[1406] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 56.
[1407] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 57.

ditos científicos e conhecimentos, sensibilidades e corpos *outros*. À revelia dos pressupostos modernos, tal qual eu e Silvano respaldamos em nossas escrevivências, essa ecologia não denota os saberes em injunções abstratas, pelo contrário, a partir de endossos pragmáticos[1408] de pensamentos emergidos do mundo e de pessoas empíricas ensejando intervenções nos espaços em que estão inseridos[1409]. Para Santos, no seio dessa visada, há um pragmatismo epistemológico[1410] justificado pela chancela das experiências *bios*-gráficas dos divíduos oprimidos e subjugados posto-expostos-(im)postos em um mundo em que as consequências se mostram primeiro que as causas[1411] dos eventos de subjugação.

Ademais, elucubra-se a necessidade de reavaliação das intervenções-relações empíricas nas sociedades[1412] ao garantir uma participação mais efetiva dos grupos sociais envolvidos na execução, controle e fruição[1413] dessas interferências socioculturais, tal qual venho tracejando pela égide do binarismo sujeito/objeto pela via geopolítica pressuposta dor Santos. Pluriversalmente, a ecologia dos saberes fundamenta-se a partir de divíduos desestabilizadores, individuais e/ou coletivos[1414] e, ao mesmo tempo, os constitui de maneira ambivalente, deixando de descanteio a proposição hegemônica-ocidental da existência de apenas sujeitos epistemológicos destituídos de sensibilidades nas práticas de criação/fomentação do conhecimento. O intelectual português conclama, na gênese da ecologia, uma subjetividade (a qual prefiro chamar de sensibilidade) dotada de capacidade, energia e vontade para agir

[1408] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 58.
[1409] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 58.
[1410] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 60.
[1411] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 60.
[1412] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 60.
[1413] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 60.
[1414] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 64.

em *clinamen*[1415], isto é, em uma trans-leitura ou um ler-mais-do-que-bem[1416] voltando-se para maneiras de existir em excentricidade marginal de sociabilidade intrínseca ou extrínseca à modernidade do Ocidente[1417].

Ler-mais-do-que-bem, ou escre(vi)ver dessa forma, na minha acepção arraigada em uma província íntima justaposta por *homo-bios-grafias corazonadas* e intercorporadas, pressupõe fazê-lo sempre a partir das sensibilidades, *bios*, *loci*, desejos, (des)afetos e emoções na contracorrente dos legados colonialistas-imperais binários e excludentes de todas e quais peculiaridades advindas das vivacidades dos meus/nossos corpos *outros*. Todavia, ainda que isso esteja bem claro e delineado para a minha óptica sensível de mundo, Santos adverte que é próprio da ecologia dos saberes fomentar-se por perguntas constantes e respostas nem sempre conclusas[1418] descortinando justamente a prudência que a caracteriza. Ainda sim, essa proposição *outra* de entrever o mundo, os saberes e as sensibilidades nos dá mecanismos para uma visão mais plural tanto do conhecido quanto do desconhecido[1419] transfigurando o pensamento pós-abissal em uma prática-exercício de autorreflexidade[1420] – a qual já discuti sob a pluma do meu divíduo Silviano com base em seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta*.

Ainda do ponto de vista das celeumas e das idiossincrasias do binarismo moderno sujeito/objeto, Juliano Garcia Pessanha, em “Província da escritura” (2018), toca justamente no ponto epistêmico mais sensível relacionado a mim e a Silviano: a crítica e a teoria literária, haja vista que ambos somos formados em letras e, além

[1415] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 64.
[1416] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 64.
[1417] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 64.
[1418] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 66.
[1419] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 66.
[1420] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 66.

disso, despendemos nossas vidas para dedicar-nos às reflexões emergidas não sobre, mas *a partir* da literatura. Para o filósofo, escritor e psicanalista paulista, essas áreas, em geral, *pacificam e exorcizam o elemento intrinsecamente vulcânico da palavra relevadora porque os críticos literários são criaturas preenchidas e dependuradas na identidade social de intelectual, transitando, portanto, apenas de um lado da linha, a esfera clara e metafísica*[1421]*.* Ao fazê-lo, esses intelectuais unicamente epistêmicos (relembro a distinção que fiz acerca dos sujeitos epistêmicos e empíricos) se debruçam sobre a análise e a interpretação de poemas e escrituras[1422] (objetos), quando, na realidade, são os poemas e as escrituras que seriam passíveis de perfurarem suas teorias modernas, territoriais e estéticas[1423], assim como suas *propaladas intelectualidades*[1424] assentadas em moldes descartianos-kantianos.

Dito isso, essa figura intelectual, teórica e epistêmica (exagero os adjetivos propositalmente), destituída de quaisquer grafias do seu *bios* e das províncias das intimidades, ainda, sim, é passível de escavações, mesmo que seja alérgica ao lugar[1425] (leia-se *bios*) e refugiar/mascarar-se em teorias sobre os mundos e os objetos perlaborando os compartimentos dos ditos fenômenos estéticos[1426] literários, destituídos de emoções, desejos, afetos, sensibilidades etc. Dessa forma, reitera-se a necessidade de discriminar o falar *sobre* objetos e o escre(vi)ver a partir de corpos-*corpus* seus, não plastificados e/ou recalcados, e dos outros. Silviano, ainda que seja intelectual/crítico literário, mais uma vez, infere uma cisão nessa conjuntura maniqueísta vertida nas práticas acadêmicas ao sobrepujar, essencialmente, seu *bios*-corporizado em escrevivências que são tão suas, quanto minhas e daqueles que

[1421] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1422] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1423] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1424] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1425] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1426] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.

o intercorporaram. Na minha entrevisão de amigo-amante-crítico de Silviano, concebo que o mineiro: “[...] se encosta no mundo e se deixa entupir pelas narrativas que lhe dão medida. A incandescência da celebração é abandonada pela proteção ilusória da casa-do-eu.”[1427]

Para Pessanha, *não se trata mais de falar e discorrer sobre as coisas, fingi-las ou simulá-las com o intelecto*[1428]. E, ao meu ver, esse fazer epistêmico *outro* endossa-se muito mais pelos imbricamento das entranhas *homo-bios-gráficas* daquele que se propõe a pensar e a escre(vi)ver do que se esconder sobre o manto hegemônico de teorias viajantes, universalistas e desprovidas de qualquer corpo empírico posto-exposto-vertido no mundo. Precisamos, portanto, assentar-nos não apenas em palavras/versos dos livros e em bibliotecas[1429] para produzirmos nossas escrevivências, mas, sobremaneira, na colheita daquilo que a vida nos sussurra diariamente ao pé dos nossos ouvidos[1430]. Situando-nos nas margens e na beirada da fenda[1431] sensível-afetiva-emocional, há que rejeitarmos as carapuças *unicamente* teóricas dos regimes estéticos aquilatados em coerções[1432] discursivo-homogêneas modernas ocidentais. Por conseguinte, o filósofo me complementa:

> Por isso, muitas vezes conversamos com um especialista em Dostoiévski ou em Kafka e logo ficamos imensamente tristes e decepcionados*, pois percebemos que em sua história, em seu corpo e em sua conversa não há o menor sinal de qualquer inquietação kafkiana ou dostoievskiana, e que ele, em sua víscera, desconhece inteira e realmente aquilo sobre o que fala e que sua vida se desenrola na antípoda da ideia que propaga*. Ficamos tristes ao perceber que o intelectual, escondido no jogo de seus móbiles intelectuais, não sabe e nem quer saber quem ele é e não pretender expor-se ao vento fecundante que destroçaria a figura-intelectual enquanto esconderijo. *E se falo dos intelectuais é apenas porque aponto para o imenso risco da cooptação e neutralização universitárias da palavra do cuco e da palavra vulcânica*.[1433]

[1427] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 15.
[1428] PESSANHA. Província da escritura, p. 157.
[1429] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 16.
[1430] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 16.
[1431] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 17.
[1432] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 17.
[1433] PESSANHA. Província da escritura, p. 158, grifos meus.

Dado o fragmento aposto, Pessanha menciona as formulações assentadas nos escritores Dostoiévski e Kafka, todavia, essas *propaladas intelectuais*[1434] se estendem à toda reflexão que tenha como premissa arraigar-se em reflexões emergidas *sobre* objetos, literários ou não, descaracterizadas de teorizações corporificadas não apenas pelo divíduo pensante, mas, também, pelos corpos *outros* (amados, odiados, eleitos, herdados etc.) que o compõe. Ilustrando essa premissa, o filósofo explicita, ao me ver, metaforicamente, que os vulcanólogos não cansam de repetir que sem os vulcões, a Terra seria *lisa como uma bola de gude ou de bilhar, não existiria relevo nem rugosidade, tampouco, sombras*[1435]. Isso posto, compreendo que sem as entranhas, vísceras, presenças, ausências, faltas, falhas, emoções, sensibilidades, afetos, emoções e desejos *corpo-inscritos* do intelectual, suas proposições epistêmicas se assentam em planícies plastificadas, sem rugosidades e destituídas de particularidades que (de)marquem a inscrição e a quase assinatura autoral do divíduo imbricado na prática crítica-teórica.

Há que retirarmos o véu das teorias territorialistas das escritas fundamentando exercícios *outros*, *bios-gráficos*, intercorporados e *corazonados* de escrevivências vivazes, pulsantes e latentes. Pessanha assente que o intelectual epistêmico é o homem alérgico ao lugar e que não gosta de expor-se[1436]. Dessa premissa, ele barra e rechaça a visitação dos afetos e da hospitalidade[1437] movendo-se em um *design* estético[1438] de homem moderno fechando-se inteiramente em/sobre si mesmo corroborando apenas postulações autofabricadas e auto-afetadas[1439], nunca efetivamente corporizadas nem por si mesmo, nem pelos outros que estão ao seu

[1434] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1435] PESSANHA. Província da escritura, p. 158.
[1436] PESSANHA. Província da escritura, p. 151.
[1437] PESSANHA. Província da escritura, p. 151.
[1438] PESSANHA. Província da escritura, p. 151.
[1439] PESSANHA. Província da escritura, p. 151.

redor. Escre(vi)ver, da minha acepção, incute *deflorar abstratos*[1440], presenças-ausências, ainda que a palavra *bios*-sensível possa se *extraviar antes de chegar à página em branco*[1441] que tecem os textos *inscre-vi-vendo-os*. *Afaguemos o silêncio e afoguemos a palavra*[1442] na imersão da província da intimidade intercorporada e *corazonada*, seja esta minha e/ou do(s) outro(s) que me/nos atravessam.

Afastando-me de extremismos/radicalismos, entrevejo a necessidade não só de (inter)corporificarmos e trazermos à voga nossas escrevivências pelo seio da província íntima *corazonada*, mas, *pari passu*, não excluo a possibilidade de nos constituirmos epistemicamente não *sobre* objetos, mas *a partir de* nós mesmos e dos outros, como o faço à luz do meu divíduo e aliado hospitaleiro Silviano. Há que se encontrar um equilíbrio entre o epistêmico e o sensível para que afinquemos nossos pés mais no empirismo crítico-teórico e menos nas plasticidades, apagamentos e máscaras disciplinares e territorialistas responsáveis, dentre outros elementos, por perpetuarem dicotomias maniqueístas, com a do sujeito *versus* objeto. É justamente isso que ensejo bordejar quando digo que Silviano é tanto Pedro, quanto Pedro é Silviano.

Em *Recusa do não-lugar* (2018), Pessanha reitera que esse tipo de relação simbiótica-duo-bipolar paradoxal e surreal é impossibilitada de ser (auto)gerada nos pressupostos do repertório da filosofia moderna[1443], pois: “A gramática sujeito-objeto, herdeira da metafísica grega da substância, *impede que se nomeie o espaço íntimo*.”[1444]. Dessa acepção, apregoada nas filosofias de Descartes e Kant, ficamos

[1440] FERREIRA; PESSANHA. *Epigramas recheados de cicuta*, p. 17.
[1441] FERREIRA; PESSANHA. *Epigramas recheados de cicuta*, p. 126.
[1442] FERREIRA; PESSANHA. *Epigramas recheados de cicuta*, p. 129.
[1443] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110.
[1444] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 110, grifos meus.

cegos[1445] para as particularidades que se passam no entremeio da dicotomia sujeito/objeto. Digo isso por compreender que no abismo fundado pela filosofia ocidental moderna há todo um espaço íntimo, uma província escrevivente, repleta de sensibilidades, emoções, afetos, desejos, presenças, faltas, saberes e ignorâncias que não foram considerados na produção de conhecimentos que se quiseram ser legitimados pela hegemonia universal.

A dualidade correlativa e consubjetiva[1446] (ou melhor, *consensível*) chancelada pelos duetos simbióticos parte do dois, e não do um[1447], em uma duplicidade prévia de mimos animados a qual fomenta o nascimento do um[1448]. Empiricamente, isso se resguarda justamente à inscrição das minhas *homo-bios-grafias* atravessadas, como condição *sine qua non*, pelas grafias *bios*-sensíveis do meu aliado Silviano. Ou seja, sou o que sou, pois constitui o meu ser baseado em uma simbiose sensível-epistemológica com aquele que elegi, amei e herdei desde 2017. A gramática/linguagem sujeito/objeto falsifica o campo das províncias íntimas intercorporadas e *corazonadas* no qual os sermos-uns-nos-outros há de tocar conjuntamente até que tenham se entremeado ao ponto de uma das partes conseguir pleitear sua sinfonia[1449] em outros contextos sem a necessidade da co-presença do complementador[1450]. Será possível? Pessanha delineia:

> [...] o ser humano é um canal oco e penetrável e, se ele não for visitado e preenchido por hóspedes duradouros, pode ficar vazio e sem um dentro. *O que chamamos de interioridade é o resultado de expropriações apropriadoras, mergulhos extáticos e gestos canibalizadores. Pensar a intimidade é pensar a área dessas ações e adentrar nesse tráfego de gestos incorporadores: a intimidade, essa imersão, abissal no mais próximo, constitui uma região vedada a todos aqueles que permanecem reféns da linguagem sujeito/objeto*.[1451]

[1445] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.
[1446] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.
[1447] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.
[1448] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.
[1449] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1450] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1451] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 112, grifos meus.

Portanto, à guisa da citação supracitada, compreendo que se estamos nesse espaço inicial da província da intimidade, onde animamos/dotamos e somos animados/dotados de alma[1452] pelo imbricamento do nosso outro duo-simbiótico, devemos não mais falar em sujeitos e objetos, mas, sim, em *não-objetos e pré-sujeitos*[1453]*.* Nessas co-entremeações sensíveis constitutivas de vida[1454], o outro (no caso, meu Silviano) é complementador íntimo e gênio aliado e nunca um objeto[1455] sobre o qual nos debruçamos para analisá-lo resguardados pelos artífices estético-teóricos territoriais advindos da filosofia moderna do Ocidente. Para Pessanha, o objeto é aquilo cuja condição de "deixabilidade"[1456] não afeta a consistência do sujeito[1457]. Pelo contrário, afeto e sou afetado pelo meu mineiro ambivalentemente em duetos *consensíveis* (ao invés de consubjetivos) no tracejar-bordar das minhas/nossas *homo-bios-grafias*.

Nesse ínterim, quero pensar em uma ética *outra* pautada na amizade e na amabilidade[1458] dividual-hospitaleira entre mim e aquele o qual elegi, herdei e amei/amo. Isso se dá, para o filósofo paulista, na contramão do individualismo moderno fundamentado na falácia de que desde o nascimento encontramo-nos sós[1459]. Quando, na realidade, sempre existiu um outro aliado à nossa espreita[1460]. Esse acompanhante, o pré-objeto mais íntimo que possuímos[1461], é rechaçado e dispensado, na contracorrente de culturas *outras* em que se guarda a placenta[1462] em casa transformando-a em uma insígnia sagrada posta em árvores específicas

[1452] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1453] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1454] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1455] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1456] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1457] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1458] SLOTERDIJK *apud* PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 132.
[1459] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 46.
[1460] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 46.
[1461] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 46.
[1462] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 46.

assegurando a memória do primeiro aliado[1463] e servindo para nos lembrar que, no decorrer da vida, seja unicamente empírica ou, também, epistemológica, seremos atravessados e compostos por muitos outros aliados, sejam esses eleitos, escolhidos ou até mesmo herdados. Assim, no poema “Poemas aos homens do nosso tempo”, Hilda Hilst, escritora a qual amo sensivelmente desde o momento que a entrevi poético-literário-epistemicamente pela primeira vez por intermédio do meu colega de grupo de pesquisa (NECC) Edu nos idos de 2015, me elucida:

> *Tudo vive em mim. Tudo se entranha*
> *Na minha tumultuada vida. E porisso*
> *Não te enganas, homem, meu irmão,*
> *Quando dizes na noite que só a mim me vejo.*
> *Vendo-me a mim, a ti. E a esses que passam*
> Nas manhãs, carregadas de medo, de pobreza,
> O olhar aguardo, *todos eles em mim*,
> Porque o poeta é irmão escondido das gentes
> Descobre além da aparência, é antes de tudo
> Livre, e porisso conhece. Quando o poeta fala
> Fala do seu quarto, não fala do palanque,
> Não está no comício, não deseja riqueza
> *Não barganha, sabe que o ouro é sangue*
> Tem os olhos no espírito do homem
> No possível infinito. Sabe de cada um
> A própria fome. E porque é assim, eu te peço:
> Escuta-me. Olha-me. Enquanto vive um poeta
> O homem está vivo.[1464]

Isso posto, assevero que *os meus aliados vivem e se entranham em mim, na minha tumultuada vida homo-bios-gráfica da exterioridade. Quando me vejo, os percebo refletidos em minha gênese/alma, todos eles em meu ser-um-no-outro*. Por isso, não barganho, de maneira alguma, minhas/nossas sensibilidades postas-expostas-vertidas na província da intimidade intercorporal e *corazonada* atravessada, primordialmente, por Silviano. Pois, sobremaneira, compreendo que elas são meu *ouro transfigurado no sangue*, nas feridas e nas marcas incutidas em nossas entranhas e vísceras corporificadas nas carnes e peles de divíduos *fronterizos*

[1463] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 46.
[1464] HILST. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, p. 112, grifos meus.

*anthropos* existindo-pensando-produzindo a partir das bordas do mundo ocidental moderno hegemônico promovedor das ostensivas dualidades des-corporificadas.

À baila dessa acepção, reitero a premissa de que o espaço íntimo desenhado por nós (Pedro/Silviano) não está para a plêiade das (des)subjetividades arroladas e privilegiadas pelo Ocidente[1465], bem como não se dispende para o *cogito* cartesiano "penso, logo existo" responsável pela regência da filosofia e da gramática da modernidade[1466] maniqueísta, por excelência. Essa província íntima intercorporal e *corazonada* delineada neste *trabalho-corpo-político* está arraigada como *modus operandi e vivendi* no pensamento fronteiriço, isto é, no *afuera* criado pelo adentro[1467] (a condição de objeto sub-humano aquilatada pelo sujeito universal). Nesse tocante, à luz de Pessanha, angario um êxtimo[1468] sendo este o que existe de mais íntimo possível[1469], próximo, particular e singular no plasmar dos espaços *bios*-sensíveis da exterioridade que habitamos e somos habitados.

Procuramos, portanto, apregoar menos subjetividades objetificadas e mais intimidades corporizadas[1470], sensibilidades, trocas, infusões, duetos simbióticos, duo-bipolares, aliados hospitaleiros e divíduos fronteiriços existindo simultaneamente pela égide da co-presença[1471] vivaz dos *não-objetos e pré-sujeitos*[1472]*.* A nós, divíduos da exterioridade/da exclusão, valemo-nos de uma *anamnese biográfica*[1473] através de um gesto rememorativo do não-esquecimento[1474] gradativo para escre(vi)ver nossas histórias *bios*-locais sensíveis que, como Nolasco pontua, não deixam de *soar como*

[1465] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1466] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1467] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1468] PESSANHA *apud* NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1469] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1470] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1471] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.
[1472] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[1473] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[1474] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.

*um balbucio da vida*[1475] remetendo às nossas verdades mais essenciais, biográficas e latentes[1476] transpassadas por nós mesmos e pelos muitos outros que nos compõem. Pelo revés, às epistemologias hegemônicas do Norte, desvela-se o estado quase perpétuo de habituar-se a escrever sempre *sobre* um *outro*, objetificado, tornado inerte, amorfo, ignorante e, em essencial, subjugado ao suposto "conhecimento" do intelectual empírico que pensa sem *inscre-vi-ver-se*, sem expor-se.

Conforme Santos, no prisma dos pensamentos advindos do Sul, co-existem *corpos jubilosos*[1477] que se regozijam com prazeres, festas, risos, danças, cantos, erotismos[1478] etc. na celebração da alegria corporizada – evoco os exemplos supracitados de Pabllo Vittar e Ney Matogrosso para sustentar meu argumento. Isso implica dizer que as lutas sociais, sobremaneira, dos movimentos minoritários, como o meu/nosso LGBTQIA+, não se resumem apenas em um conjunto de mortes e sofrimentos[1479], além disso, há felicidade e júbilo[1480] em relação às vitórias corroboradas pelas desobediências civis-epistêmicas e pelas subversões a fim de angariarmos futuros globais mais justos, igualitários e *corazonados*.

À revelia dos construtos do Norte, baseados em caracteres judaico-cristãos de culpa e melancolia[1481], o Sul tem uma consciência *outra* que elucubra a importância de corporizar-*corazonar* as razões, sensibilidades, emoções, afetos e desejos evocando o júbilo como um *modus operandi e vivendi* de re-existência e de contaminação (no bom sentido do termo) de corpos que se roçam e existem quase

[1475] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[1476] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[1477] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1478] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1479] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1480] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1481] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.

simbioticamente. No tangir desses *corpos jubilosos*, em *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (2018), Hilda Hilst canta um corpo que é tão seu quanto do outro-amado pela chancela da complementariedade corporizada entre aliados *intersensíveis*:

> Porque tu sabes que é de poesia
> Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,
> Que a teu lado te amando,
> Antes de ser mulher sou inteira poeta.
> *E que o teu corpo existe porque o meu*
> *Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio*
> *É que move o grande corpo teu*.
>
> Ainda que tu me vejas extrema e suplicante
> Quando amanhece e me dizes adeus.[1482]

Esses *corpos jubilosos*[1483]*,* como, também, o meu e o de Silviano, homo-biográficos por excelência, descortinam a alegria, a festa e a celebração enquanto *expressões da força vital exigidas pelas lutas contra a opressão*[1484]. Essa premissa incute a (re)afirmação das nossas dignidades frente as sociedades injustas e opressoras[1485] as quais estamos inseridos sobrevivendo resistindo à supressão das nossas sensibilidades, afetos e desejos. Em linhas gerais, para Santos, o caráter performativo desses conhecimentos arraigados nas ecologias do saberes[1486] reitera a subversão da realidade e a possibilidade de negociações[1487] co-existentes ao já instituído para angariar a continuidade das nossas lutas. A abertura para essas diferenças (coloniais), assente a alegria dos nossos corpos empíricos-epistemológicos ademais às emoções de ressentimento e do catastrofismo[1488]. Assim, o júbilo e a felicidade corporizados dialogam com a emergência dos exercícios de divíduos políticos, dos movimentos minoritários e da *real* solidariedade[1489] inter-

[1482] HILST. *Memória, júbilo, noviciado da paixão*, p. 60, grifos meus.
[1483] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 142.
[1484] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 143.
[1485] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 143.
[1486] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 143.
[1487] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 143.
[1488] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 33.
[1489] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 33.

humana recriando formas *outras* de afetividade[1490] no aderir às coletividades[1491] socioculturais.

Na plano do *corazonar* e das *suficiências íntimas*[1492], as quais me debruçarei a seguir, a visada corporizada dos saberes implica dizer que esses nunca são fundamentados unicamente em razões, conceitos, análises ou argumentos[1493]. Por si mesmos, não se tornam práticas[1494], uma vez que nas lutas por direitos humanos e epistêmicos emergidos a partir dos corpos há a implicação existencial impregnada por múltiplos sentimentos, emoções e desejos[1495]. Isso não implica conceber que as articulações epistemológicas tenham pouca relevância[1496], elas são condições inegáveis para a eficácia do *aprender a desaprender para reaprender*[1497], todavia, este, não pode se descolar, nunca, das províncias íntimas que fundamentam os divíduos que pensam, escre(vi)vem e lutam.

É necessário, portanto, que aqueçamos[1498] as *epistemes* de emoções, afetos e sensibilidades para que transformemos as razões do imperativo de agir[1499]. O aquecer o saber seria aquilo me permitiria intercorporar meu aliado hospitaleiro Silviano voltando-me não só para o meu eu, para as minhas presenças-ausências, mas, sobretudo, para as lutas que travo no seio da minha existência permeada por *homo-bios-grafias* latentes e pulsantes. Segundo Santos, esse aquecimento da razão é: “[...] é o processo através do qual as ideias e os conceitos continuam a despertar

[1490] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 34.
[1491] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 34.
[1492] ARBOLEDA *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1493] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 149.
[1494] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 149.
[1495] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 149.
[1496] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1497] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[1498] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1499] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.

emoções motivadoras, emoções criativas e capacitadoras que reforçam a determinação de lutar e a disponibilidade de correr riscos."[1500]

Sendo assim, esse processo *outro* nos permite transformar as latências epistêmicas em potências[1501] críticas-*bios*-sensíveis destituindo-nos do véu hegemônico das teorias viajantes territorialistas do Ocidente perpetuador dos binarismos já discutido neste *trabalho-corpo-político*. Entrevejo que sem a percepção endossada por esse *trazer a si mesmo*, jamais poderia adentrar-me na interioridade do duo-simbiótico o qual pleiteio com Silviano, tampouco, com o seu/nosso projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* o qual complemento e sou complementado, simultaneamente. Na esteira de Santos, o *corazonar*[1502] é justamente o nome atribuído ao aquecimento da razão passível de proporcionar, nessa perspectiva, suficiências íntimas[1503] para que, atravessados pelas emoções e sensibilidades arraigadas às perspectivas críticas, continuemos a lutar contra a opressão delineada por demasiados obstáculos[1504] socioculturais e epistemológicos àqueles relegados às exterioridades.

De acordo com o crítico português, tanto o *corazonar* quanto as suficiências íntimas emergem das lutas dos povos indígenas e afrodescentes da América Latina. Assim, ao recorrer a essas conceituações biográficas por excelência, pressuponho seus potenciais de clarificação e de fortalecimento[1505], também, das minhas/nossas lutas (LGBTQIA+, sul-fronteiriças dos trópicos) as quais têm, continuamente, seus sofrimentos trivializados pelas esferas socioculturais dominantes. Ademais, elas

[1500] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1501] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 150.
[1502] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1503] ABORLEDA *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1504] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1505] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.

fornecem pistas[1506] que me ajudam a compreender a questão da resiliência humana[1507] em cenários históricos permeados por derrotas e por relações de poder assimétricas, as quais, em geral, só fazem obscurecer e expurgar às margens as sensibilidades/emoções/afetos/sentimentos/desejos, os intercorpos e as razões *outras* de nós divíduos da exterioridade fronteiriça. Conforme o cientista social equatoriano Patricio Guerrero Arias, citado por Santos:

> Os povos de Kitu Kara apresentam o *corazonar* como uma reposta espiritual e política. Tal proposta difere das que foram avançadas pelas análises marxistas acerca de alguns movimentos sociais mais preocupados com mudanças estruturais e econômicas. O *corazonar* propõe, por seu lado, a cura do ser [...] Do ponto de vista do *corazonar*, entende-se que uma das expressões mais perversas da colonialidade é o fato de ter colonizado quatro dimensões, poderes, ou forças – *sayas*, como são chamadas no mundo andino. A humanidade teceu a vida a partir dessas *sayas*: o afeto; a dimensão sagrada da vida; a dimensão feminina da existência; e a sabedoria. Todas essas forças deveriam ser colonizadas a fim de atingir o domínio absoluto da vida.[1508]

À vista disso, o *corazonar* se descortina enquanto possibilidade de injunção complementadora dos afetos/emoções/razões[1509] promovendo um sentir-pensar[1510] incutido nas lutas e nas re-existências socioculturais-políticas. Abre-se espaço para a fusão entre razões e emoções originando motivações e expectativas capacitadoras[1511]. Nesse contexto, denoto Silviano como um expoente subversivo na tradição crítica e literária brasileiras justamente por se assentar em um sentir-pensar *corazonado* no chancelar de suas escrevivências epistemológico-ensaístas e/ou literárias, uma vez que o mineiro não separa nunca o arcabouço teórico do (auto)biográfico-escrevivente. Pelo reverso, há uma infusão transfigurada de ambas as instâncias que se (auto)complementam para promulgar reflexões epistêmico-sensíveis *a partir de* e nunca *sobre objetos inertes, amorfos e subjugados.*

---

[1506] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1507] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152.
[1508] ARIAS *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 152, grifos do autor.
[1509] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 153.
[1510] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 153.
[1511] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 153.

Os textos “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações” são exemplos dessa conceituação *outra* de Silviano, haja vista que meu divíduo não se distancia da sua condição de latino, fronteiriço, brasileiro e homossexual para pensar não só *a sua* América Latina com base *nas suas* sensibilidades da exterioridade, mas, além disso, a comunidade *gay* atravessada por imperialismos viajantes da metrópole para as margens do planeta. Pela égide de Santos, entrevejo que meu aliado hospitaleiro se assenta, dentre outros pontos, no coração[1512] para guiar a razão, compreendendo que este não é apenas um órgão humano[1513], bem como a razão não é meramente a racionalizada cartesiana[1514]. O escre(vi)ver com o coração, isto é, com o *corazonar*, ainda no tocante ao meu mineiro de Formiga, implica experienciar o sofrimento injusto de si mesmo e dos outros como se esses fossem próprios aliando-se às lutas contra as assimetrias de poder[1515].

*Corazonando* a razão, Silviano se projeta contra a passividade fortalecendo o inconformismo frente as injustiças[1516], sejam essas atribuídas a nós homossexuais, latinos, brasileiros e/ou a indígenas, negros etc. Nesse plasmar, as emoções, afetos, desejos e sensibilidades são a energia vital[1517] arraigadas às boas-razões-para-agir[1518] tornando os mundos *outros* desconhecidos, próximos e reconhecíveis. Ao escre(vi)ver e ser-com-muitos-outros[1519], meu duo-simbiótico faz emergir a reciprocidade e a comunhão intersensíveis desassociando de dicotomias institucionalizadas, sejam essas mente/corpo, interno/externo, privado/público,

[1512] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1513] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1514] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1515] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1516] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1517] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1518] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1519] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.

individual/coletivo ou memória/expectativa[1520]. Dito isso, o aquecimento da razão destrincha uma terceira realidade[1521] permeada por emoções/afetos/sentimentos colados às formulações epistemológicas obliterando as linguagens e gramáticas dos ditos sujeitos e objetos. Para Santos, *corazonar é sempre um exercício de autoaprendizagem, visto que a alteração da nossa compreensão da luta está imbricada no nosso entendimento de nós mesmos*[1522]*.*

Intercorporalmente, entendo-me melhor, para além de mim mesmo, enquanto *homem-menino-sul-fronteiriço* homo-crítico-biográfico tomado por lutas que travo na minha re-existência epistêmica e sociocultural cotidiana por vias da injunção duo-simbiótica canibalizadora[1523] que subsiste na relação de mimos[1524] e aliados hospitaleiros entre Pedro e Silviano. *Corazonados*, ambos assumimos a responsabilidade interpessoal de entender e mudar o mundo[1525] *a partir de nós mesmos* em nossas práticas escreviventes literário-ensaísta-epistemológicas*.* Suficientemente *corazonados*, asseguramos determinações inabaláveis[1526] para continuarmos a lutar[1527] contra os legados coloniais-imperiais imperantes nos trópicos latino-americanos, no Brasil e na fronteira-sul. Nesse viés, Santiago Arboleda concebe essas práticas pela égide do conjunto de suficiências íntimas no tangir do embate contra a colonialidade que ainda grassa no mundo, sobremaneira, nas fronteiras, bordas e margens:

> ‘Suficiências íntimas' são um conjunto de recursos intrínsecos que se encontram na memória coletiva, uma reserva de sentidos a que se pode recorrer em momentos críticos para a construção de estratégias de vida. Trata-se, assim, de um conjunto de sentidos acumulados que dá forma a uma forma social e cultural da memória coletiva. Voltar à memória não implica um

[1520] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1521] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1522] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 154.
[1523] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 112.
[1524] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 111.
[1525] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.
[1526] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.
[1527] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155.

> regresso anacrônico ao passado; é, antes, uma forma de libertar a força e o poder das nossas formas de pensar, fazer e nomear, com vista a desbastar, sulcar e, por fim, abrir caminhos alternativos aos das instituições oficiais, o que é uma forma válida de repensar o relançamento o movimento social.[1528]

Em linhas gerais, as suficiências íntimas dão nome ao que já venho tracejando neste *trabalho-corpo-político*, com base em Walter Mignolo, de *re-existências*[1529] assentadas em identidades *outras* fortalecidas e nas capacidades de atuação política[1530] pelo crivo de práticas de conscientização e (auto)reflexão[1531]. Insuflar essas suficiências imbricadas nas províncias escreviventes de nós *anthropos* fomenta uma perturbação nas histórias suprimidas[1532] e expurgadas à obscuridade e a inexistências. Juntos, o *corazonar* e as suficiências íntimas pressupõem imbricamentos complexos entre o compartilhamento do sentido e o ser presente no contexto de luta às assimetrias de poder. Além disso, coteja-se co-presenças[1533] especialmente intensas *inter corpos* (como o meu/nosso Pedro/Silviano) no tocante aos pressupostos em que são construídos os sentidos[1534] dados, expostos e (im)postos socioculturalmente, em especial, nas fronteiras.

Para Nolasco, se a fronteira está na barra (/)[1535] que divide e aproxima modernidade e colonialidade, deste e do outro lados da linha, dentro e fora, interioridade e exterioridade[1536], então a província íntima do espaço-biográfico-*fronterizo*[1537] singulariza a proposição de um espaço hospitaleiro fomentador de intercorporeidades *consensíveis*, como a minha entremeada por Silviano, no roçar epistêmico-sensível dos nossos corpos, dada, também, a condição de fronteira

[1528] ARBOLEDA *apud* SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 155-156.
[1529] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1530] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1531] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1532] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1533] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1534] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 156.
[1535] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.
[1536] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.
[1537] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.

implicada em nós. Essa proposição *outra* assegura a instauração de um lugar geo-*bios*-histórico[1538] dividual atravessado pela barra[1539] que proíbe, em definitivo, o uso maniqueísta da linguagem/gramática sujeito/objeto. É a partir dali, da simbiose duo-bipolar, na incorporação canibalizadora[1540] (Pedro/Silviano – Silviano/Pedro) ancorada na província escrevivente, que nós aliados hospitaleiros estamos, sentimos, pensamos e escre(vi)vemos[1541].

Desse plasmar quase canibal-epistêmico, saqueio os termos do meu *suposto outro*[1542] Silviano, que sou eu mesmo, latino-americano, homossexual, sul-fronteiriço, estudioso das letras e das literaturas, sintetizando-o em mim a ponto de trazê-lo à gênese e à alma mais íntimas quanto se faz possível neste *trabalho-corpo-político*. Meu mineiro nasce para dentro da minha escrevivência pelo intermédio da injunção dos aliados descortinadas por Pessanha perlaborando um espaço interior partícipe de duetos ressonantes de complementariedades[1543] ambivalentes. Entrevejo, pela chancela incutia a mim de aliado complementador, as vibrações e sonoridades[1544] projetadas por Silviano e as respondo por vias de uma afinação próxima-distante similar-diferente a qual nos adensa/esparrama[1545] no *corpus* do bordejar das minhas *inscre-vi-vências*.

O filósofo paulista me é necessário para que eu compreenda melhor aquilo que há alguns anos não estava bem delineado aos meus olhos no tangir da minha relação com Silviano para além das *epistemes academicistas* e territoriais. Em *Recusa do não-lugar*, Pessanha explicita que apesar do seu texto ser um produto da incorporação

[1538] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.
[1539] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 20.
[1540] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69.
[1541] NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.
[1542] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.
[1543] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.
[1544] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.
[1545] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.

duo-simbiótica com seu aliado hospitaleiro Peter Sloterdijk[1546] e, por extensão, com a obra deste, decidiu citar alguns fragmentos do filósofo alemão para que o leitor possa ter ele mesmo a possibilidade de apreciar os escritos expostos[1547]. Dito isso, entendo que minha escrevivência se endossa à semelhança de Pessanha na sua câmara de duetos simbióticos com Sloterdijk. Muitas das vezes, vejo-me incorporando e canibalizando não só Silviano, mas todos aqueles aliados amados, eleitos e herdados que compõem meu ser/minha alma. Todavia, quando me pego realizando essa prática *in continuum*, dou uma pausa, tomo um gole do meu café pouco adoçado e trago à superfície da minha escrevivência epistêmica-ensaísta-sensível a reprodução integral de seus textos para que, se caso, algum dia, alguém me leia, possa se deleitar com esses que são tão outros quanto eu mesmo.

Sendo assim, os aliados hospitaleiros, em sua cerne, seriam aqueles que *são devorados, canibalizados e criados pelo outro polo do duo bipolar permitindo a confusão no tráfego de gestos e todo e qualquer tipo de mergulho extático no espaço surreal da intercorporeidade*[1548]*.* Dessa maneira, postos na província da intimidade escrevivente, esses aliados proíbem, como condição *sine qua non* e enquanto *leitmotiv* de existência, a utilização dos termos objetos para referenciá-los e, *pari passu*, não veem plágio e/ou roubo oriundos do seu-em-frente[1549]. Nos duetos simbióticos originários, o suposto roubo é consentido[1550], haja vista que o outro é ele mesmo e a minha própria obra/criação[1551], ao mesmo tempo.

[1546] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.
[1547] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70.
[1548] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1549] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1550] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1551] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

*Grosso modo*, é ser dois-em-um ou um-no-outro[1552]. Nesse espaço das sensibilidades ambivalentes, há o encontro com um ente que é experenciado pela égide da minha própria perlaboração[1553] angariada pelo meu *bios* garantindo um estender-se na direção do mundo preenchido e não alienado de si mesmo[1554]. Assim, à revelia dos postulados modernos binários, em minhas escrevivências epistêmico-ensaístas encontro-me com meu ente Silviano, criado por mim, concedendo preenchimento e territorialização justamente naquilo que mais viria a me faltar, isto é, complementando meus ocos, lacunas e brancos[1555]. Por conseguinte, a complementaridade intercorporal produtiva reside no estado de ser/estar atravessado por demasiados entes hospitaleiros projetando a minha/nossa vinda a nós mesmos e ao mundo rejeitando, por nossas formações duo-bipolares[1556], a gramática sujeito/objeto[1557] replicada, à exaustão, nas academias. Segundo Pessanha:

> Falar de indivíduo e de sujeito elide o divíduo, o indivíduo nasce do divíduo, nasce das visitações e das lentas estadias de hóspedes duradouros. A própria interioridade humana é o precipitado de um encontro. Os homens ocos, os pastores do ser e os corpos sem órgãos ganharam o vazio de aliados indiferentes, sequestrados, desatentos [...]. [...] É sempre no duo que se decide o um. [...] O ser-um-no-outro vivo e sustentado do pacto pneumático cocriador é a própria estufa na qual cresce e se territorializa o self verdadeiro. *Se um aliado devotado e cuidador apresenta o mundo paulatinamente, doando-se nas coisas que apresenta, então essas coisas tomam o outro na mesma medida em que ela as toma.*[1558]

Diante do fragmento exposto, assento que o que está em jogo na província íntima e escrevivente possibilitadora do endossar dos aliados hospitaleiros e divíduos dissociados das subjetividades/dos sujeitos modernos é justamente a chancela simultânea de criar e ser criado, em simultâneo, na câmara duo-simbiótica dos duetos intercorporais (e *corazonados*). Na medida em que venho desenhando os traços da

---

[1552] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 72.
[1553] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1554] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1555] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[1556] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 73.
[1557] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 73.
[1558] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 72, grifos meus.

face e do corpo-*corpus* de Silviano nessas minhas escrevivências tão íntimas e públicas, entrevejo meus rosto-corpo-*corpus* refletidos nessas *homo-bios-grafias* que delineio a partir do tão somente meu divíduo homo-biográfico e fronteiriço. *Pensar o dois-em-um ou o ser-um-no-outro do duo-simbiótico implica afastar-se do individualismo e da ontologia da substância*[1559]. Para isso, vejamos duas fotografias (Figuras 22 e 23), uma minha e outra de Silviano, em momentos e contextos diferentes, mas próximas e intercorporizadas em nossas gêneses e províncias íntimas incutidas nas práticas epistemológico-sensíveis-afetivas as quais nos debruçamos para escre(vi)ver *a partir* das (inter)complementariedades de nós mesmos:

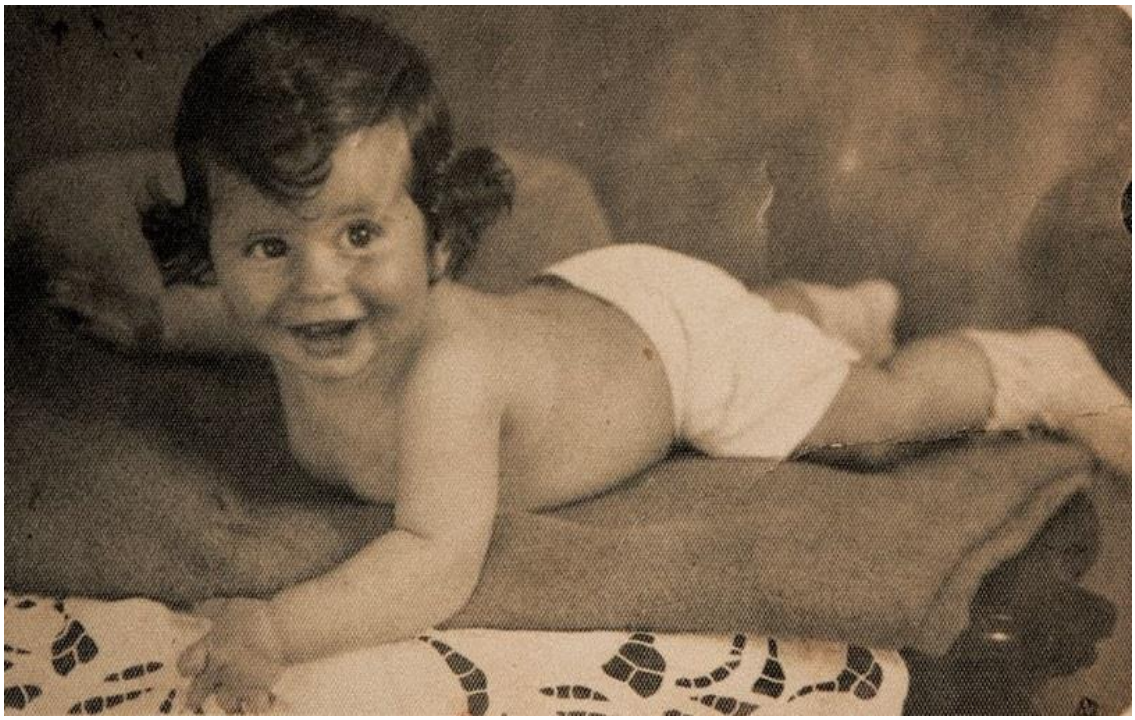


FIGURA 22 – Fotografia do meu bebê-Silviano reproduzida na capa do livro *O falso mentiroso*: memórias (2004)
Fonte: https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/1651-luminosidades-do-observador.html

[1559] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.

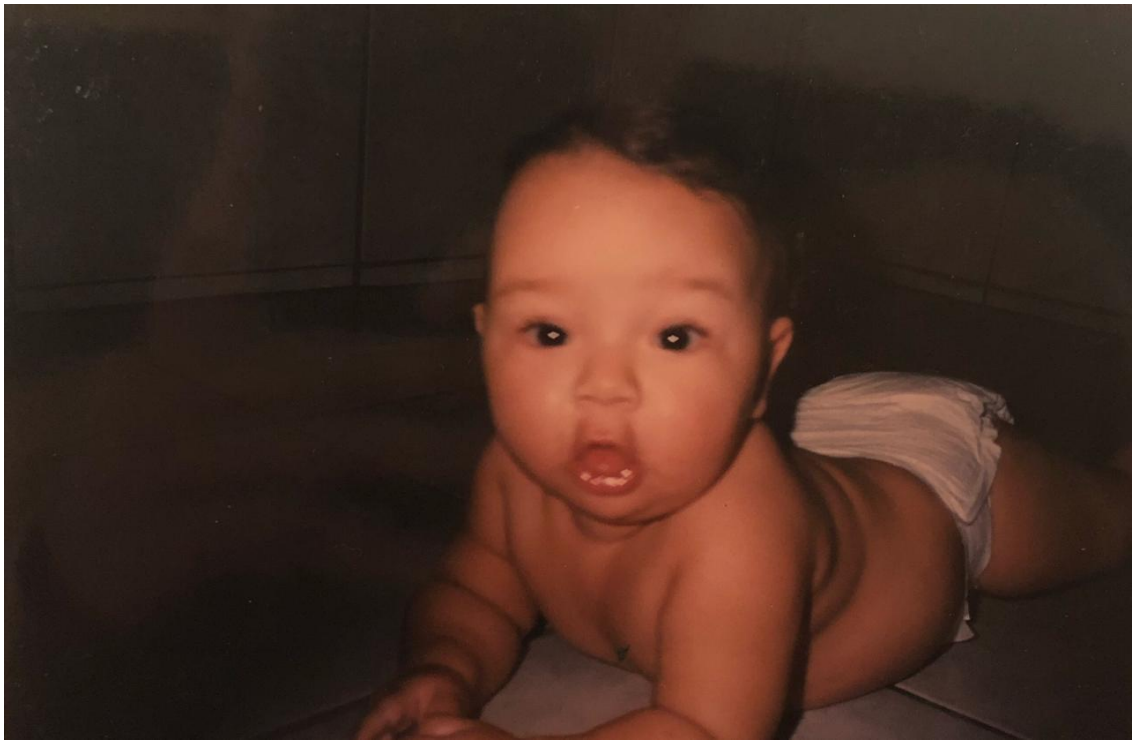


FIGURA 23 – Meu eu-bebê complementador íntimo do meu bebê-Silviano reproduzido anteriormente
Fonte: acervo pessoal

À baila das fotografias postas-expostas, Pessanha me é necessário para que eu me perceba enquanto um ontologista do íntimo[1560] que descreve a própria gênese do meu/nosso eu no vocabulário dessas incorporações altamente produtivas vertidas em mergulhos extáticos e práticas canibalizadoras e antropofágicas[1561] com o meu mineiro de Formiga. Do contrário do que se pode pensar, o adentramento no mundo não se resguarda ao nascimento biológico[1562], pelo contrário, está imbricado na participação de relações intercorporais de proximidade arraigadas em receptáculos[1563] ancorados em províncias íntimas escreviventes autogeradas[1564] por nós mesmos e pelos nossos outros. Em mim, co-existe uma mania de eleição[1565] a qual elejo e herdo os amigos que formam e fundamentam minha *homo-bios-grafia*, tal

[1560] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[1561] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[1562] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1563] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1564] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1565] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 77.

qual Silviano e a supracitada Hilda Hilst. Esta, por sua vez, nos poemas “O poeta inventa a viagem, retorno, e sofre de saudades” e “Árias pequenas. Para bandolim”, com seus trechos respectivamente citados a seguir, me corrobora:

> Se uma ave rubra e suspensa ficará
> Na nitidez do meu verso [escrevivência]? Há de ficar.
> Também eu
>
> Intensa e febril sobre o teu plexo.
>
> [...]
>
> *Entrelaçados o meu nome e o teu*
> *Depois da morte? A desventura.*
> *E as ambiguidades.*[1566]
>
> *Quanto mais te persigo*
> *Mais te vejo*
> De mim o fugitivo
> Córrego correndo
> E eu desesperança
> Me fazendo antiga.[1567]

À vista desses trechos poéticos de Hilda Hilst, *persigo Silviano e, quanto mais o faço, mais vejo entrelaçados o meu nome ao dele.* No tocante ao projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do mineiro, sobremaneira, na égide das minhas *Mil rosas roubadas*, percebo que além de lê-las e relê-las, as roubei a ponto delas se desmancharem em minhas mãos[1568], as comi e as incorporei[1569] de tal maneira que as meras territorialidades *academicistas* modernas e binárias jamais dariam conta de abarcar sequer um grama dos quilos de pétalas que transformei em partes do próprio intercorpo-*corpus*[1570]. Nessa enseada simbiótica, apreendo que todas essas sensibilidades *outras* foram legítima e verdadeiramente arraigadas e enraizadas em meu próprio ser como sendo meus[1571]. No plasmar desse arcabouço escrevivente, Pessanha deslinda que, nesse caso, o suposto “plágio”[1572] estaria autorizado, uma

---

[1566] HILST. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, p. 33, grifos meus.
[1567] HILST. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, p. 87, grifos meus.
[1568] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 79.
[1569] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 79.
[1570] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 79.
[1571] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.
[1572] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.

vez a obra de Silviano também é minha, pois a recriei[1573] pelos caminhos das minhas vísceras e entranhas epistemológico-afetivas mais íntimas e profundas.

Por todas essas razões traçadas aqui até neste *trabalho-corpo-político* é que recuso, em definitivo, tanto o não-lugar[1574] como morada, quanto a gramática/linguagem do sujeito *versus* objeto. Essa negação acena para as demasiadas possibilidades de encorar pactos com o presente[1575] por meio de alianças e confianças[1576] me projetando para ser menos extremista e, em nada, conformista[1577] frente a realidade. Em termos de aliados íntimos[1578], promovedores dessas relações de confiabilidade apontada entre mim e Silviano, destrincham-se experiências de ressonâncias duo-simbióticas as quais minha criação[1579], *pari passu* e radicalmente, me constitui, me cria[1580] e aquilata o meu/nossos (Pedro/Silviano) repertórios existenciais[1581]. Na esteira, ainda, de Pessanha, concebo que esse si-mesmo íntimo aflora no calor da amizade e do encontro[1582] promulgando incorporações produtivas pelo plasmar das práticas canibalizantes[1583] que angaria.

Assento-me, para escre(vi)ver-me pelo atravessamento do meu aliado hospitaleiro, em uma leitura *dionisiana*[1584] a qual tomo emprestadas as dores/feridas[1585] de Silviano na mesma sintonia que cedo as minhas a ele. É, em especial, nesse caso que sou explicitamente encontrado[1586] e ancoro minhas *homo-*

[1573] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.
[1574] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 80.
[1575] VASCONSELLOS. As coisas que estão no mundo, p. 175.
[1576] VASCONSELLOS. As coisas que estão no mundo, p. 175.
[1577] VASCONSELLOS. As coisas que estão no mundo, p. 175.
[1578] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1579] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1580] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1581] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1582] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1583] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115.
[1584] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1585] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1586] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.

*bios-grafias* da exterioridade. Reitero, portanto, que isso se dá na contracorrente dos pressupostos acadêmicos e das *propaladas intelectualizadas*[1587], uma vez que esses ao me/nos analisarem pela insígnia do "sobre" e apenas pela égide de redes teórico-conceituais, pegam os meus/nossos pedaços[1588] biográficos, embrulha-os, e, ao invés de devorar-nos por inteiro e alimentar-se de nós[1589], realiza, apenas, cafetinagens parciais[1590] estético-teóricas-territorialistas altamente maniqueístas e binárias deixando-nos cada vez mais sós[1591].

Minha escrevivência canibalizada a partir de Silviano não me é exterior, ela emerge e se projeta *a partir* do meu próprio corpo-*corpus* fundado e arraigado na província da intimidade fronteiriça. Nesse lócus *outro*, posso adensar-me[1592] em um outro que sou eu mesmo estendendo-me e esparramando-me[1593] pelas veredas dos mundos co-existentes possíveis. Esse gesto nascido e brotado em minha enseada corporizada[1594] se cola/roça com meu aliado hospitaleiro mineiro sintonizando-se com ele e, assim, ambos ressoamos no interior mais íntimo[1595] e sensível da província que sustentam as minhas/nossas escrevivências. *Nascidos no terror da medida que nos invadiu e nos colonizou, aquilatamos uma óptica outra para destrinchar as medidas que nos transpassam*[1596]*.* Na entrevista "O olhar do limiar", Pessanha, ao falar do seu outro aliado Kafka, me corrobora

> Eu me sentia tão acompanhado do Kafka na minha ferida, eu sentia que tinha uma ferida tão parecida que eu poderia incorporá-lo, falar em nome dele. Na hora de me apresentar, eu percebi de algum modo que eu estava fazendo uma coisa que chamam de performance: *eu estava emprestando a minha ferida para lê-lo. Então, cunhei esse termo da amizade da ferida,*

[1587] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1588] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1589] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1590] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1591] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.
[1592] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.
[1593] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.
[1594] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.
[1595] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.
[1596] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21.

> *possibilitando um tomar o lugar de um outro, ser um outro. Chamei isso de performance, porque isso pode ser feito, como foi feito, diante de um público.* Quando a pessoa lê no livro escrito 'performance', de fato aquilo foi lido dentro de um contexto público, mas eu chamei de performance essa operação de falar a partir de uma ferida que diz de um outro mundo, de um outro escritor com o qual eu estou em completa... como dizer? Eu identifico a dor como tão parecida que seria exatamente, voltando às perguntas anteriores, um jeito de não falar filosoficamente no sentido acadêmico, mas falar filosoficamente nesse sentido da amizade.[1597]

Assim como Pessanha realiza pelo entremear com Kafka, *performaticamente empresto minhas feridas* e cicatrizes para Silviano ao escre(vi)ver-me/nos. Pela visada *da amizade de ferida*, em simbiose, tomamos o lugar um do outro e, por extensão, tornamo-nos divíduos, um sendo o outro, permeados por concomitâncias duo-bipolares co-existentes. Nesse ínterim, a barra (/) que separaria Pedro/Silviano é esfacelada ancorando-nos em um só intercorpo hospitaleiro. Segundo Silviano: "[...] compete hoje, aos olhos do leitor – preencher os buracos e os vazios de que é também feito um texto literário, aliás, não tenhamos dúvida, qualquer texto [...]"[1598]. Isso posto, entrevejo que não só como leitor, mas, também, aliado e divíduo, preencho os ocos do meu mineiro não com *propaladas intelectualizadas*[1599] estetizantes e analistas.

Pelo contrário, o faço, sensível-intimamente, com os buracos da minha própria memória, pois compreendo que nos formamos por um amontado de ausências-presenças as quais são manejadas pelo bordar da minha escrevivência homo-biográfica tecida e munida no seio de uma epistemologia crítico-biográfica fronteiriça advinda da exterioridade e do Sul global-metafórico. Descortinando o tracejar das minhas *homo-bios-grafias*, trago à baila uma fotografia (Figura 24) do meu eu-criança frente aquilo que, hoje, compreendo como as flores (infelizmente não são rosas) que eu viria a roubar do aliado mineiro que tanto me concerniria 20 anos depois do *click* fotográfico, nos idos da minha vida adulta, epistêmica, sensível e afetiva.

---

[1597] PESSANHA. O olhar do limiar, s/p, grifos meus.
[1598] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1599] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.



FIGURA 24 – Fotografia do meu eu-criança frente a um amontado de flores que seriam roubadas de Silviano 20 anos depois deste *click* fotográfico no final dos anos 1990
Fonte: acervo pessoal

À baila desse pressuposto, Silviano infere que “Compete ao leitor (empinar como uma pipa) e endireitar (como algo sinuoso) um objeto em palavras que lhe é dado e maneira corriqueira e aparentemente em desordem.”[1600]. Duo-simbioticamente, entrevejo que o viés escrevivente o qual me assento vai além do delineado pelo meu mineiro. Não só empino e endireito a sua/nossa pipa biográfica, literária e ensaísta, como, também, a intercorporo e constituo *performaticamente*[1601]

[1600] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1601] PESSANHA. O olhar do limiar, s/p.

aquele que a empinou pela primeira vez na gênese/genética da criação literária-epistêmica pela égide do sermos-um-no-outro ou o dois-em-um de Pessanha. Voltando-me às minhas/nossas infâncias descortinadas pela fotografia reproduzida acima, concebo que tanto Silviano quanto eu, hoje, escre(vi)vemos *a partir da concha que recolhe aqueles ruídos juvenis*[1602].

Em “Meditações sobre o ofício de criar” (2008), meu intercorpo torna público que desde a infância, permeada pela cultura religiosa-católica, já incutia práticas ficcionais ao se confessar aos sábados para o padre[1603]. Contudo, não o fazia *confessionalmente*[1604], mas, sim, mentia, ficcionalizava[1605] suas *inscre-vi-vências* ao narrar os pecados trazidos escritos em uma lista, segundo ele, avantajada[1606]. Essas invenções autobiográficas continham estatutos do vivido[1607] e acresciam a consistência das experiências[1608] do pequeno Silviano. A grande questão que tornou meu divíduo não confessional, mas autobiográfico, reside em uma cisão experienciada não só por ele, mas por nós. Ao passo que nos idos da juventude, Silviano perdia sua mãe[1609], exatamente dois meses (25/05/1997) após meu nascimento (25/03/1997), meu pai viria a falecer pela culminância de um ataque cardíaco voraz que desperfilaria o véu da vivacidade paterna em um só sopro. Não mais que isso.

Desse modo, entrevejo, hoje, passados muitos anos das minhas/nossas perdas e da instauração das cicatrizes deixadas por elas, que, ainda que há muito não soubesse, desde o meu primeiro contato com a morte, a minha vida e a de Silviano

[1602] FERREIRA; PESSANHA. *Epigramas recheados de cicuta*, p. 75.
[1603] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1604] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1605] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1606] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1607] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 177.
[1608] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 176.
[1609] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 176.

se encontravam contaminadas (no bom sentido do termo) ainda que, naquele momento, estivessem extremamente distantes. Sinto que *possuímos uma ferida parecida e, por isso e não apenas por isso*, *incorporamo-nos e falamos performaticamente em nome um do outro ancorados em uma amizade-simbiose da ferida similar*[1610]*.* Assim, os dados autobiográficos (prefiro escreviventes) percorridos[1611] nos escritos ensaístas-ficcionais do meu mineiro não só os alavanca, como, também, incute uma câmara de mimos, intercorporações, canibalizações, ressonâncias e hospitalidades entre nós, mesmo que, não nos conheçamos pessoalmente. E esse fato, na verdade, não faz diferença alguma. Mais uma vez, Hilda Hilst me/nos é necessária:

> *Ah se eu soubesse quem eu sou.*
> *Se outro fosse o meu rosto.*
> *Se minha vida-magia*
> *Fosse a vida que seria*
> *Vida melhor noutro rosto.*
>
> Ah, como eu queria cantar
> De novo, como se nunca tivesse
> De parar. Como se o sopro
> Só soubesse de si mesmo
> Através da tua boca
>
> *Como se a vida só entendesse*
> *O viver*
> *Morando no teu corpo, e a morte*
> *Só em mim se fizesse morrer.*[1612]

A partir do poema citado de Hilda Hilst, encaminho-me para o encerramento deste subtítulo endossando que *a minha vida só entende o pleno viver morando performaticamente no corpo do meu divíduo e duo-simbiótico* Silviano Santiago*.* A partir dele, tornei-me um quase ladrão escre(vi)vente de frases e de relatos[1613] pegando carona[1614] em histórias *outras* que pertencem tanto a terceiros quanto a mim

[1610] PESSANHA. O olhar do limiar, s/p.
[1611] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 173.
[1612] HILST. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, p. 35, grifos meus.
[1613] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 226.
[1614] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 227.

mesmo. Deslocando-me pelas províncias e pelos espaços íntimos, apreendi a nomear os tráfegos e as orgias de gestos intercorporadores e *corazonadas* na imersão abissal que afinquei em meu aliado hospitaleiro mineiro. Voltei-me, portanto, à colheita sensível, afetiva, emocional e epistemológica de tudo e de todos aqueles que a vida sussurrou e sussurra diariamente ao pé dos meus/nossos ouvidos[1615].

Por vias do encontro e da *amizade de ferida*[1616] simbiótica com Silviano, obliterei a possível barra (/) que nos separava tornando-nos dois-em-um e/ou um-no-outro em intercorporeidades *corazonadas* de mimos, contaminações e canibalizações ambivalentes no plasmar da inscrição das minhas/nossas *homo-bios-grafias inscre-vi-vidas* neste *trabalho-corpo-político*. Com isso, meu mineiro nasceu para dentro das escrevivências aqui vertidas-expostas pela chancela da injunção dos aliados fomentando a existência sensível e epistemológica de uma província íntima partícipe dos duetos ressonantes de complementariedades responsáveis por nos aproximar-distanciar presentificar-ausentar. Contudo, não me encontro atravessado apenas por ele, mas, também, por uma plêiade de amigos/aliados amados, eleitos e herdados por mim, seja por intermédio dos espaços epistêmicos ou dos empíricos os quais rondam-me.

Em tessituras conclusivas deste subtítulo, reitero que angariei escre(vi)ver na contracorrente da filosofia/linguagem/gramática moderna, maniqueísta e binária enviesada pelo construto sujeito/objeto apregoando que, à revelia de Descartes, Kant e Schopenhauer, *sobre nós, tudo dizemos*[1617] e, ademais, o fazemos, como condição *sine qua non*, *a partir* (e não sobre) *dos* nossos intercorpos duo-simbióticos *corazonados* emergidos das exterioridades, fronteiras, bordas e margens do planeta.

---

[1615] PESSANHA. Roceiro pé no chão, p. 16.
[1616] PESSANHA. O olhar do limiar, s/p, grifos meus.
[1617] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 135.

Não discorremos *sobre* as coisas, simulando-as por intermédio de máscaras plásticas, unicamente teóricas e estéticas dos textos. Pelo contrário, expomo-nos por sabermos quem somos ou, mais que isso, desejamos conhecer mais ainda nós mesmos e aqueles que nos tocam/atravessam sensível-epistêmico-corporalmente.

Corroborando meus/nossos intercorpos, o *corazonar* e as suficiências íntimas postos-expostos-imbricados na província sensível-escrevivente, aquilatei um sentir-pensar passível de me/nos resgatar para fora do exílio[1618] das *propaladas intelectualizadas*[1619] grassadas nas academias e nas pesquisas dela emergidas, pois, consciente das sensibilidades, sentimentos, emoções, afetos e desejos que me permeiam, assegurei-me de aquecer a razão para *corazoná-la* à luz dos saberes advindos não do Norte hegemônico e moderno, mas, sim, do meu Sul tão global e geoistórico, quanto metafórico e imaginário. Volto-me para o abismo criado pela filosofia ocidental moderna na restituição dos espaços íntimos os quais foram expurgados, excluídos, obscurecidos e rechaçados no tangir às produções teórico-epistemológicas.

Por esse atravessamento *bios*-sensível-crítico, ensejo *um balbucio das minhas/nossas vidas*[1620] em que não me coloco jamais em situação de barganha[1621] com teorias viajantes, territorialistas, maniqueístas, duais, hegemônicas, modernas e ocidentais no tocante à supremacia do sentir-pensar nas reflexões e nas práticas epistêmicas. Tomando pela condição da minha/nossa re-existência política, sensível e crítica, angario a intercorporeidade e o *corazonar* enquanto formulações *outras* capazes de não objetificar e/ou afastar divíduos e suas sensibilidades. Pelo contrário, aproximá-los, aquecê-los e corporificá-los, deflorando suas concretudes e seus

[1618] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 75.
[1619] PESSANHA. Província da escritura, p. 156.
[1620] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 85.
[1621] HILST. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, p. 112.

abstratos[1622] o tanto quanto se faça possível na égide das escrevivências arraigadas em províncias íntimas por excelência.

[1622] FERREIRA; PESSANHA. *Epigramas recheados de cicuta*, p. 17.

## 1.7 – Desaprender/despensar para, enfim, re-aprender-com: do epistemicídio dos não-modernos às teorizações epistemológicas sul-fronteiriças

> O problema só se coloca quando se pensa o uso de expressões como 'ciência' ou 'epistemologia' (ou 'filosofia', *ou 'literatura'* [...]) no modo de pensar 'categorial' próprio do pensamento abissal. Ao passaram do pensamento abissal para a constelação do pensamento pós-abissal, os termos são reapropriados no quadro de configurações de sentido e de contextos de práticas distintas.
>
> NUNES. O regaste da epistemologia, p. 283, grifos meus.
>
> [...] temos problemas modernos para os quais não há soluções modernas. Os problemas modernos de igualdade, de liberdade e de fraternidade persistem conosco. Porém, as soluções modernas propostas pelo liberalismo e também pelo marxismo já não servem.
>
> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20, tradução minha.
>
> Nisso consistiu o *epistemicídio*, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena.
>
> SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16, grifos meus.
>
> A trajetória pessoal do investigador pós-abissal [...] condiciona o processo de investigação e os exercícios de autorreflexidade que ele deve efetuar. Dada a hegemonia das epistemologias do Norte e das ciências abissais a que servem de base, é muito provável que o investigador pós-abissal tenha feito a sua formação à luz de metodologias por ela desenvolvidas [...] *Assim, o exercício de autorreflexidade* [...] *deve começar por incidir sobre a sua trajetória pessoal para que possa questionar muito do que aprendeu e, sobretudo, muito do que aprendeu sobre como aprender.*
>
> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225, grifos meus.
>
> *Avaliar-com* pode ser tarefa árdua e cheia de surpresas. Trata-se de um dos contextos cruciais em que se define o que significa ser um *intelectual de retaguarda*.
>
> SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226, grifos meus.
>
> E como as teorias de vanguarda são as que, por definição, não se deixam surpreender, penso que, no atual contexto de transformação social e política, *não necessitamos de teorias de vanguarda mas de teorias de retaguarda.*
>
> SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19, tradução minha.

Este último subtítulo se descortina não apenas a partir do anterior, mas, sobremaneira, à luz de todos os outros que o antecedem. Já em tons conclusivos e atravessado pelas reflexões postas-expostas nas seções deste *trabalho-corpo-político*, me assentarei no desaprender/despensar[1623] para, enfim, re-aprender-

[1623] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

com[1624] partindo das vias do epistemicídio[1625] de nós, não-modernos[1626], em direção às teorizações epistemológicas sul-fronteiriças enquanto saída crítico-sensível no pleitear de futuros globais descolonizados sendo esses, portanto, mais justos e igualitários para *todas* as vidas, *loci*, saberes, pensamentos, afetos, desejos e sensibilidades assentados na perspectiva de uma co-presença-existência radical[1627], latente e pulsante pós-abissal.

Para isso, ademais aos amigos-aliados críticos-literários-poéticos os quais venho evocando à baila em minha conversa epistêmica, me valerei do texto "A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo" (2014) do meu divíduo Silviano publicado no jornal "Folha de São Paulo". O ensaio foi apresentado no "III Colóquio do NECC: entrelugares pós-coloniais", em 2014, na minha Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por convite do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), o qual, desde 2015, sou integrante. No colóquio citado, o texto recebeu o título de "A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial (depoimento)" e foi proferido na modalidade "conferência de encerramento" para um anfiteatro lotado. *Pari passu* à conferência, houve o lançamento do *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS:* Silviano Santiago: uma homenagem, reproduzido por mim anteriormente. Dessa forma, no intuito de dar visibilidade às práticas do meu grupo de pesquisa, vejamos o convite do evento (Figura 25), bem como algumas fotografias (Figuras 26 e 27) de Silviano compartilhando a mesa de apresentação com o meu orientador Edgar Cézar Nolasco:

[1624] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1625] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[1626] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, 29.
[1627] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.




FIGURA 25 – Convite do evento “III Colóquio do NECC: entrelugares pós-coloniais” em que meu aliado hospitaleiro Silviano proferiu a conferência “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial (depoimento)”
Fonte: https://necc2009.blogspot.com/search?updated-max=2017-04-13T06:48:00-07:00&max-results=13&start=4&by-date=false




FIGURA 26 – Foto do evento “III Colóquio do NECC: entrelugares pós-coloniais” (2014). À esquerda, meu orientador Edgar Cézar Nolasco e à direita, meu divíduo-duo-simbiótico Silviano Santiago
Fonte: acervo pessoal, fotografia feita por Washington Batista




FIGURA 27 – Foto do evento “III Colóquio do NECC: entrelugares pós-coloniais” (2014). À esquerda, meu orientador Edgar Cézar Nolasco e à direita, meu divíduo-duo-simbiótico Silviano Santiago
Fonte: acervo pessoal, fotografia feita por Washington Batista

Dito isso, o texto supracitado de Silviano me é necessário justamente por se roçar sensível-epistemicamente com as minhas teorizações/*modus vivendi*/*operandi* no angariar de possibilidades *outras*, fronteiriças, pós-abissais ou até mesmo pós-coloniais (sendo esta a rubrica utilizada pelo mineiro, ainda que nela eu não me respalde) de ser, estar, pensar e escre(vi)ver a partir das margens terceiro-mundistas, seja de maneira epistêmica e/ou geoistórica. Silviano, na condição de bolsista de doutoramento em Paris nos idos de 1961, é contaminado pelo vírus colonial lusitano que passa a afetá-lo no dia-a-dia europeu[1628]. No entanto, meu duo-bipolar dá a esse vírus um trato afetivo e crítico (haja vista que, em maior ou menor grau, a França

[1628] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

integrou indiretamente sua formação acadêmica-intelectual-literária)[1629]. Para ele, o afeto-crítico foi a condição para que não se imunizasse com a vacina e, por consequência, *com o corpo tomado por virose pós-colonial, Silviano delira*[1630]*.*

Dado o intento metafórico exposto, entrevejo que o delírio pós-colonial de Silviano e a recusa à suposta vacina possibilitada pelas hegemonias modernas se abalizam, justamente, nas práticas de (auto)reflexidades[1631] do mineiro ao não permitir ser integrado, tampouco, tolerado pelo eurocentrismo que o permeava naquele momento. Ao delirar com o vírus pós-colonial imbricado em seu corpo, ou fronteiriço-pós-abissal da minha óptica, tanto Silviano quanto eu *aprendemos a desaprender*[1632] *para re-aprender-com*[1633] compreendendo que temos problemas modernos para os quais não possuímos soluções modernas[1634]. Desse viés, no tocante à América Latina e ao Brasil, amplamente impressos nas escrevivências literárias-ensaístas do mineiro, percebe-se que as teorias viajantes/itinerantes do Norte não servem[1635], em totalidade, para as celeumas incutidas no Sul a partir do qual pensamos, existimos, sobrevivemos e escre(vi)vemos.

Sendo assim e na esteira das epígrafes supracitadas, Boaventura de Sousa Santos assente que por mais que nossa formação tenha se dado pelas garras das metodologias e das *epistemes* do Norte[1636], nossas práticas de (auto)reflexidades[1637] e teorizações fronteiriças, pós-abissais ou até mesmo pós-coloniais devem iniciar pelas veredas das nossas próprias trajetórias pessoais[1638]. Essa premissa implica não

[1629] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1630] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1631] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1632] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[1633] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.
[1634] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.
[1635] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.
[1636] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1637] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1638] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

só questionarmos aquilo que aprendemos, mas, também, colocarmos em xeque muito do que *fomos ensinados sobre como aprender*[1639]. No pluriverso dos legados imperais e colonialistas, priorizemos o (des)pensar-com[1640], ainda que seja um exercício árduo e passível de enfrentar diversos obstáculos territorialistas e hegemônicos, a exemplo, as teorias itinerantes/viajantes que se hospedaram nas academias. Para Santos, isso significa ser um intelectual de *retaguarda*[1641], ao invés de *vanguarda*[1642], como quiseram as *epistemes* modernas ocidentais. Dados os atuais contextos de transformações sociopolíticas, há que prezarmos por *teorizações de retaguarda* ao invés de teorias de *vanguarda*[1643].

Além disso, ao me voltar para a baliza de uma retaguarda das epistemologias do Sul, ao invés de vanguarda, posiciono-me contra a supressão dos conhecimentos locais[1644] assegurada pelas teorias viajantes/itinerantes dos centros do planeta que se hospedam, muitas vezes, à revelia, nas bordas/margens no perpetrar de sucessivos epistemicídios[1645] de saberes/pensamentos e, por consequência, de *loci*, divíduos, existências, vidas, sensibilidades, desejos e afetos *outros*. Tal qual venho delineando neste *trabalho-corpo-político*, direciono-me na contracorrente do pensar categorial[1646] objetificante próprio da *episteme* abissal ao reapropriar as conceituações de epistemologia, literatura, ciência[1647] etc. em um quadro de sentidos e práticas[1648] fronteiriços, pós-abissais e, eminentemente, do Sul. Segundo o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, sempre falamos (ou escre(vi)vemos) a

[1639] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1640] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1641] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.
[1642] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.
[1643] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.
[1644] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[1645] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 16.
[1646] NUNES. O regaste da epistemologia, p. 283.
[1647] NUNES. O regaste da epistemologia, p. 283.
[1648] NUNES. O regaste da epistemologia, p. 283

partir de um lócus específico localizado nas estruturas de poder[1649]. Portanto, ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas geográficas e raciais do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno[1650].

É no plasmar dessas estruturas/hierarquias assimétricas de poder que se incutiu o epistemicídio afincado nos saberes e, por extensão, nos povos habitantes de *loci* extrínsecos, geoistórico-epistemicamente, aos centros globo-ocidentais de produção dita científica. O colonialismo, ademais às dominações territoriais de "descoberta" e de "desbravamento" do "Novo Mundo", promoveu uma série de dominações epistemológicas ao criar relações desiguais entre os saberes[1651] promulgando as insígnias de obscurantismos, inexistências e rechaços às muitas formas de conhecimentos *outros* emergidos das populações colonizadas[1652] as quais foram tomadas pela condição de subalternos[1653], não-pensantes e ignorantes. Para Santos e Maria Paula Meneses, intelectual moçambicana, as interferências da filosofia e da teologia cristã foram tão alentadas que tiraram o crédito de todas e quaisquer práticas que se sobrepusessem aos seus interesses[1654]. Segundo os críticos citados

> De facto [sic], sob o pretexto da 'missão civilizadora', o projeto da colonização procurou homogeneizar o mundo, *obliterando as diferenças culturais* [e coloniais]. Com isso, desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e, muitas vezes, acabaram-se autodefinindo) como saberes locais e contextuais apenas utilizáveis em duas circunstâncias: como matéria-prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumentos do governo indireto, inculcando nos povos e práticas dominadas a ilusão credível de serem autogovernados. A perde de uma autorreferência genuína não foi apenas uma perda gnoseológica, foi também, e sobretudo, uma perda ontológica: saberes inferiores próprios de seres inferiores.[1655]

[1649] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.
[1650] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.
[1651] SANTOS; MENESES. Prefácio, p. 11.
[1652] SANTOS; MENESES. Prefácio, p. 11.
[1653] SANTOS; MENESES. Prefácio, p. 11.
[1654] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 15.
[1655] SANTOS; MENESES. Introdução, p. 17, grifos meus.

À vista do fragmento exposto, deslindo que é no contrapor à obliteração moderna-ocidental das diferenças culturais e coloniais a qual, por vias de sua hegemonia eurocentrada, desperdiçou *experivivências* socioculturais *diversais* e reduziu o arcabouço epistêmico autorizado e legitimado pela perspectiva de "conhecimento científico" que tanto as epistemologias do Sul, pós-abissais e fronteiriças quanto as minhas/nossas escrevivências (Pedro/Silviano) emergem no chancelar crítico de uma perspectiva *outra* assentada no pensar-com[1656] e *a partir de*. No delírio[1657] sul-fronteiriço corroborado pela virose colonial[1658], alinhamo-nos no pluriverso do epistemicídio maciço ocorrido nos últimos cinco séculos[1659] não apenas no tocante às nossas escrevivências, mas, sobretudo, as de todos aqueles que tiveram seus saberes/pensamentos assassinados (latino-americanos, brasileiros, indígenas, afrodescentes, mulheres etc.) pela hegemonia colonial-imperialista que ainda grassa nos espaços acadêmicos.

De acordo com Santos, a ecologia dos saberes – abordada no subtítulo anterior – recupera essas experiências recorrendo ao seu prisma pós-abissal mais pulsante e latente de tradução intercultural[1660]. Atravessada por culturas não só ocidentais, bem como não-ocidentais e não-modernas, as experiências *outras* embebem-se de linguagens, categorias, cosmologias e universos simbólicos[1661] *outros* no tanger ao prezar por todas as vidas/saberes e, em essencial, à aspiração de vidas melhores[1662], mais justas, igualitárias e co-existentes. Ademais, os exercícios de desobediências civis-epistêmicas arroladas por mim e por Silviano em seu projeto *homo-bio-ficcional-*

[1656] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1657] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1658] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.
[1659] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.
[1660] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.
[1661] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.
[1662] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.

*ensaísta* apregoam, também, a tentativa de recuperação e de reinscrição daquilo que se obscureceu, deslegitimou ou que se perdeu pelos entremeios da razão colonial moderna arraigada no sistema-mundo. Não só “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”, como, também o romance *Mil rosas roubadas*, todos de autoria do meu mineiro, descortinam esse horizonte *outro* de se escre(vi)ver-com e *a partir* de onde se sobrevive-re-existindo e das sensibilidades que fomentam as produções ensaístico-literárias.

Para a feminista Donna Haraway, citada por Grosfoguel, *os nossos conhecimentos são, sempre, situados*[1663]. Bem como nossas escrevivências terceiro-mundistas, homossexuais, latino-americanas, brasileiras, mineiras e sul-fronteiriças rechaçadas pela hegemonia da *episteme* moderna, colonial, imperialista do Ocidente. Dito isso, a possibilidade de descolonização do saber incute trazer à tona os vieses, cosmologias e ópticas[1664] dos pensadores do Sul global emergidos à luz de corpos e lugares étnicos, raciais, sexuais e geoistóricos subalternizados.[1665]. Em linhas gerais, todo saber é situado[1666], em nível epistêmico, do lado dominante ou subalterno das injunções de poder[1667] desvelando sucessivos epistemicídios daqueles que não preenchem as categorizações e os requisitos do que se concebe enquanto “científico”.

Para o crítico porto-riquenho, Descartes fundou um momento na História (em maiúsculo) do pensamento moderno ao trocar a figura de Deus pela do Homem

[1663] HARAWAY *apud* GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.
[1664] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 457.
[1665] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1666] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1667] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

ocidental[1668]. Ao fazê-lo, o filósofo europeu conclama um *conhecimento não-situado, universal, visto pelos olhos de Deus*[1669]*.* Logo, aquilo que estivesse exterior a essa concepção (América Latina e Brasil, por exemplo) não era entrevisto pela óptica sagrada, portanto, não devia ser considerado e/ou não existia para os centros globais. A esse ínterim, o filósofo colombiano Santiago Castro-Gomez conclama de "ponto zero" que, *grosso modo*, seria: "[...] o ponto de vista que se esconde e, escondendo-se, se coloca para lá de qualquer ponto de vista, ou seja, é o ponto de vista que se representa como não tendo um ponto de vista."[1670]. Esconde-se, então, por vias dos olhos de Deus no âmbito epistêmico a perspectiva local e concreta em detrimento a um suposto universalismo abstrato[1671], estritamente homogeneizador e supressor das diferenças coloniais existentes no mundo.

Grosfoguel explicita, ainda, que de um ponto de vista histórico, a formulação de Descartes concedeu ao Homem ocidental (e o crítico se utiliza propositalmente da referência ao sexo masculino) o poder de *representar o seu saber como o único possível para aquilatar uma consciência universal*[1672]*,* assim como lhe possibilitaria, também, rechaçar e desconsiderar quaisquer conhecimentos não-modernos e não-ocidentais por esses se embasarem em caracteres particularistas e, por isso, incapazes da alcançar a universalidade[1673] tão almejada pelas teorias eurocentradas hegemônicas. Por conseguinte, na diferença (colonial) do construto universal exposto,

[1668] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1669] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1670] CASTRO-GOMEZ *apud* GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1671] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1672] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.
[1673] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 460.

Silviano, no ensaio “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”, explicita que nos idos de 1961-62[1674] concorreu à vaga de professor na Universidade do Novo México (Estados Unidos) passando do encargo de doutorando em literatura francesa moderna na Sorbonne (França) para a posição de professor de literaturas brasileiras e portuguesas[1675] no lugar que o mineiro conclama de *antigo território indígena norte-americano, cujo centro ultramoderno é a cidade de Albuquerque*[1676]*.*

Nesse cenário, Silviano expõe que o vírus colonial lusitano estava imbricado em suas práticas docentes[1677] e, na sala de aula, convivia *pari passu* com a vacina brasileira injetada pelo crítico literário brasileiro Antonio Candido no *corpus* da nossa história cultural[1678]. Isso posto, o professor e intelectual mineiro deslinda no exercício professoral justamente o intento das epistemologias fronteiriças/pós-abissais ao não desconsiderar a tradição hegemônica ocidental, mas, pelo contrário, colocá-la vis-à-vis ao pensamento/literatura terceiro-mundista brasileiro. Para isso, meu divíduo se vale da comparação do “Canto 9” de *Os lusíadas* de Camões com o *Claro enigma* de Carlos Drummond de Andrade[1679] ao tracejar o modernismo pela égide do “tópos” da “máquina do mundo”[1680], tanto no português quanto no brasileiro, sem assimetrias de poder e/ou hierarquias subalternizantes.

Silviano, sem recorrer em epistemicídios e no pluriverso do vírus colonial-imperial, não se deixa contaminar pelos legados ocidentais modernos que promoveriam a sobreposição da literatura da metrópole sobre a da margem. Ambas são tomadas pela possibilidade de co-presença radical e simultânea consciente das diferenças coloniais que as fundamentam, mas, sem se utilizar dessas para valorá-

[1674] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1675] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1676] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1677] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1678] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1679] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1680] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

las. Para ele, gradualmente, houve o abandono do conceito de literatura[1681] (na chancela das *belle lettres* advindas das postulações modernas ocidentais) e o desejo de legitimação da vasta elucubração de cultura que, segundo ele, seria substantivo para o fomentar dos estudos culturais[1682]. Nesse intento, ao afastar-se da percepção maniqueísta e excludente de literatura, posicionamento (auto)intitulado por ele de *indisciplinado e corrosivo*[1683], Silviano se volta para a percepção dos discursos culturais identitários brasileiros os quais as *belles lettres seriam apenas a parte sublime e nobre*[1684].

Ou seja, da minha percepção crítica, um construto estetizante moderno e universalizante empobrecedor no tanger das literaturas terceiro-mundistas subalternas e que, por extensão, não seria suficiente para pensá-las no tocante ao *a partir de*, mas, apenas, pela insígnia do *sobre* objetificante e obscurecedor das sensibilidades e *loci* geoistóricos que as fundamentam. Silviano descortina o horizonte crítico *outro* (da minha perspectiva, pós-abissal e fronteiriço) de que se havia história e/ou literatura, essas têm de ser narradas *a contrapelo da fé do império, ou seja, do ponto de vista dos vencidos*[1685]. Do plasmar epistêmico o qual me assento, compreendo que essa proposição se roça justamente com a teorização do Sul a qual venho bordejando neste *trabalho-corpo-político*: a reinscrição das grafias, sensibilidades, *loci,* desejos, afetos e saberes-culturas-literaturas das exterioridades silenciados pelo universalismo abstrato itinerante/viajante e hospedado nas bordas do planeta. De acordo com o meu duo-simbiótico:

> As narrativas de nítida origem europeia tinham de ser contrabalançadas pelos textos dos falantes nativos, que desconheciam a escrita fonética. A produção cultural das nações independentes é magnetizada pela oralidade, assim como será a fala dos subalternos latino-americanos – por exemplo, Rigoberta

[1681] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1682] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1683] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1684] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1685] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

> Menchú, indígena guatemalteca. *Por essa fórmula simplificada, fui levado a questionar o conceito de identidade e a conjurar, enfatizando-a, a noção de diferença*, de que Jacques Derrida será o grande teórico a partir de 1967*. O mesmo europeu modelava e instruía o outro brasileiro, na maioria das vezes de maneira cruel e sanguinária, como atestavam os bons estudos sobre aculturação.* [...] Como me valer do bom aprendizado teórico e ler textos – sem prejulgá-lo – que escapam totalmente aos princípios estéticos determinados pelos formalistas russos da qualidade literária? Antes de ser uma disciplina de estudos, a literatura me fornecia tanto uma metodologia de leitura quanto alicerçava os primeiros passos no que viria a ser definido como teoria pós-colonial e estudos culturais.[1686]

Na esteira da citação aposta, concebo que os exercícios descritos por Silviano, ressalvados os distanciamentos, tais como o conceito de "diferença" derridiano, possibilitam um diálogo fecundo com as epistemologias pós-abissais e sul-fronteiriças as quais venho assentando-me. Tanto o mineiro quanto eu não rechaçamos e/ou desprezamos os saberes, pensamentos, literaturas etc. advindos do Ocidente, mas também, não os elejamos pela insígnia universal *de serem os únicos possíveis* e, sim, enquanto possibilidades tais como os advindos dos nossos arrabaldes do Terceiro Mundo. No fragmento supracitado, meu divíduo deslinda o cenário do epistemicídio dos não-modernos ao explicitar que *o europeu modelou e instruiu o outro brasileiro, na maioria das vezes, de modo cruel e sanguinário, como reverberam os estudos sobre aculturação*[1687]*.* Desse prisma, o professor, crítico e escritor dos trópicos incute a possibilidade da literatura enquanto fomento de leitura que viria a desbocar nas práticas vindouras pós-coloniais/culturais ou, até mesmo, nas pós-abissais e sul-fronteiriças.

No decorrer das atividades docentes, Silviano se armou de diversas metáforas coloniais munindo-se de fichas de jogador[1688] pós-colonial (para usar o termo utilizado por ele) na realização de apostas epistêmicas *outras*. Sob a égide das metáforas *catadas*[1689] dos textos dos idos coloniais no Brasil, e *a partir* delas, o então professor

[1686] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p, grifos meus.
[1687] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1688] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1689] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

e intelectual destrinchava as manobras do colonizador enrustidas nas superfícies e tomadas por mistérios na primeiras narrativas historiográficas brasileiras[1690]. Em aparência, as metáforas pareciam inocentes[1691], entretanto, continham arcabouços semânticas pouco explorados/pulsantes/latentes[1692] e, segundo Silviano, por isso, *requeriam a descodificação por parte do leitor pós-colonial brasileiro*[1693]. No entrever dessa postura epistêmica *outra* frente aos introitos coloniais em terras tupiniquins, descortinava-se a historicidade *na mais profunda dilatação da fé e do império trazidos e hospedados na então colônia pelos marinheiros lusitanos*[1694]*.*

Para além de tomar os textos do período colonial brasileiro enquanto produções fundadoras, como muitas vezes se promove nas aulas de história e/ou literatura nos espaços territorialistas escolares/acadêmicos, Silviano se volta para eles por vias da compreensão crítica *outra*, descolonizada, de um lugar já povoado muito antes da suposta "descoberta" dos portugueses. Pela contracorrente hegemônica teórica, o mineiro se afasta da proposição do Novo Mundo para se aquilatar nas injunções coloniais arraigadas à óptica dos estrangeiros que, à revelia, se empossaram das terras brasileiras e, por extensão, dos seus habitantes. Para o meu aliado, o estudos das metáforas citadas delineava a configuração de um padrão linguístico ambíguo[1695] que estavam intrínsecos às bases dos textos originários escritos, primeiro, por portugueses e, *a posteriori*, por brasileiros e que viria a se tornar canônico com o passar do tempo[1696]. Nesse ínterim, faço menção ao texto já discutido "O entre-lugar latino-americano", anterior (1978) ao ensaio aqui trabalhado (2014), em que Silviano

[1690] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1691] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1692] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1693] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1694] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1695] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1696] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

já se debruçava sobre as idiossincrasias linguístico-culturais-coloniais no plasmar das relações entre indígenas (povos originários) e os estrangeiros (invasores e genocidas).

Voltando-me ao jogo realizado pelas fichas de jogador[1697] pós-colonial, meu divíduo fronteiriço explicita que sua primeira cobaia foi a "Carta de Pero Vaz de Caminha" (1500), a qual, diga-se de passagem, aprendi nos anos escolares em aulas de história pelo caráter de "certidão de nascimento do Brasil". Diante desse dado autobiográfico, reitero o que apontei no início deste subtítulo: é necessário *aprender a desaprender*[1698] *para, enfim, aprender-com*[1699] *e, além disso, deve-se questionar muito mais do que aprendeu e, sobretudo, muito do que foi ensinado sobre como aprender*[1700]*.* Assim, no que convém à carta, Silviano explicita que no momento em que o rei de Portugal[1701] a possui em mãos, na posição de legítimo destinatário[1702], é empossado[1703] não só daquela terra exterior à Europa e ao Ocidente, mas, sobremaneira, dos seus habitantes descritos no documento assinado por Caminha. A partir disso, corrobora-se uma sucessão de genocídios e epistemicídios dos indígenas, povos originários, que se estende até a atualidade no governo de Jair Bolsonaro (também genocida, ressalvadas às diferenças, tal como os portugueses que aqui aportaram no século XV). Segundo Silviano:

> *A carta cria para a história o acontecimento da descoberta do Brasil por país europeu*. Os cinco séculos de uma sociedade, sua organização social, política e econômica estão lá. Paralelamente à metáfora 'semente', levantei outra, que servia para caracterizar o indígena desconhecido dos portugueses. Ainda na língua latina, os jesuítas dirão que ele era 'tanquam tabula rasa' (como tábua rasa). *O simulacro analítico da carta de Caminha associa a metáfora da semente à metáfora da tábua rasa para oferecer ao leitor o relato histórico na sua verdade colonial: a palavra de Deus se imprimiria com toda a facilidade*

[1697] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1698] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[1699] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1700] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1701] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1702] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1703] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

> *na página em branco da mente indígena*. Tal como recomposto hermeneuticamente pelas metáforas de alto poder colonizador, o modo de pensar, de observar e de escrever de Vaz de Caminha predetermina o encontro imprevisível entre duas etnias que se desconheciam mutuamente. *Não havia possibilidade de conflito sanguinário. Os bons valores ocidentais seriam naturalmente escritos na mente virgem e acolhedora dos indígenas.* Associada a 'semente', a palavra 'origem' é um tanto pedante, mas julgava-a importante para trabalhar a distinção entre 'origem' (valores ocidentais) e 'começo' (valores brasileiros), que tomei de empréstimo a Joaquim Nabuco.[1704]

À semelhança do que expus anteriormente na esteira de Grosfoguel sobre a relação Deus/Homem no tocante à filosofia moderna ocidental de Descartes, desde 1500, com as "grandes navegações", já se desenhava um cenário epistêmico-teopolítico de subalternização em que, *a priori*, os estrangeiros sequer imaginavam a possibilidade de um conflito sanguinário com os povos originários. Para os portugueses, como expõe Silviano, os indígenas seriam *tábuas rasas, com mentes virgens e acolhedoras*, *passíveis de introjetarem os ditos bons valores ocidentais*. No plasmar da consciência hegemônica, as injunções de "origem" se resguardavam aos valores do Ocidente, ao passo que as de "começo" serviriam aos brasileiros, não-ocidentais e, *a posteriori*, não-modernos. Desse ínterim colonialista, o Brasil só teria nascido e/ou se originado para o Ocidente a partir do momento em que foi invadido e supostamente descoberto pelos navegantes. Desliando essa premissa de outra forma: o Brasil só passa a existir para o mundo por vias da colonização europeia, antes disso, desse ponto de vista, só havia inexistência.

Assim, altamente atravessado por essas perspectivas *outras* frente aos processos de subalternização incutidos pelo colonialismo português no Brasil, Silviano abandona o campo adjetivo em que a literatura nacional estava imersa[1705] e se projeta nas veredas da literatura comparada, compreendida, por ele, também enquanto pós-colonial[1706]. Para tal, recusou a centralização monotópica universalista europeia –

[1704] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p, grifos meus.
[1705] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1706] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

conclamada de esplêndida e trágica tradição milenar[1707] – como *modus operandi e vivendi* de trabalhar com as produções literárias nos *loci* colonizadores e a sua disseminação *inferior e desafortunada nas colônias*[1708]. Desse plasmar, o mineiro aponta que foi justamente nessa época de (auto)reflexidades *outras*, pós-coloniais, que: "[...] [teve] a ideia de introduzir nos estudos sobre literatura comparada a noção de 'entre-lugar', espaço negociável das literaturas latino-americanas [...]"[1709].

Contudo, essa articulação não se assenta apenas nos trópicos, mas, também, nos lugares que passaram por processos similares do colonização, *cujo principal intuito era dar o troco pela diferença (pela originalidade), valor sempre neutralizado pela literatura comparada tradicional*[1710]. Portanto, consciente ou não, entrevejo que mesmo se valendo do conceito de diferença derridiano, em menor ou em maior grau, há uma consciência crítica das diferenças coloniais nas práticas escreviventes do meu aliado, o que se justifica até mesmo pelo seu uso da rubrica "pós-colonial" no tanger da literatura comprada a qual vem praticando há anos. Reitero a premissa ancorada no início deste *trabalho-corpo-político* a qual o mineiro é disciplinado, mas não é disciplinar[1711]. É leitor e herdeiro dos autores canônicos, ainda que não seja canônico[1712]. Em linhas gerais, transmuta-se na figura de equilibrista que se desestabiliza caso persista no tradicional e, *pari passu*, coteja a obliteração dos nós[1713] coloniais-imperialistas[1714] incutidos nas produções, práticas, saberes e pensamentos terceiro-mundistas, brasileiros e fronteiriços. No plasmar das reflexões

[1707] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1708] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1709] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1710] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1711] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[1712] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[1713] SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.
[1714] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40

evocadas pela carta do século XV discutida por Silviano, Grosfoguel, no égide dos não-modernos e temporalmente a frente de Caminha, me/nos corrobora:

> Pássamos [sic] da caracterização de 'povos sem escrita' do século XVI, para a dos 'povos sem história' dos séculos XVII e XIX, 'povos sem desenvolvimento' do século XX e, mais recentemente, 'povos sem democracia' do século XXI. [...] Porém, como nos relembrou Enrique Dussel (1994), o *ego cogito* cartesiano ('Penso, logo existo') foi precedido, 150 anos antes (desde o início da expansão colonial europeia em 1492), pelo europeu *ego conquistus* ('Conquisto, logo existo'). As condições históricas, políticas, económicas [sic] e sociais que possibilitaram a um sujeito assumir a arrogância de se assemelhar a Deus e de se arvorar em fundamento de todo o conhecimento verídico foi o Ser Imperial, ou seja, a subjetividade daqueles que estão no centro do mundo porque já o conquistaram.[1715]

Em linhas gerais, o crítico porto-riquenho descortina o horizonte de subalternidades, inferioridades e sub-humanidades aferidas a nós e aos nossos não-modernos, povos da exterioridade, *anthropos*, habitantes das bordas geoistóricas e epistemológicas do planeta e, por extensão, do sistema-mundo colonial-imperial moderno. Como postula Grosfoguel, antes mesmo do eleição do *cogito* cartesiano, já pré-existia o *ego conquistus* altamente difundo nos trópicos e, sobremaneira, nas terras tupiniquins habitadas pelos povos originários indígenas. À mentalidade, inicialmente, desbravadora e, *a posteriori*, imperialista, incutiu-se a tentativa de espelhamento na figura de Deus para justificar as demasiadas práticas genocidas, assassinas, bárbaras e dominantes da hegemonia eurocentrada e, com a ascensão do capitalismo, norte-americana.

Dito isso, evoco um questionamento elementar do autor supracitado no plano das discussões aqui tracejadas e ambientalizadas em espaços mirados pelos sucessivos epistemicídios e a destituição de quaisquer humanidades dos *outros*: "Como seria o sistema-mundo se deslocássemos o lócus de enunciação, transferindo-o do homem europeu para as mulheres indígenas da Américas, como por exemplo,

[1715] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 461, grifos do autor.

Rigoberta Menchú da Guatemala ou Domitila da Bolívia?”[1716]. Como expus anteriormente sob a pluma da ecologia dos saberes, o pensamento pós-abissal se constitui mais de questionamentos e menos de respostas já encerradas. Sendo assim, deixo a pergunta em aberto para alargar os horizontes *outros* de reflexões deslocando o lugar a partir do qual os paradigmas foram/estão pensados, institucionalizados e legitimados[1717].

Ainda no chancelar do questionamento exposto, Grosfoguel reitera que às Américas chegou o homem heterossexual, branco, patriarcal, cristão, militar e europeu[1718] com os seus construtos valorativos globais amalgamados nos já colonizados espaços e tempos[1719]. Dentre as hierarquias (im)postas, privilegiou-se os heterossexuais em detrimento aos homossexuais e às lésbicas[1720] e, nesse ínterim, o intelectual recorda que na constituição cultural dos povos originários americanos não se enxergava a sexualidade entre homens pela insígnia de “comportamento desviante-dissidente”, bem como a ideologia homofóbica não estava enraizada[1721], tal qual se vê nos dias de hoje. Assim, retomo a pergunta exposta, para questionar, ainda que sem as respostas conclusas, se, ao invés do homem europeu branco heterossexual vertido no sistema-mundo este se constituísse a partir da lógica da mulher transexual lésbica e negra? Mais uma vez, deslindo as possibilidades de pensamentos *outros*.

---

[1716] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.
[1717] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 462.
[1718] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.
[1719] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.
[1720] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.
[1721] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 463.

Desse viés, compreendo que o patriarcado europeu[1722] e, por extensão, as conceituações hegemônicas ocidentais de sexualidade, epistemologia e espiritualidade foram exportados[1723] e hospedados, à revelia, nas margens/bordas/fronteiras do planeta no arcabouço genocida e epistemicida da expansão colonial e, quer queira quer não, seus legados ainda persistem nos dias atuais, como se pode ver pela gestão totalitária de Jair Bolsonaro a qual já discuti na esteira do meu aliado Silviano. Na égide dessas exportações/hospedagens assimétricas e hierárquicas (im)postas a nós, ditos *anthropos* não-modernos sub-humanos, esses construtos ocidentais transfiguraram-se nas categorizações hegemônicas que nos racializariam, classificariam e patologizariam[1724] primeiro pelo desbravar do "Novo Mundo" pelos europeus e, tempos depois, pela crescente/ascensão do imperialismo capitalista norte-americano.

No contexto do capitalismo, Grosfoguel pontua que quando o evocamos, pensamos, em imediato, na área econômica[1725]. Todavia, o capitalismo se configura como uma das demasiadas *enredadas constelações da matriz de poder colonial do sistema-mundo patriarcal moderno europeu*[1726]. O porto-riquenho concebe que o capitalismo se enreda em múltiplas relações (assimétricas) de poder e que apenas destruir seus aspectos não seria suficiente para obliterar a totalidade do sistema[1727]. Para a promoção de transformações reais, há que se desmantelar o arcabouço

[1722] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 465.
[1723] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 465.
[1724] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 465.
[1725] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.
[1726] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.
[1727] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.

histórico-estrutural heterogêneo conclamado de matriz de poder colonial[1728]. Desse modo, a possibilidade de descolonização/emancipação não pode se resumir à apenas uma esfera da vida social e, também, às relações desiguais de poder sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas e raciais[1729], conforme delineia Grosfoguel. Isso posto, no prisma dos epistemicídios acometidos pelo colonialismo e pelo capitalismo, o intelectual, mais uma vez, assente:

> Nos últimos 510 anos do 'sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno europeu/euro-americano', passámos [sic] do 'cristianiza-te ou te dou um tiro' do século XVI, para o 'civiliza-te ou dou-te um tiro' do século XIX, para o 'desenvolve-te ou dou-te um tiro' do século XX, para o recente 'neoliberaliza-te ou dou-te um tiro' dos finais do século XX e para o 'democratiza-te ou dou-te um tiro' do início do século XXI. Não houve respeito nem reconhecimento pelas formas de democracia indígenas, fossem elas africanas, islâmicas ou outras não-europeias. A forma liberal da democracia é a única aceite e legitimada. As formas outras de democracia são rejeitadas. *Se a população não-europeia não aceita as condições da democracia liberal euro-americana, esta é imposta pela força em nome da civilização e do progresso.*[1730]

No bojo da citação acima, em especial, em relação ao trecho que versa sobre a imposição hegemônica pela força em nome da civilização e do progresso, entrevejo, atravessado pela discussão do epistemicídio incutido a nós não-modernos, a necessidade de trazer à tona a celeuma das teorias itinerantes que viajam dos centros mundiais do planeta e se apregoam/hospedam/enraízam nas bordas, margens e fronteiras do planeta *sub judice* à semelhança da justificativa vertida no fragmento supracitado. Assim sendo, Walter Mignolo, em *Histórias locais/projetos globais*, concerne que há a necessidade de distinguir as *teorias pós-coloniais*[1731] das *teorizações pós-coloniais*[1732] – ou, como intente à minha argumentação, fronteiriças e pós-abissais no respaldo de Boaventura de Sousa Santos.

---

[1728] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.
[1729] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 466.
[1730] GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482-483, grifos meus.
[1731] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 145.
[1732] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.

No que convém às primeiras, o crítico argentino as conclama de mercantilizações acadêmicas (tais quais as teorias pós-modernas)[1733], ao passo que as teorizações pós-coloniais são aquelas críticas incutidas na razão subalterna e na gnose liminar[1734] amalgamando processos de pensamentos e saberes dos que vivem-sobrevivem sob o manto hegemônico da dominação colonial-imperial[1735] e, por isso, necessitam tecer empreendimentos a fim de negociar suas próprias vidas e condições subalternas[1736]. Dito isso, a teorização pós-colonial, arraigada à razão subalterna, pressupõe a possibilidade de co-existência ao colonialismo[1737] nas veredas de esforços angariadores de autonomia e libertação de todas as esferas da vida, economia, religião, língua, educação, memórias, espaços, desejos, afetos, saberes e sensibilidades não se restringindo aos espaços territorialistas academicistas[1738].

Segundo Mignolo, é justamente a consciência[1739] no tocante ao (neo)colonialismo e percebo que, também, no plasmar de Santos e Silviano, a (auto)reflexidade[1740], que possibilitaram os horizontes de condições para a emergência da teorização pós-colonial (fronteiriça/pós-abissal) subalterna[1741]. Esta, por sua vez, promove o descentramento das práticas teóricas[1742] no seio das políticas dos *loci* geoistóricos enquanto a "teoria" (utiliza entre aspas pelo argentino)[1743] se torna necessária para diferenciarmos um saber oriundo dos legados hegemônicos das ciências sociais, linguística, semiótica[1744] etc. daqueles advindos de práticas corpo-

[1733] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1734] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1735] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1736] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1737] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1738] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 146.
[1739] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.
[1740] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1741] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 154.
[1742] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 155.
[1743] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 155.
[1744] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 155.

*corpus*-(auto)conscientes-reflexivas (Mignolo + Santos, ressalvadas as diferenças) e críticas na academia[1745], como venho tracejando no deslindar do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do meu mineiro.

À revelia do que o epistemicídio ocidental moderno colonial e imperialista vem destrinchando séculos a fio, *a teoria está onde se pode encontrá-la, não existe local epistemológico e/ou geográfico que detenha os direitos de propriedade sobre as práticas e os saberes teóricos*[1746]*.* Em linhas gerais, ela emerge de *todos* os *loci*, divíduos, sensibilidades, gêneros, sexualidades, etnicidades, raças, desejos, afetos, emoções, faltas, ausências, culturas e, nem sempre, pelo que seja aproximável ou assemelhado, mas, sobretudo, pelo que mais a *diversaliza* pelo imbricar das diferenças coloniais que a atravessa de forma latente e pulsante. À baila de Mignolo, compreendo que o preconceito e o rechaço a essa premissa é o fundamento básico da crença generalizada de que as pessoas intrínsecas ao coração do império[1747] são as únicas dotadas de competências para pensar/produzir teoricamente[1748].

Esse intento aquilata e fomenta a percepção eurocentrada e epistemicida de que refletir de maneira epistêmica *é a prática universal da razão moderna*[1749] e, por óbvia consequência, ainda que necessária de ser reiterada, apenas dos ditos “reais modernos”. Pelo pluriverso, as epistemologias fronteiriças, pós-abissais e descoloniais angariam o desatar desse nós[1750] contaminados pelos legados coloniais e imperialistas, por excelência. Ainda nessa esfera, a monotopia aquilatada no ideal epistemológico do Ocidente se vale da distribuição ideológica do saber nas ciências

[1745] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 155.
[1746] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 158.
[1747] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1748] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1749] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1750] SANTIAGO. Nó, nós, p. 165.

humanas/sociais[1751] *pari passu* às divisões geopolíticos do mundo em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos[1752], tal qual pontua Mignolo. A razão subalterna, entremeada à teorização pós-colonial[1753] (nos termos do argentino), deslinda a mudança do terreno epistêmico no que convém à fundação da razão e lógica modernas enquanto exercícios cognitivos, políticos e teóricos[1754]. Nesse cenário das teorias mercantilizadas viajantes e *aportadas* (o uso dessa palavra é proposital e paralela às "grandes navegações") nas bordas, fronteiras, margens e, em especial, nos meus/nossos trópicos, o autor de *Histórias locais/projetos globais* corrobora:

> Ouvi dizer que as teorias viajam, e quando chegam aos lugares, são transformadas, transculturadas. Mas o que acontece quando as teorias viajam através da diferença colonial? Como são transculturadas? *Também ouvi dizer que, quando as teorias chegam a lugares onde os legados coloniais ainda estão nas memórias dos estudiosos e intelectuais, as teorias itinerantes podem ser percebidas como novas formas de colonização*, e não como novos instrumentos, para iluminar a inteligência de seus anfitriões ou revelar uma realidade que não poderia ter sido percebida sem o deslocamento da teoria, ou sem convidar uma teoria a permanecer, logo quando estava prestes a partir.[1755]

Compreendo, portanto, as dimensões das teorias itinerantes hospedadas, à revelia, nas periferias, pelo enredamentos das novas formas de colonialismos que grassam no planeta direcionadas, unilateralmente, das regiões centro-ocidentais, modernas e altamente monotópicas às regiões compreendidas, geopolítico-epistemicamente, pela insígnia de terceiro-mundistas, não-modernos, ignorantes e, à semelhança do que delineei a partir de Silviano, de tábuas rasas[1756] prontificadas a aceitar, incorporar e replicar os saberes *quase sagrados/santificados* detentores do suposto progresso, desenvolvimento e cientificismo advindos do Ocidente moderno. Para o argentino, as teorias, certamente, viajam em todas as direções[1757], todavia, a

[1751] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1752] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1753] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1754] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.
[1755] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240, grifos meus.
[1756] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p, grifos meus.
[1757]

questão a se colocar em cena é justamente o fato de que algumas não estavam/estão viajando permanecendo em casa e enraizadas[1758] não apenas em um lócus geoistórico particular e, sim, em línguas[1759], sensibilidades e cosmologias *outras*.

Dessa perspectiva, o "pensamento" liminar[1760], e não a teoria, é a configuração que se coloca em cena, haja vista que refletir a partir de uma visada liminar é o procedimento latente das epistemologias sul-fronteiriças e pós-abissais. É, sobremaneira, com base na (auto)consciência-reflexidade da/nas diferenças coloniais que as teorizações *outras* emergem[1761], nada menos que isso. Quando as teorias não viajam e permanecem enraizadas em suas próprias casas[1762], segundo Mignolo, fomenta-se o processo assimétrico o qual as diferenças coloniais se tornam invisíveis[1763] perante as *epistemes* dominantes, hegemônicas e universais. Essas, por sua vez, têm passaporte[1764] internacional para transitar/itinerar entre quaisquer *loci*/fronteiras desconsiderando as latências *diversais*-coloniais que fundamentam os povos e lugares da exterioridade, sub-humanizados e não-modernos.

Para o argentino, *há sempre razões que explicam o porquê de as coisas serem como são e não de outra forma*[1765]. Nessa lógica, as teorias amalgamadas pela insígnia da subalternidade não viajam, ou, também, não vão tão longe[1766] quanto as oriundas das razões modernas ocidentais. Dito isso, questiono-me: quão longe os textos escreviventes de Silviano, sejam os literários ou ensaístas, viajaram (as)simetricamente comparados aos do Norte? Há uma relação de subalternidade

[1758] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 241.
[1759] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 241.
[1760] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 241.
[1761] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 241.
[1762] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 242.
[1763] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 242.
[1764] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 242.
[1765] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 242.
[1766] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 242.

imbricada no seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* emergido a partir da geopolítica-epistemológica dos trópicos da América Latina e das terras tupiniquins? Para mim, dada a articulação bordejada até aqui, a resposta é objetiva e reside, sobremaneira, no imbricar do epistemicídio atribuído a nós, não-modernos e aos nossos indígenas, afrodescentes, mulheres dentre muitos outros.

Na contracorrente da hegemonia epistêmica da razão/lógica colonial moderna-imperial, as (supostas) teorias viajantes (se é que elas realmente viajam) sul-fronteiriças, tais como as minhas e as de Silviano, carregam as marcas das diferenças coloniais homossexuais, terceiro-mundistas, sub-desenvolvidas circunscritas em seu arcabouço constituinte[1767] no plasmar das sensibilidades, corpos, *bios*, especificidades, traços geoistóricos, ancestralidades e cosmologias *outras* que são invisibilizadas quando se roçam às advindas do Norte global. Por isso, Mignolo pontua que se as teorias viajam e sofrem transculturação (ou aculturação e hospedagem à revelia) faz-se necessário especificar, em termos históricos, *de onde parte de para onde vão, como viajam, como chegam à transculturação, além da linguagem na qual são fabricadas, acondicionadas e transculturadas*[1768]. No chancelar desses questionamentos, esbarra-se, sobremaneira, nos "desconfortos"[1769] quase inescapáveis da colonialidade do poder e da diferença colonial em tais viagens[1770] epistemológicas.

Nesse cenário de itinerâncias, não só as teorias viajam, mas, além delas, os intelectuais[1771] que as produzem. E não há como desconsiderar esse fato no contexto das produções de saberes e pensamentos. Segundo Silviano: "[...] O mundo, ele

[1767] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 253.
[1768] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 254.
[1769] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 254.
[1770] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 254.
[1771] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 256.

existe entre. [...] *Eu estava tendo a experiência do entre-lugar, indo de um lugar para o outro*. Então começo a ter essa visão da diferença [...]"[1772]. Dado o fragmento supracitado, meu mineiro ilustra de maneira plena minha argumentação, na medida em que sua condição andarilha e (trans)fronteiriças de vivência empírico-intelectual se assentou, por excelência, na injunção de viver-entre(fronteiras). Do interior de Minas Gerais em Formiga, a Belo Horizonte, a Paris, a Albuquerque nos Estados Unidos e, enfim, ao Rio de Janeiro, Silviano experienciou tanto no corpo quanto no *corpus* a premissa itinerante. Como ele mesmo pontou, isso influenciou diretamente sua sensibilidade de mundo[1773] para enxergá-lo pela égide da diferença (derridiana) e, da minha óptica, em maior ou menor grau, colonial.

No fomentar da transfiguração das teorias itinerantes que invisibilizam as diferenças coloniais, Mignolo pontua a indispensabilidade de traduzi-las[1774] levando em consideração as estruturas de poder[1775] que não necessariamente estão correlacionadas à "gramática"[1776] de uma língua *outra*, bem como a história e o lugar desses *loci* alocados na exterioridade do sistema colonial moderno. Há que se passar pelo crivo de uma *tradução intercultural*[1777], ancorada pela ecologia dos saberes, a qual leva em consideração os lugares geoistóricos e epistemológicos atravessados pelas demasiadas vidas, afetos, desejos, emoções, cosmologias, culturas e sensibilidades *outras* de mundo[1778]. Em sua maioria, distintas das institucionalizadas pelo universalismo abstrato da hegemonia epistemicida do Ocidente moderno colonial e imperialista. No roçar das teorias itinerantes com a tradição literária brasileira

[1772] SANTIAGO. Luminosidades do observador, p. 15, grifos meus.
[1773] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[1774] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 288.
[1775] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 288.
[1776] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 288.
[1777] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 61.
[1778] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

aquilatada pelo conceito de “formação” promulgado por Antonio Candido, Silviano, em “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”, assente:

> Pela escrita da ‘Formação da Literatura Brasileira’ e pela sua leitura, pesquisador, aluno e a própria literatura escrita por brasileiros desde meados do século 18 significam estar em vias de chegar à plenitude de suas respectivas e variadas vidas. Tanto as figuras humanas quanto as letras envolvidas por eles ainda eram verdes, por isso trabalhavam em uníssono a favor das respectivas formações. O aprendizado escolar do estudante se espelha no trabalho original de pesquisa do universitário que, por sua vez, se espelha no próprio objeto de estudo – *a literatura brasileira no processo de sua afirmação como necessariamente adjetiva no interior de um conjunto bem mais vasto e fascinante*. *Unidos, os três vivem o lento, sofrido e gradativo processo da sua formação*. *Vivem o lento, sofrido e gradativo processo de interiorização de um saber que lhes é exterior, embora cada um e os três saibam que, sem a apreensão histórica e crítica daquele saber estranho, daquele saber intruso, não conseguiriam elaborar o alicerce indispensável para a grandeza plena das respectivas personalidades.* Como se esculpidos na cabeça dum alfinete, esse aluno, aquele livro e seu autor podem ser hoje vistos de maneira emblemática como corresponsáveis pela produção intelectual do século 20 brasileiro, inaugurada no ano de 1900 pelas memórias de Joaquim Nabuco, ‘Minha Formação’.[1779]

Em linhas gerais, atravessado pela obra *Formação da literatura brasileira* (2006) de Candido, Silviano descortina um horizonte crítico *outro* de possibilidades desconsideradas pelo imbricamento da “formação” em terras tupiniquins que *cortou ao meio a história cultural brasileira por vias do conceito disciplinar de arte literária do Ocidente*[1780]. Tal qual a citação aposta deslinda, essa elucubração teórica se entremeou nas leituras, pesquisadores, alunos e na própria literatura escrita por brasileiros desde os idos do século XVIII. Na égide da literatura brasileira, buscava-se encontrar sua suposta afirmação frente aos conjuntos *vastos e fascinantes*[1781] já existentes e consolidados nos eurocentros do planeta.

Nesse processo, os agentes implicados no processo de construção/teorização literária vivenciaram, de maneira lenta, sofrida e gradativa, os processos de interiorização/hospedagem de saberes exteriores, estranhos e intrusos abortados no Brasil, à semelhança do que venho destrinchando enquanto teorias itinerantes no

[1779] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p, grifos meus.
[1780] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1781] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

plasmar das teorizações fronteiriça/pós-abissal a qual me assento. Entretanto, meu duo-simbiótico reverbera que a dita “boa formação” incutida na cultura/literatura brasileiras era, e se estende até o presente, uma *dádiva da família ou do Estado aos privilegiados*[1782]. Nos idos do século XX, o postular da “formação” extravasa tornando-se ainda mais elástico, a citar, em 1942, a investigação da “Formação do Brasil contemporâneo”, por Caio Prado Jr.[1783], em 1950, pela “Formação econômica do Brasil”, por Celso Furtado[1784], e, em 1960, pela dita “formação da filosofia uspiana” pelo discípulo de Candido, Paulo Eduardo Arantes[1785].

Isso posto, Silviano explicita que no plasmar do caráter de paradigma[1786] atribuído ao conceito de formação, formatava-se uma série de inevitáveis jogos semânticos[1787] ao fundar e estruturar, no século XX, “[...] os múltiplos saberes confessionais, artísticos e científicos que compartilham certas características gerais ou formas do nosso ser e estar em processo de desenvolvimento.”[1788]. Assim, entrevejo que pelo enviesamento paradigmático da “formação” aquilatada nos cenários literários, artísticos e epistemológicos brasileiros do século XX, voltou-se mais para discursos acabados *sobre* a sociedade brasileira[1789] e seus habitantes e menos aos conhecimentos das condições geoistóricas, particulares, locais, sensíveis, materiais e linguísticas da produção *de feixes exemplares de narrativas afins e complementares*[1790], como pontua o mineiro.

Trazendo a discussão para a voga da articulação epistemológica pós-abissal e sul-fronteiriça a qual me abalizo, entrevejo que, à semelhança da objetificação

[1782] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1783] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1784] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1785] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1786] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1787] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1788] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1789] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1790] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

moderna e hegemônica do Ocidente, no território tupiniquim, inferiu-se práticas, atribuições e paradigmas modernos[1791] dotadas de privilégios para produções geoistórico-epistemológico-literários, terceiro-mundistas, dotadas de diferenças coloniais e, estritamente, não-modernas[1792]. Valendo-se de Antonio Candido, no pluriverso, Silviano aponta que os processos soberanos e modernos de construção do Brasil literário no angariar da "formação" reativa redes discursivo-históricas[1793] atreladas, comparativamente, à figura do jovem interessado pela literatura nacional[1794], também, no seu período de formação somado à ideia, tomada pelo meu mineiro de Nabuco, do amadurecimento pessoal-cultural do cidadão brasileiro, seja no Brasil ou exterior a ele[1795].

Diante dessas formulações, sobremaneira, dos desdobramentos/galhos semânticos[1796] do conceito de "formação", Silviano relembra que no interior do paradigma, essa conceituação resguarda sua origem germânica no "*Bildung*"[1797] apregoando um sentido pedagógico à formação enquanto um *lento e longo processo de interiorização do saber*[1798]. Nesse ínterim, vejo se desenhar na articulação do meu aliado hospitaleiro justamente uma crítica à introjeção de predileções ocidentais, modernas, e exteriores ao Brasil no fomentar de uma literatura, saber e/ou cultura nacional que, em termos formacionais embebidos em preceitos itinerantes, haveria de passar pelos processos lentos, sofridos e gradativos[1799] na construção do seu interior espelhado no exterior. Ou seja, nos centros globais supostos detentores das "boas" literaturas e dos pensamentos "realmente" científicos.

---

[1791] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.
[1792] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.
[1793] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1794] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1795] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1796] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1797] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1798] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1799] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

Ainda assentado em Candido e na *Formação da literatura brasileira*, Silviano traz ao bojo de sua discussão o fato de que o "começo da literatura brasileira", para o crítico e sociólogo brasileiro, ter se fundado na metade do século XVIII a partir dos poemas de Cláudio Manoel da Costa[1800] e, por consequência, desconsiderou-se todas e quaisquer produções literárias advindas do período colonial e/ou barroco brasileiros, conclamando-as pela insígnia de "manifestações literárias". Segundo meu divíduo, a data atribuída por Candido não é uma *coincidência extraordinária*[1801], mas, sim, um roçar com a idade (18 anos) em que o estudante brasileiro tem o ápice de sua formação ao prestar vestibulares, ademais, à correlação com o período (século XVIII) em que o idealismo alemão se tornou a configuração latente para a emergência dos pressupostos iluministas na Europa. Para o mineiro, essas conjunções de fatores: "[...] traduzem a indispensável busca pela excelência humana para chegar à idade matura letrada, tanto no plano individual quanto no plano comunitário e coletivo."[1802].

No prisma dessas injunções, reitero o dito anteriormente: *a boa formação é uma dádiva da família ou do Estado aos privilegiados*[1803]. À vista disso, entrevê-se o caráter modernizante (à semelhança das assimetrias de poder colonialistas) e elitista os quais estão incutidos no conceito de "formação" amplamente difundido na literatura e cultura brasileiras. Para quem se deu a suposta *boa formação*? Questiono-me. Além disso, Silviano pontua que o "*Bildung*" aqui aportado pelas vias do Iluminismo europeu qualificou o desejo literário de independência e de liberdade brasileiras frente a dominação colonial portuguesa[1804] no angariar de uma autonomia tanto política quanto literária[1805]. Contudo, isso se restringiu ao trabalho dos cidadãos privilegiados

[1800] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1801] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1802] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1803] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1804] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1805] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

e letrados para que o qualitativo “nacional” deslindado à literatura, nação, história, economia[1806] pudesse “[...] se afirmar como autêntico e se manter estável e rentável no conjunto das nações modernas do Ocidente. [...] ‘a história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura’”.[1807]. Mesmo com as celeumas desse sistema modernizante-elitista, sua manutenção é perpetuada como corrobora Silviano:

> Fala[-se] sobre o espírito do Ocidente à procura de uma nova morada nesta nossa parte do mundo. Trens de ferro e bondes descarrilam. Os sistemas de pensamento e as metodologias de leitura também e, ainda, os paradigmas do saber. Às vezes, o descarrilamento vem da falta de manutenção das condições ótimas de funcionamento dos trilhos*. Não é o caso do paradigma ‘formação’* [...] *do sistema literário proposto por Candido. Grandes intelectuais brasileiros, alguns já citados, atestam a favor da sua boa manutenção.* Às vezes, a avaria que leva ao descarrilamento do sistema literário nacional é tão imprevista quanto uma tempestade. Sistema algum está isento de descarrilamento imprevisto na agenda e no calendário. Em outras palavras, sistemas influentes de pensamento não são autoimunes, embora este ou aquele paradigma, este ou aquele sistema tenha sido apetrechado em favor da própria imunidade.[1808]

Diante desse cenário, entrevejo o *modus operandi* dos legados coloniais-imperiais assegurados por sua perspectiva itinerante os quais se hospedaram e, mais profundamente, se enraizaram no Brasil há séculos. No seio do conceito de formação promulgado por Candido, e reiterado por plêiades de intelectuais brasileiros, há uma premissa modernizante e elitista não direcionada às pluralidades *diversais* da cultura/literatura brasileiras, como abalizou de maneira crítica Silviano no texto aposto. Ressalvadas as diferenças, há um espelhamento às práticas eurocentradas na elucubração crítica brasileira não voltada para as diferenças coloniais, tampouco, para as pluralidades que constituem o Brasil não apenas pela chegada dos colonizadores, mas, também, por tudo que aqui havia antes tornado inexistente. Assim sendo, questiono, mais uma vez, onde se encontram os povos originários, isto é, os indígenas no “*Bildung*” iluminista aqui aportado? Ou melhor, *a boa formação* está a serviço de

[1806] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1807] CANDIDO *apud* SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1808] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

*todos os brasileiros* (inclusive, os *reais* e originários) ou a uma parcela pseudo-modernizada aos moldes ocidentais?

Desse modo, ainda que a sistemática da "formação" não seja autoimune como aferiu Silviano no fragmento supracitado, ela encontra sua fomentação justamente nas chancelas territorialistas e modernizantes naqueles, pseudo-modernizados, que a replicam e não a obliteram obscurecendo as diferenças coloniais que, quer queira quer não, fomentam as bases da cultura e da literatura brasileiras. Nas veredas do sistema literário proposto por Candido, meu mineiro assente que ao ser realizado o corte/cisão na história cultural brasileira pelo ancorar conceitual e disciplinar de arte literária advindo do Ocidente[1809], o historiador "[...] injeta no corpus da produção cultural no Brasil, de 1500 ao presente, a vacina que nomeou de 'manifestações literárias'."[1810] E complementa: "Com isso, imuniza o sistema competentemente estetizado, preservando-o do descarrilamento pela África colonial".[1811].

Como consequência dessa cisão realizada pela "formação" desenvolvida por Candido, o estudioso das letras perde os potenciais semânticos de quase dois séculos e meio de vida[1812] e, por extensão, de produção literária, passíveis de serem teorizadas pelas contracorrente da dominação colonial aqui imposta, como venho delineando pela chancela do pensamento fronteiriço, pós-abissal e descolonial. Silviano reverbera, ainda, que mesmo na possibilidade de esgotamentos dos ditos "discursos de formação"[1813] que subsidiaram o paradigma modernizante no Brasil, a exaustão, mesmo assim, não o aliena[1814]. E, sim, demonstra que ele perde seu caráter

[1809] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1810] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1811] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1812] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1813] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1814] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

prioritário[1815], sobremaneira, pela emergência de articulações literário-culturais *outras*, pluri-versais, das diferenças coloniais, dos entre-lugares e do pós-colonialismos (para me valer da própria rubrica utilizada por Silviano).

Meu divíduo e aliado hospitaleiro, tal como eu no endossar das minhas teorizações, se projeta para a possibilidade quase utópica de futuros globais, epistêmicos e literários permeados por novas condições materiais[1816] e críticas exigindo *feixes mais amplos e críticos de discursos afins e complementadores que constituirão o novo paradigma: o da 'inserção" do Brasil no conjunto das nações*[1817]*.* Ou seja, a possibilidade de co-existência igualitária, humana e justa somada ao prezar por *todas* as vidas/produções da/na América Latina e do/no Brasil frente ao cenário geopolítico-epistemológico mundial. Essa premissa angariada não só por Silviano, mas, também, pelas minhas tessituras teóricas neste *trabalho-corpo-político* se desvela no pluriverso do "*Bildung"* iluminista, ocidental, moderno e altamente elitista aqui aportado e difundido.

*Grosso modo*, em "A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo", o crítico e escritor mineiro traça o *modus operandi e vivendi* da (auto)modelação do sujeito brasileiro como cidadão acomodado nos trópicos e atravessado pelo emancipar de uma sociedade *supostamente* jovem e moderna (como bordejei anteriormente, tudo que havia antes de 1500 era inexistência da óptica modernizante hegemônica). Nesse ínterim, "Automodelado, o sujeito discursivo – confessional, artístico ou científico – pode e deve dar-se ao luxo da crítica da autocrítica em novo paradigma."[1818]. Dito isso, quero entender que a saída crítica/epistemológica de nos voltar não só para *as*

[1815] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1816] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1817] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1818] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.

*reais* culturas e literaturas brasileiras não-modernas, bem como para as diferenças coloniais que nelas grassam, só pode ser a de matriz sul-fronteiriça-descolonial e pós-abissal aquilatada na obliteração do universalismo abstrato incutido nas teorias itinerantes aqui hospedadas e enraizadas somada ao pleitear de possibilidades co-existências simétricas entre os saberes, artes, literaturas e, sobremaneira, vidas terceiro-mundistas que existem-re-existindo.

No aproximar dos processos e das configurações crítico-literário-culturais brasileiros articulados por Silviano no texto aposto às reflexões pós-abissais do pesquisador português João Arriscado Nunes, em "O resgate da epistemologia" (2010), entrevejo que a *episteme*, por vias da égide de um projeto filosófico tal qual tracejei à luz de Grosfoguel, está amarrada à emergência e à consolidação da ciência moderna hegemônica do Ocidente[1819]. Esse construto, por sua vez, a levou à institucionalização da "soberania epistêmica"[1820] da teoria do conhecimento convertendo-a no que concebemos, hoje, pelo seio da validação dita "científica"[1821], isto é, possibilitada apenas aos habitantes dos *loci* geopolíticos-epistêmicos do Norte e, por extensão, aos pensadores e produtores modernos o que corrobora, por excelência, os epistemicídios a nós não-modernos deslegitimados e desconsiderados pela razão/lógica imperial-colonialista.

Na contracorrente desse corolário altamente hegemônico e monotópico-universalista, *o pensamento alternativos de alternativas pós-abissais*[1822] de Santos se projeta na possibilidade de resgate/reinscrição dos conhecimentos *outros* pleiteando afirmações positivas das diversidades[1823] teórico-conceituais existentes e grassantes

[1819] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 264.
[1820] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 264.
[1821] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 264.
[1822] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 263.
[1823] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 263.

no mundo atravessadas pelas diferenças coloniais introjetadas nas ecologias dos saberes. Desse prisma, recusa-se, como condição *sine qua non*, a possibilidade de quaisquer projetos que fomentem soberanias epistêmicas[1824], literárias e/ou culturais ao angariar a abrangência explícita de *todas/todos* vidas, *loci* e saberes desassociando-os, necessariamente, da insígnia "científica" moderna e das hierarquizações[1825] assimétricas de poder. Tratando-se dos termos das epistemologias do Sul, essas não se afastam, jamais, do roçar com as *experivivências* dos divíduos atravessados por seus espaços de emergências críticas e geoistóricas.

Na contracorrente das teorias itinerantes que viajam e são "importadas"[1826] nas margens, bordas e fronteiras do planeta, as teorizações pós-abissais amalgamam-se em um *modus operandi e vivendi* pragmático *outro* comprometido[1827] com o conhecimento/negociação das vidas/saberes dos terceiro-mundistas oprimidos pela *cientificismo territorialista* e, por consequência, pelo epistemicídio promovido pelo Ocidente. Nesse plasmar, segundo Nunes, as introjeções de Santos são compreendidas enquanto *reconstruções radicais de um pragmatismo emancipado dos resquícios da episteme moderna convencional, tomada pela soberania epistêmica, ao colocar em simetria co-existente os saberes existentes ancorando suas reflexões no imbricar das condições geoistórico-locais situadas*[1828]*.* Não só os críticos portugueses descortinam esse horizonte, como, também, Silviano em "A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo" ao colocar em condições horizontalizadas, vis-à-vis, os saberes/literaturas do Norte aos do Sul, como tracejei a partir de Camões e de Drummond. Para Nunes:

[1824] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 263.
[1825] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 263.
[1826] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 273.
[1827] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 273.
[1828] SANTOS *apud* NUNES. O resgate da epistemologia, p. 273.

> Na perspectiva de Santos, o critério de avaliação de um dado conhecimento depende do modo como ele afeta a condição dos oprimidos. Uma epistemologia pragmática é, pois, indissociável do reconhecimento do caráter constitutivo da normatividade na produção de conhecimento e na sua avaliação. É importante lembrar que alguns autores que, como Santos, podemos situar na 'constelação da liberdade', como é o caso de Paulo Freire e de Enrique Dussel, intelectuais que assumem posições muito próximas, mesmo quando não desenvolvem explicitamente as suas implicações epistemológicas. *A epistemologia do Sul, ao mesmo tempo que explora o legado do pragmatismo, com o qual partilha a ideia da indissociabilidade da produção de conhecimento e da intervenção transformadora no mundo, apresenta, contudo, a diferença em relação a ele de se situar explícita e inequivocadamente do lado dos subalternos e dos oprimidos*, conferindo às noções de comunidade ou de público um conteúdo mais preciso do que o fizeram pragmatistas como Dewey e acentuando os aspectos conflituais ou agonísticos do envolvimento ativo com o mundo, que decorreram de uma diversidade de formas de desigualdade e de opressão e de resistência a elas.[1829]

Dado o fragmento aposto, reverbero o caráter latente-pulsante das epistemologias do Sul, pós-abissais, fronteiriças na promoção de uma *constelação da liberdade* no tocante aos povos/saberes não-modernos rechaçados e desconsiderados pelos epistemicídios replicados pela matriz "soberana" de poder dos saberes viajantes, oriundos do Norte global geoistórico-epistêmico, e reiterados pelos legados coloniais-imperialistas. Desse viés terceiro-mundista, a ciência e a epistemologia não são apagadas e/ou desconsideradas[1830] (se é que isso seria possível), pelo contrário, co-existem em *real* condição simultânea a todos os outros conhecimentos no chancelar da ecologia dos saberes[1831] responsável por trazer simetria e legitimação ao que o epistemicídio do Ocidente se encarregou de tornar inexistente por vias de sua (auto)manutenção e universalidade abstrata.

É justamente nessa interlocução epistêmica *outra* que as epistemologias pós-abissais apregoam a dimensão de um *pensamento alternativo de alternativas*[1832] – exercitado, de maneira consciente ou não, por Silviano em seus ensaios atravessados

[1829] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 274, grifos meus.
[1830] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 278.
[1831] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 278.
[1832] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 278.

por uma *constelação crítico-cultural-literária de liberdade dos oprimidos*[1833] homossexuais, latino-americanos, brasileiros, terceiro-mundistas etc., tal qual venho articulando. De acordo com Nunes, à luz de Santos, no pluriverso da epistemologia enquanto projeto hegemônico aquilatado na injunção da soberania teórica associada à ciência moderna, o elucubrar pós-abissal se caracteriza pela visada paradoxal *de ser uma epistemologia geral que impossibilita a emergência de epistemes universais além de reexaminar a dominação teórica pela óptica não dos centros globais, mas, sim, das experiências históricas e projetadas a partir do Sul*[1834]*.*

No tocante às opressões incutidas aos povos/saberes marginais, periféricos e fronteiriços, como os descortinados no projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do meu mineiro, Santos infere esses processos e práticas de exclusão no que conclama de *linha abissal epistemológica*[1835] (e literária, do ponto de vista aquilatado neste *trabalho-corpo-político*). Esse limítrofe hegemônico é responsável por não reconhecer *todos* os saberes e *todas* formas de exercícios crítico-literários introjetados nos lados da "não-ciência"[1836] ou da "não-literatura", valorações responsáveis pelos *vetores de ignorância/erro*[1837] atribuídos aos extrínsecos ao manto moderno. Além disso, e em um nível mais aprofundado de rechaço, decorrem-se *práxis* de eliminação[1838] desliando variadas formas de epistemicídios, desde os idos das evangelizações e escolarizações ao genocídio[1839] dos povos originários estendendo-se à devastação ambiental[1840] *sub judice* da premissa de desenvolvimento e modernização.

[1833] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 274.
[1834] SANTOS *apud* NUNES. O resgate da epistemologia, p. 281.
[1835] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.
[1836] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.
[1837] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.
[1838] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.
[1839] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.
[1840] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 282.

O resultado dessas configurações de exclusão se dá pelas veredas das destruições físicas, materiais, culturais, humanas[1841] e/ou até mesmo das incorporações, assimilações e cooptações[1842] dos não-modernos pelos imbricados no poder assimétrico universalista. Assim, as epistemologias do Sul se respaldam pela égide de um refundar radical das correlações entre epistemologia, ontologia e uma ética-política[1843] centralizado não mais na ciência[1844] *cientificizada*, mas, sim, nas práticas, *experivivências* e conhecimentos *outros*, dos oprimidos e subalternizados no possibilitar de um universal que tenha seu *leitmotiv* nas *diversalidades* pluri-tópicas e pluri-versais de existências. Logo, a legitimação desse pensamento *outro* passa pelo crivo da sua condição pragmática[1845] arraigada nos exercícios *reais* que situam as produções dos conhecimentos. Para Nunes, essa premissa requer a necessidade de revermos o uso da rubrica "epistemologia" que: "[...] passaria a designar, não um programa filosófico alternativo, mas o que Santos designa por programa alternativo de alternativas, opondo a todas as formas de soberania epistêmica."[1846].

Ainda no plano das soberanias dos modernos sobre nós, não-modernos, Mignolo, em *Histórias locais/projetos globais*, na esteira do historiador indiano Dipesh Chakrabarty, explicita que no tanger aos discursos acadêmicos da História (em maiúsculo), aquilatados nas sedes institucionais das academias[1847], a Europa continua liderando a posição de *sujeito teórico soberano de todas as histórias*[1848]*.* Assim, aos historiadores terceiro-mundistas, incute-se a necessidade da referência-

[1841] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 283.
[1842] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 283.
[1843] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 284.
[1844] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 284.
[1845] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 284.
[1846] SANTOS *apud* NUNES. O resgate da epistemologia, p. 284.
[1847] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 279.
[1848] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 279.

reverência[1849] aos europeus, ao passo que, assimetricamente, esses não veem utilidade de retribuição-referenciação[1850] àqueles no tanger das suas elucubrações teóricas. Dessa forma, os arraigados em *loci* eurocentrados produzem em *relativa ignorância às histórias não-ocidentais/não-modernas o que não parece afetar a qualidade ou legitimidade dos seus trabalhos*[1851]. Para os críticos apostos, essa é uma *práxis* que nós não conseguimos devolver na mesma moeda[1852], visto que *não podemos nos dar ao luxo*[1853] de uma igualdade/simetria de ignorância ao mesmo nível[1854] sem recorrer em valorações de "fora de moda" ou "superados"[1855]. Nesse cenário, pluriversalmente, Chakrabarty promove a saída crítica de provincializar a Europa:

> *'Provincializar a Europa' não é um projeto de pura rejeição à 'modernidade, valores liberais, universais, razões, grandes relatos, explicações totalizantes, e assim por diante.'.* Não significa também um projeto de apoio ao relativismo cultural, no sentido de que todas as noções mencionadas são específicas de cada cultural e pertencem apenas à Europa, o que levará ao apoio de um projeto militante, nacionalista ou atávico, que tão pouco é solução. O significado de 'provincializar a Europa' consiste, basicamente, no 'reconhecimento de que a apropriação pela Europa do adjetivo moderna para si própria é uma parte da história global da qual a história do imperialismo europeu constitui uma parte indispensável'; e na 'compreensão de que essa igualização de uma certa versão da Europa com a 'modernidade' não é obra apenas dos europeus; os nacionalismos terceiro-mundistas, como ideologias modernizadoras *par excellence*, foram igualmente cúmplices no 'processo'.[1856]

À semelhança, ressalvadas as devidas diferenças epistêmico-conceituais, do que Silviano incute na "Nota preliminar" de *Uma literatura nos trópicos* (2019) no tangir da literatura brasileira *menos* como disciplina iluminista[1857] e *mais* como discurso cultural do entre-lugar[1858], o corolário do provincializar a Europa angaria a obliteração

[1849] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1850] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1851] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1852] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1853] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1854] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1855] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280.
[1856] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 280-281, grifos meus.
[1857] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.
[1858] SANTIAGO. Nota preliminar, p. 08.

do manto universal-monotópico atribuído às produções eurocentradas na emergência de possibilidades que pleiteam as existências e as re-inscrições das *histórias* (no plural e em letra minúscula) *diversais* e altamente atravessadas pelas particularidades das diferenças coloniais que as emolduram. Ademais, descortina um campo *outro* de significação[1859] em que as historiografias perlaboradas pelas vias da escrita e da injunção de ambos os lados da modernidade[1860] especializam o tempo ao rechaçar narrativas de *transição, progresso, desenvolvimento e pontos de chegada*[1861].

Isso se dá nas contaminações simultâneas do Terceiro Mundo na modernidade[1862] ou, ao mesmo tempo, em que esta produz aquele[1863], ou, ainda de forma equivalente, de qual maneira ambos interagem no interior das diferenças coloniais atravessadas na modernidade[1864]. Todavia, se a história, na insígnia de disciplina, não consegue efetuar tais processos ao (re)produzir narrativas além da *cronometragem da "razão" e da "temporalidade", isso é precisamente o que significa dizer provincializar a Europa*[1865]. Para Chakrabarty, a política do desespero exige dessa história monotópica que ela desnude as justificativas que resguardam sua condição inescapável à hegemonia eurocentrada[1866]. De acordo com o ensaísta francês Édouard Glissant, mencionado por Mignolo, "[...] a História, com H maiúsculo é uma totalidade que exclui outras histórias que não se acomodam dentro da do Ocidente."[1867].

[1859] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1860] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1861] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1862] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1863] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1864] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1865] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 281.
[1866] CHAKRABARTY *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.
[1867] GLISSANT *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.

Tal qual expôs Silviano no imbricar da formação de Candido, tanto a História quanto a *dita boa formação* resguardam-se à primazia da dominância modernizante e elitista não pluri-tópica, não-pluriversal e, terminantemente, não *diversal* a todos os povos, saberes, e sensibilidades, tais como os indígenas, afrodescendentes, terceiro-mundistas, homossexuais, lésbicas e fronteiriços. O princípio etnocêntrico[1868] une o mecanismo do processo Histórico do Deus cristão à alma do Ocidente[1869] tornando as existências não-modernas/não-ocidentais, pela égide dos sucessivos epistemicídios, inexistentes, ignorantes e destituídas de saberes/conhecimentos/pensamentos relevantes. Do *modus operandi e vivendi* os quais venho bordejando neste *trabalho-corpo-político*, a modernidade não é, por condição *sine qua non*, apenas a europeia-ocidental[1870] e a Europa não é a única sede de conhecimento[1871], dado que este emerge e é produzido *em todos os lugares*[1872] e por *todos os divíduos* que se predispõem a fazê-lo. Ainda que, para muitos, essa premissa ainda seja validada e replicada[1873].

Para Quijano, de modo crítico-irônico, *só a Europa é racional e pode ter sujeitos. As outras culturas não são racionais*[1874]. E é justamente nessa premissa que estão ancoradas as garras dos epistemicídios replicados séculos a fio nas margens, bordas e fronteiras, em especial, nos meus trópicos e *loci* tupiniquins do Sul. Em linhas gerais, atravessado não só por Chakrabarty, Mignolo, Glissant e Dussel, mas, sobremaneira, pelas injunções *outras* de Silviano, entrevejo que a possibilidade de provincializar a Europa é assegurá-la como *uma entre as muitas outras histórias locais do mundo, sem, ao mesmo tempo, esquecer do seu papel hegemônico nos sistemas*

[1868] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.
[1869] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 282.
[1870] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 284.
[1871] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 284.
[1872] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 284.
[1873] DUSSEL *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 284.
[1874] QUIJANO *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 292.

*mundiais e coloniais modernos*[1875]. Afinal, como seria isso possível dadas suas condições de enraizamento e institucionalizações promovidas e replicadas pelos legados coloniais-imperiais? Assim como as formulação explicitadas pela ecologia dos saberes, o que se coloca em cena no provincializar a Europa é justamente a precaução de não se sobrepor um desses ideais *outros* enquanto postulações mestras[1876] arraigados por significantes vazios que possam acomodar todo o resto[1877]. Segundo Mignolo, fazê-lo seria dar continuidade aos termos hegemônicos da conversação "[...] um conceito de totalidade [...] que conterá o resto, mas que deterá o controle e garantirá uma posição de poder para aqueles que com ela se alinharem."[1878].

Ainda nos plasmares das conjunções interrelacionadas pelas soberanias epistêmicas e históricas promulgadas pelo Ocidente colonial-imperialista, Mignolo pontua que a modernidade não é um desdobramento ontológico da história[1879] e, sim, a narrativa hegemônica da civilização eurocentrada[1880]. Por isso, não há nenhuma necessidade de que nós, não-modernos, desejemos incorporar-nos aos ideias desenvolvimentistas de modernizar-nos[1881]. Pelo reverso, é emergente que nos desprendamos[1882] do que o argentino conclama de *devaneio segundo o qual se está fora da história se não se é moderno*[1883]. Isso inclui não replicarmos as construções falaciosas e utópicas de *modernidades alternativas/subalternas*[1884] que viriam a reclamar o direito de existência reafirmando o imperialismo[1885] ou o ideal do Ocidente

[1875] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.
[1876] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.
[1877] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.
[1878] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 289.
[1879] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1880] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1881] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1882] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1883] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1884] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1885] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.

moderno *travestido de universalidade*[1886] que, como inquiri anteriormente, não passa de um introito regional[1887].

> Argumentar o 'não-moderno' requer uma prática de desprendimento e do pensar fronteiriço, para, assim, legitimar que outros futuros mais justos e igualitários possam ser pensados e construídos para além da lógica da colonialidade constitutiva da retórica da modernidade. Tais conceitos são a materialização de um ponto de origem e das rotas de dispersão que mantêm a dependência epistêmica. *A reposta descolonial tem sido simplesmente 'não existe uma modernidade nossa'. Mas também se poderia responder com a mesma contundência, a ideia de modernidade é uma ficção na qual o eurocentrismo se funda e devemos tratá-la como tal; o que torna irrelevante a necessidade de sermos modernos.* Hoje diríamos que mais que nos modernizar, a orientação é para nos naturalizar. Um dos objetivos da opção descolonial é a de nos naturalizarmos em vez de modernizar-nos. Quando a sensibilidade e o pensamento fronteiriços surgiram, entregou em vigor a opção descolonial e ao aparecer como opção, revelou que a modernidade (a modernidade periférica, subalterna ou alternativa, ou simplesmente a modernidade) é tão só outra opção e não o desenvolvimento 'natural' do tempo.[1888]

Dito isso, a premissa basilar para a teorização fronteiriça, descolonial e pós-abissal é o corolário de que simplesmente não há uma *modernidade nossa*, ainda que concebida pelos ideias *alternativos, periféricos ou subalternos*. Além disso, alicerçados pela elucubração do desprendimento epistêmico das teorias mercantilizadas itinerantes, menos que nos modernizar, há que prezarmos pela naturalização dos conhecimentos, saberes e das existências *outras*. À revelia do que se promove nos idos territoriais das academias, a modernidade e a pós-modernidade são opções[1889] e não momentos ontológico-históricos universais[1890]. E, ao replicá-las, decorre-se a negação ou o impedimento[1891] do desenvolver *outro* do pensamento fronteiriço, da opção descolonial e da desobediência epistêmica. Nesse ínterim, reitero a premissa de que nos impuseram *problemas modernos para os quais não temos*

[1886] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25.
[1887] MIGNOLO. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento, p. 184.
[1888] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 25-26, grifos meu.
[1889] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 26.
[1890] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 26.
[1891] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 26.

*soluções modernas*[1892], haja vista os processos de colonizações (territoriais-epistemológicos) e imperialismos aos quais viemos, à revelia, sendo expostos.

No tocante à outra face da modernidade, isto é, a colonialidade[1893], Boaventura de Sousa Santos, em *Descolonizar el saber, reinventar el poder* (2010), explicita que a dificuldade de imaginar alternativas ao colonialismo se justifica pelo fato deste não ser apenas uma política de Estado[1894] (da maneira que ocorria nas ocupações territoriais). Muito para além disso, é uma *gramática social a qual estamos inseridos, e dela não podemos escapar, extremamente vasta que atravessa a sociabilidade, espaços públicos, privados, as culturas, mentalidades e subjetividades*[1895]. Em linhas gerais, é uma configuração vivenciada por dois grupos: aqueles que se beneficiam[1896] desse sistema altamente excludente e, por consequência, outros que sofrem com suas formatações e consequências[1897]. No plano das interrelações entre a colonialidade e a produção dos conhecimentos, há que tomarmos distanciamento[1898] da tradição crítica eurocêntrica tendo em vista a discrepância[1899] existente entre o que prevê as teorias mercantilizadas hegemônicas e as práticas transformadoras em curso[1900].

De acordo com Santos, nos últimos trinta anos, as lutas mais avançadas tiveram o protagonismo dos grupos sociais[1901] *outros*, dentre eles os indígenas, campesinos, mulheres, afrodescentes[1902] os quais tiveram, bem como nós

[1892] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 20.
[1893] MIGNOLO. Colonialidade, p. 01.
[1894] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 14.
[1895] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 14.
[1896] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 14.
[1897] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 14.
[1898] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1899] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1900] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1901] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1902] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.

(Pedro/Silviano) não-modernos, latino-americanos, brasileiros, fronteiriços e homossexuais, suas/nossas presenças invisibilizadas na História (em maiúsculo) narrada pelo eurocentrismo[1903] masculino, branco, falocêntrico, cristão e capitalista *supostamente* universal. No pluriverso das correntes críticas e pragmáticas emergidas do Ocidente, essas/nossas lutas não se configuram nos termos do socialismo, marxismo, modernização e/ou do desenvolvimento[1904]. Mas, sim, sob o reconhecimento co-existente da dignidade, respeito, território, bem-viver, Mãe Terra[1905] dentre outras configurações que escapam às visões de mundo[1906], e não sensibilidades[1907], modernas coloniais-imperialistas.

Os movimentos latino-americanos de reinvindicação são endossados, sobremaneira, pelas particularidades *bios*-geoistóricas que os atravessam, ou seja, conhecimentos ancestrais, populares e espirituais[1908] estritamente deslegitimados, desconsiderados e tornados inexistentes para o cientificismo epistemicida das teorias críticas eurocentradas. Na contracorrente dos construtos homogeneizadores e dissipadores das diferenças coloniais do Norte, o Sul, por sua vez, se fomenta/alimenta, sobremaneira, das concepções ontológicas *outras* sobre o ser e a vida[1909] dissociados dos presentismos e individualismos endossados pelo Ocidente[1910]. Por isso, o distanciamento à *episteme* moderna deslindado por Santos (e ressalto, afastar-se não quer dizer rechaçar e/ou excluir, e, sim, apreender enquanto *apenas mais uma opção*) descortina espaços críticos *diversais* para as

[1903] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1904] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1905] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 17.
[1906] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[1907] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.
[1908] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.
[1909] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.
[1910] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.

múltiplas *realidades surpreendentes*[1911] (por serem "novas" ou por serem tornadas inexistentes[1912]) das quais incutem emergências emancipadoras e libertárias[1913] a nós, não-modernos, terceiro-mundistas e fronteiriços.

Distanciar-se, segundo o português, implica estar, ao mesmo tempo, *dentro e fora*[1914] do sistema que se critica, uma vez que pensar/produzir extrinsecamente a ele, nos moldes do sistema-mundo (neo)colonial-capitalista de hoje, se faz impossível. Contudo, ainda que dele não se possa fugir, pelos imbricamentos dos gestos e das práticas (auto)reflexivas[1915] *outras* (fronteiriças, pós-abissais e/ou descoloniais), como promovidas pelas minhas teorizações neste *trabalho-corpo-político* e pelo posicionamento crítico equilibrista[1916] de Silviano na égide seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta*, podemos angariar a obliteração dos universalismos abstratos, monotópicos e homogeneizadores das diferenças coloniais e pleitear uma ecologia dos saberes em que as vidas, saberes, *loci*, experiências, desejos, afetos, sensibilidades co-existam simultaneamente, de maneira co-presente[1917] radical e, sobretudo, *diversal*.

Nesse ínterim, Santos promove dois construtos transgressivos que possibilitam a contraposição das epistemologias do Norte global as do Sul: *as sociologias das ausências e das emergências*[1918]. Em termos conceituais, a sociologia das ausências se respalda pelas investigações que objetivam demonstrar que aquilo entendível por "não existente" é produzido/criado enquanto tal[1919] e não uma mera categoria

[1911] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.
[1912] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.
[1913] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 18.
[1914] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 21.
[1915] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1916] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 40.
[1917] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.
[1918] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 21.
[1919] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.

ontológica[1920]. A inexistência, processo basilar na promoção dos sucessivos epistemicídios de nós não-modernos, é elucubrada sempre no plasmar de entidades desqualificadas, tornadas invisíveis, não inteligíveis e/ou descartáveis[1921], a exemplo, as cosmologias *outras* dos povos indígenas-originários brasileiros/latino-americanos, as minhas/nossas (Pedro/Silviano) escrevivências homo-biográfico-fronteiriças, as ancestralidades de matriz africana e a emergência dos feminismos plurais no tocante às lutas de mulheres, para mencionar apenas algumas ilustrações.

Segundo o intelectual português, as práticas de estabelecimento dessas ausências/inexistências são variadas[1922] e têm seu ponto de convergência justamente na racionalidade monocultural[1923] epistemicida perpetrada pelos legados coloniais-imperiais que grassam e são incutidos nos pensamentos, produções, existências e vidas postas-expostas nas bordas, margens e fronteiras do planeta. Dentre esses processos de apagamento/rechaço/exclusão, o autor menciona cinco insígnias que são responsáveis por os perpetuarem: o ignorante, o atrasado, o inferior, o local, o particular ou o improdutivo/estéril[1924]. À maneira que venho bordejando, as características supracitadas, em geral, são atribuídas/apregoadas quase como etiquetas a nós não-modernos, habitantes das exterioridades geoistórico-políticas e epistemológicas do mundo, atravessados por realidades *outras* que não as eurocentradas compreendidas enquanto, supostamente, as únicas passíveis e dotadas de condições para serem científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas[1925].

[1920] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.
[1921] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.
[1922] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.
[1923] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.
[1924] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.
[1925] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 22.

Por outro lado, a sociologia das emergências[1926] se endossa por um substituir o vazio do futuro conforme o tempo linear[1927], colonizado pelo Ocidente, que é tudo e nada[1928] simultaneamente, por uma perspectiva póstera *outra*, atravessada por demasiadas pluralidades concretas e, *pari passu*, utópicas e realistas[1929], as quais vão fomentando a construção do presente com base nos exercícios de cuidado[1930] de si mesmo e com o outro. Consiste, portanto, na investigação das possibilidades cabíveis[1931] aos horizontes de alternativas concretas[1932] àqueles expurgados pelo eurocentrismo epistemicida que invisibiliza as diferenças coloniais. Já a sociologia das ausência endossa o alargamento do presente[1933] unindo o real existente ao que dele foi retirado, subtraído, apagado e tornado inexistente pela razão/lógica colonial-imperalista dominante[1934]. Assim sendo, Santos complementa:

> *O elemento subjetivo da sociologia das ausências é a consciência cosmopolita e o inconformismo frente ao desperdício das experiências.* O elemento subjetivo da sociologia das emergências é a consciência antecipadora e o inconformismo frente a uma carência cuja satisfação está no horizonte de possibilidades. Como diz Bloch, os conceitos fundamentais não são acessíveis sem uma teoria das emoções. O não, o nada e o tudo iluminam emoções básicas como fome, carência, desespero, aniquilação ou confiança. De uma forma ou de outra, essas emoções estão presentes no inconformismo que move tanto a sociologia das ausências como a das emergências. Uma e outra buscam alimentar ações coletivas de transformação social que exigem sempre uma cobertura emocional, seja o entusiasmo ou a indignação. [...] *A sociologia das ausências e a das emergências marcam a distância com relação à tradição crítica ocidental. A partir delas, é possível delinear uma possível alternativa, a qual tenho chamado de epistemologias do Sul*.[1935]

---

[1926] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.
[1927] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.
[1928] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.
[1929] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.
[1930] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 24.
[1931] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 25.
[1932] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 25.
[1933] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 25.
[1934] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 25.
[1935] "El elemento subjetivo de la sociología de las ausencias es la conciencia cosmopolita y el inconformismo ante el desperdicio de la experiencia. El elemento subjetivo de la sociología de las emergencias, en tanto, es la conciencia anticipadora y el inconformismo ante una carencia cuya satisfacción está en el horizonte de posibilidades. Como dijo Bloch, los conceptos fundamentales no son accesibles sin una teoría de las emociones. El no, la nada y el todo iluminan emociones básicas como hambre o carencia, desesperación o aniquilación, confianza o rescate. De una forma o de otra, estas emociones están presentes en el inconformismo que mueve tanto la sociología de las ausencias como la sociología de las emergencias. Una y otra buscan alimentar acciones colectivas de transformación

No bojo do fragmento aposto e atravessado pelas articulações as quais venho delineando a partir dos epistemicídios, das teorias itinerantes e das sociologias das ausências e emergências, volto-me para o atual cenário político-cultural-epistemológico brasileiro não só no tocante ao meu inconformismo crítico fronteiriço, descolonial e pós-abissal por vias dos saberes mercantilizados modernos que aqui aportaram e se hospedaram. Diferentemente das injunções assimétricas de poder entre Norte e Sul globais, geopolíticos e epistêmicos, bordejadas até o momento, agora, me projeto na contracorrente da possibilidade epistemicida desejada pelo governo de Jair Bolsonaro desde os idos de 2019 e aprofundada no início de 2020 com a exoneração de pesquisadores e coordenadores da "Fundação Casa de Rui Barbosa", instituição localizada no Rio de Janeiro e responsável por práticas de pesquisa nas áreas de letras/humanidades, além de funcionar, até então, enquanto museu, núcleo acadêmico e um dos maiores arquivos literários brasileiros[1936].

No início de janeiro de dois mil e vinte, de maneira repentina por meio do "Diário Oficial", notificou-se a exoneração de diversos cargos da Fundação[1937], dentre eles, o de Diretor do Centro de Pesquisa (Antonio Herculano Lopes)[1938] e as chefias de setores de pesquisa, tais como a de José Almino de Alencar e Silva Neto e Joëlle Rouchou (no âmbito da história)[1939], Flora Süssekind (em filologia)[1940] e a de Charles Gomes (em direito e ciência política)[1941]. Por extensão, à presidência, delegou-se

social que exigen siempre una cobertura emocional, sea el entusiasmo o la indignación. […] La sociología de las ausencias y la sociología de las emergencias marcan la distancia con relación a la tradición crítica occidental. A partir de ellas es posible delinear una posible alternativa, a la cual he llamado epistemología del Sur." SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 25, grifos meus e tradução minha.

[1936] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.
[1937] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.
[1938] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.
[1939] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.
[1940] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.
[1941] REIS. Os resistentes da Casa de Rui Barbosa, s/p.

Leticia Dornelles[1942], roteirista da rede televisiva “Record”, afilhada do pastor-político Marcos Feliciano e altamente despreparada para o cargo, haja vista sua inexperiência para lidar com as incumbências de um centro de pesquisa/acervo do porte da “Fundação Casa de Rui Barbosa”. Em resposta aos pesquisadores e intelectuais exonerados, a atual presidente da Casa asseverou: “É muito choro por coisas desnecessárias.”[1943] Além de, caluniosamente, atacá-los afirmando que não produzem[1944], são mal avaliados e que não lhe dão retorno[1945].

Em consequência a esse cenário de desmontes desenhados desde o início do mandato de Jair Bolsonaro e descortinado de maneira profícua com os ataques à Fundação, diversos intelectuais, incluindo meu divíduo e aliado hospitaleiro Silviano, no dia 14 de janeiro de 2020, atravessados por uma desobediência pulsante-latente civil e epistêmica, dirigiram-se à instituição para protestar contra as práticas epistemicidas do atual governo. As manifestações corroboradas naquele momento se endossavam justamente pela contrariedade do que, hoje (discorridos quatro meses), parece próximo de se tornar uma realidade: a obliteração e o cerceamento de um dos maiores centros de pesquisa/arquivos do Brasil. Diante disso, reproduzirei a seguir algumas fotografias (Figuras 28 e 29) desse momento histórico vivido por Silviano na contracorrente das tentativas de epistemicídios promovidas pela atual gestão totalitária de Bolsonaro no tanger aos recursos culturais, epistêmicos e arquivísticos no âmbito da produção, manutenção e promoção dos saberes/conhecimentos em terras tupiniquins.

---

[1942] Cf. a reportagem “Protesto alerta para gestão ‘aterrorizante’ da Fundação Casa de Rui Barbosa” da “Rede Brasil Atual”.
[1943] Cf. a notícia “Leticia Dornellles comenta sobre pesquisadores exonerados da Casa de Rui Barbosa” do blog “Lulacerda”.
[1944] Cf. a notícia “Leticia Dornellles comenta sobre pesquisadores exonerados da Casa de Rui Barbosa” do blog “Lulacerda”.
[1945] Cf. a notícia “Leticia Dornellles comenta sobre pesquisadores exonerados da Casa de Rui Barbosa” do blog “Lulacerda”.




FIGURA 28 – A intelectual Beatriz Resende (à esquerda) e o meu mineiro Silviano Santiago (à direita) nos idos de janeiro de 2020 no protesto contra o desmonte da “Função Casa de Rui Barbosa”
Fonte: fotografia cedida pela intelectual e professora Masé Lemos



FIGURA 29 – Meu mineiro Silviano Santiago (à direita) nos idos de janeiro de 2020 no protesto contra o desmonte da “Função Casa de Rui Barbosa”
Fonte: fotografia cedida pela jornalista Maria Lucia Rangel

Diante desses eventos/acontecimentos históricos na atualidade brasileira, entrevejo a participação empírico-realista-presencial de Silviano, na luta contra o epistemicídio angariado pela (des)gestão de Bolsonaro, não só como um ato de desobediência civil-epistêmica. Mas, para além disso, e na esteira da chicana Gloria Anzaldúa, enquanto uma *narrativa histórico-cultural*[1946] do intelectual, artista e escritor mineiro passível de *autorretratar*[1947] o Brasil de 2020 atravessado pela penumbra de um governo endossado pelo revisionismo histórico e pelo desmonte/desestruturação de espaços/instituições de fomento às reflexões, práticas e exercícios epistemológicos – tal qual pontuei a partir do caso da “Fundação Casa de Rui Barbosa”. No chancelar

[1946] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 13.
[1947] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 13.

das grafias pessoais de Silviano posto-exposto às celeumas perpetuadas pelo governo totalitário em vigência, inclui-se, então, a *história cultural*[1948] turbulenta brasileira, lócus o qual tem por líder de Estado um sujeito que repudia as *diversalidades* epistêmico-sensíveis-culturais existentes e grassantes no país.

Nesse ínterim, quando o governo *bolsonarista* assegura e replica práticas epistemicidas e opressoras, há o óbvio rechaço e o expurgo de conhecimentos/saberes, como também de particularidades, vidas, sensibilidades, afetos, emoções e desejos *outros* que fomentam e permeiam as epistemologias existentes. Para Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), a alienação intelectual[1949] é uma criação da sociedade burguesa[1950] e, enquanto tal, o crítico compreende todas aquelas que se esclerosam[1951] em configurações específicas e determinadas proibindo a evolução[1952], o progresso[1953] e as descobertas[1954]. Ademais, esse tipo de sociedade, fechada às pluriversalidades, é "[...] onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, *as ideias e as pessoas em putrefação*."[1955]. À vista disso, de forma não coincidente, evoco as palavras de Fanon em especial quando me debruço sobre o atual cenário cultural-epistemológico brasileiro contaminado pelo epistemicídio e pelas opressões *bolsonaristas*.

Em linhas gerais, o governo em questão se alimenta justamente da alienação crítica posicionando-se contra os teóricos, pesquisadores, escritores, intelectuais, cientistas, povos originários indígenas, minorias etc. ao atribuir-lhes a insígnia de perigosos, desviantes, inúteis, desnecessários e, portanto, passíveis de descarte, à

[1948] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 13.
[1949] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1950] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1951] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1952] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1953] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1954] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1955] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187, grifos meus.

semelhança da fala supracitada de Leticia Dornelles no tocante aos exonerados da "Fundação Casa de Rui Barbosa". Segundo o filósofo, psicanalista e ensaísta de matriz africana, *o homem que toma posição contra estas mortes (epistemicídios) é, em certa medida, um revolucionário*[1956]*.* Em complementação, o crítico infere que todas as vezes que se fizer triunfar a dignidade do espírito[1957] e falar-se não às tentativas de opressão dos seus semelhantes[1958], a quem realizá-los, restará a sua/minha/nossa solidariedade[1959], extremamente necessária nos tempos de barbárie enfrentados hoje no Brasil. Por conseguinte, Fanon complementa:

> *Se para mim, a um certo momento, colocou-se a necessidade de ser efetivamente solidário com um determinado passo, fi-lo na medida em que me comprometi comigo mesmo e com o meu próximo em um combate com todo o meu ser, com toda a minha força, para que nunca mais existam povos oprimidos na terra.* [...] Desperto um dia em um mundo onde as coisas machucar; um mundo onde exigem que eu lute; um mundo onde sempre estão em jogo o aniquilamento e a vitória.[1960]

Desse modo, imbricado não só pelo atual cenário político-brasileiro da visada micro, mas, também, pelas relações epistemológicas-epistemicidas entre Norte e Sul globais da perspectiva macro, entrevejo que a saída crítico-sensível-*bios*-local (endossada por mim e por Silviano) é ressoante à última prece de Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*: "Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!"[1961]. *Grosso modo*, de uma forma ou de outra, é, sobremaneira, o corpo posto-exposto que sofre as consequências (neo)coloniais, imperialistas, modernizantes, burguesas e totalitárias, sejam essas viajantes dos centros globais hospedadas/aportadas nas margens, bordas e fronteiras do mundo. Ou, em condições mais aproximadas a mim/nós (Pedro/Silviano), das práticas, discursos e elucubrações de um chefe de Estado/presidente em total discordância com a prosperidade da nação

---

[1956] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.
[1957] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1958] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1959] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 187.
[1960] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 188-189, grifos meus.
[1961] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 191.

no que concerne aos contextos intelectuais, sensíveis-efetivos, epistemológicos e/ou culturais *outros*.

Sob a pluma de Boaventura de Sousa Santos, em *O fim do império cognitivo* (2019), e levando em consideração não apenas as últimas reflexões bordejadas, mas a teorização pós-abissal, fronteiriça e descolonial apregoada à totalidade deste subtítulo e à leitura que realizo do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano, há que se angariar o desaprender[1962]. Este, por sua vez, não implica esquecer[1963], e, sim, lembrar de modo *outro*, diferente[1964], retirando as metodologias e as práticas adquiridas em nossa trajetória do lugar comum onde estão facilmente à mão, em segurança[1965]. Ao revés, arrolado pelo exercício da (auto)reflexidade, sobretudo, praticado por Silviano, desloca-se o já sabido e institucionalizado à esfera do desconforto[1966], da ignorância do não-saber. Consequentemente, aquele que se predispõe a fazê-lo, surpreende-se por metodologias e atitudes[1967] que descortinam conhecimentos, existências e saberes *outros*, *a priori*, extrínsecos ao seu campo de visão[1968], leitura, reflexão e/ou teorização.

À revelia da *episteme* moderna, dualista e condenada a falar, na maior parte das vezes, *sobre* objetos inertes/amorfos, esse desaprender pós-abissal colado às epistemologias do Sul se orienta pela visada do *conhecimento-com*[1969] ou, em nos termos de Walter Mignolo, no pensar *a partir de*[1970]. Enquanto ciência da contracorrente[1971], os saberes/conhecimentos pós-abissais se respaldam, em

[1962] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1963] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1964] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1965] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1966] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1967] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1968] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[1969] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1970] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.
[1971] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

essencial, na aspiração a um paradigma *outro* emergente[1972] ademais aos exercícios de (auto)reflexidades[1973] que constantemente deslocam o divíduo pensante do lugar seguro e comum, tal qual abordei-com Silviano à luz das escrevivências homo-biográficas, do entre-lugar fronteiriço epistemológico, dos corpos inconvenientes, desviantes e dissidentes, das homo-*bios*-grafias afetivo-sensíveis e da literatura/cultura brasileiras à luz pós-colonialismo (valendo-me da via teórica utilizada pelo mineiro), para citar apenas alguns exemplos.

Nesse intento, Santos desbarata a crença embutida na premissa de que se as orientações metodológicas[1974] (e complemento: (neo)coloniais, imperialistas e modernas) forem respeitadas, as contribuições para a resistência e para o fortalecimento das lutas dos oprimidos serão garantidos[1975]. Pelo contrário, à revelia das teorias itinerantes destituídas de corporizações/aquecimentos afetivos, sensíveis e emocionais, o investigador pós-abissal se mune da solidariedade e da cumplicidade[1976] atravessadas por aqueles quem travam cotidianamente, nos *modus operandi e vivendi*, os combates[1977] frente as assimetrias de poder que grassam no planeta, sobremaneira, nas bordas, margens e fronteiras, a exemplo, nós (Pedro/Silviano) homossexuais sul-fronteiriços e brasileiros, os povos originários indígenas da América Latina, do Brasil e do Mato Grosso do Sul, as mulheres feministas terceiro-mundistas, os negros anti-racistas etc.

Assim, ainda que pensar-com[1978] e, por extensão, teorizar-com[1979] impliquem obstáculos e tarefas árduas, entrevejo tais práticas enquanto os exercícios do

[1972] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1973] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1974] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1975] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1976] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1977] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1978] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1979] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.

intelectual (como Silviano e os muitos outros evocados nesta minha conversa epistêmica[1980]) que percebeu a necessidade de hoje, frente aos contextos de transformações sociopolíticas[1981], dispender-se não mais às vanguardas e, sim, à retaguarda[1982] da produção epistemológica. Isso é, às (auto)reflexidades[1983] justapostas *pari passu* à comunhão ao outro no angariar de futuros globais mais justos, co-existentes e igualitários, pensados e formatados à luz das diferenças coloniais existentes e latentes nas sociedades. O pensamento pós-abissal, fronteiriço e descolonial o qual aquilato minhas teorizações está posto-exposto-vertido na pele[1984] e nas localizações geoistórico-imaginárias do Terceiro Mundo[1985] no pluriverso às incumbências modernizantes e eurocentradas do Primeiro[1986].

Portanto, encaminhando-me para o encerramento deste último subtítulo e, por extensão, deste *trabalho-corpo-político*, sob a pluma de Mignolo, compreendi que para um corpo europeu pensar de maneira descolonial, há que se ceder algo[1987]. Da mesma maneira que o corpo formatado na histórias/diferenças coloniais (tais quais o meu e o de Silviano) também o faz quando atravessado por teorias pós-modernas e/ou pós-estruturalistas[1988]. Como deslindou Anzaldúa, a nós, à nossa pele terceiro-mundista, fronteiriça e sub-humana, incutiu-se uma ferida aberta de dois mil e quinhentos quilômetros[1989] responsável por dividir povos e culturas percorrendo a longitude do nosso corpo[1990], pregando-nos marcas na carne[1991] que nos irrompem

[1980] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 11.
[1981] SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p. 19.
[1982] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1983] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 226.
[1984] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.
[1985] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.
[1986] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.
[1987] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.
[1988] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 27.
[1989] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 41.
[1990] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 41.
[1991] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 41.

diariamente em injunções opressivas tanto globais quanto, sobremaneira, nacionais. Entre ambas as instâncias geopolítico-epistemológicas, existe a ferida aberta da fronteira[1992] onde a periferia se arranha contra a metrópole e sangra[1993].

Por isso, pelas vias do delírio epistêmico deslindado por Silviano na chancela do corpo tomado por virose[1994] pós-abissal, fronteiriça e descolonial, projetei-me na direção de um desaprendizado e despensamento para, enfim, conseguir *re-aprender-com* e *a partir de*, no pluriverso dos sucessivos epistemicídios incutidos a nós, a mim e aos meus, não-modernos, terceiro-mundistas e habitantes da morada das diferenças coloniais, isto é, das fronteiras, tão comumente atravessadas e bordejadas dos dois lados pelas teorias mercantilizadas/itinerantes advindas dos centros geopolítico-epistêmicos e aqui aportadas e hospedadas à revelia. Enquanto habitantes desse lócus indefinido e em constante estado de transição[1995], tornamo-nos, frente às insígnias modernizantes, (neo)coloniais e imperialistas, os proibidos, banidos, atravessados, *queer*, problemáticos[1996], em resumo, aqueles que passam por cima ou atravessam os confins do arcabouço ocidental da suposta "normalidade"[1997].

Corroborado por essa condição *outra* de fronteiridade, entrevi, sobremaneira, pela égide de Anzaldúa, que os espaços fronteiriços se constituem para além das territorialidades geoistórico-espaciais e limítrofes imaginativo-epistêmicos. Eles são, dentre outras esferas, *loci* psicológicos, sexuais e espirituais[1998] no roçar de duas ou mais culturas[1999] tomadas pelas intimidades intercorporais-sensíveis

[1992] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 42.
[1993] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 42.
[1994] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[1995] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 42.
[1996] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 42.
[1997] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 42.
[1998] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 35.
[1999] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 35.

compartilhadas[2000]. Queira a razão/lógica moderna epistemicida ou não, os conhecimentos estão, sempre, situados[2001] e as teorias emergem de onde se podem encontrá-las, dado que não há supremacia geopolítico-epistêmica que incida direitos de propriedade sobre as práticas e saberes teóricos[2002], tampouco, aos que se predispõem a pensar critico-teoricamente.

À vista dessa compreensão, as reflexões aqui descortinadas ensejaram, sobremaneira, questionar não apenas aquilo que concebi enquanto já aprendido/sabido, mas, sobretudo, o que me ensinaram como aprender[2003] com base nos legados/preceitos modernos, coloniais e imperialistas. A esses, à diferença do que me foi (im)posto, resguardo os exercícios de descolonização pelas vias do pensamento alternativos de alternativas[2004] o qual me assento para teorizar não só a partir de mim mesmo, mas do meu dueto-simbiótico com Silviano Santiago. Armados (Pedro/Silviano) pelas fichas de jogadores[2005] fronteiriços, pós-abissais e descoloniais, realizamos apostas epistêmicas pluri-versais a fim de endossar as constelações de liberdades[2006] a nós e aos nossos, não-modernos, no reverso aos epistemicídios que nos incutiram há séculos. Desse ínterim, menos que prezarmos por modernizar-nos, há que lutarmos e angariarmos as gestualidades e práticas epistêmico-sensíveis-conceituais de naturalização dos saberes, vidas, *loci*, espaços, existências e escrevivências *outras* no pulsar das diferenças coloniais.

---

[2000] ANZALDÚA. *Borderlands/la frontera*, p. 35.
[2001] HARAWAY *apud* GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.
[2002] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 158.
[2003] SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.
[2004] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 263.
[2005] SANTIAGO. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo, s/p.
[2006] NUNES. O resgate da epistemologia, p. 274.

## CAPÍTULO II – MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):
as escrevivências fantasmagóricas da morte

A morte nunca é agora;
é sempre:
não nasce,
não morre:
dádiva de um corpo
para outro.

SANTIAGO. *Cheiro forte,* p. 10.

A morte é uma obsessão para os que restam, os que ficam por aqui por mais um pouquinho. Os mortos são vivos.

TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 08.

## 2.1 – Divíduos homo-biográficos: vidas enquanto sobrevidas

> Aliado hospitaleiro é aquele que proíbe o uso do termo *objeto* para designá-lo e que não vê plágio e roubo por parte de seu em-frente. Nos duetos originários, o "roubo" é consentido, pois o outro é, simultaneamente, outro e minha própria obra, isto é, eu mesmo.
>
> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
>
> Porque ler é uma maneira de viver.
>
> MONTERO. *A louca da casa*, p. 152.

*A partir da*[2007] fronteira-sul, biolócus geoistórico, e, sobretudo, epistemológico o qual penso e erijo minhas reflexões crivadas e atravessadas pelo meu corpo fronteiriço e pelas minhas sensibilidades biográficas/locais de pesquisador situado em uma universidade periférica, buscarei, assentado em uma teorização de caráter crítico-biográfico fronteiriço, (des)arquivar o projeto da exterioridade *homo-bio-ficcional* do intelectual mineiro Silviano Santiago, essencialmente, no que convém ao seu romance escrevivente *Mil rosas roubadas* (2014).

A escolha da obra *Mil rosas roubadas* se justifica por razões de princípio e de coração, isto é, conforme a crítica do *bios*, as fronteiras entre sujeito e objeto são diluídas e estes se embaralham, se misturam, metamorfoseiam-se. A distinção sujeito/objeto é destituída na medida em que essa relação é (re)configurada em sujeito/sujeito. Há um *roubo consentido*, como explicita Juliano Garcia Pessanha, em que o outro e a sua obra são deslocados do lugar da alteridade para, de maneira simultânea, se integrarem a mim. Aproprio-me do romance memorialístico de Silviano, afeto e sou afetado, biografo e sou biografado.

Assim, ao me enveredar pela escrevivência do mineiro em *Mil rosas roubadas*, (re)vivo minha própria história, minhas memórias, minhas narrativas biolocais. Se ler é uma maneira de viver, segundo Rosa Montero, circunscrito na minha eleição e leitura do romance escrevivente aposto, elejo e escolho a minha própria vida de divíduo-

[2007] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 26.

pesquisador da exterioridade teorizando a partir de uma universidade periférica sobre o outro que, ao mesmo tempo, também sou eu. Por divíduo entendo que “Se o um emerge do dois, e a própria interioridade humana é o precipitado de escavações e do mergulho de outros em mim, é mais apropriado não falar de indivíduo, mas de divíduos.”[2008].

*Grosso modo*, a categoria divíduos, discutida por Juliano Pessanha, corrobora justamente essa incorporação do outro em mim nos tornando um. Se, ao falar do outro, resvalo na narrativa do meu próprio *bios*, entendo que nossas vidas não se separam. Silviano e *Mil rosas roubadas* vivem tanto em mim, quanto eu, Pedro, vivo neles. Somos amigos/herdeiros políticos da ordem da sobrevida, do espectro e da transferência. Metaforicamente, estabelece-se o imbricamento de nossas vidas. Silviano se fundamenta enquanto amigo-fantasma teorizado pelo meu discurso de *conjurador de espectros*[2009] na medida em que constantemente o evoco para falar de mim mesmo a partir do meu biolócus epistêmico-geoistórico sul-fronteiriço da exterioridade.

Dessa forma, opto por escolher e trabalhar com a impressão do arquivo do mal/da exterioridade de Silviano, na tentativa de abri-lo, (des)arquivá-lo. Ao fazê-lo, (des)arquivo as minhas próprias história e sensibilidades. Falo de mim enquanto divíduo sul-fronteiriço teorizando acerca de uma literatura dos trópicos ao tratar demoradamente da vida do mineiro. Subsidiado pelo discurso ensaístico crítico-biográfico fronteiriço, ao escrever e teorizar acerca do nosso projeto *homo-bio-ficcional* (des)arquivando-o*,* me mostro, me *exponho*[2010], sofro de um mal.

---

[2008] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 114.
[2009] CARDOSO. Anonimato da escrita*,* p. 63.
[2010] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 24.

Nesse prisma, o *espaço biográfico*[2011] o qual minhas reflexões se aquilatam é da ordem dos afetos, das sensibilidades, da sobrevida, contudo, sempre respaldado pela distância, lugar reservado à crítica. A escrita do outro está permeada pela escrita de si e é neste interstício que ambas as vidas se completam na diferença extravasando os limites, *a priori, do espaço autobiográfico do autor*[2012]. Ademais, ainda no que concerne às *Mil rosas roubadas*, a obra ilustra o exercício (des)arquiviolítico de Jacques Derrida sendo realizado pelo seu próprio arconte – e primeiro guardião *até aquele momento* – Silviano, uma vez que o escritor utiliza a literatura como terapia evidenciando a possibilidade de uma amizade/amor que extrapola os limites infligidos pela morte. Através da memória incompleta/lacunar materializada em narrativa, Silviano (des)arquiva as memórias do seu amigo-político, amor e quase biógrafo:

> Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam, sabemos bem disso hoje, falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da causa.[2013]

Zeca, morto por um tumor cerebral, mas recuperado por Silviano sob o crivo da memória incompleta e espectral, explicita, segundo o *discurso do epitáfio*, uma imagem/cópia do Silviano. Isso se dá tanto quanto eu me caracterizo como uma cópia/imagem de Silviano ao me inserir nessa tríade por meio da posição de *sujeito suposto saber* sobre a vida do outro a qual deleguei a mim enquanto crítico biográfico fronteiriço. Amar o amigo implica amá-lo para além da vida e da morte.

Sendo assim, me valendo dos recortes e conceitos supracitados, me deterei no romance *Mil rosas roubadas* por entender que esse romance escrevivente ilustra melhor a proposta da exterioridade *homo-bio-ficcional* a qual ensejo (des)arquivar

---

[2011] ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 16.
[2012] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 10.
[2013] DOUBROVSKY. O último eu, p. 121-122.

através dessas memórias dividuais: nossas memórias, minhas memórias. Nossas escrevivências fantasmagóricas da morte retomadas, independentemente, de vidas empíricas. Zeca e Silviano se constituem enquanto *personae*, amigos-espectros, que habitam o meu discurso crítico em eternos retornos epistêmico-memorialísticos da sobrevida.

Para realizar o exercício (des)arquiviolítico o qual me proponho, sofrendo desse mal de arquivo/pulsão de morte, me abalizarei na Crítica biográfica fronteiriça alicerçado por conceitos como: arquivo, memória, amizade, herança, transferência, espectro, sobrevida e hospitalidade. Conceitos estes propostos por intelectuais, dentre outros, como Jacques Derrida, Francisco Ortega, Eneida Maria de Souza, Diana Klinger, Leonor Arfuch, Juliano Garcia Pessanha, Adriana do Amaral, Elisabeth Roudinesco, Eneida Leal Cunha, Edgar Cézar Nolasco, Conceição Evaristo e Walter Mignolo. Portanto, entendo que somente uma epistemologia de caráter *outro*, como a que me assento para escre(vi)ver, pode dar conta de um projeto intelectual/arquivo da exterioridade, como o de Silviano, sendo pensado e teorizado a partir de um biolócus subalterno extrínseco geoistórico e epistemologicamente da ordem hegemônica, moderna e colonial imperante.

## 2.2 – Escrita por mim, sua biografia, nossa (auto)biografia: impressões (des)arquiviolíticas *homo-bio-ficcionais*

> – O que lhe dá direito de supor que eu saio à cata de borboletas-azuis para espetá-las com alfinete em papelão? – ele me perguntou à queima-roupa, visivelmente irritado por eu ter associado as borboletas caçadas no alto da serra com minha pessoa pescada ao acaso no ponto do bonde. Tinha ficado ainda mais irritado por tê-lo associado com entomologistas arcaicos e cruéis que, para o exame clínico da espécie, espetam os insetos assassinados a sangue-frio em folha de papelão.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 71.
>
> Vivo do crédito que abri para mim mesmo, pois só assim posso escrever os livros que quero.
>
> SANTIAGO. Literatura e cultura de massa, p. 120.
>
> Falar do outro, resgatar sua memória, não seria ainda distinta maneira de narrar a si próprio?
>
> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.

Portando um alfinete *homo-bio-ficcional* e assumindo a figura de um entomologista, quiçá investigador de vidas alheias, espeto as borboletas-azuis[2014] que sobrevoavam a Praça Sete em Belo Horizonte e que há anos habitam minha vida que, sob o intermédio espectral de Silviano, teorizo e escre(vi)vo em sobrevida. Abro este arquivo homo-biográfico, descolonial da exterioridade, crivado na *diversalidade* estabelecendo uma conversa epistêmica a partir da minha fronteira-sul: biolócus de onde penso. Executo este exercício (des)arquiviolítico à luz de um mal, de uma impressão, de uma pulsão de morte, de uma *conversa*[2015], de mistérios a serem decifrados e de lembranças a serem esquecidas. Espeto essas borboletas-azuis

[2014] No romance *Mil rosas roubadas*, o narrador, lido por mim enquanto o próprio Silviano, escre(vi)ve "[...] tinha escrito que Zeca e eu passamos a falar da transferência de colégio logo depois de eu ter dito que me *sentia metamorfoseado em borboleta-azul a esvoaçar nos ares barulhentos e poluídos da praça Sete*." SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 70, grifos meus. Além disso, ele complementa "Tinha receio de ser incorporado com destaque à diversificada coleção de insetos azuis que o conhecido entomologista amador já tinha alfinetado em papelão na sua casa." SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 70. Em linhas gerais, as borboletas-azuis foram um importante tema discutido por Silviano e Zeca no primeiro encontro ocorrido na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte. O artista e produtor musical tinha como *hobby* ir à cata desses insetos e, pelo crivo da admiração latente e pulsante, Silviano se enxergava/sentia como uma borboleta-azul a esvoaçar a Praça Sete à espera do alfinete que o espetaria em papelão de amostragem do colecionador (e amigo-amado Zeca). SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 67.

[2015] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 11.

(trans)fronteiriças na tentativa de me aproximar na diferença de Silviano, de mim, de nós divíduos homo-biográficos.

O arquivo para o qual minha articulação epistêmica está voltada sofre de demasiados maus os quais Jacques Derrida, em *Mal de arquivo* (2001), não se deteve, mas que precisam ser problematizados, como a colonialidade debatida através da exterioridade e da diferença colonial por Walter Mignolo e presentificada no projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano. Habito esta herança. Dissimulo, esqueço, invento, destruo, reconstruo, interdito e desvio esse arquivo do mal inabarcável/ausente e o inscrevo/sinto em meu próprio corpo homo-biográfico e em minhas sensibilidades biolocais da exterioridade: brasileiro, sul-fronteiriço e homossexual. A noção de arquivo em Derrida, tal qual minha teorização crítico-biográfica fronteiriça sobre Silviano:

> [...] é *espectral*. Ela o é *a priori*: nem presente nem ausente 'em carne e osso', nem visível, nem invisível, traço remetendo sempre a um outro cujo olhar não saberia ser cruzado, não menos que, graças à possibilidade de uma viseira [...] o motivo espectral põe bem em cena esta fissão disseminante que afeta desde o princípio, o princípio arcôntico, o conceito de arquivo e o conceito em geral.[2016]

Sendo fielmente infiel, construo essa vida espectral metaforizada em borboletas-azuis enquanto uma impressão (des)arquiviolítica do(s) Silviano(s) metamorfoseado(s) e (trans)fronteiriço(s). Ao (des)arquivar suas memórias as transformando-as em narrativa crítico-biográfica, abro o meu arquivo descolonial, também da exterioridade, imbricado pela lembrança, mas, principalmente, pelo esquecimento. (Des)arquivar explicita minha intencionalidade enquanto pesquisador fronteiriço a qual elejo tanto a produção ficcional quanto documental[2017] de Silviano

[2016] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 110-111.
[2017] SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.

deslocando o *corpus* de interpretação literária e propondo o estabelecimento de pontes metafóricas[2018].

A partir de Silviano, redescubro dentro de mim as verdades mais essenciais e latentes, me recordo da minha re-existência. Proponho uma conversa epistêmica quase esquizofrênica com Silviano, visto que ao me debruçar sobre sua vida, usurpo-a e nos tornamos divíduos: Silviano é tanto Pedro, quanto Pedro é Silviano. Somos não sendo e que, não sendo, muito aprendemos[2019]. Juliano Garcia Pessanha me ensina que "Dizer é uma forma de tocar. Tocar para que a visita do outro aconteça."[2020] Discursivamente, toco Silviano assim como sou tocado por ele, o seleciono e sou selecionado.

Contudo, o ato de selecionar implica, também, o de excluir, dissimular. Não é possível acessar o arquivo de Silviano em sua totalidade, apenas suas impressões. Jacques Derrida pontua que os *arquivos do mal* são dissimulados, destruídos, interditados, desviados e recalcados[2021] e que, sobretudo, não há arquivo sem lugares de impressões. Quando se escre(vi)ve, o esquecimento se torna presença. Escre(vi)vo para lembrar esquecendo e o arquivo me leva a este letárgico esquecimento, ele rouba minha/nossa história. Sem o *mal de arquivo*, *não existiria desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de esquecimento que não se limita ao recalcamento*[2022]. Para Derrida:

> Não temos conceito [de arquivo], apenas uma impressão, uma série de impressões associadas a uma palavra. Oponho aqui o rigor do *conceito* à vaga ou mesmo franca imprecisão, à relativa indeterminação de uma tal *noção*. 'Arquivo' é somente uma *noção*, uma impressão associada a uma palavra e para a qual Freud e nós não temos nenhum conceito. Temos apenas uma impressão, uma impressão que insiste através do sentimento

[2018] Cf. *Crítica cult* de Eneida Maria de Souza.
[2019] MONTERO. *A louca da casa,* p. 05.
[2020] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 31.
[2021] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 07.
[2022] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 32.

> instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo in-finito ou indefinido.[2023]

Evocar um *mal de arquivo*[2024] ou (des)arquivar o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano pressupõe trazer à tona sintomas, sofrimentos, paixões, um arquivo do mal que me afeta e é afetado. Ao mesmo tempo, esse arquivo arruína, desvia e destrói seu próprio princípio fundamentando o mal radical. Silviano sofre desse mal de arquivo ao consignar, como primeiro arconte (brasileiro, mineiro, homossexual), suas memórias em *Mil rosas roubadas* assim como eu o sofro usurpando seu lugar de arconte e (des)arquivando suas/minhas/nossas memórias através deste romance escrevivente tomado como ilustração do seu projeto intelectual da exterioridade. Derrida endossa que o arquivista produz arquivo e é por essa razão que este não se fecha mais, o arquivo se abre a partir do futuro. O espectro de Silviano criado por mim no presente é circunscrito na cultura e se projeta para o futuro. Assim, Derrida expõe:

> [...] a questão do arquivo não é, repetimos, uma questão do passado. Não se trata de um conceito do qual nós disporíamos ou não disporíamos *já* sobre o tema do *passado, um conceito arquivável do arquivo*. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e *de uma responsabilidade para amanhã*. O arquivo, se queremos saber o que isto teria querido dizer, nós só o saberemos num tempo por vir. Talvez. Não amanhã, mas num tempo por vir, daqui a pouco ou talvez nunca.[2025]

Metaforicamente, espeto essas borboletas que pousam nas *Mil rosas roubadas* incidindo luz turquesa ou cobalto, mas que, verdadeiramente, são pardas ou ocres[2026]. Transfiguro sob o crivo da sobrevida e do exercício (des)arquiviolítico espectral o projeto intelectual *homo-bio-ficcional* de Silviano enquanto um arquivo que se projeta para o futuro circunscrito no porvir, na promessa. A minha posição de pesquisador fronteiriço supondo saber sobre a vida fantasmagórica do(s) outro(s), Silviano/Zeca, se constitui a partir de uma escrevivência que tenta desarquivar memórias, amizades,

---

[2023] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 43-44.
[2024] DERRIDA. *Mal de arquivo,* p. 09.
[2025] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 50-51, grifos meus.
[2026] NASCIMENTO. A vida como literatura e a literatura para viver, p. 156.

heranças, espectros e fronteiras. Os fantasmas rondam a cultura, Zeca para Silviano, Silviano para mim.

Tomo para mim, na posição de crítico-biográfico fronteiriço, a *responsabilidade para amanhã*[2027] de um entomologista epistêmico que espeta e trabalha com essas borboletas-azuis discursivo-metafóricas (des)arquivando-as. A partir do voo de liberdade (trans)fronteiriço realizado por elas, *inscrevo-me neste arquivo, abrindo-o, enriquecendo-o*[2028] para ocupar um lugar que criticamente estabeleço para mim enquanto espaço de pleno direito[2029]. Eu não falo sobre o arquivo da exterioridade *homo-bio-ficcional* de Silviano, mas *a partir dele*, inscrevendo-me em seu corpo discursivo, uma vez que ele também me pertence. De maneira dividual, as borboletas-azuis são a metáfora de um arquivo meu/nosso que sofre de um mal, de uma pulsão de morte/destruição e que se abre para o futuro/promessa padecendo da falta. Nolasco para além da noção de arquivo derridiana, propõe:

> Tratar de memórias biográficas alheias e de arquivo da exterioridade, tratar de histórias locais, pode ser um meio de o crítico angariar um direito epistêmico de poder falar desse lócus do fora, desse a *partir de* no qual se encontra tal arquivo, uma vez que ele já está tomado por essa *impressão biográfica que, nesse contexto teórico discursivo, já é sua e do outro*.[2030]

Fundo o direito epistêmico para falar de Silviano a partir de um arquivo que é dividualmente nosso. Não foi me dada a oportunidade de optar por tal herança, contudo, escolho, sob o crivo do desejo ardente, da paixão e do mal, mantê-la viva e pulsante. O direito epistêmico o qual edifiquei para *supor saber* sobre e a partir da vida de Silviano se alicerça, dentre tantas circunstâncias, na carreira intelectual a qual me debruço há anos tanto no plano da epistemologia fronteiriça quanto, de maneira primordial, no manejo hábil da lâmina (des)arquiviolítica no trato do corpo biográfico-

[2027] DERRIDA. *Mal de arquivo,* p. 50-51.
[2028] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 88.
[2029] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 88.
[2030] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 82, grifos meus.

discursivo de Silviano e de seu projeto *homo-bio-ficcional*. Construo-me enquanto pesquisador e crítico biográfico fronteiriço erigindo meus discursos a partir do NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) desde 2015 e espelhado pela imagem de Silviano: *meu dívíduo, aliado hospitaleiro, ser-um-no-outro ou dois em um*[2031]*.*

Ao viver essa vida espectral, me deparo com a minha própria vida. Para Leonor Arfuch, o arquivo desloca o âmbito privado para o público, joga com o segredo[2032]. Assim, exponho-me, desnudo-me. Esqueço para lembrar, desvio, suprimo, silencio, ilumino, desvario e reprimo. Reúno o imaginável e o inimaginável. Teorizo sobre a metamorfose do outro metamorfoseando-me. Abro o meu crédito com base no crédito do projeto intelectual de Silviano. À medida em que escrevo minha biografia na esteira da vida do mineiro, as lacunas, as faltas e o inacabado se imbricam na minha própria escrevivência.

Leonor Arfuch propõe que *nossa vida não nos pertence por inteiro*[2033]: "Outros, muitos outros, guardam vestígios que compartilhamos ou que nos são invisíveis, facetas de nós mesmos que desconhecemos [...]"[2034]. Isso posto, não me aproprio apenas da vida de Silviano, mas do seu projeto *homo-bio-ficcional*, da sua escrevivência homo-biográfica e do seu/nosso arquivo que *sob judice* das metafóricas borboletas-azuis (trans)fronteiriças abro a partir do meu ato de escre(vi)ver. (Des)arquivo as *Mil rosas roubadas* usurpando-as para mim, assumo a condição de ladrão de palavras, de discursos e de memórias[2035]. Roubar o outro para si implica debruçar-se sobre:

[2031] Todos esses conceitos são trabalhados por Juliano Garcia Pessanha em *Recusa do não-lugar* (2018) e serão discutidos nos subtítulos seguintes.
[2032] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 378.
[2033] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 377.
[2034] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 378.
[2035] Cf. *Ladrões de palavras* (1990) de Michel Schneider.

> (Uma vida: estudos, doenças, nomeações. E o resto? Os encontros, as amizades, os amores, as viagens, as leituras, os prazeres, os medos, as crenças, os gozos, as felicidades, as indignações, as tristezas: em uma só palavra: as ressonâncias – No texto – mas não na obra.)[2036]

As ressonâncias as quais Barthes se detém são recorrentes no meu fazer ensaístico-fronteiriço-biográfico, haja vista que lido com as minhas/nossas sensibilidades. Ao abrir nosso arquivo dividual (Pedro/Silviano), me encontro frente a estudos, doenças, amizades, viagens, leituras, medos, amores, gozos e tristezas que atravessam nossas escrevivências homo-biográficas. Sinto em meu corpo discursivo a perda de Zeca me metamorfoseando em Silviano, em professor universitário de história, em *menino-homem-fronteira*.

O arquivo literário o qual abro a partir de Silviano e de mim (leitor e crítico) se une ao *desenho do espaço biográfico*[2037]. Esse arquivo dividual da exterioridade se trata de um espaço biográfico em si mesmo, visto que consigna, ou tenta consignar, o *imaginável e o inimaginável*[2038] no que se detém aos traçados das nossas vidas. Para Arfuch, somos em relação aos outros. Silviano é em relação a mim assim como sou em relação a ele. O espaço biográfico o qual meu discurso escrevivente se assenta é dividual, incompleto e simbiótico.

Há um caráter de contínuo *devir no espaço biográfico*[2039] que constitui a incompletude de toda biografia e de todo divíduo. Falo de Silviano, de mim e de nós crivado na falta, na tentativa de tamponar faltas que sempre se (re)fundam em um labirinto (des)arquiviolítico e memorialístico as quais não dou conta, jamais, de preencher, de completá-las, ainda que eu tente. É na tentativa vã de suprir esses vazios simbióticos entre mim e Silviano que nossas vidas se aproximam na diferença.

---

[2036] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 202.
[2037] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 373.
[2038] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 373.
[2039] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 378.

Silviano em *Mil rosas roubadas* exclama: “Preencha o vazio, por favor”[2040]. Tento, mas escre(vi)vo das ressonâncias da nossa vida homo-biográfica e, muitas das vezes, as palavras me escapam, traem-me. Nesse viés, *Mil rosas roubadas* corroboram:

> [...] recomponho direitinho e falsamente o relato poético sobre as borboletas-azuis, na verdade esquecido. De outra perspectiva: Ou bem tateio o nosso passado pela superfície das minhas lembranças e guardo só para mim as sombras, suprimindo do leitor fatos decisivos embora obscuros na época em que aconteceram, ou bem investigo a posteriori os fatos obscuros do nosso passado comum e preencho *os buracos da memórias com as descobertas que, quanto mais pesquisava a matéria, fui fazendo no correr dos anos. Páginas atrás decidi deixar o buraco no relato, optei pelo vazio.*[2041]

Assim como Silviano, Mignolo e Pessanha, escre(vi)vo a partir/em favor da vida (e também da sombra fantasmagórica da morte), da falta, da abertura do arquivo do mal que me atormenta que foge das minhas vistas míopes e que me atravessa por uma paixão e desejo literário-epistêmicos absurdos. *Sou tocado pela experiência*[2042] – e escrevivência – de Silviano e aprendo sobre a vida através dele, não cartesianamente, mas *a partir do* mineiro consigo me encontrar comigo mesmo, conosco. Assim, dado que o arquivo se desdobra ao porvir como uma promessa para se recriar à luz de nossos olhos, há sempre um caráter inalcançável em seu bojo. Essa abertura do arquivo me possibilita criar as ressonâncias das nossas vidas, como a amizade e a morte de Zeca, trazendo comigo *o tempo e o lugar*[2043]. Preencho os buracos das suas/nossas memórias alicerçado pelas minhas descobertas epistêmico-biográficas.

O arquivo, portanto, se (re)constitui em cada leitura[2044], “guardando” memórias a serem decifradas pelo olhar do leitor ou, mais profundamente, pelo crítico-leitor (biográfico-fronteiriço), como eu realizo em minha escrevivência epistêmica.

---

[2040] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 71.
[2041] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 77, grifos meus.
[2042] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 373.
[2043] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 373.
[2044] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 375.

Transfiguro-me em arquivista, garimpeiro, biógrafo e investigador[2045]. Com isso, tomar o arquivo enquanto abrigo da memória de nome *arkhê*[2046] significa, ao mesmo tempo, que se lembra para esquecer. No que convém ao esquecimento e à invenção relacionados à memória e ao arquivo, o romance *Mil rosas roubadas* descortina:

> Releio as anotações já feitas em ficha e, ao mesmo tempo, *abro na minha memória o arquivo de suas próprias frases*. Nas próximas semanas ou meses, poderei ir consultando o material diverso sem o apoio da cartolina. Irei direto à imaginação, que se intrometerá com a naturalidade desta escrita, estabelecendo a cronologia e as aventuras da nossa vida em comum. A imaginação me inspira tanto quanto a observação. Será que me contradigo?[2047]

*Irei direto à imaginação que se intrometerá com a naturalidade desta escrita*, me informa *Mil rosas roubadas*. Em linhas gerais, pelo crivo do argumento da imaginação, Silviano traz à tona questões pertinentes ao arquivo e à memória no que estes se referem à falta, ao vazio, ao esquecimento e, sob a égide de Derrida, ao que entendo por *anamnese biográfica*[2048]. Para o filósofo: "[...] o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória."[2049] Nesse prisma, ao (des)arquivar nossas *Mil rosas roubadas*, compreendo que há uma tentativa constante de preenchimento dos "fatos" pela ordem da imaginação, da invenção, da mentira e da ficção. Silviano tem a consciência crítica de que a memória está voltada para o esquecer e não para o lembrar compreendendo que as palavras são traiçoeiras e que nos escampam constantemente.

Enquanto (auto)biógrafo ficcional, Silviano explicita um desejo de conservação de memória, ainda que saiba da impossibilidade desta prática dada sua incompletude/falta originária. Enseja-se uma vontade vã de fixação da memória[2050] e

---

[2045] Cf. o ensaio "A auto/biografia como (mal de)" de Leonor Arfuch.
[2046] DERRIDA. *Mal de arquivo,* p. 12, grifos meus.
[2047] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 59.
[2048] DERRIDA. *Mal de arquivo,* p. 22.
[2049] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 22.
[2050] CORACINI. A memória em Derrida, p. 130.

de preenchê-la arquivioliticamente. O arquivo, em Derrida, possui um princípio de *reunião/consignação*[2051] que tomado pela pulsão de morte e destruição não se realiza de maneira totalitária. Por isso, ainda que Silviano tentasse narrar sua amizade/relacionamento com Ezequiel o mais "verdadeiramente" possível, o viés traiçoeiro tanto da memória/do arquivo quanto do discurso jamais permitiria tal pretensão. Derrida elucida:

> Diretamente naquilo que permite e condiciona o arquivamento só encontraremos aquilo que expõe à destruição e, na verdade, ameaça de destruição, introduzindo *a priori o esquecimento e a arquiviolítica* no coração do monumento [...] esta pulsão tem a vocação silenciosa de queimar o arquivo e levar à amnésia, contradizendo assim o princípio econômico do arquivo, tendendo a arruinar o arquivo como acumulação e capitalização da memória sobre algum suporte e em um lugar exterior.[2052]

Derrida ressalta em *Mal de arquivo* que o conceito de "arquivo" não é consensual, mas reside em espaço paradoxal. Ele é consignação e destruição, um espaço atravessado pela temporalidade que, *a priori*, se constitui do passado, mas que se lança para o futuro[2053], ao porvir e à promessa. O arquivo é uma construção *de* e *a partir de* que se ativa no ato da leitura, pelas atualizações e pela óptica do outro[2054]. No meu caso, a partir da posição de leitor e de crítico-biográfico fronteiriço, ativo o arquivo da exterioridade homo-biográfico de Silviano através das metafóricas borboletas azuis pousadas nas minhas *Mil rosas roubadas* tomando-as para mim. O arquivo nunca é encontrado[2055], a não ser por seus vestígios, princípios ou impressões. Sendo assim, as borboletas-azuis as quais me detenho são apenas minhas impressões de um arquivo alocado em um projeto *homo-bio-ficcional,* eu as persigo, mas nunca as acesso efetivamente. Vejo-me deslumbrado por suas aparências brilhosas azuis turquesas, as persigo, mas nunca consigo tocá-las.

---

[2051] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 14.
[2052] DERRIDA. *Mal de arquivo,* p. 23, grifos meus.
[2053] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 370.
[2054] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 370.
[2055] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 371.

A busca incessante por esse arquivo e pela tentativa de realizar um exercício (des)arquiviolítico me leva a um mal, a um sofrimento, a um sintoma e a uma paixão. Tal qual Derrida realiza com Freud em *Mal de arquivo*, escre(vi)vo com Silviano, sem Silviano e, às vezes, contra Silviano[2056]. Todavia, ao fazê-lo, escre(vi)vo contra mim mesmo, dado que sou a partir da concepção de dois-em-um, dividual e aliada hospitaleira a qual propõe Juliano Garcia Pessanha. Sofro desse desejo de memória. A princípio, acreditei que poderia acessar as memórias dividuais de Silviano portando meu alfinete (des)arquiviolítico, mas não. Acesso apenas os rastros e as impressões que as minhas *Mil rosas roubadas* e que a escrevivência homo-biográfica do meu mineiro me permitem acessar. Tomado por esse sintoma/desejo de memória, usurpo as *Mil rosas roubadas* para ganhar epistemologicamente o direito de escre(vi)ver a partir do meu sofrimento. No que tangencia o mal que me assola, Derrida questiona:

> Perguntar-nos-emos sempre o que foi possível, neste mal de arquivo, queimar. Perguntar-nos-emos sempre, para partilhar com compaixão com compaixão este mal de arquivo de suas paixões secretas, de sua correspondência, de sua "vida". Queimar sem ele, sem resto e sem saber. Sem resposta possível, espectral ou não, aquém ou além de uma repressão, na outra borda do recalque, o originário ou o secundário, sem um nome, sem o menor sintoma e nem mesmo uma cinza.[2057]

Assim, para além do *Mal de arquivo* derridiano, valendo-me da minha/nossa escrevivência dividual erigida a partir da fronteira-sul, julgo necessário voltar minha atenção a uma especificidade arquiviolítica que não foi contemplada devidamente pelo discurso do filósofo e que nos concerne enquanto divíduos homo-biográficos: a exterioridade. Leonor Arfuch, em "A auto/biografia como (mal de) arquivo" (2009), discorre sobre os arquivos do mal e, dentre eles, a intelectual cita o colonialismo[2058]: questão central no que tange à epistemologia crítica biográfica fronteiriça a qual assento meu discurso.

---

[2056] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 09.
[2057] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 129.
[2058] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 370.

Isso posto, entendo que o projeto intelectual *homo-bio-ficcional* de Silviano (não só no que se refere ao romance *Mil rosas roubadas*) se situa na exterioridade (*Fora*) dos saberes epistêmico-ficcionais possibilitando o entrecruzamento das nossas vidas homo-biográficas: *bios* da exterioridade excluídos dos discursos hegemônicos modernos[2059]. Silviano se (trans)fronteiriça transpassando todas as fronteiras sexuais[2060], biográficas, geoistóricas, epistêmicas, estruturais etc. A fronteira imaginária e epistemológica é o meu/nosso próprio corpo/arquivo; nela, nada se estabiliza ou se imobiliza, ela é móvel e transeunte. Penso *a partir* da fronteira-sul e do projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano na posição de (des)arconte fronteiriço homo-biográfico e aquilatado em uma perspectiva da exterioridade e da *diversalidade*, haja vista que estabeleço um exercício (des)arquiviolítico do *Fora*, daquilo que não foi contemplado pela interioridade colonial moderna patriarcal e segregacionista.

Silviano propõe uma política da *diversalidade*[2061], ou seja, não institui valores hierarquizados aos conhecimentos (nem às escrevivências *outras*) e ao passo que dialoga com a tradição, também a rechaça. De modo semelhante às considerações de Walter Mignolo no “Prefácio” de *Histórias locais/projetos globais* (2003), Silviano transita desde os saberes ditos popularescos próximos às conversas informais e a cultura de massa até os espaços constituídos, por exemplo, por plêiades de escritores/intelectuais inseridos na tradição/cânone, tais como: Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. O mineiro, denominado intelectual anfíbio por Denilson Lopes, seduz públicos diversos ao embaralhar

[2059] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 31.
[2060] ANZALDÚA. *Borderlands,* p. 35.
[2061] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 136.

referências promovendo uma política do fragmento. Não se lê Silviano nem com, nem contra, mas *entre*[2062]:

> Silviano pula de uma posição a outra, quebrando expectativas. Como se dissesse onde queres Derrida sou Minas Gerais, onde queres cultura, sou literatura, onde queres Mário de Andrade, sou pós-modernidade [....] Ou tudo ao contrário e ao mesmo tempo. Trânsito entre saberes, linguagens, conceitos e perspectivas teóricas. Trajetória errática e múltipla entre o desejo de estar no seu tempo e abrir, refazer tradições. O entre-lugar [sic] é espaço concreto e material, político e existencial, local, midiático e transnacional de afetos e memórias.[2063]

Onde queres Zeca, sou Silviano. Onde queres Silviano, sou Pedro. Esse caráter (trans)formacional, na completude da diferença de nossas vidas, se sustenta também no que endossa minha jornada enquanto pesquisador em constante mutação além de, sobretudo, atravessar minha identidade como sujeito homossexual que vive, sente e rivaliza a existência a partir de um corpo fronteiriço homo-biográfico – extrínseco à lógica colonial, patriarcal e heteronormativa – em um estado conservador, latifundiário e sanguinolento localizado no biolócus sul-mato-grossense e fronteiriço. Mignolo assevera: "O mundo moderno vem sendo descrito e teorizado de dentro do sistema, enquanto a variedade das experiências [...] vem sendo simplesmente anexada [...]"[2064] e Pessanha complementa:

> Mas se a metafísica da presença pensou apenas o *Dentro*, devemos, agora, a começar a pensar o *Fora.* E devemos fazê-lo não porque isso seja apenas uma novidade ou um pensamento diferente no mercado das ideias. Não: pensar o Fora [...] [é] operar uma mutação na nossa maneira de existir. Somos, hoje, eticamente forçados a pensar diferente, porque estamos, pela primeira vez, numa situação capaz de perceber a violência e a agressão que dormitavam no pensamento metafísico.[2065]

A exterioridade, portanto, se apresenta como um lugar posto em nós, em nossos corpos homo-biográficos, em nossas reflexões epistêmicas e, sobretudo, em nossos projetos *homo-bio-ficcionais*. Silviano pensa, produz e escreve a partir de uma consciência que se abre para uma possibilidade descolonial crivada e subsidiada por

---

[2062] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 29.
[2063] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 28.
[2064] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 09.
[2065] PESSANHA *apud* NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 48.

uma escrevivência de homem *ga*y erigindo suas produções à luz das suas sensibilidades, do e seu biolócus e do seu próprio corpo homo-biográfico tal qual fazemos nós, críticos biográficos fronteiriços, que pensamos, sentimos e falamos de um lugar *outro*, subalterno e marginalizado. O arquivo que persigo é, essencialmente, da ordem da exterioridade, do *Fora*.

Nasci nos arrabaldes da fronteira-sul quase que já existindo a partir da falta. Venho ao mundo dois meses antes da morte do meu progenitor, isto é, do meu pai. Distancio-me para me aproximar. Herdo essa herança, essa falta. Assim como fizera Silviano a partir da morte de Zeca decorrente ao tumor cerebral. De maneira simbiótica, Silviano perde o biógrafo, eu perco meu pai, ninguém me conheceu melhor que ele. A princípio, a Zeca foi delegado o manejo hábil da *lâmina*[2066] arquiviolítica que dissecaria e revelaria o cadáver e a intimidade de Silviano através da palavra biográfica (des)arquiviolítica.

Contudo, antes do encerramento não-acabado da biografia, visto que esta nunca se completa/totaliza e é caracteristicamente lacunar, Toninho – apelido carinhoso dado por Zeca à doença – carrega o então biógrafo para a sobrevida. Sobrevida por Zeca morrer ontologicamente, mas existir enquanto espectro para Silviano. Segundo Juliano Garcia Pessanha, *ninguém existe sem seu animador*[2067]. Por isso, Zeca existe e sobrevive a partir da escrevivência de Silviano. Através do nome, da memória e da escrevivência, Zeca existe tanto em Silviano quanto Silviano sobre-existe em mim.

No âmbito desse contexto arquiviolítico do *Fora*, posso pensar, na esteira do pensamento de Edgar Cézar Nolasco, no arquivo da exterioridade que se volta para

[2066] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 10.
[2067] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 45

Silviano na mesma medida em que retorna a mim: ambos sujeitos homo-biográficos da exterioridade exumando memórias esquecidas/esfumadas pelos projetos globais, pela interioridade, como a morte de um amigo-amante homossexual ou o meu nascimento nos arrabaldes da fronteira-sul também atravessado pela falta. Edgar Cézar Nolasco ressalta:

> [...] o arquivo da exterioridade, por sua vez, evoca a possibilidade de uma epistemologia outra, como forma de melhor nos aproximar e tratar do que se encontra 'esquecido' dentro dele, visando tratar daquilo que foi deliberadamente criado pela interioridade do pensamento ocidental moderno, a exemplo das narrativas das memórias subalternas e das histórias locais enterradas vivas no mundo sombrio da exterioridade.[2068]

Tal qual explicitei anteriormente, Jacques Derrida menciona a exterioridade em *Mal de arquivo*, todavia, o exterior o qual o filósofo europeu endossa não é o mesmo que angario em minhas escrevivências crítico-biográficas fronteiriças: "Não há arquivo [...] sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior."[2069]. Diante do já explicitado, o biolócus de onde angario minhas reflexões críticas está para além das *linhas abissais*[2070] criadas pela interioridade ocidental moderna, uma vez que escre(vi)vo alicerçado por sensibilidades homo-biográficas erigidas a partir da fronteira-sul, geoistórica e epistêmica, de um biolócus subalterno e periférico. Além de, sobretudo, *tratar demoradamente e viver a vida*[2071] de um divíduo também homossexual sob a pluma de um projeto *homo-bio-ficcional*.

Trato, portanto, daquilo que não foi considerado pelo arquivo da interioridade ocidental que sempre contemplou apenas narrativas de homens brancos, burgueses e heterossexuais sustentadas enquanto temática "universal" dos estudos de literatura e subsidiadas pela falácia de que *estas histórias* davam conta de *narrar todas as histórias.* Assumo a posição de (des)arconte fronteiriço para exumar a nossa (a minha

[2068] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 79.
[2069] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 22.
[2070] Cf. o ensaio "Para além do pensamento abissal" de Boaventura de Sousa Santos.
[2071] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 37.

e a de Silviano) escrevivência dividual homo-biográfica fomentada por uma epistemologia fronteiriça como única saída crítica possível para dar conta dessas sensibilidades *outras*:

> Se coube tão somente aos guardiões do saber moderno *interpretar* o arquivo (pensamento) moderno, reafirmo eu agora que cabe aos sujeitos excluídos o direito epistêmico de "interpretar" o arquivo da exterioridade, uma vez que este sujeito provocou uma "desobediência epistêmica" e assumiu uma "opção descolonial" criando, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça cuja única perspectiva é a que permite olhar de-dentro de tal arquivo.[2072]

A minha epistemologia, o meu arquivo e o meu corpo político são ressonâncias escreviventes de um divíduo que escre(vi)ve a partir da exterioridade. A tentativa de consignação do meu arquivo dividual é atravessada por um arquivo de sujeitos excluídos e ignorados pelos arcontes e guardiões do pensamento[2073] e das narrativas modernas ocidentais depositadas na escuridão do exterior enquanto escrevivências construídas para serem colonizadas, eliminadas, excluídas e rechaçadas. Sofro de um mal de arquivo descolonial e da exterioridade ao tentar resgatar minha história homo-biográfica e, à luz de Silviano, nossas histórias. Em vista disso, percebo que dentre as temáticas consignadas em nosso arquivo da exterioridade, o qual descortina essas *memórias roubadas*, estão o vazio, a perda e a sombra fantasmagórica da morte que assola tanto a mim quanto ao meu mineiro:

> Diante do sofrimento confidenciado pela agonia silenciosa, pergunto-me se a lentidão que retarda o último dos últimos batimentos cardíacos não é uma pirraça sentimental do corpo. [...] À espera da morte, a paralisia progressiva dos gestos e dos órgãos humanos não é a forma mais desconcertante e derradeira da birra que ele buscava e encontrava para se despedir de mim em superioridade e adeus para todo o sempre? *A alegria é uma apenas uma confusão do passado. Depois que se é feliz o que acontece? [...] Toninho me fez perder o biógrafo.*[2074]

*Depois que se é feliz o que acontece?*, confidencia o narrador das *Mil rosas roubadas*. Com isso, sob o alicerce da perda, a suposta ausência do amigo-biógrafo-

[2072] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 80.
[2073] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 80.
[2074] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 11, grifos meus.

morto se funda enquanto presença ou cria um novo tipo de presença – da ordem do espectro, da sobrevida. O *discurso do epitáfio*, conforme Jacques Derrida e Francisco Ortega, se presentifica e Silviano ama o amigo além da vida e da morte o tomando como imagem/cópia de si tal qual eu quero e preciso fazer sob a égide da herança recebida e tornada viva. A ausência se torna presença e, com isso, perde o valor, *a priori,* de ausência. A morte se explicita como reveladora do nome próprio e da escrevivência, consta-se o nome que pode sobreviver ao ser repetido na ausência, no espectral através da tentativa de consignação/reunião de um arquivo da exterioridade homo-biográfica.

Rosa Montero possibilita que "a gente sempre escreve contra a morte."[2075], entretanto, como poderíamos eu, nascendo e existindo a partir da morte de meu pai, e Silviano (des)arquivando e perturbando seu arquivo derivado de uma pulsão de morte, de uma presença na ausência, sofrendo de um mal, não escrevermos a favor da morte? Através de nossas sensibilidades biolocais de sujeitos da exterioridade crivada pela *diversalidade*, entendo que Silviano e eu sofremos do mal da falta, da perda. Mas, ao mesmo tempo, compreendo que sem essa sombra nebulosa, nada desta escrevivência espectral existiria, tampouco, o (des)arquivamento de minhas/nossas memórias (roubadas). Existimos pela perda. Apropriamo-nos de um desassossego, de uma procura de um arquivo que se esconde, de um segredo para propormos invenções críticas. Ganhamos em cima, sobre e a partir da perda. O que nos mantém vivos é a pulsão de morte, *a morte nos açoita*[2076]. Atravessados por essas sensibilidades biográficas funéreas, entendemos o mal de arquivo:

> [...] pode[ndo] significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome 'mal' poderia nomear. [...] É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele

[2075] MONTERO. *A louca da casa*, p. 15.
[2076] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 56.

> se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem [...] uma saudade de casa [...] nenhum 'mal-de', nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou de outro, não está já com mal de arquivo.[2077]

Eneida Maria de Souza ressalta que se projetar na imagem fantasmagórica do outro[2078] consiste na escolha da literatura como destino e a vida como ficção. Projeto-me no espectro de Silviano como uma decisão em que escolho e sou escolhido. Metaforizo-me em entomologista para espetá-lo e dissecá-lo como uma borboleta-azul que, por um exercício de transferência, faz parte de mim, pesquisador homo-biográfico e fronteiriço, tomado pela liberdade crítica descolonial da ordem da diferença estabelecida pelo biolócus o qual ensejo meu discurso (des)arquiviolítico.

Sendo assim, Silviano passa de analisando a analista da vida do outro, todavia, ao fazê-lo, delineia uma (auto)biografia ficcional/ensaísta/intelectual através do (des)arquivamento de suas memórias. O mineiro de Formiga, assim como a minha postura enquanto *sujeito suposto saber*[2079], não sonega informações do seu *bios*, este executa seu exercício (des)arquiviolítico para lidar com a perda de um amigo, de um amor. O traço biográfico de Silviano vem acompanhado da lembrança da perda, da morte, assim como da (quase) superação e do distanciamento. Há um desejo de presença e de conservação[2080] que não se deixa tocar pela sombra perturbadora da morte. Nossas vidas se refazem sob o crivo da falta, da perda. A minha, pela do meu pai meu interlocutor espectral. A de Silviano, pela de Zeca, seu amor, amigo e quase-biógrafo.

É tomado por esse vazio, pelo argumento da falta e pela simbiose dividual entre mim e Silviano que ganho crítico-biograficamente. A partir do imbricamento de Silviano

---

[2077] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 118.
[2078] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 79.
[2079] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.
[2080] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 374.

em mim e de mim em Silviano, crivado pela abertura de nosso arquivo homo-biográfico da exterioridade, entendo que há uma *cumplicidade (des)arquivística*[2081] que nos enlaça enquanto amigos políticos. Há um *desejo de memória*[2082] que nos perturba tal como o sintoma, o sofrimento e a paixão do mal de arquivo. Aproprio-me das faltas *homo-bio-ficcionais* de Silviano assim como o mineiro se utiliza das minhas. Tento (des)arquivar nossas *Mil rosas roubadas* através de um recalcamento que clama por um desejo de memória, de consignação e de reunião arquivística. Reinaldo Marques no ensaio "O arquivamento do escritor" (2003) afirma:

> É interessante observar como um alimenta o arquivo do outro, enviando recortes de jornais com as publicações do amigo, entre outras coisas. São várias as cartas em que acusam e agradecem o recebimento desses recortes. E tal envio constitui a prova do apreço, de amizade, contrapondo-se aos períodos de silêncio, indiciador do esquecimento, quando prolongados. Assim, prover o arquivo do outro com tais recortes, e outros materiais, a par de afirmar a estima do amigo distante, suplementa uma memória alheia, de outrem. *Trata-se uma dupla operação de arquivamento, por meio da qual o escritor executa uma série de práticas arquivísticas, constituindo arquivos literários e, ao mesmo tempo, se arquiva. Constrói sua imagem de autor e preserva a memória de sua formação e relações afetivas e intelectuais.*[2083]

No fragmento aposto, Reinaldo Marques discorre sobre a relação entre Carlos Drummond de Andrade e Abgar Renault, contudo, entendo que subsidiado pela crítica biográfica fronteiriça, tal cumplicidade (des)arquivística também se estende à minha escrevivência dividual. Eu roubo as memórias *homo-bio-ficcionais* de Silviano *sub judice* da herança que me foi dada sem direito de escolha, mas, que pela via do exercício (des)arquiviolítico, a mantenho viva por meio da minha escrevivência homo-biográfica.

Busco preservar nossas *Mil rosas roubadas* vivendo-as não apenas epistemicamente, mas como elemento que constitui meu corpo político homo-biográfico da exterioridade e minha sobrevida. Vivo a minha/nossa vida para além da

[2081] MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 141.
[2082] MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 142.
[2083] MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 142, grifos meus.

própria vida (e da morte). Torno públicas minhas *razões de princípio e de coração*[2084] ao (des)arquivar Silviano Santiago me arquivando e me (des)arquivando através de uma dupla relação simbiótica homo-biográfica. Busco, incessantemente, preservar sua/nossa memória ainda que nem sempre se faça possível. Nesse contexto sensível-epistêmico, recorro a uma foto (Figura 30) minha na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte, datada de maio de 2019, para tornar público parte do meu/nosso arquivo homo-biográfico:




FIGURA 30 – Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte, 2019
Fonte: acervo pessoal

Drummond e Renault, segundo Reinaldo Marques, construíam sua cumplicidade arquivística por meio de correspondências e da compulsão de arquivar

[2084] Cf. o ensaio “Políticas da crítica biográfica” de Edgar Cézar Nolasco.

papéis, recortes de jornais, cartas, bilhetes e cartões-postais um do outro. À semelhança na diferença, inscrevo minha paixão, desejo de memória e compulsão de arquivar (e de (des)arquivar) em meu fazer intelectual ao me dedicar à manutenção da herança de Silviano e de seu projeto *homo-bio-ficcional* vivos a ponto de, sustentado por um direito epistêmico o qual construí para mim, me inserir, de maneira dividual, naquilo que, *a priori*, não me pertencia. Alimento o arquivo de Silviano e sou munido por ele. Há uma dupla operação de (des)arquivamento em nossa relação sensível-epistêmica dividual.

Dessa forma, imbricado pelas compreensões incutidas na relação Drummond-Renault, entrevejo que a foto (Figura 30) reproduzida acima torna pública minha simbiose *homo-bio-ficcional* com Silviano, na medida em que sou afetado por suas memórias (roubadas) e também afeto-as. Com isso, 67 anos após a Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte servir de palco para a aproximação e amizade política/relacionamento de Ezequiel Neves e Silviano Santiago, aproprio-me empiricamente desse espaço na tentativa de mantê-lo vivo por meio da minha escrevivência e de tornar público aquilo que me afeta enquanto pesquisador. Metaforicamente, insiro-me no arquivo homo-biográfico da exterioridade que as *Mil rosas roubadas* propõem quando as (des)arquivo a partir da posição de arconte fronteiriço homo-biográfico que recebi, assumi e construí para mim. Aos olhos de um leitor ingênuo, estou sozinho na foto supracitada, contudo, os espectros que criei para mim estão lá; eles me açoitam e permanecem de pé ao meu lado. Sobre a Praça Sete, *Mil rosas roubadas* elucidam:

> Na praça Sete, onde nascemos um para o outro em 1952, os vários riachos de gente que ali deságuam desaceleram, retardam o passo, como que descansam e suspiram, e voltam a fluir pelos oito escoadouros das ruas que partem dela. A praça circular serve de peneira natural, propícia ao momento-chave no uso da bateia pelo garimpeiro. Pela configuração geográfica, ajuda a selecionar o material humano visível. Ajuda a distinguir o indivíduo que vale

> a pena ser examinado de perto. [...] *Revejam os dois rapazes até então desconhecidos à espera do bonde Calafate*.[2085]

A circunstância da foto (Figura 30) se circunscreve justamente no ato de manter a herança viva, (des)arquivando-a epistemicamente. A razão da minha ida a Belo Horizonte (nos anos de 2018 e 2019, ainda que a foto seja de 2019) se justifica pela participação em um determinado congresso na UFMG, o qual me debrucei *sobre e a partir* do projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano e das nossas *Mil rosas roubadas,* para cumprir necessidades institucionais atribuídas àqueles que ensejam uma carreira acadêmica. Sinto-me como uma borboleta-azul (trans)fronteiriça que, cada vez mais, alça voos epistêmicos mais e mais altos a partir da fronteira-sul que me habita e da herança de Silviano a qual tornei pública. Reinaldo, no plano dos arquivos literários, afirma:

> Esse olhar de outrem que perpassa a construção dos arquivos literários destaca o papel do destinatário, ao zelar pelas memórias e lembranças alheias, suplementando a memória do outro. Indica que os arquivos dos escritores tendem a extrapolar o domínio do propriamente privado, ganhando a cena pública e solicitando a atenção de leitores e pesquisadores. Pesquisadores estes aos quais, como destinatários virtuais dos arquivos literários, caberá continuar cuidando da memória do escritor, preservando sua obra e vivendo uma memória vicária. [...] Arquivando, o escritor deseja escrever o livro da própria vida, da sua formação intelectual [...][2086]

Há uma extrapolação do arquivo de Silviano intermediada pelo meu crivo de pesquisador biográfico fronteiriço e amigo-político-amante. Eu me inscrevo de maneira dividual nesse arquivo tornando nossas vidas matéria sensível-epistêmica pública. Para Arfuch, o arquivo transforma o privado em público "[...] joga com a revelação do segredo, aquilo que se esconde em uma fotografia, uma dedicatória, uma linha de texto, uma carta [...]"[2087]. Ademais, Maria José Coracini expõe que uma foto ou um livro podem constituir um arquivo na tentativa de congelar uma imagem ou um acontecimento[2088] e, por sua vez, lembranças. Congelo, portanto, empiricamente,

---

[2085] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 104-105, grifos meus.
[2086] MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 149.
[2087] ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 378.
[2088] CORACINI. A memória em Derrida, p. 130.

minha rápida passagem na Praça Sete em Belo Horizonte, mas duradoura no plano discursivo-epistêmico.

Posto isso, ao arquivar/(des)arquivar nossa vida, possibilito um ato de forjar uma imagem íntima de nós mesmos contrapondo-a à imagem social já estabelecida[2089], o arquivamento do eu/nós é uma *prática de construção de nós mesmos e um ato de resistência*[2090]*.* Ao nos (des)arquivarmos, manifestamos um desejo de memória o qual ensejamos vencer o tempo nos colocando vis-à-vis ao *mal de arquivo*, ao esquecimento, à anamnese biográfica e à pulsão de morte. Conforme Elisabeth Roudinesco explicita em *A análise e o arquivo* (2006): “Freud levava com ele sua biblioteca, objetos, móveis, cartas e manuscritos: *vestígios e lembranças de uma vida inteira*.”[2091]. Levo comigo, portanto, minhas *Mil rosas roubadas*, meu amigo político Silviano e minhas borboletas-azuis espetadas em alfinetes *homo-bio-ficcionais*.

[2089] MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 147.
[2090] ARTIÈRES *apud* MARQUES. O arquivamento do escritor, p. 149.
[2091] ROUDINESCO. *A análise e o arquivo*, p. 20, grifos meus.

### 2.2.1 – Notas sobre um arquivo *outro*: Silviano e a emergência de um pensamento latino-fronteiriço

> Na América Latina, há diferenças em relação à Europa e ao Primeiro Mundo. *Como pensar o arquivo a partir da diferença colonial?*
>
> PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 353, grifos meus.
>
> O *paradigma outro* é, em última instância, o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares os quais a expansão imperial/colonial negou a possiblidade de razão, de pensamento e de pensar o futuro. É *paradigma outro* em última instância porque já não pode se reduzir a um paradigma mestre, a um paradigma novo que se autoapresente como a nova verdade. A hegemonia de um *paradigma outro será, utopicamente, a hegemonia da diversalidade, isto é, da diversidade como projeto universal* [...]
>
> MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 23, tradução e grifos meus.

É à luz de um paradigma *outro*[2092] endossado pelo viés crítico-biográfico fronteiriço permeado pelas epistemologias do Sul global-metafórico e pela injunção descolonial que este subtítulo e, especialmente, estas notas sobre um arquivo *outro*, latino-biográfico-pessoal-íntimo-literário-sensível-afetivo-crítico, delineiam-se. Dada essa premissa, o arquivo aqui encenado criticamente se interpela pelas relações biolocais (*bios* + lócus) entre as minhas sensibilidades e histórias locais de pesquisador homossexual que (sobre)vive, habita, sente, pensa e escre(vi)ve *a partir* da exterioridade com as vicissitudes e particularidades bio-geo-epistêmicas de Silviano Santiago, escritor e ensaísta mineiro presente no bojo da minha empreitada teórica-afetiva desde 2017, ano em que comecei a me debruçar sobre seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* na seara do romance *Mil rosas roubadas* (2014). Dito isso, como condição *sine qua non*, a leitura *outra* proposta se embasa no plasmar de um lócus biográfico-descolonial-fronteiriço a fim de pensar a noção de arquivo para além da visada hegemônica do *Mal de arquivo* (2001) de Jacques Derrida tomando por base o engendramento das diferenças coloniais[2093] pulsantes e latentes no(s)

[2092] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 23.
[2093] PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 353.

arquivo(s) latino-fronteiriço(s) emergente(s) da(s) exterioridade(s) do saber, do sentir e do pensar.

Nesse intento, entrevejo que a possibilidade de pensar um arquivo exclusivamente derridiano, posto no si-mesmo, na interioridade e alocado nas articulações europeias/estadunidenses não se sustenta mais dada a emergência e a potência epistemológica dos saberes latinos-fronteiriços os quais, à revelia das *epistemes* modernas, são erigidos *a partir* (e não mais sobre) das vicissitudes biolocais dos habitantes do Terceiro Mundo geoistórico e epistêmico, bem como das suas sensibilidades e histórias locais abalizadas em um paradigma *outro*, não-moderno por excelência. Todavia, julgo necessário pontuar que isso não quer dizer desconsiderar, excluir ou apagar (?) o já institucionalizado; pelo contrário, busco des-aprendê-lo e teorizá-lo de modo *outro* na esteira dos fragmentos do arquivo conceitual latino[2094] por vias das *teorizações* descoloniais/fronteiriças de desprendimento[2095].

Para tal, minhas reflexões concernentes a um arquivo *outro*, tomado pela presença discursivo-espectral-latina de Silviano Santiago, se desenvolverão sob a pluma da crítica biográfica fronteiriça cunhada por Edgar Cézar Nolasco pela confluência dos estudos descoloniais/fronteiriços com a crítica biográfica, isso é, pela presença constante do *bios* + lócus dos sujeitos na cena teórico-epistemológica. No tocante aos conceitos utilizados, valer-me-ei, essencialmente, do desprendimento, do ser colonizado, da diferença colonial, do papel do intelectual, do arquivo latino e do paradigma *outro*. À vista disso, angario, com base nas conceituações mencionadas e nos fragmentos que epigrafam esse subtítulo, pensar uma noção *outra* de arquivo vertida *a partir dos* grilhões das diferenças coloniais que grassam no mundo e habitam

[2094] PALERMO. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latinoamericano a fines del siglo XX, p. 217.
[2095] MIGNOLO. Prefacio, p. 07.

pessoas, sensibilidades, lugares, histórias locais, sobrevivências, saberes, linguagens, literaturas e artes aquilatados na contracorrente do universalismo hegemônico-abstrato apontado acima pelo intelectual argentino Walter Mignolo.

Assim, diferentemente do que as *epistemes* modernas/colonialidade (faces de uma mesma moeda) vêm realizando de maneira sucessiva, o corolário de um arquivo *outro* evocado por mim não almeja *se reduzir a um paradigma mestre/novo autoaprensentando uma nova verdade*[2096], mas, sim, abrir-se para uma articulação que leve a cabo a *diversalidade como projeto universal*[2097]. Nesse ínterim, a busca/perseguição, para utilizar, pelo pluriverso, uma expressão cara a Derrida, de um arquivo *outro*-latino deve primar por práticas de desobediência epistêmica, opção descolonial e desprendimento, na medida em que as formas de conhecimento postos-vertidos nos arquivos ocidentais/ficções modernas[2098] não dão conta de acessar as particularidades e as celeumas coloniais-biolocais dos habitantes da(s) exterioridade(s), tal qual as minhas e as de Silviano enquanto intelectuais homossexuais e terceiro-mundistas que escre(vi)vem re-existindo *a partir dos* trópicos tupiniquins das fronteiras geoistóricas e, primordialmente, epistemológicas dos *loci* e dos saberes. Partindo dessa óptica, se o ponto fulcral do arquivo derridiano compete a uma série de impressões, entrevejo, portanto, que essas se designam terminantemente aos que não experienciaram no corpo, no saber, no sentir e no pensar a colonialidade do poder e as marcas das diferenças coloniais responsáveis por (de)marcar e (re)criar a(s) exterioridade(s). Segundo Derrida:

Desse prisma, pelo crivo do pensamento de Mignolo e do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano que (des)arquiva, à sua maneira, as diferenças coloniais

[2096] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 23.
[2097] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 23.
[2098] MIGNOLO. Prefacio, p. 07.

atribuídas à literatura brasileira/América Latina e, por sua vez, aos latinos, brasileiros, terceiro-mundistas, homossexuais, *queer*, corpos performático-inconvenientes, exilados etc., endosso a emergência de *nos desprendermos das ficções* (e impressões/noções) *perpetradas e naturalizadas pela matriz moderna e colonial de poder através dos liames de um pensar descolonial que converte em projeto e processo essa prática teórica outra*[2099]. Conforme o argentino expõe, a meia-face da modernidade, a colonialidade, (re)produz diversas feridas coloniais, sendo essas, dentre outras, patriarcais (reguladoras dos gêneros e das sexualidades) e racistas as quais, segundo ele, *narcotizam o pensamento*[2100]. Diante desse cenário, questiono-me, frente à conceituação arquivística/arquiviolítica de Derrida, até onde tais impressões e noções, contaminadas pela supremacia universalista-monotópica abstrata dos saberes modernos, conseguem acessar no que convém ao plasmar dos nossos (Pedro/Silviano) corpos/mentes/sensibilidades colonizados(as). Existimos, pensamos, produzimos e escre(vi)vemos homo-biograficamente *partir* das margens, bordas e periferias porosas-fronteiriças brasileiras/latinas de Campo Grande (MS) e do Rio de Janeiro (RJ), cidade onde o mineiro atualmente reside.

Desse modo, no bojo das impressões/noções de Derrida, há espaço para as feridas coloniais (sexuais, biolocais, epistemológicas) abertas, e ainda sanguinolentas, deixadas pelos europeus? Pelo imbricar do pensamento crítico-biográfico fronteiriço arraigado ao meu ser-pesquisador, acredito que não. A proposta de um arquivo *outro* deve primar pela urgência de *pensar em/a partir das fronteiras*[2101] geoistórico-epistêmicas, das sensibilidades, desejos, afetos, ausências e presenças intrínsecas aos *loci* biolocais daqueles que se propõem a pensar/escre(vi)ver não mais

[2099] MIGNOLO. Prefacio, p. 07.
[2100] MIGNOLO. Prefacio, p. 07.
[2101] MIGNOLO. Prefacio, p. 08.

*sobre* os outro(s), mas, sim, *a partir* de si mesmo como ponto de partida para qualquer reflexão de cunho epistemológico. Na contracorrente de diversas plêiades de intelectuais brasileiros que ainda insistem em replicar, à exaustão, as teorias e paradigmas viajantes/itinerantes modernos e hospedá-los (sem transculturá-los) nos trópicos, Silviano *abre a caixa de Pandora* latino-fronteiriça ao desarquivar as diferenças coloniais responsáveis por (de)marcarem os corpos e os saberes enquanto inferiores e até mesmo inexistentes, tal qual se deslinda em "O entre-lugar do discurso latino americano" (1978) no tocante às idiossincrasias coloniais no Brasil e na América Latina, em "Inconveniências do corpo como resistência" (2019) pela insígnia do corpo-performático-inconveniente de Ney Matogrosso ou até mesmo com os romances *Stella Manhattan* (1985) e *Mil rosas roubadas* (2014) ao evocar, no seio da tradição literária brasileira, a presença de personagens *queer*, homossexuais e (trans)fronteiriços que corroboram a possibilidade de um esboroamento/esfacelamento da narrativa heterossexista-patriarcal.

Isso claro, compreendo que a percepção de um arquivo *outro*, atravessado pela emergência do pensamento latino-fronteiriço, deve levar em consideração aquilo que o intelectual palestino Edward W. Said conclama de *paisagem imperial*[2102], ou seja, *as nossas relações com os outros* (com a(s) exterioridade(s), da minha óptica), *outras culturas, Estados, histórias, experiências, tradições, povos e destinos*[2103]. Esse paradigma *outro* aposto na perspectiva de um arquivo da exterioridade não pode se aquilatar à revelia e/ou extrínseco às relações concretas existentes, ainda na esteira do palestino, entre *culturas, potências imperiais, não-imperiais*[2104] e, ainda, das histórias locais e sensibilidades que fundamentam os sujeitos. Dessa forma,

[2102] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 126.
[2103] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 123.
[2104] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 126.

conclamar as impressões/noções arquivísticas/arquiviolíticas: “Sozinhas e sem o reconhecimento da experiência colonial, diz Fanon, as narrativas ocidentais e iluminação e emancipação revelam-se uma hipocrisia fútil, e o pedestal greco-latino se reduz a pó”[2105]. Intento, portanto, que o mal sofrido pelo arquivo derridiano é radical e altamente moderno[2106] não encampando os males que os sujeitos colonizados e, por extensão, seus/nossos arquivos da(s) exterioridade(s), padecem.

Pluriversalmente, o arquivo *outro*, da exterioridade, latino e terceiro-mundista o qual estou propondo à guisa das minhas/nossas (Pedro/Silviano) *bios*-epistêmico-geoistoricidades compreende o meu/nosso lócus de enunciação crítico-fronteiriço pela insígnia de um arquivo vivo e aberto evocando a possibilidade de uma *teorização outra como forma de melhor compreender nossos corpos e mentes “esquecidos” e/ou desconsiderados pela episteme e arquivo modernos*[2107]. Said me é necessário para descortinar que a nossa experiência de sujeitos colonizados, dependentes, subalternos e súditos do Ocidente não se findou: “[...] quando o último policial branco partiu e a última bandeira europeia foi arriada. Ter sido colonizado era [é] uma sina com consequências duradouras, injustas e grotescas [...]”[2108]. Assim sendo, o arquivo *outro*, da exterioridade, é aquele que, sobremaneira, desobedece aos estigmas de inferioridade[2109] incutidos em seus proponentes por uma injunção de optar por ser, estar, pensar e escre(vi)ver descolonialmente, pois, para o intelectual palestino, *ser um dos colonizados significa ser demasiadas coisas diferentes, em diversos espaços e momentos*, *todavia, sempre inferiores*[2110].

---

[2105] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 134.
[2106] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 78.
[2107] NOLASCO. Habitar a exterioridade da fronteira-sul, p. 79.
[2108] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 115.
[2109] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 116.
[2110] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 116.

Entremeado por essa postulação, concebo que na mesma medida em que não há disciplina, *episteme*, instituição ou conhecimento extrínsecos aos grilhões das formulações socioculturais, históricas e políticas[2111], esses, por sua vez, também não se encontram exteriores à fomentação dos arquivos, em especial, aqueles projetados *a partir* das fronteiras dos espaços, teorias, disciplinas, sensibilidades e corpos-*corpus outros*. Para o ideário moderno/colonial, há uma resistência de reconhecimento das contemporaneidades dos povos e dos saberes erigidos pelos colonizados extinguindo a possibilidade de co-existência simultânea entre a interioridade e a(s) exterioridade(s), pois, para Adolfo Albán Achinte, *nem todos podem caber/estar no mesmo tempo, mesmo que estejam compartilhando os mesmos espaços*[2112]. Nesse cenário, conforme Achinte explicita, a América Latina, e estendo a reflexão para o arquivo dessa, foi convertida em *receptáculo das tendências, discursos e produções do Primeiro Mundo europeu e norte-americano que, por sua vez, impediam o reconhecimento das dinâmicas que aqui se desenvolviam*[2113]. Dada essa compreensão, é papel e tarefa de um pesquisador aquilatado no viés fronteiriço-descolonial trazer à baila injunções que proponham *modus operandi e vivendi outros* de pensar seus próprios arquivos desprendidos das amarras do Ocidente europeu-estadunidense.

Estabeleço, então, uma articulação (des)arquivística e (des)arquiviolítica através não só de uma epistemologia *outra*, mas, ademais, por meio das artes, literaturas e linguagens latino-brasileiras não mais mediadas pela ficção da universalidade ocidental, a qual rechaçou e deixou de lado as especificidades[2114] das histórias locais, corpos e sensibilidades terceiro-mundistas. Tal qual elenquei *a partir*

[2111] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 120.
[2112] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 85.
[2113] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 88.
[2114] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 88.

de Silviano, há que se promover noções e impressões *outras* de um arquivo latino-fronteiriço que contemple em seu bojo as *diversalidades* de pensamentos, opções de vidas, modos demasiados *de fazer, sentir, atuar e pensar de nosso tempo*[2115]. Ainda no intento das particularidades desse arquivo *outro*, faz-se impossível pensá-lo extrínseco à ferida colonial deslindada por Mignolo na esteira de Gloria Anzaldúa. Em linhas gerais, a ferida colonial aberta em nossos corpos, mentes e saberes *é quem perpetua a lógica histórica (im)posta pela colonialidade do poder sendo essa o dispositivo que (re)produz a diferença colonial*[2116]. Além disso, classifica, através de definições valorativas, populações e conhecimentos, sobretudo, periféricos/marginais, no que tange às suas deficiências e/ou excessos em relação àquele que tomou para si o papel assimétrico-hegemônico de poder classificar[2117].

Para a intelectual argentina Zulma Palermo, a diferença colonial, correlata à ferida colonial, é uma lógica operante, ao mesmo tempo, em níveis que se estendem desde os poderes político-econômicos até as subjetividades/sensibilidades incluindo, nessa plêiade de classificações assimétricas, questões étnicas, sexuais e de gênero[2118]. Palermo reitera, ainda, que tais estigmas (incutidos aos *outros* da(s) exterioridade(s) pelo *si-mesmo* da interioridade) corroboram a própria colonialidade do conhecimento e o ideal universalista de que só há *uma maneira de habitar o mundo*[2119] e, do meu ponto de vista, apenas um modo de constituir arquivos. Na contracorrente dessa formulação colonial-moderna-imperialista, angario que há demasiadas, pluri-versais e *diversais* maneiras de (sobre)viver no planeta e, mais ainda, de escre(vi)vê-lo pela simultaneidade de arquivar-desarquivar existências,

[2115] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 89.
[2116] PALERMO; SIÑANIS. Heterogeneidad estructual y re-existencia en la escucha, p. 108.
[2117] PALERMO; SIÑANIS. Heterogeneidad estructual y re-existencia en la escucha, p. 108.
[2118] PALERMO. Una violencia invisible, p. 82.
[2119] PALERMO. Una violencia invisible, p. 83.

sensibilidades e saberes *outros*, da forma que venho propondo à luz do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano não apenas nesse texto, mas, na totalidade das minhas produções conceituais desde 2017 ainda na Iniciação Científica.

Nesse sentido, Said, mais uma vez, me é necessário para deslindar o paradigma *outro* impresso nas produções de Silviano Santiago, haja vista que o escritor e ensaísta não se utiliza, exclusivamente, dos empréstimos da teoria literária e da história[2120] desconsiderando os bordejos e os tracejados de questões políticas[2121]. Silviano não se mune apenas de teorias estéticas e analistas unicamente assentadas em uma *poiésis* clássica descorporificada; pelo contrário, incute um roçar e um (des)arquivar entre o seu próprio corpo homossexual, latino, brasileiro, mineiro e o seu *corpus* postos e *desnudados* em um espaço público que é tão biográfico quanto geoistórico-epistemológico. Para o crítico palestino, "[...] as narrativas ou são políticas e ideologicamente admissíveis, ou não o são."[2122]. Não basta viver entre fronteiras e/ou no Terceiro Mundo para se pensar de maneira *outra*, por isso, delineio que Silviano traz para si a (auto)consciência das diferenças coloniais incutidas em seu/nossos corpos e mentes e, por meio delas, (des)arquiva, *a partir* dos trópicos, suas articulações epistêmicas e literatura conscientes da condição de *estranho, um outro não-europeu*[2123] que, à revelia, lhe impuseram.

Em *Representações do intelectual* (2005), Said estabelece que é papel do intelectual *derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que limitam o pensamento humano e a comunicação, ele deve ser um outsider que perturba o status quo*[2124]. Trazendo, novamente, essa premissa para o posicionamento *outro* de

[2120] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 131.
[2121] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 131.
[2122] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 132.
[2123] SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 305.
[2124] SAID. *Representações do intelectual*, p. 10.

Silviano, compreendo que o mineiro além de perturbar a putrefação do *status quo* da classe média brasileira, (des)arquiva, pela égide do entre-lugar e do pós-colonialismo no tocante à literatura brasileira[2125], as problemáticas coloniais-culturais que ainda grassam e (sobre)vivem não apenas na América Latina, mas na sociedade heterossexista patriarcal tupiniquim por meio, por exemplo, do corpo inconveniente de Ney Matogrosso na cena performática. Entendo, portanto, que o meu mineiro perturba o arquivo colonial o desobedecendo e promovendo paradigmas *outros*, por excelência. No exercício intelectual-literário, Silviano reveste seu *corpus* de corpos e *bios*geoistoricidades ao evocar inflexões pessoais, sensibilidades[2126] e histórias locais dando sentidos *outros* ao que é dito, *escre(vi)vido* e (des)arquivado. Afinal, queira a *episteme* moderna ou não, *pensar é um modo de experienciar o mundo*[2127] e Silviano o experiencia pelos atravessamentos da colonialidade, do imperialismo e do heterossexismo-patriarcal que são vertidos em suas escrevivências.

Ainda na perspectiva do papel do intelectual, Zulma Palermo me é válida para apontar que o trabalho ético do crítico latino deve se concentrar na construção *outra* da história que foi esquecida, apagada, censurada e perpetuada por pensamentos, conclamados por ela, enquanto *a-históricos*[2128]. É necessário que nós (Pedro/Silviano), intelectuais latinos, pensemos na direção de (des)arquivar as formações *diversais* das nossas próprias sensibilidades contrapostas ao entendimento descorporificado assentado na *morte do sujeito*[2129]. No viés das práticas teóricas, as vicissitudes latinas devem girar em torno das diferenças coloniais com

[2125] Faço menção ao ensaio “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” publicado no jornal “Folha de São Paulo” em 2014.
[2126] SAID. *Representações do intelectual*, p. 26.
[2127] DEDALUS *apud* SAID. SAID. *Representações do intelectual*, p. 30.
[2128] PALERMO. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latinoamericano a fines del siglo XX, p. 220.
[2129] PALERMO. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latinoamericano a fines del siglo XX, p. 221.

base no posicionamento crítico *outro* na contraposição ao projeto e à narrativa da modernidade-colonialidade. Assim, o ponto fulcral em relação ao arquivo derridiano exposto, e, por extensão, ao pós-estruturalismo nele incutido, concerne não na negação de sua óbvia importância, mas, sim, na aceitação de que sua percepção fundada no seio da modernidade-colonialidade não nos contempla enquanto terceiro-mundistas, latinos, brasileiros, sul-fronteiriços e, sobretudo, que sua injunção não pode *ser canonizada como "livro sagrado" carregando "verdades reveladas" para todos*[2130], como explicita Palermo. Ana Pizarro, no texto "A América Latina como arquivo literário: Gabriela Mistral no Brasil", corrobora justamente o que venho delineando nesse ensaio: a formulação de um arquivo *outro*-latino endossado não mais pelo Primeiro Mundo, pela metrópole, e, sim, pelas diferenças coloniais[2131] que o revestem:

> [...] seu espaço toma forma em um campo político frequentemente convulsionado, instável, muitas vezes arbitrário. Surgimos como sociedades desde o colonialismo do poder, tal como foi descrita pelo pensador peruano Aníbal Quijano, e estamos marcados pelo cataclismo cultural dos inícios. *Emergimos como sociedades plurais e o desenvolvimento desigual da nossa história, suas superposições, suas misturas, seus meandros, constituíram uma sociedade fractal difícil de ser disciplinada de acordo com os padrões da metrópole*.[2132]
>
> 'O conhecimento não é abstrato e descontextualizado. Ao contrário, diz Walter Mignolo - é uma manifestação da diferença colonial'. Exatamente por isso, se impõe a necessidade de um ou vários arquivos articulados, acessíveis no espaço da memória literário-cultural do continente. *Precisamos estabelecer as condições para elaborar um discurso sobre nós mesmos. A América Latina como arquivo literário precisa da urgência do registro, do testemunho de memória, do documento, devido à precariedade de sua condição histórica*.[2133]

Dadas as assertivas de Pizarro nos fragmentos expostos, chamo atenção para o trecho em que a autora proclama que *precisamos estabelecer as condições para elaborar um discurso sobre nós mesmos*. Nesse ínterim, o compromisso ético-

[2130] PALERMO. Revisando fragmentos del "archivo" conceptual latinoamericano a fines del siglo XX, p. 239.
[2131] PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 353.
[2132] PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 353.
[2133] PIZARRO. A América Latina como arquivo literário, p. 356.

conceitual-epistemológico-biolocal da proposta aqui angariada de um arquivo *outro* se entremeia pela emergência do pensamento latino-fronteiriço envolto da real conjuntura de nos registrarmos *a partir* de nós mesmos aquilatando nossos testemunhos de memória considerando as diferenças coloniais que a nós foram (im)postas. Segundo Mignolo, a proposta do paradigma *outro*, que sustenta a leitura fronteiriça que aqui ensejo *a partir* de um arquivo latino-fronteiriço, emerge do *silêncio que grita*[2134] detrás da(s) exterioridade(s) em sua *diversalidade planetária conectada pela experiência histórica comum do colonialismo*[2135] marcado pela (im)posição das diferenças coloniais e pela colonialidade do poder. O paradigma e arquivo *outros* trazem em seus bojos a *diversalidade* de formas linguísticas-críticas-artísticas-literárias de pensamentos dominados pela supremacia universalista e assimétrica da modernidade[2136].

Na contracorrente das *epistemes* modernas, não há um autor de referência e/ou uma origem comum para o paradigma *outro*[2137], pois ele se conecta pelo compartilhamento do vivido/aprendido no próprio corpo o trauma da imposição do Ocidente através dos valores, ditos universais, de progresso, bem-estar, bem-ser impostos aos habitantes do Terceiro Mundo[2138]. Em suma, sua emergência se localiza em/*a partir* das histórias locais e das sensibilidades da(s) exterioridade(s) que tiveram suas potencialidades negadas no conflito entre as línguas, saberes e sentires[2139]. Para o argentino, essa proposição *outra* (e não nova e/ou mestre) emerge das experiências dos crioulos, mestiços, indígenas, afro-americanos e homossexuais, como nós (Pedro/Silviano), uma vez que esses lugares de re-existência contaminados

[2134] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 20.
[2135] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 23.
[2136] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 20.
[2137] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 20.
[2138] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 20.
[2139] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 22.

por histórias, memórias, dores, línguas e saberes *diversais não se sustentam mais enquanto particularidades passíveis de serem analisadas pela égide do si-mesmo, pelo reverso, são loci de existências a partir dos quais se geram conhecimentos outros e epistemologias fronteiriças*[2140]. Sendo assim, o aspecto prismático de um paradigma/arquivo *outro* é *o pensar a partir da dor e do grito das diferenças coloniais*[2141] e a compreensão de que essas foram mascaradas e vendidas pela insígnia de "diferenças culturais"[2142] para ocultar a colonialidade do poder incutida na modernidade que grassou/grassa nos corpos e nos saberes da(s) exterioridade(s) epistemológico-geoistóricas.

Dito isso, encaminhando-me para o encerramento desse subtítulo atravessado por breves notas concernentes a um arquivo latino-fronteiriço, reitero que a noção de um paradigma *outro* (de)marca a *descontinuidade na história/narrativa da modernidade*[2143] na América Latina e no Brasil ao trazer à cena epistemológica os sentidos de expressões evocadas por Mignolo, tais como *um pensamento outro, uma língua outra e uma lógica outra*[2144] e, da óptica aqui abalizada, um arquivo *outro* crítico-descolonial. O corolário dessa noção latino-fronteiriça das noções/impressões (des)arquiviolíticas se reveste de demasiadas impressões digitais *outras*, uma vez que: "Não há recanto deste mundo que não guarde minha impressão digital e a marca de meu calcâneo sobre o dorso dos arranha-céus [...]"[2145]. Dessa forma, na esteira do que conclamei de anotações nesse texto, interrogo: quais são as impressões digitais contidas no arquivo latino-fronteiriço e quiçá homossexual? Como uma breve resposta ao questionamento, digo que ali, nos interstícios do meu/nosso (Pedro/Silviano)

[2140] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 22.
[2141] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 28.
[2142] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 28.
[2143] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 32.
[2144] MIGNOLO. Prefacio de la edición castellana, p. 32.
[2145] CÉSAIRE *apud* SAID. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* p. 114.

arquivo sul-fronteiriço-homo-biográfico, constam as nossas insurgências de intelectuais-pesquisadores dos trópicos desobedientes epistemicamente que mostram, revelam, questionam, problematizam e interpelam a ordem estabelecida assumindo um compromisso ético-teórico-crítico[2146] com as nossas próprias histórias locais e espaços biográficos que nos atravessam enquanto *loci* de enunciações epistêmicas no (sobre)viver, re-existir e escre(vi)ver (des)arquivando as condições socioculturais, geracionais, sexuais e políticas[2147] que fundamentam, justamente, os latinos, homossexuais e sul-fronteiriços que somos.

[2146] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 91.
[2147] ACHINTE. Artistas indígenas y afrocolombianos, p. 91.

### 2.2.2 – A pesquisa tem alma: Pedro/Silviano, vidas-corpos que (trans)bordam arquivos e fronteiras

> Precisamos aprender a falar do bios e do corpo; *afinal uma pesquisa tem alma.*
>
> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 19, grifos meus.
>
> *A biografia revela o seu próprio eu. Você narra e é narrado o tempo todo no meio social cultural. O bios também.* É só nessa relação que posso pensar o arquivo/memória do outro como um arquivo/memória meus.
>
> BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 265, grifos meus.

Este subtítulo emerge e se delineia, como condição *sine qua non* de uma visada epistemológica crítico-biográfica fronteiriça, *a partir* da abertura do meu arquivo biográfico-pessoal-íntimo-literário-sensível-afetivo-crítico de pesquisador homossexual, terceiro-mundista e sul-mato-grossense-fronteiriço entremeado e contaminado pelo roçar do meu corpo-*corpus* com o do meu mineiro Silviano Santiago. A proposta que sustenta a articulação aqui posta se fundamenta na contracorrente das teorias modernas as quais relegaram ao esquecimento o corpo e o *bios* na produção do conhecimento e, por extensão, no *fazer pesquisa*, em detrimento à supremacia monotópica e excludente do *corpus* (sem corpo, diga-se de passagem) passível de ser dissecado analiticamente pela égide da dicotomia universalista sujeito/objeto extrínseca às sensibilidades, afetos, desejos, *loci* geoistórico-epistemológicos e às histórias locais que permeiam e fundamentam os sujeitos.

Dessa forma, trago à baila possibilidades *outras* de reflexões no campo da crítica biográfica fronteiriça pela chancela conceitual das paisagens/sujeitos biogeográficos tomando por base duas imagens fotografadas por mim as quais, sobremaneira, corroboram a premissa latente do *bios* já sugerida nas epígrafes apostas dos críticos Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Edgar Cézar Nolasco. Ademais aos críticos citados, convocarei Walter Mignolo, Eneida Maria de Souza e Antoine

Compagnon para esta *conversa*[2148] epistêmico-sensível-afetiva não *sobre* Silviano Santiago, mas, sim, *a partir* dele e, em essencial, de mim mesmo, isso é, do tracejar da minha (auto)biografia intelectual que se escre(vi)ve *inscre-vi-vendo-se* através de um arquivo que é tão meu quanto de Silviano. Sendo assim, o título "A pesquisa tem alma: Pedro/Silviano, vidas-corpos que (trans)bordam arquivos e fronteiras" se justifica, pois, cada vez mais, tenho acreditado que não se faz saber, pesquisa, conhecimento ou, como queiram as teorias modernas, binárias e maniqueístas, ciência, sem a inscrição biogeográfica[2149] do pesquisador, bem como do lócus geoistórico-epistemológico e das paisagens biogeográficas[2150] dos quais se enuncia, fala e/ou escre(vi)ve-se.

Dado o introito exposto, julgo necessário debruçar-me sobre uma primeira reflexão antes de evocar a abertura do meu arquivo *outro* e, por extensão, as possibilidades biogeográficas que dele se projetarão. À revelia dos postulados modernos incutidos nas leituras de imagens/paisagens, o pensamento aqui abalizado está aportado, essencialmente, na noção de uma *aiesthesis (bio)descolonial*[2151] e nunca de uma análise estética destituída de corpo, sensibilidade e/ou histórias locais. Respaldo-me nos signos crítico-biográficos fronteiriços de um fazer, pensar e sentir descoloniais[2152] *a partir* do Sul global e metafórico à luz do meu lócus enunciativo sul-fronteiriço no fomentar de práticas de desobediências *asthéticas* e institucionais[2153]. Assim, Mignolo me é necessário para relembrar que desde o século XVII a noção de

[2148] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 13.
[2149] Cf. o texto "desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE" de Marcos Antônio Bessa-Oliveira.
[2150] Cf. o texto "Paisagens biográficas descoloniais" de Marcos Antônio Bessa-Oliveira.
[2151] BESSA-OLIVEIRA. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena, p. 148.
[2152] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 18.
[2153] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 18.

*aesthesis* está relacionada unicamente à "sensação do belo"[2154] e, por isso, deslindou-se um processo de colonização da *aesthesis* pela tomada da estética, haja vista que essa se configura apenas como uma versão/teoria particular dos processos sinestésicos incutidos na percepção de beleza[2155].

Na contracorrente dessa teoria particularista, excludente e *descorporificada*, a proposta de uma *aiesthesis (bio)descolonial* pressupõe a emergência de um *aprender a desaprender o aprendido e voltar a aprender*[2156]. No tocante à minha relação biogeográfica com Silviano, imbricado por essa premissa *outra*, fronteiriça e descolonial, borro os limites entre a arte/literatura e a minha/nossa vida[2157] esfarelando a barra que, pelos construtos modernos, nos enquadraria (e nos separaria) nas categorias de sujeito/objeto. No bojo de Mignolo, entrevejo que é na recusa dos "supostos" e "esperados"[2158], promovidos pela retórica da modernidade/colonialidade e responsáveis por criarem um horizonte de expectativas de como a produção do saber deveria ser, que tanto as reflexões desse trabalho quanto a minha relação crítico-sensível com Silviano aquilatam-se. Tomado por uma opção descolonial e por uma desobediência epistêmica[2159], recuso as expectativas naturalizadas responsáveis por incutirem sucessivos processos de colonização do ser, saber e sentir[2160]. Portanto, não compactuo, tampouco, replico, como comumente se vê ainda nas academias brasileiras, *desrrelações conceituais*[2161] passíveis de reiterarem noções Históricas (em maiúsculo), elitistas, pré-estabelecidas

[2154] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 13.
[2155] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 14.
[2156] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 21.
[2157] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 22.
[2158] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 19.
[2159] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[2160] MIGNOLO. Aiesthesis decolonial, p. 19.
[2161] BESSA-OLIVEIRA. desCOLONIZAR *BIO*GEOGRAFIAS, p. 324.

*descorporificadas* e destituídas de sensibilidades/*bios*, em resumo, de alma, como bem pontou Nolasco.

Na esteira de Bessa-Oliveira, compreendo a *aiesthesis (bio)descolonial* "[...] como sensibilidade biogeográfica; *aiesthesis como episteme*."[2162]. Em outras palavras, concebo a sensibilidade, o *bios*, o lócus e o corpo enquanto categorias essenciais, necessárias, latentes e pulsantes para a elucubração e fundamentação de uma epistemologia corporificada e em correlação conceitual com o próprio pesquisador que a sustenta. No tocante às demasiadas *bios-grafias* que me/nos (Pedro/Silviano) convém, ressalto a condição de *ser latino*[2163] e escre(vi)ver *a partir* dos trópicos da fronteira-sul do Brasil, ao sê-lo, estabelecemos espaços geográfico-epistêmicos *outros* enquanto premissa para as nossas produções críticas, literárias e/ou ensaístas. Para o autor supracitado, "[...] a latinidade [...] tem características livres de estéticas elitistas, hegemônicas ou binárias que nos forçam a indagar sobre outras possibilidades epistêmicas cotidianamente."[2164]. É, então, no pluriverso da *ferida biográfica brasileira aberta pelo discurso colonizador*[2165], e ainda escancarada pelos enunciados estético-políticos modernos, que minhas articulações projetam-se. Ou seja, com base em um prisma biogeográfico fundamentado a partir das interrelações entre bio=sujeito, geo=espaço e grafia=narrativa[2166].

Dessa feita, no plasmar das biogeografias e sob a pluma de Antoine Compagnon na obra *O trabalho da citação* (1996), ainda que o crítico esteja

---

[2162] BESSA-OLIVEIRA. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena, p. 148, grifos meus.
[2163] BESSA-OLIVEIRA. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena, p. 151.
[2164] BESSA-OLIVEIRA. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena, p. 151.
[2165] BESSA-OLIVEIRA. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena, p. 152.
[2166] BESSA-OLIVEIRA. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS *BIO*GEOGRÁFICOS, p. 61.

atravessado por um projeto moderno europeu por excelência (minha opção teórica incute o não radicalismo e a não supremacia de uma teoria sobre outra), questiono e avalio meu lugar de sujeito biogeográfico[2167] no texto-escrevi(da)vente de Silviano, tal como os (des)confortos e os (des)prezares que ele pode me reservar e, ainda, as afinidades[2168] que experimento pelo meu contato-roçar com suas paisagens (biogeográficas). Dessa forma, findada a primeira reflexão aposta acerca da estétic*a/aiesthesis (bio)descolonial* e me direcionando para o adentramento e, por extensão, abertura do meu/nosso (Pedro/Silviano) arquivo pelo bojo das duas fotografias reproduzidas adiante, trago à tona a premissa aqui deslindada não só por Compagnon, mas, também, por Eneida Maria de Souza, ancorada nas bi(bli)ografias, no convívio com arquivos e nas (auto)biografias intelectuais. Nesse sentido, Compagnon explicita:

> *Ora, o que é uma bibliografia senão o modelo de uma autobiografia, um scrap-book*, *uma coletânea de lembranças, um bilhete de trem, tíquetes de museu, programas de espetáculo, cartões de convite, flores secas: inventário de ícones do autor*. Não quero mais nada: suas glosas sobre si mesmo e sobre o mundo que me entendiam. E como se confecciona uma bibliografia? Ela é catálogo dos textos lidos pelo autor enquanto o projeto atual de escrita o conduz, logo, necessariamente limitada e incompleta. Até onde ir na recensão de suas leituras? Deve-se acrescentar os jornais, os romances policiais? Como distinguir aquilo que foi útil, aquilo que surgiu ao acaso? E por que não os filmes? E as conversas? E as velhas leituras, as da infância, que me fazem ainda sonhar?[2169]

Na seara das questões evocadas pelo fragmento citado, não é por acaso que destaquei as passagens relacionadas aos objetos rotineiro-cotidianos, até considerados por muitos *descorporificados* pela insígnia de “banais”, que permeiam não só os escritores, mas, também, os pesquisadores que dispendem suas vidas para estudá-los, pesquisá-los e produzi-los se roçando consigo mesmos, à maneira que venho realizando com/*a partir* do meu mineiro dos trópicos e interpelarei à luz do

[2167] BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 47.
[2168] COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 75.
[2169] COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 75-76, grifos meus.

meu/nosso arquivo. Com isso, ainda que as teorias modernas, binárias, maniqueístas e *analisantes* rechacem a importância das coletâneas de lembranças, bilhetes de trens/viagens, tíquetes de museus, flores secas, fotografias, cadernetas, no geral, o inventário biogeográfico dos escritores e pesquisadores, a crítica biográfica fronteiriça, por sua natureza *bios*-geo-corporificada, não descarta nem exclui as vicissitudes corriqueiras que compõem, a contragosto ou não das visadas modernas, as vidas dos sujeitos, e, sobremaneira, sobre-existem-*inscre-vi-vendo-se* em seus escritos, sejam esses literários, artísticos, ensaístas e/ou epistêmicos. Entendo, então, segundo Souza, que *falar do outro, resgatar sua memória*, seja pela materialidade literária e/ou pelos particulares biogeográficos, é *uma maneira distinta de narrar a si mesmo*[2170].

Desse ínterim, compete o convívio/trato dos arquivos de escritores que herdamos, elegemos e nos relacionamos afetivo-sensível-epistemicamente e os quais se entremeiam, inconsciente ou não, aos nossos próprios arquivos sistematizados por dados pessoais e seduzidos pelos objetos citados, como, também, por manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondências, diários e roteiros de viagens[2171]. Essa proposta aloca e possibilita maior participação do crítico[2172] no fomentar de uma proposta de ensaio (auto)biogeográfico *outro*, como a que ensejo nesse trabalho, ou seja, na contramão dos legados e heranças coloniais/modernas que só fizeram analisar à exaustão o *corpus* e promover o apagamento do corpo, do *bios*, dos *loci* e das sensibilidades. Assim sendo, esboça-se a proposição de uma (auto)biografia intelectual emanada não apenas da literatura e/ou das artes, mas, em somatória, dos objetos de si/do outro passíveis de incorporação no texto teórico que contra-argumenta ao moderno já instituído por sua natureza original, desobediente e

[2170] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 54.
[2171] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.
[2172] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.

biogeográfica, por excelência. Eneida me corrobora ao ressaltar que: “Objetos muitas vezes triviais [...] adquirem vida própria ao serem incorporados à sua biografia: [...] canetas, agendas, porta-retratos, objetos decorativos, cadernos de anotações [...]”[2173]. Ainda calcado em Souza, assento que os objetos são altamente contaminados por memória e (de)marcam traços e marcas do passado[2174] transfiguradas em presente-futuro pelo manejo biogeográfico do pesquisador crítico-biográfico fronteiriço. Partindo desse entendimento, reproduzo a seguir as duas fotografias (Figuras 31 e 32) responsáveis por explicitar o arquivo e uma paisagem (auto)biográfica criada, ordenada e habitada não só por mim, mas pelo Silviano que herdei, elegi e fundei para/em mim:

[2173] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 41.
[2174] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 43.




FIGURA 31 – Meu/nosso (Pedro/Silviano) arquivo (trans)fronteiriço-biográfico-pessoal-íntimo-literário-sensível-afetivo-crítico, autoria de Pedro Henrique Alves de Medeiros, foto realizada no dia 13/06/2020
Fonte: acervo pessoal

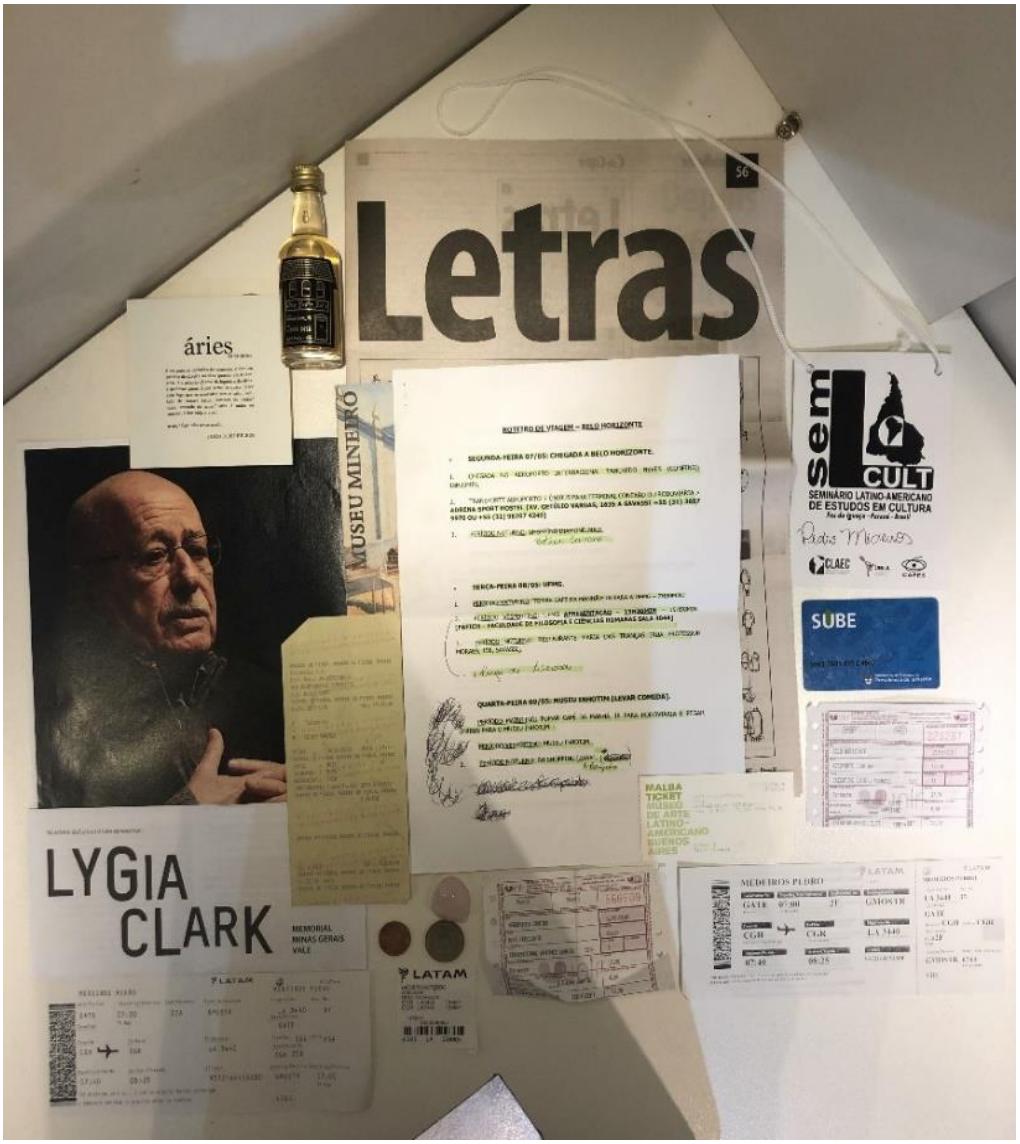



FIGURA 32 – Meu/nosso (Pedro/Silviano) arquivo (trans)fronteiriço-biográfico-pessoal-íntimo-literário-sensível-afetivo-crítico, autoria de Pedro Henrique Alves de Medeiros, foto realizada no dia 13/06/2020
Fonte: acervo pessoal

À baila das fotografias-arquivos (Figuras 31 e 32) reproduzidas acima, aludo não à uma estética imagético-*analisante* moderna, mas, sim, à *aiesthesis (bio)descolonial* alicerçada por sujeitos biogeográficos (Pedro/Silviano) imersos e permeados por paisagens biogeográficas sensíveis, afetivas e (trans)fronteiriças. Isso posto, as imagens contemplam, sobremaneira, diversos objetos estritamente contaminados por memórias os quais venho coletando desde 2017 através das muitas viagens realizadas no Brasil e na América Latina para falar e escre(vi)ver *a partir* do meu mineiro e de mim mesmo. Dentre os artefatos contidos nas fotografias, constam

cadernetas dos trópicos conseguidas na Argentina, um porta-retrato, fôlders de museus mineiros e argentinos, panfletos de congressos acadêmicos, passagens de viagens nacionais e internacionais, livros, embalagens de presentes, flores secas, roupas tomadas pelas mil rosas as quais roubei de Silviano, jornais literários, roteiros de viagens, uma cachaça comprada em Ouro Preto (Minas Gerais), um *ticket* de trem adquirido em Buenos Aires e, por fim, uma plaqueta obtida em Belo Horizonte que (de)marca minha ascendência astrológica ariana. Em linhas gerais, tais objetos não se resumem a trivialidades adquiridas em *experivivências*[2175] transeuntes, andarilhas e (trans)fronteiriças. Pelo contrário, corroboram e deslindam um arquivo tão pessoal, íntimo, sensível, biogeográfico e afetivo quanto, *pari passu*, epistemológico, crítico e teórico no plano da crítica biográfica fronteiriça que, através dessas supostas banalidades (da óptica moderna *descorporificada*), me aproximam/roçam com aquele que herdei, elegi e escre(vi)vo me *inscre-vi-vendo* nas grafias da minha (auto)biografia intelectual e, por extensão, na abertura do meu arquivo/paisagem biogeográfica altamente atravessados pela presença inconteste do meu Silviano Santiago.

À vista disso, é respaldado por Nolasco, Bessa-Oliveira, Mignolo, Compagnon e Souza que, ressalvadas suas devidas diferenças teóricas, projeto meu arquivo-paisagem biogeográfica no pluriverso dos binarismos incutidos no mundo virtual-imagético aquilatando proposições teóricas *outras* que a academia moderna não dá conta ou, até mesmo, não deseja debruçar-se[2176]. Na contracorrente dessa, não me valho de um sujeito artífice da antiguidade, tampouco, assassinado pela modernidade[2177]. No plano do meu arquivo/paisagem biogeográfica exposto, entrevejo que "[...] as coisas – sujeito, espaço, grafia – são feitas na relação entre si,

[2175] BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 44.
[2176] BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 264.
[2177] BESSA-OLIVEIRA. desCOLONIZAR *BIO*GEOGRAFIAS, p. 325.

entre biogeografias múltiplas que se constituem das micronarrativas; são constituições que as representações [modernas] (im)postas [...] não dão conta de abarcar [...]".[2178]. Desse viés, entendo os objetos-grafias-artefatos-bi(bli)ografias constituintes do meu arquivo-paisagem biogeográfica enquanto micronarrativas que me escre(vi)vem enquanto sujeito, também, biogeográfico pelo atravessamento epistêmico-literário-sensível de Silviano nos *biogeografando* simbioticamente. Sob a égide desse endosso, empreendo, na esteira do texto de Bessa-Oliveira, a minha *experi(viv)ência a partir* de Silviano enquanto uma prospecção rodeada de afetos, ou seja, uma simultânea relação de afetar/ser afetado e, à luz dessa premissa, produzir significados, saberes e epistemologias *outras*[2179]*.*

Para a formação desse arquivo e, posteriormente, forma(ta)ção/ordenação de uma paisagem biogeográfica pelas insígnias do meu *bios*/sensibilidade/lócus, foi necessário que eu me movesse escre(vi)vendo e *inscre-vivendo* minhas *experivivências* particular-históricas e memórias[2180] duo-corporais com Silviano. Nesse ínterim, Nil César, educador social e ator, me ajuda a compreender que se a teoria é necessária, ela por si mesma, é frágil[2181], *descorporificada*, e não dá conta de articular na tessitura teórico-crítica as *experivivências* dos sujeitos biogeográficos – essa *desrrelação conceitual*[2182] a *episteme* moderna se ocupou de exaurir – como as que venho delineando *a partir* das grafias/*desnudes* do meu/nosso (Pedro/Silviano) *bios*. Há, portanto, que se imbricar a *teorização* às práticas biogeográficas as amalgamando em um tecido discursivo só endossado por um *sersensível, sabersensível* e, ainda, *sentirsensível*[2183] enquanto projeto epistemológico *outro*, de

[2178] BESSA-OLIVEIRA. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS *BIO*GEOGRÁFICOS, p. 73.
[2179] NOGUEIRA *apud* BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 37.
[2180] BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 44.
[2181] CÉSAR *apud* BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 47.
[2182] BESSA-OLIVEIRA. desCOLONIZAR *BIO*GEOGRAFIAS, p. 324.
[2183] BESSA-OLIVEIRA. Artista, professor, pesquisador, p. 262.

fato, *corpus*-corporificado, mesmo que isso seja quase impossível na circunscrição moderna[2184]. Por isso, não é mera ocasionalidade o trato aferido às fotografias-arquivos reproduzidas nesse subtítulo, pois, à revelia do que as amarras teórico-territorialistas-ocidentais quiseram nos ensinar, essas práticas teóricas *outras* se desvinculam das estruturas binárias e maniqueístas de (fazer) pensamento utilizando práticas que articulam as imagens pela perspectiva de um *artifício operatório, transformando-as em objetos teóricos*[2185].

Nesse sentido, no ato da minha escrevivência compartilhada com Silviano Santiago, a intimidade que circunda e traceja o meu/nosso arquivo e paisagem biogeográfica: "[...] se volta para fora a fim de encontrar um olhar que a reconheça, atribuindo-lhe sentido e valor, deixando de ser um refúgio secreto para se tornar a matéria produzida na presença explícita do outro."[2186]. Isso claro, é por vias dessa prática epistemológica *outra*, biogeográfica, que a presença explícita do meu mineiro se projeta para o espaço público *desnudando* não apenas o meu *corpus*-corpo, mas, sim, o nosso, por gestos de simbioses tanto sensíveis, afetivas quanto, sobremaneira, críticas e teóricas possibilitadas pelas veredas epistêmicas da crítica biográfica fronteiriça. Dessa feita, consigo delinear as grafias do que seria, no bojo da minha escrevivência, o sujeito biogeográfico enquanto aquele que possui: "sua identidade cultural multíplice e o seu próprio lócus geoespacial [...] [alterando] qualquer forma de leitura tradicional [...]"[2187]. No prisma das leituras tradicionais, mencionadas por Bessa-Oliveira, se enquadram as análises estético-objetificantes, binárias e maniqueístas reiteradas e perpetuadas pelos saberes oriundos da narrativa tida pela insígnia de "modernidade". Hoje, tais práticas e reflexões modernas não se sustentam

[2184] BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 47.
[2185] SOUZA *apud* BARRETO; BESSA-OLIVEIRA. Pesquisa(s) em Arte(s), p. 42.
[2186] ORTEGA; ZORNANELLI *apud* BESSA-OLIVEIRA. desCOLONIZAR *BIO*GEOGRAFIAS, p. 325.
[2187] BESSA-OLIVEIRA. desCOLONIZAR *BIO*GEOGRAFIAS, p. 323.

mais, tendo em vista o confronto teórico que esbarram em epistemologias *outras*, concebidas *a partir* do(s) corpos, sensibilidades, *bios*, *loci* e histórias locais que grassam de todos os lugares do planeta.

Dessa visada, tomando por base, ainda, Bessa-Oliveira, ao levar em consideração na prática teórico-conceitual o ideário de que cada *bios* é singular, particular e único na sua correlação com produtos epistêmico-artístico-literários, fomenta-se o entendimento biogeográfico (*bios* + lócus + narrativa) empreendendo a noção de que *corpos encenam narrativas como grafias*[2188]. Assim, entendo que por meio da abertura do meu arquivo (Figuras 31 e 32) contaminado por Silviano e, por extensão, da ordenação/projeção de uma paisagem biogeográfica *outra*, encenamos, simbioticamente, grafias que aquilatam, fomentam e sustentam a proposta da minha (auto)biografia intelectual atravessada e *desnudada* por vicissitudes teórico-sensíveis pertencentes tanto a mim quanto a Silviano. Ao mesmo tempo, entrevejo tais grafias pela chancela de *(e)(i)migrantes passíveis de se moverem de dentro para fora, de fora para dentro e por meio dos espaços internos das culturas*[2189], dos *loci* e dos *bios*, à maneira transeunte/viajante/(trans)fronteiriça que construí meu/nosso arquivo. Ressalta-se, então, que o ponto de partida de uma conceituação biogeográfica está, como condição *sine qua non*, nos sujeitos (*bios*), lugares (geo) e narrativas (grafia) em um *modus operandi* anterior a qualquer outra relação passível de ser endossada nas práticas teórico-críticas[2190].

[2188] BESSA-OLIVEIRA. *Différences Coloniales* – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes, p. 129.
[2189] BESSA-OLIVEIRA. *Différences Coloniales* – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes, p. 129.
[2190] BESSA-OLIVEIRA. O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”, p. 93.

Em resumo, (sobre)viver, habitar, pensar, *experivivenciar* e escre(vi)ver *a partir* da exterioridade da fronteira-sul do Brasil (na tríplice fronteira geoistórico-epistêmica Brasil/Paraguai/Bolívia), de uma universidade subalterno-periférica (UFMS) extrínseca aos centros nacionais, alocado em grupo de pesquisa abalizado em premissas crítico-literário-culturais *outras* (NECC) e, sobretudo, imbricado pela imagem-grafia-espectro-corpo de Silviano, à contragosto da *episteme* moderna, faz toda a diferença (colonial) nas minhas práticas epistemológicas biogeográficas. Desse plasmar, compreendo minha condição de atravessado por paisagens biogeográficas (reais-imaginárias, como a fronteira-sul e/ou o arquivo-paisagístico o qual delineei) no fomentar de uma opção descolonial combinando: "[...] afetos, sentimentos, condenação racional e compreensão dos princípios os quais foi construída a opção para pensar as produções de lugares fora do contexto moderno de produção [...]"[2191]. Ademais, essas paisagens *outras* se encoram na possibilidade de reinscrição dos corpos biográficos apagados pela supremacia do *corpus* moderno, estético e analisante[2192]. Então, empreendo a necessidade dessas opções *outras* para não mais pensar *sobre* o outro, mas, sim, *a partir* dele e de nós mesmos[2193], pois "Há uma biografia do sujeito em todo local geográfico específico. Cada *bios* sente a 'presença da ausência' de maneira diferente."[2194].

Portanto, à guisa do exposto, denoto que leitor, artista, escritor e pesquisador alcunham suas devidas (auto)bio(geo)grafias através das interferências[2195] nunca unicamente de si mesmos, e, sim, de muitos outros (sujeitos, espaços e narrativas) que o compõem, tal qual a simbiose criada entre mim e Silviano Santiago. Tais

[2191] BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 251.
[2192] BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 251.
[2193] BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 263.
[2194] BESSA-OLIVEIRA. Paisagens biográficas descoloniais, p. 263.
[2195] SALLES *apud* BESSA-OLIVEIRA. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS *BIO*GEOGRÁFICOS, p. 74.

elementos emergem enquanto agentes da prática escre(vi)vente-biogeográfica oportunizando trajetórias de experimentações[2196] *outras*, as quais a *episteme* moderna não dispendeu seu precioso tempo para debruçar-se. Escre(vi)ver *a partir* do corpo, do *bios*, do lócus, da sensibilidade e das histórias locais inclui, como condição, enxergar, escutar e pensar melhor a vida do outro permeando, nesse processo descolonial, nós mesmos[2197], os pesquisadores posto-expostos na cena discursivo-epistêmica.

*Minha opção pelo bios é teórica*[2198] e se ancora, sobremaneira, em estratégias de pensamentos e reflexões de matriz epistêmica crítico-biográfica fronteiriça emergidas *a partir* dos trópicos da América Latina, do Brasil e da minha/nossa fronteira-sul. Assim, no bojo do escritor argentino Jorge Luis Borges, concluo as articulações aqui expostas e constituídas de corpo(s) explicitando que me propus a desenhar não só o meu mundo, mas o nosso (Pedro/Silviano); ao longo desse processo, (trans)passei paisagens biogeográficas de fronteiras, trópicos e Brasil-latinidades, permeando pântanos sul-mato-grossenses e montanhas mineiras, para, enfim, descobrir que todas essas grafias delineiam e tracejam a imagem do meu rosto, bem como *desnudam* as grafias do meu mapa biográfico[2199] estritamente contaminado por Silviano.

---

[2196] SALLES *apud* BESSA-OLIVEIRA. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS *BIO*GEOGRÁFICOS, p. 74.
[2197] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 16.
[2198] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 16.
[2199] BORGES *apud* NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 14.

## 2.3 – Escre(vi)ver é trazer a morte na ponta da língua: somos amigos, amantes e políticos

> Ausência
>
> Por muito tempo achei que a ausência é falta.
> E lastimava, ignorante, a falta.
> Hoje não a lastimo.
> Não há falta na ausência.
> A ausência é um estar em mim.
> E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada, nos meus braços,
> que rio e danço e invento exclamações alegres,
> porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.
>
> ANDRADE. *Corpo*, p. 863.
>
> Desde então, até mesmo os ausentes estão presentes [...] e, o que é ainda mais difícil de dizer, os mortos vivem....
>
> CÍCERO *apud* DERRIDA*. Políticas da amizade*, p. 07.
>
> Sua muleta tecnológica, sua sobrevida, nosso último reencontro em vida. Eu perdia minha muleta de carne e osso. Eu perdia minha sobrevida. Se ele já não pode ser mais meu biógrafo, proponho ser eu o biógrafo dele.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 21.

Uma pulsão de morte atravessa meu corpo epistêmico-fronteiriço homo-biográfico. Este arde de paixão, sofre de uma ausência, de uma presença, é povoado de espectros, (con)vive com amigos políticos, com o desejo de (sobre)viver[2200] e escre(vi)ver[2201]. Sobrevivo e escre(vi)vo a partir das minhas sensibilidades biolocais, geoistóricas[2202] e epistêmicas de divíduo que existe a partir da ausência. Trago a morte na ponta da língua[2203]. Como as epígrafes de Drummond, Derrida e Silviano respectivamente elucidam, a ausência se constitui enquanto presença integrando tanto meu *bios* quanto o de Silviano. Explicitei anteriormente e reitero: como eu poderia escrever contra a morte? Não é a morte que é um mal-entendido, mas, sim, a vida[2204].

---

[2200] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 17.
[2201] EVARISTO *apud* LIMA. Conceição Evaristo, s/p.
[2202] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 256.
[2203] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias*, p. 285.
[2204] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias*¸ p. 88.

“Nasci surpreendido e ferido por saudade absurda.”[2205]. O espectro paterno me constitui tal qual o de Zeca integra Silviano. Essas possíveis ausências são destituídas de faltas, aconchegam-se em nossos braços e ninguém pode roubá-las de nós. Esses amigos-mortos vivem na nossa sobrevida/escrevivência uma vez que se circunscrevem na cultura a qual nossos discursos estão/são postos. Destituindo-nos de qualquer relação com espaços privados, tornamo-nos amigos-amantes, políticos e públicos. Projeto-me em direção a uma formulação epistêmica da amizade política e não-fraternal de maneira a encampar minhas/nossas histórias/relações/sobrevidas.

Nascemos feridos e atravessados por histórias de sobrevivências e escrevivências. Silviano pela tentativa de superação do luto do amigo-amado, então biógrafo e cúmplice; eu, pela falta do meu interlocutor espectral chamado Carlos ou, intimamente, meu pai. Desse modo, há dois elos de aproximação entre nossa história dividual[2206]: ambas as relações se fundamentam e se aquilatam no espaço público e, ademais, se ensejam como presença na medida em que fazem nascer projetos, fundam uma esperança que ilumina o porvir. Leva-se o renome do nome para além da morte[2207]. Roubo mil rosas ficcionais para tentar tamponar minhas faltas, nossas faltas, através do meu exercício epistêmico-político de escre(vi)ver. Realizo-me onde, *a priori*, mais fracassaria[2208].

Assim, valho-me do conceito de escrevivência – já discutido no primeiro capítulo – proposto, inicialmente, pela intelectual Conceição Evaristo para pensar uma escrita da exterioridade que se dá pela inscrição do *bios*, das sensibilidades e do corpo do divíduo, no nosso caso, homo-biográfico. Diferentemente dos muitos “autos” que

[2205] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 90.
[2206] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 114.
[2207] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 17.
[2208] NOLASCO. Clarice é minha neblina, p. 21.

povoam minha época – a citar: autobiografia, autoficção etc. – escre(vi)ver está para além destes conceitos modernos, exportados e disciplinares. Inicialmente, tal teorização emerge de uma escritora negra refletindo a partir da escrevivência de mulheres negras. Todavia, como a própria Conceição corrobora, todos realizam escrevivências, dado que estas se dão pelas próprias escolhas temáticas, vivências e opções daquele que escre(vi)ve. No meu/nosso caso, penso e produzo aquilatado em uma escrevivência (des)arquiviolítica homo-biográfica sul-fronteiriça.

A escrevivência abre caminho para uma teorização crítica biográfica fronteiriça a qual me possibilita uma tentativa de *desatar o nó*[2209] epistêmico criado pela modernidade ocidental. Com isso, proponho um modo *outro* de pensar o que está posto alicerçando-me de uma opção crítica que privilegia o *aprender a desaprender e aprender a reaprender a cada passo*[2210]. Entendo, portanto, que só posso me deter em uma teorização da escrevivência partindo de uma opção descolonial e de uma desobediência epistêmica. Para Mignolo, descolonial significa pensar "[...] a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade."[2211].

A hegemonia epistêmica ocidental sempre primou pela razão em detrimento da sensibilidade e do corpo. Com isso, houve uma exclusão/apagamento da inserção destes na produção do conhecimento dito "científico". Por séculos, acreditou-se (e isso ainda se propaga em alguns espaços engessados como, muitas vezes, a academia) que o corpo não produz e não possui conhecimento. A escrevivência emerge como uma teorização crítica capaz de barrar essa falácia moderna. Escre(vi)ve-se através

[2209] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.
[2210] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.
[2211] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.

da desobediência epistêmica, haja vista que há uma teimosia latente em relação aos preceitos cartesianos da interioridade moderna ocidental. Da minha óptica, entrevejo que a escrevivência se alicerça por uma opção descolonial que demanda ser epistemicamente desobediente[2212]. Nesse ínterim, Mignolo corrobora:

> Conseqüentemente [sic], a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender (como tem sido claramente articulado no projeto de aprendizagem Amawtay Wasi, voltarei a isso), já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial.[2213]

Subsidiado por essa tentativa de (des)aprendizagem, defendo que só uma epistemologia de caráter crítico-biográfico fronteiriço pode dar conta de uma teorização acerca da escrevivência homo-biográfica sul-fronteiriça a qual ensejo. Isso se dá pelo fato de nós críticos fronteiriços termos aprendido que somente uma crítica embasada pelo *nosso biolócus e por nossas sensibilidades biográficas/locais*[2214] pode, de fato, considerar a inserção do nosso corpo em nossas produções epistêmicas. A crítica biográfica fronteiriça opera na formulação de aprender a desaprender lições canonizadas e cristalizadas pela interioridade moderna. Compreendo que jamais poderia falar *sobre* Silviano apenas como um observador neutro e imparcial.

Só sou capaz de escre(vi)ver à luz de Silviano e da nossa amizade política através da minha inserção discursiva e de um direito relacional o qual construí para mim. Adentro as escrevivências de Silviano *a partir* das minhas próprias sensibilidades biográficas e locais. A escrevivência, para nós, é uma opção descolonial homo-biográfica fundamentada em um ato político, um direito relacional em que escolho e sou escolhido atravessado por um pensamento fronteiriço da exterioridade que não

[2212] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 323.
[2213] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.
[2214] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 51.

destitui nossos corpos, lutas e sensibilidades do fazer epistêmico. Todas essas esferas biográficas se imbricam para aquilatar o que estou chamando de escrevivência homo-biográfica explicitada pelo projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano. Nesse plano, Francisco Ortega estabelece:

> Segundo Foucault, vivemos em um mundo onde as instituições sociais têm contribuído para limitar o número possível de relacionamentos. A razão desta restrição reside no fato de que uma sociedade que permitisse o crescimento das relações possíveis seria mais difícil de administrar e de controlar. *A luta homossexual deve (nisso consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos anti-racistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo "direito relacional", que permita todo o tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las*.[2215]

Por meio desse direito relacional que nos aproxima na diferença, escre(vi)vemos a partir de nossas sensibilidades homo-biográficas assentadas em uma teorização e metaforização das nossas próprias vidas. Escre(vi)vemos atravessados pela morte e, por sua vez, por faltas latentes que sob o crivo de nossas sensibilidades são metaforizadas em espectros vivos na cultura. Eneida Maria de Souza em "Teorizar é metaforizar" (2016) afirma que o gesto de teorizar é alimentado por outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar[2216].

A assertiva de Eneida está subsidiada pela crítica biográfica a qual possibilita a revisão de binarismos, tais como teoria/ficção, vida/obra e a diluição das fronteiras disciplinares além de, sobretudo, abrir espaço para uma teorização da escrevivência. Porém, ainda que Eneida proponha o afastamento das dualidades, suas reflexões se fundamentam, ainda, em uma visada disciplinar e pós-moderna por excelência. Com isso, entendo que, avançando o pensamento da mineira, a escrevivência é melhor vista/entendida atravessada não por uma teoria (ou teorias) disciplinares, mas por uma teorização crítico-biográfica fronteiriça. Mignolo afirma:

> [...] deveríamos poder distinguir entre *teorias pós-coloniais* como uma mercadoria acadêmica (da mesma forma que as teorias pós-modernas foram

[2215] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 170.
[2216] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 218.

> e estão sendo mercantilizadas) da *teorização pós-colonial*, que são críticas incluídas na razão subalterna e na gnose liminar: *um processo de pensamento que os vivem sob a dominação colonial precisam empreender para negociar suas vidas e sua condição subalterna.*[2217]

É no que tange ao empreendimento da negociação de vidas subalternas que a minha escrevivência e a de Silviano emergem. Ambos somos sujeitos que de modo desobediente epistemicamente erigimos uma opção descolonial da homossexualidade ao viver, pensar e teorizar *a partir* do nosso biolócus e das nossas sensibilidades biográficas. Somos de onde pensamos ao invés de sabermos que existimos porque pensamos – diferentemente do que propôs o *cogito* e o racionalismo cartesiano. Nossas vidas de divíduos são descolonialmente metamorfoseadas na medida em que somos duplamente políticos: primeiramente, pela condição homo-biográfica que nos habita; e, posteriormente, pela amizade política que nos aproxima pela diferença.

Nesse sentido, minha discussão escrevivente acerca da política da amizade, da boa amizade, se resguarda, de maneira contumaz, às reflexões de Jacques Derrida, Francisco Ortega e Edgar Cézar Nolasco. Para os intelectuais, a amizade enquanto um *exercício do político*[2218] surge como uma alternativa às formas já desgastadas de relacionamentos[2219], tais como: a família e o matrimônio. A amizade institui novas maneiras de sensibilidades e de sociabilidades estabelecendo-se o culto à boa distância. Multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização constituem, portanto, a política da amizade.

Com isso, Carlos, Silviano e Zeca se tornam próximos, para mim, a partir da distância que ocupam. Isso é, esses espectros estão relacionados sempre ao que

---

[2217] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 145-146, grifos meus.
[2218] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 23.
[2219] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault,* p. 27.

Nolasco chama de *espaço necessário reservado à crítica*[2220] na amizade ou o que Derrida explicita como sofrer de um mal em *Mal de arquivo*. Minha relação que emerge da figura de crítico-biográfico e amigo-amante nunca se sustenta por uma relação fraternalista, não transformadora. A fraternidade neutraliza, suprime, coíbe a distância dos homens[2221] e anula a pluralidade, a *diversalidade*. Com ela, o sujeito não se transforma, apenas se reafirma no mundo. Ortega explicita:

> Uma nova noção de amizade iria contra o ideal clássico (aristotélico-ciceroniano) da amizade, entendida como 'igualdade e concordância'; pois, no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos. Tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças. [...] Nietzsche critica os 'bons amigos', que sempre dizem o que queremos escutar, sempre concordam, nunca criticam, pois eles fortalecem nossa identidade, impedem o desenvolvimento de uma sensibilidade para as diferenças e a alteridade.[2222]

Estabeleço sob a pluma de um espaço nômade do saber[2223] crivado em uma paisagem epistêmica sul-fronteiriça, amizades políticas as quais herdo e sou herdado, escolho e sou escolhido, transformo e sou transformado por esses amigos espectrais-críticos. Sobrevivo e escre(vi)vo, primeiramente, à morte de Carlos, uma vez que, como explicita Michel Schneider em *Mortes imaginárias*, sofremos pela morte dos outros quando os amamos[2224]. Não existimos sozinhos, somos feitos de um monte de outros. Sou feito de Carlos, assim como me constituo de Zeca e, sobretudo, de Silviano. Dito isso, trago à baila três fotografias (Figuras 33, 34 e 35) contaminadas, sobremaneira, pelo espectro paterno que a vida inteira me foi lacunar. Primeiramente, evoco a imagem (Figura 33) de Carlos durante uma viagem a Buenos Aires, em seguida, com a minha mãe, e amor da minha vida, Claudete (Figura 34) e, por fim,

---

[2220] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 38.
[2221] ORTEGA. *Para uma política da amizade,* p. 31.
[2222] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 80.
[2223] SOUZA. *Crítica cult*, p. 39.
[2224] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias*¸ p. 267.

conjunto ao meu eu-bebê (Figura 35) arrodeado pela efemeridade dos seus (a)braços paternos:



FIGURA 33 – Carlos Edy Sá de Medeiros, meu pai, em viagem a Buenos Aires na década de 1990
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 34 – Minha mãe Claudete Araújo Alves e meu pai Carlos Edy Sá de Medeiros
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 35 – Minha irmã Cláudia (à esquerda), meu pai Carlos me segurando no colo (no centro) e minha avó paterna Julieta (à direita)
Fonte: acervo pessoal

Simbioticamente, e entremeado pelas imagens (Figuras 33, 34 e 35) e narrativas minhas/outras apostas, (escre)vivo essas vidas (Carlos/Zeca/Silviano), trato-as demoradamente, assumo-as no espaço público o qual forma minha identidade de divíduo sul-fronteiriço da exterioridade. Reconheço, segundo Derrida, nesses amigos (incluindo Carlos), meu duplo ideal, os quais são outros em mim mesmo, estes são os mesmos de mim melhorados[2225]. Os amigos seriam, então, minha própria imagem ideal. Eu os enxergo e estes me reverberam o olhar. Constituo-me enquanto imagem, para além da vida e da morte, desses amigos os quais escolhi e herdei. Nesse prisma, novamente, a ausência se torna presença e o morto, vivo. Minha sobrevida, meus espectros e minha plêiade de amigos políticos.

[2225] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.

Silviano, em entrevista sobre o romance *Mil rosas roubadas*, afirma que a vida é uma assassina impiedosa e cruel, pois pode matar uma pessoa a qual amamos sem antes nos matar. Mais profundamente a isso, a vida mata um e salva o outro, dado que é ela mesma quem ampara o sobrevivente até o fim dos seus dias[2226]. De maneira transferencial, eu e Silviano, amigos políticos, sofremos desse mal, dessa sombra fantasmagórica da morte. Ambos, amigos-amantes, perdemos amigos-amados e, como forma de (sobre)viver, aprendemos a conviver com o luto, com nossos males e fantasmas nos escre(vi)vendo: "Sem a escrita biográfica dele[s], nada mais vale para mim."[2227]. Intercambiamo-nos, ora perco Carlos, ora Zeca. Ora assumo a escrita biográfica, ora autobiográfica. Nossas histórias homo-biográficas são narrativas da sobrevivência, da escrevivência, da sobrevida e do discurso do epitáfio. Amamos nossos amigos para além da vida e da morte. Ortega assente:

> O discurso do epitáfio representa a possibilidade de uma amizade para além da morte. Amar o amigo supõe o compromisso de amá-lo além da vida ou da morte. A amizade seria a possibilidade de me citar exemplarmente – pois o amigo é uma imagem (*exempla*), uma cópia de mim –, assinando de antemão a oração fúnebre. Identificar nos discursos da amizade a lógica do epitáfio permite colocar duas questões: a primeira se refere à simetria e à igualdade na relação de amizade, a segunda, à temática do luto e suas implicações políticas.[2228]

Por isso, ainda que Carlos, cultural e socialmente, seja reconhecido pela figura de "meu pai", isto é, posto, *a priori,* no privado, tomo-o como amigo político por nossa relação se estabelecer, fundamentalmente, em uma visada epistêmica, pública, política, nunca/jamais privada e/ou fraternalista. Ademais às relações afetivas que atravessam meu corpo e minhas sensibilidades de Pedro-filho, coloco-me na figura de Pedro-pesquisador a fim de teorizar sobre/a partir de mim através do outro. É assentado em razões de princípio (literatura, ensaio, crítica, arquivo, biografia) e de

[2226] SANTIAGO. Em 'Mil rosas roubadas', Silviano escreve uma biografia da vida interior, s/p.
[2227] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 18.
[2228] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 69.

coração (amizades, escolha, transferência, herança, paixões, morte) *nunca falar do que não se admira*[2229]*.*

Conforme Derrida, é o ser-político do político[2230]. Transformo-me a partir do espectro de Carlos. Discorro sobre Silviano e Zeca, amigos-amantes políticos, para narrar a minha própria história/autobiografia a partir da fronteira-sul. Sou o herdeiro fielmente infiel que discorrendo criticamente nunca se descola das sensibilidades, do afeto, das emoções, do amor, do corpo e da amizade política. Quanto ao conceito de amizade fraternal, Jacques Derrida corrobora a necessidade de revisá-lo:

> A decisão de apelar implicaria um procedimento de reexame. Há queixume, e queixume quanto ao juízo feito, quanto às suas expectativas, quanto aos conceitos melhores acreditados do político e à interpretação canónica [sic] da amizade, quanto à *fraternização*: com a vista a *protestar* ou a *contestar*, a saber, a apelar para ela, diante de uma outra instância testemunhal, do facto ao direito e do direito à justiça.[2231]

Como contraponto a esse ideal de fraternalização e supressão das diferenças/pluralidades, Derrida afirma que a boa amizade supõe a desproporção[2232] e a boa distância. Há uma necessidade de rupturas de reciprocidade ou de igualdade. Ela nasce da desproporção quando se respeita o outro mais do que a si mesmo o que, não necessariamente, implica amá-lo mais que à própria imagem. Há, nessa relação, um certo toque de intimidade, mas sem intimidade explicitamente posta. É ser próximo pela boa distância, ser amigo inimigo e aliado hospitaleiro[2233]. É ser filho-amigo-político-pesquisador extrínseco à lógica familiar privada e inserido no espaço público/político. Tratando-se do ser íntimo não-íntimo, *Mil rosas roubadas* evidenciam a relação dos amigos políticos:

> Se nossa amizade sobreviveu às indiretas é porque as farpas eram silenciosas e reverentes, embora muitas vezes, caso houvesse ouvinte ou espectador no pedaço, elas assumiram o tom quase imperdoável de gozação

[2229] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 36.
[2230] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 11.
[2231] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 13, grifos do autor.
[2232] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 74.
[2233] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

> ferina e impiedosa. Suas indiretas eram silenciosas e reverentes, descubro tardiamente. Elas visavam encontrar abrigo para mim sob a viga mestra do seu modo de encarar a realidade cotidiana e de organizar sua vida, desorganizando-a ao mesmo tempo.[2234]

Para Francisco Ortega, em *Genealogias da amizade* (2002), o deslocamento das ideologias familiares/privadas e a reabilitação do espaço público tornam capaz a possibilidade de uma estilística da amizade como um experimento sociocultural que intensifica essas redes de relações ampliando e reinventando o eixo do político[2235]. A valorização extrema da vida familiar implica a exclusão de primar por outras formas de vida. É necessário, portanto, deslocar a ideologia familiar para promover uma abertura às novas formas de sociabilidade, como a amizade ou a solidão, por exemplo. Epistemicamente, desloco Carlos do eixo familiar privado para tomá-lo como amigo político a partir da relação pública espectral que ensejo em minha escrevivência.

Em termos de escrevivência, ainda que pensando da (epistêmica) fronteira-sul do Brasil, escre(vi)vo atravessado pela imagem das borboletas-azuis que habitam tanto a Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte quanto o meu *bios*, a minha memória e o meu corpo enquanto um arquivo homo-biográfico vivo/aberto. Distancio-me para me aproximar. Transporto-me para maio de 2018 e maio de 2019 quando, por circunstâncias de um congresso acadêmico na UFMG, viajo a Belo Horizonte e me deparo com os espectros do meu Silviano e de Zeca na praça Sete.

Como já expus, nasci a partir do (des)encontro com o meu progenitor espectral Carlos. Do mesmo modo, o romance escrevivente *Mil rosas roubadas* nasce a partir da morte, da falta, da perda e do luto. Em um processo de metamorfose e simbiose, nós, Silviano e Pedro, crivados no espaço público da *ascese*, da pluralidade, nos fundimos enquanto dívíduo que busca uma forma política de sobreviver à morte do

---

[2234] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 262.
[2235] ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 162.

amigo-amado. A perda do então biógrafo é anunciada como uma chave na primeira sentença do romance na mesma medida em que minha vinda ao mundo antecipa a morte do meu progenitor. Diante disso, é preciso *tempo para compreender o que amar quer dizer*[2236]*.* Amar a imagem do amigo como uma cópia de si na diferença:

> Na frustração, e não nas lágrimas, é que nossa amizade se recobre e se fortifica. *A relação a dois não é familiar nem fraterna.* Por definição geológica e humana, somos os dois secos e de ferro, impermeáveis à dor, sem ser em nada insensíveis aos estragos causados pelas chicotadas do martírio no corpo. [...] *Identificamo-nos um ao outro, sabendo também que na infelicidade do outro não há espaço para mim e que na infelicidade minha não há espaço para o outro.*[2237]

Tomando Silviano como uma cópia/imagem de mim e a Praça Sete como um lócus geoistórico e epistêmico que encampa nossas narrativas biográficas, ao (re)visitar esse espaço em 2018/2019, (re)vivo o primeiro encontro dos amigos-amantes-cúmplices Zeca e Silviano em 1952. Através da proposição compósita e metafórica proporcionada pela crítica biográfica[2238], (re)encontro, espectralmente, meus amigos políticos da sobrevida 67 anos após o primeiro encontro destes ao pegar o bonde e discutir sobre borboletas-azuis e entomologistas. Desenfreando, desse modo, uma boa amizade, *à lá* Derrida, crivada no espaço público e de caráter altamente politizado. *Mil rosas roubadas* expõem o primeiro encontro:

> Se não foi por estranha coincidência que nos encontramos na praça Sete, qual teria sido a razão que o levou a se aproximar de mim e a puxar conversa?
>
> Sem dizer meu nome, já que ainda não o sabia, me disse:
>
> – Bela coincidência! A gente se viu lá no Clube de Cinema no sábado à noite. Está lembrado, não? Você estava tão entretido depois do filme, de papo com o Jacques, que nem quis atrapalhar a conversa.
>
> Eu não conseguia abrir a boca.
>
> – Ao sair, passei batido por vocês dois – ele concluiu.[2239]

O trecho exposto pela passagem narra o primeiro encontro/diálogo dos rapazes que, *a posteriori*, se tornariam amigos-amantes políticos até que a morte

[2236] LINDON. *O que amar quer dizer,* p. 15.
[2237] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 243.
[2238] SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.
[2239] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 64.

ontologicamente os separasse. Quanto à construção e à herança dessa amizade, Silviano deixa explícito que desde o momento em que viu Zeca assistindo ao filme no Clube de Cinema já queria ser seu amigo[2240]. Havia um desejo de (con)viver com o outro, com um semelhante na diferença – homens, *gays* e com temperamentos/personalidades/*bios* totalmente diferentes. Assim, Silviano, encaminhando-se para o fim do primeiro capítulo de *Mil rosas roubadas*, afirma que quer narrar o *início do nosso relacionamento*[2241]*.* Isso é, até aquele momento, do relacionamento Silviano/Zeca que, agora, permeado por um exercício crítico-biográfico fronteiriço, metaforizo em Silviano/Zeca/Pedro. Encontramo-nos em uma *posição transversal* homo-biográfica:

> A discussão foucaultiana da amizade ocorre no contexto da análise de novas formas de vida homossexual, pois a 'homossexualidade oferece a ocasião história de reabrir as possibilidades existentes de relações e sentimentos, o qual não acontece como conseqüência [sic] das qualidades 'verdadeiras' dos homossexuais, mas porque esta se encontra numa *posição transversal*, permitindo a inscrição de diagonais no tecido social, que permitam o aparecimento dessas possibilidades'.[2242]

Silviano, ao (des)arquivar suas memórias homo-biográficas e narrá-las, estabelece uma imagem, um fantasma, um espectro de Zeca que vive e ronda a cultura. Uma discussão acerca dos espectros implica atravessamentos que concernem à memória, à herança, à *sobre-vida*[2243]*,* à sobrevivência e, caro ao nosso discurso, à escrevivência. As relações/proposições de amizade implicam construções espectrais. No caso específico de Silviano, a conjuração de espectros[2244] se dá de maneira dupla: primeiro, por *Mil rosas roubadas* ser um romance escrevivente aquilatado, principalmente, no tema da amizade (real e ficcional); segundo, por ser narrado por um amigo-amante que (re)vive as próprias escrevivências juntamente do

[2240] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 64.
[2241] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 64.
[2242] FOUCAULT *apud* ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 161.
[2243] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 13.
[2244] DERRIDA. *Espectros de Marx,* p. 133.

amigo-amado morto. A morte, para nós divíduos Pedro/Silviano, dá sentido à nossa vida de seres falantes[2245].

No caso da relação Zeca/Silviano, a perspectiva espectral se fundamenta no relacionamento de um sobrevivente que narra sobre a morte do amigo-amado. Entretanto, o espectro não possui como condição *sine qua non* a presença da morte. Como já explicitei neste texto, quando me debruço sobre a vida de Silviano, construo minha/sua herança, herdo-a e a mantenho viva[2246] além de me colocar metaforicamente enquanto seu amigo-amante político o qual me aproximo no distanciamento. Fundo Silviano enquanto meu espectro, minha *sobre-vida*. Há uma imagem do mineiro criada e alicerçada pelo meu olhar de crítico-biográfico fronteiriço estabelecendo o m(eu) Silviano Santiago dividual. Ortega em *Para uma política da amizade* (2009) estabelece:

> A amizade constitui uma nova sensibilidade e uma forma de perceber diferente, baseada no cuidado e na encenação da "boa distância". Somos capazes de aceitar o desafio de pensar a amizade para além da amizade própria, *de imaginar metáforas e imagens para nossas relações de amor e amizade, de usufruir o sabor doce dessa nova amizade? TALVEZ*.[2247]

Na mesma medida em que conjuro o espectro de Silviano ao escre(vi)ver sua vida, consequentemente, construo os biografemas[2248] da minha própria biografia e trago ao meu lado as figuras fantasmagóricas que assolam meu *bios* e que tamponam minhas faltas, como Carlos e Zeca. Empenho-me na condição de herdeiro não apenas em receber essa herança, mas de escolher, decidir e saber sobre a vida do outro e, de maneira transferencial, sobre a minha própria vida[2249]. Jacques Derrida em *Espectros de Marx* (1994) pontua:

> [...] a vida para além da vida presente ou de seu estar-presente efetivo, de sua efetividade empírica ou ontológica: não em direção a uma morte, mas em

[2245] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias,* p. 211.
[2246] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 37.
[2247] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 117, grifos meus.
[2248] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 126.
[2249] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 38.

> direção a uma *sobre-vida*, a saber, um traço com relação ao qual vida e morte seriam somente traços e traços de traços, uma sobrevida cuja possibilidade vem antecipadamente desajuntar ou desajustar a identidade a si do presente vivo. Espíritos. *É preciso contar com eles. Não se pode não dever, não se pode não contar com eles, que são mais de um: o mais de um*.[2250]

Sob a égide de Derrida no fragmento aposto, entendo que viver essas vidas, Silviano/Zeca/Carlos, e estabelecer tais amizades críticas/políticas são perspectivas que estão para além da própria vida ou da morte, pois se aquilatam em uma *sobre-vida*[2251]*.* Vida e morte são apenas traços. Com isso, teorizar sobre esses amigos quer dizer que, independente das suas vidas/mortes/obras, suas sobrevivências serão mantidas, assim como um livro sobrevive à morte de seu autor[2252]. A existência do meu Silviano e dos meus outros espectros citados independe de uma ontologia, mas do quão demoradamente eu me proponho a tratá-los, a viver demoradamente essas vidas, a *descolonizá-las*[2253]*.* Intensifico essas plêiades de amigos espectrais enquanto modo político de revalorizar o meu convívio com o outro e necessito desse cuidado, crivado na alteridade, como condição indispensável do cuidado de mim[2254].

Derrida, em *Espectros de Marx*, discorre sobre o "aprender a viver" e, substancialmente, *aprender a conviver com os fantasmas no encontro, na companhia ou no corporativismo*[2255]*.* É, portanto, aprender a viver de maneira *outra* e não necessariamente melhor, mas (con)viver *com eles*. Ademais, a ação de estar com os espectros propõe uma política da memória, da herança e das gerações. O filósofo reitera que é preciso falar *do fantasma, até mesmo ao fantasma e com ele*[2256]*.* Nessa perspectiva, ainda que eu sofra de um mal, de uma pulsão de morte – tal qual eu abordei anteriormente – sou o herdeiro fielmente infiel que ao escolher e conjurar

---

[2250] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 13, grifos meus.
[2251] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 13.
[2252] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 44-45.
[2253] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 37.
[2254] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 132.
[2255] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 11.
[2256] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 11.

minha plêiade de espectros (Silviano/Zeca/Carlos), aprendo a conviver e a sobreviver com os fantasmas, com a falta e com o luto.

Ainda sobre o espectro e a sombra fantasmagórica da morte que pode cercá-lo (ou não), Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1988), pensa "[...] na morte *ao lado*: penso nela segundo uma lógica impensada, derivo fora da dupla fatal que liga vida e morte ao mesmo tempo que as opõe."[2257]. Relacionado à ideia da *morte ao lado*, a proposição utilizada por Michel Schneider em *Mortes imaginárias* (2005) elucida que "[...] quando o espectro nos foge da vista / Sentimos que está de pé ao nosso lado."[2258].

*Grosso modo*, as reflexões de Barthes e de Schneider, se somadas as de Derrida, possibilitam compreender a ideia do espectro à luz (ou à sombra) sempre de um conjurador[2259], de um amigo; no meu caso especificamente, de um crítico biográfico fronteiriço herdeiro e amigo político que o constrói à imagem si. Nesse sentido, ainda que eu não tenha feito, por razões que não cabem aqui justificar, poderia intitular este subtítulo de "Espectros S/Z" – relendo o *Espectros de Marx* de Derrida e *S/Z* (1970) de Barthes – na medida em que me disponho a conjurar essas imagens espectrais/renomes do nome para além da morte[2260] explicitados enquanto aparições conjuradas, fantasmas, amigos e organismos vivos na cultura.

Valendo-me da minha escrevivência, acresço ao possível título "Espectros S/Z" (sendo S/Silviano e Z/Zeca), duas outras letras espectrais: "Espectros P/S/Z/C". Adicionando, assim, a minha imagem de conjurador de espectros[2261] e meu

[2257] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 10, grifos do autor.
[2258] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias*, p. 91.
[2259] DERRIDA. *Espectros de Marx*, p. 133.
[2260] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 17.
[2261] Insiro-me na plêiade espectral na medida em que também me configuro enquanto uma imagem/espectro ao falar de mim *a partir e através* de Silviano. Como explicitei no subtítulo sobre o

interlocutor espectral/amigo-político Carlos à plêiade de bons[2262] amigos-amados e fantasmagóricos que me compõem e constituem minhas escolhas, minhas sensibilidades de divíduo pensante e o (des)arquivamento do meu luto[2263]. Para tal, apoio-me no que sempre se enunciou à minha volta: a morte, a perda, a falta e a herança. De maneira que já abordei, consta-se o nome que pode ser *sobre-vivido*[2264] na ausência, no espectral. Dito isso, Barthes em *S/Z* corrobora:

> Fragmentei, resumo e amalgamei ideias vindas minha cultura, isto é, do discurso dos outros; comentei, não para tornar inteligível, mas para saber o que é o inteligível; e para tudo isso apoiei-me continuamente naquilo que se enunciava à minha volta.[2265]

No que se refere à cultura – abordada por Barthes – e, consequentemente, ao espaço público, Francisco Ortega, em *Para uma política da amizade*, reitera o deslocamento da amizade da esfera privada[2266], da intimidade, para o mundo público, social, desprovido de fraternidade e estabelecendo um exercício do político contrapondo-se à despolitização[2267] assentada nas formas previamente endossadas de sociabilidade privadas. Propõe-se uma política da amizade (que seja possível ou impossível)[2268] que destitua as ligações entre fraternidade e amizade para propor uma nova democracia que vá além da reafirmação de subjetividades entre amigos.

É nesse interstício político do distanciamento e da não fraternidade que me ocupo para conjurar meus amigos-políticos espectrais e fundamentar minha relação de amizade a partir de uma política, sobretudo, de caráter homo-biográfico. Ensejo conjurar meu amigo-espectral Silviano e, ao fazê-lo, crivado no espaço público e

---

arquivo, ao me (des)arquivar, construo uma imagem íntima de mim para além daquela socialmente posta.

[2262] Quando me valho do adjetivo “bom”, utilizo-o criticamente me referindo à “boa amizade” de Jacques Derrida em *Políticas da amizade.*

[2263] NOLASCO. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado, p. 44.

[2264] Grafo o termo com hífen e itálico, dado que o utilizo aqui na esteira da *sobre-vida* de Derrida em *Espectros de Marx.*

[2265] BARTHES. *S/Z*, s/p.

[2266] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 57.

[2267] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 58.

[2268] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 67-68.

político, evoco Zeca e Carlos enquanto amigos-políticos que constituem minha/nossa sensibilidade dividual. Sobre o estabelecimento de amizades extrínseco a modelos e metáforas familiares, Ortega discorre:

> Existe uma amizade e uma democracia 'por vir', livre de metáforas e imagens familiares, de hipóstases nacionais, étnicas, além da dupla de amigos e seu contrato testamental? É possível imaginar uma nova política da amizade além da reciprocidade, da proximidade, das metáforas familiares e divisões binárias, e da identificação do outro com o mesmo? Tratar-se-ia de uma amizade e uma democracia generosa com uma diferença multilingual, multirracial, multicultural, bem como multissexual.[2269]

No plano da possibilidade da imaginação de amizades[2270], substancialmente, políticas, Ortega ainda propõe que nem sempre essas relações já existem, mas podem ser conjuradas, inventadas e produzidas – como realizo neste texto acerca da plêiade de amigos/espectros que herdo/sou herdado, escolho/sou escolhido e afeto/sou afetado. O autor ainda pontua que cada indivíduo deve criar a ética que convém à sua própria amizade e, consequentemente, *um direito relacional que pontua um apelo ao estabelecimento de novas formas de vida*[2271]*.*

No aspecto referente à amizade que descortina *novas formas de vida*, a plêiade de amigos-políticos a qual meu texto se assenta é nevrálgica para (re)visitarmos a amizade em tempos de cólera. Conforme exposto por Ortega em *Genealogias da amizade*, a entrada da homossexualidade enquanto patologia no século XIX é uma das causas do declínio da amizade nas sociedades ocidentais[2272]. A sombra da homossexualidade pesa sobre as amizades e esta questão é substancial para escre(vi)vermos a amizade homo-biográfica (S/Z) que abaliza *Mil rosas roubadas* e é (re)visitada através da minha óptica de amigo-amante político/crítico biográfico fronteiriço que compartilha, também, dessa nova forma de vida projetada e constituída

[2269] DERRIDA *apud* ORTEGA. *Para uma política da amizade,* p. 79.
[2270] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 96.
[2271] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 96.
[2272] ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 144.

no espaço público. Em termos de afetividade e embates na amizade (relacionamento) entre homens, *Mil rosas roubadas* (2014) expõem:

> Como companhia muito especial é que eu conto para ele, companhia impossível de ser desvencilhada pelas brigas, discussões, rusgas ou entreveros causados pela navegação diária em mares nem sempre tranquilos. Pelo lado de dentro do coração passamos a existir amorosamente um para o outro. Sem o contato íntimo do lado de fora. Eu, fora dele, dentro de mim. Ele, fora de mim, dentro dele. À deriva, navegamos os dois, tendo como bússola o coração.[2273]

Ortega em *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), na esteira das reflexões de Foucault acerca da amizade e da homossexualidade, pontua que há uma dificuldade, em termos gerais, dos homens, diferentemente das mulheres, em introduzir dimensões de afetividades em suas amizades. O que, aos olhos do filósofo, demonstra um atrofiamento histórico. A homossexualidade debatida sob o alicerce da amizade promove formas outras de sociabilidade. Para Ortega, *a homossexualidade transforma-se no problema da amizade*[2274].

Pode-se afirmar, portanto, que a amizade masculina instituída em *Mil rosas roubadas* destoa desse atrofiamento histórico discutido por Ortega, na medida em que, apesar dos constantes conflitos e embates *ascéticos*[2275], os amigos-políticos, cada um ao seu modo, explicitam uma relação de intimidade não-íntima com o outro. A chave que é girada pelo amigo-narrador-amante Silviano e que dá o tom inicial do romance escrevivente me esclarece esse *caráter outro*[2276]: “Perco meu biógrafo.

---

[2273] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 243.
[2274] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 166.
[2275] Francisco Ortega, à luz de Foucault, em *Amizade e estética da existência em Foucault* entende a *ascese* enquanto a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar e propor para si uma forma de existência. ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 23.
[2276] A expressão *caráter outro* está para além de uma lógica hegemônica e colonial, na medida em que, ao me valer das minhas/nossas sensibilidades homo-biográficas, penso e erijo meu discurso *a partir* da exterioridade e crivado em uma epistemologia crítico-biográfica fronteiriça da escrevivência.

Ninguém me conheceu melhor que ele. Nascemos um para o outro aos dezesseis anos de idade, em Belo Horizonte, nos idos de 1952."[2277].

Em linhas gerais, Silviano propõe uma narrativa ensejada por um modo de vida *outro*, posta em um âmbito político/público e localizada temporalmente nos anos 1950, tempo em que a homossexualidade e o homoerotismo eram confundidos com a amizade e postos, assim, sob suspeita de sodomia. Já me valendo dos anos 1950 e do ato simbiótico entre ficção e vida, assumo que, para além das fronteiras literárias, Silviano Santiago e Ezequiel Neves (Zeca) foram amigos reais, no plano empírico, até a morte de Zeca em 2010. E até hoje pelo exercício (des)arquiviolítico de Silviano em *Mil rosas roubadas* alicerçado pelo discurso do epitáfio de amar o amigo para além da vida e da morte. Agora, tais relações são revitalizadas pela minha escrevivência *homo-biográfica* de crítico *supondo saber sobre a vida do/s outro/s*[2278]*.*

A história dos meus amigos políticos/espectrais/amantes, S/Z, inicia-se nos anos 1954 em Belo Horizonte no Colégio Moriconi[2279]. Posteriormente, os amigos se juntavam nas reuniões do Centro de Estudos Cinematográficos (tanto no plano da ficção das *Mil rosas roubadas* quanto da realidade empírica belo-horizontina da época) e, mais adiante, na fundação da revista "Complemento". Silviano Santiago, na entrevista "Viagem ao México" (1996), comenta sobre os grupos os quais participava em 1950 na cidade de Belo Horizonte:

> Na Belo Horizonte dos anos de 1950, participando de vários grupos, entre eles o do Centro de Estudos Cinematográficos, o da revista *Complemento*, o do Teatro Experimental e o do Balé Klaus Vianna, tive a sorte de ter uma formação artística das mais amplas e de ter artistas extraordinários e corajosos como amigos e modelos.[2280]

[2277] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.
[2278] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.
[2279] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 20.
[2280] SANTIAGO. Viagem ao México, p. 74.

Silviano descreve a revista “Complemento” como um *grupo diversificadíssimo de jovens provincianos, inquietos e inteligentes*[2281]. Dentre os temas discutidos pelos jovens aspirantes a intelectuais, e nesse ponto me vejo refletido nesses jovens belo-horizontinos, havia teatro e música popular com Ezequiel Neves, cinema com Maurício Gomes, artes plásticas com Frederico Morais e Vilma Martins, balé com Angel Viana dentre outras áreas. De maneira metafórica, aproximando-me na diferença, percebo que vivo à semelhança da juventude de Silviano a partir do grupo intelectual-acadêmico que faço parte desde 2015 dentro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) na Universidade Federal Mato Grosso do Sul (UFMS).

Nós *neccenses*, somos, assim como os integrantes da “Complemento”, jovens *provincianos, inquietos e inteligentes* pensando e produzindo a partir da fronteira-sul que atravessa nossos corpos literário-epistêmicos. No que se refere à amizade real de S/Z fortalecida pelos grupos que participaram, e hoje, integrantes do NECC sob intermédio da minha conjuração espectral de amigo político e crítico biográfico fronteiriço. Ainda no plano da revista “Complemento”, e a título de ilustração, reproduzo a seguir duas fotografias (Figuras 36 e 37) retiradas por mim em 2019 na “Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais” em Belo Horizonte.

Nas imagens, respectivamente, constam a capa de número 3 da revista (janeiro, fevereiro, março) datada de 1957 (Figura 36), bem como seu índice (Figura 37) contemplando textos, dentre outros, de Silviano Santiago intitulado de “Narrativa” e de Ezequiel Neves “Noite maior”. Além disso, pelo índice da revista, faz-se possível notar as diversas áreas do conhecimento ali debatidas, sendo estas, literatura, artes

[2281] SANTIAGO. A multiplicidade de Silviano, p. 142

plásticas, cinema e teatro, por exemplo, como mencionado anteriormente por Silviano na entrevista “Viagem ao México”.




FIGURA 36 – Capa do n. 3 (1957) da revista “Complemento” composta, dentre outras personalidades, por Silviano e Zeca
Fonte: fotos feitas por mim em 2019 na “Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais” em Belo Horizonte

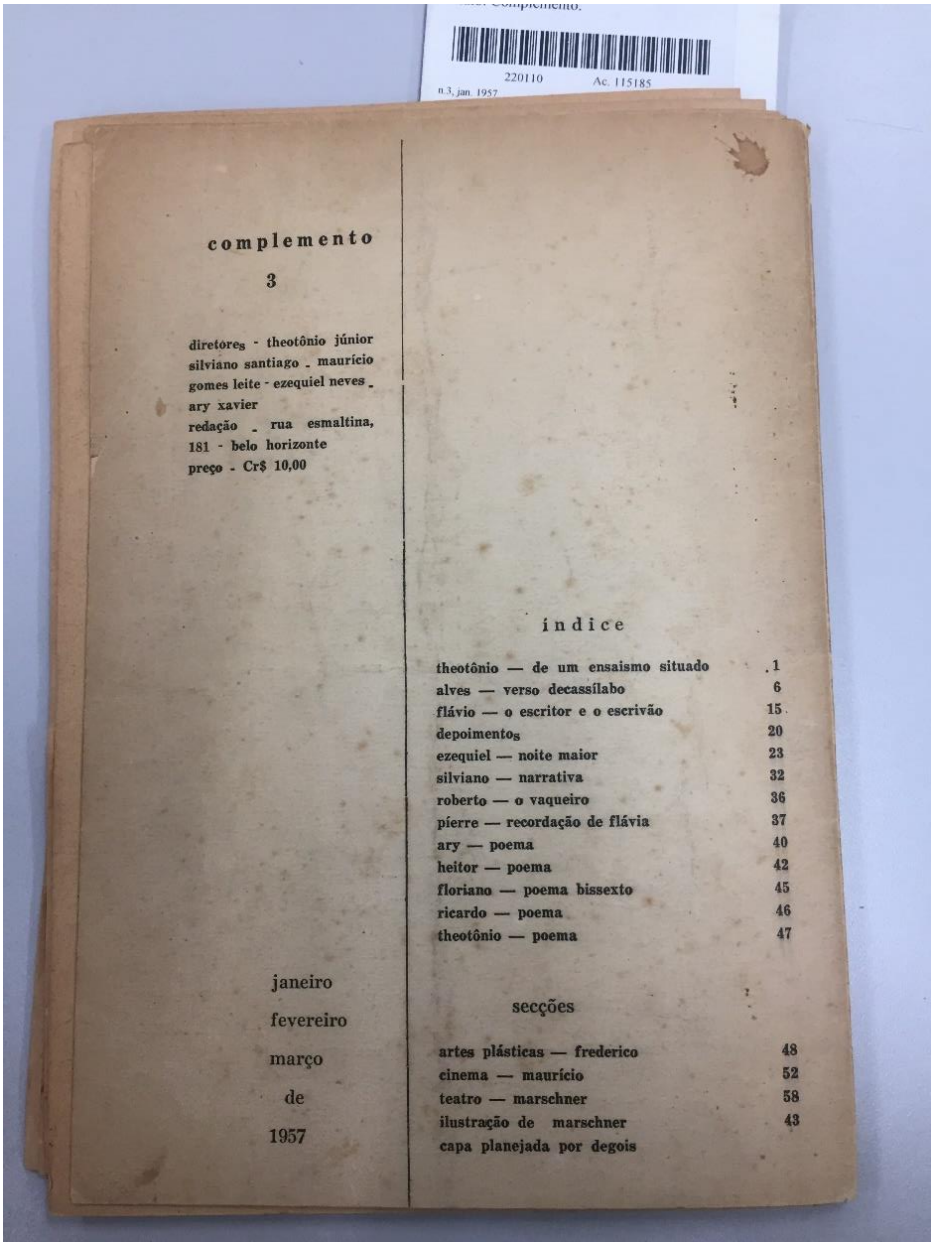



FIGURA 37 – Índice do n. 3 (1957) da revista “Complemento” composta, dentre outras personalidades, por Silviano e Zeca
Fonte: fotos feitas por mim em 2019 na “Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais” em Belo Horizonte

Na esteira dos desdobramentos dessa amizade/relação de S/Z, endossada pelo produzir-saber da “Complemento” (Figuras 37 e 38), Ezequiel Neves no texto “Um mineiro de Formiga” (1997) afirma que quando se trata de Silviano Santiago: “[...] é lógico! Amigo Maior, Romancista Maior, Poeta Maior.”[2282]. Atrevo-me, na figura de crítico biográfico fronteiriço e amigo político desses amigos-espectros, a inserir a

[2282] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 20.

expressão “amor maior” à lista de expressões aferidas por Zeca a Silviano. Uma amizade política da boa distância que, de modo coincidente com as proposições teórico-ficcionais de Silviano em seu projeto *homo-bio-ficcional*, se mistura com um possível amor homossexual. Inventado ou, de fato, materializado, ficcionalmente ou, quiçá, no plano empírico entre S/Z – como discutirei *a posteriori* com base na relação das *Mil rosas roubadas* com a canção “Exagerado” (1985), interpretada por Cazuza.

Ainda em “Um mineiro de Formiga”, Zeca afirma que ele e Silviano nunca se separaram, mesmo que o ensaísta fora o primeiro da turma a sair de Belo Horizonte para fazer doutorado em Paris sobre o escritor, também homossexual, André Gide. Avançando temporalmente, Ezequiel explicita que desde os meados dos anos 1960 e 1970, ele e Silviano não se desgrudaram mais, morando ambos no Rio de Janeiro e compartilhando a condição de vizinhos de bairro. No findar de sua confissão afetiva e política em relação ao amigo, Zeca reitera que Silviano sempre o ensinaria a amar a vida, pois ele é sábio e esperto. Nem parece mineiro de Formiga[2283].

Entendo, portanto, que do mesmo modo que S/Z transferencialmente aquilatam uma amizade que extrapola todos os limites empíricos e adentram as fronteiras ficcionais, eu me incluo nessa tríade na figura de amigo também político que os conjura espectralmente e os (re)vive a partir *sobre-vida* derridiana. Silviano, assim como fez com Zeca, também me ensinou a amar a vida. Essa inscrição que estabelece sob o meu crivo crítico uma tríade aquilatada em uma política da amizade se faz possível através do fenômeno da linguagem debatido por Frantz Fanon ao explicitar que, ao falar, existo para o outro, sobretudo, no que concerne ao meu recorte ensejado assentado em uma amizade crítica/estética da existência homo-biográfica:

> Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um

[2283] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 21.

> dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor [do amigo/político e homossexual]. *Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.*[2284]

*Se falar é existir absolutamente para o outro*, compreendo que a minha escrevivência homo-biográfica*,* responsável pelo estabelecimento de pontes metafóricas[2285] entre mim e Silviano constituindo um nós dividual, se impõe como herdeira e responsável por narrar aquilo que está para além dos domínios detidos pelo próprio Silviano. Em *Mil rosas roubadas*, o mineiro perde seu então biógrafo pela sombra impiedosa da morte. Entretanto, no que mais faltaria é que Silviano ganha, uma vez que perde o biógrafo ficcional, mas é recompensado pela aparição de outros muitos biógrafos, não apenas ficcionais, mas, sobretudo, críticos homo-biográficos, como eu, por exemplo.

O suposto biógrafo, amigo e cúmplice Zeca é roubado de Silviano pela fantasmagoria da morte girando, com isso, a roda propulsora do romance, uma vez que o romance *Mil rosas roubadas* é iniciado pelo fim, pela morte e pelo suposto vazio. A princípio, em virtude da morte do artista adepto aos paraísos artificiais, Silviano perderia a oportunidade de ter sua vida biografada pela óptica de um amigo-amado que acompanha, de longe ou de perto, cada traço que sua vida delineava. Silviano apropria-se do ato de biografar na tentativa, quase falha, de biografar Zeca – ainda que tivesse a consciência de que não poderia fazê-lo com a mesma habilidade – acabando, conscientemente, se autobiografando. No fundo, o desejo de memória é latente. Mathieu Lindon expõe o que poderia ser um trecho de *Mil rosas roubadas*:

> Será que o recrimino por ter morrido? Esse é o único defeito que encontro nele, mas é um defeito considerável. [...] Esqueci mil momentos com ele, mas há mil outros de que me lembro, e ele, é claro que nunca o esquecerei, *ele que me ensinou até mesmo a morte, o luto irremediável, que a ensinou sem querer fazê-lo*. Não serei grato a ele por isso: a esse ponto não vou. Ele me ensinava a vida, não havia por que ensinar-me a morte.[2286]

---

[2284] FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 33, grifos meus.
[2285] SOUZA. *Crítica cult,* p. 111.
[2286] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 23-24.

Como exposto, o fragmento aposto foi retirado do livro *O que amar quer dizer* (2014), mas, caso fosse suprimida a referência da obra, acreditaria se alguém me dissesse que tal citação fora extraída das minhas *Mil rosas roubadas*. Zeca quita sua dívida com Silviano ensinando-lhe a morte. E é a partir desse vazio e luto irremediável que ganho no *plano fundamental da linguagem* biográfica. Na falta do biógrafo primeiro, aproprio-me metafórico e discursivamente das faltas, memórias, sensibilidades, projetos e escrevivências de Silviano para aquilatar a minha escrevivência homo-biográfica crivada no direito epistêmico que construí enquanto crítico biográfico fronteiriço para me apropriar dessa (nossa) vida dividual. Assim, *Janelas indiscretas* (2011) me mostram que:

> A distinta dicção da crítica biográfica frente ao ensaio de vocação teórica ou de natureza interpretativa reside na condensação entre ficção e teoria, narratividade e argumento teórico. Nesse sentido, há maior liberdade criativa por parte do crítico, por revigorar o enredo narrativo e permitir associações entre texto e contexto, obra e vida, arte e cultura. Mas a escolha do método biográfico impõe determinada disciplina e se afasta de aproximações ingênuas e causalistas operadas por adeptos da pesquisa biográfica como caça aos segredos e enigmas do texto.[2287]

Dessa feita e conforme Eneida Maria de Souza debate em *Crítica cult* (2002), proponho uma abertura enunciativa[2288] no texto que assino considerando que me posiciono tanto como divíduo quanto representante de um grupo escrevivente homo-biográfico. Falo existindo para Silviano, mas, essencialmente, para mim. Silviano adquire meu amor de crítica biográfico fronteiriço permitindo que eu descubra, invente e narre sua/nossa vida apropriando-me das suas/nossas tessituras biográficas. Há uma relação de amizade crítica/política entre nós recheada de amor e ódio *sendo parricida e protetora ao mesmo tempo*[2289]. Desejo tomar posse dessa vida que é outra

[2287] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.
[2288] SOUZA. *Crítica cult*, p. 117.
[2289] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 41.

e a mesma ao mesmo tempo que viso manter Silviano *sobrevivo* em mim e a partir de mim.

Assim, sob a égide de Fanon, reitera-se a importância da linguagem em todo gesto ensaísta-dissertativo-biográfico que ensejo neste texto. Sem a prospecção do fenômeno fundamental da linguagem, o arquivo, a amizade, a herança, a sobrevida, os espectros e, posteriormente, a memória e a hospitalidade não seriam possíveis de serem (des)arquivados, (re)articulados e escrevividos, nem por mim, nem por Silviano. Conforme explicitou Fanon, falar é existir para o outro; sendo assim, ao falar sobre e a partir de S/Z/C existo para meus amigos espectrais tal qual estes existem para mim. Para Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro*, escrever significa se expor, se mostrar[2290], desnudar-se. No bojo de uma contaminação conceitual memorialística derridiana, entendo que escre(vi)ver implica lembrar e esquecer através de um gesto anamnético-narrativo ambivalente na medida em que ao lembrar, esqueço; e, ao esquecer, (re)lembro.

[2290] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 24.

2.3.1 – Grafias comparatistas de vidas homo-biográficas: Cazuza, Silviano, Zeca e Pedro, exagerados para além da(s) arte(s)

> Fala a verdade gravador
> responde a quem te perguntou
> eu vou falar a música
> do poeta e o professor
>
> É a rosa e o espinho
> Meu amor me abandonou
>
> *A rosa e o espinho*
> *comparando eu e você*
> *estou morrendo de amor*
> *e por amor quero viver* [...]
>
> DELGADO. *A chave de uma história*, p. 27, grifos meus.
>
> Meu coração tinha dado a meia-volta e encarcerado a si em meio ao desejo solitário de querer amar por querer amar por muito querer amar. Encarcera a si, desiludido, pelo fato de o alvo visado pelo amor ter se esquivado, se furtado ao assédio, tão logo se sentira transformado em razão e sentido para minha primeira experiência do amor. *Visado e apontado, o alvo se subtrai ao meu desejo, escondendo-se na paisagem, como animal arisco frente à espingarda do caçador.*
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230, grifos meus.
>
> Amor da minha vida
> Daqui até a eternidade
> Nossos destinos
> Foram traçados na maternidade
> Paixão cruel, desenfreada
> *Te trago mil rosas roubadas.*
>
> CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
>
> 'Amar uma imagem é sempre ilustrar um amor; amar uma imagem é encontrar sem saber uma metáfora nova para um amor antigo'.
>
> BACHELARD *apud* LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 51.

É à luz das vicissitudes, particularidades e idiossincrasias de amores exagerados-homo-biográficos, nem sempre correspondidos, que este subtítulo se descortina atravessado pelas correlações e grafias metafórico-comparatistas entre a música *Exagerado* (1985) interpretada por Cazuza e o romance *Mil rosas roubadas* (2014) de Silviano Santiago. À maneira que a epígrafe do filósofo e poeta francês Gaston Bachelard explicita, *amar uma imagem é ilustrar um amor, uma metáfora nova para um amor antigo*. À vista disso, contaminado pelas mil rosas roubadas por mim enquanto crítico biográfico fronteiriço de Cazuza/Silviano/Zeca e pelas

imagens/metáforas sensível-afetivo-íntimas tão minhas quanto deles que delineio a articulação amorosa *outra*, homossexual, que se segue.

Dito isso, empreendo que as epígrafes apostas deslindam o tom da não-correspondência enamorada que angario dar a estas reflexões comparativo-culturais e, por extensão, às grafias das vidas de divíduos que são tão caros e latentes ao meu próprio *bios* enquanto personalidades posta-expostas nos espaços públicos das tradições musicais, literárias brasileiras e homossexuais, por excelência. Nesse tocante sentimental, entendo que o amor contempla a beleza escarlate das rosas, entretanto, ao mesmo tempo, essas são compostas por demasiados espinhos que podem ferir e fazer sangrar a alma daqueles que se veem frente a um amor não correspondido, tal qual canta Cazuza e escre(vi)ve Silviano. Por isso, há de se pontuar que o jogo amoroso tem suas próprias regras e aqueles que se dispõem a jogá-lo devem (auto)conscientizar-se de suas leis e limites, pois, do contrário, o amado pode *esconder-se na paisagem, como animal arisco frente à espingarda romântica do caçador*[2291].

Compreendo que a assertiva *te trazer mil rosas roubadas* pode ser lida enquanto metáfora de superação romântico-afetiva no que convém aos horizontes de expectativas criados por sujeitos enamorados, ainda que seus destinos tenham sido traçados na maternidade cantada por Cazuza ou até mesmo pela injunção de os sujeitos envoltos na relação *terem nascido um para o outro aos dezesseis anos de idade*[2292], como Silviano afirma. De forma semelhante ao romance, a canção *Exagerado*, escrita por Ezequiel Neves e Cazuza além de ser produzida por Leoni, narra o amor de um sujeito mais apaixonado que o seu correspondente. Como próprio

[2291] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230.
[2292] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 49.

título enuncia, há um amor exagerado latente em seu bojo, em linhas gerais, um indivíduo relatando as demasiadas atitudes que, em virtude da não correspondência amorosa, tomaria para ficar com o amado.

Dessa feita, corroboro que o romance *Mil rosas roubadas* e a canção *Exagerado* se aproximam não só sob o crivo das semelhanças, mas, sim, das diferenças. Essa premissa se justifica por ambas as obras serem manifestações culturais distintas (música/literatura), produzidas em épocas diferentes (1985/2014), entretanto, *escre(vi)vidas* por indivíduos que possuem entrecruzares biográfico-ficcionais próximos entre si através de Ezequiel Neves (Zeca), produtor de Cazuza, co-escritor de *Exagerado* e o personagem-objeto de desejo amoroso de Silviano Santiago no romance citado. Em ambas as obras, entremeado pelo pensamento de Eneida Maria de Souza, entendo que há uma cristalização da dor incutida na perda amorosa em que *o prazer e o sofrimento se tornam faces da mesma moeda por meio do discurso literário e musical justapostos em um espaço da ambiguidade e do paradoxo*[2293]*.*

Desse prisma, aportado em uma perspectiva ficcional, compreendo que as vidas de Cazuza e Silviano se revertem em grafias[2294] homo-biográficas/biografemas permeadas, dentre outras particularidades, por relacionamentos não recíprocos e, consequentemente, por amores exagerados. No plano da leitura das manifestações culturais do presente[2295] a serem realizadas nesse subtítulo, assento-me, sobremaneira, em *leituras não comportadas*[2296] visando não repetir os conceitos da tradição, conservadores e intocáveis, no chancelar da literatura e da música

[2293] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 188.
[2294] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 77.
[2295] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 171.
[2296] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 171.

brasileiras. O primar das minhas articulações se resguarda, enquanto condição *sine qua non*, na expansão da crítica literária vertida em múltiplas visadas, dentre elas a comparada, cultural, biográfica e textual[2297] sem sobrepô-las por insígnias hierárquicas, prioritárias e/ou fronteiras que as separem.

Envolto-me, ainda, de indícios biográficos[2298] nos tratos conceituais aferidos à canção *Exagerado* e ao romance *Mil rosas roubadas*, indo além desses biografemas ao me situar em uma dicção[2299] entre a teoria e a ficção expressando a minha própria marca pessoal de ensaísta[2300] e de crítico biográfico fronteiriço. Segundo Souza, a forma ensaística *se ajusta à reflexão narrativa jogando com as lacunas e com os lapsos do conhecido possibilitando ao crítico apagar e/ou rasurar textos que se superpõem*[2301], no caso desse subtítulo, da música e do romance de Cazuza e Silviano, respectivamente. Ainda nesse viés, empreendo, na esteira da intelectual mineira, que o gesto de *teorizar*[2302] corrobora formas de conhecimentos *outros* e a revitalização do saber posto indiciando os graus de compreensão e de prazer[2303] intrínsecos a minha prática conceitual. À vista disso, no plano da importância da música brasileira nas leituras de cunho cultural, Souza explicita:

> O papel exercido pela música popular brasileira na invenção do imaginário cultural e político brasileiro tem recebido, nos últimos anos, efetivo reconhecimento. Com a abertura veiculada pela crítica cultural na universidade, principalmente na área de letras, constatou-se a diluição das hierarquias discursivas e a relativização dos paradigmas hegemônicos, como o da alta literatura, das grandes narrativas, da estética pura ou da alta modernidade. A releitura desses paradigmas no interior das ciências humanas permitiu a transformação do *corpus* de análise, valorizando-se os discursos até então relegados ao segundo plano ou desprovidos de valor conceitual. O discurso musical, assim como o da cultura de massa, tem sido

[2297] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 20.
[2298] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2299] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2300] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2301] SOUZA. *Crítica cult*, p. 114.
[2302] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 221.
[2303] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 221.

> recuperado pela academia, em virtude do deslocamento dos saberes e da gradativa interferência das instâncias multiculturais.[2304]

Diante do fragmento exposto, no que convém à leitura comparatista-cultural-biográfica ensejada entre a canção de Cazuza e o romance de Silviano, reitero a assertiva de trazer à baila discursos até então colocados em segundo plano e/ou compreendidos enquanto desprovidos de valor, como o musical recuperado no tanger às instâncias multiculturais que o roçam com a literatura. Em *Crítica cult* (2002), a intelectual mineira destrincha a amplificação das categorias de texto[2305] ao considerar suas interligações e contaminações com discursos culturais *outros* retirando o invólucro de *belles-lettres* da narrativa literária[2306]. Para Souza, ao considerarmos a vida pela chancela de "texto", "[...] o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria [...]"[2307].

A crítica comparatista-cultural discutida pela intelectual ressalta, ainda, a abertura dos estudos de Teoria da Literatura[2308] ao romper os limites territoriais e engessados das disciplinas fomentando o questionamento das regras (im)postas pelos espaços de saber[2309]. Nesse ínterim, a literatura se revitaliza pela apropriação das práticas teórico-ficcionais-culturais resultando na revitalização de uma através da outra[2310]. O *sopro teórico*[2311], portanto, irrompe nos discursos literário-culturais e vice-versa. Conforme Souza corrobora, a leitura de obras atuais como as "[...] Silviano Santiago (*Mil rosas roubadas*, 2014) permitem a revisão de categorias próprias a

[2304] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 235.
[2305] SOUZA. *Crítica cult*, p. 113.
[2306] SOUZA. *Crítica cult*, p. 115.
[2307] SOUZA. *Crítica cult*, p. 119.
[2308] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 219.
[2309] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 219.
[2310] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 219.
[2311] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 220.

esses gêneros por se insurgirem [...] contra o esquematismo."[2312]. Dito isso, sob a pluma de Italo Moriconi, postulo que *toda literatura* (e estendo a reflexão à música da Cazuza) *é grafia da vida*[2313], *biografia e romance se configuram enquanto aspectos de um copartícipe impulso*, *reafirmando a narrativa literária como força e potência da vida*[2314]. As narrativas não são apenas grafias, e, sim, *rastros, vestígios ou ruínas de acontecimentos nunca apresentados em sua totalidade pontual*[2315].

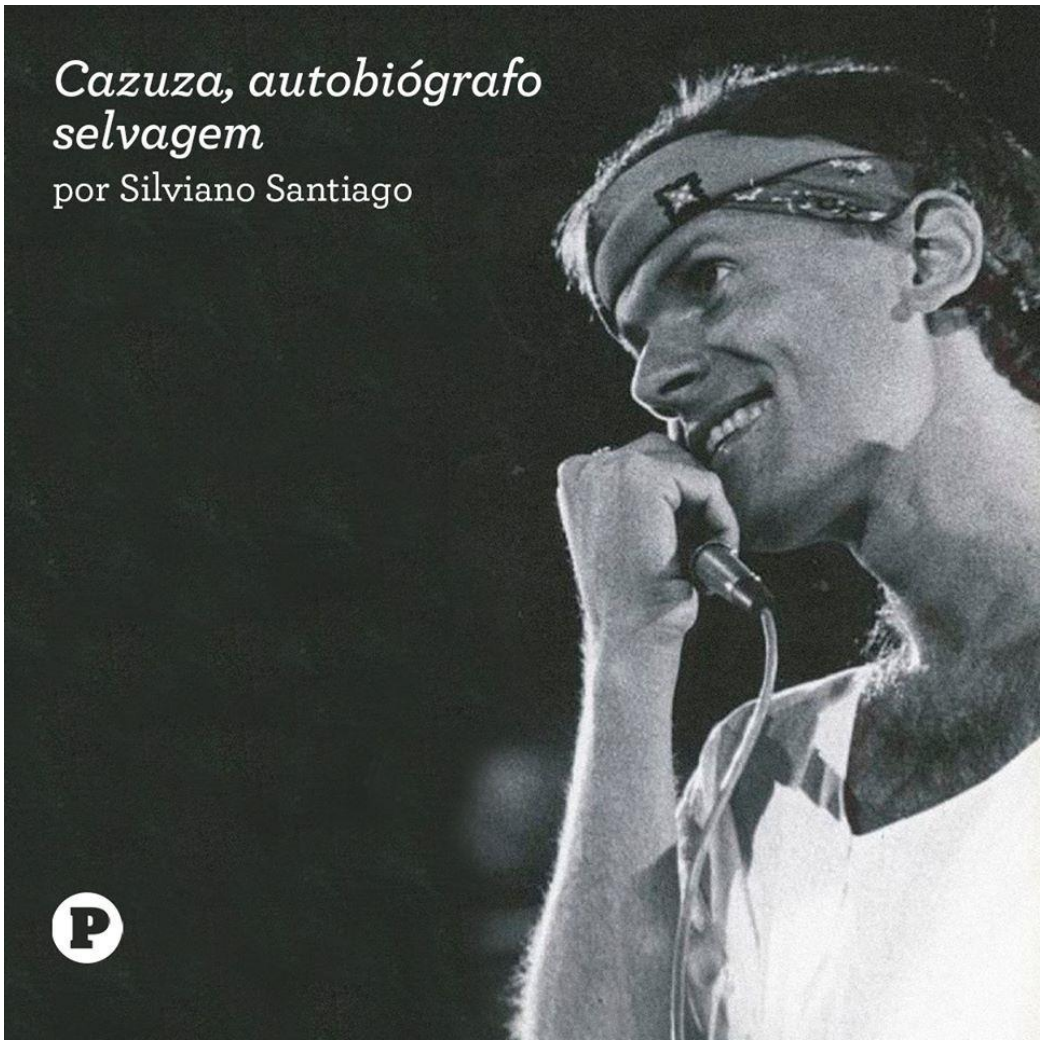
Dado esse introito, começo a adentrar as veredas que relacionam Cazuza e Silviano não apenas pela chancela das suas narrativas musical-literárias (que serão tratadas, em específico, *a posteriori*), mas, também, pelas correlações metafórico-biográficas existentes entre eles. Em *O homem que amava rapazes* (2002), Denilson Lopes aproxima ambos pelo crivo das paisagens existentes entre a melancolia e a alegria, a deriva sexual e o medo da AIDS, a solidão e a ternura, a desterritorialização e a busca por novas formas de relacionar-se[2316]. Dentre o rol de personalidades alocadas no plasmar dessas paisagens, menciona-se Caio Fernando Abreu, *Silviano Santiago*, Edilberto Coutinho, José Nilberto Noll, Bernardo Carvalho, *as canções de Cazuza* e de Renato Russo além dos poemas de Ana Cristina César[2317].

Ademais, na obra mencionada, Lopes agradece a Silviano, mais de uma vez, pelo fato de o mineiro ceder alguns poemas de Cazuza[2318] para a composição das articulações ali vertidas. Dentre os fragmentos poéticos de Cazuza reproduzidos em *O homem que amava rapazes*, cito um trecho: "é a imagem de alguma coisa que eu preciso desesperadamente sabendo que, nunca, nesse mundo vou encontrar."[2319].

---

[2312] SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 221.
[2313] MORICONI. Introdução, p. 19.
[2314] MORICONI. Introdução, p. 19.
[2315] NASCIMENTO. Matérias-primas, p. 67.
[2316] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 140.
[2317] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 140.
[2318] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 65.
[2319] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 52.

Nessa esfera, ainda, Souza, em *Janelas indiscretas* (2011), pontua que em ensaio de 1996 intitulado “O tempo não para”: [...] o crítico [Silviano] lembra que o exemplar da obra/vida de Cazuza o coloca em um lugar semelhante ao de Caetano e Mário, pela ligação da vida transmitida pela iminência da morte.”[2320]. Por fim, em texto recém publicado, “Cazuza, autobiógrafo selvagem” (2020) (Figura 38), Silviano, de maneira breve e objetiva, traça o perfil do cantor *que nasce junto com o sentimento republicado se preparando para a vida democrática*[2321]. Para o escritor e crítico, “Cazuza (1958-1990) aparece na cena artística brasileira no momento em que os jovens já não têm as profundas inquietações políticas centradas na derrota da ditadura militar.”[2322].




[2320] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 188.
[2321] SANTIAGO. Cazuza, autobiógrafo selvagem, s/p.
[2322] SANTIAGO. Cazuza, autobiógrafo selvagem, s/p.

FIGURA 38 – Imagem de divulgação no *Facebook* do texto “Cazuza, autobiógrafo selvagem” de Silviano Santiago publicado no *site* do “Suplemento Pernambuco” em 14 de julho de 2020
Fonte: https://www.facebook.com/suplementopernambuco/posts/3435758933179758

Assim, em linhas gerais, as aproximações e roçares os quais estou proponho entre Cazuza e Silviano extrapolam suas próprias narrativas adentrando o espaço público dos saberes, sobremaneira, pela condição de crítico literário-cultural arraigada ao ser-professor-pesquisador-intelectual do meu mineiro endossado pelas manifestações culturais do seu/nosso tempo. Dessa forma, no texto intitulado “Cazuza: exagerado” (2016), publicado na revista “Superinteressante”, a jornalista Cláudia de Castro Lima explicita que *Cazuza era um exagerado no amor, na vida e na morte, era tudo ou nunca mais*[2323]. Para Lucinha, mãe do cantor, ele não se entregava ao amor, pois tinha medo de se machucar, visto que, para o artista, amar queria dizer sofrer[2324]. Somado a isso, inclui-se o fato de que a música-título do álbum “Exagerado” seria sua canção de caráter mais autobiográfico[2325]. Em um vídeo do *youtube* chamado “Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014” (2015), Leoni e Lucinha fazem confissões sobre o processo criativo por detrás da canção, bem como dos biografemas que a compõe: “Trazia um milhão de rosas, mas as rosas não podem ser rosas que ele colheu do jardim, ele roubou aquelas rosas para ficar ainda mais dramática, acho que tem uma coisa um pouco marginal de roubar e não ser uma coisa que está no *status* quo”[2326], afirma Leoni.

Em somatória, Lucinha explicita: “Esse negócio de jogado aos seus pés com mil rosas roubadas, ele tinha mania disso, ele era fã da Elza Soares [...], encontrou uma vez a Elza no Maracanã para um festival qualquer e ele se jogou aos pés

[2323] LIMA. Cazuza, s/p.
[2324] LUCINHA *apud* LIMA. Cazuza, s/p.
[2325] LIMA. Cazuza, s/p.
[2326] Fala de Leoni, amigo e produtor de Cazuza, reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado “Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014”.

dela."[2327]. Contudo, no vídeo citado, Regina Echeverria, biógrafa de Cazuza, pontua que ainda que a canção seja, talvez, a mais autobiográfica do cantor, a letra tenha sido feita pensada em Zeca[2328], dado que, na realidade, esse seria o real exagerado na relação profissional-afetiva-sensível com Cazuza. De acordo com Leoni, o artista brasileiro gostava de Zeca, pois, na amizade deles, seria o *para sempre ou nunca mais*, não haveria um meio termo[2329]. Diante desse cenário de confidências e biografemas tangíveis à canção *Exagerado*, encontra-se o ponto fulcral que elucubra o roçar entre o cantor e o escritor Silviano: Ezequiel Neves, amigo-produtor de Cazuza e objeto de desejo e amigo do autor mineiro. No plasmar desse espaço biográfico, trago à baila duas fotografias (Figuras 39 e 40) de Zeca e Cazuza juntos:

[2327] Fala de Lucinha, mãe de Cazuza, reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014".
[2328] Fala de Regina Echeverria, biógrafa de Cazuza, reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014".
[2329] Fala de Leoni reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014".

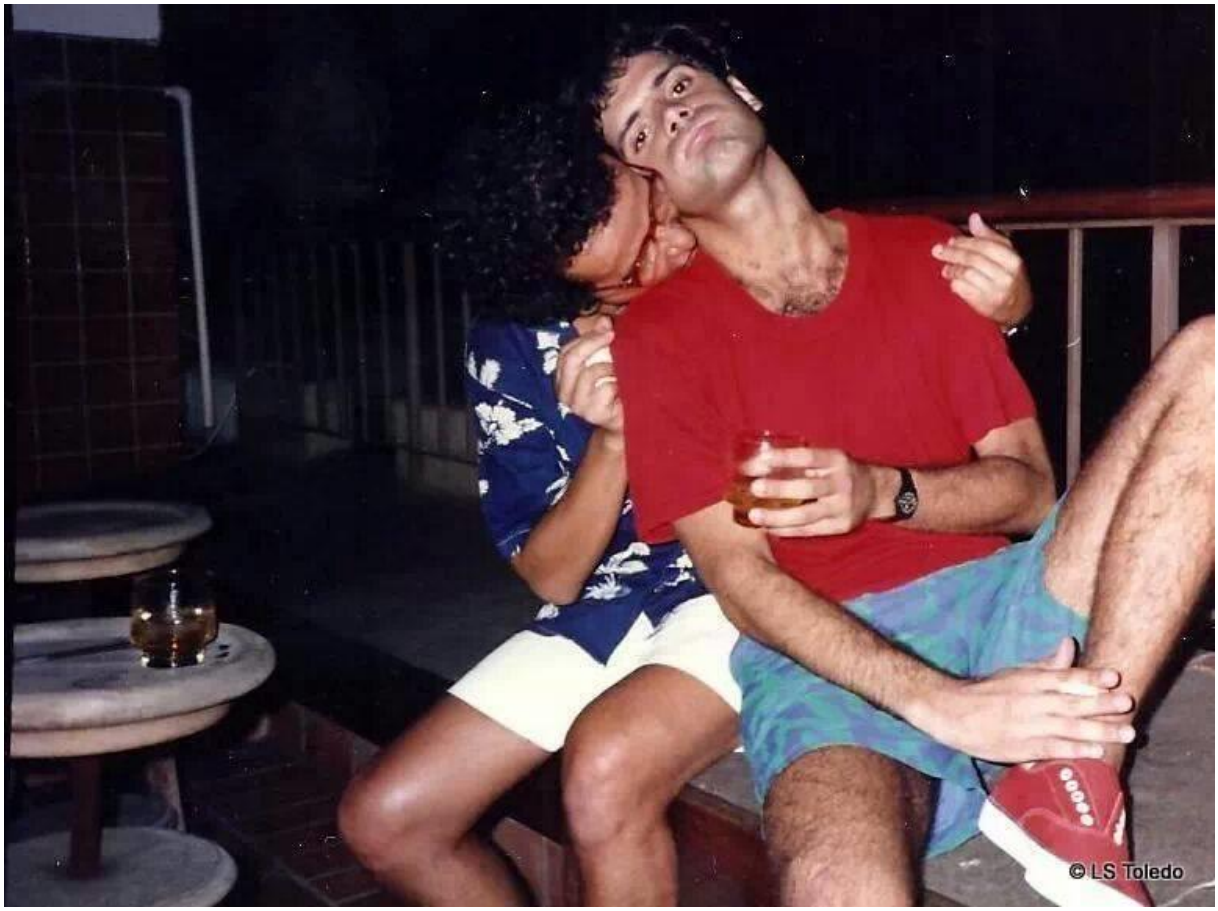



FIGURA 39 – Ezequiel Neves (à esquerda) e Cazuza (à direita)
Fonte: https://www.flickr.com/photos/acervocazuza/14004838122/in/photostream/

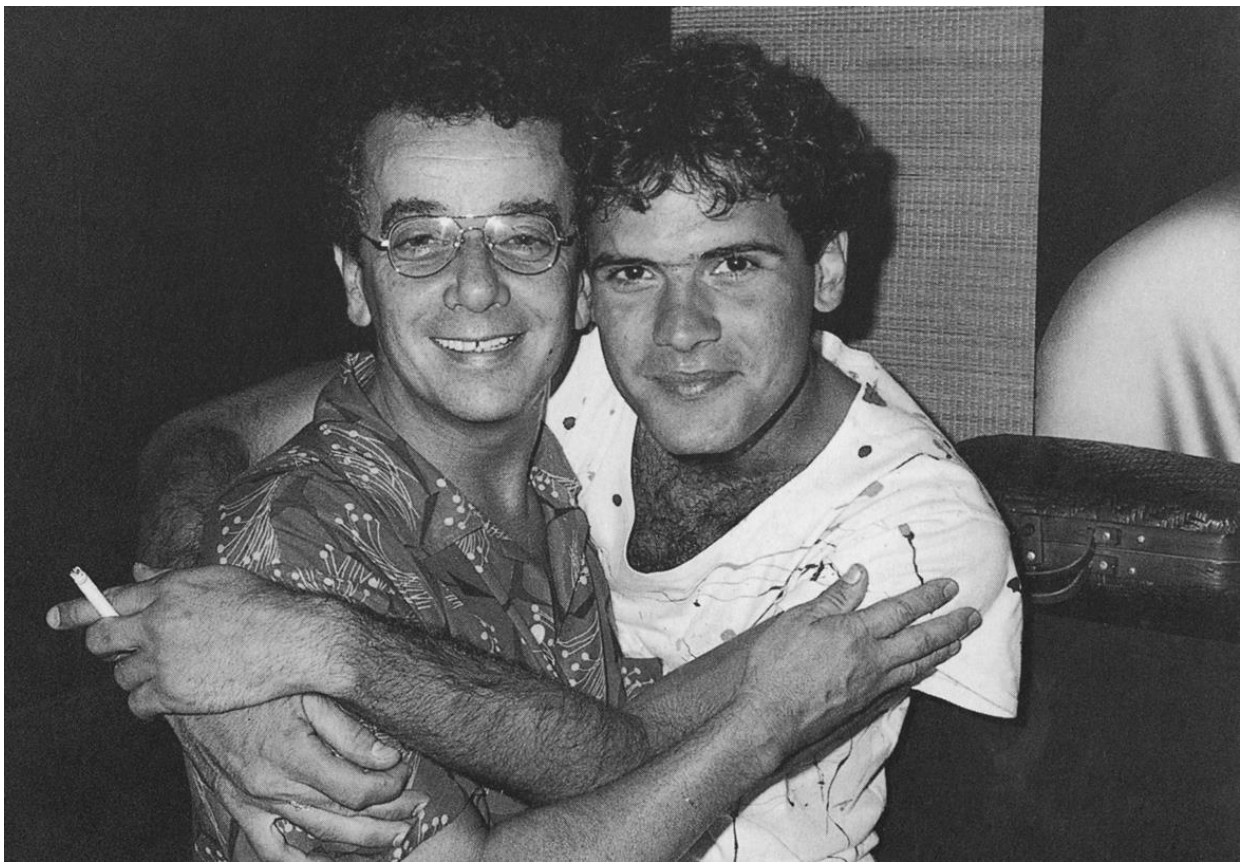


FIGURA 40 – Ezequiel Neves (à esquerda) e Cazuza (à direita), foto retirada da entrevista intitulada "Literatura, para mim, é ruptura" (2014) realizada por Schneider Carpeggiani com Silviano Santiago para "Revista Continente"
https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/164/rliteratura--para-mim--e-rupturar-

Em reportagem do "G1" intitulada "'Achava que Zeca levaria Cazuza para o mau caminho', diz Lucinha Araújo'" (2010), a mãe do cantor menciona uma das particularidades que correlaciona *Mil rosas roubadas* à narrativa cultural aqui delineada pela contaminação da música brasileira através dos últimos momentos de Zeca tomado pelo tumor cerebral apelidado de "Tuninho"[2330]. *Pari passu,* no romance de Silviano, há a recuperação desse evento fúnebre permeado pela *foice facínora da morte*[2331], uma vez que a chave ficcional que dá início à narrativa está alentada justamente na morte de Zeca, até então biógrafo de Silviano, cindido pelo tumor cerebral também denominado de "Toninho". Esse, por sua vez, é o responsável por deslindar *sequelas decorrentes no sistema nervoso levando o corpo a respirar apenas por recurso artificial*[2332]*.* À vista disso, vejamos a fala de Lucinha:

> Lucinha relembrou ainda que o produtor, conhecido por sua irreverência e bom humor, chegou a apelidar o tumor de 'Tuninho'. 'Às vezes, eu perguntava: 'E aí, Zeca, tá tudo bem?' E ele respondia: 'Tá sim, Tuninho está muito bem comportado'', declarou a mãe de Cazuza, que não acredita na informação de que ele sofria de cirrose. Coincidentemente, Cazuza faleceu no mesmo 7 de julho, só que há 20 anos. 'Ontem à noite mesmo eu comentei com João (Araújo, pai de Cazuza), que me pediu notícias do Zeca: 'Acho que ele está esperando o dia 7 para encontrar Cazuza e homenageá-lo''. Agora deve estar uma bagunça lá em cima. Deus deve estar querendo se livrar deles. É capaz até de voltarem à Terra', brincou Lucinha, lembrando das afinidades entre produtor e cantor.[2333]

No plano da correlação entre a morte de Ezequiel Neves e os biografemas que aquilatam o romance *Mil rosas roubadas*, compreendo, sob a égide de Souza, que *saúde e vida se complementam, vida e escrita se conjugam, morte e vida completam-*

[2330] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.
[2331] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 11.
[2332] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.
[2333] LUCINHA *apud* PORTO. 'Achava que Zeca levaria Cazuza para o mau caminho', diz Lucinha Araújo, s/p.

*se*[2334]*.* Silviano diz essa morte[2335] através do domínio pulsante e latente de sua escrevivência e, ao evocá-la, começa a revivê-la[2336] tracejando exclamações ao manejar e (sobre)viver à ausência[2337] do seu objeto de desejo e amigo-amado. À maneira que já expus nesse trabalho, *a morte assassina um e deixa o outro, o sobrevivente*: "Em quarto de hospital [...] tudo pode ser mentira, *menos a precipitação da foice facínora da morte.* Durante seis décadas, de 1952 a 2020, para ser preciso, fomos cúmplices e comparsas [...] e sempre espectador um do outro."[2338]. À semelhança do narrador de *O perfume das acácias* (1997) de Geraldo Majela Martins, metaforicamente, Silviano segura uma xícara transbordando pétalas[2339] de rosas roubadas de Cazuza e Zeca e o deflorar dessas enuncia, por sua vez, a chegada da senha da morte[2340] de quem tanto se amou, ainda que sem a esperada reciprocidade.

*Lembrar sempre dói, a morte basculara nosso tempo*[2341]*.* A partir dessa premissa incutida na obra de Martins, encontro-me lado-a-lado com Silviano no tanger à perda de entes queridos, ainda que, no meu caso, essa tenha se perfilado à luz da morte paterna nos idos de 1977, e não de um amor. Por sorte, ou acaso do destino, tive o prazer de encontrar ressonância simétrico-amorosa-exagerada ao compartilhar as vicissitudes da minha própria existência por quase três anos com aquele que, um dia, tanto amei. Certa vez, foi-me dito: *sobre nossas vidas uma coisa é certa, não morreremos sem saber, de fato, como é ser amado de corpo e alma, ainda que um dia nos separemos.* E assim foi, amei exageradamente e fui amado na mesma intensidade, com toda força e dedicação que um ser humano pode dedicar e dispender

[2334] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 110.
[2335] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 80.
[2336] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 80.
[2337] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 80.
[2338] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 11, grifos meus.
[2339] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 112.
[2340] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 112.
[2341] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 29.

a outro, co-partícipes de um mesmo impulso responsável não apenas por conectar corpos, mas, sobremaneira, almas.

Voltando-me à questão fúnebre tão cara ao meu *bios* e ao de Silviano, a morte, e seu último instante, fixaram-se em minhas/nossas memórias apregoando um olhar que nos indaga, arrebatando[2342] nossas próprias vidas. Queiramos ou não, *a morte fala*[2343] e, especialmente, é *escre(vi)vida* pelo mineiro que não queria chorar[2344] o desaparecimento terreno do seu objeto de desejo, apenas amá-lo[2345]. Mathieu Lindon, em *O que amar quer dizer* (2014), ao falar de sua relação de amizade com Foucault e, também da pós-morte desse, descortina um horizonte de sensibilidades próximas ao relacionamento de Silviano-Zeca ao ressaltar que *houve um homem que estava aqui, na minha vida, há tanto tempo, um homem que é mais do que um homem, um daqueles que queremos nos mostrar dignos, um homem que amei, amo e morreu*[2346]*,* ademais, encerra questionando "Será que o recrimino por ter morrido? Esse é o único defeito que encontro nele, mas é um defeito considerável"[2347]. Nesse plasmar fúnebre, mais uma vez, Martins me é necessário para corroborar que:

> *Enquanto houver testemunha, não haverá a morte verdadeira. A escrita testemunha a morte das acácias* [das *Mil rosas roubadas*]*, deixando vivo o seu perfume ao lado da escritura.* Fenecem os galhos, tombam as folhas. A secura deles faz labaredas-fonemas nos estalidos que o fogo testemunha. A terra fértil testemunha a dor das acácias [das rosas]. A terra não morre. A alva tez das acácias mortes é testemunhada na escrita do seu nome na lápida da terra. Testemunha da minha vida.[2348]

Diante dessas reflexões, entrevejo que, através do manejo escrevivente de Silviano, Zeca não morre verdadeiramente, pois suas grafias e biografemas são recuperados não só pelo entremear de sua vida com o mineiro, mas, também, pela

[2342] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 72.
[2343] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 104.
[2344] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 107.
[2345] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 107.
[2346] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 23.
[2347] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 23.
[2348] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 127, grifos meus.

correlação cultural-narrativa existente entre *Mil rosas roubadas* e a canção *Exagerado*. No tocante ao papel de sobrevivente assumido por Silviano, a relação com Zeca passa a ser dominada[2349] por aquele se desenvolvendo, literário-culturalmente, pelo desarquivar de suas memórias afetivas, sensíveis e, quiçá, machucadas pela não-reciprocidade e partida do amado. Ainda que soframos, *as pessoas que mais amamos e cuidamos podem morrer e isso só se aprende vivendo*[2350]*, a realidade é aterrorizante*[2351]. Diante disso, no que tange ao terror da morte, Silviano assente que "Se o cardiologista conseguisse entubar o músculo do coração como se entuba traqueia ou estômago, o dele [Zeca] *forneceria secreções preciosas que eu roubaria às escondidas da cuba esmaltada da enfermeira* [...]"[2352].

Em entrevista intitulada "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2" (2015) para o canal do *youtube Imagem da palavr*a, meu mineiro evoca, ao falar sobre o romance *Mil rosas roubadas*, o complicado problema de perder alguém que muito se quer, antes mesmo de você morrer[2353]. Para Silviano, isso se assemelharia ao que se conhece enquanto "viuvez"[2354], estado que faz o sobrevivente sentir ódio dessa morte[2355] que assassina a pessoa amada, mas, que, ao mesmo tempo, concede ao sobrevivente mais alguns anos de vida[2356]. A morte, portanto, destrói quaisquer novas possibilidades de congraçamento, simpatia e amizade[2357] terrenas, entretanto, da

[2349] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 136.
[2350] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 273.
[2351] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 278.
[2352] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 17, grifos meus.
[2353] Fala de Silviano reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2".
[2354] Fala de Silviano reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2".
[2355] Fala de Silviano reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2".
[2356] Fala de Silviano reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2".
[2357] Fala de Silviano reproduzida no vídeo publicado no *youtube* intitulado "Silviano Santiago – Imagem da Palavra – Parte 2".

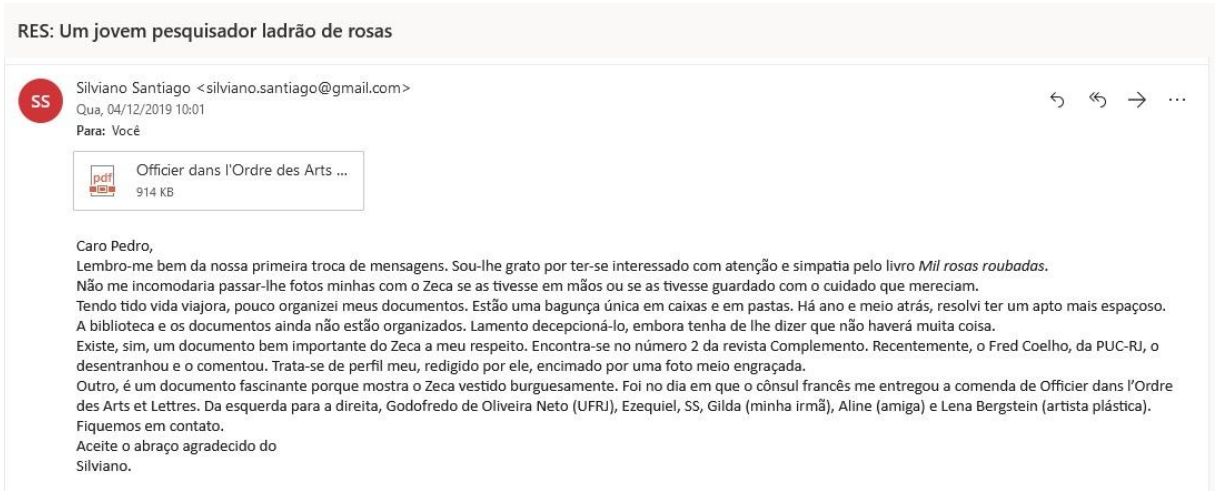
minha óptica, essas são passíveis de serem recuperadas e transfiguradas pela égide da(s) arte(s), tal qual as minhas/nossas *Mil rosas roubadas* elucubram. No romance, Silviano pontua que “A deusa da morte tinha subtraído do olhar o fogo da sedução e da entrega amorosa. Também o fogo da amizade, se esta palavra ainda puder ser usada a sem a carga choca imposta pelos tempos pseudossentimentais [...]”[2358].

Ademais, ressalta que coube a Zeca morrer antes dele[2359] e, se durante a vida, esse não o enxergava, via-o[2360]. Dadas as circunstâncias fúnebres, Silviano traz à baila a imagem do anjo responsável por separá-lo do produtor musical lhe aferindo a condição de sobrevivente e, por extensão, o sentimento de viuvez descortinado pelas vicissitudes das *Mil rosas roubadas*: “O anjo não desceu para nos reunir em definitivo e nos salvar. O anjo desceu para catar na desoladora paisagem do quarto branco [...] os destroços do amigo. O anjo é terrível. Não é só luz.”[2361]. Em suma, *amor da sua vida, daqui até a eternidade*[2362]*,* Zeca (sobre)viverá na tradição literária e cultural brasileiras não só enquanto presença espectral arraigada em grafias endossadas pela(s) arte(s), mas, também, pelas correlações biográfico-sensíveis aquilatadas na sua vida compartilhada com Cazuza e Silviano. Dito isso, trago à baila duas imagens (Figuras 41 e 42), uma fotografia (Figura 41) cedida pelo próprio Silviano a mim em 04/12/2019 via *e-mail*, e, somado a isso, o *print screen* dessa correspondência eletrônica intitulada pela minha pessoa de “Um jovem pesquisador ladrão de rosas” (Figura 42):

[2358] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 16.
[2359] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 16.
[2360] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 25.
[2361] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 32.
[2362] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).



FIGURA 41 – Segundo Silviano, via *e-mail* endereçado a mim, a foto foi realizada “[...] no dia em que o cônsul francês me entregou a comenda de *Officier dans l’Ordre des Arts et Lettres*. Da esquerda para a direita, Godofredo de Oliveira Neto (UFRJ), Ezequiel, SS, Gilda (minha irmã), Aline (amiga) e Lena Bergstein (artista plástica).”
Fonte: acervo pessoal, fotografia cedida por Silviano Santiago a mim



RES: Um jovem pesquisador ladrão de rosas

SS Silviano Santiago <silviano.santiago@gmail.com>
Qua, 04/12/2019 10:01
Para: Você

Officier dans l'Ordre des Arts ...
914 KB

Caro Pedro,
Lembro-me bem da nossa primeira troca de mensagens. Sou-lhe grato por ter-se interessado com atenção e simpatia pelo livro *Mil rosas roubadas*.
Não me incomodaria passar-lhe fotos minhas com o Zeca se as tivesse em mãos ou se as tivesse guardado com o cuidado que mereciam.
Tendo tido vida viajora, pouco organizei meus documentos. Estão uma bagunça única em caixas e em pastas. Há ano e meio atrás, resolvi ter um apto mais espaçoso.
A biblioteca e os documentos ainda não estão organizados. Lamento decepcioná-lo, embora tenha de lhe dizer que não haverá muita coisa.
Existe, sim, um documento bem importante do Zeca a meu respeito. Encontra-se no número 2 da revista Complemento. Recentemente, o Fred Coelho, da PUC-RJ, o desentranhou e o comentou. Trata-se de perfil meu, redigido por ele, encimado por uma foto meio engraçada.
Outro, é um documento fascinante porque mostra o Zeca vestido burguesamente. Foi no dia em que o cônsul francês me entregou a comenda de Officier dans l’Ordre des Arts et Lettres. Da esquerda para a direita, Godofredo de Oliveira Neto (UFRJ), Ezequiel, SS, Gilda (minha irmã), Aline (amiga) e Lena Bergstein (artista plástica).
Fiquemos em contato.
Aceite o abraço agradecido do
Silviano.

FIGURA 42 – *E-mail*-resposta de Silviano destinado a mim intitulado “Um jovem pesquisador ladrão de rosas”, em 04/12/2019
Fonte: acervo pessoal

Diante do exposto até aqui à luz das narrativas biográfico-literário-culturais de Cazuza, Silviano, Zeca e minhas, entendo que há em nós um desejo de escre(vi)ver, seja pela chancela da música, da literatura e/ou da teorização ensaísta, de falar das

nossas dores[2363] justapostas em uma sinfonia que ressoa, sobremaneira, sons dramáticos de ausências. *Da palavra faremos vestes que carregam lutos*[2364] e amores exagerados que, por sua vez, nem sempre foram/são correspondidos. Para Lopes, a ficção de Silviano está atravessada pela solidão dos personagens após a morte dos companheiros dando o tom da literatura brasileira contemporânea permeada pela escassez de relacionamentos amorosos estáveis entre homens[2365]. Sob essa pluma, no tanger às *Mil rosas roubadas*, *a narrativa conjugada à memória aparece enquanto salvação*[2366] não só da morte, mas do amor não correspondido cantado também por Cazuza. Conjugado a isso, trago à baila fragmentos de *Exagerado* e das minhas/nossas *Mil rosas roubadas*:

> Exagerado
> Jogado aos teus pés
> Eu sou mesmo exagerado
> Adoro um amor inventado
>
> Eu nunca mais vou respirar
> Se você não me notar
> Eu posso até morrer de fome
> Se você não me amar [2367]

> Contrito e às cegas, meu coração deu trela às motivações que o adubavam para a primeira aventura amorosa, embora desconhecesse o motivo [...] pelo qual o alvo visado com tanto fervor tenha se retraído como a caça quando o petardo do coração estava ainda no meio do caminho do percurso. Esclareço. *Foi o alvo que seduziu primeiro meu coração. Negaceou logo em seguida, por razões que desconheço. Depois, ele simplesmente se retirou de cena, sem ter sido tocado. O alvo sumiu na paisagem do cotidiano.* Não há como querer compreender o brusco movimento de retração do sentimento amoroso ao nascer para a vida. Não há como falar sobre o encarceramento do coração em si mesmo quando a causa é a interdição de amar no meio do caminho em direção ao primeiro alvo. Cortado no meio do voo, o desejo se transforma – no ar e subitamente – em pássaro desprovido de asas. *Como continuar a falar do voo do coração se asas foram negadas à imaginação do amor?*[2368]

À vista disso, entremeado por ambos os trechos citados, empreendo que *conhecer alguém e, por extensão, apaixonar-se, sempre será um fato de/da vida*[2369].

---

[2363] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 119.
[2364] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 75.
[2365] LOPES. *O homem que amava rapazes,* p. 190.
[2366] LOPES. *O homem que amava rapazes,* p. 201.
[2367] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2368] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230-231, grifos meus.
[2369] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 211.

Aos desafortunados e desemparados pela não correspondência amorosa, como no caso de Cazuza com os homens e as mulheres que existiram em sua vida e Silviano na relação com Zeca, resta a possibilidade derradeira de cultivar um amor exagerado, muitas vezes, inventado[2370], mesmo que o objeto de desejo demonstre práticas de conquista e/ou sedução negaceando e saindo de cena, sem ter sido tocado, logo em seguida[2371], tal qual escre(vi)veu Silviano. Dentre as regras e os limites que compõem o jogo perigoso do amor, existe a possibilidade fatídica e desinteressada de o alvo sumir da paisagem do cotidiano daquele que ama exageradamente. A esse, resta o que Roland Barthes conclama, em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1988), de uma *desrealidade*[2372] alimentada pelo sentimento de ausência, ou seja, diante do mundo, o sujeito apaixonado angaria fugir da realidade[2373] de não-reciprocidade a qual foi exposto.

Ainda na esteira de Barthes e das citações apostas, compreendo que nas obras de artes (canção/romance) aqui bordejadas são evocadas diversas figuras[2374] surgidas a partir dos seus eu-líricos/narradores apaixonados podendo essas emergirem do acaso (interior ou exterior)[2375] e, com base nesses incidentes, *os enamorados descortinam elementos de reserva, retirados dos seus tesouros sentimentais-afetivos e justapostos pelo crivo de suas carências, injunções ou prazeres que são/estão aquilatados em seus imaginários*[2376]. Em *Exagerado*, esses elementos são descortinados à luz das práticas que o eu-lírico apaixonado enuncia caso o objeto de desejo não dê ressonância aos seus clamores amorosos, tais como

[2370] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2371] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230-231.
[2372] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 77.
[2373] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 77.
[2374] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 04.
[2375] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 04.
[2376] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 04.

se jogar aos seus pés, não mais respirar, morrer de fome, largar tudo, mendigar, roubar ou até mesmo matar[2377]. Já em *Mil rosas roubadas*, ainda que Silviano clame seus pesares pela não correspondência de Zeca, tal qual a citação supracitada demonstra, há um posicionamento mais contido do que o locucionado por Cazuza. Empreendo, portanto, que mesmo Silviano sendo um exagerado no plano do amor, ele o é em menor grau que Cazuza. Diferentemente desse, o mineiro aprende duas lições com base na experiência de amar exageradamente e não obter a resposta esperada de Zeca, alvo de seu enamoramento:

> Aprendi uma lição. Decidir encarcerar o coração no meio do percurso em direção ao alvo tem como única e exclusiva causa a reação hostil (ainda que silenciosa, meramente gestual, mero movimento dos olhos negaceadores, até então firmes, diretos e esbugalhados) do alvo visado. O alvo se retraiu e habilmente se escondeu dos olhos meus que o encaravam, como se naquela época já existisse spray de pimenta a rechaçar assédio sexual. Aprendi uma segunda lição. *Há limites para a expansão do sentimento amoroso, limites que são ditados ao alvo visado por recurso ao livre-arbítrio. Ingênuo, meu coração desconhecia até então a legislação vigente nas artes do amor. O coração desconhecia essa cláusula e, mais ainda, o consequente castigo.* Punido, meu coração ficou sem esperanças e sem fôlego. Cálido de amor. Gelado por ter optado por inadequada e confusa escolha de alvo. Punido e preterido.[2378]

Na seara desses sofrimentos causados pelos amores exagerados de Cazuza e de Silviano, Italo Moriconi, em “De máscaras e espelhos” (2017), ao discorrer sobre as *Mil rosas roubadas*, pontua que, no romance, o desejo de Silviano de ser biografado[2379] por Zeca desabrocha um sentimento do escritor e ensaísta de, para além disso, querer ser, particularmente, objeto de desejo amoroso e de atenção[2380] do produtor musical. Ademais, a narrativa literária do autor mineiro demonstra que, jogado aos pés de Ezequiel, *pari passu* ao eu-lírico de *Exagerado*, Silviano confessa ciúme, retira a máscara caindo em si[2381] e, *à la* Barthes, enfrenta o choque da

[2377] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2378] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230, grifos meus.
[2379] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 20.
[2380] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 20.
[2381] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 20.

*desrealidade*[2382] causado pelo enamoramento não-recíproco. O semelhante ocorre com Cazuza ao listar uma série de práticas explicitamente exageradas a fim de chamar a atenção do possível alvo amoroso não-nomeado. Segundo a canção, caso o objeto de desejo não retribua o amor esperado, quiçá até a eternidade, o enunciador-amante se submeteria a práticas ilegais (roubar/matar)[2383] e até (auto)flagelações (morrer de fome/largar tudo)[2384] para conquistar quem tanto se quer.

Assim, os corações de Cazuza e de Silviano*, punidos, ficam sem esperanças e sem fôlego, cálidos de amor e preteridos*[2385], tal qual escre(vi)veu o autor mineiro na passagem citada anteriormente. Ainda no bojo de Moriconi, entrevejo que os (des)amores cantados/escre(vi)vidos descortinam horizontes e *escombros* de *vidas entremeadas por paixões improváveis que poderiam ter sido e não foram*[2386]. Endossados por esse cenário de *desrealidade*[2387] amorosa, as escrevivências enamoradas de Cazuza e Silviano proclamam aos seus objetos de desejos, mesmo que nas entrelinhas, *voltem, olhem-me, vejam o que fazem de nós: corações postos a nu*[2388], isso é, feridos e *desnudados* nos espaços públicos das tradições musicais e literárias homo-biográficas brasileiras. Em suma, ambas as produções artísticas deslindam não apenas grafias de *bios* individuais (Cazuza/Silviano), mas, sim, *grafias de relações, de amores solitários, da necessidade de serem desejados, enfim, de vidas a dois*[2389]:

> Amor da minha vida
> Daqui até a eternidade
> *Nossos destinos*
> *Foram traçados na maternidade*

---

[2382] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 77.
[2383] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2384] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2385] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230.
[2386] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2387] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 77.
[2388] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2389] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.

> *Paixão cruel, desenfreada*
> *Te trago mil rosas roubadas*
> Pra desculpar minhas mentiras
> Minhas mancadas[2390]

> É contraditório o coração infeliz, solitário e frustrado. *Não foi para isso que veio ao mundo.* Mesmo sem vontade de se lançar a novos e sucessivos saltos, o coração insiste na busca do alvo desejado. Não há motivo aparente para insistir. Insiste.[2391]

> Neste exato momento, espelho-me no amigo que ama sem ser amado, assim como eu o venho levando a se espelhar em mim. Colo-me a ele e o leio como leio a mim mesmo. Ele se cola a mim e me lê como leitor de si mesmo. Apesar das experiências diferentes em intensidade e extroversão e das tonalidades contrastantes, *fomos eleitos afinal para o mesmo lugar e o ocupamos*.[2392]

Na esteira desses fragmentos de Cazuza e de Silviano, vejo um senso de complementariedade de uns através dos outros endossando percepções quase que premonitórias de nascimento e, também, de destino que, supostamente, aproximariam as vidas dos sujeitos amantes as dos amados os tornando co-partícipes de *vidas a dois*[2393]. Em *Exagerado*, o cantor locuciona que o seu destino e o do objeto de desejo foram traçados na maternidade, ou seja, desde o seus adentramentos ao mundo, ademais, tomado por uma paixão cruel, exagerada e desenfreada, o eu-lírico traz mil rosas roubadas na tentativa de conquistar o/a amado/a ao desculpar-se pelas supostas mentiras e mancadas. Já em *Mil rosas roubadas*, à diferença da música, não há vasão para um pedido de desculpa, uma vez que a relacionamento amoroso não se concretizou relegando ao coração do amante a condição de exílio e de não-pertencimento ao mundo, a *desrealidade*[2394] explicitada por Barthes. Além disso, o romance evoca a premissa de eleição apontada por Cazuza, dado que, segundo Silviano, ele e Zeca *foram eleitos para o mesmo lugar e o ocuparam*, ainda que não da maneira enamorado-amorosa esperada pelo escritor.

---

[2390] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2391] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230, grifos meus.
[2392] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 242, grifos meus.
[2393] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2394] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 77.

Em *O que amar quer dizer*, Lindon afirma que durante sua adolescência lia, assistia a filmes e escutava tantas canções que acabou criando uma ideia do que seria o amor[2395]. Metaforico-atemporalmente, entrevejo que nos idos da juventude de Zeca e de Silviano em Belo Horizonte, *teenage*[2396], segundo o romance *Mil rosas roubadas*, houve um momento na vida de Silviano em que os versos *paixão cruel, desenfreada, te trago mil rosas roubadas* [...] *jogado aos teus pés, sou mesmo exagerado, adoro um amor inventado*[2397] tocavam à exaustão nas rádios belo-horizontinas e, a partir desse evento, formou-se, à semelhança de Lindon, uma projeção ideal do que viria a ser o amor para o escritor e ensaísta mineiro. Esse, por *experiências diferentes em intensidade e extroversão em tonalidades contrastantes*[2398] com Zeca, apaixonou-se desenfreado-exageradamente ensejando compartilhar o mesmo impulso enamorado de existência a dois com o artista e produtor musical de Cazuza.

Ainda na chancela de Lindon, entendo que há um sentimento barthesiano de *não-querer-compreender*[2399] aquilatado nas injunções existencial-afetivas-narrativas enamoradas de Cazuza e Silviano expostos à necessidade de renunciar de uma vez por todas o amado, ou, melhor (ou pior) dizendo, *uma pequena morte quando se é necessário matar à força uma parte de si mesmo*[2400]. Para Barthes, dentre as etapas da trajeto amoroso, descortina-se o longo desfile de sofrimentos, mágoas, angústias, aflições, ressentimentos, desesperos, armadilhas e embaraços[2401] o qual torna o sujeito apaixonado uma presa que vive sem trégua e sob a ameaça da decadência[2402] amorosa. Em *Exagerado*, à diferença do romance de Silviano, esse desmoronamento

[2395] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 29.
[2396] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 50.
[2397] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).
[2398] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 242.
[2399] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 90.
[2400] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 90.
[2401] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 84.
[2402] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoros*o, p. 84.

amoroso se faz presente, uma vez que o eu-lírico traz mil rosas roubadas para desculpar-se por seus erros. Na relação Silviano-Zeca, isso não se faz possível, haja vista que não existiu a concretização e o adentramento ao espaço pleno do amor e da vida compartilhada: “Jovens e aprendizes de boêmio, *gostávamos de sentir a volúpia do adeus como se fôssemos dois amantes – e nunca o fomos*.”[2403]. À vista dos amores inventados cantados por Cazuza, Silviano explicita:

> Digo de maneira bem direta e simples: *nós dois propúnhamos um modelo de vida conjugal, a ser imitado. (Ou a ser esquematizado, se em mãos medíocres e carentes.).* [...] Queria-o todo o tempo à vista e a me ver e, por isso, num passe de varinha de condão o transportava de onde estivesse para estar ali, permanecer ali, ao meu lado, a me ver com os dois olhos que a terra um dia haveria de comer. Ou com os dois olhos – como ele afinal decidiu – que um dia o fogo crematório haveria de transformar em cinza. [...] Meu desejo era tê-lo vinte e quatro horas como observador consentido, por isso privilegiado.[2404]

> Se eu estava sozinho, ele era a segunda pessoa a me observar. Se eu estava acompanhado, ele era a terceira pessoa a me ver. Na multidão ele era a única pessoa a não ser povo. Não sei se ele me acompanhava no sono como uma espécie fantasmagórica de segunda ou de terceira pessoa. Sei que o entrevia furtivamente na vigília, à semelhança do místico que – nos delírios e iluminações inspiradas pelo jejum – enxerga o Espírito Santo que baixa dos céus e a ele se funde. Fundem-se e fundam um mundo monástico de felicidade terrena. [...] *Acredito piamente que, no correr da vida de todo e cada ser humano, há um momento em que se elege alguém para ser seu Espírito Santo* [...]".[2405]

Com base nas citações apostas, ainda que Silviano tenha amado, sofrido e vivido sob o olhar de sentinela do amigo-amado o elegendo como Espírito Santo e inventando um modelo de vida conjugal a ser imitado com ele, mesmo frente as adversidades e as regras impostas pelo jogo amoroso, à revelia de Cazuza, o escritor mineiro *não largou tudo, carreira, dinheiro, canudo, não mendigou, roubou ou matou*[2406] para conquistar sua paixão exagerada, cruel e desenfreada. Pelo contrário, no romance, dedicou-se à vida universitária enquanto professor de história angariando estabilidade financeira, ao passo que Zeca se debruçava sobre os paraísos artificiais,

---

[2403] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 13, grifos meus.
[2404] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 26-27, grifos meus.
[2405] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 28, grifos meus.
[2406] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).

inclusive, anos depois na companhia de Cazuza, e experienciava as vicissitudes instáveis corroboradas pela vida de artista e de produtor musical. Dessa feita, os mineiros eram extremamente diferentes, entretanto, *completavam-se mutuamente, ligados por uma aliança, por um entendimento, o que é muito raro entre criaturas*[2407]. Em *Mil rosas roubadas*, Silviano afirma "Somos cúmplices desde os dezesseis anos de idade. Fomos amigos e comparsas no cotidiano e sempre espectador um do outro, até nos últimos meses."[2408].

Nesse intento, Sándor Márai, em *As brasas* (1999), assevera o fato de que estamos fadados a amar aqueles que são diferentes de nós mesmos[2409] e, ainda sim, prosseguirmos os buscando em todas as circunstâncias possíveis[2410], pois esse tipo de relação *outra* é necessário para *recriar o mundo e renovar a vida, com base na tensão que cresce entre sujeitos que, mesmo havendo ritmos e pendores discrepantes, se perseguem eternamente*[2411]. Até mesmo após o último sopro de vida recuperado pela égide da escrevivência de Silviano que, ao meu ver, está fadado a fazê-lo até a eternidade, ou seja, continuar perseguindo Zeca enquanto esse, por sua vez, também perseguiu Cazuza morrendo exatos 20 anos depois desse. No plano da perseguição amorosa, Silviano descortina a sensibilidade e a subjetividade incrustadas em seu relato apaixonado, *cruel e desenfreado*[2412]:

> *Passei a persegui-lo quando o conheci*. Deleguei-lhe conhecimento e domínio sobre minha vida na época em que meu desejo frustrado, parecido à envolvente teia de aranha que se esgarça pelas gotas d'água de chuva, era açambarcar por inteiro a vida dele e controlá-la. Tudo é subjetivo neste relato. Hoje, nas malhas de aranha tecidas em palavras por mim, quero me apoderar sozinho – ou até o dia da entrega ao público deste manuscrito – da essência dele. Tocar-lhe o corpo concreto de carne, sangue e osso. Conhecê-lo com os cinco sentidos num só. *Senti-lo pulsar perto do coração selvagem da vida.*

[2407] MARÁI. *As brasas,* p. 109.
[2408] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 08.
[2409] MARÁI. *As brasas,* p. 134.
[2410] MARÁI. *As brasas,* p. 134.
[2411] MARÁI. *As brasas,* p. 134.
[2412] CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre: 1985. *Online* (3:43).

> *Vê-lo refletido pela minha alma. Rememorar nossa vida em comum para melhor guiá-la* [...][2413]

Assim sendo, no plano da conjunção de *Exagerado* (Cazuza) com as minhas/nossas (Pedro/Silviano/Zeca) *Mil rosas roubadas*, no bojo de Moriconi, empreendo que o romance de Silviano resgata não só a sua narrativa de amizade e de não-correspondência amorosa com Ezequiel Neves[2414], mas, para além disso, recupera a história provinciana da Belo Horizonte dos anos 50 perpassada pela geração pop-contracultural[2415] vivenciada pelos jovens mineiros e, ressalvadas as devidas diferenças, retomada trinta anos depois no Rio de Janeiro pela figura e canções de Cazuza como um dos maiores expoentes brasileiros da contracultura. Para Moriconi, as rosas de Silviano se aquilatam enquanto *fragmento de romance de formação*[2416] ocupando o espaço de engendramento dos gostos da juventude mineira mesclados pelo cineclubismo, boêmia literária e sonoridades de discos de *blues* e de *rock*[2417] reproduzidas em espaços individuais e/ou públicos entre amigos e extrínsecos às vistas de pais/parentes[2418]. Atravessado por esse viés contracultural, Silviano, em "Cazuza, autobiógrafo selvagem", afirma:

> *Cazuza nasce jovem republicano e cheio de ansiedades. Quer exprimir-se com toda a sinceridade do corpo jovem, em processo de autoafirmação na cena artística carioca. Assim nasce para a vida pública, mas logo se sente expulso do projeto um tanto careta da República.* Suas forças interiores naturalmente anárquicas, ele não as conhece e o conduzem. Deixa-se levar por elas. [...] São de uma vida louca e imensa que vêm as críticas sociais (em especial, de caráter comportamental) e políticas que, na verdade, só serão feitas no novo milênio ao projeto republicano dos anos 1980. Muitas e muitos jovens — sem que a boa consciência constitucionalista se desse conta delas e deles — foram expulsos do projeto de democratização pelo excesso de compromisso com a sociedade pequeno-burguesa, branca e norte-americanizada.[2419]

---

[2413] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 145, grifos meus.
[2414] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2415] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2416] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2417] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2418] MORICONI. De máscaras e espelhos, p. 21.
[2419] SANTIAGO. Cazuza, autobiógrafo selvagem, s/p, grifos meus.

Ademais a essas vicissitudes de cunho contracultural entre Cazuza e Silviano e no tocante às idiossincrasias enamoradas desses, questiono: o que lhes restou no trato dado ao seus corações feridos e machucados devido as ausências de ressonâncias amorosas? A resposta à minha pergunta não se encontra em *Exagerado*, e, sim, nos bordejos finais do escritor mineiro em *Mil rosas roubadas*, pois, para ele, e estendo tais aferições a Cazuza, restou um coração pesado, debochado, ferido, sangrento e sangrado e, mesmo assim, feliz[2420]. Entrevejo, portanto, as narrativas exageradas de ambos enquanto escrevivências *emolduradas por suas perdas*[2421], faltas, ausências, lacunas, sensibilidades machucadas e, sobremaneira, desejos, por excelência. Reiterando essa premissa, evoco, mais uma vez, minhas/nossas *Mil rosas roubadas* no que convém, justamente, aos seus trechos finais:

> O coração é o que me resta nos últimos e poucos anos de vida. Sobressaem os pontos fracos. Neles martelarão um a um os cravos? De que palavras irônicas se valerão? Com quantas esponjas de fel se faz a canoa por onde os inimigos navegarão em escárnio? Coração pesado, debochado, ferido, sangrento, sangrado. Coração feliz*. Que um anjo desça dos céus. Eu espero.* [...] *O anjo deixará que eu sofra e me alegre, que ame até o fim. Não quero mais brincar de viver por detrás da vidraça.* Nunca vivi a vida em aquário, por que a buscaria agora que o vidro se quebra e a água se esparramada pelo chão, encharcando todo o apartamento? Sentado diante do computador, não sonho mais. *A realidade da nossa vida em comum, da minha vida singular está tensa e imóvel na folha de papel. Petrificada, imutável. Morta. Não é passível de ser substituída, ainda que o porta-retratos no escritório queira entregar-me uma velhíssima imagem. Nela, ele e eu estamos sentado num sofá da sala de estar da sua casa.*[2422]

À guisa do trecho exposto e debruçando-me sobre as notas conclusivas desse subtítulo, dou-me conta, finalmente, que mesmo Cazuza e Silviano terem sido transpassados e experenciado (des)amores e desilusões no plano da jogatina do enamoramento, suas escrevivências articuladas no plano da(s) arte(s) *jamais os*

[2420] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 275.
[2421] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 115.
[2422] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 275-276, grifos meus.

*deixariam a sós*[2423]*,* a palavra escre(vi)vente *não os deixariam exilados, sobretudo, de si mesmos*[2424]. De maneira cruel, desenfreada e exagerada como viveram e dedicaram-se amorosamente ao outro, mesmo sem encontrar ressonância, a eles, *restou a escrita*[2425]*,* uma escrevivência desiludida. Em linhas gerais, a arte como força motriz de (sobre)vivência ao sentimento de não ser desejado na mesma intensidade, de maneira equiparada e/ou recíproca. Não querendo mais viver por detrás da vidraça, Cazuza e Silviano amaram até o fim, ainda que seus corações estivessem despedaçados e sangrando sem possibilidade alguma de estancamento.

[2423] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 100.
[2424] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 100.
[2425] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 100.

## 2.4 – Mil memórias roubadas e (des)arquivadas: somos o que somos porque nos tornamos um

> Como escrever memórias (no sentido pleno da palavra) se o narrador delas é o recalque? *A perda fragmenta e multiplica os fragmentos até a expansão de cada um deles numa minibiografia*. A perda articula outras muitas infâncias discursivas, que nada mais são do que discursos autobiográficos [...] discursos mentirosos, ficcionais [...]
>
> SANTIAGO. Nunca aprendi a fazer versos, p. 177, grifos meus.
>
> O *biografema* [...] nada mais é do que uma *anamnese factícia*: aquela que eu atribuo ao autor que amo.
>
> BARTES. *Barthes por Barthes*, p. 126, grifos meus.
>
> *Preencho o duplo vazio, da memória e do esquecimento, com palavras que não são as legítimas dele mas que talvez pudessem ter sido as dele*, tal a artificialidade das frases que, em pleno centro da capital mineira, iam compondo a digressão sobre a caça às borboletas-azuis. No fundo, os dois somos artificiais. Ele, no passado. Eu, no presente.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 77, grifos meus.
>
> [...] somos todos lacunares quando se trata de narrar as próprias facetas de uma vida.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 221.

Sinto saudades da Belo Horizonte que não vivi. Sinto saudade dos idos de 1952. (Re)visito a capital mineira e, sobretudo, a Praça Sete de Setembro – povoada por borboletas-azuis e entomologias – e, atravessado pelos meus espectros, por suas sobrevidas e por suas memórias roubadas, usurpadas por mim, sinto falta de um tempo que (não) vivi. (Des)arquivo essas memórias espectrais que me atravessam e constituem meu *bios*, meus biografemas, minha escrevivência e minhas sensibilidades de crítico biográfico fronteiriço que pensa, sente, escreve e rivaliza suas teorizações a partir da fronteira-sul.

Às 21h19min do dia 17 de maio de 2019, ao visitar Belo Horizonte, novamente, sob justificativa de outro/e o mesmo congresso acadêmico na UFMG, tenho esse *insight*, permeado por memórias, *a priori,* alheias, de sentir saudade ao (re)viver os espaços de sociabilidade que a metrópole mineira me possibilita. Como já me vali e

reitero tal fragmento, para Michel Schneider em *Mortes imaginárias,* o espectro está sempre de pé ao nosso lado[2426].

Essa (con)vivialidade com a minha plêiade de amigos-espectros me assola e me faz sentir falta de um tempo que (não) vivi, de transpor do crivo da memória, da anamnese e do esquecimento para a narração, uma história que, inicialmente¸ não me pertence(ia). Desse modo, esquecendo para lembrar, disserto, escre(vi)vo e narro de modo biográfico-fronteiriço essas memórias roubadas daqueles autores/divíduos que eu amo, para aludir à epígrafe de Barthes. Herdo tais memórias sendo *fielmente infiel*[2427] surpreendendo suas falhas, faltas, vazios, brancos, margens e contradições.

No prisma que concerne ao eu e ao outro, conjugados aqui, como já discutido, pela caracterização do divíduo proposto por Pessanha, Adriana Amaral, no ensaio "Sobre a memória em Jacques Derrida" (2000), discorre que a narrativa, a escritura e a própria ideia de multiplicidade de possibilidades são constituídas por traços. Esses traços (de)marcam suas presenças com ausências e, assim, há uma constante inauguração de um presente sempre renovável – como meu retorno a Minas Gerais. A memória, por si, é algo que se dá estritamente no presente, ela nunca está voltada para o passado[2428].

Por isso, na minha (re)visitação aposta, ainda que atravessado pelo sentimento de saudade, em teoria, projetado para um passado que (não) vivi, o traço da minha escrevivência (de)marca minha presença com ausência e minha memória, ou melhor, narrativa, se presentifica, mutável, lacunar, preenchida e rasurada pelas minhas próprias escolhas, por tudo aquilo que desejo narrar ou, sobretudo, esquecer. Há uma tentativa de recalque das minhas pulsões de morte e do mal que me assolam. Todavia,

[2426] SCHNEIDER. *Mortes imaginárias*, p. 91.
[2427] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 11.
[2428] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31.

meus amigos-espectrais não permitem que eu me afaste da minha própria escrevivência de divíduo sobrevivente às perdas. Esses espectros, fantasmagoricamente de pé ao meu lado, estão sempre me fazendo (des)arquivar minhas/nossas memórias e transformá-las na minha/nossa própria narrativa, nos meus/nossos biografemas de uma biografia que se delineia a partir das minhas sensibilidades biolocais mais íntimas, ínfimas e reveladoras.

Amaral me elucida que a ideia de passado não existe nas reflexões de Derrida, ele é sempre uma narração que se funda no presente. Ademais, da mesma forma que o passado se aproxima, a perspectiva do outro é integrada a mim, eu a incorporo, tomo-a como minha. O nome, a memória e a escrevivência se colocam como responsáveis da presença do outro em mim[2429]. Constituo-me de S/Z/C tal qual estes se constituem de mim. Evoco seus nomes e, por sua vez, suas figuras fantasmagóricas; através do exercício (des)arquiviolítico, (des)arquivo suas memórias incluindo-as em meu próprio arquivo da exterioridade e as inscrevo em meu corpo homo-biográfico, em minhas sensibilidades, em meu *bios* e em minha escrevivência alicerçada por memórias subalternas latinas[2430] e, mais especificamente, sul-fronteiriças. No referente às minhas memórias sul-fronteiriças, Edgar Cézar Nolasco no ensaio “Memórias subalternas latinas” (2013) me é necessário para articular que:

> A memória subalterna, assim como as histórias locais da fronteira-Sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico. [...] Todo o conhecimento e, por conseguinte, meu arquivo memorial vêm do fato de histórico de eu ter/estar nascido numa condição [...] de fronteira. Minha língua, como minha memória da fronteira, é *diversa*.[2431]

Assim, à luz das epígrafes de Silviano e Barthes, me questiono quanto às teorizações que construo sobre a própria minha vida enquanto uma

[2429] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 35.
[2430] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 131.
[2431] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 143.

intercorporeidade[2432] desses *bios outros* os quais me debruço e me aproprio desejando tamponar as lacunas/faltas que os/me constituem. Como transpor essas memórias do lugar de suspensão/de esquecimento, transformando-as em narrativas dado que minhas articulações homo-biográficas não são nunca ingênuas e individuais, mas dividuais constituída por uma alteridade, por aliados hospitaleiros que eu habito e que, na mesma medida, me habitam.

Poderia, eu, resguardado à minha condição de sujeito que pensa de um lócus subalterno e sul-fronteiriço crivado por uma subalternidade de *homem-menino-fronteira* me apropriar dessas memórias *outras* para constituir esses fragmentos da minha minibiografia, como explicitou Silviano na epígrafe citada, ou, como diria Barthes, nos meus biografemas, pergunto-me. Maria José Coracini em "A memória em Derrida" (2010) me relembra que:

> É importante compreender que, para Derrida, nem a memória individual é inocente, neutra, uma retomada da ordem intacta, pura, do acontecimento, em sua objetividade, ainda que esse acontecimento tenha sido vivido, presenciado, testemunhado... A memória será sempre interpretação, invenção, ficção que se constitui *a posteriori* do acontecimento, num momento que os outros já se cruzaram e fizeram história. Por essa razão, *a memória será sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa*.[2433]

Como mostra Coracini na passagem aposta, a memória é particularmente lacunar, faltosa, incompleta, verdadeira e, de maneira quase contraditória, também mentirosa. Partindo de um olhar pouco atencioso cindido ao trabalho que aqui ensejo, meu leitor poderia acreditar que eu estaria me valendo das minhas próprias memórias – faltosas e lacunares – para me debruçar sobre as memórias que *sobrevivem* no projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano sendo este da ordem da escrevivência homo-

[2432] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.
[2433] CORACINI. A memória em Derrida, p. 130, grifos meus.

biográfica. Contudo, o caminho que realizo se dá ao inverso: o mineiro me serve de pretexto epistêmico para que eu fale de mim, de nós.

Silviano não possui domínio integral de suas memórias, assim como não tenho o pleno poder sobre as minhas – nem poderíamos tê-los. Elas nos escapam, se escondem, se guardam e se mantêm em suspenção. Logo, através do exercício da intercorporeidade[2434], possibilitada pela condição dividual que nos atravessa, há um imbricamento de nossas memórias as quais presentifico em uma possibilidade de escrevivência ensaística-sul-fronteiriça homo-biográfica. Roubo suas memórias (des)arquivando-as. Sou o guardião dessa(s) *arkhê(s)*. Aliás, metaforicamente, não há como roubar aquilo que já é meu/nosso e, como explicitou magistralmente Jorge Luis Borges, *só podemos dar aquilo que já demos, só podemos dar o que já é do outro*[2435]*.*

Isso posto, Silviano só pode me dar as memórias que já são minhas e eu só posso lhe dar as memórias que já são suas. Ainda na esteira de Coracini, entendo que *a memória é um construto ilimitado de espectros, espíritos e fantasmas, de biografemas de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que corroboram com a construção dos nossos arquivos conforme o papel de cada um em nossa vida*[2436]*.* Há, portanto, uma criação de uma rede de fios emaranhados que se misturam, se confundem, se completam, se distanciam e que permanecem no nosso inconsciente. *Mil rosas roubadas elucidam*:

> A memória do perseguidor-perseguido não é gratuita, é útil para o relato biográfico. Tão útil quanto à memória do canivete com que o corpo se autoflagela. É tão útil quanto a muleta que faculta ao aleijado a caminhada por conta própria. Mato a cobra e mostro o pau, eis como a biografia funciona. *Com a ajuda da memória do perseguidor-perseguido abro buracos na análise que faço da índole do amigo e os recubro*. Quando me bate o cansaço de escrever, volto os olhos para a memória do canivete que flagela, e os buracos

[2434] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.
[2435] BORGES. *Os conjurados*, p. 511.
[2436] CORACINI. A memória em Derrida, p. 129.

> tapados no texto reganham a proporção de vazio indesejável. Para reganhar o galeio da escrita, decido recobri-los de novo.[2437]

A memória se funda em esquecimentos, em recalques e repressões, dado que não se faz possível a volta inocente às origens dos acontecimentos, pois, ao tentarmos reconstruir um fato, este já se (trans)formou[2438]. Lembrar implica esquecer. Selecionar supõe excluir. A memória, portanto, está sempre para o que está em suspenso no inconsciente e nunca para a lembrança. A questão de narrar uma memória se torna ainda mais complicada quando o "alvo" da escrevivência afeta nosso sensível, como Ezequiel Neves e Carlos Edy Sá de Medeiros (meu pai). Intermediados por uma admiração latente e um desejo de presença, Silviano e eu inventamos nossos espectros, ficcionalizamos nossas memórias e sobrevivemos a partir da vida para além da própria vida. A minha sobrevida e a de Silviano não são apenas o que nos resta, mas nossa vida de dívíduo sendo o mais intensa possível[2439]. *Mil rosas roubadas* me acalentam:

> Armado pela admiração, ou seja, cego de um olho e vesgo do outro, não posso enxergá-lo tal como ele foi (existiu, sofreu, amou, trabalho...) ao se alimentar e se fortalecer para construir as décadas finais de sua própria vida. [...] Todo biográfico não será monstruoso por definição? *Cada um ao seu jeito, não será cego de um olho e estrábico do outro? Não enxerga o que pode, não reproduz o que quer e não engendra só o que é conveniente?*[2440]

Diante disso, abalizado pela teorização da memória, entendo que ainda que o narrador do fragmento supracitado desejasse não poderia jamais narrar o amigo de maneira *sine qua non* como este fora. O outro existe para nós sempre a partir da imagem que criamos dele. Nesse sentido, reflito e compreendo que toda escrita de caráter biográfico possui uma visada monstruosa que a compreende. O biógrafo, e aqui neste caso, eu enquanto crítico-biográfico fronteiriço, escrevo a partir das minhas

---

[2437] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 148, grifos meus.
[2438] CORACINI. A memória em Derrida, p. 134.
[2439] DERRIDA. Estou em guerra contra mim mesmo, p. 17.
[2440] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 24, grifos meus.

sensibilidades, da minha escrevivência, das minhas memórias sul-fronteiriças e homo-biográficas faltosas, incompletas e falhas.

Valho-me das memórias de Silviano e, por sua vez, de suas narrativas como modo de tentar suprir minhas faltas e construir meus biografemas escreviventes homo-biográficos. Tento me completar, lidar com o meu mal, com as perdas, sob o alicerce *homo-bio-ficcional* de Silviano. Com isso, as borboletas-azuis, metáfora de nosso arquivo, estão em um eterno voo no céu azul do meu/nosso inconsciente dividual. Ora borboletas-azuis pousam em meu ombro metaforizadas em minha/nossa lembrança/narrativa, ora elas me ignoram completamente preferindo adentrar a liberdade e o esquecimento que a vastidão do céu lhes proporciona. Assim, entendo que as memórias que tomo de Silviano me servem para que eu escreva a biografia que me pertence não me pertencendo sob a pluma dos meus/nossos fragmentos biográficos, minhas/nossas minibiografias, ou melhor, *à lá* Barthes, meus/nossos biografemas:

> d) a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), conceito que responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato da vida como registro de fidelidade e autocontrole;[2441]

Desse modo, entendo que à semelhança da memória, uma biografia escrita sob o manto de uma totalidade ou completude se faz impossível. O ato de escrever em si já tenciona a seleção desde estruturas fonéticas até as discursivas, ao passo que opto por algumas, desconsidero outras. Ao escre(vi)ver uma (auto)biografia intelectual sul-fronteiriça, sob o crivo da memória e, por sua vez, da narrativa, consequentemente privilegio alguns acontecimentos – reais ou não – em detrimento a outros que julgo de menor importância. De forma semelhante à citação anterior do romance *Mil rosas roubadas*, os atos de narrar e de biografar são monstruosos na

[2441] SOUZA. *Crítica cult*, p. 113.

medida em que implicam e tencionam sempre a óptica sensível-afetiva-emocional daquele que escre(vi)ve.

No meu caso, evoco os espectros que me ajudam melhor a compreender minha empreitada epistêmica, vivo minha vida para além da vida e da morte e, na medida do possível, tampono minhas lacunas memorialísticas sob as alcunhas heranças e declarações amorosas que são, também, políticas, por excelência. Proponho, tal qual Italo Moriconi em "O espectro de Foucault" (2005), uma conversa com espectros[2442], um ensaio fronteiriço de evocação e invocação inspirado pela herança de todos aqueles intelectuais que me vali. Meus espectros, sejam os já invocados neste texto (S/Z/C) ou os aqui presente indiretamente sob o alicerce teórico, são meus espelhos[2443].

Arrolo em meu exercício escrevivente e (des)arquiviolítico uma série de impressões que, como quer Moriconi, poderia ser um punhado de ficções. Ficções estas que alimentam as relações metafóricas entre vida e obra que aqui descortino. Conforme Jacques Derrida explicita em *Otobiografías*: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre proprio (2009), vivo do meu próprio crédito que abro e concedo a mim mesmo[2444]. Todavia, ao roubar o que, *a priori*, seriam memórias *outras*, tomo-as e escre(vi)vo-as a partir do nosso próprio crédito fundamentado em uma intercorporeidade homo-biográfica dividual. Somos o que somos porque nos tornamos um e, nesse tocante, Moriconi ao escrever sobre Foucault pontua:

> Toda biografia é mitografia. Toda biografia é autobiografia do narrador. Lerescrever [sic] a vida do outro espectral pode ser, deve ser, efetivamente é, exercitar-se numa escrita de si, releitura de si. As biografias de Foucault. Delas ressalta o caráter de signo autobiográfico inerente a toda história intelectual (auto-reflexionada, auto-distanciada) de uma vidaobra [sic]. Minha

[2442] MORICONI. O espectro de Foucault, p. 47.
[2443] MORICONI. O espectro de Foucault, p. 48.
[2444] DERRIDA. *Otobiografías*, p. 36.

> formação: minha auto-reflexão na relação especular com o signo-a-si desta vidaobra [sic].[2445]

A vida de Silviano, (re)articulada sob a minha perspectiva de crítico biográfico fronteiriço que habita a fronteira-sul, um arquivo vivo e aberto[2446], é dada como uma escrita/releitura de mim. Para Moriconi, eu assumo o papel de narrador dessa outra vida. Entretanto, para o viés epistêmico o qual me assento, minha posição está para além de narrador, eu assumo essa vida, roubo-a, tomo-a para mim e me metamorfoseio em divíduo a partir dela, transformando-a. Entendo, portanto, que só me valendo de uma teorização acerca da memória e narrativa posso lidar com essa herança espectral que me habita.

Sob a luz da concepção de que as nossas memórias são de caráter homo-biográfico e, por sua vez, da exterioridade, Nolasco em "Memórias subalternas da crítica latina" (2013), me relembra que é da competência do estudioso *abrir o arquivo oprimido para que as memórias esquecidas saiam do esquecimento e ocupem seu lugar de direito. Em uma situação de desconforto quanto ao arquivo que sofre do seu próprio mal, é de dever do crítico tomado pelo mal procurar o arquivo onde ele se esconde*[2447]*.* Reitero que as memórias homo-biográficas as quais tento (des)arquivar, partindo da posição de (des)arconte fronteiriço, habitam a contracorrente da tradição ocidental moderna e patriarcal.

Sentimos a diferença colonial em nossos próprios corpos homo-biográficos, uma vez que experienciamos a fronteira em nossas peles e em nossas escrevivências[2448]. Essa condição sul-fronteiriça aquilata nossa língua, pensamento, modo de construir conhecimento e, sobretudo, de (r)existir homo-biograficamente.

---

[2445] MORICONI. O espectro de Foucault, p. 52.
[2446] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 136.
[2447] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 142.
[2448] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 134.

Partindo do pressuposto *homo-bio-ficcional* de Silviano, ensejo (des)arquivar nossas memórias esfumadas pela tradição heteronormativa/moderna que sempre angariou a exclusão de nossos corpos, memórias e narrativas. Por isso, reforço que:

> [...] as memórias subalternas vivem em estado de *infans* permanente, até o momento em que uma perspectiva subalterna as reinsira na discussão histórica do presente por meio de uma epistemologia outra. É por isso que as histórias locais, bem como a identidade possível das memórias subalternas, só podem ser narradas/inventadas da perspectiva de uma epistemologia outra e nunca da epistemologia moderna.[2449]

De modo que falamos, pensamos, sentimos e existimos a partir de um biolócus geoistórico, epistemológico, subalterno e fronteiriço crivados em uma epistemologia de caráter *outro*, entendo que nossas memórias são aquelas descoloniais que sobrevivem enquanto uma prática *que se erige da vida*[2450], da nossa condição de exterioridade, do *Fora.* Às nossas memórias homo-biográficas jamais foi dada a devida consideração no sentido de concebê-las enquanto narrativas também válidas e necessárias. Em mim/em nós, há um desejo de *des-encobrir*[2451], (des)arquivar, essas escrevivências enterradas pela modernidade colonial.

Dirijo-me a Silviano com um desejo compulsivo de (des)arquivar sua/nossa vida e de narrar suas/nossas memórias subalternas. Aprendo a desaprender a vida de Silviano na tentativa de reaprender a minha própria vida. Habito e sou habitado por fronteiras em meu fazer epistêmico. Ademais, há demasiados limiares outros que o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano me impõe, a citar: vida/obra, vida/morte, lembrar/esquecer, memória/narrativa etc. As fronteiras atravessam meu corpo empírico/discursivo-epistêmico e são átimos de tempo onde se situam o esquecer e o lembrar permeados por um gesto anamnético autobiográfico. Assim

> [...] compete ao estudioso dessas pós-memórias subalternas visar abrir o arquivo oprimido para que tais memórias saiam de seu letárgico esquecimento e ocupem seu lugar de direito na cultura do presente. Em

[2449] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 138.
[2450] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 139.
[2451] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 140.

> situação tão desconfortável quanto ao arquivo que sofre de seu próprio mal, sobra ao intelectual tomado pelo mal (antes apenas historiador "procurar o arquivo onde ele se esconde. [...] então posso concluir que [...] todos os lugares, todas as fronteiras, *inventam suas memórias de vida, suas memórias de morte, suas memórias de sobrevida*. As memórias da fronteira sobrevivem à sua própria condição. De seus restos, constroem um sentido possível para o que estou chamando de fronteira e de memórias e histórias subalternas.[2452]

Nesse sentido, reitero sob a égide do pensamento de Adriana Amaral que *nada está pronto, tudo está sempre se fazendo, sempre a vir, a vida, o tempo*[2453]. A cada fronteira transpassada no jardim de veredas memorialísticas que se bifurcam nas relações entre vida/obra de Silviano e entre minha própria vida/escrita, mais me vejo como (des)arconte fronteiriço dessas memórias que me pertencem não me pertencendo ou vice-versa. No romance, Silviano se viu frente a uma necessidade de memória, de narrativa e de herança que, *a priori*¸ não seriam de sua incumbência – pelo fato de Zeca ser, inicialmente*,* seu biógrafo e não o biografado.

Desvirtuando a lógica narrativa do romance (biógrafo/biografado), eu construo essa incumbência (auto)biográfica e essas memórias, invento-as, tomo-as para mim sem pedir licença. Crivado, sobretudo na diferença, mas longinquamente semelhante ao professor de História do romance, alicerçado pela necessidade de memória de manter a herança que construí viva, dedico minha vida a escre(vi)ver não sobre a vida do outro, mas a *partir da* vida do outro que, caso um olhar mais sensível e profundo repouse-lhe os olhos, verás que, de certo modo, também é minha vida. *Mil rosas roubadas* me irrompem:

> Só se capacita para ser biógrafo aquele que arroga a si – por capricho e autoritariamente – o direito à última palavra. A escrita biográfica não comporta balbucio nem titubeio. Seu exercício flui naturalmente do próprio sangue de quem escreve. Inunda o coração, deságua na mente e, ao bater à porta das teclas do computador, já delegou às mãos o direito ao julgamento peremptório.[2454]

---

[2452] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 142.
[2453] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 42.
[2454] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 67.

No que concerne ao entrelaçamento das nossas vidas, deleguei a mim enquanto crítico biográfico fronteiriço fundamentado em uma herança que me foi dada e construída, o direito epistêmico de, através das minhas teorizações, deter uma última palavra, mesmo que provisória, à minha relação dividual com Silviano e, consequentemente, com seu projeto *homo-bio-ficcional*. Parafraseando a obra de Frantz Fanon, *Condenados da terra* (2006), entendo e aquilato a imagem espectral do meu Silviano enquanto um *condenado da/à memória*. O mineiro está preso na *rede de fios emaranhados*[2455] que constitui a memória e se vale desta como mote para sobreviver e escre(vi)ver. A memória nunca é algo resolvível em seu projeto *homo-bio-ficcional*, tornando-o seu prisioneiro. Silviano trai, blefa e falsifica ao trabalhar com a memória. Em entrevista para a revista mineira "Olympio" (2018), Silviano expõe:

> [...] entendo a memória como organismo vivo que, ao se renovar a cada instante de vida ou de sono, se alimenta dela própria, salientando primitivos e outros significados para as antigas experiências. A memória é escrita e leitura, é releitura consciente e inconsciente, e nova escrita. A memória é 'diário' em moto contínuo. Ela se lê e se relê e se reescreve a cada hora que passa. *A memória só para na sua morte, quando é delegada a outrem, um romancista por exemplo.* [...] Eis-me às voltas com a volumosa escrita da minha memória nas memórias minhas que escrevo. Eis-me às voltas com as várias camadas superpostas da escrita da minha memória. Serei um escriba à altura delas? Desafio, ousadia e temor.[2456]

Silviano expõe a possibilidade de delegação da memória a outrem e cita a figura do romancista como exemplo. Apesar de não conter "romancista" em minha biografia, delego a mim, sob o crivo do papel crítico biográfico fronteiriço herdeiro, as memórias e a vida desse, *a priori,* indivíduo, metamorfoseado em divíduo espectral. Suponho saber sobre a vida de Silviano e, por sua vez, me encontro frente à minha própria vida de *homem-menino-fronteira* homo-biográfico. Diante disso, Elisabeth Roudinesco em

[2455] CORACINI. A memória em Derrida, p. 129.
[2456] SANTIAGO. Silviano, o equilibrista, p. 43, grifos meus.

“Escolher sua herança” (2004) expõe que *escolher a herança não quer dizer nem aceitar tudo, nem fazer tábula rasa*[2457]*.*

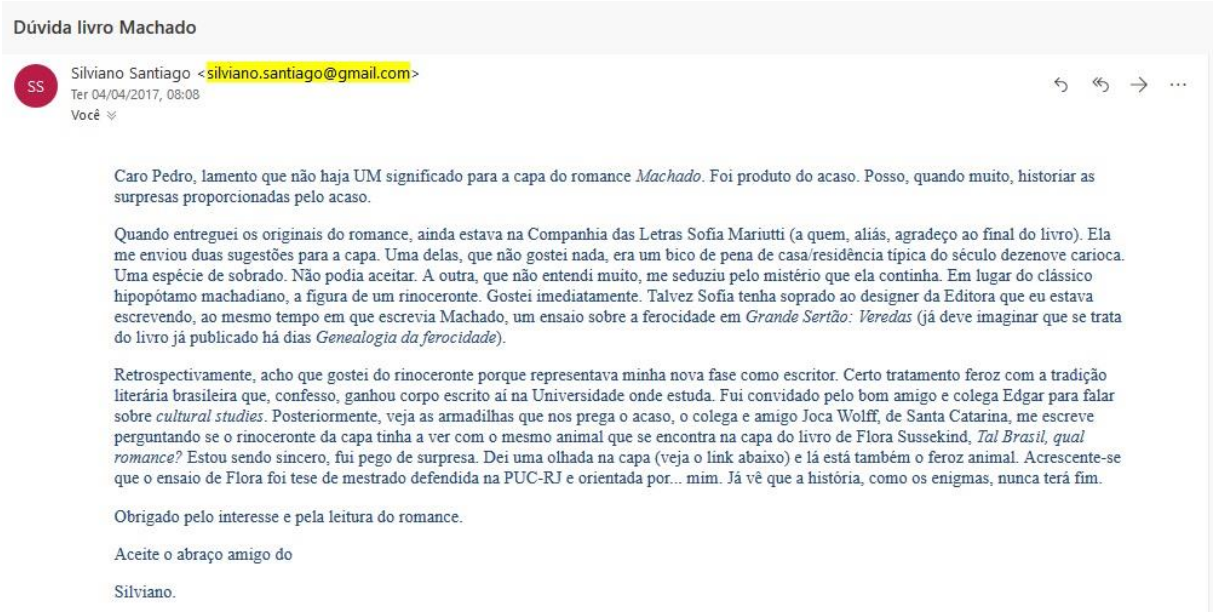
Partindo do pressuposto da herança, da memória e da escrita de si, Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro* (2012) corrobora que *a memória não é mais um dispositivo de conservação de valores de classe, mas uma forma de testemunho e legado de uma geração atravessada por projetos de mudanças de valores*[2458]. É justamente a partir desse interstício crítico que falo como herdeiro de Silviano, de mim, de nós. Estamos inseridos em uma trama de relações sociais que fundamenta a nossa escrevivência *para um além de mim mesmo*[2459]. Não possibilito pensar em um *eu sozinho*, de maneira que já abordei, somos sempre constituídos de muitos outros.

Ainda que construída, inicialmente, não optei pela herança de Silviano, esta me *elegeu,* de maneira metafórica, *violentamente*[2460]. Devido a circunstâncias institucionais relacionadas ao grupo de pesquisa (Núcleo de Estudos Culturais Comparados/NECC) o qual sou membro há anos, fui lançado ao universo *homo-bio-ficcional* de Silviano como um viajante de primeira viagem na tarefa de resenhar seu lançamento naquele ano: *Machado* (2016). O romance aposto foi a chave-mestra que me deu acesso à uma herança que eu não teria dimensão, naquele momento ou até hoje, do quão violentamente adentraria minha vida e tomaria conta das minhas sensibilidades enquanto leitor e pesquisador sul-fronteiriço.

Pouco tempo após o término da escrita e, por sua vez, publicação da resenha, coloquei um ponto final no meu até então projeto de Iniciação Científica sobre o

[2457] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 09.
[2458] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 21.
[2459] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 21.
[2460] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 12.

escritor argentino Jorge Luis Borges para adentrar minhas mil rosas (auto)biográficas – sendo este o título do meu primeiro plano de trabalho de Iniciação Científica na UFMS sobre Silviano. Em virtude da escrita da resenha, cheguei a ponto de me corresponder algumas vezes via *e-mail* com Silviano, a princípio, a fim de solucionar algumas dúvidas sobre a obra *Machado* e, *a posteriori*, para conversar sobre o romance *Mil rosas roubadas* e Ezequiel Neves. Eu mal saberia mensurar o desvio que Silviano criaria em mim, em meu caminho intelectual e em minha vida. Existo antes e depois de Silviano e das minhas/nossas *Mil rosas roubadas*. A nível de um desejo de memória, ainda que atravessado por um mal de arquivo, trago a público alguns dos nossos *e-mails* (Figuras 43, 44 e 45) trocados em 2017, os quais, em um deles (Figura 45), Silviano menciona Ezequiel Neves:



**Dúvida livro Machado**

SS Silviano Santiago <silviano.santiago@gmail.com>
Ter 04/04/2017, 08:08
Você

Caro Pedro, lamento que não haja UM significado para a capa do romance *Machado*. Foi produto do acaso. Posso, quando muito, historiar as surpresas proporcionadas pelo acaso.

Quando entreguei os originais do romance, ainda estava na Companhia das Letras Sofia Mariutti (a quem, aliás, agradeço ao final do livro). Ela me enviou duas sugestões para a capa. Uma delas, que não gostei nada, era um bico de pena de casa/residência típica do século dezenove carioca. Uma espécie de sobrado. Não podia aceitar. A outra, que não entendi muito, me seduziu pelo mistério que ela continha. Em lugar do clássico hipopótamo machadiano, a figura de um rinoceronte. Gostei imediatamente. Talvez Sofia tenha soprado ao designer da Editora que eu estava escrevendo, ao mesmo tempo em que escrevia Machado, um ensaio sobre a ferocidade em *Grande Sertão: Veredas* (já deve imaginar que se trata do livro já publicado há dias *Genealogia da ferocidade*).

Retrospectivamente, acho que gostei do rinoceronte porque representava minha nova fase como escritor. Certo tratamento feroz com a tradição literária brasileira que, confesso, ganhou corpo escrito aí na Universidade onde estuda. Fui convidado pelo bom amigo e colega Edgar para falar sobre *cultural studies*. Posteriormente, veja as armadilhas que nos prega o acaso, o colega e amigo Joca Wolff, de Santa Catarina, me escreve perguntando se o rinoceronte da capa tinha a ver com o mesmo animal que se encontra na capa do livro de Flora Sussekind, *Tal Brasil, qual romance?* Estou sendo sincero, fui pego de surpresa. Dei uma olhada na capa (veja o link abaixo) e lá está também o feroz animal. Acrescente-se que o ensaio de Flora foi tese de mestrado defendida na PUC-RJ e orientada por... mim. Já vê que a história, como os enigmas, nunca terá fim.

Obrigado pelo interesse e pela leitura do romance.

Aceite o abraço amigo do

Silviano.

FIGURA 43 – O primeiro *e-mail*-reposta de Silviano destinado a mim (2017) sobre o possível significado da capa do romance *Machado* (2016)
Fonte: acervo pessoal


RES: Agradecimento

Sinalizar para acompanhamento.

SS Silviano Santiago <silviano.santiago@gmail.com>
Ter 01/08/2017, 07:20
Você

Caro Pedro,
Será sempre um prazer receber material seu. Em caso de texto já publicado, poderia passar a velh@s amig@s que também se interessam pelas minhas coisas. Acrescento que não comento trabalho referente a minha obra. Questão de ética. Em determinado momento, posso passar-lhe alguma informação, o que já aconteceu no passado. Posso também, se for o caso, indicar-lhe algum estudioso da obra que você deveria consultar, com quem deveria conversar. Em suma, na rota da informação e do contato com colegas tudo é possível.
O importante é que se sinta à vontade.
Obrigado, uma fez mais, pelo seu interesse e disposição de trabalho. Abs.,
Silviano.

FIGURA 44 – *E-mail*-resposta de Silviano destinado a mim (2017)
Fonte: acervo pessoal


RES: Aquarela Mil rosas roubadas

Sinalizar para acompanhamento.

SS Silviano Santiago <silviano.santiago@gmail.com>
Sáb 29/07/2017, 06:51
Você

Caro Pedro,
Obrigado pelo gentil envio da aquarela. Para mim, a capa traz reminiscências da época em que Ezequiel e eu líamos Jean Cocteau. Na época, ele me deu de presente *Opium*, livro em que o francês escreve e desenha o processo por que passou para se livrar da droga.
Já nos falamos anteriormente e é um prazer saber que continua firme na leitura de *Mil rosas roubadas*.
Transmita meu abraço ao Edgar e vai outro para você,
Silviano.

FIGURA 45 – *E-mail*-reposta de Silviano (2017), destinado a mim, o qual o mineiro menciona Zeca (Ezequiel Neves)
Fonte: acervo pessoal

Frente às imagens/*e-mails* reproduzidos (Figuras 43, 44 e 45), percebo que me enganei quanto ao relato supracitado do recebimento da minha herança: “Por mais que tente ser objetivo, acabo subjetivo.”[2461]. Acredito que recebi a herança de Silviano muito antes de se quer saber da existência da *persona* escritor/romancista que o constitui – só havia lido seus textos críticos. Recordo-me que em vias de 2015, ano que ingressei na universidade com 17 anos na posição de acadêmico de Letras e já aspirante a pesquisador *neccense*, presenciei uma conversa entre pós-graduandos do NECC sobre um suposto romance, triste, diga-se de passagem, segundo eles, de um autor chamado Silviano. Em linhas gerais, conforme os pós-graduandos

[2461] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 140.

discorriam, a obra era sobre um amigo que perdia o outro e, na tentativa de sobreviver a isso, narrava suas memórias de cúmplices.

Dito isso, compreendo a maneira como esses meus amigos e parceiros de pesquisa contavam o enredo de *Mil rosas roubadas*, mas, mais que isso, entendo que foi ali, naquela conversa cotidiana de pesquisadores de literatura, que herdei, sem ter consciência, o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano e minhas *Mil rosas roubadas*. Hoje compreendo minimamente minha posição de herdeiro desde essa época por um desejo de consignação/arquivo recalcado em mim, visto que esse acontecimento nunca me esvaiu. Talvez, ou com certeza, meu relato esteja acrescido de detalhes atribuídos pela minha anamnese biográfica, entretanto, por mais que o mal de arquivo me assole propondo uma destruição da consignação e da reunião, entendo que essa herança está para além de mim, não a escolhi, ela me irrompeu violentamente. Nesse plasmar, Derrida propõe:

> Eis por que a idéia [sic] de herança implica não apenas reafirmação e dupla injunção, mas a cada instante, em um contexto diferente, uma filtragem, uma escolha, uma estratégia. Um herdeiro não é apenas alguém que recebe, é alguém que escolhe, e que se empenha em decidir. [...] Todo texto é heterogêneo. A herança também, no sentido amplo mais preciso que dou a essa palavra, é um "texto". A afirmação do herdeiro consiste naturalmente na sua interpretação, em escolher. Ele discerne de maneira crítica, ele diferencia, e é isso o que explica a mobilidade das alianças. Em certas situações, sou aliado de Lacan [Silviano] contra outros, em outras situações, me oponho a Lacan [Silviano]. Não vejo nenhum oportunismo, nenhum relativismo nisso.[2462]

Isso posto, compreendo que Silviano "[...] criou um desvio em meu caminho. A seu modo, também ele me deu a vida."[2463]. Em um dos *e-mails* citados (Figura 45), datado de 29/07/2017, Silviano comenta sobre o desenho da capa do *Mil rosas roubadas* inter-relacionando-a com Ezequiel Neves. Naquela época, Silviano adentrava timidamente as veias do meu corpo-*corpus* homo-biográfico e epistêmico

[2462] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 17.
[2463] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 21.

enquanto um novo caminho a ser traçado, uma vez que eu deixara de lado minha visada argentina para me aproximar mais de mim mesmo: brasileiro, sul-fronteiriço e homo-biográfico. Em 2017, Silviano era apenas um início. Hoje, em 2020, entendo que é a partir dele e das suas/nossas *homo-bio-ficcionalidade*s que me encontro comigo mesmo. Nesse viés, julguei necessário eternizá-lo e mantê-lo vivo não só nos meus escritos, mas, essencialmente, no meu corpo escrevivente homo-biográfico, como descortina a fotografia-tatuagem abaixo (Figura 47):

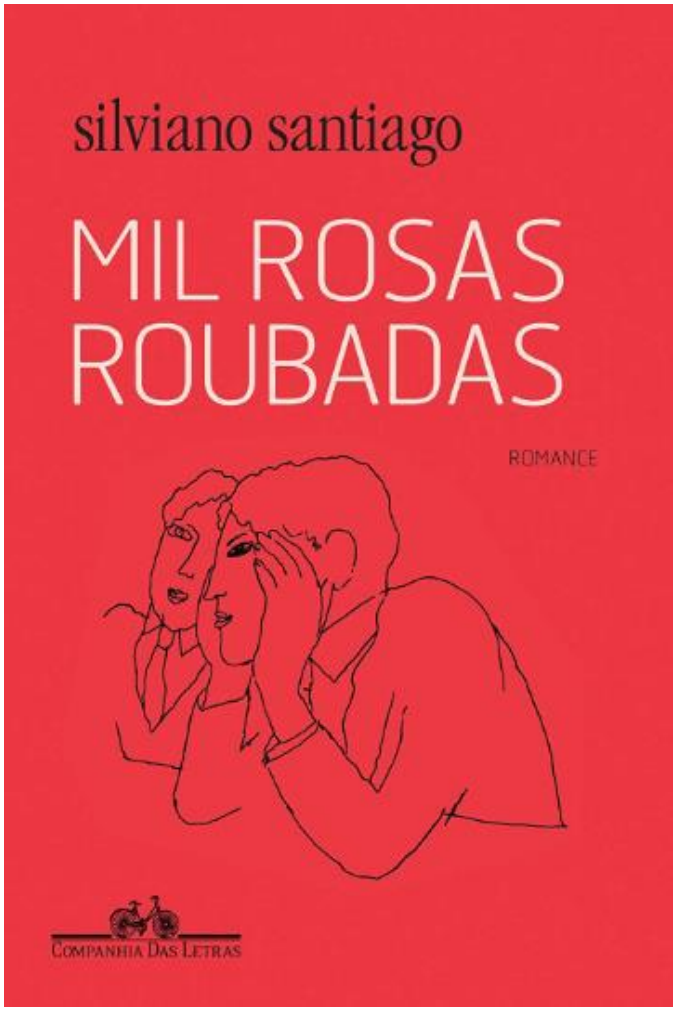



FIGURA 46 – Capa do romance escrevivente *Mil rosas roubadas* (2014)
Fonte: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13761



FIGURA 47 – A capa do *Mil rosas roubadas* tatuada no meu antebraço esquerdo (2019)
Fonte: acervo pessoal

Dessa feita, à maneira que Derrida corrobora, a herança se assemelha à uma eleição, à uma seleção e à uma decisão[2464]. Penso a minha vida a partir dessa herança e não seu oposto. Construo meu Silviano espectral a partir de uma herança que foi me dada, vivo nossa vida (sobrevida) para além da própria vida ou, quiçá, um dia, da morte. Escolho preservar essa herança viva. Declaro a admiração, a dívida, o reconhecimento e a necessidade de ser *sempre fielmente infiel*[2465]*.* Fundo-me em uma dívida dupla: sou responsável por aquilo que veio anterior a mim, mas, sobretudo, pelo

[2464] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 13.
[2465] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 14.

que é da ordem do porvir. Herdar não quer dizer jamais uma incorporação cega, mas ser amigo-inimigo habitando a boa distância (política) já discutida. Derrida endossa:

> Seria preciso pensar a vida a partir da herança, e não o contrário. Seria preciso portanto partir dessa contradição formal e aparente entre a passividade da recepção e a decisão de dizer 'sim', depois selecionar, filtrar, interpretar, portanto transformar, não deixar intacto, incólume, não deixar *salvo* aquilo mesmo que se diz respeitar antes de tudo. E depois de tudo. Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final.[2466]

Ao passo que opto por preservar essa herança mineira viva, também sou escolhido por ela. Trato-a demoradamente, decido vivê-la fundando uma declaração amorosa da minha parte enquanto crítico homo-biográfico, há inscrita em meu corpo, discurso e sensibilidade uma dívida impagável e um reconhecimento[2467] *homo-bio-ficcional*. Atravessado pelo meu caráter de divíduo finito, sou condenado à condição de herdeiro duplamente endividado. Há um desejo, uma sobrevida e uma transferência latentes entre o meu corpo homo-biográfico e o de Silviano o qual realizamos as ambivalências de escolhermos e sermos escolhidos.

*Transferência é amor*[2468], me ensina Rosemary Arrojo, é um amor que se dedica ao conhecimento. No meu caso, escre(vi)vo a partir de Silviano sob o crivo da herança enquanto um texto que emerge a partir das minhas sensibilidades biolocais alicerçadas pelo crivo transferencial simbiótico entre mim e Silviano. É na transferência, no desejo e na sobrevida que reside a minha posição de *sujeito suposto saber*[2469]. Suponho saber sobre/a partir de Silviano imaginando saber seus segredos para, no fim, tentar me encontrar e lidar com os meus sintomas e com a minha vida para além da própria vida. Silviano me faz compreender minha/nossa escrevivência

[2466] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 13.
[2467] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 37.
[2468] ARROJO *apud* NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.
[2469] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.

enquanto a afirmação de um divíduo homo-biográfico que prefere viver a vida mais intensa quanto for possível.

No que se refere à minha inscrição no trato crítico-biográfico de Silviano e o meu roubo quase que consentido, haja vista minha posição de herdeiro, Denilson Lopes explicita: “Para ampliar a afetividade no ato da pesquisa é necessário repensar o ato de escrita e sua relação com o sujeito pesquisador.”[2470]. Proponho um ensaio biográfico fronteiriço o qual me valho de um gesto *canibalizador*, *intercorporal*, sendo um-no-outro, *ontologista do íntimo*, que *rouba os relatos alheios*[2471]*,* não só os de Silviano, mas de todos aqueles que já li e herdei. Parafraseando Juliano Garcia Pessanha, coloco-me na posição de um *ladrão de relatos e de histórias, realizo mergulhos simbióticos na tentativa de ganhar um eu*[2472]*.* É sendo o outro e eu mesmo que me vejo enquanto divíduo homo-biográfico tendo como o núcleo do meu narrável, das minhas memórias e autobiografia, a minha/nossa *transformação*[2473] dividual.

Para Ricardo Piglia, em *O laboratório do escritor* (1994), *a crítica é uma espécie de autobiografia*[2474], isto é, não há como falar do outro sem passarmos por nós mesmos, tal qual quando o romance *Mil rosas roubadas* torna isso explícito ao Silviano falar de si através de Zeca. Silviano é um pretexto para que eu recaia na minha própria história/narrativa *homo-biográfica*. Nesse contexto, Klinger ressalta que a *escrita de si*[2475] desponta como um sintoma do final do século e não é uma novidade para a literatura latino-americana, pelo contrário, sempre teve esse traço forte e marcado. Tomo *emprestadas as feridas e as dores*[2476] de Silviano para me compreender e

[2470] LOPES *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 13.
[2471] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 33.
[2472] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 95.
[2473] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 15.
[2474] PIGLIA. *O laboratório do escritor*, p. 70-71.
[2475] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 19.
[2476] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 20.

escre(vi)ver a partir da fronteira-sul que habito e sou habitado. *Em Mil rosas roubadas*, Silviano expõe o incólume de falar do outro/de si:

> [...] a busca de objetividade só é insuspeita por parte de quem a escreve. A opção (inconsciente? presunçosa? deletéria? – apostem suas fichas, senhores e senhoras) pela subjetividade realça apenas a sinceridade, ou a autenticidade do relato autobiográfico que este historiador assina como biográfico. Confesso. O relato que leem pouco alimenta a arte da biografia, cujos parâmetros de confiabilidade estão no ato de escritor se deixar armar e se desdobrar em dois e em muitos pela vontade de retratar o outro na sua singularidade. [...] É meu DNA que corre pelas veias do biógrafo. Meu saber acumulado é que faz o rosto dele brilhar na folha de papel.[2477]

Retiro, portanto, qualquer traço do privado e exponho meus desejos e faltas de crítico biográfico fronteiriço atravessado pela condição de *sujeito suposto saber* sobre a vida do outro que, no fim, resvala na minha própria vida: "[...] o que ele descobre [crítico biográfico] e interpreta na vida do outro é [...] algo que o crítica dessa natureza quer e precisa dizer."[2478] Interpelo as memórias de Silviano através da minha posição de herdeiro como tentativa de no fim, encontrar-me com as minhas próprias memórias e, essencialmente, comigo mesmo: *homem-menino-fronteira*, homo-biográfico, aliado hospitaleiro e pesquisador escrevivente atravessado pela falta, pelo desejo e pela transferência.

[2477] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 141-142.
[2478] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 40.

## 2.5 – Ser um no outro: os aliados hospitaleiros homo-biográficos

> ‘Entre rápido’, rápido, quer dizer, sem demora e sem esperar. [...] O hóspede deve apressar-se. [...] o estrangeiro – aqui, o hóspede esperado – não é apenas qualquer um a que se diz ‘venha’, mas ‘entre’, entre sem esperar, [...] ‘venha a mim’, não apenas para mim, mas *em mim: ocupa-me, toma lugar em mim, o que também significa tome o meu lugar, não te satisfaças em vir ao meu encontro ou ‘estar comigo’.*
>
> DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 107, grifos meus.
>
> É preciso ser vários para escrever e já para ‘perceber’.
>
> DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 331.
>
> Era algo saído do seu próprio corpo. [...] Quando encontramos algo assim [...] *estamos na zona da hospitalidade*. [...] É o lugar A, a província da intimidade! [...] É que o gesto *nascido e brotado afirmativamente do meu corpo encontra um aliado que sintoniza com ele, e ambos ressoamos no interior de um espaço vivo e sustentado.*
>
> PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21, grifos meus.

Entre rápido, entre sem esperar, Silviano. Apresse-se. Traga nossas borboleta-azuis espetadas por alfinetes *homo-bio-ficcionais*, entre sem pedir licença e não venha apenas para mim, mas *em mim*, em meu corpo homo-biográfico sul-fronteiriço que, simbioticamente, o anima, o alia, o sustenta, o hospeda e o hostiliza – assim como é animado, aliado, sustentado, hospedado e hostilizado por você. Peço, portanto, que me ocupe, tome lugar em mim, ou melhor, tome o meu lugar que é, na verdade, de modo dividual[2479], o nosso lugar. Não se contente em apenas vir a mim, fale de mim na primeira pessoa assim como falo de ti/de nós e tal qual Juliano Garcia Pessanha o faz sobre e partir de Nietzsche[2480].

Existimos, pensamos e escre(vi)vemos na medida em que *uma ferida similar autoriza meu/nosso texto-amizade*[2481] dividual. Conforme já apostas, nossas existências se rivalizam e se sustentam subsidiadas por uma falta latente e pulsante de nossos amigos espectrais. De maneira aliado-hospitaleira, *intercorporal*[2482] e

[2479] Cf. *Recusa do não-lugar de* Juliano Garcia Pessanha.
[2480] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 16.
[2481] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 16.
[2482] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.

simbiótica, fundo minha incorporação *canibalizadora*[2483] no que convém a você Silviano, a nós e ao seu/nosso projeto *homo-bio-ficcional*. É preciso ser vários para escrever e perceber, como nos ensinou Derrida ao discorrer sobre o bloco mágico de Freud. Juliano Garcia Pessanha propõe:

> [...] é apenas a partir de um certo tipo de estar-com (o ser-um-no-outro) e da estada na estufa imunológica que posso adentrar o mundo e nele me enraizar. [...] O enraizamento no mundo é assunto inter-humano e depende das relações de proximidade em receptáculos que paradoxalmente contêm a si mesmos.[2484]

Partindo da ideia de que os receptáculos contêm a si mesmos, a ferida que nos atravessa não se limita apenas às nossas faltas enquanto divíduos *amigos-amantes*[2485] lacunares em detrimento à perda dos *amigos-amados*[2486]. Previamente aos discursos que nos constituem, há a inserção dos nossos corpos homo-biográficos políticos em toda produção crítica que ensejamos. Dessa forma, respaldado pela crítica biográfica fronteiriça, entendo que não há possibilidade de relações de hospitalidade extrínsecas à inserção do meu/nosso corpos homo-biográficos e, por sua vez, de nossas sensibilidades locais/biográficas. Escre(vi)vo trazendo o meu/nossos corpos ao *campo de batalha*[2487] epistêmico.

O ensaio biográfico-fronteiriço o qual me proponho a realizar aqui, como Juliano Garcia Pessanha expõe na epígrafe deste subtítulo, é algo que sai do meu próprio corpo alocado em uma zona de hospitalidade e que ressoa em um espaço vivo e sustentado enquanto o lócus epistêmico escrevivente o qual assento-me. Esse lócus discursivo de onde erijo minhas reflexões epistêmicas, dentre outras, se aloca na província da intimidade – contudo, como já trabalhei à luz de Derrida no plasmar da (boa) amizade política (e crítica), uma intimidade não íntima. Encontro, segundo essa

[2483] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 69.
[2484] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 116.
[2485] Cf. *Políticas da amizade* de Jacques Derrida.
[2486] Cf. *Políticas da amizade* de Jacques Derrida.
[2487] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 23.

lógica, meu aliado Silviano que está sintonizado a mim/ao meu corpo desde o momento em que recebo sua herança, hospedo-o e nos metaforizamo-nos em aliados hospitaleiros, divíduos, duo-simbióticos. Na esteira da inserção do corpo na formulação crítica, Mignolo nos elucida que:

> A suposição básica é que o conhecedor está sempre envolvido corporal e geopoliticamente no conhecido, embora a epistemologia moderna (a *hybris* de ponto zero) conseguiu cobrir ambas as dimensões e criar a figura do observador imparcial, um buscador de verdades e objetividades neutro, que ao mesmo tempo controla as regras disciplinares e se situa (ele ou ela ela) em posição privilegiada para avaliar e definir.[2488]

A formulação moderna do crítico enquanto figura que observa imparcialmente, na condição de buscador neutro de verdades e objetividades, se faz insustentável mediante ao exercício de hospitalidade/hostilidade que fundo na minha/nossa escrevivência *homo-bio-ficcional*. Ao me valer do (des)arquivamento de minhas/nossas memórias (roubadas), de nossa amizade política, da minha condição de herdeiro, dos espectros que nos rondam/estão ao nosso lado e, agora, da zona de hospitalidade que alicerça nossa relação simbiótica de aliados hospitaleiros, as condições de neutralidade e de imparcialidade replicadas pelo sistema-mundo colonial moderno não dão conta de falar do lugar que tomo/assumo para mim.

A partir desse direito epistêmico que conquisto e (re)construo, permito-me/nos realizar tais gestos *canibalizadores*[2489]. Afeto e sou afetado, escolho e sou escolhido, hospedo e sou hospedado. É sob o alicerce da desobediência epistêmica que me afasto do modelo de produção crítica difundida pelos saberes ditos acadêmicos e cristalizados sustentados pela hegemonia moderna ocidental. Não me valho de

[2488] "El supuesto básico es que el conocedor siempre está implicado corpo y geopolíticamente en lo conocido, aunque la epistemología moderna (la *hybris* del punto cero) ha logrado encubrir ambas dimensiones y crear la figura del observador desapegado, un buscador de verdades y objetividades neutrales, que al mismo tiempo controla las reglas disciplinarias y se sitúa (él o ella) en una posición privilegiada para evaluar y definir.". MIGNOLO. Desobediencia epistémica (ll), pensamiento independiente y liberdad de-colonial, p. 14, tradução minha.

[2489] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.

Silviano através de uma *prática teórico-discursiva*[2490] a qual o tomo como objeto passível de análise e dissecação, castrando-o. Do lugar epistêmico crítico-biográfico fronteiriço de onde erijo minhas teorizações não há espaço para que eu fale *sobre* um objeto estritamente exterior a mim. Enraízo-me no mundo, adentrando-o, *sub judice* da dependência dos receptáculos que me/nos contêm[2491]. Assim:

> Entendo que somente por meio de uma epistemologia latina [e sul-fronteiriça], que valoriza *a reprodução da vida, autenticada por meio da consciência subalterna do sujeito, sua experiência e suas sensibilidades biográficas*, é possível a rearticulação de uma discussão crítica que passe por fora dos postulados teóricos "memorialísticos" universais do ocidente, que não fez outra senão armazenar um discurso e um saber hegemônicos considerados bons para o *resto do mundo*.[2492]

Para Diana Klinger há "[...] um colapso do paradigma científico 'sujeito-objeto', [pois] numa época em que o outro não pode ser mais entendido como 'objeto' passivo de conhecimento, e sim como 'sujeito político', que negocia seu lugar [...]"[2493]. Como acréscimo a essa passagem, Pessanha corrobora: "[...] aquilo que tomamos para nós é uma criatura nossa, viva e pulsante."[2494]. Isso posto, construo minhas teorizações jamais aquilatadas em uma perspectiva analítica *sobre* Silviano Santiago, *sobre* seu projeto *homo-bio-ficcional* ou *sobre* seu romance *Mil rosas roubadas*, mas, sim, crivado no direito epistêmico que construí canibalizando-o, intercorporando-o, roubando-o.

Assim sendo, tomo todas essas esferas literárias e críticas para mim, dado que as (re)crio sempre no presente por meio das minhas leituras e teorizações. *Mil rosas roubadas florescem*[2495] na intimidade não íntima estabelecida por mim. Crio espectralmente Silviano Santiago, o meu mineiro fronteiriço, divíduo, duo-simbiótico e

[2490] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 151.
[2491] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 116.
[2492] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 150, grifos meus.
[2493] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 157.
[2494] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 40.
[2495] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 41.

aliado hospitaleiro. Por meio de simbioses e gestos canibalizadores, Silviano é tanto Pedro quanto Pedro é Silviano. Passo da posição de indivíduo oco para divíduo/ontologista do íntimo/aliado hospitaleiro intermediado pela imagem espectral de Silviano que criei para mim:

> Eu não sabia que o mundo é um presente da hospitalidade. [...] [o ser humano] *Toma e é tomado! Ele se faz no ente. Identifica-se com aquilo que canibaliza e mergulha*. Quando há sossego e aconchego, mergulhamos. Nesse adentramento, vai-se progressivamente apagamento o oco e tomando o rosto e a palavra do mundo. Ser capaz uma palavra do mundo, de uma palavra mundiforme, esse era o meu sonho. [...] Para falar qualquer coisa, eu fazia ginásticas incríveis e imitava e roubava os relatos alheios.[2496]

A gramática sujeito/objeto, herdeira da metafísica grega da substância, não permite a nomeação de um espaço íntimo: elemento essencial para a nossa escrevivência homo-biográfica. Havia, por meio dessa óptica metafísica, uma relação unilateral no fazer epistêmico, haja vista que apenas o suposto "analista" afetava o "objeto" entendendo este enquanto algo morto e inerte na sociedade. Entretanto, como já pontei por meio de Klinger, Pessanha e Nolasco, a concepção de que o objeto é passivo, enterrado e imóvel na cultura é falaciosa, castradora e exime o trabalho com as sensibilidades no fazer teórico.

De modo que reitero desde o início desse trabalho, penso e escre(vi)vo a partir do meu biolócus sul-fronteiriço e jamais abriria mão desse direito sensível que aquilatei e construí para mim. Minha opção é pelo(s) *bios*[2497]. Nessa perspectiva crítica, conforme Mignolo assevera, *a teo e ego-política do conhecimento sempre colocaram entre parênteses o corpo no fazer conhecimento*[2498]; com isso, localizam "[...] o conhecimento apenas na mente e colocando entre parênteses as 'qualidades secundárias' (afetos, emoções, desejos, raiva, humilhações etc.)"[2499]. Para mim, na

[2496] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 33, grifos meus.
[2497] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 20.
[2498] MIGNOLO. Desobediencia epistémica (ll), pensamento independiente y liberdad de-colonial, p. 37.
[2499] "La teo y ego-política del conocimiento también pusieron entre paréntesis el cuerpo en el hacer-conocimiento. Al localizar el conocimiento sólo en la mente, y poniendo entre paréntesis a las

posição de crítico biográfico fronteiriço, as esferas tangíveis ao sensível jamais são alocadas em um plano secundário, visto que escre(vi)vemos a partir de nossas sensibilidades biolocais. Meu fazer crítico é um exercício descolonial que teima, este é epistemicamente desobediente.

Com isso, meu exercício crítico é sempre sobre afetar e ser afetado. O ser humano, de acordo com Pessanha, é um *canal oco e penetrável e, se ele não for visitado e preenchido por hóspedes duradouros*, *pode permanecer vazio e sem um dentro*[2500]. Entendo, portanto, que hospedo e sou hospedado por Silviano. Nossa relação nunca é fomentada por uma unilateralidade, como sempre propuseram as reflexões ocidentais modernas. Fundamo-nos em *expropriações apropriadoras, em mergulhos extáticos e gestos canibalizadores*[2501]. Misturamo-nos simbioticamente, ocupo a posição do *ontologista do íntimo*[2502] ao trabalhar com as minhas sensibilidades partindo das de Silviano. O mineiro é meu *complementador íntimo e gênio aliado*[2503], nunca meu objeto:

> Assim, se estamos no espaço inicial, onde o infante vai ser animado e dotado de alma, devemos falar apenas de *não-objetos e pré-sujeitos*. *Nos duetos pré-objetivos e formativos, constitutivos da vida, o outro é um complementador íntimo e o gênio aliado, mas nunca um objeto. Objeto é aquilo cuja "deixabilidade" não afeta a consistência do sujeito.*[2504]

Afeto e sou afetado pelo meu espectro e hóspede/hospedeiro Silviano. Procuro uma tentativa epistêmica de poder descrever a própria gênese do meu eu incrustado em um vocabulário de incorporações produtivas e gestos antropofágicos. Quase que como uma necessidade vital criada por uma herança não escolhida, necessito

---

"cualidades secundarias" (afectos, emociones, deseos, enojo, humillación, etc.)". MIGNOLO. Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y liberdad de-colonial, p. 37, tradução minha.

[2500] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 112.
[2501] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[2502] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 74.
[2503] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113.
[2504] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 113, grifos meus.

alimentar-me, metaforicamente, das minhas/nossas *Mil rosas roubadas* que florescem sob o intermédio da minha polinização epistêmica*,* das minhas/nossas *homo-bio-ficcionalidades* e dos meus/nossos corpos homo-biográficos como sustento nutritivo de uma escrevivência viva e pulsante emergida dos arrabaldes da fronteira-sul. In(ter)corporo-me produtivamente possuído e possuidor de entes hospitaleiros. Emmanuel Lévinas, invocado por Derrida em *Adeus a Emmanuel Lévinas* (2015), ainda que atravessado pela lógica sujeito/objeto, é necessário para entender que:

> [...] temos um certo pressentimento do Outro; ele nos toma, nos abala, nos encanta, arrancando-nos a nós mesmos. – Precisamente, porém, para nos mudar no Outro. [...] Há uma apropriação do objeto pelo sujeito, e do outro pelo mesmos, e pois, afinal, redução do desconhecido ao já conhecido, na surpresa do susto há alguma coisa de pior, porque é o eu que se perde e o mesmo que se altera, transformado vergonhosamente em outro que eu-mesmo.[2505]

É através de um gesto canibalizador, intercorporal e *hos(ti)pitaleiro* que ganho epistemicamente enquanto crítico biográfico fronteiriço. É nesse interstício crítico e transferencial, de modo semelhante à uma dedicação amorosa, que arrumo uma justificativa literário-epistêmica para falar de mim *a partir* do meu duo-simbiótico Silviano. Pessanha assevera: “Quero ser devorado e intimizado, encontrado naquilo que sou! [...] *Para me compreender é preciso mostrar que se tem sangue*.”[2506]. É no ato de devorar e intimizar Silviano em mim que encontro justamente o meu *bios*, as minhas sensibilidades, os meus desejos e, fundamentalmente, aquilo que sou. Por meio do gesto hos(ti)pitaleiro, mostro que tenho sangue de *homem-menino-fronteira* para me/nos compreender na figura espectral de divíduos homo-biográficos sul-fronteiriços. Trago, portanto, ao bojo desta discussão, as minhas/nossas fotografias (Figuras 48, 49, 50 e 51) realizadas em momentos *perfomativamente* dividuais atravessados por *falas que se inscre-vi-veram* simbioticamente entre mim e o meu

[2505] LÉVINAS *apud* DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Lévinas*, p. 24.
[2506] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 21, grifos meus.

mineiro nos demasiados congressos que, intermediado por seu espectro, escre(vi)ve-me/nos:

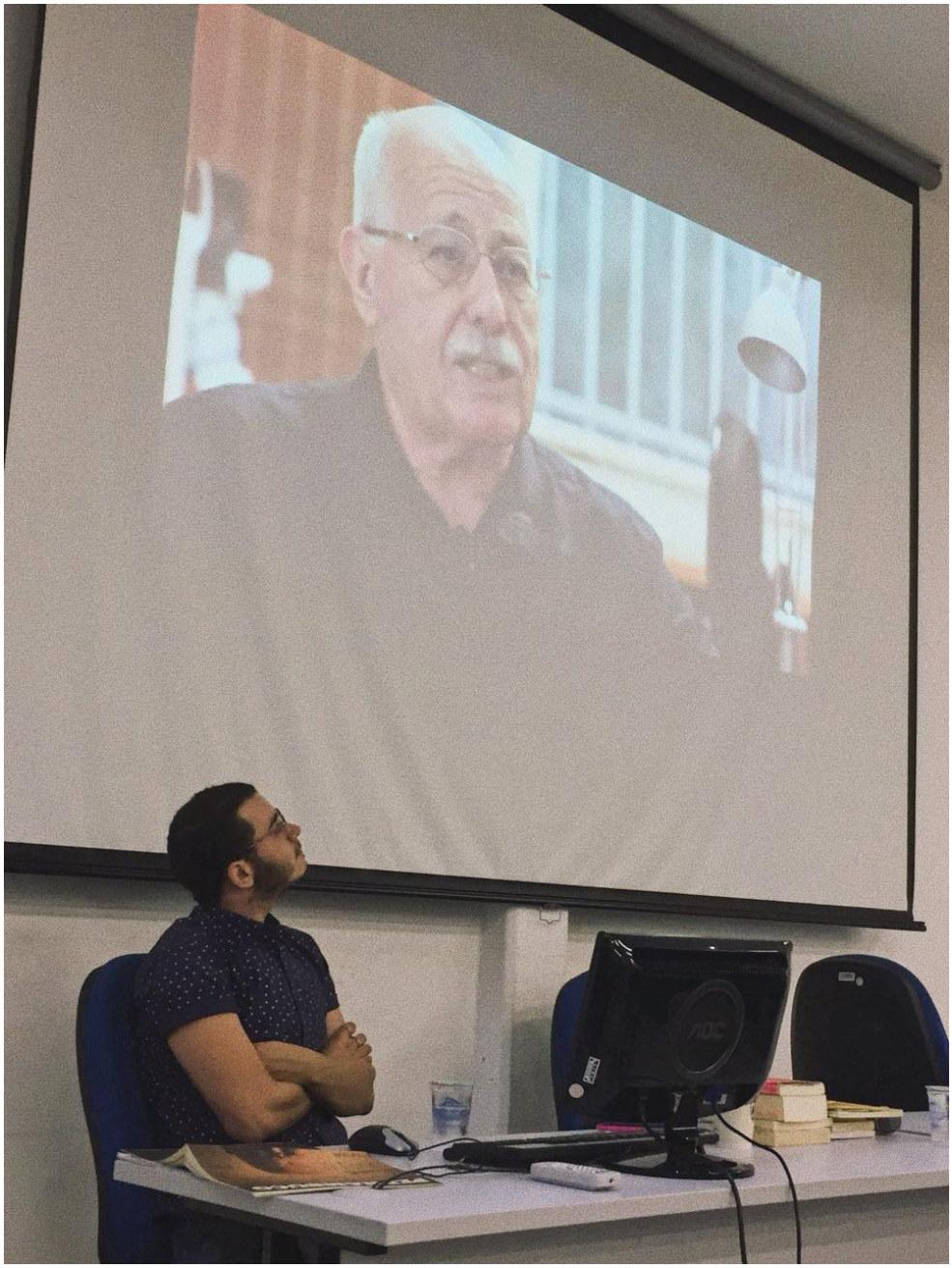


FIGURA 48 – Divíduos homo-biográficos falando-*inscre-vi-vendo-se* a partir da fronteira-sul na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Fonte: acervo pessoal




FIGURA 49 – Divíduos homo-biográficos falando-*inscre-vi-vendo-se* a partir da Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Fonte: acervo pessoal

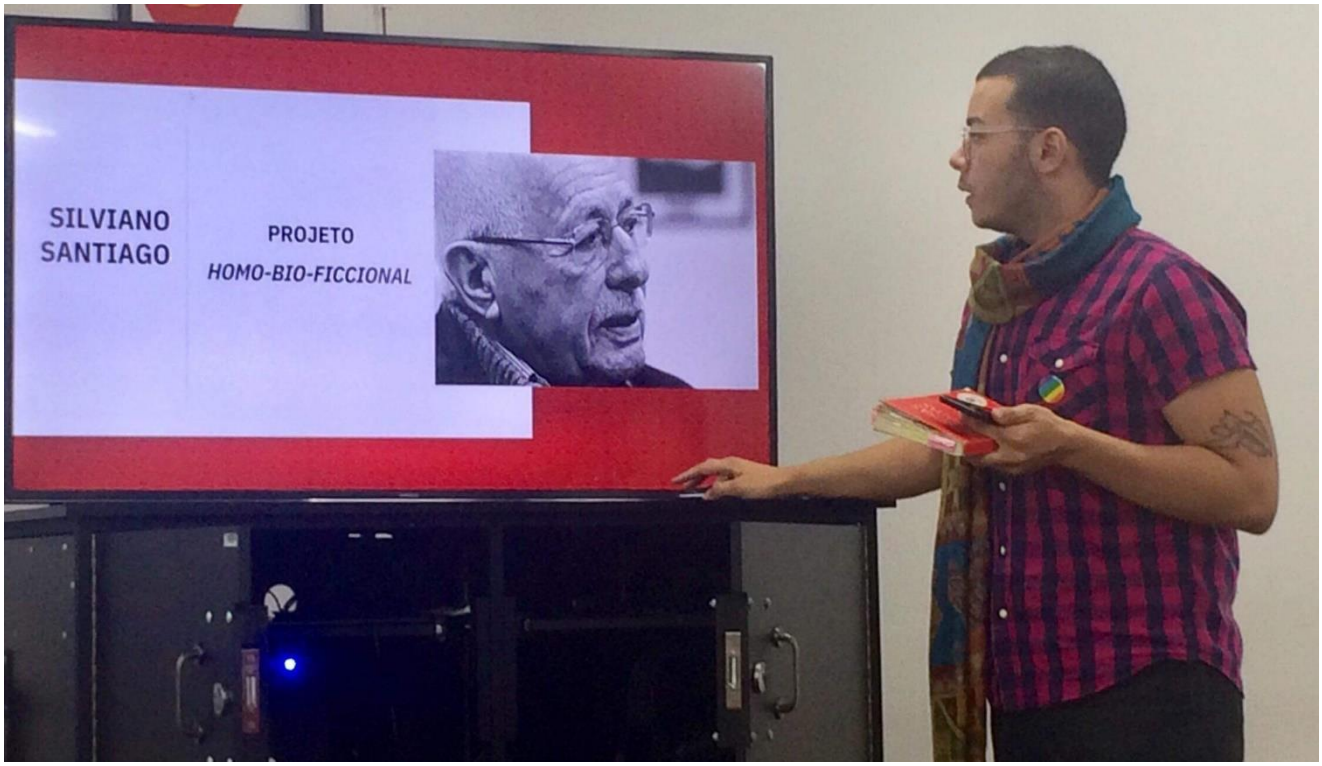



FIGURA 50 – Divíduos homo-biográficos falando-*inscre-vi-vendo-se* a partir da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Fonte: acervo pessoal



FIGURA 51 – Divíduos homo-biográficos falando-*inscre-vi-vendo-se* a partir da Universidad de Buenos Aires (UBA), na Argentina, acompanhados de duas amigas e companheiras, naquele momento, de grupo de pesquisa (Nathalia sentada à extrema esquerda da mesa e Kássia ao seu lado)
Fonte: acervo pessoal

Assentado nessa lógica sensível-epistêmica *outra* explicitada pelas fotografias reproduzidas acima (Figuras 48, 49, 50 e 51), compreendo que meu corpo homo-biográfico*,* morada da diferença colonial e da fronteira, encontra *um aliado que sintoniza com ele* e nós dois ressoamos no interior do espaço vivo das teorizações que nos sustentam. É através de um gesto de amor, de transferência, de hospitalidade e, de maneira contumaz, de hostilidade que me incorporo e sou incorporado por Silviano. Realizamo-nos nas faltas um do outro, perdemos para ganhar, aproximamos nossas vidas enquanto traços que se esvaem sob a sombra de uma pulsão de morte e de uma destruição que nos atormenta. Com isso, nossos corpos homo-biográficos se estendem e se esparramam sobre o mundo, não mais corpos individuais e ocos, mas, simbioticamente, dividuais, preenchidos. Ainda assentando na (re)leitura das imagens apostas e nas minhas simbioses biográficas, entendo a minha/nossa postura um para com o outro (Pedro/Silviano) em vista de que:

> [...] *um bom aliado é aquele que dá continuidade ao tom que o outro emite, a ponto de os polos se confundirem numa musicalidade una e única*. Quem passou por essa câmara dual de ressonância, pode, um dia, seguir para mundos e contextos ampliados, pois já está munido de um reportório próprio. Já que aquele que não esteve contido nesse espaço de atenção, ou esteve mas foi invadido por sonoridades alheias, ficará congelado ou obrigado a emitir músicas impróprias. *De qualquer modo, nenhum ser humano preexiste a seus animadores e aliados*.[2507]

Tal qual as imagens anteriormente reproduzidas (Figuras 48, 49, 50 e 51) descortinam, dou continuidade ao tom de Silviano como este o faz também comigo. Sou fielmente infiel e promovo tal exercício de herança sustentado por uma visada política e íntima não-íntima. De maneira que já expus nesse texto*, dizer é uma forma*

[2507] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 70, grifos meus.

*de tocar para que a visita do outro aconteça*[2508]. Por isso, chamo o nome de Silviano no ensejo de tocar seu corpo espectral criado por mim, na tentativa de hospedá-lo e ser hospedado. Somos hospitaleiros e hostis um com outro, hos(ti)pitaleiros. Não me projeto em direção a ele, à nossa amizade ou às minhas sensibilidades de crítico-amigo-amante permeado por fraternidades tentando apenas reiterar suas subjetividades. Busco *asceses* simbióticas.

Construo sua imagem à semelhança da minha imagem, quase como um discurso do epitáfio, eu vivo a sua/nossa vida para além dela própria. Vivemos da maneira mais intensa possível para além de qualquer traço efêmero que nos constitua ou escape-nos. Para Klinger, *o sentido de uma vida não se descobre depois que se narra, mas se constrói na própria narração*[2509]. Em linhas gerais, se parto da premissa que a *crítica é uma forma de autobiografia*[2510], segundo Ricardo Piglia, entendo, portanto, que construo o sentido da minha/nossa vida na escrevivência que teço em minhas teorizações crítico-biográficas fronteiriças.

Posto que o meu Silviano é uma imagem espectral criada por mim e fundamentada na minha leitura e escrevivência homo-biográfica sul-fronteiriça, habito um estado de permanência *com* Silviano, um sentimento de estar dentro de uma zona de intimidade – não íntima, *à la* Derrida – em que sobrevivemos crivados em nossa existência homo-biográfica sendo um-no-outro ou dois-em-um. No que falta em mim, ganho em Silviano e vice-versa. Silviano, espectralmente, não me precede na medida em que, na figura de ontologista do íntimo, eu crio sua imagem por meio da minha escrevivência homo-biográfica. Canibalizo-o e o hospedo para me sustentar epistêmico-biograficamente. Dessa feita, Pessanha reitera:

---

[2508] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 31.
[2509] KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 47.
[2510] PIGLIA. *O laboratório do escritor*, p. 70-71.

> O *com* é um estar em, um estar dentro. É uma espacialidade peculiar. Quem não a adentrou não pôde se sentar à mesa dos humanos. Definhou ou abortou de susto. Rasgou-se na exterioridade. *Ninguém precede seus animadores, aliados e sustentadores*. Descontados alguns pastores do ser, corpos sem órgãos e outros tipos de seres oco-abismais, a maioria dos *infans recebe animação e preenchimento ao incorporar e canibalizar o sossego e o calor benfazejo dos sustentadores*.[2511]

No tocante aos aliados hospitaleiros e ao estar *com*/*dentro*, em *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade* (2003) me vejo frente à discussão da palavra *hóspede* que na língua francesa (*hôte*) carrega uma dupla significância: ela designa tanto a pessoa que fornece quanto aquela que recebe a hospedagem sendo, portanto, um hospedeiro e um hóspede[2512]. Nesse caso, em graus distintos, mas aproximados pela minha leitura, pressupõe-se uma questão simbiótica que atravessa a hospitalidade debatida por Derrida. Entendo que no meu fazer epistêmico não é possível que a minha/nossa escrevivência seja cem por cento hóspede ou hospedeira, há uma lei dividual simbiótico-hospitaleira que as alimenta simultaneamente.

Anne Dufourmantelle explicita, à luz de Derrida, que falar do próximo, do outro, do exilado, do estrangeiro, do visitante, do habitar e se sentir em casa na casa do outro[2513] impede que se estabeleça fronteiras entre o eu/outro ou o sujeito/objeto. Essas dicotomias apostas, no plano de uma discussão hos(ti)pitaleira e crítico-biográfica fronteiriça, não se sustentam mais – à revelia do que é reproduzido pela colonialidade ocidental moderna. *A priori*, o que seria o outro é experimentado como a minha própria criação na figura de um preenchimento não alienado de mim mesmo[2514]. Silviano é simultaneamente o outro e a minha própria obra, isso é, eu

[2511] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 45, grifos meus.
[2512] DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade,* p. 18.
[2513] DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 50.
[2514] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

mesmo[2515]. Nós, Pedro e Silviano, somos, *duo-transferencialmente*, a nossa escrevivência *homo-biográfica*. Pessanha assevera:

> É nas relações fortes [...] e nas experiências de ressonância radical, nas quais o encontrado é *uma criação minha, que simultaneamente me constitui e me cria, que emerge o repertório existencial e o si mesmo*. É como no exemplo já dado no convívio do menino com sua bolha de sabão. Se ele adquire ali consistência e se expande é porque a bolha de sabão é *uma criação sua, e não uma exterioridade qualquer*. [...] Se o si-mesmo cresce no calor da amizade e do encontro, não há razão para que esse si-mesmo (*Selbst*) não coincida consigo próprio ou para se supor que ele está alienado. Não há também pro que desfazer ou desconstruir o que surgiu a partir da *incorporação produtiva* daquela que se ofereceu à altura do *gesto canibalizante*.[2516]

Há em toda essa relação simbiótica e dividual entre mim e Silviano uma transferência latente que percorre nossas veias homo-biográficas. De acordo com Rosemary Arrojo, o gesto transferencial pode ser entendido por *amor, leitura, escritura, deslocamento, deslizamento, fenda ou inconsciente*[2517]. Concordo com as demasiadas significações atribuídas à palavra pela autora, mas pontuo que, ademais, a transferência é a condição de possibilidade *sine qua non* para a minha escrevivência homo-biográfica-simbiótica. É por meio da transferência que o duo-simbiótico nos atravessa e permite a materialização epistêmico-sensível do nosso gesto de amor. A transferência é a possibilidade de apre(e)nder, a partir do argumento da suposta alteridade com Silviano, o que sempre esteve inconsciente em mim, além de ser a condição para que eu o ofereça hospitalidade, pois esta *não é oferecida a qualquer um*[2518]. *Mil rosas roubadas,* ensejadas pela transferência S/Z intermediada por mim, descortinam:

> Ao narrar apressadamente detalhe original de seu temperamento, não consigo desvencilhar-me, desgrudar-me do meu próprio temperamento, que lhe era oposto na falta de singularidade. Não adianta mais tergiversas. *Somos o que somos porque nos tornamos um*. A admiração é a negação da solidão irremediável a que cada um de nós está condenado. [...] Zeca me aprontava para o exercício pleno da vida como oportunidade, enquanto eu, mais

[2515] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[2516] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 115, grifos meus.
[2517] ARROJO *apud* NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.
[2518] DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 23.

> recatado e menos incisivo, mais douto em e menos atrevido, o municiava de novas e preciosas informações para a escrita artística sobre a vida.[2519]

Nesse sentido, Jacques Derrida, em *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, ressalta que o *hospedeiro escolhe, elege, filtra e seleciona seus convidados, visitantes ou hóspedes, sendo estes a quem são oferecidos asilo, direito de visita ou hospitalidade*[2520] – no sentido tradicional desta. À semelhança do exposto, reitero o narrado anteriormente quanto à herança de Silviano que não escolhi, mas que a herdei e a mantenho viva. Isso posto, entendo que, assim como uma borboleta-azul, foi necessário que eu atravessasse o processo de metamorfose para hoje escre(vi)ver homo-biograficamente minha relação de hospitalidade e, por sua vez, de aliado hospitaleiro com Silviano Santiago. Metaforicamente, precisei (trans)passar todos os estágios da metamorfose para que, hoje, eu conseguisse não necessariamente resolver e lidar com todas as minhas faltas, mas, de maneira parcial, entender suas existências e, mesmo que minimamente, ganhar onde eu mais perderia, *a priori.*

A hospitalidade, no meu caso, se deu antes mesmo de eu me dar conta de sua presença. Sem enxergá-la nitidamente, já havia me tornado um aliado hospitaleiro de Silviano antes mesmo de sabê-lo dado que, para tal, fui escolhido (e o escolhi) enquanto herdeiro. Ressalta-se, entretanto, que nossa relação de hospitalidade não é nunca unicamente hospitaleira, mas também hostil ou, como queira Derrida, uma *hos(ti)pitalidade*[2521]. A hos(ti)pitalidade se assemelha ao que já tratei acerca de uma fidelidade infiel e as relações de amigos-inimigos. É ser hospitaleiro e hostil ao mesmo tempo. É não aceitar tudo acriticamente como está posto tal qual a hospitalidade incondicional reitera.

---

[2519] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 53, grifos meus.
[2520] DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 49.
[2521] DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 41.

Dado que a minha relação com Silviano se funda, essencialmente, em uma amizade política, não há como se sustentar uma hospitalidade incondicional em virtude de que, caso o fizesse, entraria em contradição com as próprias constituições de uma (boa) amizade (política)[2522] e, ademais, à manutenção da herança viva sendo fielmente infiel, amigo-inimigo e íntimo não íntimo. Recebo Silviano em minha casa epistêmica, todavia, escolho recebê-lo crivado nas ressalvas críticas que a epistemologia a qual me respaldo tenciona. Sendo algumas destas ressalvas, a ausência da fraternidade e o político como cerne das relações. Para ilustrar esse cenário, Derrida ilustra:

> Porcos-espinhos renunciam a se comprimir uns contra os outros para lutar contra o frio. Seus espinhos os ferem. Obrigados a se aproximar de novo na época das geadas, acabam por encontrar, entre a atração e a repulsa, *entre a amizade e a hostilidade, a distância conveniente.*[2523]

Epistemicamente, não há momentos efêmeros de geadas na minha/nossa escrevivência; estas, por sua vez, são contínuas e eternas, elas nunca cessam. Desse modo, escolho sempre crivado em uma hos(ti)pitalidade me aproximar de Silviano fazendo meu/nossos corpos homo-biográficos sangrarem escorrendo um líquido escuro que se assemelha ao vermelho do céu nos entardeceres da fronteira-sul que habito. *Acolho o outro (que é o outro e o mesmo) para apropriar-me de um lugar e falar então a linguagem da hospitalidade*[2524]. Tenho a audácia de dizer boas-vindas a Silviano ainda que eu seja consciente dos riscos que tal expressão carrega. Como Derrida explicita em *Adeus a Emmanuel* Lévinas: deixo *receber, mas, além disso, ouço, interpreto, escuto e interrogo*[2525].

---

[2522] Cf. *Políticas da amizade* de Jacques Derrida e *Para uma política da amizade, Genealogias da Amizade* e *Amizade e estética da existência em Foucault* de Francisco Ortega, todos anteriormente trabalhados.
[2523] DERRIDA; ROUDINESCO. Escolher a herança, p. 18, grifos meus.
[2524] DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Lévinas*, p. 33.
[2525] DERRIDA. *Adeus a Emmanuel Lévinas*, p. 33.

Com isso, valendo-me das minhas *Mil rosas roubadas*: “Fui aprendendo a me acautelar diante do que escrevia e a me reconhecer lá dentro dos próprios buracos que se abriam no texto e clamavam por revisão.”[2526]. Usurpo a passagem aposta para me enxergar enquanto crítico biográfico fronteiriço metamorfoseado pela herança não escolhida e que se propõe a tratar político e demoradamente de uma vida, de uma amizade e de uma simbiose homo-biográfica assentada na hos(ti)pitalidade. Esta vida é a de Silviano, a minha e a nossa vida.

No plano desses atravessamentos reflexivos-epistêmicos de ser dois-em-um/um-no-outro, Jacques Derrida em *Otobiografías*: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio discorre sobre Nietzsche se inserindo em sua própria escritura: “Enquanto *sou* meu pai, estou morto, sou o morto e a morte. Enquanto *sou* minha mãe, sou a vida que persevera, eu vivo, os vivos. Sou meu pai, minha mãe e eu, e eu que sou meu pai, minha mãe e eu [...]”[2527] Sendo assim, metaforicamente, ao ora ser Pedro, ora Silviano, tenho a consciência epistêmica de que me torno duplamente um condenado/prisioneiro da memória, do traço que se funda no nosso presente, do desejo de consignação/reunião, da pulsão de morte e do mal de arquivo. Meu duo-simbiótico transferencial Silviano me transmite essa sua/nossa herança hospitaleira e hostil.

Dessa forma, negocio no presente, e quase que de maneira esquizofrênica com meu aliado hospitaleiro espectral, as regras que constituem nossa hos(ti)pitalidade, pois esse tipo de relação “[...] deveria ser negociado a cada instante, e a decisão para a hospitalidade, a melhor regra para a negociação, deve ser inventada a cada segundo

[2526] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 264.
[2527] “En cuanto *soy* mi padre, estoy muerto, soy el muerto y soy la muerte. En cuanto *soy* mi madre, soy la vida que persevera, lo vivo, la viviente. Soy mi padre, mi madre e yo, yo que soy mi padre, mi madre y yo […]”. DERRIDA. *Otobiografías*, p. 47-48, tradução minha.

com todos os risos envolvidos, e isso é muito arriscado."[2528]. Portanto, tal qual já abordei, opto e escolho receber meu divíduo/duo-simbiótico Silviano em minha casa epistêmica ainda que eu saiba dos riscos dessa eleição – como a dupla condenação à memória que citei acima.

Para Francisco Ortega, *a hospitalidade é o nome geral para todas as relações com o outro e que deve ser reinventada a cada segundo*[2529]. Tendo em vista essa perspectiva de reinvenção da hospitalidade no presente, entendo que é *sub judice* do conceito de traço que se fundam sempre as verdades, as ideias e as escrevivências que aquilato em meu fazer crítico/epistêmico sul-fronteiriço. Por isso, busco de maneira hos(ti)pitaleira, duo-simbiótica e dividual, discutir os traços anamnéticos que me/nos compõem na figura de divíduos mineiros sul-fronteiriços pensando a partir de paisagens que me/nos hospedaram e que foram hospedadas por nós:

> Essas paisagens do lugar por mim vividas, e que, de alguma forma, hospedaram-me e foram hospedadas por mim enquanto sujeito do lugar, sinalizam *traços de memórias esquecidas da zona de fronteira que demandam uma exumação delas por meio de uma perspectiva crítica subalterna ancorada nos postulados de uma abordagem pós-ocidental (Mignolo).* Tais paisagens *fronterizas* são relevantes em minha discussão porque quero entender que elas, a seu modo, lembram histórias locais e memórias locais subalternas que caíram no esquecimento [...][2530]

No empreendimento da discussão sobre o traço[2531], percebo que se sugere *uma ideia de liberdade, de precariedade, de multiplicidade de possibilidades*[2532]*,* na medida em que ele está ali, mas, facilmente, pode desaparecer/ser apagado. À via de proximidade ao mal de arquivo, a pulsão de morte é o sintoma que trabalha para destruí-lo na tentativa de apagar os próprios traços que o constitui. Essa pulsão de morte/destruição devora o arquivo antes mesmo de tê-lo produzido de maneira

[2528] ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 20.
[2529] ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 20.
[2530] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 135, grifos meus.
[2531] A articulação crítica acerca do conceito de *traço* será aprofundada no próximo capítulo.
[2532] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 31.

externa.[2533]. Crivado nessa condição efêmera e frágil do traço, Derrida me intenta que "É preciso pensar a vida como traço antes de terminar o ser como presença."[2534].

Nesse contexto, a minha/nossa vida (Pedro/Silviano), crivada em uma hos(ti)pitalidade duo-simbiótica, se configura enquanto um traço epistêmico construído espectralmente por minhas/nossas escrevivências ao manter minha/nossa herança viva. A anamnese biográfica, o traço apagado, a pulsão de morte e a metáfora do Bloco Mágico de Freud me servem para entender que é na falta e no esquecimento que mantenho minha/nossa herança viva. É pelo esquecimento, pela destruição do que foi reunido e consignado que sou forçado a inventar, a ficcionalizar epistemicamente, a tencionar e embaralhar os fatos e as invenções em minhas escrevivências.

Para Adriana do Amaral, o traço é essencial para refletirmos sobre a narrativa, escritura – e acrescento: escrevivência – e memória nos escritos de Jacques Derrida. Os traços são construtos que marcam sua presença sempre com uma ausência e, nessa lógica, há uma inauguração constante de um presente que se renova, uma nova origem, a toda hora. O traço derridiano causa uma ruptura nas hierarquias de linearidades temporais. O passado se explicita simultâneo ao presente, haja vista que começa a ser pensado ainda por ser fazer em um futuro, em um porvir. Voltando ao que já debati acerca da memória, esta *nunca se volta à ressureição do passado, mas a um ato que se limita ao próprio presente*[2535].

O passado não existe, este é apenas uma narração, segundo Amaral[2536] relendo Derrida. Pelo crivo dessa desestruturação dos construtos temporais, a

[2533] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 21.
[2534] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 299.
[2535] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 31.
[2536] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 31.

aproximação do passado no presente nos remete a uma incorporação do outro em nós[2537]. De maneira que já abordei, aceito minha herança e elejo meu hóspede/hospedeiro constituindo-me de um duo-simbiótico incorporando o nome de Silviano, suas memórias (as quais roubo pelo gesto canibalizador) e também sua escrevivência. Nesse viés, meu tempo presente (de)composto por traços está sempre se refazendo, há um esquecimento latente e uma tentativa de lembrar crivada no presente. Metaforicamente, o traço pode ser pensado a partir da metáfora do Bloco Mágico de Freud que está sempre se (re)fazendo no presente.

Há um apagamento e esquecimento pulsantes que são reverberados pela invenção no presente daquilo que foi possível vivenciar apenas uma vez. É no presente, no Bloco Mágico, que as questões, as verdades e as ideias são (re)produzidas[2538]. Por alto senso de esquecimento, embaralho os meus/nosso traços tornando-nos dividuais, simbióticos e aliados hospitaleiros. Esqueço para lembrar de mim, de Silviano, de nós. Não possuímos domínio algum daquilo que nos constitui, apenas percorremos seus traços, sempre apagáveis e renovados no presente, a fim tentarmos encontrar nossas narrativas dividuais *homo-biográficas* sul-fronteiriças. O esquecimento, a falta e o desaparecimento do traço se expõem em *Mil rosas roubadas* no ato *performativo* do presente:

> Não há dúvida de que, ao escrever este relato biográfico, terei de *fingir, terei de restaurar (como se dizem em relação a cidade ou a prédios arruinados pelo tempo) as coisas esquecidas e terei ainda de reconstruir tudo o que aconteceu com o meu amigo antes de 1952.* Calo definitivamente o silêncio no relato para levar o vazio das borboletas a se exprimir de maneira verossímil. Assumo o controle da máquina do tempo de H.G. Wells *e recomponho laços de amizade anteriores ao nascimento de um para o outro em 1952. Valho-me de palavras que não as dele, mas minhas por esforço próprio*.[2539]

[2537] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 35.
[2538] AMARAL. Sobre a memória em Derrida, p. 41.
[2539] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 79, grifos meus.

O traço que desaparece, escondendo-se, tal qual a relação de hos(ti)pitalidade/herança/duo-simbiótico, é como um *lance apaixonante (amor e transferência)*[2540] que, em um clarão, transpassa a luz memorialística desaparecendo para reaparecer no presente de maneira distinta, fingida, quase restaurada, reconstruída e inventada. É este o gesto (des)arquiviolítico e anamnético biográfico que fundo ao falar das memórias que usurpei do meu divíduo Silviano, mas que jamais conseguirei dominá-las. A memória e, por sua vez, seus traços, não se prendem a nada e a ninguém, eles são como os andarilhos que transpassam a fronteira-sul que habito e eu sou habitado. Vemos suas faces apenas uma vez.

Há que se sempre desconfiar da memória e do traço mnésico. Para Derrida, "Os traços não produzem portanto o espaço de sua inscrição senão dando-se o período da sua desaparição."[2541]. Os traços são sempre duplamente ambivalentes: aparecem já desaparecendo no presente que se originam. Há uma dupla força de repetição e de desaparição, de legibilidade e de ilegibilidade. É mediante a essas circunstâncias lacunares que é preciso ser vários para escre(vi)ver e perceber, como aponta a epígrafe deste subtítulo. Crivados pela simbiose dividual somos Pedro e Silviano ao mesmo tempo. Estamos duplamente atravessados pela pulsão de morte, de destruição e de apagamento. Conforme Derrida, *o sujeito da escritura é um sistema de relações entre as camadas: o bloco mágico, do psíquico, da sociedade e do mundo*[2542]*.* Faz-se necessário dar conta da escrevivência como traço que sobrevive ao presente do estilete, à pontualidade, à marca, ao sinal e ao esquecimento[2543]:

> O traço é a desaparição de si, da sua própria presença, é constituído pela ameaça ou angústia da sua desaparição irremediável, da desaparição da sua desaparição. Um traço indestrutível não é um traço, é uma presença plena, uma substância imóvel e incorruptível, um filho de Deus, um sinal e *parousia*

[2540] DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 52.
[2541] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 331.
[2542] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 332.
[2543] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 328.

> e não uma semente, isto é, um germe mortal. Este desaparecimento é a própria morte e é no seu horizonte que se deve pensar não só o 'presente', mas também o que Freud sem dúvida julgou ser o indelével de certos traços no inconsciente em que "nada acaba, nada se passa, nada é esquecido".[2544]

Sou vários na medida em que realizo um gesto canibalizador com meu duo-simbiótico, divíduo, aliado hospitaleiro, um-no-outro e dois-em-um Silviano, mas também, no que concerne a todos os escritores e intelectuais que já elegi, li e incorporei em meu fazer epistêmico. Minha escrevivência é (de)marcada pela constante aparição e desaparição dos meus traços, isso é, da minha vida, uma vez que esta é in(ter)corporada por todos aqueles que herdei e que a cada segundo, no presente, continuo herdando através do meu crivo de leitor e de crítico biográfico fronteiriço que hospeda e é hospedado, que afeta e é afetado, que hostiliza e é hostilizado.

Não basta falar da minha/nossa escrevivência para ser fiel a Silviano, pois posso então traí-lo/trair-me mais do que nunca[2545]. Fielmente infiel procuro nos complementar onde mais faltamos enquanto divíduos desejantes de memória, de arquivamento e de consignação. Tomado pela paixão absurda, pelo mal de arquivo e pela pulsão arquivística, só posso ser o herdeiro e o duo-simbiótico que sou buscando (des)arquivar nossas/minhas memórias mineiras sul-fronteiriças homo-biográficas sob o crivo de uma hospitalidade hostil política lançada em busca dos processos de transformações e de *asceses simbióticas*. Minhas escrevivências tentam resguardar os traços de aliados e adversários que *sobrevivem* em mim, em Silviano, em nós. Só existo, portanto, na presença espectral de Silviano e a partir daqueles que li, amei, odiei, hospedei, transculturei e escre(vi)vi.

---

[2544] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 336, grifos do autor.
[2545] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 310.

## **CAPÍTULO III – ENTRE FRONTEIRAS, SILVIANOS E VIRGINIAS:**
escrevivências roubadas, (con)fundidas, in(corpo)radas e *desnudadas*

[Revista Rascunho:] Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

[Silviano:] Sou muito volúvel por natureza e profissão. *No dia de hoje, Virginia Woolf.*

SANTIAGO. Pelo lado de fora da raia, s/p, grifos meus.

'Aqui é norte', [Orlando] dizia. 'Ali, o sul'.

WOOLF. *Orlando*, p. 169.

## 3.1 – Minhas/nossas opções são pelos *bios*: uma proposta fronteiriça comparatista biográfica

> [...] *minha opção pelo bios é teórica, uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer,* o geoistórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia fronteiriça que erige daqui [...] desse lócus específico de uma exterioridade fronteiriça que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir [...]
>
> NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 20-21, grifos meus.
>
> [...] *escrevivência* pode (con)fundir a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange.
>
> EVARISTO. *Becos da memória*, p. 12.

Da forma como articulei nos capítulos I e II, é do *lado mais escuro*[2546] da exterioridade que este *trabalho-corpo-político homo-biográfico escrevivente* se delineia, entre a *flexibilidade e o rigor*[2547] de uma teorização/prática teórica fronteiriça comparatista biográfica pensada, construída e erigida a partir da fronteira-sul, lócus geoistórico e epistemológico, a qual habito e sou habitado. Entre Silvianos (Figura 52), Zecas (Figura 53), Pedros (Figura 54), Virginias (Figura 55), Vitas (Figura 56), Orlandos (Figura 57) e articulações epistêmicas fronteiriças, comparatistas e biográficas, reafirmo, parafraseando Edgar Cézar Nolasco*, que a minha opção é pela vida, pelo bios*[2548]. Mais profundamente, entendo essa escolha enquanto uma opção teórica, tendo em vista que me volto para as escrevivências homo-biográficas dos corpos expurgados e rechaçados para a exterioridade – em específico, no momento político em que vivo na América Latina e no Brasil –: corpos *gays*, corpos mulheres e corpos *queer*. Interesso-me por aqueles que a interioridade insist(iu/)e em exteriorizar. No plasmar de uma *opção pela(s) vida(s) desnudada(s)*, convoco-nos:

---

[2546] Cf. o ensaio de Walter Mignolo intitulado “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade”.
[2547] Cf. o posfácio escrito por Silviano Santiago intitulado “Entre a flexibilidade e o rigor” para a edição brasileira do livro *Orlando* de Virginia Woolf.
[2548] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 14.

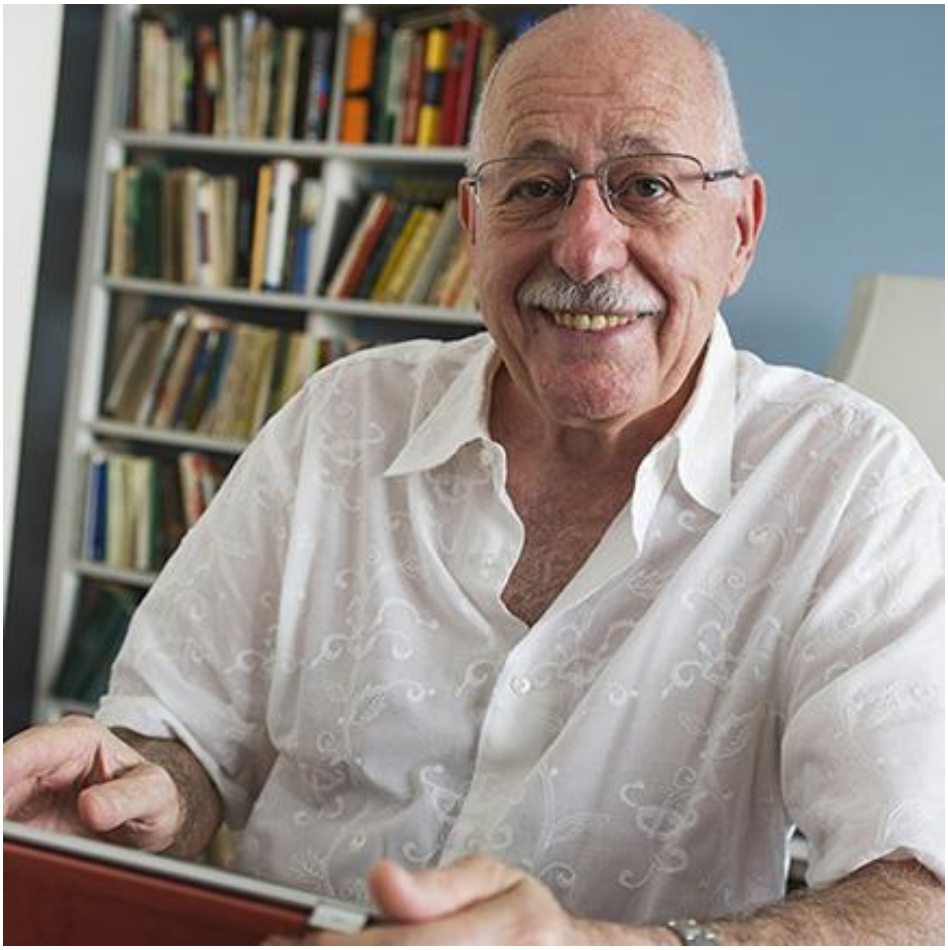


FIGURA 52 – Meu mineiro Silviano Santiago a partir do qual roubei *Mil rosas*
Fonte: https://espantalhosdesamparados.wordpress.com/tag/joao-camillo-penna/



FIGURA 53 – Ezequiel Neves (Zeca), amigo-amado de Silviano e personagem central não apenas do romance *Mi roubadas,* mas, sobremaneira, da vida do meu mineiro
Fonte: https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/maissecoes/geral/morre-no-rio-ezequiel-neves-produtor-de-cazuza-1.302126.html

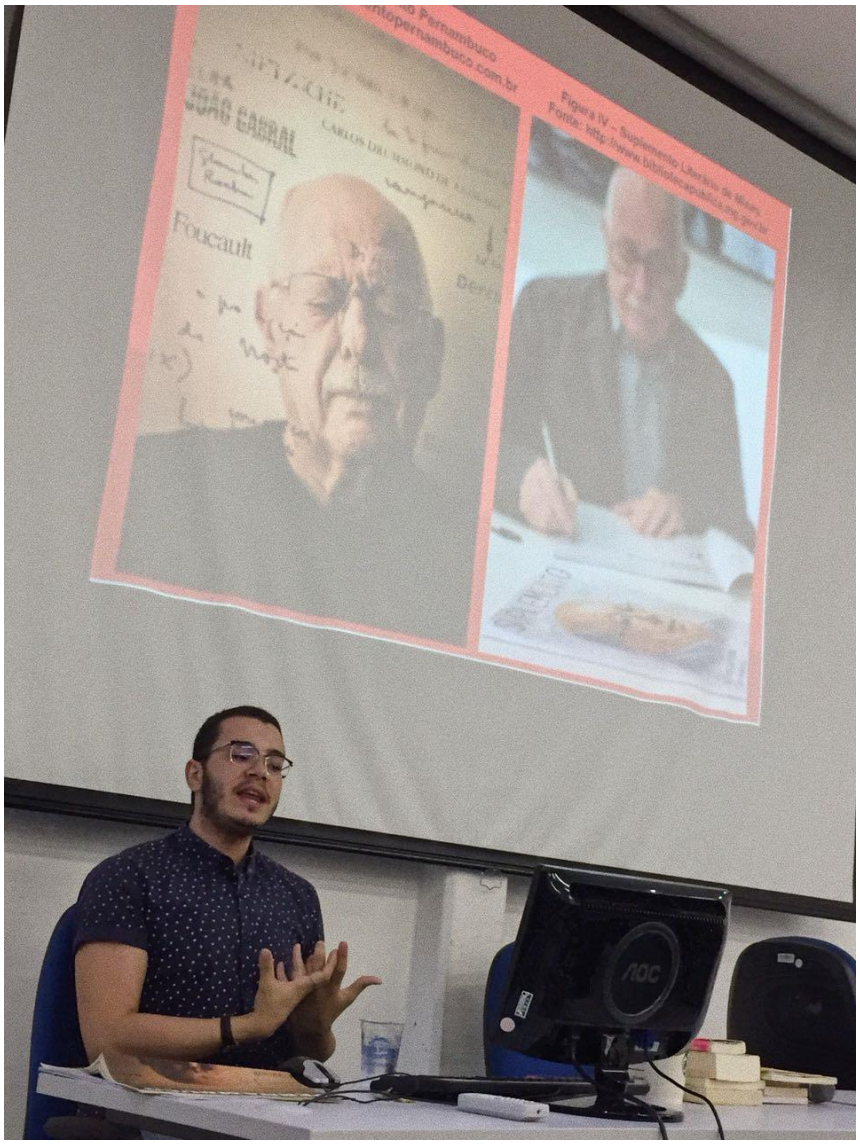



FIGURA 54 – O meu eu-pesquisador-crítico-biográfico-fronteiriço responsável por mediar e intervir a/na relação Silviano/Zeca/Virginia/Vita/Orlando aqui ensejada. Na foto, falo e gesticulo *a partir* do meu mineiro Silviano Santiago na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2017
Fonte: acervo pessoal



FOTO 55 – Virginia Woolf, autora de *Orlando*: uma biografia (2017) dedicada à sua amiga e amante Vita Sackville-West
Fonte: https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw214145/Virginia-Woolf



FIGURA 56 – Vita Sackville-West, amiga e amante de Virginia Woolf, ponto fulcral para a criação e, por sua vez, metaforização da/do personagem Orlando imbricada/do por suas vicissitudes e grafias biográficas
Fonte: https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw78794/Vita-Sackville-West?LinkID=mp06015&role=sit&rNo=16



FIGURA 57 – Vita Sackville-West metaforizada, pela literatura de Virginia Woolf, em Orlando
Fonte: https://aperture.org/blog/tilda-swinton-orlando/

Atravessado pelos *desnudes biográficos* expostos (Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57), o objetivo desse *trabalho-corpo-político homo-biográfico escrevivente* e, particularmente capítulo III, é propor, pela chancela *outra*-fronteiriça, uma leitura comparatista-biográfica entre o romance *Mil rosas roubadas* (2014) de Silviano Santiago e a biografia *Orlando*: uma biografia (2017) de Virginia Woolf (utilizarei a

edição brasileira de 2017 da Editora Autêntica, ainda que obra original tenha sido publicada em 1928). Para tal, me alicerçarei na crítica fronteiriça comparatista biográfica por entender que apenas uma teorização de caráter *outro* pode dar conta das sensibilidades epistêmicas, biográficas e locais que tais *obras-corpos* evocam, isso é, me endosso por "[...] compromisso com uma forma de pensar outra, ancorada em uma perspectiva outra de base subalterna ou fronteiriça cujo olhar emerge lançado, sempre, da *exterioridade* [...]"[2549].

Minha intenção aqui não é repetir *teorias itinerantes hospedadas e não transculturadas*[2550] nos trópicos e na fronteira-sul, sobretudo, no que se refere à Virginia Woolf – visto que a autora escre(vi)via, e escre(vi)ve, a partir de um biolócus da interioridade: a Inglaterra do século XX. Como a passagem supracitada desvela, minhas assertivas estão crivadas e subsidiadas por um compromisso teórico *outro* que emerge da exterioridade e que não reinscreve *estratégias de subalternização*[2551], mas, que pelo contrário, busca subvertê-las, desobedecê-las e descolonizá-las.

É com base nas premissas de não replicar dualismos e da aversão a radicalismos epistêmicos que minha leitura fronteiriça-comparatista-biográfica se delineia tanto a partir de Silviano Santiago e Virginia Woolf quanto no plano dos intelectuais alocados em minha plêiade amigos/autores eleitos para auxiliar minha empreitada epistêmica comparatista. Entendo, à luz de Homi K. Bhabha, que minha saída não é a *oposicionalidade implacável ou a invenção de um contramito originário de pureza radical*[2552] aos críticos não-latinos e não-brasileiros.

[2549] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.
[2550] NOLASCO. Memórias subalternas latinas, p. 131.
[2551] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 279.
[2552] BHABHA. *O local da cultura,* p. 47.

Pelo contrário, busco traduzi-los e transculturá-los à revelia do que comumente se fez no Brasil que apenas os recebia com hospitalidade e sem a hostilidade necessária para o fazer teórico. Faz-se substancial a compreensão de que suas reflexões emergidas de *loci* da interioridade não são salvíficas, tampouco, messiânicas, para resolver nossas celeumas latinas-sul-fronteiriças. Contudo, entendo, ao mesmo tempo, que seus pensamentos são ressonantes na crítica imperante e que, ao ignorá-los, recairia no desgastado dualismo o qual não compactuo epistemicamente. Transculturo-os com o intuito de avançá-los com *meu corpo na fronteira*[2553] para além dos supostos universalismos modernos coloniais excludentes.

Isso posto, o interesse pela comparação entre *Mil rosas roubadas* e *Orlando* se dá pelas reflexões as quais essas obras evocam acerca das escritas de si/do outro, da memória em favor da escrita da vida, do ato de se (auto)biografar ficcionalmente e, de modo contumaz, pelas escrevivências homo-biográficas atravessadas por essas narrativas/histórias que são roubadas por mim na figura de crítico fronteiriço comparatista biográfico o qual me valho do(s) outro(s) para falar de mim. Sou aquele que con(funde) sem constrangimento, tal qual a epígrafe de Conceição explicita, e in(corpo)ra, utilizando-me da matéria biográfica *outra* para construir minha própria autobiografia intelectual – tal qual delineei à luz de Silviano no capítulo II. Em termos práticos, o recorte temático/epistêmico-conceitual que buscarei me alicerçar para comparar as obras é a escrevivência *outra* que seus *textos-corpos* da exterioridade aquilatam-se.

Para tal, a crítica fronteiriça comparatista biográfica me serve de prática teórica/teorização para melhor articular Silviano e Virginia através do crivo da

[2553] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.

diferença, da concepção de se pesquisar *a partir de onde se pensa*[2554] e do posicionamento político-crítico desobediente o qual me assento. Assim, o percurso prático que esse terceiro capítulo enseja inicia pelo viés fronteiriço no desvelar do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano, passando pelo comparatista entre a obra do mineiro e a de Virginia Woolf e, por fim, aportando no biográfico no plano da natureza compósita e metafórica entre os fatos e a ficção no tanger aos *desnudes dos bios* de ambos os escritores citados. Por isso, busco:

> [...] *repensar a questão do sujeito do conhecimento em termos do nacional, do regional, do universal, dos despossuídos, dos marginais, dos subalternos, do colonial* [...] repensar quaisquer dessas categorias, como a de sujeito subalterno, requer um posicionamento político-crítico próprio, bem como uma prática comparatista que saiba ler ambos os sujeitos nela implicados na *diferença*.[2555]

Para além do recorte epistemológico mais geral e me detendo em conceitos mais específicos, a escrevivência, *a priori* de Conceição Evaristo, se explicita na posição de conceito-recorte guarda-chuva, dado que é ela a condutora das aproximações e dos distanciamentos propostos entre Silviano e Virginia bem como da discussão teórico-epistêmica angariada. Entendo, também, que para propor uma leitura comparatista/discussão conceitual acerca das obras supracitadas, há a necessidade teórica de trazer à baila outros conceitos que me auxiliem a melhor engendrar a comparação/discussão ensejada.

Dessa forma, para respaldar o debate crítico ensejado, me assentarei, no plano comparatista, e por sua vez, *homo-bio-ficcional*, nos conceitos de nome *próprio*/assinatura, traço e amizade de Jacques Derrida e Adriana Amaral. Na perspectiva biográfica, me valerei dos divíduos/aliados hospitaleiros de Juliano Garcia Pessanha, na memória de Conceição Evaristo, Eneida Maria de Souza, Leonor Arfuch

[2554] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.
[2555] NOLASCO. Comparativismo cultural hoje, p. 69, grifos do autor.

e de Diana Klinger e, por fim, na exterioridade de Walter Mignolo. Já na perspectiva fronteiriça, tratei à discussão o conceito (trans)fronteiriço a partir de Mignolo, Ramón Grosfoguel, Boaventura de Sousa Santos, Homi K. Bhabha, Gloria Anzaldúa e Hugo Achugar. Além dos conceitos e críticos supracitados, o posfácio de *Orlando,* "Entre a flexibilidade e o rigor", escrito por Silviano Santiago, atravessará minhas reflexões.

Portanto, dado o exposto, reitero meu compromisso com práticas teóricas *outras* que emergem do meu biolócus sul-fronteiriço como modo de desobediência e de contraposição aos legados coloniais que me/nos expurgaram para a exterioridade na posição discursiva de "o outro"[2556]. Ao realizar esse exercício crítico comparatista biográfico e fronteiriço evocando corpos, sensibilidades e narrativas *outras*, da exterioridade, busco um modo de *desprender-me das amarras teóricas, políticas, conceituais, culturais*[2557] impostas pela colonialidade que se hospedou sem pedir licença nos trópicos e na fronteira-sul a qual vivo, sinto e rivalizo enquanto pesquisador *homem-menino-fronteira homo-biográfico*. Endosso uma *forma subalterna de pensar outra* a fim de não incorrer na *reinscrição das estratégias de subalternização*[2558] estabelecidas e replicadas pelos projetos globais modernos coloniais que tomaram como *inexistente*, *ilegal e a-legal*[2559] nossas existências: latinos, brasileiros, sul-fronteiriços e, essencialmente, homo-biográficos.

[2556] Cf. o ensaio "Desafios decoloniais hoje" de Walter Mignolo.
[2557] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17.
[2558] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 12.
[2559] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

### 3.1.1 – Crítica fronteiriça comparatista biográfica: um caminho para a descolonização do ser, pensar e sentir

> [...] é por meio da articulação de uma epistemologia fronteiriça que se pode compreender e abarcar melhor as histórias locais desses *loci* epistemológicos e suas produções que continuam não encampados pelas críticas modernas geralmente pensadas dos grandes centros do país e do mundo moderno. O intelectual crítico fronteiriço aprendeu que somente uma crítica desse lócus pode considerar em suas discussões as sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos e das produções envolvidas, inclusive a do próprio intelectual que optou por a aprender a desaprender as lições canonizadas e cristalizadas nas bordas dos pensamentos fronteiriços.
>
> NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 51.

Antes de adentrar as veredas comparatistas e biográficas entre *Mil rosas roubadas* e *Orlando,* Silviano e Virginia, julgo necessário realizar o introito fronteiriço que se segue não apenas nesse subtítulo, mas, também, no próximo (3.2) no sentido de reiterar meu compromisso teórico com formas *outras* de pensar, ser, existir e escre(vi)ver. Assim sendo, produzo meus saberes e reflexões a partir de um lócus sul-fronteiriço, geoistórico e epistemológico, atravessado por um grupo de pesquisa (Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC) que erige práticas e formulações epistêmicas a partir desse mesmo lugar situado na exterioridade, ou seja, fora dos eixos centrais de produção do conhecimento, das artes e das literaturas. Assim, pela via crítica biográfica fronteiriço que nos assentamos, há uma consciência de nossa condição biolocal (*bios* + lócus) e da importância que a produção desses saberes *outros* tem para um projeto descolonial comparatista-biográfico.

Pensando nas questões acerca do *bios,* em *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013)*,* Nolasco explicita o motivo pelo qual sua teorização parte de pressupostos de ordem pós-colonial, mas também, crítico-biográfica. O crítico, à luz de Mignolo e Souza, vale-se das *sensibilidades locales* ou sensibilidades biográficas sempre envolvidas em suas produções, sobretudo, diante do seu/nosso lócus de enunciação: a fronteira-sul, a qual, de maneira nenhuma, pode estar extrínseca à

discussão. Essa noção fronteiriça é pujante para o recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço:

> Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceitos dos centros como os que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas 'sensibilidades locales' (MIGNOLO) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. Foi por priorizar isso que procurei agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, uma abordagem crítica biográfica brasileira (Souza), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial: a fronteira-Sul, de onde erijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida.[2560]

As expressões grafadas em portunhol que dão nome ao livro de Nolasco, *selbaje* e *fronteriza*, provêm da sua fronteira atravessada por brasileiros, paraguaios e brasiguaios. O portunhol é uma marca desse lugar e, ao se utilizar de ambos os idiomas, Nolasco se reencontra com seu próprio *bios*, no que tange à sua família, história e cultura. As sensibilidades biográficas do crítico sul-mato-grossense são postas em cena a partir da elucidação do portunhol deslindando a rememoração de um passado familiar sob o crivo da condição fronteiriça. Isso posto, essas perspectivas advindas da crítica biográfica são fundamentais para compreender melhor tudo que está envolto à perspectiva do *bios*. As sensibilidades biográficas ou *sensibilidades locales* são postas em cena juntamente ao lócus de cada pesquisador. No caso desse trabalho fronteiriço-comparatista-biográfico, meu discurso está imbricado pela fronteira-sul que habita em mim geoistórico e epistemologicamente.

Meu intuito, diferentemente do que foi difundido pelo pensamento moderno *ocidental e abissal*[2561], não é rechaçar nenhum tipo de conhecimento, mas voltar meu foco para uma epistemologia *outra* que reconheça minha *co-presença*[2562] de pesquisador *homo-sul-fronteiriço* e as histórias/sensibilidades locais que pertencem a

[2560] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 15-16.
[2561] Cf. o ensaio "Para além do pensamento abissal" de Boaventura de Sousa Santos.
[2562] Cf. o ensaio "Para além do pensamento abissal" de Boaventura de Sousa Santos.

mim. À vista disso, salienta-se a necessidade nos distanciarmos de binarismos, do moderno e do excludente. O projeto moderno colocou à margem as histórias locais privilegiando apenas os grandes centros hegemônicos, como a Europa e os Estados Unidos. Ao marginalizar essas histórias locais, seus personagens são esquecidos através de um processo universalizante e massacrante.

Nesse ínterim, compreendo que as histórias locais dos povos latino-americanos, principalmente dos fronteiriços, foram relegadas ao esquecimento em função dos processos coloniais universalizantes. O caráter de originalidade dos latino-americanos, em sua origem, foi completamente *apagado pelos conquistadores*[2563]. Assim, a visada do global é evidenciada, seja no que tange à cultura ou à produção crítica, enquanto as histórias locais são rechaçadas, esquecidas, principalmente no que convém às esferas linguísticas, culturais e críticas. Diante desse cenário de exclusão e hegemonias, a crítica fronteiriça comparatista biográfica surge como alternativa crítica *outra* para essas relações coloniais de poder emergente dos centros para as margens. Segundo Nolasco:

> Quando a crítica subalterna barra o colonialismo interno imposto pela crítica dos centros ou de fora, ela escava uma fenda no discurso crítico periférico de modo que as heranças coloniais da zona de fronteira (Sul) venham à luz e não sejam mais ignoradas. [...] A experiência, ou a posição, na qual se encontra o crítico subalterno, ao mesmo tempo em que desenha o contorno do seu *bios*, também permite a inscrição da teorização pós-ocidental como uma "teorização bárbara" (selvagem, periférica, *fronteriza).*[2564]

Desse modo, revelar as identidades escondidas e exumar as memórias e as histórias locais *outras* engendram a base dos preceitos fronteiriços. Não basta viver na exterioridade, deve-se pensar a partir dela deslocando-se da esfera hegemônica e globalizante europeia. Colocar em cena os saberes, a crítica, as línguas e as culturais locais são perspectivas da opção descolonial utilizada para afirmar o discurso em prol

[2563] SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos,* p. 15.
[2564] NOLASCO. A razão pós-subalterna crítica latina, p. 12.

do protagonismo daqueles que foram postos à margem por meio do “projeto global europeu” responsável por promover o apagamento das histórias locais de regiões e países terceiro-mundistas.

Como articulei no capítulo I desse *trabalho-corpo-político*, pensar em uma terceira opção, *outra,* descolonial, implica teorizar a partir de um lugar específico, no meu caso, da fronteira-sul. O lócus é fundamental uma vez que molda o lugar de onde o sujeito fala; ao falar da fronteira, sou a fronteira, a vivencio e rivalizo-a. Minhas sensibilidades biográficas são atravessadas pela condição fronteiriça; logo, desvinculo-me do universalismo abstrato e me aproximo das diferenças pluri-tópicas e pluri-versais[2565] que constituem o/s mundo/s, dado que “A teorização pós-subalterna, por pensar da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade (Mignolo), radicaliza o conceito moderno de teoria e suas formas abstratas e universalizantes.”[2566]

Nesse prisma, uma das celeumas do pensamento colonial moderno reside justamente no fato da história europeia ter se sobreposto a de outras regiões, como a da América Latina, por exemplo, apagando-a e colocando-a à margem. Por isso, pensar a partir da exterioridade faz-se necessário deslocando assim o olhar estrábico da crítica literária moderna apenas para a Europa que negligenciou as produções latino-americanas e sul-fronteiriças. Há a necessidade de se descolonizar a produção intelectual acadêmica brasileira que, ainda hoje, muitas vezes, está assentada em conceitos modernos e cristalizados:

> A razão política de uma crítica subalterna como a da América Latina resume-se, grosso modo, na descolonização intelectual, na descolonização dos saberes, da pesquisa, das teorias, das produções culturais e da própria crítica. Agora, pensando em termos de Brasil, já passou da hora da crítica subalterna brasileira entender que as teorias críticas vindas de fora, como as dos Estados Unidos e da Europa, se, por um lado, ajudam-nos a compreender nossos problemas internos, por outro, elas não são uma “revelação” nem

[2565] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.
[2566] NOLASCO. A razão pós-subalterna crítica latina, p. 12.

> muito menos uma tábua de salvação (de apoio incondicional) para o crítico periférico brasileiro.[2567]

Conforme a passagem explicita, essas teorias vindas dos centros hegemônicos podem nos ajudar a compreender certos impasses, contudo, não são salvíficas, visto que não abarcam a diferença colonial entre os *loci* europeu e latino-americano. Deslocar uma teoria europeia e inseri-la em um lócus *outro*, atravessado por sujeitos de línguas, culturas e saberes distintos, sem transculturá-la, recorre, no mínimo, em uma ignorância por partes dos intelectuais brasileiros. Os sujeitos alicerçados por uma opção *outra*, por vivenciarem e refletirem a partir do lócus periférico, marginal e fronteiriço, têm consciência dos efeitos que a hegemonia europeia assente nos discursos intelectuais hospedados e não transculturados. Faz-se necessário, portanto, um pensamento *outro* respaldado pela consciência crítica de uma diferença colonial latente:

> A denominação CRÍTICA BIOGRÁFICA FRONTEIRIÇA merece uma nota explicativa. Em meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), como mostra o título, já me detinha acerca de uma crítica fronteiriça. Todavia, ali eu ainda me valia mais da rubrica pós-colonial ou pós-ocidental como forma de atender melhor aos postulados teóricos empregados. Não abri mão de tais teorias, muito pelo contrário. Mas entendo, agora, que elas se voltavam muito mais para uma América Latina como um todo e que, ao seu modo, continua a excluir o Brasil ou, quando não, este vinha meio a reboque. Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, fechei um pouco mais o recorte epistemológico e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu *bios* e do meu *lócus*, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica.[2568]

Nolasco torna explícito o motivo pelo qual enxergou necessária a criação de uma teorização crítico-biográfica fronteiriça brasileira. Para ele, as produções intelectuais acerca dos estudos fronteiriços na América Latina – a qual, por bem ou mal, o Brasil faz parte – não levavam em conta o contexto brasileiro e, quando o consideravam, estava a reboque, quase invisível. Nolasco, enquanto professor, crítico e constante produtor de saberes fronteiriços na academia, enxergou essa lacuna que

[2567] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 111.
[2568] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 47.

as teorizações de ordem pós-coloniais brasileiras possuíam e decidiu restringir seu recorte epistemológico cunhando o que conhecemos hoje por crítica biográfica fronteiriça.

Essa restrição epistemológica foi benéfica no sentido em que o autor pôde se aproximar mais do seu *bios* e lócus, uma vez que a sua/nossa fronteira é tanto geoistórica, por abarcar as histórias locais dos povos fronteiriços, quanto epistemológica no que tange às produções e aos trânsitos dos saberes. Mesmo que o intelectual sul-fronteiriço tenha cunhado o termo em 2015, já em 2013, no livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteiriça,* o autor demonstrava sua insatisfação quanto à pouca atenção que os estudos pós-coloniais davam ao Brasil. O olhar era sempre voltado para o lócus latino-americano – mesmo que o Brasil faça parte da América Latina, a crítica não se volta(va) o olhar para cá – e os intelectuais brasileiros, que também produziam e produzem teorizações, eram colocados à margem, no beco da escuridão no que tange às reflexões epistêmico-acadêmicas.

Walter Mignolo, por mais que tenha sido basilar para a formação crítica pós-colonial de Nolasco, reforçava esse não-diálogo entre as teorias pensadas em espanhol e em português, o qual expurgava o Brasil de suas discussões. Entretanto, o professor fronteiriço conseguiu tirar proveito dessa lacuna epistêmica e avançou as discussões cunhando uma nova rubrica epistêmica a qual abarca o seu/nosso lócus de enunciação, tanto territorial quanto, sobremaneira, epistemológico. Segundo o sul-mato-grossense:

> Ressalvadas as diferenças, essa prioridade em torno de um lócus territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como caminho às vezes solitário, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora. Foi no bojo dessa discussão que a teoria pós-ocidental de Walter Mignolo me ajudou a pensar a respeito de nossa crítica de fronteira. Se, por um lado, o Brasil, ou vem a reboque, ou fica de fora da discussão proposta pelo autor de *Histórias locais/Projetos Globais*,

> por um lado, essa teoria crítica pós-ocidental me permitiu compreender melhor um certo subalternismo interno que teima em subsistir na crítica brasileira, assim como um colonialismo crítico forte entre a crítica brasileira e as de fora, como as pensadas em espanhol.[2569]

Desse modo, Nolasco lê Mignolo na diferença e ganha teoricamente com isso. O fato de o argentino negligenciar o lócus brasileiro em sua crítica pós-colonial despertou um incômodo no professor que pensa e erige seu discurso a partir da fronteira-sul. Esse desconforto foi positivo no sentido de abrir espaço para um recorte epistemológico mais específico e, da maneira como Mignolo propõe, elencar a produção de saberes a partir de onde se habita. Ainda sob a égide do conceito de lócus, Nolasco diferencia o que é da ordem da *teoria pós-colonial* e o que é *teorização pós-colonial* .

Dessa forma, tal qual já expus no capítulo I, a teoria pós-colonial está relacionada à percepção de mercadoria acadêmica a qual disciplinas possuem seu lugar presas a visadas academicistas e em uma perspectiva teórica específica. Já o conceito de teorização pós-colonial não se dá por uma visada disciplinar acadêmica, mas enquanto uma prática teórica que contempla os sujeitos das exterioridades pluri-tópicas e pluri-versais[2570]. *Grosso modo*¸ é impossível trabalhar as teorizações pós-coloniais sem levar em conta a epistemologia que a própria condição fronteiriça propõe. Ao engendrar uma teorização *outra*, utilizando-se do *bios* dos sujeitos que a habitam, a fronteira produz uma paisagem crítica específica àquelas histórias locais desconsideradas pelos projetos hegemônicos, como os habitantes da fronteira-sul.

Aos sujeitos que habitam a fronteira, há o ensejo de um posicionamento crítico abalizado por uma reflexão *outra*/desobediente a qual vá contra os ideais modernos e excludentes. Com isso, reafirma-se uma opção descolonial a partir do biolócus

[2569] NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 16.
[2570] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

daqueles que pensam e produzem como *modus operandi e vivendi* de barrar as teorias universalistas e viajantes. Nesse cenário, o fato de muitos críticos e teóricos brasileiros cultuarem a prática de migrar teorias universalizantes/*itinerantes*[2571] para as bordas corrobora a barganha das vidas daqueles que habitam locais fronteiriços. A saída teórica através da teorização fronteiriça trabalhada por Nolasco surge como "[...] um esforço em direção à libertação das vidas segregadas da/na fronteira, incluindo as memórias subalternas desses sujeitos e suas respectivas histórias locais."[2572] Histórias locais esfumadas por um projeto moderno colonial e que hoje, através de teorizações fronteiriças, são afirmadas por críticos que falam e produzem a partir dos seus *loci* geoistóricos e epistemológicos.

Por meio dessa articulação, Nolasco e Mignolo ressaltam que toda e qualquer produção de conhecimentos está atravessada pelas sensibilidades do lócus geoistórico, ou seja, o crítico produz a partir do lugar que vive e ocupa. Tanto para o professor sul-mato-grossense quanto para mim, a fronteira-sul é pujante na produção dos nossos saberes, não pensamos da Europa ou dos Estados Unidos, mas, sim, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul: uma região porosa, pantanosa e, sobretudo, fronteiriça. O conhecimento que se produz aqui é diferente daquele projetado dos grandes centros, contudo, diferença aqui não implica, em hipótese alguma, inferioridade ou superioridade intelectual. Segundo Nolasco:

> [...] toda e qualquer *produção do conhecimento é inseparável do local geoistórico* (MIGNOLO) e, talvez seja mais exatamente por isso que devemos tomar as produções artístico-culturais, não mais como *objetos* passíveis de análise e de dissecação visando satisfazer tão somente os egos de proeminentes críticos modernos, mas como corpos vivos que produzem conhecimento a partir das sensibilidades de um local geoistórico com sua história em particular.[2573]

[2571] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha.
[2572] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 60.
[2573] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 60-61.

Diante dessa conjunção entre o lugar de produção do saber e as sensibilidades biográficas/*bios*, o crítico sul-mato-grossense descortina o termo biolócus que consiste na junção do *bios* = vida + lócus = lugar para respaldar aquilo que se produz. Essas associações são essenciais para pensarmos teoricamente melhor como os processos de produção dos saberes a partir da fronteira se constituem. Questões tangíveis ao *bios* do intelectual e do seu lócus são sempre pulsantes na veia da crítica fronteiriça comparatista biográfica. Nolasco ressalta:

> Trata-se do que passa a denominar de (*bios* = vida + lócus = lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do "objeto" em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). *Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial.*[2574]

A diferença colonial faz justamente o caminho de transformar o que é da ordem da diferença em valor. Logo, as diferenças dos *loci* latino-americanos e, sobretudo, brasileiros, para o pensamento moderno colonial, estão sempre a reboque dos europeus e norte-americanos. Diante de um ideal hegemônico abissal, os valores dos centros são sempre superiores aos dos que emergem das margens, bordas e periferias. À vista disso, Nolasco, entrevê nos pensamentos de ordem biográfico-epistemológicos uma maneira de barrar o colonialismo dessas ideologias hegemônicas e excludentes. Pensar da fronteira-sul implica pensar *a partir de*, subvertendo a óptica da modernidade que estabelece o modo de pensar sempre *sobre* o outro. Essa teorização de caráter fronteiriço permite a inscrição de um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das fronteiras e não mais dos centros hegemônicos detentores de dialéticas dualistas e universalizantes.

Ainda no que convém à subversão dos ideais modernos, levando-se em consideração o biolócus dos sujeitos, Nolasco aborda esses conceitos subversivos

[2574] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 50, grifos meus.

em relação às produções culturais a partir da fronteira. Partindo de uma teorização de ordem biográfico-fronteiriça, não há o menosprezo quanto às produções epistêmicas/culturais produzidas por saberes da vida local. A exclusão vigente nas esferas hegemônicas não tem espaço em uma perspectiva crítico-biográfica fronteiriça.

Esses sujeitos que produzem a partir da vida local emergem suas produções através de lugares esquecidos, de uma da exterioridade criada pela interioridade hegemônica. O indivíduo que vive, sente, emerge e, sobretudo, escre(vi)ve a partir da fronteira não pode ser relegado ao esquecimento como os projetos globais fizeram. A teorização crítica biográfica fronteiriça vem para barrar a ideologia moderna colonial de que apenas o que está nos grandes centros mundiais é válido ou bom, como autores ou críticos europeus e norte-americanos. Sob o prisma das produções culturais locais, o professor fronteiriço afirma:

> [...] é necessário que se atente para as marcas do lócus e do *bios* que vêm incrustadas, tanto nos *corpora* das produções culturais, quanto nas formulações conceituais emanadas dessas produções por meio de uma produção de conhecimento outro. Deve-se atentar, ainda, para a proposta político-epistemológica dos projetos subalternos intelectuais, bem como de seus respectivos autores, saídos desses lugares esquecidos e relegados à *exterioridade*, pela civilização ocidental. Uma *teorização de ordem biográfica fronteiriça*, como estou propondo aqui, não menospreza os saberes advindos da vida local em questão, mesmo quando se tem a consciência de que já existe toda uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros que permaneceram *fora* do sistema colonial moderno.[2575]

Todavia, ainda que estejamos alocados na fronteira-sul, enquanto lócus geoistórico e epistemológico, e em contato com a crítica/cultura local, isso não implica, necessariamente, uma opção *outra* por parte dos críticos. É perceptível que plêiades de intelectuais latinos e brasileiros, ainda hoje, façam vista grossa quanto às problemáticas causadas pelos discursos viajantes/coloniais dos centros para as margens do planeta. Nascer e viver em uma fronteira não implica estar dissociado dos

[2575] NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 54.

universalismos abstratos e excludentes. Portanto, a condição fronteiriça não se basta em si mesma, faz-se necessária a predisposição de se pensar a partir do emblema fronteira imbricado pelas sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos (biolócus). Nesse intento, a crítica fronteiriça comparatista biográfica se constrói mediante à consciência *outra* do intelectual fronteiriço alicerçado por práticas teóricas que visam barrar os colonialismos imperantes nos discursos críticos da academia que, muitas das vezes, só buscam hospedar incondicionalmente, mas nunca transculturar.

À vista dessas percepções, delinearei, *a posteriori* nesse terceiro capítulo, a leitura comparatista-biográfica estabelecida tanto entre os romances/biografias *Mil rosas roubadas* e *Orlando* quanto entre os projetos homo-biográficos-intelectuais-literários de Silviano Santiago e Virginia Woolf. É assentado não só nas semelhanças e diferenças que minha comparação se respalda, mas, essencialmente, nas *semelhanças-na-diferença* por entender o papel e a importância dos contextuais culturais (línguas, nações, traduções, culturas etc.) somados à necessidade dos estudos biográficos-fronteiriços para nos pensarmos, sentirmos e produzirmos descolonialmente a partir de onde existimos. É com base no *cruzamento intenso de culturas no Brasil*[2576] enquanto terreno fértil para o exercício de uma prática-comparatista-biográfica-fronteiriça que esse *trabalho-corpo-político* emerge.

[2576] CANDIDO. Literatura comparada, p. 215.

## 3.2 – Opções (trans)fronteiriças e/em corpos *outros* (trans)desobedientes: Silviano Santiago para além da ficção

> As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente.
>
> SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.
>
> O pensamento crítico de fronteira é a resposta epistémica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade. [...] O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. *É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica.*
>
> GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, 480-481, grifos meus.

É enquanto uma especificação do subtítulo anterior, de cunho mais geral, que esse subtítulo, em específico, emerge à luz do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* corpo-(trans)desobediente de Silviano. Julgo essas premissas introdutórias essenciais para que a leitura comparatista-biográfica vindoura esteja desprovida de insígnias valorativas passíveis de serem justapostas entre o escritor e crítico mineiro e a inglesa Virginia Woolf por críticos ferrenhos da modernidade/colonialidade. Por isso, *o mundo acontece pela diferença e é uma diferença altamente politizada*[2577]. São dessas palavras que Silviano Santiago se utiliza para descrever sua experiência enquanto latino-americano, brasileiro, em território norte-americano, em especial, estadunidense. Enxergar o mundo através de uma perspectiva da diferença em que se lê as idiossincrasias dos povos, das culturas, das artes, das literaturas crivados na *diversalidade* epistêmica é o que faz de Silviano Santiago, pela minha leitura, um dos maiores representantes de uma visada *outra* no Brasil.

Pensar não mais único e exclusivamente da academia, mas sim, da cultura, do povo e, sobretudo, *a partir do* seu lócus geoistórico e epistemológico é o que o difere das plêiades de críticos brasileiros que, ainda hoje, se resguardam no discurso

[2577] SANTIAGO. Luminosidades do observador, p. 15.

acadêmico engessado, cristalizado, polarizado e hegemônico. Discursos esses que replicam *teorias itinerantes*[2578] as quais não levam em conta os *loci* de produção dos sujeitos, suas histórias locais, tampouco suas sensibilidades biográficas. O corpo, as histórias, os conhecimentos, os pensamentos, as artes desses indivíduos são rechaçados em detrimento a uma reverência aos discursos hegemônicos e coloniais que viajam dos centros para as margens e invisibilizam tudo o que é da ordem da diferença colonial. Segundo Edgar Cézar Nolasco:

> Hoje, indiscutivelmente, Silviano é o maior representante de uma visada pós-colonial no Brasil e um dos críticos brasileiros mais lidos nas discussões pós-coloniais e subalternas latinas. Quero entender que tal mobilidade crítica encontrada na vivência crítica do intelectual se deu pelo fato de o crítico passear por várias tendências críticas, como a antropológica, por exemplo, e não ter medo de fazer grandes amizades nos trópicos, como a que estabeleceu com Derrida, Foucault e Lévi-Strauss (já convocados no ensaio de 78), entre outros. O "entre-lugar", escavado por Silviano para pensar a cultura (Literatura) brasileira e latina, permitiu que o crítico convocasse a crítica e os amigos que podiam ajudá-lo a compreender melhor nossa realidade brasileira latina. Essa mobilidade crítica, vivenciada pelo crítico brasileiro e que, a seu modo, corroborou uma descentralização crítica inerente à própria crítica brasileira [...][2579]

Nesse sentido, faz-se possível delinear o perfil de um intelectual que se situa no espaço (trans)fronteiriço da literatura e dos saberes, uma vez que Silviano dilui as fronteiras entre ficção e ensaio, conhecimento "científico" e "não-científico", entre "modelo original" e "cópia" etc. Tomando como base, mais uma vez, as reflexões de Gloria Anzaldúa em *Borderlands*: la frontera, essas articulações/*loci* não se encerram no plano geográfico, mas são psicológicas, sexuais e espirituais[2580]. Boaventura de Sousa Santos me é elucidativo na leitura de Silviano Santiago e, por sua vez, acerca do seu projeto intelectual na medida em que discute, dentre outros pontos, sobre a capacidade de criação de distinções pelo pensamento abissal moderno[2581].

---

[2578] Cf. *O local da cultura* de Homi K. Bhabha.
[2579] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 19.
[2580] ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 35.
[2581] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 33.

Para o crítico português, essas distinções criadas pelo pensamento ocidental moderno têm em comum seu pertencimento sempre ao lado colonial da linha abissal invisibilizando tudo que está do outro lado, no meu/nosso (Pedro/Silviano) caso, a América Latina, o Brasil, a fronteira-sul. Silviano, à vista disso, crivado por sua consciência epistêmica *outra*, ainda que com uma herança pós-moderna, e atravessado por experiências de *trâns*itos geopolíticos (Brasil, França, Estados Unidos) entende que se faz necessário olhar para as produções de saberes/artes/literaturas não mais alinhado a dicotomias modernas, disciplinares e coloniais voltadas exclusivamente para o que se conhece como "científico". O meu mineiro transita desde as suas próprias histórias locais como mineiro de Formiga a um dos maiores intelectuais brasileiros em constante produção não promovendo a diferença (colonial) como valor de exclusão epistêmico-literária-cultural. Entendo, portanto, o projeto intelectual de Silviano Santiago, para além de fronteiras disciplinares, como uma obra da diferença (colonial), dos trânsitos e alicerçada por uma ecologia dos saberes:

> Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia dos saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogéneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia dos saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.[2582]

No plano da diferença (colonial), Silviano se preocupa com a colonialidade buscando, a partir das suas teorizações, muitas das vezes, escrevivendo na contracorrente do pensamento moderno, uma vez que não propõe hierarquia entre os saberes, mas se vale daqueles que lhe são necessários às articulações pretendidas, sejam essas estritamente ficcionais ou ensaísticas. Seguindo a lógica descolonial, entrevejo que o crítico e intelectual fronteiriço, a partir da tomada de consciência do

[2582] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53.

seu biolócus, inconscientemente ou não, se envolta de conceitos como desobediência epistêmica e opção descolonial para sustentar uma epistemologia *outra* que não apenas reverencia as teorias itinerantes, viajantes dos centros para as bordas do planeta, mas que se dispõe para as demasiadas fronteiras atravessadas por seu corpo-político e que (de)marcam lugares epistemológicos também produtores de saberes, a exemplo, a fronteira-sul a qual vivo e erijo minhas reflexões.

Diferentemente do que a narrativa moderna pretendia, a epistemologia fronteiriça erige seu olhar para as constituições identitárias que foram expurgadas ao esquecimento pelo sistema-mundo, tais como o corpo e as sensibilidades biográficas/locais. Walter Mignolo articula que a produção do conhecimento é indissociável do seu lócus geoistórico. Nesse viés, as sensibilidades dos sujeitos fazem parte de suas histórias locais e, por sua vez, não podem e não devem ser marginalizadas e/ou esquecidas. Para Eneida Maria de Souza, em *Janelas indiscretas* (2011), Silviano Santiago é um dos agentes da consolidação e sistematização de um pensamento crítico brasileiro e, ademais, responsável pela formação de demasiados pesquisadores nacionais nas décadas de 1970 até os dias atuais.

Desse modo, justifica-se, mais uma vez, a importância de discutir o papel de Silviano na crítica, cultura e literatura latino-americanas/brasileiras na atualidade. Propondo uma articulação entre a citação supracitada de Nolasco e as ponderações de Eneida sobre Silviano, percebe-se o impacto das produções, literárias e teóricas, do mineiro na formação intelectual, crítica e teórica brasileira. O papel desse intelectual (trans)fronteiriço se sobressai de modo contumaz quando angario seu caráter *outro*, pós-colonial, crivado em uma óptica da desobediência epistêmica e da *diversalidade*.

Por sujeito epistemicamente desobediente, reafirmo o intelectual que, por uma opção descolonial, buscou aprender a desaprender a razão imperial hegemônica exportada dos grandes centros mundiais e deglutidas pelas margens do planeta, como a fronteira-sul onde me situo. O crítico pós-colonial/fronteiriço, como Silviano por exemplo, aprende a desaprender para, enfim, reaprender sob a égide da diferença colonial propondo um pensamento *outro* que contemple *as diversalidades*, isso é, as diferenças vistas de maneira horizontal e não verticalizada/hierárquica. Silviano coloca em cena o conhecimento acadêmico hegemônico vis-à-vis ao popular, latino-americano, brasileiro não os hierarquizando, mas tomando-os pela diferença crítica. Nolasco corrobora:

> [...] minha abordagem, entra em cena a "falsa obediência" percebida sagazmente por Silviano. "Falsa obediência" não significa falta de obediência; mas, pelo contrário, uma obediência outra, isto é, uma epistemológia *fronteriza* advinda do lócus geoistórico cultural latino, centrada numa opção descolonial. Enfim, com a "falsa obediência" [...] entrevejo uma lição crítica de fundo pós-colonial que convoca a todos para *aprender a desaprender* a lição crítica moderna cristalizada nos trópicos. Nesse sentido, entendo que Silviano não deslegitimou as ideias críticas europeias migradas para o Sul; mas, em contrapartida, não ficou preso a elas, repetindo-as acriticamente como tão comumemente aconteceu no Brasil e em toda a América Latina.[2583]

Assentando-me nas perspectivas da desobediência epistêmica e da opção descolonial, há que se refletir acerca da figura do especialista em literatura, especificamente, nos espaços geoistóricos e epistemológicos brasileiros. Como aposto, a academia ainda reproduz as teorias itinerentes que não contemplam os *loci* de produção dos saberes, das artes e das literaturas. Sob esse prisma, o crítico palestino Edward W. Said, na obra *Representações do intelectual* (2005) ressalta que, no geral, ser um especialista em literatura é excluir, de maneira significativa, a história, a música ou a política e se manter domesticado a aceitar qualquer discurso erigido dos grandes mestres[2584].

---

[2583] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 20.
[2584] SAID. *Representações do intelectual*, p. 81.

Silviano Santiago, conforme os debates de Said, seria um intelectual exilado em relação aos seus semelhantes que se mantêm estritamente uníssonos com os discursos hegemônicos colonizadores. O mineiro, devido aos trânsitos epistêmicos e artísticos que compõem seu *bios*, entendeu que o mundo não se aquilata em uma perspectiva polarizada, mas sim, do entre/*trans*-lugar enquanto um lugar *outro* de desobediência. Esse posicionamento torna-se manifesto quando suas produções críticas e ficcionais são tomadas, sobretudo, por uma visada crítica *outra*, culturalista/pós-colonial/fronteiriça, que contemple a diferença não mais enquanto valor promovido pela colonialidade. Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* (2006), propõe:

> Aqueles que pensam que há somente um modo, ou somente uma via, para o trabalho teórico – a seu modo, ou o modo com que suas instituições definem como *a* via – não podem reconhecer o discurso do outro como estruturado e qualificado – desqualificaram – como balbucio tudo o que eles interpretam como 'não-sistemático' e 'não-metódico'. Novamente, para que há um modo hegemônico ou 'prosperiano' de teorizar, e um outro modo canibal, subordinado, menor.[2585]

No que se relaciona à via ou às vias do trabalho teórico discutida por Achugar, entrevejo que Silviano Santiago, através de sua obra completa (ficção e teoria), e no pluriverso de muitos críticos brasileiros, explicita um posicionamento *outro*, de caráter (trans)fronteiriço, por excelência. Em suma, o intelectual ao passo que dialoga com a tradição ao eleger uma plêiade de amizades críticas composta por intelectuais brasileiros, latino-americanos e europeus (Clarice Lispector, Hugo Achugar, Jacques Derrida *ou a própria Virginia Woolf*, por exemplo) dialoga, também, com o local, com o contemporâneo ou, como Eneida Maria de Souza afirma em *Janelas indiscretas*¸ com o *pop star cult*.

Ainda sob a pluma da citação de Achugar acerca das vias do trabalho teórico, Silviano explicita um posicionamento contra a colonialidade dos saberes desde "O

[2585] ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 38.

entre-lugar do discurso latino-americano" (1978) já se colocando a favor da diferença e contra o princípio de "unidade". Isso posto, entendo que o mineiro, imbricado por uma ecologia dos saberes, criva seu projeto intelectual/literário no que denomino de uma (trans)fronteiridade. Os saberes (independente do caráter que se assentem: epistêmicos, artísticos ou literários) não são tomados a partir de valores hierarquizadores, mas, sim, enquanto interconhecimentos. Silviano rompe com qualquer possibilidade de dívida entre os saberes, dado que suas produções nunca se cristalizam em lugares estritamente postos, mas em entre-lugares/trans-lugares como *loci outros*.

Assim, trazendo ao plano pragmático, identifico esse posicionamento (trans)fronteiriço na presença altamente politizada de Jacques Derrida e suas discussões sobre amizade política no romance *Mil rosas roubadas* (2014), a intersecção entre as artes plásticas de Lygia Clark e a literatura em *Stella Manhattan* (2017), da perspectiva *outra* que o mineiro lança-mão para narrar os últimos anos de vida de Machado de Assis no romance vencedor do Prêmio Jabuti *Machado* (2016), do recurso memorialístico autobiográfico em *O falso mentiroso* (2004), do uso do pastiche em *Em liberdade* (1981) ou dos debates sócio-políticos apostos no livro de poemas *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1988).

Já no que convém às obras de caráter estritamente crítico, cito: *Nas malhas da letra* (1989)*, Vale quanto pesa* (1982), *O cosmopolistismo do pobre* (2004)*, Ora (direis) puxar conversa!* (2006) *e Uma literatura nos trópicos* (2019)*,* sendo essas compilações de ensaios que discutem literatura não apenas reverenciando a tradição e a academia, mas debatendo de modo crítico as produções artísticas enquanto saberes culturais em diálogo com temáticas outras, como a política, por exemplo. Como já deslindei, em 2014, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no "III Colóquio do NECC:

entrelugares pós-coloniais", Silviano apresentou o ensaio "A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento" reforçando sua opção *outra*, pós-colonial, e questionando o posicionamento de grandes mestres da crítica literária brasileira, como Antonio Candido. Mais uma vez, não em reverência, mas assentado em um viés altamente crítico e pós-colonial. Denilson Lopes, em "Do entre-lugar ao transcultural" (2012), afirma:

> Santiago recusa-se a ficar à sombra dos grandes mestres do passado, ser comentador bem comportado, evitando assim a canonização deles. Ele desloca o pensamento destes autores para fora de um cânone monderno e os faz vivos, atuantes, políticos. O entre-lugar, nesse sentido, poderia ser entendido em diálogo com o subalterno de Gayatri Spivak e com a poética de relação de Édouard Glissant. As três posições são estratégias marcadas por um entrecruzamento teórico e existencial semelhantes e situadas no cenário pós-colonial posterior à Segunda Guerra Mundial.[2586]

Assim sendo, o livro de ensaios *Uma literatura nos trópicos,* republicado agora em 2019 com uma edição ampliada, exemplifica as considerações supracitadas de Denilson Lopes sobre Silviano Santiago. A obra, *grosso modo*, é constuítuda de onze ensaios com foco, essencialmente, na dependência cultural da América Latina frente as grandes potências mundiais: Europa e Estados Unidos. Desde o título, o caráter latino-americano faz-se presente; todavia, Silviano vai além e escava as problemáticas que os latinos encontram em relação à diferença colonial tomada como valor pelo olhar do sujeito colonizador. Nesse cenário, refletindo sobre a civilização ocidental, o Novo Mundo e a América, Silviano corrobora:

> Esse renascimento colonialista – produto reprimido de uma outra Renascença, a que se realizava concomitantemente na Europa – à medida que avança apropria o espaço sócio-cultural do Novo Mundo e o inscreve, pela conversão, no contexto da civilização ocidental, atribuindo-lhe, pela conversão, no contexto da civilização ocidental, atribuindo-lhe ainda o estatuto familiar e social do primogênito. A América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontrarian a cópia do modelo original, mas em sua *origem*, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenônomeno de duplicação se estabelece como única regra válida de civilização.[2587]

[2586] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 26.
[2587] SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 15.

O intelectual debate ainda em “O entre-lugar do discurso latino-americano” temáticas que transitam desde críticas às teorias de fontes/influências desgastadas pela teoria da literatura passando por obras de literatura brasileira, portuguesa e francesa em “Eça, o autor de *Madame Bovary*” e “*O ateneu*: contradições e perquirições”, por música popular brasileira em “Caetano Veloso enquanto superastro” e encerrando com uma discussão acerca acerca do escritor francês Mallarmé em “O assassinato de Mallarmé”. Silviano, em *Uma literatura nos trópicos*, já demonstra(va) sua característica (trans)fronteriça e *pop star cult*.

Silviano, ainda que constituído de uma herança pós-moderna, endossa um modo de produção epistêmico-ficcional a qual compreendo, à baila de uma *episteme* descolonial, enquanto uma teoria sem disciplina aquilatada por uma ecologia dos saberes que está para além de um pensamento trandisciplinar. A proposta que ensejo nesse capítulo acerca do mineiro e do seu projeto intelectual se volta para uma visada que avança o pensamento trandisciplinar na medida em que, apesar das contribuições e avanços que este proporcionou à crítica, ainda se sustenta por um viés disciplinar por execelência.

Assim, ao *trans*itar entre as *conversas*[2588], os saberes populares, a cultura *queer*, os demasiados *loci* mundiais, o mineiro avança esse aspecto disciplinar promovendo uma forma de pensamento *outra* aberta às *diversalidades* do mundo contemporâneo. Não há respostas prontas e acabadas quanto às produções de Silviano Santiago, mas possibilidades de pensar o mundo em *trâns*ito por uma visada *outra*. “O entre-lugar do discurso latino-americano”, por si só, não promove um debate aberto à visada pós-colonial, mas uma possibilidade de reflexão *outra*. Nesse prisma, recorro a Boaventura para fomentar que:

[2588] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 11.

> É própria da natureza da ecologia dos saberes constituir-se através de perguntas constantes e respostas incompletas. Aí reside a sua características de conhecimento prudente. A ecologia dos saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral.[2589]

Diferentemente da maneira como a academia e, por sua vez, muitos intelectuais se posicionam, Silviano Santiago se coloca enquanto um crítico *outro* que não apenas referencia a tradição e as teorias viajantes. O mineiro, através de uma tomada de consciência do seu biolócus e crivado em um posicionamento desobediente epistemicamente e da ordem da opção descolonial, volta seu olhar para o seu lócus geoistórico e epistêmico buscando entender e discutir os engodos do seu próprio lugar de origem discursiva, seja esse ficcional ou teórico. A cristalização do pensamento através de uma imersão academicista e territorialista não se presentifica em seus escritos.

Denilson Lopes explicita, em “Do entre-lugar ao transcultural”, que ler Silviano significa realizar uma política da diversidade, *não se lê a favor, nem contra; mas entre*[2590]. E isso possibilita todos os deslocamentos, *trân*sitos, movimentos, aproximações, distanciamentos, fidelidades, infidelidades tanto literários quanto, sobretudo, críticos tornando Silviano, da minha óptica, um intelectual (trans)fronteiriço, haja vista a diluição de todas as fronteiras reais e imaginárias que o mineiro explicita, transborda, propõe e rompe. Silviano cumpre seu papel enquanto intelectual ao quebrar os estereótipos e as categorias redutoras do penamento humano[2591] trazendo uma veia aberta ao pós-colonial que, apesar dos avanços críticos, é rechaçada pela academia em detrimento à hegemonia dos saberes ainda imperante. À vista disso,

[2589] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 66.
[2590] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 29.
[2591] SAID. *Representações do intelectual*, p. 10.

Mignolo interpõe: “Essa é a opção descolonial que alimenta o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir.[2592]

Como Boaventura de Sousa Santos afirma em “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes” (2010), muitas experiências/saberes *outros* (extrínsecos à lógica da modernidade colonial e postos em um biolócus [*bios* + lócus] subalterno/fronteiriço) são alocados para a posição de irrelevantes ou inexistentes frente ao conhecimento abissal moderno e, por sua vez, pelas linhas abissais que os rechaçam. Para Boaventura: “Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal como metafórico.”[2593].

Entendo, portanto, que as linhas abissais as quais o crítico português se volta são as fronteiras, epistemológica e geoistóricas, das quais tanto as minhas reflexões quanto as de Silviano emergem. Penso, essencialmente, de um lugar sul-fronteiriço não contemplado pelos discursos que vigoram nas academias que, pelo argumento da diferença colonial, me enxergam como “outro” na posição de “*anthropos*” e nunca de “*humanitas*”[2594]. Como a citação aposta de Mignolo explicita, apenas uma opção descolonial permite que a diferença prevaleça não enquanto exclusão, mas como co-existência de mundos possíveis. Assim, sob o crivo de um pensamento *outro/*fronteiriço, Gloria Anzaldúa, em *Borderlands* (2007), expõe:

> As fronteiras são projetadas para definir locais seguros e o que não são, para nos distinguir (nós) deles. Uma borda é uma linha divisória, uma linha fina ao longo de uma borda íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido criado pelo resíduo emocional de uma fronteira contra a natureza. Está em constante estado de transição. Seus habitantes são proibidos e banidos. Aí moram os atravessados [...][2595]

---

[2592] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.
[2593] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 44.
[2594] Walter Mignolo em “Desafios decoloniais hoje” (2017) estabelece que o a categoria “outro” não existe ontologicamente, mas foi criada discursivamente pela interioridade moderna ocidental (“*humanitas”*) para categorizar o diferente/a exterioridade (como os latino-americanos e os brasileiros) enquanto “*anthropos”*. O *“humanitas”*, portanto, é o sujeito não racializado, isto é, sua óbvia humanidade não foi negada.
[2595] “Las fronteras están diseñadas para definir los lugares que son seguros y lo que no lo son, para distinguir el us (nosotros) del them (ellos). Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo

Habitar e escre(vi)ver a partir de uma condição (epistemológica e geistórica) fronteiriça em que a cosmovisão não se resume a uma óptica mono-tópica e universalista[2596] do mundo é o que fundamenta as minhas reflexões e as de Silviano. Não basta viver na fronteira para se ter uma consciência *outra*. Pensar de modo que contemple as co-existências do(s) mundo(s) exige uma opção descolonial como desobediência epistêmica. É nesse sentido que engendro as reflexões acerca da (trans)fronteiridade em Silviano Santiago. De fato, Silviano realiza um exercício de desobediência epistêmica ao se desvincular da visada universalista monotópica da colonialidade – o mineiro, por demasiadas vezes, se volta para os "*anthropos"*, a exemplo: os LGBTQI+, os negros, os latino-americanos, a música popular brasileira etc. Silviano está para além das linhas disciplinares transitando entre elas e se valendo das quais julga pertinentes e necessárias para o seu fazer epistêmico-literário *outro*.

Posto isso, há uma condição de desobediência epistêmica que o atravessa e que possibilita a aproximação de suas escolhas e posicionamentos críticos a algumas paisagens teóricas. Dentre elas, cito: a paisagem do "O entre-lugar do discurso latino-americano", em *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada (2019) e a do "O espaço nômade do saber", de Eneida Maria de Souza em *Crítica cult* (2002). Esses textos têm seu crivo na reflexão acerca da desestabilização das fronteiras epistêmicas, artísticas, políticas, filosóficas etc., todavia, o que os aproxima é justamente a razão *outra* que o/os fundamenta/m. Desse modo, Eneida em *Janelas indiscretas* (2011) corrobora:

> A literatura se alimenta da tradição cultural, seja para legitimá-la ou contrariá-la. Silviano Santiago, escritor e ensaísta, se comporta diante dessa tradição de modo paradoxal, por entender que só o gesto de traição/fidelidade quanto aos modelos literários instaura a descontínua linhagem da literatura. [...] Revisitar a tradição moderna latino-americanas é uma das metas buscadas

de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emoicional de una linde contra natura. Está en un estado constante de transición. Sus habitantes son los prohibidos y los baneados. Ahi viven los atravesados [...]". ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 42, tradução minha.

[2596] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 304.

> pela sua obra, no sentido de processar desdobramentos conceituais e apontar limites e rasuras teóricas nos textos em diálogo.[2597]

Na citação aposta, Eneida explicita que Silviano se comporta *paradoxalmente* diante da tradição de maneira que só uma ambivalência entre traição e fidelidade pode instaurar descontinuidades. Na esteira dessa reflexão reside justamente o que estou chamando de (trans)fronteiridade, visto que Silviano não exclui ou rachaça a tradição/ciência moderna canônica. Mas, tomado por uma opção descolonial e por um exercício de desobediência epistêmica, o escritor e ensaísta mineiro compreende que esse saber não é mono-tópico[2598], universal e, tampouco, o único possível.

Suas razões e lógicas *outras* se fundamentam na proposição de que os saberes são pluri(t)rópicos, pluri-versais[2599] e trans-escalares[2600] endossados por uma ecologia dos saberes. Nesse contexto, não é desconsiderar e excluir a ciência e os saberes modernos canonizados, mas colocá-los vis-à-vis aos não-modernos, aos latinos, aos sul-fronteiriços, aos LGBTQI+, aos populares brasileiros etc.. é, *grosso modo*, "[...] o colapso de qualquer universal abstrato apresentado como bom para a humanidade inteira, sua própria *similaridade.*"[2601].

Em vista disso, a (trans)fronteiridade de Silviano se dá na medida em que o mineiro não propõe universalismos abstratos, haja vista que suas obras não primam apenas por narrativas e saberes hegemônicos. Silviano transita entre o moderno e o não-moderno, o literário e o não literário, o heteressoxual e o LGBTQI+, o cânone e o não-canône emergindo como um intelectual da exterioridade que se volta para questões do lado mais escuro da modernidade: a colonialidade[2602]. O projeto *homo*-

[2597] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 167-168.
[2598] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.
[2599] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.
[2600] Cf. o texto "Para além do pensamento abissal" de Boaventura de Sousa Santos.
[2601] MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 300.
[2602] Cf. o ensaio de Walter Mignolo intitulado "Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade".

*bio-ficcional-ensaísta* de Silviano é uma paisagem fronteiriça de desobediência e opção descolonial que se lança para pensar, por meio de sensibilidades, corpos e epistemologias *outras,* as culturas, as artes e os saberes locais excluídos (exterioridade) e rachaçados pelos projetos globais (interioridade):

> Nossos sentidos foram treinados pela vida para perceber nossa diferença, para sentir que fomos feitos *anthropos,* que não formamos parte – ou não por completo – da esfera de quem nos olha com seus olhos como *anthropos*, como "outro". O pensamento fronteiriço é, dito de outra forma, o nosso pensamento, do *anthropos*, de quem não aspira se converter em *humanitas*, porque foi a enunciação da *humanitas* o que o tornou *anthropos*. Desprendemo-nos da *humanitas*, tornamo-nos epistemologicamente desobedientes, e pensamos e fazemos descolonialmente, habitando e pensando nas fronteiras e as histórias locais, confrontando-nos aos projetos globais.[2603]

O exercício da (trans)fronteiridade implica uma desobediência e uma opção descolonial no pensamento/prática daquele que a realiza. Isso se dá devido a cristalização e hospedagem das teorias modernas, ocidentais e coloniais que viajam dos grandes centros do planeta para a bordas (como a América Latina e o Brasil, por exemplo) sem serem transculturadas, mas apenas hospedadas o que faz de nós, categorizados como "outros" e "*anthropos*", apenas balbuciantes[2604], mas nunca produtores de artes e conhecimentos.

É necessário que se faça uma opção não apenas epistêmica, mas também de vida, ou melhor, de prezar pela(s) vida(s) que não são contempladas e valorizadas nos discursos literário-epistêmicos imperantes. É entender, por exemplo, que uma literatura como a de Raul Pompeia, com *O ateneu,* ou a música de Caetano Veloso têm o mesmo valor que a de Mallarmé e a de Eça de Quieroz: todos esses contemplados no mesmo livro, *Uma literatura nos trópicos* republicado, em 2019 por

[2603] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 21.
[2604] Cf. *Planetas sem boca* de Hugo Achugar.

via da edição ampliada, que inicia com a “Nota preliminar” trazendo à tona a premissa “Viva a diferença!”[2605]. Com isso, Mignolo elucida:

> [...] o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica da colonialidade. Pois bem, a descolonialidade não é um projeto que se tenha por objetivo se impor como um novo universal abstrato que substitua e “melhore” a reocidentalização e a desocidentalização. É uma terceria força que [...] reclama seu papel na hora de construir futuros que não podem ser abandonados [...] *a opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, viver e con-viver* [...][2606]

Como exposto, para além de ser apenas uma escolha acadêmica ou de conhecimento, a opção que atravessa as produções de Silviano, sejam ensaísticas ou literárias, é a de prezar pela sua própria vida de sujeito da exterioridade (homem *gay* e brasileiro natural da cidade interiorana Formiga) e pelas vidas *outras* racializadas, balbuciantes (para a modernidade) e quase como não-existentes. As opções e práticas de Silviano, longe de radiacalismos e fundamentalismos, e posto em uma razão, lógica e lugar *outros* é a de aceitar, contemplar e *transitar por fronteiras culturais*[2607] como um *cavaleiro errante* (trans)fronteiriço brasileiro[2608], que como já expus, é tomado por virose pós-colonial reconhecendo a co-presença dos dois lados das linhas criadas pela hegemonia colonial moderna.

Para Boaventura: “A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade de copresença dos dois lados da linha. [...] Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica”[2609]. Silviano subverte essa lógica abissal em seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaística* justamente por corroborar a possibilidade de existência de ambos lados da linha enquanto *loci* possíveis de produções de epistemologias e artes. O mineiro não sobrepõe, por exemplo, as teorias

[2605] SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 08.
[2606] MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 30-31, grifos meus.
[2607] LOPES *apud* NOLASCO. Comparativismo cultural hoje, p. 77.
[2608] CARVALHAL. Sob a égide do cavaleiro errante, p. 17.
[2609] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 32.

advindas da Europa e dos Estados Unidos às produzidas na América Latina e no Brasil ou as narrativas de pessoas heterossexuais sobre as de LGBTQI+: as demasiadas co-presenças habitam seu pensar/fazer epistêmico-literário. Alicerçado pela percepção de que o mundo acontece pela diferença (colonial), o intelectual se vale da(s) diferença(s) para transitar epistemico-artisticamente sem postular valores hierarquizantes. É crivado por uma ecologia dos saberes que o projeto intelectual de Silviano se delineia. Assim, a ecologia dos saberes:

> É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos, heterogéneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustantentáveis e dinânimas entre eles sem comprometer a sua autonomia. *A ecologia dos saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento*. A primeira condição para um pensamento pós-abissal é a copresença radical. A copresença radical significa que práticas e agentes de ambos lados da linha são contemporâneos em temros igualitários.[2610]

Nesse sentido, Boaventura, no tocante aposto, é sumário na compreensão contemporânea, pós-abissal e fronteiriço do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano, tendo em vista os trânsitos epistêmico-culturais-artísticos que o intelectual mineiro realiza em suas produções e a co-presença que este funda ao fazê-lo. Silviano não hierarquiza um conhecimento/narrativa/história e/ou arte frente a outro, ele os trata da modo diversal e igualitário, visto que as diferenças em dimensões políticas e epistêmicas deveriam ser um elemento de semelhança e não de segregação. O meu mineiro se alicerça na ideia de que todo conhecimento é interconhecimento e, por isso, não hesita em transitar pelo que entendemos enquanto um lado ou outro das fronteiras.

É a premissa de uma pluralidade epistemológica/sensível do mundo e o reconhecimento de demasiadas formas de conhecimentos além do científico[2611], moderno e ocidental que subsistem em Silviano Santiago, seja em suas obras

[2610] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 53, grifos meus.
[2611] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 54.

literárias ou em textos ensaísticos, como a reedição de *Uma literatura nos trópicos* em 2019 emerge para reelembrar-nos. Ser um intelectual (trans)fronteiriço demanda um posicionamento *outro*, pluriverso ao ainda imperante nas academias brasileiras. Silviano fala da/na academia não dela. Essencialmente, é na(s) cultura(s) que o mineiro busca bases para produzir epistemicamente. E, nessas, tomado por uma opção descolonial, a racialização e a exclusão não imperam. Silviano não concede à ciência moderna o monópolio de suas reflexões, pois é, sobretudo, (n)a(s) exterioridade(s) que ele se vale para falar de si e do(s) outro(s). Na esteira desse contexto, entendo a nessidade de pontuar que para a *episteme* moderna:

> Do outro lado da linha [América Latina e Brasil, por exemplo], não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magias, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência de seus 'outros' modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos do conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia.[2612]

Crenças, opiniões, magias, entendimentos intuitivos ou subjetivos (saberes "populares" na medida que emergem do povo) e narrativas *outras* bem como conhecimentos/personagens/histórias tidos como "científicos", canônicos e/ou postos em uma tradição são todos possíveis em Silviano sem critérios valorativos que os diferenciem e, como possível consequência de uma condição posta em uma matriz moderna ocidental, os segregariam em lados binários e distintivos. Silviano não os trata como objetos inertes passíveis de análise de um crítico, intelectual e escritor; pelo pluriverso, o mineiro os incorpora ao seu fazer epistêmico tomado por uma condição de atravessamento por um pensamento fronteiriço que se dá na/a partir da exterioridade fundando seu sensível e suas práticas teóricas.

[2612] SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 34.

Porém, como já abordado, não basta viver na fronteira/na exterioridade para se pensar de modo *outro,* fronteiriço, descolonial e/ou pós-abissal. Sendo assim, Silviano não se volta para esse lugar *outro* (trans)fronteiriço exclusivamente pela condição de ser, viver e pensar a partir dos trópicos e do Brasil, tampouco, por ser um sujeito sensível da exterioridade na posição de intelectual homossexual. Há uma escolha que seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* se funda ao prezar pelo que foi obscurecido e esquecido pela narrativa da modernidade narrada por homens brancos, europeus e tomados como os únicos "civilizados" ("*humanitas"*). Compreendo que pensar *da exterioridade*[2613] é a única condição para o sujeito que não visa repetir a *doxa* da cientificidade moderna que não realizou outra coisa senão julgar e selecionar o verdadeiro/falso, o possivel/impossível o humano/não humano.

A opção descolonial que alicerça a (trans)fronteiridade é o modo de optar pela minha/nossa vida como condição necessária para enxergamos e compreendermos melhor o outro e, sobretudo, a(s) vida(s) desse(s) outro(s)[2614] sem desconsiderar as histórias globais, os *loci* e as sensibilidades que as aquilatam. Silviano preza igualmente pela vida de Stella Manhattan, de Caeatano Veloso, de Clarice Lispector, de Ezequiel Neves, de Machado de Assis, de Clarice Lispector, de Jacques Derrida, de Mallarmé, de *Virginia Woolf* e de todos os outros espectros que povoam seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta*. Por isso, Denilson Lopes corrobora:

> Entre a universidade e a cena pública, intelectual cult, como o chamou Eneida Maria de Souza (2002), intelectual pop sem temor do mercado e da moda como seu outro herdeiro, Itálo Moriconi. Cult e pop. Estratégia intelectual [...] do crítico cultural e escritor que seduz públicos diversos, ora com a isca-Derrida, ora com a isca-culturalista, para citar apenas duas; embaralhando as referências, as recria, não sendo mais nem derridiano, nem culturalista – mas talvez os leitores derridianos e culturalistas, fiéis as suas posições intelectuais, possam sair felizes se o que procuram narcisicamente é um espelho.[2615]

[2613] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 13.
[2614] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 16.
[2615] LOPES. Do entre-lugar ao transcultural, p. 27.

Para Denilson Lopes, intelectual carioca *gay* que dedicou seu livro *O homem que amava a rapazes* (2002) a Silviano "Para Silviano Santiago, mestre com olhos no presente"[2616], o mineiro descortina os horizontes de uma sociedade em que as outras diferenças foram excluídas, como o índio e o negro[2617]. Entretanto, essa abertura às diferenças não se dá exclusivamente no que tange às questões étnico-raciais, Silviano alarga os eixos de possibilidades voltando-se para diversos eixos de exclusões (epistêmicas e ontoglógicas) perpetuados pela lógica da matriz colonial de poder, haja vista sua óptica sempre voltada para o presente. Em entrevista recente (2019), já abordada no capítulo I, devido a uma conferência proferida em Buenos Aires, Silviano afirma que os modos de sair do armário são muito mais gerais do que pensamos, isso se dá justamente na não vergonha de ser diferente e de se parecer como tal, quer seja bicha, negro, travesti ou indígena[2618].

Como afirma Denilson em *O homem que amava rapazes,* essa abertura para as diferenças "[...] afirma a alegria, para além dos ressentimentos e do catastrofismo, contrapõe-se à desmobilização cínica."[2619]. Assim, a alegria de ser/estar estabelece os diálogos com a emergência de práticas e sujeitos políticos na solidariedade na convivência social. Com isso, a (trans)fronteiridade de Silviano como opção de prezar pela(s) vida(s) endossa o tom libertário de se dizer o que é como elemento marcador do fim da era do silêncio[2620]. O intelectual e escritor mineiro rompe com os silenciamentos engendrados pela hegemonia moderna colonial por possibilitar a partir de seu projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* as possibilidades de co-existência crivadas em uma condição de desobediência não apenas civil, mas, principalmente, epistêmica

[2616] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 05.
[2617] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 32.
[2618] SANTIAGO. Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución, s/p.
[2619] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 33.
[2620] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 136-137.

que propõe “[...] uma certa deriva entre fronteiras e barreiras que se multiplicam e se deslocam.”[2621]. Silviano me/nos convoca a *aprender a desaprender* a partir de uma “falsa obediência”.

À luz dessa “falsa obediência”, em “O espaço nômade do saber” (2002), Eneida traz à baila o poema “O que minas?” de Silviano para discutir o caráter nômade que permeia tanto o escritor quanto seu projeto intelectual. Para ela, há uma leitura do espírito mineiro que propõe, ao mesmo tempo, um apego à tradição e a busca constante pelo novo[2622] – leia-se aqui os limites entre ambos os *loci* enquanto fronteiras epistêmicas. Em minha visada, essa natureza nômade alocada em *lugar outro* é o que caracteriza a natureza inquieta de uma perspectiva (trans)fronteiriça. O permanente trânsito entre culturas, permeado por uma “falsa obediência”, é a condição possível para que co-existam o dado e a aceitação do *outro*. Mignolo pontua:

> Estou sugerindo que aqueles para as heranças coloniais são reais [...] são mais inclinados [...] que outros a teorizar o passado em termos da colonialidade [...] eu sugeriria que a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação. O que significa ‘diferencial’? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das nações de conhecimento, ciência, teoria, e compreensão articuladas no decorrer do período moderno.[2623]

É partir disso que Silviano enseja um descentramento dos possíveis lugares de origem enquanto os únicos produtores de saber. Há um abalo de posições universalistas monotópicos frente a instauração de possibilidades *outras*: plurit(r)ópricas, pluri-versais e trans-esclares imbricadas em um pensamento (trans)fronteiriço. Silviano não deslegitima um saber para privilegiar outro, mas rompe com universalismos abstratos com o intuito de considerar todo e qualquer conhecimento/narrativa como interconhecimento existente, possível e relevante:

> Tanto Mignolo, quanto Silviano, por estarem propondo uma visada crítica outra, apesar de erigirem seus discursos a partir de *loci* geoistóricos

[2621] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 197.
[2622] SOUZA. *Crítica cult*, p. 41.
[2623] MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 166-167.

> diferentes, não deslegitimam as “ideias europeias”; antes, passam por elas e as procuram ler na “diferença colonial”. Como já salientei, o crítico brasileiro não fica preso aos postulados presidios por Derrida, Lacan ou Foucault. Pelo contrário, os lê no momento em que suas teorias podiam ajudar a compreender melhor os problemas brasileiros e latinos.[2624]

Diante disso, à semelhança de Silviano, meu fazer epistêmico congrega a interrelação entre ser, pensar e fazer a partir da/na exterioridade fundamentados na inserção dos nossos próprios corpos da/na fronteira[2625]. Como supracitado, meu mineiro é o mestre (desobediente) com olhos no presente e a republicação de *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada, em 2019, somada a complicação de seus ensaios por Ítalo Moriconi, *36 ensaios de Silviano Santiago*, também em 2019, só reafirmam a necessidade de desaprendermos o já conhecido pelo mito de origem e reaprendermos segundo a lógica *outra* do interconhecimento e da co-existência plurit(r)ótica que delineam a (trans)fronteridade enquanto necessidade de repensarmos a diferença. Silviano ensina-nos que é entre “[...] o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão [...]”[2626] que podemos prezar pela(s) vida(s), narrativas e conhecimentos *outros*. Viva a(s) diferença(s)!.

[2624] NOLASCO. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe, p. 22.
[2625] MIGNOLO. Desafio decoloniais hoje, p. 21.
[2626] SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 29.

## 3.3 – Escrevivências comparatistas de obras homo-biográficas: grafias de vidas *outras* em *Mil rosas roubadas* e *Orlando*

> A crítica biográfica praticada por mim [...] possibilitou a revisão das associações entre arte/vida, teoria/ficção e teoria/vida. A congruência/separação entre os dois polos se explica pelo gesto de estar a relação comandada pelo sentimento ético promovido pela experiência vivenciada tanto na prática teórica quanto vital.
>
> SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 223.

É a partir da retomada crítico-metafórica da figura do escritor[2627] e da inserção do intelectual no texto teórico[2628], subsidiadas pela crítica biográfica, que esta leitura-comparatista-biográfica-fronteiriça projeta-se. Como a epígrafe aposta sugere, minhas reflexões endossam um lócus de enunciação epistêmico que prima, essencialmente, por questões pertinentes à vida, isso é, ao *bios* dos sujeitos envolvidos no processo de produção do saber. Esse, por sua vez, constrói-se pela inter-relação entre vida, obra, cultura, sensibilidades, presenças, ausências tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Entendo, portanto, à guisa de Edgar Cézar Nolasco, que *se há alma em uma pesquisa*[2629], tal qual expus no capítulo II, existem corpos, ontológicos e discursivos, além de grafias que a atravessam subsidiadas por sensibilidades escre(vi)ventes construídas de maneira metafórica no meu fazer epistemológico, especialmente no endosso de Silviano e de Virginia Woolf.

Dessa forma, no plano da leitura comparatista ensejada, o objetivo desse subtítulo é descortinar reflexões que emergem a partir da ausência, falta ou apagamento do nome *próprio*[2630]/assinatura dos narradores do romance *Mil rosas roubadas* de Silviano Santiago e da biografia-romance *Orlando* de Virginia Woolf. Para tal, abalizarei-me na epistemologia crítica biográfica engendrada por Eneida Maria de Souza e Edgar Cézar Nolasco; contudo, ademais a ela, assentarei-me em saberes

---

[2627] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 39.
[2628] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 35.
[2629] NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 19.
[2630] Escolho grafar *próprio* em itálico por uma razão teórica que será discutida na sequência.

*outros* que, em sua primazia, não são oriundos dessa perspectiva teórica, mas que podem ser articulados enquanto tal devido à transculturação que realizo a partir do meu lócus sul-fronteiriço e à viabilidade de diálogo que possibilitam com a crítica do *bios*. Dentre esses saberes, enquadram-se os conceitos que nortearão o debate que ensejo, tais como: a escrevivência, proposta pela intelectual e escritora Conceição Evaristo, o nome *próprio*/assinatura e o traço, pensados e discutidos pelos filósofos Jacques Derrida e Geoffrey Bennington.

A justificativa dessa leitura comparatista se embasa, sobretudo, na inquietação que me causa a falta ou o apagamento do nome *próprio* dos narradores de *Mil rosas roubadas* e *Orlando*, tendo em vista que essas literaturas são explícitas e abertamente autobiográficas por excelência – no desenvolver das articulações a seguir me deterei nesse viés à luz do conceito de escrevivência. Diante disso, para dar conta do debate que esse desassossego nominal ecoa em mim, na posição de leitor e crítico biográfico, lançarei mão de articular o debate sobre o/a partir do nome *próprio* e da assinatura tomando-os enquanto traços, facilmente apagáveis[2631], das escrevivências de Silviano Santiago e de Virginia Woolf nas obras citadas.

Uma possível condição para compreender o apagamento do nome *próprio* e da assinatura tanto do narrador-biógrafo-amigo-sobrevivente homo-biográfico das *Mil rosas roubadas* quanto do narrador conservador de *Orlando* é tomá-los com base no ponto de vista derridiano de traço que é livre, precário, múltiplo de possibilidades, inscrito, desaparecido, presente e, logo, ausente: “Traços que marcam sua presença com uma ausência [...]”[2632]. Assim, no cenário das possibilidades críticas, julgo

[2631] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31.
[2632] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31.

necessário ressaltar que essa correlação estabelecida por mim entre os conceitos e os narrados só se faz possível devido ao:

> [...] repensar a leitura como uma relação de assinatura e de contra-assinatura, o que permite pensar no que um texto permanece essencialmente aberto ao outro (à leitura). A assinatura do texto reclama a contra-assinatura do leitor [e/ou do crítico], como acontece com toda assinatura: vê-se melhor, agora, que a contra-assinatura que ela reclama é essencialmente a contra-assinatura do outro, ainda que seja eu mesmo [...] pensa-se agora como um jogo de assinaturas se contra-assinando, e, logo, engajando-se mutuamente.[2633]

Considerando a leitura como esse movimento de assinatura e contra-assinatura, ao me propor a pensar e aquilatar reflexões epistêmicas para o sentimento de inquietação que me assolou, *a priori*, pela condição de leitor das *Mil rosas roubadas* e de *Orlando*, contra-assino duas vezes o romance e a biografia: não só os leio, como produzo sobre e *a partir* deles e é essa abertura do texto que me possibilita a indagação do nome *próprio* e da assinatura enquanto traços de escrevivências latentes de Silviano e Virginia. Outro viés angariado por esses jogos múltiplos de leituras, visões e (contra)assinaturas (epistêmicas) é a possibilidade de interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, uma vez que, partindo do ponto de vista epistêmico da crítica biográfica, assumo a posição de crítico *sujeito suposto saber*[2634] e englobo a complexa relação entre obra/autor ao estabelecer e construir pontes metafóricas entre os fatos e a ficção[2635].

A ideia é considerar os dados factuais ou ficcionais como metáforas sem que se suponha algum desvio em relação à "verdade factual"[2636] empírica[2637]. Há, conforme Eneida Maria de Souza assente em *Janelas indiscretas* (2011), e à baila do que já expus no capítulo II, uma dicção situada entre a teoria e a ficção que é dada como

---

[2633] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 117.
[2634] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 39.
[2635] SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.
[2636] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2637] Uso a palavra "empírica" para me referir à realidade concreta em que estão inseridos os sujeitos de carne e osso, dado que neste texto trabalho com duas realidades que, metaforicamente, se entrelaçam pelo crivo da crítica biográfica: a empírica e a discursiva.

marca sensível/pessoal de cada crítico[2638]. No bojo dessa visada teórica, minha dupla contra-assinatura no texto de Silviano e de Virginia se explicita como um direito epistêmico-biográfico o qual construí para mim, para ir aonde não posso ir, no impossível, no único modo de ir e vir. Conforme Derrida, em *Salvo o nome* (1995), é "Ir aonde é possível não ir, é já estar lá [...]"[2639].

Situo-me em uma relação intervalar entre os discursos de Silviano e Virginia cruzando e (trans)passando *suas fronteiras de linguagens sem me voltar para nacionalismos chinfrins*[2640]. Projeto-me na direção de estabelecer intervenções e realizar apostas comparatistas-biográficas-fronteiriças respaldadas por uma *paisagem teórica outra*[2641]: sul-fronteiriça-biográfica, por excelência. Busco, pelo crivo comparatista entre as literaturas homo-biográficas dos escritores citados, a quebra de paradigmas que possibilite a formatação de novas formas de ver o mundo baseada em existências *outras* extrínsecas às socialmente aceitáveis e/ou esperadas. Pela via do comparatismo, Tania Franco Carvalhal em "Sob a égide do cavalheiro errante" (2006) corrobora:

> [...] o comparatismo contrasta os textos e as personagens em uma reflexão que permite a releitura dos mitos e das lendas, dos gêneros e da idéia [sic] de romance até o ponto de se interrogar sobre o que mudou no mundo e nas relações humanas para que um cavaleiro passe de uma presença que se impõe a sua própria invisibilidade. Sob a égide do cavaleiro errante, em suas múltiplas variações, a literatura comparada vive a aventura de tempos e enfrenta, na formulação de perguntas, a sua permanente validação.[2642]

Portanto, espera-se delinear, pelo crivo da crítica comparatista biográfica e seus desdobramentos, leituras que contemplem as inter-relações metafórico-biográficas entre os conceitos de nome *próprio*/assinatura, traço e escrevivência alicerçados pelo romance *Mil rosas roubadas* do escritor mineiro e pela biografia

[2638] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2639] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 63.
[2640] NOLASCO. Comparativismo cultural hoje, p. 77.
[2641] SOUZA. *Crítica cult*, p. 46.
[2642] CARVALHAL. Sob a égide do cavaleiro errante, p. 17.

*Orlando* da inglesa Virginia Woolf. Os escritores propõem jogos de linguagens escreviventes em que as instâncias autobiográficas e ficcionais flertam a fim de abrir um *crédito para si*[2643] e configurar uma con(fusão)[2644] entre escrita e vida em suas literaturas.

Como Bennington pontua em *Derridabase* (1996), "[...] nenhuma assinatura está verdadeiramente completa antes da (contra-assinatura do outro) [...]"[2645]. Com isso, a questão da contra-assinatura pressupõe um *endividamento recíproco*[2646], um texto-amizade, que, a princípio, Silviano estabelece com Zeca ao escre(vi)ver a partir da perda e da falta e Virginia com a escritora e amante Vita Sackville-West com base no esfacelamento de seu relacionamento amoroso homo-biográfico responsável por desencadear a escrevivência da biografia-romance *Orlando*. Diante desse cenário, alicerçado pela minha dupla contra-assinatura, endivido-me na medida em que me insiro nessa plêiade de amigos espectrais, haja vista o crédito que abri para mim na posição tanto de leitor quanto de crítico biográfico, divíduo, ontologista do íntimo e amigo político de Silviano Santiago e de Virginia Woolf.

[2643] Cf. *Otobiografías* de Jacques Derrida.
[2644] Cf. *Becos da memória* de Conceição Evaristo.
[2645] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 118.
[2646] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 119.

### 3.3.1 – Nomes, vidas e ficções das ausências, das faltas e dos apagamentos

> Escreve-se quando não se pode falar, quando obstáculos contingentes, que reduziremos a diversas formas da distância, impedem a voz de portar.
>
> BENNINGTON. *Derridabase*, p. 39.
>
> Escrita por ele, minha biografia, nossa autobiografia seria fusão. Pura luz. Escrita por mim, sua biografia, nossa autobiografia. Não sei se algum escritor chegou a pensar em escrever sua própria vida com a memória real que o outro tinha dela. Se tivesse sido possível associar as lembranças armazenadas por ele à minha memória atual, cá estaria eu a escrever minha autobiografia de maneira subjetiva e objetiva. A partitura da vida estaria sendo tocada a quatro mãos. *As duas mãos dele são as do compositor. As duas outras mãos, as do intérprete, eu*.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 29-30, grifos meus.
>
> [...] Ah!', [Orlando] suspirou, pressionando voluptuosamente a cabeça contra seu fofo travesseiro, 'busquei a felicidade ao longo de muitas épocas e não a encontrei; a fama e falhei; o amor e não o conheci; a vida... e eis que a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres', continuou; 'não entendi nenhum deles. É melhor ficar aqui em paz com apenas o céu sobre mim [...]
>
> WOOLF. *Orlando*, p. 163.

Paradoxalmente, é dos ganhos e das perdas que o gesto criativo se alimenta[2647], em especial, no que convém a Silviano Santiago em *Mil rosas roubadas* e à Virginia Woolf em *Orlando*. Em Silviano, há um romance das ausências transformadas, pela égide do discurso, em presenças, como no caso da morte de Zeca, da não conclusão da biografia sobre o narrador, além do apagamento do nome *próprio*/assinatura também do narrador. Já em Virginia, a biografia *Orlando* emerge a partir da falta sustentada pelo fim do relacionamento da escritora com sua amiga e amante Vita Sackville-West – a quem ela dedica *Orlando*: "Para V. Sackville-West"[2648] –, ademais ao, também, apagamento do nome *próprio*/assinatura do narrador-biógrafo que fala de si em terceira pessoa. À guisa de ilustração biográfica, evoco algumas fotografias de Silviano (Figura 58), de Virginia (Figura 59), de Vita (Figura 60) e, então, da dedicatória de *Orlando* à Vita Sackville-West (Figura 61):

---

[2647] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 184.
[2648] WOOLF. *Orlando*, p. 05.

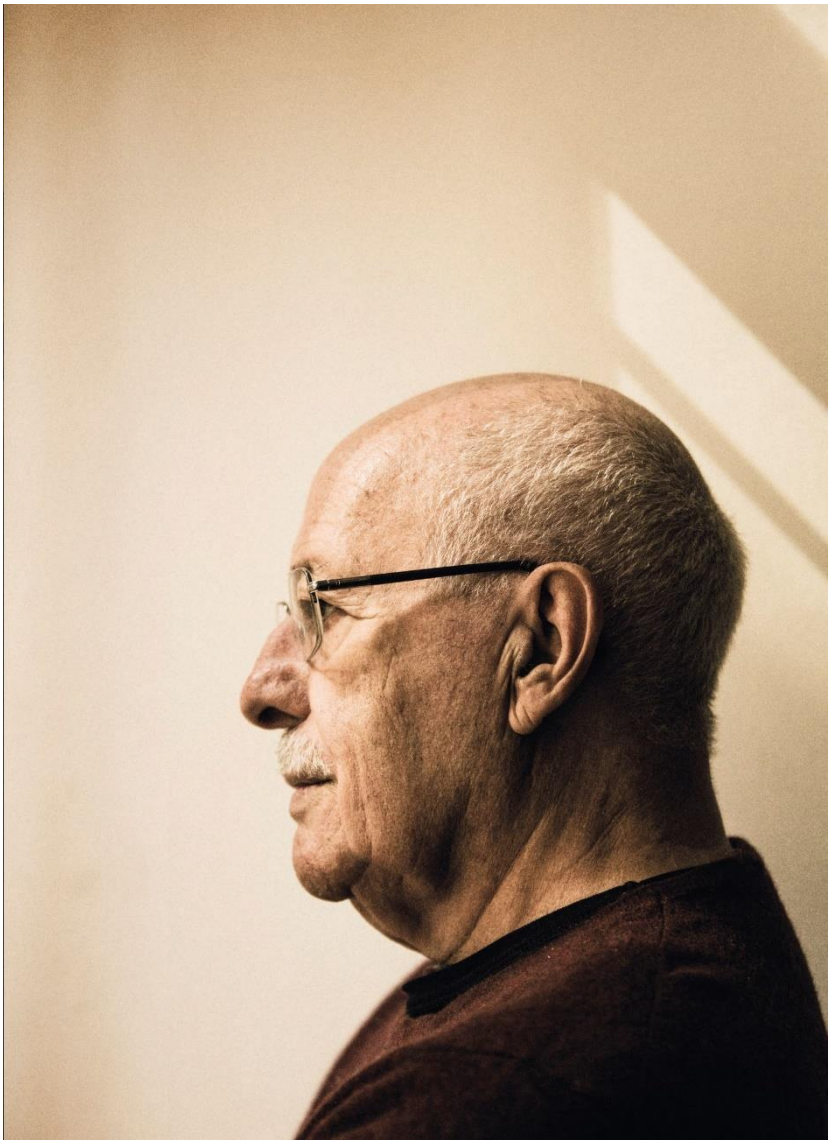


FIGURA 58 – Silviano Santiago em “Luminosidades do observador” para o “Suplemento Pernambuco” (2016)
Fonte: https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/1651-luminosidades-do-observador.html



FIGURA 59 – Virginia Woolf autora da obra *Orlando*: uma biografia dedicada à sua amada Vita Sackville-West
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Virginia_Woolf_1927.jpg



FIGURA 60 – Vita Sackville-West, escritora a qual Virginia Woolf dedicou *Orlando*: uma biografia
Fonte: https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw85027/Vita-Sackville-West?LinkID=mp06015&wPage=0&role=sit&rNo=0

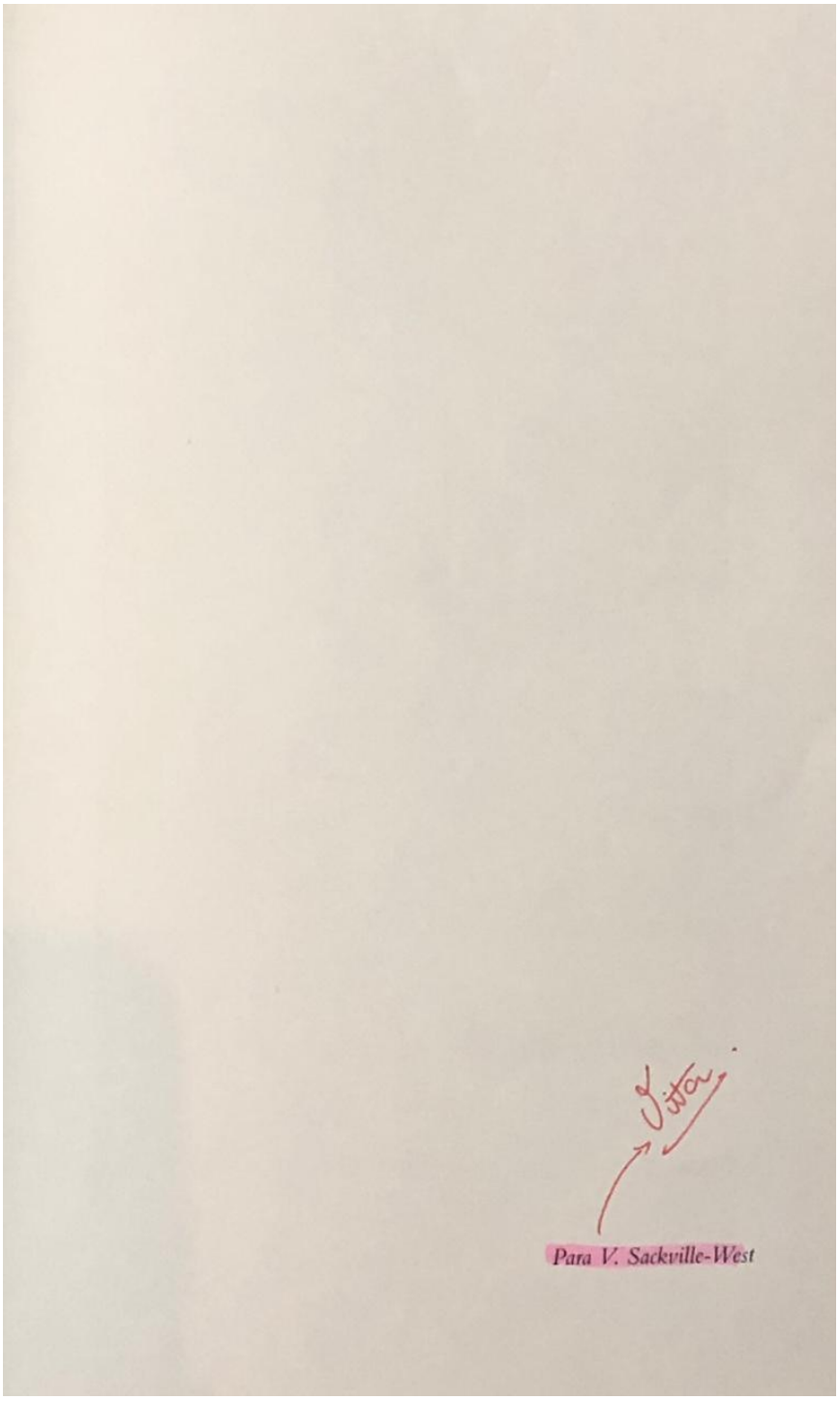



FIGURA 61 – Dedicatória da obra *Orlando*: uma biografia de Virginia Woolf à sua amada Vita Sackville-West
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

Diante das fotografias reproduzidas acima (Figuras 58, 59, 60 e 61), compreendo que esses acontecimentos elaborados por Silviano e por Virginia no nível da ficção inter-relacionam-se com o que Eneida Maria de Souza, em *Crítica cult* (2002) e em *Janelas indiscretas* (2011), intitula *de fatos da experiência interpretados como*

*metáforas* dialogando com o que denomino nesse texto, ademais a outras características, de escrevivência. Dentre esses fatos, cito a amizade, a morte, o amor, a perda, o luto, a sobrevivência etc. – elementos imbricados nas epígrafes apostas. No que concerne à dedicatória de Virginia à Vita (Figura 61), Roland Barthes explicita que é um "[...] episódio de linguagem que acompanha todo presente amoroso, real ou projetado, e ainda mais geralmente, todo gesto, afetivo ou interior, pelo qual o sujeito dedica alguma coisa ao ser amado."[2649]. Ademais, o crítico complementa:

> Não posso portanto te dar o que acreditei escrever para você, tenho que me render a esse fato: a dedicatória amorosa é impossível (eu não me contentaria com uma subscrição mundana, fingindo te dedicar uma obra que escapa a nós dois). A operação na qual o outro está envolvido não é uma subscrição. É, mais profundamente, uma inscrição: o outro está inscrito, ele se inscreveu no texto, deixou aí seu rastro múltiplo. Se você fosse apenas aquele(a) a quem foi dedicado esse livro, você não sairia da dura condição do *objeto* (amado) – de deus; mas tua presença no texto, pelo próprio fato de que você é irreconhecível nele, não é a de uma figura analógica, de um fetiche, é a de uma força, que passa, a partir daí, a preocupar. Pouco importa, então, que você se sinta continuamente reduzido ao silêncio, que teu próprio discurso te pareça sufocado pelo discurso, monstruoso, do sujeito apaixonado: [...] o 'outro' não fala, mas ele inscreve alguma coisa em cada um daqueles que o desejam – opera o que os matemáticos chama de catástrofe (a desorganização de um sistema por um outro) [...][2650]

Ainda que Barthes conclame a não possibilidade de dedicatória ao ser amado, Virginia subverte essa lógica presentificando Vita Sackville-West em sua prática escre(vi)vente. Ainda que Vita não fale no gesto metafórico da literatura de *Orlando*, *ela inscreve alguma coisa naquela que a deseja*[2651]*,* em suma, um sentimento quase que catastrófico-amoroso. Há, dessa forma, um enlaçar de demasiados eventos e acontecimentos, tomados enquanto metáforas, que regem tanto as vidas (o *bios*) – dado que Zeca e Silviano bem como Virginia e Vita foram, de fato, amigos/amantes na vida real-empírica – quanto suas obras que (con)fundidas[2652] corroboram a rede de traços fundamentada e aquilatada ao que estou chamando de escrevivência dos

[2649] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso,* p. 66.
[2650] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso,* p. 69, grifos do autor.
[2651] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso,* p. 69.
[2652] Cf. *Becos da memória* de Conceição Evaristo.

autores Silviano e Virginia. Em entrevista para o “Caderno de Letras da UFF”, Silviano explicita:

> Uso e abuso dos dados acontecidos que me são oferecidos pela minha experiência de vida (autobiografia) e pela experiência de vida das pessoas que conheço (biografia). *Ponho-os a trabalhar no liquidificador da prosa literária, e no processo de estilização, escorrem mil rosas roubadas*. [...] Meu narrador é um biógrafo autobiógrafo, ou vice-versa. [...] É impossível escrever uma biografia que não seja minimamente autobiográfica. Elevei a contradição entre a terceira e a primeira pessoa ao extremo. Para tal, usei o gênero romance.[2653]

Conforme o fragmento atesta, Silviano não abnega, tampouco, mascara a inserção dos dados autobiográficos em sua produção literária. Não só o seu *bios* é mote de criação artística, pois somam-se a ele, as experiências das outras vidas que o atravess(ar)am sejam essas de familiares, de amigos e/ou de amores, tal qual Ezequiel Neves fora. Todavia, essa contaminação pressupõe um processo de estilização em que um discurso é contagiado pelo outro intercambiando-se. Não se busca espelhar a vida na obra, mas estilizar uma e outra metaforizando-as pelo manejo discursivo do escritor enquanto *um mentiroso que diz sempre a verdade*[2654]. Para Silviano: “Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas [...] são as margens em constante contaminação”[2655].

No plano dessas margens em constante contaminação, também se enquadram Virginia e, por sua vez, *Orlando*. No dia 27 de outubro de 1927, a inglesa escreveu em seu diário: “Estou escrevendo Orlando em parte em um estilo burlesco bastante claro & simples, de modo que as pessoas vão entender cada palavra.”[2656] e continua “Mas o equilíbrio entre realidade e fantasia deve ser acurado. Baseia-se em Vita, Violet,

[2653] SANTIAGO. Entrevista com Silviano Santiago, p. 11-12, grifos meus.
[2654] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 178.
[2655] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 174.
[2656] WOOLF. *Os diários de Virginia Woolf,* p. 150.

Trefusis, lord Lascelles, Knole etc. Muitíssimos incidentes para registrar."[2657] Virginia estiliza sua escrevivência homo-biográfica tomando como referencial sua vivência amorosa com Vita, contudo, Orlando *é não sendo* Vita. Ele/ela é o resultado de um processo metafórico-ficcional de estilização e embaralhamento que constrói uma imagem ainda mais rica da emblemática Vita, avançando-a. Vita mostra seu contentamento com sua *suposta* biografia-romanceada:

> 'Por enquanto não consigo dizer nada a ser que estou completamente deslumbrada, extasiada, encantada, enfeitiçada. Parece-me o livro mais adorável, mais inteligente, mais rico que já li na minha vida [...] *Sinto-me como uma daquelas figuras de cera numa vitrina, sobre a qual penduram um casaco bordado de pérolas. É como estar sozinha num quarto escuro com uma arca do tesouro cheia de rubis e pepitas de ouro e brocados.* [...] Você inventou uma nova forma de narcisismo e, devo confessar, *estou apaixonada por Orlando*'[2658]

Virginia borra as fronteiras existentes não só entre vida e ficção, mas também entre autoria e narrador-biógrafo, haja vista o anonimato/apagamento do traço desse na narrativa, ainda que saibamos de todo arsenal escrevivente arrolado pela inglesa para construir o perfil da/do *Orlando* à luz de Vita. Imagino, nesse ponto de vista, que se Zeca tivesse a oportunidade de ler *Mil rosas roubadas,* como Vita fez com *Orlando*, ele concordaria com as assertivas expostas, pois também se veria enquanto a figura de cera posta em uma vitrine sobre a qual Silviano pendurou um casaco bordado de pérolas. Como Virginia expõe, *Orlando confiava apenas em seu elkhound e em uma roseira*[2659]; e é ali, naquele jardim, que Silviano rouba as rosas para construir a imagem espectral de Zeca, à semelhança na diferença de Virginia com Vita. Ou, metaforicamente, pode-se dizer que Orlando é quem rouba de Silviano as rosas para criar seu jardim de roseiras. Assim sendo, há um duplo gesto de roubos consentidos[2660], estabelecido pelo meu desejo epistêmico de crítico, através das

---

[2657] WOOLF. *Os diários de Virginia Woolf,* p. 150.
[2658] SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. *Orlando*, p. 220, grifos meus.
[2659] WOOLF. *Orlando,* p. 65.
[2660] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.

literaturas de Silviano e de Virginia. Esse gesto de *apropriação* estabelecido por mim enquanto crítico biográfico é entendido por Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação* (1996), como:

> Dizer que o espaço da escrita é relativo, variável ou em expansão, significa dizer que suas referências ou definições estão em movimento – e não apenas as variações que, como uma trajetória, se modelam em torno dessas definições – de uma obra à outra, mas ainda na própria obra. O conceito de espaço, no entanto, permanece.[2661]

Virginia e Silviano queriam, de maneira totalmente afetiva e brincalhona, no caso de *Orlando*, dar *tudo à Vita*[2662] e a Zeca por meio das suas escrevivências intercambiais entre suas vidas e ficções. É justamente o efeito de *embaralhamento entre vida (matéria-prima da biografia) e ficção, o ofuscamento*[2663], o truque do lançar de dados da literatura que constroem essas *personae* Vita/Zeca enriquecidos pelo olhar amoroso-fiel-infiel daqueles que tanto os amaram amorosa e *amanticamente*[2664]. É justamente esse triunfo dos amores homo-biográficos um dos pontos-chave de aproximações e distanciamentos entre ambas as obras: perdas que se aproximam justamente pelo que mais se diferem, pelas mortes e pelos rompimentos que as fundamentam.

Esses intercâmbios biográfico-ficcionais pontuados, a partir da perspectiva de margens que se encontram em constante contaminação, imbricam-se com o conceito de con(fusão) entre escrita e vida ou escrita e vivência postulado pela autora brasileira Conceição Evaristo, dado que: "[...] construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez [...] eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência*."[2665]. É na esteira dessa percepção somada aos bordejos

---

[2661] COMPAGNON. *O trabalho da citação*, p. 106.
[2662] TADEU. *Orlando*, p. 257.
[2663] TADEU. *Orlando*, p. 223.
[2664] O corolário conceitual acerca da amância será desenvolvido no próximo subtítulo à luz, sobremaneira, dos escritos de Jacques Derrida.
[2665] EVARISTO. *Becos da memória*, p. 09, grifo da autora.

conceituais escreviventes delineados no capítulo I e alimentada, também, em minha leitura pela crítica biográfica que abalizo minhas reflexões acerca das escrevivências de Silviano e Virginia elevadas a um *modus operandi* de produção literária com jogos de linguagens detentores de regras e procedimentos próprios.

Compreendo, dado o exposto, as literaturas de Silviano e Virginia como exercícios de viver e de escre(vi)ver do crédito[2666] que foi aberto para si constituído por redes de traços em que os conceitos norteadores desse subtítulo – nome *próprio*/assinatura – estão inseridos. A abertura desse crédito autobiográfico-metafórico-ficcional possibilita que Silviano e Virginia apropriem-se, inconscientemente ou não, da escrevivência como um modo de escrita em que predominam permutas e barganhas entre vida e obra realizadas pela inscrição de corpos, discursivos e ontológicos, que se escre(vi)vem mutuamente em um sujeito entendido, *a priori*, como unívoco; todavia, constituído, metaforicamente, de vários *eus em um tempo presente que está sempre se refazendo e se narrando*[2667].

Isso se explicita na abertura do arquivo pessoal-sensível que Silviano realiza em *Mil rosas roubadas* ao apagar seu nome *próprio*/assinatura para que Zeca assumisse a posição de protagonista de seu presente discursivo-desarquiviolítico[2668] desde a primeira linha do romance: “Perco meu biógrafo. Ninguém me conheceu melhor que ele.”[2669]. A abertura desse arquivo afetivo também ocorre com Virginia desde a dedicatória à Vita em *Orlando*, pois, desde aquele momento, (de)marca-se o traço/rastro de uma pessoa importante para a história que será narrada. Há, portanto, dois arquivos entrelaçados em minha discussão, um mineiro e um inglês, pelo crivo

[2666] DERRIDA. *Otobiografías*, p. 36.
[2667] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 35.
[2668] Cf. *Mal de arquivo* de Jacques Derrida.
[2669] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.

dos aspectos homo-biográficos e das diferentes ausências que os aquilatam. No plano da abertura desse arquivo afetivo-inglês, vejamos algumas fotografias (Figuras 62, 63, 64 e 65) de Virginia Woolf e de Vita Sackville-West:



FIGURA 62 – Virginia Woolf, fotografia reproduzida no “Pinterest”
Fonte: https://br.pinterest.com/pin/107242034847998730/



FIGURA 63 – Vita Sackville-West, fotografia reproduzida no “Pinterest”
Fonte: https://br.pinterest.com/pin/435019645241542022/



FIGURA 64 – Virginia Woolf, fotografia reproduzida no texto “A Virginia Woolf reading list: recommendations from a life of reviews and diary entries” (2019) de Jaimes Fuller
Fonte: https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/virginia-woolf-reading-list



FIGURA 65 – Vita Sackville-West, fotografia reproduzida no *blog* “Art Deco” na seção “Celebrating the 1920s and 1930s”
Fonte: https://artdecoblog.tumblr.com/post/53640355428/thevictorianlady-snapshots-of-virginia-woolf

À vista disso (Figuras 62, 63, 64 e 65), concebo que a ausência de Virginia, diferente da de Silviano ocorrida pelo evento da morte de Zeca, dá-se pelo esfriamento de sua relação com Vita o que, em determinado momento, desembocaria no fim do

relacionamento amoroso, mas, *pari passu*, no perpetuar de uma amizade para além da vida: “Estou chateada por não ter tido notícias de Vida na correspondência de hoje como na da semana passada, chateada sentimentalmente, & em parte por ser vaidosa”[2670] e continua “Vita voltou; não mudou nada, embora eu ache que nossa relação mude a cada dia.”[2671] É, portanto, em 1927, quando o relacionamento de Virginia e Vita já não é mais o mesmo, devido à uma nova paixão de Vita, que se dá a perseguição e a abertura do arquivo sensível de Virginia para iniciar a escrita de *Orlando*, o qual foi, ao mesmo, uma sutil vingança, mas também uma homenagem à mulher que tanto amou[2672].

Assim, voltando à questão do nome, para Derrida, em *Otobiografías* (2009), “[...] Nietzsche morre, como sempre, antes do seu nome”[2673]; nesse sentido, se Nietzsche morre antes de seu nome, as escrevivências de Silviano e Virginia existem para além de seus nomes, visto que *o nome próprio leva em si a morte daquele que o carrega garantindo sua vida e guardando-o de e sobre essa*[2674] além do fato de o *texto escrito supor a mortalidade dos escritores e ser indiferente à morte portando um caráter inumano de sobrevivência ao nome próprio*[2675]*.*

Dessa feita, compreendo que as escrevivências de Silviano e de Virginia suplementam as supostas faltas que o apagamento dos nomes *próprios*/assinaturas estabelecem a partir de um diálogo ao contrário do explicitado por Derrida, pois, se Silviano e Virginia não se nomeiam/assinam explicitamente como narradores metafóricos, suas escrevivências dão conta de ultrapassar esses supostos nomes

---

[2670] VIRGINIA. *Os diários de Virginia Woolf*, p. 140.
[2671] VIRGINIA. *Os diários de Virginia Woolf*, p. 143.
[2672] TADEU. *Orlando,* p. 232.
[2673] “Nietzsche muere, como siempre, antes de su nombre”. DERRIDA. *Otobiografías*, p. 70, tradução minha.
[2674] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 81.
[2675] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 48.

*próprios*/assinaturas – justiçarei o uso do “suposto” na sequência da discussão – por meio dos jogos de linguagens autobiográficos/escreviventes que se engajam em suas produções literárias. O triunfo e a queda das histórias homo-biográficas narradas se sobressaem mediante ao apagamento dos narradores de ambos os livros, visto que, do meu ponto de vista de crítico biográfico, uma história de amor/amizade/amância tem muito mais relevância do que a presença ou não de um nome *próprio* enquanto traço, que, por sua vez, é impróprio.

Em *Orlando,* deparo-me com a seguinte reflexão: “*Melhor ir-se deste mundo sem nenhum renome*, deixando atrás de si [...] um muro onde os pêssegos amadurecem, *do que arder como um meteoro e não deixar nenhum rastro*”[2676]. Dessa forma, Virginia corrobora o meu exposto, dado que os rastros deixados pelas escrevivências, os modos de (se) nomear, o vaivém da vivência ou da lembrança e o ponto do olhar do que se deixa na sombra[2677] se impõem como maior valia diante da presença ou não de nomes *próprios* ou assinaturas. O narrador de Virginia, ao se manter anônimo no exercício de se dedicar integralmente a narrar a vida de *Orlando*, ainda que de modo conservador, tira de cena seu corpo-biógrafo para dar espaço ao corpo-biografado do/da jovem Orlando. O narrador conservador expõe:

> Este método de se escrever biografia, embora tenha seus méritos, é talvez, um tanto singelo, e o leitor, se continuássemos nessa linha, poderia alegar que é capaz de recitar o calendário sozinho [...] o que pode o biógrafo fazer quando o tema de sua biografia o pôs na situação em Orlando agora nos pôs? *A vida, concordam todos cuja opinião vale a pena consultar, é o único tema apropriado para o romancista ou o biógrafo;* a vida, decidiram as mesmas autoridades, não tem nada a ver com ficar sentado sem se mexer numa cadeira, apenas pensando.[2678]

Já o narrador de *Mil rosas roubadas*, em princípio, pode não ter nome *próprio* e não se assinar como Silviano Santiago, contudo, possui um arquivo que dá conta

[2676] WOOLF. *Orlando*, p. 71, grifos meus.
[2677] ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 73.
[2678] WOOLF. *Orlando*, p. 175, grifos meus.

de suplementá-lo naquilo que ele mais faltaria, tal qual o de Virginia. Afinal, como a citação de *Orlando* expõe, *é a vida o tema apropriado para o romancista ou biógrafo*[2679] e não a necessidade do nome. Nessa visada, ao invés de se perdurar o nome *próprio*/assinatura, haja vista suas condições de traços apagáveis, prolonga-se uma escrevivência sobrevivente a um amigo-amante-morto que, ainda portadora da ausência de um nome *próprio*/assinatura, possui memórias e, por sua vez, uma história presentificada para narrar algo não apenas seu, mas, também de Zeca, e que contra-assino, como leitor e, sobretudo, pela posição de crítico biográfico assumida e delegada por mim.

Segundo Derrida, sempre se pede perdão quando se escreve[2680]. Por isso, entendo que ambos os escritores pedem perdão aos seus amados ao escre(vi)verem não apenas *sobre* eles, mas, majoritariamente, *a partir* deles permeados pela óptica da ausência e da falta latentes em seus corpos resistentes às feridas amorosas vertidas por seus corações sanguinolentos enamorados. Da mesma maneira que Silviano sobrevive infielmente à morte de seu amigo-biógrafo-amado, Virginia sobrevive, por intermédio da literatura, a não fidelidade do amor homo-biográfico de Vita. Uma passagem de *Orlando* que ilustra essa tentativa de superação e sobrevivência é justamente seu desfecho representado pelo voo do ganso selvagem simbolizando o triunfo do amor homo-biográfico que perdurou até onde foi possível sustentar-se:

> E quando Shelmerdine, agora transformado num belo comandante dos mares, robusto, saudável, alerta, saltou para o chão, por sobre sua cabeça *surgiu um solitário pássaro selvagem. 'É o ganso!', gritou Orlando. 'O ganso selvagem...'* E soou a duodécima balada da meia noite; duodécima balada da meia-noite de quinta-feira, onde de outubro de mil novecentos e vinte e oito.[2681]

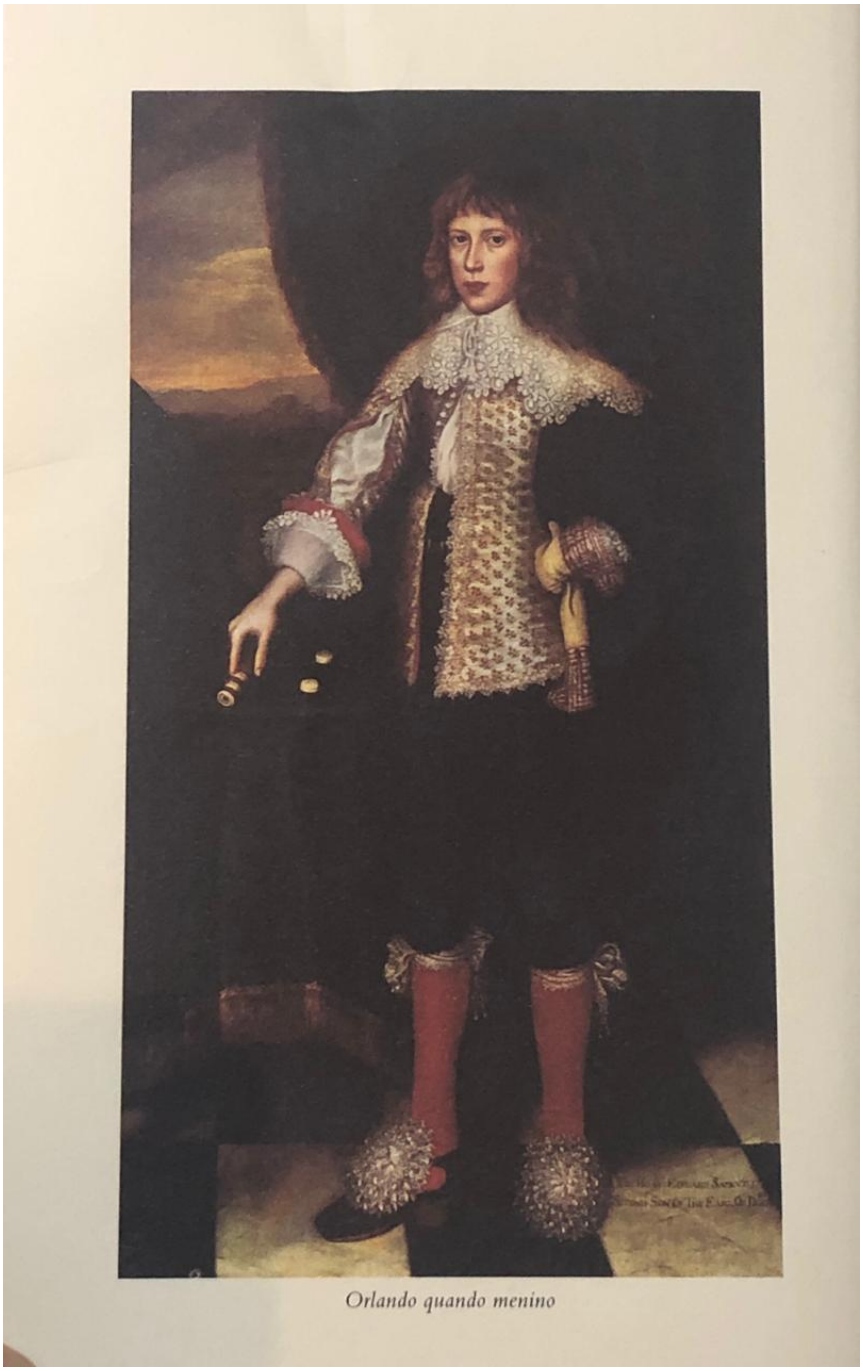
[2679] WOOLF. *Orlando*, p. 175.
[2680] DERRIDA. *Circonfissão*, p. 41.
[2681] WOOLF. *Orlando*, p. 214, grifos meus.

Para Tomaz Tadeu, comentador da obra *Orlando* na edição utilizada nesse trabalho, na esteira do estudioso Hankins, a inicial "V" do nome de ambas as mulheres ilustrava uma forte carga simbólica a qual pressuponha a ideia de um amor sáfico[2682]. Nesse sentido, o voo dos gansos selvagens (no manuscrito de *Orlando* esse evento está no plural) caracterizaria uma formação em "V" explicitando, de maneira simbólica, o triunfo do amor homo-biográfico de *Orlando* sobreposto ao amor heterossexual deslindado pelo casamento de Orlando com Shelmerdine. Diante disso, entendo que o encerramento de *Orlando*, a carta de amor à Vita, implica justamente essa leitura literário-metafórica *woolfiana* de pedir perdão a si mesma por se entregar tanto para alguém que não correspondeu à altura seus sentimentos e sua total entrega. Virginia, sob intermédio da voz do narrador-biógrafo anônimo, expõe: "Das mãos do amor ele [Orlando] sofrera as torturas dos condenados ao inferno."[2683]

Esse exercício de perdão por parte de Virginia não se dá apenas pelo desfecho de *Orlando*, mas pela maneira como a inglesa percorre a vida de Vita enquanto uma biógrafa-amante abrindo seus arquivos, tal qual no tanger às fotos utilizadas e retiradas justamente para *Orlando*[2684] reproduzidas a seguir (Figuras 66, 67, 68, 69 e 70), *seguindo atrás, de feito em feito, de glória em glória, em investidura em investidura, até atingir o ápice do seu desejo*[2685], desvelando seu perfil metafórico-escrevivente. Desse viés, no ápice do sofrimento enamorado, ainda que superado e transformado em uma amizade duradoura pós-cura das feridas amorosas, Virginia

[2682] TADEU. *Orlando*, p. 257-258.
[2683] WOOLF. *Orlando*, p. 55.
[2684] Para Tomaz Tadeu, "A inclusão de imagens estava nos planos de Virginia desde o começo da concepção do livro. Nem bem tinha começado a escrevê-lo e já recrutava Vita para guiá-la na escolha de pinturas do acervo de Knole que pudessem compor o conjunto de imagens que projetava usar em *Orlando*: 'Tenho que ir vê-la, nem que seja apenas para escolher pinturas. Preciso de uma pintura de um ancestral jovem dos Sackville.... e outra, de uma ancestral jovem. Por favor, ponha seus préstimos a serviço de meus planos' (carta a Vita, 14 de outubro de 1927)". WOOLF *apud* TADEU. Sobre as ilustrações, p. 261.
[2685] WOOLF. *Orlando*, p. 12.

exclama: "'Pois, promíscua, é o que você é, e isso é tudo o que pode ser dito a seu respeito.'"[2686] A nível de ilustração no tocante à edição de *Orlando* (Editora Autêntica, 2017) utilizada nesse subtítulo, vejamos algumas das fotos reproduzidas (Figuras 66, 67, 68, 69 e 70) e até mesmo encenadas para serem corpo/material biográfico da biografia-romance ou carta de amor de Virginia Woolf dedicada à Vita Sackville-West:



*Orlando quando menino*

[2686] WOOLF *apud* TADEU. *Orlando*, p. 259.

FIGURA 66 – Orlando quando menino. Pintura do honorável Edward Sackville. Pintura a óleo, por Cornelius Nuie, 1637. (Com autorização de lord Robert Sackville-West. Fotografia de Alex Saunderson). Pintura localizada na mansão Knole[2687]
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

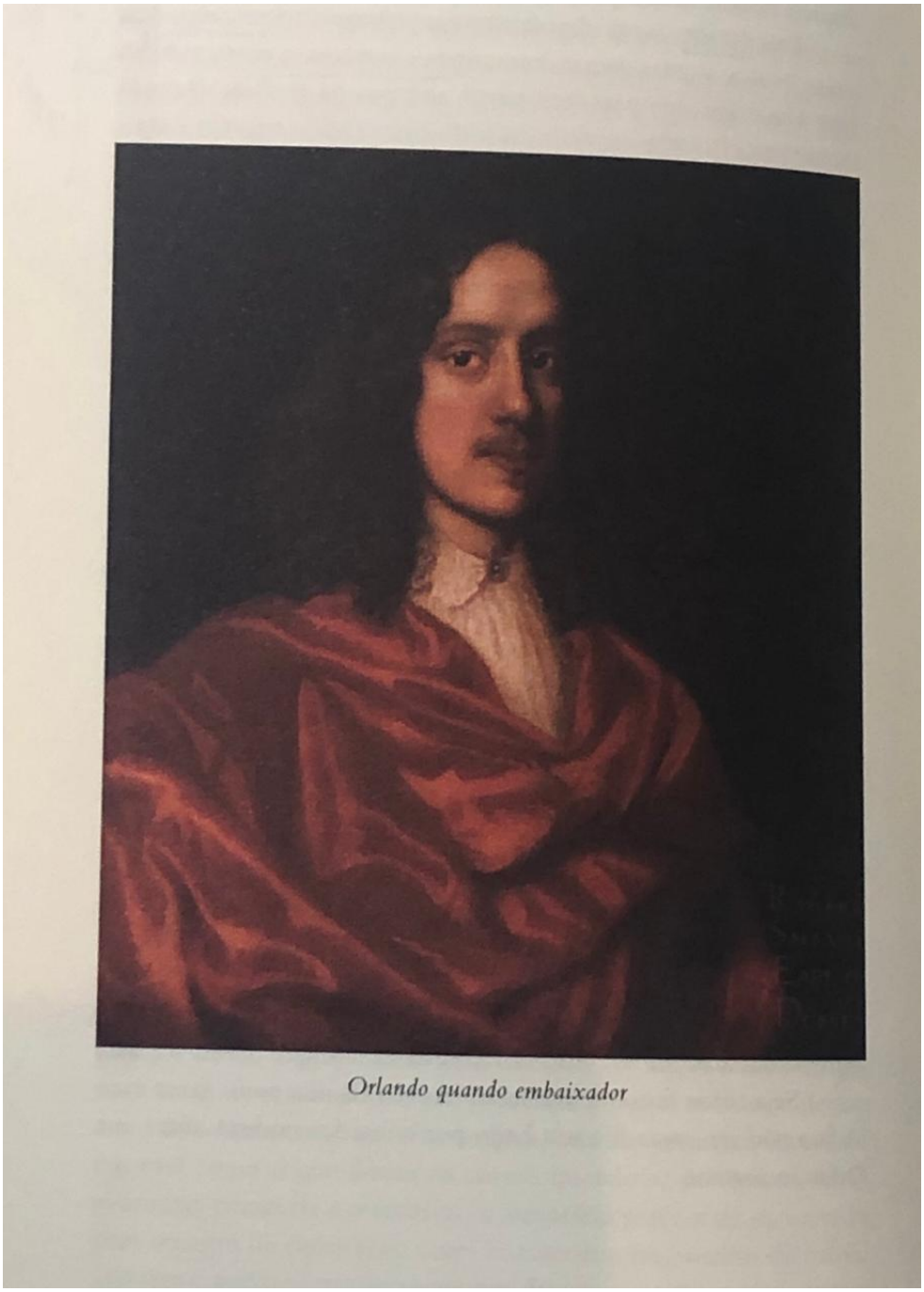



FIGURA 67 – Orlando quando embaixador. Richard Sackville, 5º conde de Dorset. Pintura a óleo por Robert Walter, 1552-1559 (com autorização de lorde Robert Sackville-West e do National Trust. Fotografia de Alex Saunderson)[2688]
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

[2687] Cf. “Créditos das ilustrações” disponível no livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica.
[2688] Cf. “Créditos das ilustrações” disponível no livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica.




FIGURA 68 – Orlando quando do regresso à Inglaterra. Vita Sackville-West[2689]. Fotografada por Lenare, 2 de novembro de 1927 (scaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928)[2690]
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

[2689] "Em 2 de novembro de 1927, Virginia Levou Vita ao estúdio fotográfico Lenare (fundado em 1924 por Leonard Green) para uma sessão de fotos destinadas a *Orlando* [...] 'Senti-me horrível', diz Vita em carta ao marido, 'vestida numa peça inadequada de cetim rosa, com todas as minhas roupas caindo... mas V. estava feliz, o tempo todo se metendo embaixo do pano escuro da câmera para conferir o resultado". SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. Sobre as ilustrações, p. 261-262.

[2690] Cf. "Créditos das ilustrações" disponível no livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica.




FIGURA 69 – Orlando por volta de 1840. Vita Sackville-West[2691]. Fotografada por Vanessa Bell e Duncan Grant, 14 de novembro de 1927 (scaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928)[2692]
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

[2691] "Com receio de que as fotografias feitas no estúdio Lenare pudessem não ser aproveitadas, Virginia, para garantir, marcou uma outra sessão de fotos, desta vez a cargo de Vanessa, a irmã, e Duncan Grant (até então vivendo com Vanessa) [...] parece ter sido divertido, mais para Virginia do que para Vita, que se sentiu uma 'infeliz vítima': 'Fizeram-me sentar dentro de uma imensa moldura enquanto não paravam de tirar fotografias e Virginia ficava sentada lendo e comentando todas as notas de falecimento no *Times* daquele dia fazendo todo mundo rir.' (carta de Vita a Harold, 16 de novembro de 1927, citada por Hermione Lee, *Virginia*)." SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. Sobre as ilustrações, p. 262.

[2692] Cf. "Créditos das ilustrações" disponível no livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica.

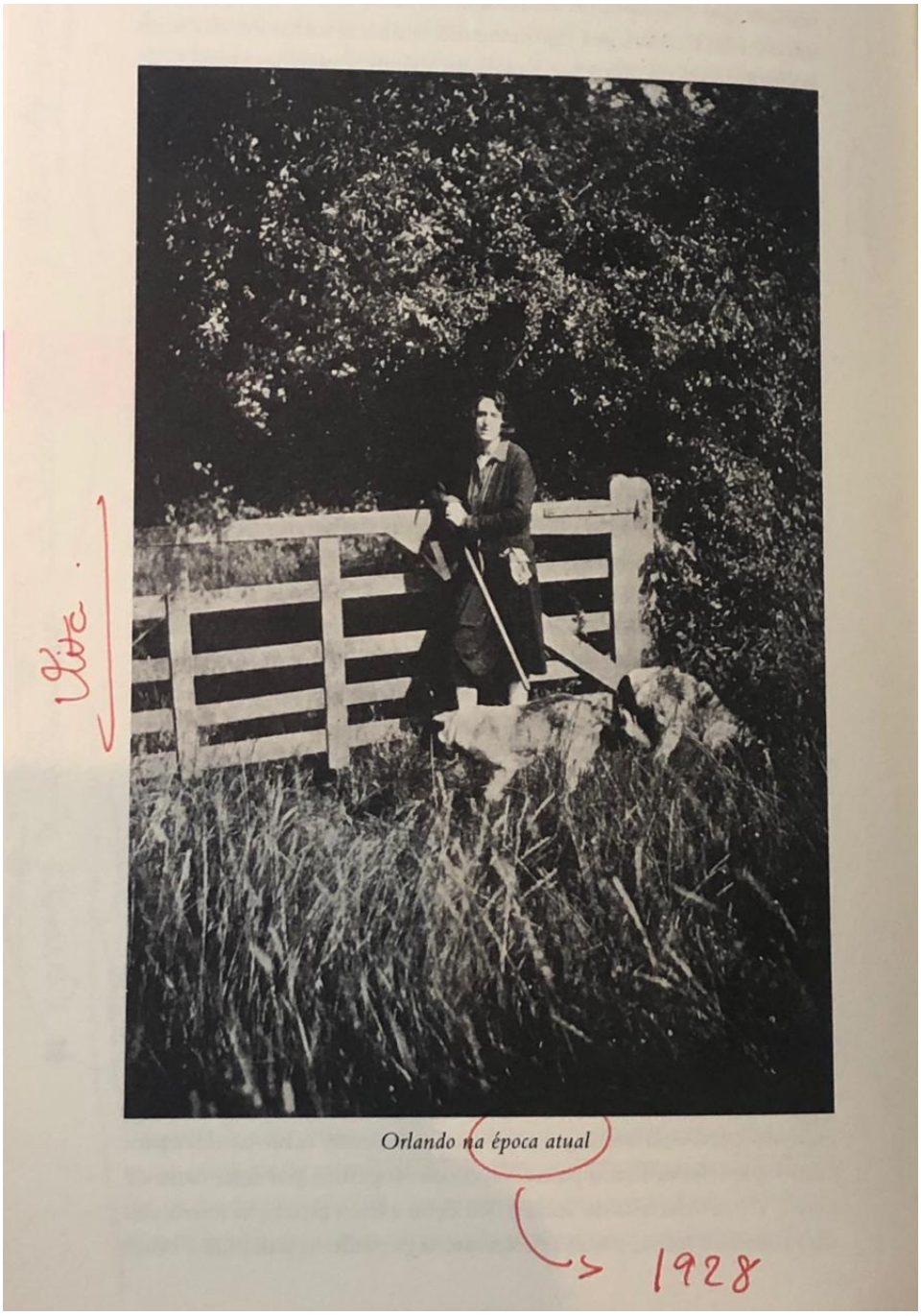



FIGURA 70 – Orlando na época atual (1928). Vita Sackville-West[2693] em Long Barn. Fotografia atribuída a Leonard Woolf, 29 abril de 1928 (escaneada da primeira edição de *Orlando*, Hogarth Press, 1928)[2694]
Fonte: livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica

[2693] "Em 27 de abril de 1928, Virginia escreve a Vita para dizer que precisava de mais uma fotografia dela para o livro (a última imagem do livro): 'Queria perguntar se seria conveniente para você se passássemos por sua casa no domingo [29 de abril] na nossa viagem de volta; em Long Barn [a casa de Vita em Sevenoaks]. Tornou-se agora essencial ter uma fotografia de Orlando em roupas rurais, num bosque, para a imagem final. Se você tiver filmes e uma câmera, acho que Leonard pode fotografá-la." WOOLF *apud* TADEU. Sobre as ilustrações, p. 262.
[2694] Cf. "Créditos das ilustrações" disponível no livro *Orlando*: uma biografia (2017) publicado pela Editora Autêntica.

À baila do exposto no que tange *as personae* de Vita metaforizada em *Orlando* (Figuras 66, 67, 68, 69 e 70), entrevejo que a relação amorosa/afetiva entre Virginia e Vita, a qual desembocaria em uma tentativa de (auto)perdão de Virginia, já se delineava há um ano antes da publicação da biografia *Orlando*. Essa informação, ainda que recalcada como demonstra o fragmento a seguir, pode ser recuperada pela carta de Vita endereçada ao marido Harold Nicolson "Por favor, não pense que a) Eu me apaixonarei por Virginia b) Virginia se apaixonará por mim."[2695]. Naquele momento, "[...] o relacionamento entre elas era baseado principalmente em companheirismo, e numa profunda afeição."[2696] Para a biógrafa Alexandra Lemasson, *Orlando* é: "[...] uma carta de amor a [sic.] Vita, cuja existência tumultuada a romancista sente prazer em transpor. Virginia multiplica os registros e as atividades [...]"[2697].

Virginia (sobre)viveu, portanto, do triunfo à queda amorosa com Vita Sackville-West, a qual, ressalvadas todas as celeumas, originou *Orlando*, bem como o que Silviano escre(vi)veu com/a partir de Zeca deu existência às *Mil rosas roubadas* que hoje, pela posição de crítico biográfico que ocupo, usurpo para mim a fim de tentar também tamponar minhas ausências e lacunas sensíveis-amorosas-epistêmicas. Dessa forma, voltando meu olhar para as *Mil rosas roubadas*, compreendo que Silviano (tenta) se retira(r) da cena discursivo-literária ao apagar seu nome *próprio*/assinatura abrindo brecha para uma interpretação que explicite um modo de (con)viver com a melancolia por sobreviver à morte de Zeca, uma vez que sobreviver à morte de alguém *é um ato de infidelidade e de traição*[2698].

[2695] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS*. As mulheres de Virginia Woolf*, p. 181.
[2696] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 182.
[2697] LEMASSON. *Virginia Woolf*, p. 47.
[2698] MÁRAI. *As brasas*, p. 161.

De acordo com Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1988), a ausência bem suportada não passa de um esquecimento facultado por um momento de infidelidade, essa seria a condição para sobreviver[2699]. Sem essa viabilidade de existência pós-morte de um ente próximo, o enamorado morreria. Assim, para Silviano sobreviver a Zeca, fez-se necessário um gesto de fidelidade infiel, de uma presença na ausência, para que o mineiro pudesse viver em *memória do seu outro*[2700]:

> Seja porta-voz dele! Seja nosso porta-voz! – disse a mim sob a forma escamoteada de consciência inesperadamente culpada e em busca de salvação eterna para a vida, para nossas duas vidas. A incumbência assumida te espera. O compromisso na hora da morte terá de ser cumprido. Custe o que custar. Você (continuava a conversar comigo) não conseguiu coletar pelas memórias todos os detalhes referentes ao último dia de vida de Zeca no Hospital São Vicente? [...] *abro na minha memória o arquivo das suas próprias frases*.[2701]

Nesse ínterim, para Martin Heidegger, "Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra."[2702]. Desse modo, ainda que Silviano e Virginia, tomados pela *dor da perda enquanto uma articulação do rasgo e do dilaceramento* de si[2703], tentem se reservar discursivo-literariamente em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando* apagando seus nomes *próprios*/assinaturas, suas escrevivências escoltadas pela morte de Zeca e pelo rompimento com Vita se impõem como o próprio nome, pois gritam mesmo no silêncio. Para Derrida, *a morte é o nome*[2704]. À vista disso, vou além: a morte não apenas é o nome, mas o fenômeno que, metaforicamente, rouba as mil rosas de Silviano colaborando com o apagamento dos traços que constituem o nome *próprio*/assinatura do escritor mineiro. Ainda nessa perspectiva da morte como nome, é ela, também, que rouba o nome de Virginia enquanto narradora-biógrafa de

---

[2699] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 28.
[2700] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 119.
[2701] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 58-59, grifos meus.
[2702] HEIDEGGER. A *caminho da linguagem*, p. 07.
[2703] HEIDEGGER. *A caminho da linguagem*, p. 21.
[2704] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 21.

*Orlando*/Vita, dado que dar fim à uma relação amorosa de uma vida é também uma forma de morrer.

Nesse prisma, faço menção à ideia dos jogos de linguagens para pensá-los com base na proposta de que: "O termo 'jogo de linguagem' deve salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou *de uma forma de vida*"[2705]. Para além dos jogos de linguagens como uma forma de vida, compreendo-os, também, como sistemas necessários para as escritas das vidas, essencialmente, no que tenho chamado de escrevivência. Dentre os exemplos citados por Wittgenstein, há o ato de relatar e conjecturar sobre um acontecimento além da invenção e leitura de histórias[2706].

Isso posto, ao me indagar acerca dos jogos de linguagens estabelecidos por Silviano no romance *Mil rosas roubadas* e Virginia em *Orlando*, entendo que afora o crédito aberto pelo mineiro e pela inglesa para si em suas literaturas, outro possível caminho que se delineia nesses cenários é a constituição de redes de traços – em que o nome *próprio*/assinatura estão imersos – aquilatando suas escrevivências para relatar, conjecturar, inventar suas próprias histórias disseminadas e contaminas pela tessituras biográfico-literárias. Derrida, em "Freud e a cena da escritura" (2014), compreende que:

> [...] não há vida *primeiro* presente que viria em *seguida* a proteger-se, a adiar-se, a reservar-se [...] *É preciso pensar a vida como traço antes de determinar o ser como presença. É a única condição para poder dizer que a vida é morte*, que a repetição e o para além do princípio de prazer são originários e congenitais àquilo mesmo que transgridem.[2707]

Sob a égide do pensamento derridiano que compreende a vida como um traço, soma-se a reflexão de que só há traços, *pois todo traço é sempre traço de um outro*

[2705] WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*, p. 35, grifos meus.
[2706] WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*, p. 35.
[2707] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 289-290, grifos meus.

*traço*[2708]. Esses, encadeados, formam uma *rede de traços* a partir da correlação entre linguagem, mundo e experiência[2709] que fomenta o delinear de escrevivências por meio das práticas de inscrições e desaparições mútuas. Nesse viés, os elementos que as constituem, como o nome *próprio*/assinatura, não se fundamentam exclusivamente naquilo que é presente, mas também, no que se apaga e, por consequência, ausenta-se[2710].

Diante disso, ressalta-se que os traços: "[...] não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período de sua desaparição. [...] são constituídos pela dupla força de repetição e de desaparição, de legibilidade e ilegibilidade."[2711]. Assim, em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando*, há um traço de nome *próprio*/assinatura que assina a capa do romance por Silviano Santiago e da biografia por Virginia Woolf; todavia, isso se apaga nos corpos das narrativas biográfico-ficcionais devido à desestabilização das presenças e das ausências instaurada pelos traços. Interpretar o nome *próprio*/assinatura contidos na capa do livro como uma possibilidade de inter-relação entre vida/obra e autor/narrador dá-se tanto pelo crédito autobiográfico escrevivente aberto pelos escritores quanto pela epistemologia crítica biográfica que me respaldo para estabelecer tais pontes metafóricas.

É preciso dar conta da escrita como traço sobrevivendo ao presente[2712], posto que ele se apaga por *um só golpe*[2713]*.* O traço é a própria desaparição de si em razão de se constituir pela própria ameaça de sua desaparição irremediável[2714]. Consequentemente, entendo que não é possível que um traço seja indestrutível, pois

[2708] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 60.
[2709] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 84.
[2710] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 60.
[2711] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 331.
[2712] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 328.
[2713] AMARAL. Sobre a memória em Jacques Derrida, p. 31.
[2714] DERRIDA. Freud e a cena da escritura, p. 336.

a possibilidade de desaparição é um dos elementos que o compõe enquanto tal. Uma rede de traços pressupõe elementos que aparecem-desaparecem mutuamente fundamentando presenças nas supostas ausências – a questão do nome *próprio*/assinatura em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando*, por exemplo. Portanto, se o traço é facilmente apagável e suscetível à desaparição, como confiar na estabilidade do nome dito *próprio*/na assinatura tendo em vista suas dimensões na qualidade de traços de uma escrevivência, indago-me. Bennington, justificando meus usos de "suposto" e do itálico ao me referir ao "nome próprio", afirma:

> [...] *não existe nome próprio*. Isso a que denominamos através do *nome comum genérico de "nome próprio"* deve de fato funcionar, ele também, em um sistema de diferenças: este ou aquele nome próprio de preferência a um outro designa este ou aquele indivíduo de preferência a um outro e portanto se encontra marcado pelo traço desses outros [...][2715]

Ainda de acordo com a passagem aposta, para que, de fato, o nome fosse próprio, haveria de existir apenas um único nome próprio e não demasiados nomes *próprios*[2716] perpassados pela ideia de traços apagáveis. O nome próprio, segundo Bennington[2717], deveria contemplar a passagem segura entre linguagem e mundo já que indicaria um indivíduo concreto e sem ambiguidades. Todavia, o sistema da língua aquilata-se em formatações de diferenças e de traços que descaracterizam essa possível "segurança" do nome próprio. Desse modo, o que intitulamos de nome *próprio* já é impróprio por excelência, pois apaga o próprio prometido, para Derrida, "– Salvo o nome que não nomeia nada que afirma [...]"[2718].

A presença ou não do nome *próprio*/assinatura dos narradores de *Mil rosas roubadas* e *Orlando* não prejudica as narrativas levando em consideração que as escrevivências de Silviano e Virginia ultrapassam tal apagamento. Perduram-se

[2715] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 80, grifos meus.
[2716] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 80.
[2717] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 79-80.
[2718] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 37.

histórias de amor/amizade/amância, biográfico-ficcionais, de sobrevivência a alguém que se am(ou/a). O que emerge desse evento são questionamentos sobre as possíveis razões, como as que venho tecendo nesse subtítulo, que levaram Silviano e Virginia a adotarem tal prática julgando pelo caráter altamente autobiográfico que suas produções literárias sempre contiveram como um *modus operandi* de escre(vi)ver.

O nome *próprio* despropria, desapropria, expropria[2719] e sua falta enquanto traço convoca não exclusivamente uma ausência, mas um olhar *outro* para a narrativa que se delineia. A princípio, é ali onde Silviano e Virginia mais perderiam ao afastarem-se e apagarem-se em virtude da tentativa de perdão às sobrevivências pós-Zeca e pós-Vita onde se presentificam as ausências estabelecendo um ganho biográfico-literário nas escrevivência das rosas e do enamoramento roubados pela morte, não só física (Zeca), mas, também, metafórica (Vita). Escre(vi)ver é um jogo que, dentre suas regras, encontram-se *repetições, ausências, riscos de perdas, mortes*[2720], lembranças e esquecimentos. À vista disso, *Mil rosas roubadas* e *Orlando*, no tocante aos riscos do esquecimento e da perda, elucidam:

> Ao recuperar o passado que é fruto da investigação detetivesca, a veracidade, produto do conhecimento factual, se soma à lenta e paciente acumulação do saber pela vivência. Com a ajuda dos holofotes da obsessão profissional, amarro a veracidade da descoberta ao saber vivido e me julgo capaz de reconstituir situações idas e vividas por nós dois – e apressada ou grosseiramente tidas como já esquecidas, ou a meio caminho do esquecimento definitivo.[2721]
>
> Onde há sangue, há vida. [...] Se ao menos os biografados, podemos nos queixar (pois nossa paciência está se esgotando), tivessem mais considerações para com seus biógrafos! *O que pode haver de mais irritante do que ver o objeto de nossa biografia, no qual esbanjamos tanto tempo e esforço, escorrendo-nos inteiramente das mãos e entregando-se a seus desejos* – vejam seus suspiros e arquejos, seu rubor ou sua palidez, seus olhos, ora brilhantes como lâmpadas, ora desmaiados como o raiar do dia; o que pode haver de mais humilhante do que ver todo este espetáculo mudo de emoção e arrebatamento se desenrolar diante de nossos olhos quando

[2719] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 81.
[2720] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 43.
[2721] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 78.

> sabemos que aquilo que o causa – pensamento e imaginação – não tem a menor importância?[2722]

Silviano e Virginia, à semelhança de Derrida[2723], são (não) nomes cauterizados que ganham na história ao perder nos nomes, esses, como já expus, são impróprios e genéricos. O mineiro se cauteriza ao ser queimado pela dor da perda do amigo-amado e ter que infielmente sobreviver a ele, mesmo que com rastros, marcas e cicatrizes em seu corpo antes de biografado e, pós-Zeca, de (auto)biógrafo. Virginia é cauterizada pelo escorrer de Vita por suas mãos, a qual ela dedicou tanto tempo e esforço, como o biógrafo-narrador-anônimo de *Orlando* explicita. Nesse sentido, ainda alicerçado por Derrida, entendo que é necessário ir: "Lá, para o nome, para além do nome no nome."[2724].

O que resta, *grosso modo*, para Silviano, é o espectro presentificado discursivo-metaforicamente de Zeca em seu exercício (des)arquiviolítico de escrevivência-sobrevivência na tentativa de biografar-romanceando e/ou romancear-biografando Zeca e si mesmo mutuamente. Para Virginia, resta o (auto)perdão e as lembranças de um amor homo-biográfico vivido à última potência conquistados pela metaforização de Vita em *Orlando* na tessitura escrevivente literária. O nome é só um nome, jamais um fim em si mesmo, ele é tudo exceto aquilo que ele objetiva e atinge[2725].

Sendo assim, Silviano e Vita transgridem os limites nomeadores da língua[2726] e avançam o nome deixando que suas escrevivências se sobressaiam para além de nomeações genéricas e limitadoras. O não se nomear convoca um gesto de metaforização em que os eus empíricos de Silviano e Virginia se conjugam à morte como nome e aos seus eus discursivo-literários fundamentando uma escrevivência

[2722] WOOLF. *Orlando*, p. 176, grifos meus.
[2723] DERRIDA. *Circonfissão*, p. 39.
[2724] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 42.
[2725] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 45.
[2726] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 43.

pulsante e latente. O nome nunca será o fim em si mesmo, dado que sua característica de traço presentificando ausências e apagamentos não o sustenta nem como origem nem como fim[2727].

Assim, dado o exposto a partir das relações entre nome *próprio*/assinatura, traços e escrevivência em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando*, pontuo que vim utilizando os conceitos de nome próprio e assinatura quase como sinonímias por uma questão de ordem pragmática de escrita. Entretanto, ainda que suas conceituações sejam próximas nas ponderações de Bennington e Derrida, há uma diferença que julgo necessária debruçar-me. A assinatura: "[...] é precisamente o que a distingue do nome próprio em geral, [ela] tenta recuperar o próprio que vimos desapropriar-se logo no nome."[2728]. Além disso:

> O eu-aqui-agora implicado em toda enunciação, e perdido no escrito, é a princípio recuperado na assinatura que se opõe ao texto. *O ato de assinar, que não se reduz à simples inscrição de seu nome próprio [...], esforça-se por um rodeio suplementar, em reapropriar a propriedade já perdida no nome mesmo.*[2729]

A assinatura, portanto, configura-se como uma *promessa de memória, de porvir e, logo, de repetição*[2730]*,* visto que mesmo buscando recuperar aquilo que se perde de próprio do nome, ela ainda está imersa nessa rede de traços que se apagam/inscrevendo ao endossarem o que chamo de escrevivência. O romance *Mil rosas roubadas* e a biografia *Orlando* são assinados por Silviano Santiago e por Virginia Woolf em suas respectivas capas, o que conclama uma contra-assinatura da recepção (leitores e críticos); mas, *pari passu*, projetam-se desprovidos e apagados no que tange aos nomes *próprios* e assinaturas dos seus respectivos narradores –

[2727] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 86.
[2728] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 108.
[2729] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 108, grifos meus.
[2730] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 115.

ainda que, metaforicamente, eles possam ser interpretados como *personae* ficcionais dos próprios Silviano e Virginia.

Posto isso, as diversas possibilidades de interpretações e conceituações propiciadas pela leitura como uma relação de assinatura/contra-assinatura[2731] permitem-me avançar a discussão teórico-epistêmica nas obras discutidas invertendo suas lógicas das ausências as presentificando em presenças. Para mim, a falta dos nomes *próprios* e as não assinaturas de Silviano e Virginia enquanto narradores é o que, de fato, caracteriza seus nomes. O apagamento dos nomes *próprios* e das assinaturas é, nessa perspectiva, os (próprios) nomes *próprios* e as (próprias) assinaturas de Silviano Santiago e de Virginia Woolf inscritos em escrevivências compostas por traços e sobreviventes de maneira infiel ao ardor da morte, empírica ou metafórica, de quem se amou tanto no nível da vida quanto da obra/ficção deslindadas por ausências, faltas e apagamentos.

[2731] BENNINGTON. *Derridabase*, p. 117.

## 3.4 – *Ninguém tem vontade de falar de amor se não for para alguém*: Silviano é Virginia, Zeca é Vita

> Ninguém tem vontade de falar de amor, se não for *para* alguém.
>
> BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 65.
>
> *O biografema nunca é uma verdade objetiva* [...] é o detalhe insignificante, fosco; a narrativa e a personagem no grau zero, meras virtualidades de significação. Por seu aspecto sensual, *o biografema convida o leitor a fantasmar*; *a compor, com esses fragmentos, um outro texto que é, ao mesmo tempo, do autor amado e dele mesmo – leitor.*
>
> PERRONE-MOISÉS. *Roland Barthes*, p. 15, grifos meus.
>
> A crítica biográfica praticada por mim [...] possibilitou a revisão das associações entre arte/vida, teoria/ficção e teoria/vida. A congruência/separação entre os dois polos se explica pelo gesto de estar a relação comandada pelo sentimento ético promovido pela experiência vivenciada tanto na prática teórica quanto vital.
>
> SOUZA. Teorizar é metaforizar, p. 223.

É possibilitado e alicerçado pelas revisões entre as dualidades extensivamente replicadas e reiteradas (vida/obra, teoria/ficção, teoria/vida) pela crítica literária tradicional que me insiro no mundo da linguagem a partir da fundamentação epistemológica crítico-biográfica debruçando-me sobre as minhas *Mil rosas roubadas* (2014) de Silviano e sobre a biografia-romance *Orlando* (2017) de Virginia Woolf. Primo, essencialmente, pela retomada crítico-metafórica da figura do escritor[2732] e pela inserção do intelectual no texto teórico[2733], uma vez que, partindo do lócus teórico de onde me situo e escre(vi)vo, um texto não se origina a partir de um sujeito apagado/ausente/inexistente desprovido das suas sensibilidades e dos seus afetos. Pelo contrário, emerge de um intelectual que integra tanto a realidade empírica[2734] quanto a discursivo-crítica que ele *fantasma* metaforicamente – à luz da epígrafe de Leyla Perrone-Moisés atravessada por Roland Barthes – em suas leituras e discussões.

---

[2732] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 29.
[2733] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 35.
[2734] Uso a palavra “empírica” para me referir à realidade concreta em que estão inseridos os sujeitos de carne e osso, dado que neste texto trabalho com duas realidades que, metaforicamente, se entrelaçam pelo crivo da crítica biográfica: a empírica e a discursiva.

Há um gesto de metaforização das realidades empíricas e discursivas que antecede toda e qualquer formulação estabelecida por mim com base no lugar epistêmico de crítico biográfico o qual venho construindo há anos, especificamente, desde os idos de 2017 quando, ainda na Iniciação Científica, roubei as mil rosas do meu mineiro. Como as epígrafes corroboram, minhas discussões asseguram um lócus de enunciação epistêmico em que há o preponderar das questões pertinentes à vida, isso é, ao *bios* dos indivíduos envolvidos no desenvolvimento de saberes epistemológico-literários (Silviano/Virginia/Pedro/Zeca/Vita). Esses, por sua vez, constroem-se pela inter-relação entre vida, obra, cultura, sensibilidades, afetos, perdas, amores, amizades e amâncias.

Dessa forma, ensejo refletir sobre/a partir (d)as lógicas social-afetivas *outras* que *Mil rosas roubadas* e *Orlando* aquilatam ao me deter na relação, empírica e discursivo-literária, de Silviano Santiago, Ezequiel Neves, Virginia Woolf e Vita Sackville-West. *Grosso modo*, chamo essas relações de *outras*, haja vista a quase diluição das fronteiras entre o amor e a amizade na convivência entre seus envolvidos o que, na esteira de Jacques Derrida, entendo por *amância*[2735]. Dentre os conceitos utilizados para engendrar minha discussão, nortearei-me, sobretudo, pelos biografemas, pelo trânsito entre o discurso amoroso e a amizade além de, por fim, utilizar-me da amância justamente como um modo dessa relação a qual conclamo de *outra*.

Isso posto, ressalto que ainda que Barthes e Derrida não sejam críticos biográficos*, diante da abertura teórica instaurada pelas abordagens contemporâneas ocasionando o enfraquecimento dos limites disciplinares*[2736], trago-os à baila inserindo-

[2735] Cf. *Políticas da Amizade* de Jacques Derrida.
[2736] SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.

os em um universo de linguagem em que as fronteiras disciplinares entre os conhecimentos não se mantêm estabilizadas ocasionando diálogos epistêmicos que só avançam as discussões críticas propostas. Assim, entrevejo, portanto, a importância de se discutir novas formas de relacionamentos, extrínsecas às formalmente conhecidas como o matrimônio e a família operando modos *outros* de existência. Tal qual Silviano menciona em entrevista, *literatura,* para ele, *é ruptura, vida, fragmentos*[2737]. À vista disso, Francisco Ortega empreende, segundo os postulados de Michel Foucault, esse entendimento das convivências para além do que já se tem posto e esgotado na sociedade enquanto:

> [...] Um pensamento [...] que tenta introduzir movimento e fantasia nas *deterioradas e rígidas relações sociais.* Foucault pretende mostrar com sua reabilitação da amizade como as *formas possíveis de vida em comum em nossa sociedade não se esgotam na família e no matrimônio. É possível criar novas formas de existência produtoras de uma intensidade e de um prazer especiais*. Aqui reside o desafio de uma reflexão sobre a amizade como a de Michel Foucault.[2738]

É contra essa rigidez das relações sociais, aposta no discurso de Ortega, que *Mil rosas roubadas* se interpõem como um romance *amântico* entre dois rapazes que (con)vivem juntos e *compartilham intensidades e prazeres especiais*[2739] até a morte de um deles (Zeca) cindido por um tumor cerebral intitulado de “Toninho”. Ainda para Ortega, a amizade (e estendo essa reflexão à amância) explicita a possibilidade de utilização dos espaços públicos para experimentar as demasiadas multiplicidades (a redundância se faz proposital) de *formas de vidas possíveis*[2740] ilustradas por uma forma *outra* de existência: a homossexual que, *sub judice* do lócus discursivo-metafórico-literário o qual me assento, intitulo de homo-biográfica. Alicerço-me de uma política da homoafetividade[2741] para buscar alianças que se projetem contra espaços

[2737] SANTIAGO. ‘Literatura, para mim, é ruptura, s/p.
[2738] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 172.
[2739] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 172.
[2740] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 158.
[2741] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 38.

de sociabilidade homofóbicos, ao passo que reflito, ao mesmo tempo, sobre esses espaços e nas numerosas relações entre homens, mulheres, amigos(as) e amantes.

Ainda no tocante ao fragmento de Ortega reproduzido acima, compreendo que *Orlando* de Virginia Woolf descortina, *pari passu* ao romance de Silviano, políticas *outras* de homoafetividades. Isso se dá, pois, como já explicitado no subtítulo anterior, a biografia-romance da escritora inglesa projeta-se enquanto uma maneira de Virginia lidar com a falta de ressonância amorosa por parte de Vita Sackville-West. Virginia não mantém exclusivo seu horizonte relacional ao matrimônio com Leonard Woolf, pelo reverso, incute uma abertura das possibilidades afetivas, amorosa e amânticas ao amigar-se/apaixonar-se por Vita, mesmo estando em um casamento heterossexual. A inglesa criou uma forma *outra* de *existência produtora de intensidades e prazeres especiais*[2742] com Vita a qual não encontrava com Leonard. Mesmo assim, seu marido não se incomodava com a forma de vida *outra* experenciada por Virginia, tal qual percebe-se em seu diário: "[...] uma grande chatice para Leonard, mas que não chega ao ponto de o afligir. A verdade é que há lugar para muitas relações."[2743]. Ademais, Leonard "[...] não viu um grande dano nessa amizade, raramente a questionou e, com o tempo, percebeu o efeito positivo de Vita na saúde, na vitalidade e na produção criativa de Virginia."[2744].

Por isso, angariado pela crítica biográfica e pelos estudos já citados, busco pensar excetuando as *fronteiras ulteriores postas entre o amor e a amizade, entre a voz passiva e a voz ativa, entre o amar e o ser-amado*[2745], onde se encontra, ali, no interstício quase insignificante e fosco, a amância. Articulada, na minha leitura

[2742] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 172.
[2743] WOOLF. *Diário 1915-1926,* p. 460.
[2744] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 182.
[2745] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21.

emergente de uma teoria do *bios*, pelos biografemas de Roland Barthes os quais me ajudam a interpretar a literatura além de seus limites rígidos, intrínsecos e excludentes, pois, ao inverso da lógica canônica e tradicionalista dos estudos literários conservadores, englobo em meu fazer epistêmico as complexas relações entre obra/autor/vida/pesquisador estabelecendo pontes metafóricas entre as vidas, os fatos e a ficção[2746]. Isso significa dizer que considero os dados factuais ou ficcionais como metáforas sem que os desvie da "verdade factual"[2747] empírica. À vista disso, corroborando o exposto, Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas* (2011) reitera:

> Essa crítica não se concentra, contudo, apenas em obras de teor biográfico ou memorialista [...] Nas entrelinhas dos textos consegue-se encontrar indícios biográficos que independem da vontade ou propósito do autor. *Por essa razão, o referencial é deslocado, por não se impor como verdade factual.* [...] *os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida. O importante nessa relação é considerar os acontecimentos como moeda de troca da ficção, uma vez que não se trata de converter o ficcional em real, mas em considerá-los como cara e coroa dessa moeda ficcional.*[2748]

> Se a febre biográfica atingiu vários setores da vida cultural, são evidentes as causas de suas expansões pelos discursos das minorias, *redefinidores de identidades e de lugares políticos*. As reinvindicações não se limitavam a substituir o emprego de pronomes pessoais, a terceira pela primeira pessoa, mas em deslocar o papel dos mediadores culturais, porta-vozes do outro.[2749]

Portanto, espera-se delinear, pelo crivo do referencial epistemológico e dos conceitos norteadores expostos, leituras *amânticas* entre Silviano e Zeca, Virginia e Vita, perpassadas pela minha declaração epistêmico-amorosa de crítico biográfico no plano das inter-relações metafórico-biográficas entre a amância, os discursos sobre o amor e sobre a amizade. Ainda que mesmo assim exista uma consciência em mim, fiel/infiel, que me faça saber que *sempre ficará algo dessa[s] vida[s] que permanecerá ausente*[2750] do meu conhecimento e alheio aos domínios que busco apropriar-me. Busco saber o que quero e preciso sobre as vidas que são não sendo minhas, de

[2746] SOUZA. *Crítica cult*, p. 111.
[2747] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.
[2748] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 21, grifos meus.
[2749] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 31, grifos meus.
[2750] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 40.

modo que, ainda sim, o discurso epistêmico escape-me, à revelia, facultando-me o desejo transferencial de *sempre ir além, para o nome, para além do nome, para o que resta do nome*, como deslinda Derrida[2751].

[2751] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 42.

### 3.4.1. – Amores, amizades e amâncias para além da(s) vida(s): navegamos e escre(vi)vemos tendo como bússola o coração

> Silviano Santiago sempre vai me ensinar a amar a vida. Ele é sábio e esperto. Nem parece mineiro de Formiga.
>
> NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 21.
>
> *Orlando* uniu as duas mulheres [Virginia e Vita] para o resto da vida. Embora seu ardor inicial tivesse esfriado depois de dois anos, Vita permaneceu uma amiga íntima, e Virginia ansiou por sua companhia até o fim.
>
> CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 30.
>
> Estamos destinados a, um belo dia, perder a pessoa que amamos. E quem não aguentar o golpe, paciência! Não é um homem de caráter.
>
> MÁRAI. *As brasas*, p. 35.

Barthes escreve em *Roland Barthes por Roland Barthes* que o que escrevemos de nós nunca é a última palavra, pois, quanto mais somos "sinceros", mais somos interpretáveis[2752]. É desse ponto de vista composto por várias vozes, de demasiados autores que selecionei, amei e amo, que minhas leituras e reflexões afloram, especialmente, no que tange a Silviano Santiago, às *Mil rosas roubadas,* à Virginia Woolf e à obra *Orlando*. Para Derrida, é preciso ser sempre mais que um para falar, é preciso que existam várias vozes[2753]. Nesse sentido, é da apropriação dessas várias vozes passíveis de interpretações que aquilato a discussão comparatista a seguir, dado que são nas suas inter-relações que me abalizo para pensar os biografemas, o discurso amoroso/amizade e a amância.

Juliano Garcia Pessanha pontua que é ilusão crer que um livro seja composto apenas de outros livros, uma obra é feita de encontros com lugares, doenças, mortes, perdas, ganhos, corpos, faltas, ausências, sensibilidades, afetos, pessoas atravessadas por verdades e o mais pulsante e latente para mim enquanto crítico biográfico: *pessoas que são livros não escritos*[2754]. As epígrafes que introduzem este

---

[2752] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 137.
[2753] DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 07.
[2754] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.

subtítulo me servem para relembrar justamente o exposto, somos sempre um monte de outros arraigados por teias empírico-discursivas que nos constroem enquanto sujeitos postos nos mundos das linguagens por meio de *ressonâncias*[2755] com aqueles que mais amamos, ou às vezes odiamos, metaforizados em biografemas que explicitam a fragmentação que abaliza nossa constituição de ser humano. Eneida Maria de Souza, perpassada pelas ideias de Ricardo Piglia e de Barthes, afirma:

> [...] o ato da escrita como narração da memória do outro (Ricardo Piglia), na medida em que o ausentar-se atua como presença e a experiência do escritor conta menos do que aquela vivenciada pelo outro [...] a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), *conceito que responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato da vida como registro de fidelidade de autocontrole.*[2756]

É por meio dessas *ressonâncias*[2757] fragmentárias/metafóricas dos biografemas articulados pelas relações entre memória, arte/vida, teoria/ficção e teoria/vida que Silviano rouba as mil rosas para engendrar sua vida com e pós-Zeca*.* Silviano é duas vezes sobrevivente, haja vista que sobrevive à morte de Ezequiel Neves não só na realidade empírica, como também, na discursivo-literária (em que Zeca seria seu biógrafo) ao (des)arquivar suas memórias e presentificá-las em narrativa literária/obra de arte contaminada, metaforicamente, pelas duas instâncias de realidade. O romance *Mil rosas roubadas* é, portanto, uma obra das ausências, mas também das *ressonâncias*, sobretudo, entre vida e ficção metamorfoseadas em uma literatura despreocupada com os desvios das verdades factuais[2758], mas que, ainda sim, apropria-se de fragmentos da vida (biografemas) como *modus operandi* para se contaminar e descortinar-se.

---

[2755] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 202.
[2756] SOUZA. *Crítica cult*, p. 112-113, grifos meus.
[2757] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 202.
[2758] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 11.

Segundo Silviano Santiago, em entrevista, existe uma preocupação nitidamente autobiográfica em seus escritos (relatar a própria vida, os sentimentos, as emoções, os modos de encarar as coisas e as pessoas etc.)[2759]. À vista disso, na constituição de sua literatura, insere-se o processo de estilização[2760] da vida na obra em que a realidade discursivo-ficcional é contagiada pela empírica intercambiando-se, não há o espelho da vida na obra, mas um processo de metaforização em que os biografemas são utilizados pelo mineiro como referencial para construir sua ficção altamente biográfica. Silviano é um *mentiroso que diz sempre a verdade*[2761] relativizando o poder e os limites das margens que, *a priori*, separariam a vida e a ficção.

No crivo dessas *ressonâncias*[2762] fragmentárias/metafóricas correlacionadas no nível da arte/vida/ficção em que pessoas tornam-se *livros não escritos*[2763], entrevejo que Virginia subverte o exposto por Pessanha, uma vez que *Orlando* transfigura-se na escrevivência de sua autora atravessado justamente pelo seu amor, amizade e amância com Vita Sackville-West. Em linhas gerais, *Orlando* configura-se enquanto um livro sobre alguém não apenas escrito, mas, sobremaneira, *escre(vi)vido* pelo atravessamento e com a permissão do seu objeto de desejo (Vita), tal qual expus anteriormente[2764]*.* Conforme Nigel Nicolson, filho de Vita, *Orlando é a mais longa e encantadora carta de amor em toda a literatura*[2765] implicando a sedução entre as duas mulheres envolvidas na relação sentimental responsável por desembocar, durante o período de esfriamento[2766], em sua escrita por Virginia Woolf. Nesse intento, *sem*

[2759] SANTIAGO. A multiplicidade de Silviano, p. 146.
[2760] SANTIAGO. Entrevista com Silviano Santiago, p. 11-12.
[2761] SANTIAGO. Meditações sobre o ofício de criar, p. 178.
[2762] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 202.
[2763] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.
[2764] SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. *Orlando*, p. 220.
[2765] NICOLSON *apud* SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 276.
[2766] TADEU. Notas, p. 220.

*dúvidas, a autobiografia de uma será, necessariamente, a biografia da outra*[2767]. Em Virginia, para Alexandra Lemasson: "[...] a escrita responde a uma necessidade absoluta. [...] À maneira de um esportista que trabalha um ou outro músculo dependendo do dia, a romancista varia os prazeres e alterna diferentes tipos de escrita."[2768].

No tanger ao período de esfriamento[2769] do relacionamento entre Virginia e Vita, responsável por desencadear a escrita de *Orlando*, Tomaz Tadeu explicita que a biografia-romance *é várias coisas ao mesmo tempo, uma homenagem de Virginia à amada e uma espécie de vingança por Vita tê-la deixado para dedicar-se a um novo amor*[2770]*. Orlando*, em sua gênese, aquilata-se não apenas enquanto o exposto por Tadeu, mas, também, em uma paródia dos cânones biográficos vitorianos dos quais o pai de Virginia, Leslie Stephen, havia sido um dos expoentes[2771]. *Orlando*, um arremedo da biografia[2772] de Vita Sackville-West, escre(vi)vido pelo coração machucado quase esfacelado e vingativo de Virginia, descortinou uma revolução no plano das escritas biográficas *jogando-se ao ar para ver o que aconteceria*[2773], e aconteceu, tornando-se um apogeu no século XX estendendo-se até a atualidade, tal qual esse trabalho demonstra pela égide do seu roçar com as minhas *Mil rosas roubadas* de 2014.

Para escre(vi)vê-lo, Virginia precisaria do consentimento de Vita: "Suponha que *Orlando* acabe por ser Vita; *e é tudo sobre você e os desejos de sua carne e o feitiço de sua mente* [...] Você se importaria? Diga sim ou não. [...]"[2774]. À maneira que expus

[2767] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 276.
[2768] LEMASSON. *Virginia Woolf*, p. 45.
[2769] TADEU. Notas, p. 220.
[2770] TADEU. Notas, p. 220-221.
[2771] TADEU. Notas, p. 220-221.
[2772] TADEU. Notas, p. 220-221.
[2773] WOOLF *apud* TADEU. Notas, p. 219.
[2774] WOOLF *apud* TADEU. Notas, p. 219.

no subtítulo anterior, Vita não apenas consentiu com *Orlando*, como, após a leitura da biografia-romance, apaixonou-se pela obra encontrando reverberações biográfico-metafóricas que ela nem mesmo conhecia ou enxergava sobre si mesma. Ou seja, ainda que *Orlando* contenha em si um caráter de vingança, de certa forma, mesmo cindida pelo fim do relacionamento com a amada, Virginia a presenteou com algo que só ela poderia dar, isso é, a admiração, o desejo e as vicissitudes mais profundas de sua alma e coração machucados pela falta de ressonância amorosa. Em Silviano, diferentemente da escritora inglesa, essa apreciação e imersão escreviventes por parte do objeto de desejo não foi possível, dado que Zeca morre antes mesmo da escrita de *Mil rosas roubadas*.

Da minha óptica, o pós-Zeca, bem como o pós-Vita, são pujantes, latentes e essenciais para a fomentação de literaturas que se endossam, sobremaneira, pelas injunções amorosas, amânticas e de amizade dos seus sobreviventes, pois, como já expus, sobreviver ao término de um amor é, queiramos ou não, uma forma de morrer. Dado esse cenário de sobrevivências amorosas, volto-me para o início do relacionamento entre as escritoras inglesas que perdurou mais ou menos dois anos: "Virginia conheceu [...] – Vita – em 1919 e logo se tornaram grandes amigas. [...] Seu envolvimento amoroso com Virginia ocorreu seis anos depois que se conheceram e durou certa de dois anos, até Vita se apaixonar por outra pessoa."[2775]. Mesmo após o fim do relacionamento amoroso, *permaneceram amigas até a morte de Virginia*[2776] em 28 de março de 1941.

Dessa feita, evoco a seguir duas das poucas fotografias (Figuras 71 e 72) de Virginia Woolf com Vita Sackville-West disponíveis para consulta ao passo que trago

[2775] ALVES. Apresentação, p. 06.
[2776] ALVES. Apresentação, p. 06.

ao bojo dessa evocação biográfica o exposto em *Orlando*: “[...] tudo isso, é claro, faz parte da própria substância da vida, constituindo o único objeto possível da ficção.”[2777]. Isso é, a substância que possibilita as veredas metafóricas de *Orlando* é justamente a(s) vida(s), o(s) *bios*, corroborando o articulado anteriormente de que *a autobiografia de uma é, consequentemente, a biografia da outra*[2778], tal qual ocorre(u) com Silviano e Zeca separados na realidade empírica em 2010, contudo, juntos *ad infinitum* pela escrevivência das minhas/nossas *Mil rosas roubadas* projetadas aos espaços públicos dos saberes, das culturas e das tradições literárias homoafetivas. Dito isso, vejamos as imagens abaixo (Figuras 71 e 72):

[2777] WOOLF. *Orlando*, p. 176.
[2778] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 276.



FIGURA 71 – Virginia Woolf (à esquerda), Vita Sackville-West (à direita) e seus cachorros os quais eram um amor em comum para ambas as mulheres e escritoras inglesas
Fonte: http://www.blogletras.com/2016/09/amo-como-mulher-e-e-te-amo-por-que-es.html



FIGURA 72 – Virginia Woolf (à esquerda), Vita Sackville-West (à direita)
Fonte: https://i.pinimg.com/564x/ba/c4/e4/bac4e4cb0169efce6a4a561e10727707.jpg

Reproduzidas as fotografias acima (Figuras 71 e 72) e no ínterim dos espaços perpassados pelo relacionamento amoroso, amizade e amância de Virginia com Vita, para além das particularidades já tecidas no tanger à obra *Orlando*, a biografia-romance implicou, também, uma forma de Virginia *restituir à Vita a mansão Knole que, após a morte do pai, havia sido lhe retirada pelas imposições masculinas e patriarcais de sucessão sobrepostas às linhagens femininas*[2779]. Para Silviano em "Entre a flexibilidade e o rigor", grande parte da narrativa de Virginia possui como pano de fundo a aristocracia atravessada pela casa de campo localizada no condado de Kent

[2779] TADEU. Notas, p. 221.

e pertencente à família Sackville-West em que Vita seria a herdeira de direito, todavia, nunca fora proprietária[2780]. A gigantesca Knole House foi o lugar onde nasceram e se criaram os ancestrais de Vita desde 1603[2781] e *ao enfatizar a ideia de biografia*[2782] Virginia se valeu desse referencial biográfico, ainda que não nomeado[2783] na narrativa, baseado não apenas na vida, nos desejos e na carne de Vita, mas, sobremaneira, em sua linhagem aristocrata, a qual Virginia admirava[2784]. No plano da imensidão de Knole, *Orlando* corrobora-me:

> Por atalhos que lhe eram familiares, [Orlando] *abria agora caminho por entre o extenso emaranhado de quartos e escadarias, em direção ao salão de banquetes situado no outro lado da mansão, a mais de dois hectares de distância.* Mas a meio caminho, nos aposentos dos fundos, onde moravam os criados, parou. A porta da sala de estar da sra. Stewkley estava aberta – ela tinha saído, sem dúvida, com todas as suas chaves, para se colocar à disposição de sua senhora. [...] Orlando, tomado pela timidez, saiu correndo, chegando ao salão de banquetes ainda a tempo de ajoelhar-se e, confuso, baixando a cabeça, oferecer uma bacia com água de rosas à grande rainha em pessoa.[2785]

Ainda sobre Knole, Vanessa Curtis, em *As mulheres de Virginia Woolf* (2005), explicita que Vita passou grande parte dos seus dias em estado de solidão naquela mansão transitando entre os seus demasiados aposentos[2786]. Mesmo assim, não se ressentia da solidão encontrando romance e inspiração[2787] na história aristocrata de seus ancestrais representados em retratos pendurados nas paredes e nas escadas de Knole[2788]. Dentre os quadros ali expostos, Virginia colheu alguns para sustentar os biografemas que viriam a compor a biografia-romance de/sobre Vita Sackville-West – dois deles reproduzi no subtítulo anterior (Figuras 66 e 67). Segundo Curtis, Knole é uma construção do século XV e possui em média trezentos e sessenta e cinco

[2780] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 274.
[2781] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 274.
[2782] ALVES. Apresentação, p. 06.
[2783] TADEU. Notas, p. 233.
[2784] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2785] WOOLF. *Orlando*, p. 16, grifos meus.
[2786] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 172.
[2787] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 172.
[2788] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 172.

aposentos[2789], mesmo que: “[...] ninguém, incluindo Vita, jamais tenha sido capaz de confirmar exatamente esse número. A casa está situada num grande parque de cervos, sujos portões se abrem para a pequena cidade de Sevenoaks.”[2790]. Em suma, para além de transfigurar Vita em *Orlando*, Virginia, da minha óptica, tomada por um gesto de amor, *devolveu Knole à sua amiga dando-lhe a herança negada ao louvar a conexão de Vita com essa casa antiga e adorável*[2791]*.* Assim, em *Orlando*, a inglesa não apenas eternizou sua relação de amor, amizade e amância com Vita, à maneira de Silviano com Zeca, mas, também, transmitiu-lhe, *escre(vi)vente*-literariamente, Knole (Figuras 73 e 74), o lugar que Vita sempre desejou e compartilhou com Virginia (Figura 75), contudo, efetivamente, não o teve. Para Tadeu:

> Mansão monástica – a mansão onde Orlando vive é inspirada naquela onde nasceu e viveu até a mocidade Vita Sackville-West [...] A mansão chamada Knole [...] pertence à família Sackville-West desde 1566, quando foi doada a Thomas Sackville pela rainha Elizabeth [...] Virginia transformou-a, de simples residência de arcebispos, em monastério, o que ela nunca foi. Curiosamente, no romance, Virginia não lhe confere nenhum nome. É possível que, em vez de dar-lhe um nome fictício, Virginia tenha preferido não nomeá-la, deixando ao leitor a tarefa de preencher o vazio com o nome ‘Knole’, restituindo assim à Vita, como era um de seus propósitos ao escrever o romance, a mansão que, quando da morte do pai, passara às mãos do parente masculino mais velho na ordem de sucessão.[2792]

[2789] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 172.
[2790] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 172.
[2791] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 186.
[2792] TADEU. Notas, p. 233.



FIGURA 73 – Vita (à esquerda), seu pai Lionel Sackville-West (ao centro) e sua mãe Victoria Sackville-West (à direita) em Knole House, fevereiro de 1910[2793]
Fonte: https://www.the-tls.co.uk/articles/womens-nib/



[2793] Informações disponíveis em: https://www.the-tls.co.uk/articles/womens-nib/

FIGURA 74 – Knole House localizada no vilarejo de Sevenoaks, no condado de Kant, a cerca de 40 km de Londres[2794]
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Knole#/media/File:Knole_-_Green_Court_from_English_Homes_by_H_Avray_Tipping_(died_1933)_edited.jpg

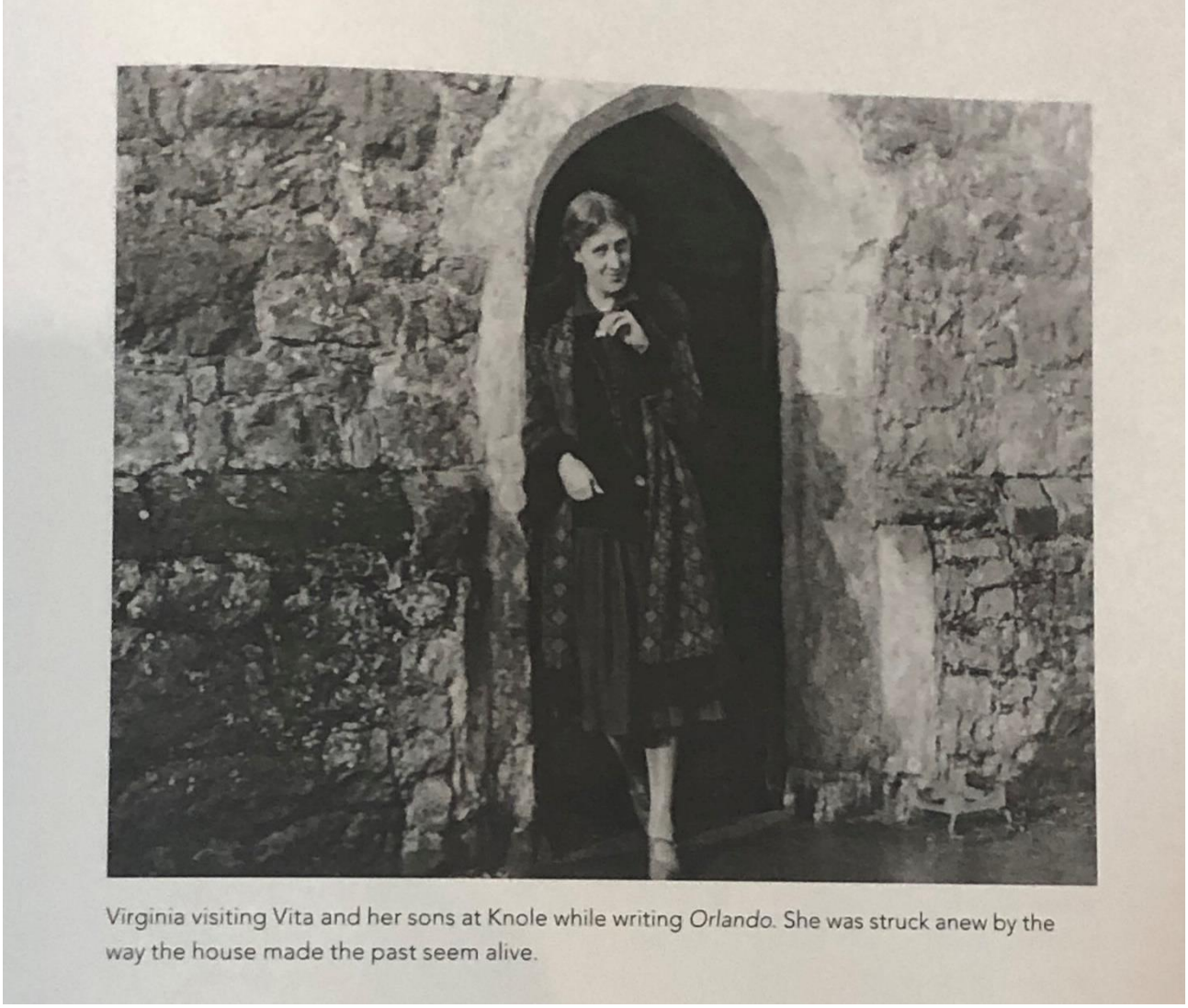


FIGURA 75 – "Virginia visitando Vita e seus filhos em Knole enquanto estava escrevendo *Orlando*. Ela foi atingida novamente pela maneira como a casa fazia o passado parecer vivo"[2795]
Fonte: fotografia retirada do livro *Vita & Virginia*: the lives and love of Virginia Woolf and Vita Sackville-West de Sarah Gristwood

Entendo, dado o exposto acerca de Silviano/Zeca e de Virginia/Vita, que os biografemas vertidos em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando são breves unidades biográficas, índices de um corpo perdido e recuperado como um plural de encantos, a vida como um canto descontínuo de amabilidades*[2796] e nunca *de verdades*

[2794] TADEU. Notas, p. 233.
[2795] GRISTWOOD. *Vita & Virginia*, p. 105, tradução minha.
[2796] PERRONE-MOISÉS. *Roland Barthes*, p. 09-10.

*objetivas*[2797]. No viés dos encantos e das amabilidades, trago adiante, tal qual deslindei com Virginia e Vita, duas fotografias de Zeca e Silviano (Figuras 76 e 77) que provavelmente foram tiradas nos anos 1950, no auge da juventude dos rapazes com seus vinte e poucos anos. É nessa mesma época que se passa o início da vida conjunta de Zeca e Silviano em *Mil rosas roubadas* a partir do primeiro diálogo, nos fins de 1952, no bonde da Praça Sete de Setembro em uma Belo Horizonte em plena expansão e povoada por grupos de jovens apreciadores de cinema, música e literatura como o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) que ambos participavam aos sábados à noite:

> Eleger as sessões do cineclube aos sábados foi o modo que os dois rapazes encontram para dizer que não lhes agradava a diversão cotidiana oferecida ao cidadão adulto belo-horizontino pelo cinema industrial. Os dois eram exigentes em matéria de gosto artístico. Filme não era mero entretenimento, passatempo fabricado por Hollywood e projetado para o consumo da massa de espectadores.[2798]

Desse modo, evoco essas fotografias por entender que, assim como os biografemas relacionam-se enquanto fragmentos/traços de uma biografia, as fotografias integram-se como parte da história[2799] que, sob alicerce da crítica do *bios* ensejada aqui, aquilata-se pelas pontes metafóricas entre os fatos e a ficção *dessas vidas que se completam na diferença*[2800] estabelecidas por mim na posição de crítico biográfico que escolhe pensar a amizade e o *bios* para além deles mesmos[2801]. Diante disso, seguem as fotografia de Silviano (Figuras 76 e 77) junto com sua *testemunha singular de todos os seus dias, testemunha de defesa, de acusação, de formatura, de viveiro, de vista, contraditória, suspeita e salvante*[2802]:

---

[2797] PERRONE-MOISÉS. *Roland Barthes*, p. 15.
[2798] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 62.
[2799] BARTHES. *A câmara clara*, p. 32.
[2800] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 49.
[2801] NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 50.
[2802] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 18.



FIGURA 76 – Silviano Santiago (à esquerda) e Ezequiel Neves (à direita), em meados dos anos 1950
Fonte: https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/164/rliteratura--para-mim--e-rupturar-



FIGURA 77 – Da esquerda para a direita, Teotônio dos Santos Júnior, Maurício Gomes Leite, *Silviano Santiago*, Ary Xavier, *Ezequiel Neves*, Pierre Santos e Heitor Martins, em foto de 1955
Fonte: https://capitulodois.com/2015/06/15/belo-horizonte-recontada-por-escritores-e-poetas/

Dessa perspectiva, em um breve texto de 1997 intitulado “Um mineiro de Formiga”, parte dele reproduzida na epígrafe desse subtítulo, publicado no livro *Navegar é preciso*, *viver* (1997), Zeca discorre sobre Silviano e a longa relação que tiveram desde 1954: ano que se encontraram pela primeira vez e, também, época em que mais ou menos se passa o enredo de *Mil rosas roubadas* (1952). Para o artista e produtor musical: “Nunca nos separamos. [...] Desde essa época não nos desgrudamos mais. Mudei para o Rio em 1972, e o que é mais engraçado, sempre fomos vizinhos de bairro.”[2803]. No plano do texto literário, em *Mil rosas roubadas*, percebo a contaminação do traço biográfico/biografema na ficção: “Somos cúmplices desde os dezesseis anos de idade. Fomos amigos e comparsas no cotidiano e sempre espectador um do outro, até nos últimos meses.”[2804].

Isso posto, Silviano, ao se apropriar dos seus biografemas e da abertura de seu arquivo[2805] pessoal-sensível-afetivo, recria no plano da ficção não só sua convivência com Zeca, na Belo Horizonte dos anos 1950, mas reconstitui metaforicamente, tal qual Virginia com Vita, os espaços públicos os quais os jovens costumavam frequentar estabelecendo novas formas de existência e de vidas homo-biográficas, tais como o Colégio Marconi, o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) e a Praça Sete de Setembro. Somando-se às fotografias anteriores, de Silviano/Zeca e de Virginia/Vita, e sob a égide dessa reconstituição dos espaços públicos por Silviano, trago para a discussão imagens (Figuras 78 e 79) de um dos lugares mais importantes para a narrativa das *Mil rosas roubadas*, visto que é nele que Silviano e Zeca estabelecem o primeiro diálogo: a Praça Sete de Setembro localizada no centro de Belo Horizonte

[2803] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 21.
[2804] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 08.
[2805] Cf. *Mal de arquivo* de Jacques Derrida.

entre o cruzamento das avenidas Afonso Pena e Amazonas e entrecortada pelas ruas Rio de Janeiro e Carijós. Para Silviano em *Mil rosas roubadas*:

> Será que o Zeca me teria visto de longe e se aproximado sem que eu percebesse? Na multidão, teria sido escolhido e designado pelo dedo do desejo? Própria para tocaia, a praça Sete não é tão ampla quanto a Raul Soares, embora seja também circular e aberta. O panorama de trezentos e sessenta graus era interrompido aqui e ali por árvores frondosas, bondes e carros e caminhões particulares e públicos, todos barulhentos e em alta velocidade. [...] Não há anonimato na praça Sete. Nela você põe o pé e já o olhar alheio lhe dependura no pescoço crachá com retrato, nome, profissão e endereço. Todo os belo-horizontinos nos conhecemos na praça Sete [...][2806]

> Se o Zeca ainda estivesse vivo, poderia consultá-lo e me aprofundar na lembrança do nosso primeiro encontro. Poderia sair em busca de esclarecimento sobre essa primeira e pequena dúvida que se enrosca na memória, agora quero narrar o início do nosso relacionamento. Nosso primeiro diálogo. Se ainda estivesse no leito de hospital, poderia ter lhe perguntado se ele, ao se aproximar de mim no ponto final do bonde Calafate e me abordar, *se ele sabia que eu, desde o momento em que o vi sentado a assistir ao filme no Clube de Cinema, já sabia que eu queria ser amigo dele.* Havia motivo para eu tomar o bonde Calafete. Ele me transportava até o Colégio Estadual [...][2807]

[2806] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 63.
[2807] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 64, grifos meus.




FIGURA 78 – Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte no anos de 1950
Fonte: acervo pessoal, fotografia cedida pelo professor e pesquisador mineiro Luiz Morando




FIGURA 79 – Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte no ano de 1951
Fonte: acervo pessoal, fotografia cedida pelo professor e pesquisador mineiro Luiz Morando

É na Praça Sete, *lugar de todos os encontros*[2808], que Zeca dá início, a partir do gesto de puxar conversa com um rosto anteriormente visto no Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), a uma relação de amizade/amor/amância que perduraria até mesmo após sua morte. De acordo com Silviano: "[...] foi ele [Zeca] quem me abordou pela direita na rua dos Carijós, esquina com a praça Sete."[2809]. Nesse cenário, em que vida e ficção estão contaminadas, para Ezequiel Neves, Silviano sempre foi o: "Amigo

[2808] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 61.
[2809] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 93.

Maior, Romancista Maior, Poeta Maior."[2810] e, acresço à essa lista de características, amor/amância maiores. Silviano, na esteira dessa convivência iniciada pela atitude de Zeca, mas tornada contínua e alicerçada por uma admiração reciprocamente latente, passa a se enxergar como parte de Zeca:

> Não adianta mais tergiversar. *Somos o que somos porque nos tornamos um*. A admiração é a negação da solidão irremediável a que cada um de nós está condenado. Ela nos faz semelhantes à cachaça, que tem horror ao alambique. *No direction home.* [...] *Zeca me aprontava para o exercício pleno da vida como oportunidade*, enquanto eu, mais recatado e menos incisivo, mais douto e menos atrevido, o municiava de novas e preciosas informações para a escrita artística sobre a vida. Não me faço de especial. Qualquer pessoa e todos os amigos também o municiavam de conhecimento e de engenho e arte.[2811]

Diante da passagem aposta, retomo um dos excertos que epigrafa esse subtítulo para reiterar as mútuas admirações entre Silviano e Zeca postas e estabelecidas em realidades discursivas distintas, mas que pelo crivo da metaforização, possibilitada pela crítica do *bios*, são passíveis de aproximação. O produtor musical afirma, em um texto não ficcional, que *Silviano sempre o ensinaria a amar a vida*[2812]; já Silviano, subsidiado pela ficção, destaca que Zeca o *aprontava para o exercício pleno da vida como oportunidade*[2813], ainda que os rapazes tivessem personalidades e vivências totalmente distintas. Silviano, no romance, é professor universitário de história e Zeca um artista boêmio despreocupado com as implicações de uma vida adulta.

Contudo, ressalvadas as diferenças, eles eram o que eram porque se tornaram apenas um. Afinal, conforme Eneida expõe em *Janelas indiscretas*, falar do outro, resgatar sua memória, seria ainda uma maneira de narrar a si próprio[2814]. Silviano ao narrar e biografar Ezequiel Neves, tentando lidar com a melancolia pós-morte do

[2810] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 20.
[2811] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 53, grifos meus.
[2812] NEVES. Um mineiro de Formiga, p. 21.
[2813] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 53.
[2814] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.

amigo-amado, acaba resvalando no falar de si, (auto)biografando-se. Silviano assume: “Ao vê-lo moribundo no leito do Hospital São Vicente, o privilégio de ter minha vida narrada por ele me escapou por entre os dedos, como areia em ampulheta.”[2815].

No resvalar às escritoras inglesas, entrevejo que Virginia e Vita, à semelhança de Silviano e Zeca, eram o que eram pois se tornaram apenas uma. Assim, ao falar da autora de *Orlando* ou da herdeira de Knole, ao resgatarmos suas memórias[2816], é, também, maneira indistinta, pelo meu manejo crítico-biográfico, de narrar uma pelo atravessamento da outra, mesmo que ambas sejam tão diferentes quanto o meu mineiro e o produtor musical. Em carta de 25 de abril de 1962, endereçada ao marido Harold George Nicolson[2817], Vita descortina que o amor sentido por Virginia *é uma coisa muito diferente, é algo mental, espiritual e intelectual que inspira um sentimento de ternura e de proteção*[2818]. Ao mesmo tempo, evoca o medo que sentia no desenrolar dessa relação: “[...] [Vita] Tenho medo moral de despertar sentimentos físicos nela [...] Virginia não é o tipo de pessoa em quem a gente pensa desse jeito [...] Fui para a cama (duas vezes com ela), mas isso é tudo.”[2819]. Em seu diário, Virginia escre(vi)ve:

> ‘Com Vita por três dias em Long Barn, de onde Leonard [que fora buscá-la] e eu retornamos ontem. Essas safistas gostam de mulheres; *a amizade nunca está isenta de amorosidade*. [...] Gosto dela & de estar com ela, & do esplendor – ela resplandece na mercearia em Sevenoaks [o vilarejo próximo à casa de Vita] com um brilho de vela acesa, pisando o chão sobre pernas que são como faias, rutilante num jérsei rosa, cabelos encaracolados, em pérolas enrolada. Esse é o segredo do seu *glamour*, suponho. [...] Depois há nela alguma voluptuosidade; as uvas estão maduras [...]’[2820]

*A amizade nunca está isenta de amorosidade.* Todavia, à maneira que venho articulando, a amizade de Virginia com Vita extrapolou as amorosidades passíveis de estarem incutidas apenas em uma relação de amizade desprovida das garras do

[2815] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 31.
[2816] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.
[2817] TADEU. Notas, p. 231.
[2818] SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. Notas, p. 231.
[2819] SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. Notas, p. 231.
[2820] WOOLF *apud* TADEU. Notas, p. 231, grifos meus.

amor, como as necessidades físico-sexuais ou até mesmo o ciúmes. Para Derrida, em *Políticas da amizade* (2003), o direito de propriedade configura-se enquanto a reinvindicação do amor[2821], esse, por sua vez, *quer ter, quer tê-la, ele é o ter, a própria cupidez à espera de uma nova propriedade*[2822]*.* No tanger às amorosidades físico-sexuais entre as inglesas, Vita traz à tona a possibilidade de Virginia tê-la conquistado para sempre: "Como eu estava certa em ter pressionado você em Richmond, e assim, ter instalado o rastilho para a explosão que aconteceu no sofá do meu quarto quando você se comportou tão desavergonhosamente *e me conquistou para sempre*."[2823]. Em outra carta, Vita relata: "Jantei sozinha com Virginia Woolf na noite passada. *Oh, querido, quanto eu amo aquela mulher*."[2824].

Contudo, a possibilidade do *para sempre* entre as duas durou apenas enquanto Vita mantinha-se interessada por Virginia, dado que, na explosão de uma nova paixão corroborou-se o esfriamento do relacionamento amoroso entre as duas esfacelando as vicissitudes amorosas e resguardando-se relações de amizade e de amância as quais perdurariam, tal qual com Silviano e Zeca, até o pós-morte de Virginia e, da minha óptica, *ad infinitum*. Em outra carta, Vita explicita mais uma vez seu amor pela autora de *Orlando*: "[...] Ela [Virginia] está deliciosa como sempre. Como ela está certa quando diz o amor faz todo mundo ficar tedioso, mas a excitação da vida reside nos 'pequenos movimentos' para mais perto das pessoas."[2825]. Diante desses fragmentos epistolares, compreendo que mesmo que em seu início a relação entre as inglesas tenha ocasionado eventos físico-sexuais, ambas encontraram-se, em determinado momento, em ressonâncias enamoradas distintas, visto que Virginia ensejava, à luz

[2821] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 76.
[2822] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 76.
[2823] SACKVILLE-WEST *apud* TADEU. Notas, p. 231, grifos meus.
[2824] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 178, grifos meus.
[2825] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 179.

de Derrida, *a necessidade de tê-la*[2826], ao passo que Vita, com seu espírito de liberdade, não se rendia às amarras de propriedade presentes nas relações amorosas monogâmicas. Para a aristocrata, entendo que havia sempre a necessidade do novo, seja por vias de outros amores, corpos, sexos e até mesmo experiências múltiplas e pluriversais das quais Virginia enciumara-se. Paradoxalmente ao exposto, Vita narra que Virginia *quase a fizera perder seu coração*[2827]:

> 'A Sra. Woolf é tão simples; ela dá a impressão de algo grandioso. Ela é completamente natural: não usa quaisquer adornos externos – e se veste bastante mal. Em princípio, você pensa que ela é modesta; então, uma espécie de beleza espiritual se impõe a você, e você descobre uma fascinação em observá-la. Ela estava elegante na noite passada; ou seja, as meias de lã laranja foram substituídas por meias de seda amarela, mas ela ainda usou os scarpins. Ela é ao mesmo tempo desapaixonada e humana, silenciosa até mostrar que quer dizer algo, e então o faz supremamente bem. Ela é bastante velha (quarenta). Raramente fiquei tão encantada por alguém antes, e acho que ela gosta de mim. Pelo menos, ela me convidou a Richmond, onde mora. *Querido, quase perdi meu coração.*'[2828]

Nesse cenário de reciprocidades que aparecem escondendo-se, aproximo a relação de Virginia com Vita a de Silviano com Zeca em *Mil rosas roubadas* ao meu mineiro descortinar que "Foi o alvo que seduziu primeiro meu coração. Negaceou logo em seguida, por razões que desconheço. Depois, ele simplesmente se retirou de cena, sem ter sido tocado."[2829]. À diferença de Silviano, Virginia não só sabia das razões pelas quais seu relacionamento com a Sackville-West esfriara, como, também, havia tocado seu objeto de desejo, dado que, como já exposto, as escritoras inglesas chegaram a ir à cama duas vezes. O ponto fulcral que aproxima ambas as narrativas de quatro vidas é justamente o esfacelamento de relações enamoradas altamente contaminadas por injunções de amâncias e de amizades entre homens e entre mulheres justapostos em épocas e em *loci* totalmente opostos.

---

[2826] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 76.
[2827] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 178.
[2828] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 178, grifos meus.
[2829] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 230.

Conforme Curtis expõe, Vita também podia ser caprichosa[2830] e o início do fim do relacionamento com Virginia se deu pelo caso amoroso com a chefe de Debates da BBC Hilda Matheson[2831] seguido por diversas relações com outras mulheres fazendo, por consequência, a autora de *Orlando* se sentir traída pela herdeira de Knole que começou a dispender sua atenção para amantes mais jovens[2832]. No dia 16 de setembro, Virginia, insegura, enviou uma carta enciumada para Vita sobre a relação da aristocrata com Dorothy Wellesley: “Não pertencerei a vocês duas, ou a uma de vocês, se as duas de nós pertencem à outra. Em resumo, se Dorothy é sua, eu não sou. Isso envolve uma verdade profundo que deixo para que você descubra.”[2833]. Vita respondeu à carta implorando para que Virginia não se tornasse distante e afirmara que dependia dela[2834]. Nesse contexto de traição, em *Orlando,* entrevê-se, metaforicamente, o sentimento de Virginia: “O mundo inteiro parecia ressoar com a notícia da traição dela e da vergonha dele. [...] Tinha sido mordido por uma ninhada de cobras, cada qual mais venenosa que a outra."[2835].

Mesmo assim, dados esses percalços amorosos, a amizade das duas sobreviveu, ainda que de maneira distinta do que era[2836]. Virginia ansiou pela companhia de Vita até o fim[2837]. Ainda para Curtis, havia em Vita uma obsessão pela fragilidade de Virginia[2838] somada a sua beleza e produção na literatura ficcional[2839]. Após a publicação de *Orlando*, respaldado pelas descrições metafórico-biográficas da herdeira de Knole, os desejos e a ansiedade física de Virginia por Vita ficaram,

[2830] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2831] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2832] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2833] WOOLF *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 185.
[2834] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 185.
[2835] WOOLF. *Orlando*, p. 41.
[2836] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2837] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2838] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2839] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.

aparentemente, purificados[2840] acalmando-se e transfigurando-se em afeição[2841] e, da minha visada, nas *amorosidades*[2842] que Virginia explicitou em uma das citações anteriores. Da minha óptica, *Orlando* foi a saída de vida para sua autora, momentaneamente, ter o controle sobre seu objeto de desejo e, com isso, após seu encerramento, tentar sobreviver à pequena morte que se descortina quando um amor encerra-se ou até mesmo a não propriedade que um autor tem quando seu livro, e aqui, escrevivência de um amor, é publicado e projetado aos espaços públicos.

> No verão de 1928, quando Virginia estava terminando *Orlando*, sua relação com Vita começou, finalmente, a se consolidar como uma afetuosa amizade. Ela ainda amava Vita, mas estava consciente de que o coração de Vita pertencia a outra pessoa. Desde que rompera com Mary Campbell, o novo amor de Vita era Hilda Matheson, a chefe dos Debates da BBC. Ironicamente, Vita e Harold deram uma entrevista à rádio da BBC por volta dessa época, na qual discutiram as virtudes do casamento (!). Todas as outras distrações de Vita foram temporariamente esquecidas quando ela abriu, pela primeira vez, seu exemplar de *Orlando*. Ela ficou verdadeiramente humilhada em dois níveis; como escritora, ficou impressionada com a realização literária de Virginia, e no nível pessoal, ficou profundamente lisonjeada pelas comparações entre ela mesma e o arrojado *Orlando*. Ela não perdeu tempo para agradecer a Virginia: 'Querida, eu não sei e, certamente, nem mesmo gosto de escrever, pois estou tão esmagada, como você conseguiu pendurar uma veste tão esplêndida sobre um tarugo tão pobre.'[2843]

Portanto, para Virginia, na esteira de Curtis, *Orlando* foi uma declaração abertamente amorosa e uma forma de exorcizar[2844] alguns dos seus sentimentos enamorados mais dolorosos por Vita diminuindo sua obsessão[2845] para conservar, do meu ponto de vista, o sentimento de amizade estendido até a eternidade, sobremaneira, pela chancela da literatura à maneira que Silviano deslindara com Zeca. Mesmo assim, embora tenham mantido contato após o término, suas correspondências tornaram-se menos frequentes de 1932[2846] em diante, segundo Virginia em conversa com Ethel Smyth, "[...] há muito não ouço uma palavra de V., o

---

[2840] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2841] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 30.
[2842] WOOLF *apud* TADEU. Notas, p. 231, grifos meus.
[2843] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 186.
[2844] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 187.
[2845] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 187.
[2846] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 192.

que me magoa."[2847]. O último registro epistolar de Virginia para Vita, o qual se conhece, foi escrito no dia 22 de março de 1941[2848], seis dias antes de sua morte; nele, Virginia prometia ir à residência de Vita em Sissinghurst, o que não ocorreu[2849] devido ao seu suicídio. No plano da falta de Vita e do alívio de escre(vi)ver *Orlando*, Virginia confessa em *Diário 1915-1926* (2018) e em *Diário 1927-1941* (2018), respectivamente:

> Quero deitar-me como uma criança cansada a consumir chorando esta vida de cuidados... e o meu diário há de receber-me na sua macia almofada de penas. A maioria das crianças não sabe porque chora; nem eu sei ao certo. [...] *Bom, é em parte esse diabo da Vita.* Nem uma carta. Nem uma visita. Nem um convite para ir a Long Barn. Esteve em Londres na semana passada e não veio. Ocorreram-me tantas justificações plausíveis para este abandono que me envergonho de dizer que isto é motivo para chorar. [...] E eu fico ressentida com isto, em parte porque gosto dela; em parte porque odeio o poder que a vida tem de separar.[2850]

> Nem fazia ideia do que seria a história. Mas escrevê-la dava-me tanto alívio que senti uma felicidade como há muitos meses não sentia; era como se me pusesse ao sol, ou me deitasse em almofadas; e dois dias depois esquecia por completo o meu horário e abandonava-me à delícia pura de escrever esta farsa: que me agrada como nada antes me agradou [...][2851]

Isso posto, entrevejo que tanto *Mil rosas roubadas* quanto *Orlando* se configuram não apenas narrativas literárias, mas, sobremaneira, enquanto narrativas escreviventes de vidas homoafetivas transpassadas pelos prazeres dos amores, das amâncias e das amâncias, como, também, pelas dores que esses tipos de relações podem incutir naqueles que não encontram as ressonâncias afetivas e sensíveis esperadas dos seus objetos de desejos. Para a autora de *As mulheres de Virginia Woolf*, Vita foi a primeira a transpor a existência ordenada do casamento de sua amiga/amante com Leonard[2852] corroborando um retorno a esferas na vida de Virginia as quais essa acreditava já terem sido exploradas[2853], uma vez que, antes da

[2847] WOOLF *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 90.
[2848] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 192.
[2849] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 192.
[2850] WOOLF. *Diário 1915-1926,* p. 415, grifos meus.
[2851] WOOLF. *Diário 1927-1941,* p. 31.
[2852] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2853] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.

aristocrata, a autora de *Orlando* teve um relacionamento amoroso medíocre[2854], segundo Curtis, com Violet Dickinson. Assim, “Vita ressuscitou muitos sentimentos turbulentos que Virginia, apaziguada em seu casamento com Leonard, achava que haviam morrido anos antes.”[2855]. Ao modo da correspondência sensível-afetiva de Silviano e Zeca, estritamente diferentes, Virginia e Vita se muniam de alentadas intimidades[2856] ao mesmo tempo que essas, em determinados momentos, eram explosivas[2857], sobremaneira, pelo *modus vivendi* liberto de Vita e o medo de Virginia de perdê-la a outras mulheres. Mesmo diante dessas diferenças, a amizade das duas inglesas (Figura 80) durou dezenove anos[2858].



FIGURA 80 – Vita Sackville-West (à esquerda) e Virginia Woolf (à direita)
Fonte: https://www.brainpickings.org/2016/07/28/virginia-woolf-vita-sackville-west/

[2854] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2855] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2856] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2857] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 29.
[2858] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 169-170.

À vista disso, na chancela das minhas *Mil rosas* roubadas perpassadas, como *Orlando*, pela(s) falta(s), compreendo que é o gesto de lidar com a morte de Zeca a força motriz de criação e sobrevivência das mil rosas fúnebres que Silviano rouba para dar conta da sua realidade naquele momento: sobrevivente à perda de uma parte de si. O produtor musical, tanto no nível empírico quanto no discursivo-literário, morreu em 2010 no Hospital São Vicente tomado por um câncer cerebral apelidado "carinhosamente" por ele de "Toninho"[2859]. Conforme Silviano Santiago assevera, em entrevista de 1987, ele se autocompreende sensível demais às relações espontâneas da vida por ser uma pessoa que não constituiu família[2860] – nos moldes socialmente conhecidos, como o matrimônio, à diferença de Virginia com Leonard. Silviano se vê, dessa maneira, muito voltado para a questão da morte.

Em linhas gerais, em 1987, meu mineiro já se colocava na posição de um sujeito voltado e atravessado pela morte, bem como aquele que escre(vi)via fundamentado por ela. O que, anos depois, em 2014, imbuído pela morte de Zeca em 2010, seria novamente trabalhado em *Mil rosas roubadas*. Para o escritor mineiro: "A perda articula outras e muitas instâncias discursivas, que nada mais são do que discursos autobiográficos prudentes e sensatos, discursos mentirosos, ficcionais [...]"[2861] e complementa: "[...] que por sua vez tornam-se responsáveis por caminhos no vivido que acabam por ter o estatuto verossímil de experiência."[2862]. Esse é o tom metafórico-biográfico da literatura brasileira contemporânea dado por Silviano a partir da solidão dos seus personagens, e de si mesmo, após a morte dos companheiros[2863].

[2859] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07
[2860] SANTIAGO. Nas malhas da letra, p. 58.
[2861] SANTIAGO. 'Nunca aprendi a fazer versos', p. 177.
[2862] SANTIAGO. 'Nunca aprendi a fazer versos', p. 177.
[2863] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 190-191.

Nessa perspectiva da perda, é que se dá o entrelaçar da melancolia com o amor que o sobrevivente se reveste para resistir à morte da pessoa amada. Somando-se a isso, há os sentimentos insidiosos de culpa e mágoa, ainda que negados por Silviano em entrevista[2864], do sobrevivente perante a vida: uma assassina impiedosa e cruel – tais sentimentos já são explicitados desde o início do romance *Mil rosas roubadas* por meio da epígrafe de *As brasas* que retrata a infidelidade da sobrevivência. Assim, ao matar a pessoa que amamos, antes de nos matar, a vida revela sua meia-face perversa ao levar um e salvar o outro[2865]. Contudo, ela é quem ampara o sobrevivente pelos restantes dos seus dias cravando ferozes e profundas ausências em seu corpo – como no caso de Silviano que, metaforicamente, era apenas um com Zeca –, em suas sensibilidades e em seus afetos. Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1988) assente:

> *Às vezes, consigo suportar bem a ausência.* Sou então "normal': me igualo à maneira pela qual "todo mundo" suporta a partida de um "ente" querido; obedeço com competência à educação pela qual me ensinaram desde cedo [...] Essa ausência bem suportada, não é outra coisa senão o esquecimento. *Sou momentaneamente infiel. É a condição da minha sobrevivência; se eu não esquecesse morreria.* O enamorado que não esquece *de vez em quando*, morre por excesso, cansaço e tensão de memória [...][2866]

É dessa premissa de conseguir suportar bem a ausência do amigo-amado-*amântico* que Silviano aquilata as *Mil rosas roubadas*, uma vez que essas se constroem atravessadas pelo exercício de (des)arquivar memórias e biografemas contaminados pela ficção. Entendo, portanto, que o gesto de lembrar, por consequência, implica o de esquecer. Isso posto, a narrativa de Silviano engendra um exercício de lembranças-esquecimentos mútuos por meio do manejo e da

[2864] SANTIAGO. 'Literatura, para mim, é ruptura', s/p.
[2865] SANTIAGO. Em 'Mil rosas roubadas', Silviano Santiago escreve uma biografia da vida interior, p. s/p.
[2866] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 28, grifos meus.

manipulação[2867] da ausência a ser suportada enquanto prática ativa e um afã[2868]: “Eu perdia minha muleta de carne e osso. Eu perdia minha sobrevida.”[2869].

O mineiro enamorado, ao manejar a ausência que é estrita e eminentemente sua, cria uma *persona* espectral do amigo-morto por meio do ato de (des)arquivar sua vida para escrever. Assim, é dessa falta amorosa, diferente da de Virginia, que, por vezes tristemente, Silviano se constrói no romance enquanto uma imagem descolada, seca, amarelada e encarquilha[2870] que só possuía cor e qualidade sob os olhos, ou à luz da escrita, de quem tanto amou: “Sem a escrita do amigo e cúmplice, minha vida é mero contrapeso na balança do açougueiro com ambição capitalista primitiva. Minha carne não é de primeira [...]”[2871] e complementa “[...] mas [...] Graças ao olhar dele, [...] minha carne de professor universitário aposentado vira filé-mignon.”[2872]. Silviano carrega consigo uma lâmina (des)arquiviolítica responsável por dissecar discursivo-literariamente tanto o corpo-morto do amigo-amado quanto o seu próprio, agora, de coloração fajuta e amarelada. Sob a égide da morte, *Orlando* corrobora:

> 'Tudo termina em morte', dizia Orlando, sentando-se, o rosto anuviado pela tristeza. (Pois era desse jeito que sua mente trabalhava agora, em violentos movimentos de gangorra, a vida num extremo, a morte no outro, sem parar em nenhum ponto intermediário, de maneira que o biógrafo tampouco deve parar, empurrando tão forte quanto puder e se mantendo, assim, em sincronia com as apaixonadas e tolas ações e as abruptas e extravagantes palavras que, é impossível negar, Orlando, nessa quadra de sua vida, se permitia.).[2873]

*Tudo termina em morte*, confessa Orlando. Somado a isso, a narrativa complementa: “A vida é um sonho. É o despertar que nos mata. Quem nos tira os sonhos nos tira a vida... [...]”[2874]. Nesse ínterim, roço a biografia-romance de Virginia as minhas *Mil rosas roubadas* por entender que ambas as obras, nos seus respectivos

---

[2867] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 29.
[2868] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 29.
[2869] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 21.
[2870] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 29.
[2871] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 34.
[2872] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 34.
[2873] WOOLF. *Orlando*, p. 32, grifos meus.
[2874] WOOLF. *Orlando*, p. 134.

*modus operandi e vivendi*, configuram vidas e experiências que se encerram em morte(s). No viés de Silviano com Zeca, há o fim não apenas de um amor que nunca foi consumado somando-se à morte empírica do produtor musical, o que relegou ao meu mineiro a condição de sobrevivente. Já em Virginia com Vita, da minha óptica, a vida configurava-se pela chancela de sonho até a aristocrata despertá-la para o término do relacionamento amoroso corroborando, tal qual a escrevivência mineira, na pequena morte dos enamorados que não são correspondidos e não encontram ressonâncias sensível-afetivo-físicas dos seus objetos de desejo. Isso posto, ainda em *Orlando*, deslinda-se a reflexão passível de ser entendida no plano dessas quatro vidas em que o *amor tem duas caras, uma branca e outra negra*[2875]: "[...] dois corpos [...] duas mãos, dois pés, duas garrafas, um par, na verdade, de cada membro e cada um é o exato oposto do outro. Mas estão [...] unidos que não se consegue separá-los."[2876]. Em *Orlando* e em *Mil rosas roubadas,* respectivamente:

> Amor ainda estava longe de abandonar o seu pensamento (nesse meio tempo, as folhas do carvalho tinham brotado e caído uma dúzia de vezes), mas a Ambição já o expulsava para fora do campo apenas para ser prontamente substituída pela Amizade e pela Literatura. E como a primeira questão não fora resolvida – O que é o amor? – à menor provocação ou sem motivo, ela voltaria, empurrando para a margem Livros ou Metáforas sobre o porquê da vida, que ficariam ali à espera, até enxergarem a chance de invadir o campo de novo.[2877]

> Fora interditado ao coração o caminho que o levaria a iniciar a caminhada pelo lado de fora do corpo e da alma. Foi-lhe proibido se relacionar com o objeto de desejo – outro coração – em tudo e por tudo semelhante ao seu embora distinto. [...] O bloqueio do desejo acaba por negar ao coração a direção e o significado do amor, encapsulando-o como um comprimido de aspirina no cerne do corpo, ou levando-os a latejar como um caroço infecundo no interior da fruta saborosa. Diz-se no vulgar: tal pessoa passou a ter muito amor a dar, mas não sabe mais a quem doá-lo, e quando e como e para quê.[2878]

Dessa feita, esses corpos contaminados por fragmentos de discursos amorosos, de amizades e de amâncias dos homens (Silviano/Zeca) e das mulheres

[2875] WOOLF. *Orlando*, p. 67.
[2876] WOOLF. *Orlando*, p. 67.
[2877] WOOLF. *Orlando*, p. 67.
[2878] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 233-234.

(Virginia/Vita), sob o manejo dos biografemas de Silviano e de Vita, descortinam ficções de múltiplos papéis, dúvidas, reprovações e desejos que encenam movimentos de aproximações e distanciamentos da morte[2879]. Dizer a ausência, para Barthes, é estabelecer que os sujeitos não podem trocar de lugar; com isso, os *eus* de Silviano e de Virginia, empíricos e ficcionais, respaldam-se do *você*, já ausente, de Ezequiel Neves e de Vita Sackville-West. Em *Mil rosas roubadas*, é a convocação dessa ausência em si mesmo por meio da ficção alimentada pela lembrança-anamnética, no sentido barthesiano, que aproxima o mineiro, ainda que espectralmente, do amigo-amado-morto: "[...] se, por um certo domínio da escritura, consigo *dizer essa morte, começo a reviver* [...]"[2880]. *Fragmentos de um discurso amoroso* corroboram o vivenciado por Silviano:

> Um dia, me lembrarei da cena, me perderei nela *no passado*. O quadro amoroso, assim como o primeiro rapto, é feito de lembranças posteriores: é a *anamnésia*, que só reconstitui detalhes insignificantes, não dramáticos, como se eu me lembrasse apenas do próprio tempo e nada mais; é um perfume sem suporte, um grão de memória, uma simples fragrância; alguma coisa como um gasto puro [...] que não é recuperado em nenhum destino. [...] *A anamnésia me faz transbordar e me magoa*.[2881]

A anamnésia, permeada por esses discursos amorosos, de amizade e de amância, machuca por não permitir que Silviano volte ao passado tal qual esse fora juntamente com Zeca. Há apenas a possibilidade de presentificação do vivido enquanto recriação discursivo-literária tomada e permeada por biografemas. *Mil rosas roubadas*, diante desse cenário, explicitam um gesto de anamnésia fúnebre-*amântica* em que Silviano (des)arquiva sua vida, seus biografemas e suas memórias que o fazem transbordar, mas, que, concomitantemente, magoam-no pela falta do amigo-amado. Lembrança, para Barthes*, é uma reminiscência feliz e/ou dolorosa de um*

[2879] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 29.
[2880] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 80.
[2881] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 140, grifos meus.

*objeto, de uma atitude, de uma cena, de um lugar, ligados ao ser amado, e mercada pela inclusão do imperfeito no discurso amoroso*[2882]*.*

Assim, na esfera do discurso amoroso, essa presentificação do vivido é atravessada pelo ideal de lembrança barthesiano implicado na abertura do arquivo que Silviano executa ao deflorar as *Mil rosas roubadas* e Virginia ao transfigurar Vita em *Orlando.* Dentre os elementos que compõem o exercício do relembrar, menciono os espaços, públicos e/ou privados, responsáveis por funcionarem como lugares de sociabilidades e encontros dos enamorados-amigos-*amânticos*, a Praça Sete ou Knole House, supracitados, a exemplo. No que concerne à relação de Silviano e Zeca e de Virginia e Vita, é no plasmar desses espaços públicos e coletivos de trânsitos e de multiplicidades de pessoas que se deslinda o primeiro contato entre os rapazes e a vivência das inglesas ocasionando o que Barthes conclama de rapto amoroso[2883].

Partindo desse pressuposto para pensar a amizade, o amor e a amância entre os dois homens, é no momento em que Zeca intercepta Silviano indagando lhe sobre o CEC que o rapto amoroso se instaura estabelecendo uma condição de enamoramento ao sujeito capturado: “Eu me senti – logo depois de ter trocado o primeiro olhar e as primeiras palavras terem sido ditas – diamante ou pepita de ouro na bateia da praça Sete.”[2884]. Por rapto amoroso, entende-se: “Episódio tido como inicial (mas que pode ser reconstituído depois) durante o qual o sujeito apaixonado é ‘raptado” [...] pela imagem do objeto amado (nome popular: *gamação*; nome científico: *enamoramento*).”[2885]. Antes do rapto, o sujeito está de certa forma, vazio, sem saber que será, logo, surpreendido[2886]. Desse modo, Silviano reitera:

---

[2882] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 140.
[2883] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 165.
[2884] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103.
[2885] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 165, grifos do autor.
[2886] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 166.

> Desde o nosso primeiro encontro, eu me senti avistado, perscrutado, lido, distinguido, separado e eleito por ele. Eu nadava livremente na felicidade que minha única presença lhe proporcionava. [...] Caí nos seus olhos como cisco impelido por vento soprado no Oeste Mineiro. Levei tombo na surpresa. Confesso. Levantei, dei a volta por cima e escorri como mel pelos seus nervos óticos. Só reganhei figura humana quando bati finalmente à porta do coração. [...] O mundo é de fato restrito e cabe num olhar.[2887]

À vista disso, a imagem e o corpo de Zeca fisgam Silviano no bonde, localizado na Praça Sete nos idos de 1952, fazendo com o que o escritor mineiro, tomado pela condição de capturado, fosse preenchido pelo traço fascinante do outro enquanto *acaso sobrenatural*[2888]. Esse rapto amoroso desencadearia uma história *amântica* iniciada no âmbito público da Praça Sete e levada à última circunstância até o espaço privado do Hospital São Vicente onde o raptor suspirou pela última vez quase sessenta anos após cometer seu maior e mais impagável crime enamorado: "No quarto do Hospital [...] tudo respira incessantemente e conspira [...] *silenciosamente contra a separação definitiva dos dois velhos corpos amorosos.*"[2889]. No encontro amoroso, os jovens rapazes pularam sem parar, leves[2890] como uma arte de viver acima do abismo[2891] fomentando novas formas de existências perpassadas pela sexualidade[2892].

É a amizade, no cenário dos discursos amorosos homo-biográficos apostos, que possibilita a multiplicidade, a intensidade, a experimentação e a desterritorialização, sobretudo, no que convém a relações entre os dois homens e as duas mulheres como venho debatendo nesse texto a partir das experiências empírico-discursivo-literárias vivenciadas e metaforizadas por Silviano/Zeca e por Virginia/Vita. As relações dos mineiros e das inglesas apontam para estilos de vidas *outros*, esquivados das convenções sociais, ao trazer à tona e aquilatar as afetividades entre

---

[2887] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103.
[2888] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 85.
[2889] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 15, grifos meus.
[2890] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 85.
[2891] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 113.
[2892] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 157.

homens e mulheres pela responsiva de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano fundamentando éticas de sujeitos *gays*, plurais[2893], que vivem de rupturas de suas personalidades[2894].

A amizade é um ponto de resistência potencial[2895] que ao ser alimentada pelo discurso amoroso dos corpos políticos e históricos[2896] homo-biográficos de Silviano/Zeca e de Virginia/Vita extrapolou seus limites socioculturais cristalizados desembocando em uma amância homoafetiva, por excelência. Essa, por sua vez, sobreviveu não só à(s) vida(s), mas à(s) morte(s), como Silviano explicita a partir de suas feridas e cicatrizes narradas em *Mil rosas roubadas*: "No quarto do hospital, ao vê-lo mártir da euforia em vida, perco meu biógrafo. Que eu me resigne ao doloroso e lentíssimo desembrulhar da morte no corpo do velho amigo!"[2897]. Ou até mesmo Vita após a morte de Virginia: "Vita chorou e lamentou Virginia depois que esta morreu, e escreveu a Harold em 1949 que as duas pessoas de quem ela sentia mais falta eram Virginia e Geoffrey Scott [...]"[2898] e complementa "[...] enquanto Scott acabara sendo um aborrecimento, Virginia '*jamais fora um aborrecimento, mas somente um prazer*'"[2899]. Diante disso, Ortega pontua:

> O fenômeno da amizade é, sobretudo, atraente num contexto moderno: 'Onde a sociedade tradicional estabelece as relações afetivas normativamente e as tarefas da amizade estão institucionalizadas, a sociedade individualizada permite a produção autônoma de relações íntimas com as pessoas mais diferentes e nos âmbitos de interesses mais díspares'.[2900]

É com base na produção autônoma das relações íntimas entre pessoas altamente diferentes que Silviano e Zeca fortificavam sua relação de amância homo-

---

[2893] LOPES. *O homem que amava rapazes*, p. 38.
[2894] SANTIAGO. 'Literatura, para mim, é ruptura', s/p.
[2895] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 157.
[2896] BARTHES. *Barthes por Barthes*, p. 48.
[2897] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 233.
[2898] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf,* p. 192.
[2899] SACKVILLE-WEST *apud* CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 192, grifos meus.
[2900] NÖTZOLDT-LINDEN *apud* ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 161.

biográfica transpassando as fronteiras entre o amor e a amizade: "– Somos diferentes – lhe dizia [...] Ele sorria dos recursos retóricos tomados a poema de Carlos Drummond, mas nada dizia"[2901]. Ainda para Ortega, a amizade é uma maneira de vida cuja importância reside nas demasiadas formas que pode encarnar[2902]. Nesse viés, compreendo a amância enquanto esse modo de relacionamento projetado pelas possibilidades da amizade e fortificada pelos fragmentos e discursos amorosos. É no interstício entre uma esfera e outra da convivência afetiva que o sentir *amântico* se situa, *para além de qualquer fronteira ulterior entre o amor e a amizade*[2903], dado que há uma experimentação relacional-sensível entre os rapazes belo-horizontinos iniciada em 1952, no auge de suas juventudes, e perdurada até o pós-morte de Zeca. Amar, portanto, implica, antecipadamente, sentir-se comprometido a amar o outro para além da morte e da vida sendo o sobrevivente, levado por consequência, a amar o morto[2904].

À maneira de Silviano e de Zeca, Virginia e Vita também eram extremamente diferentes, o que, pelo contrário do que poderia se pensar, não impediu a fomentação de uma amizade que perdurou para além da vida eternizando-se pela égide literária de ambas as escritoras inglesas. Para Derrida, *se a amizade projeta a sua esperança para além da vida, uma esperança total e incomensurável, é porque o amigo, como denota a tradução, é a própria imagem ideal*[2905]*.* Tal qual já expus, Vita e Virginia eram o que eram porque tornaram-se uma projetando-se e reconhecendo-se uma na outra a amizade verdadeira[2906] ao fundar seus duplos ideais, seus outros-si-mesmos[2907], ou

[2901] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 125.
[2902] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 158.
[2903] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21.
[2904] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 26.
[2905] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.
[2906] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.
[2907] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.

melhor, o mesmo de si melhorado[2908], tal qual *Orlando* efetivou no tocante à transfiguração da aristocrata Sackville-West. Ainda na chancela de Derrida, compreendo que *ao vermos a guardar nosso reflexo na verdade dos nossos, a sobrevivência é esperada, iluminada e assegurada*[2909], argumento esse que não só *Orlando* corrobora como, sobremaneira, as minhas/nossas *Mil rosas roubadas*. No plano das diferenças e dos amores, mesmo não ressonantes em plena reciprocidade, vejo que, metaforicamente, Silviano é Virginia, ao passo que Zeca é Vita, de modo simultâneo. Dito isso, no crivo das diferenças entre as inglesas, evoco suas vicissitudes:

> Não há dúvida de que Vita parecia, às vezes, excessivamente sexual e dominadora, comparada com a esguia e refinada Virginia. A vida de Vita, desde os vinte até os sessenta anos, havia sido uma luta entre seu desejo de "assombro pela luxúria" e suas noções profundamente enraizadas sobre como uma aristocrata deveria se comportar. Ela jamais perdeu sua insegurança que se originara na sua infância, e frequentemente se sentia pressionada pela necessidade de se ajustar ao comportamento que era esperado das mulheres que amadureceram na sociedade eduardiana[2910]

> [...] ela achou-me incrivelmente mal vestida, não há mulher que se importe menos com a sua aparência pessoal – não há mulher que se vista como eu. E contudo tão linda, etc. Qual o efeito que tudo isto tem em mim? Muito confuso. Há a sua maturidade e a sua grande combatividade: o facto [sic] de ela navegar a todo o pano nas marés cheias, ao passo que eu vou navegando num remanso em direção à costa; ou seja, a sua capacidade de tomar a palavra perante qualquer grupo, de representar o seu país, de visitar Chatsworth, de controlar pratas, criados e cães de raça chinesa; a sua maternidade (mas ela é um pouco fria e brusca para os filhos), *o facto* [sic] *de ela ser, em resumo (o que nunca fui), uma autêntica mulher.*[2911]

[2908] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.
[2909] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 18.
[2910] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 191.
[2911] WOOLF. *Diário 1915-1926*, p. 417-418, grifos meus.

Dito isso, mais uma vez evocando Derrida, compreendo que *um* (Silviano/Virginia) *guarda-se* (nas diferenças) *do outro* (Zeca/Vita), *um é o outro, é conduzido, conduz-se, enlouquece-se*[2912], é-se *um eu mas um eu que é um ele*[2913] ao mesmo tempo. Na esteira de Barthes, empreendo que a linguagem, sobremaneira a literária de Silviano e de Virginia, configura-se enquanto *uma pele que se esfrega com a linguagem do outro*[2914] (Zeca/Virginia): "É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos [...] *Minha linguagem treme de desejo*. [...] *Falar amorosamente é gastar interminavelmente, sem crise; é praticar uma relação sem orgasmo* [...]"[2915]. Ainda nesse viés, deslinda-se nas linguagens-pele dos escritores-amantes um duplo contato[2916], uma atividade do discurso que vem de forma discreta e indireta[2917] colocando em cena o único significado que é *eu te desejo*[2918] liberando-o, alimentando-o, ramificando-o, fazendo-o explodir tecendo um gozo na linguagem ao tocar a si mesma[2919]. *Pari passu* a isso, envolve-se o outro na teia discursiva (amorosa e desejante) das palavras[2920] acariciando-o, roçando-o, prologando esse esfregar de peles, esforçando-se para fazer aquela relação durar[2921].

Isso se aquilata por meio da escrita enamorada e melancólica de Silviano nas rosas que o mineiro rouba como uma tentativa discursivo-literária de sentir uma última vez seus perfumes imbricados pela fragrância fúnebre do amigo-amado. Em Virginia, durante a escrita de *Orlando,* a autora mantém seu domínio sobre seu objeto de desejo Vita roçando-se nela por vias da linguagem responsável por transfigurar a

[2912] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 71.
[2913] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 71.
[2914] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2915] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64, grifos meus.
[2916] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2917] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2918] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2919] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2920] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.
[2921] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 64.

herdeira de Knole no/na figura biografada-romanceada *Orlando*. Na injunção de ambas as narrativas no plano de relações não apenas de amor e de amizade, mas, sobremaneira, *amânticas*, Derrida, em *Políticas da amizade*, "[...] pretende dar-nos a ouvir um *amar* [...] *como que* anterior à distinção entre amar por amor [*eros*] ou por amizade [*phília*]"[2922], a amância, portanto, "[...] seria qualquer coisa assim como a véspera do amar e, na sua in-condição, a condição e a vida a morte, a vida a morrer ou a vigilância do próprio amar."[2923]. A condição *amântica* endossada por esse debate é a premissa de que o gesto de amar seja sempre mais cedo ao de ser amado. É preciso partir do amigo-amante, do ser dotado de vida ou de sopro, e não do ser amado (inanimado), para ensejar uma amância.

E é desse ponto de vista que as *Mil rosas roubadas* afloram: sempre alicerçadas pela óptica de Silviano, amigo-amante, aquilatando amâncias e cumprindo o compromisso de amar o morto sobrevivendo infielmente a ele. Em Virginia, esse plasmar *amântico* advém do gesto escre(vi)vente de narrar sua amada transfigurada em outra figura *queer* que, por consequência, acabou criando uma imagem ainda mais reluzente e iluminada do que a própria referência utilizada (Vita). Amar será sempre preferível a ser amado, me ensina tanto Derrida, Silviano quanto Virginia ao (des)arquivarem suas feridas deslindadas por amarem, sempre, antes de serem amados por seus objetos de desejo Zeca e Vita. O escritor e personagem mineiro não só ama o amigo-amado-morto, como abisma-se dele, por lufada de aniquilamento que o atinge por desespero ou por excesso de satisfação[2924]. Metaforicamente, Silviano e Zeca morrem juntos de tanto amar[2925] abismando-se:

[2922] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21, grifos do autor.
[2923] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21.
[2924] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 09.
[2925] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 09.

> A relação a dois não é nem familiar nem fraterna. [...] Pelo lado de dentro do coração passamos a existir amorosamente um para o outro. Sem contato íntimo no lado de fora. Eu, fora dele, dentro de mim. Ele, fora de mim, dentro dele. À deriva, *navegamos os dois, tendo como bússola o coração*.[2926]

Não há nada mais delicado do que uma relação (*amântica)* como essa. Tudo o que a vida propiciar mais tarde será mais rude e mais desumano, escreve Sándor Márai[2927] sobre a relação de seus personagens, Konrad e Henrik em *As brasas,* mas perfeitamente interrelacionada à convivência sensível-afetiva *outra* dos homens mineiros e das mulheres inglesas. Tudo que viesse pós-Zeca e pós-Vita seria desprovido dessa amância projetada da adolescência até a velhice dos então frequentadores do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) de Belo Horizonte e de Virginia e Vita em suas experiências e relações homoafetivas na Inglaterra do século XX. Como Silviano explicita no romance: "[...] nós dois propúnhamos um modelo de vida conjugal, a ser imitado."[2928]. Posto isso, entendo que o relacionamento *amântico*, interpolado pela amizade e pelo amor, deslinda a relação mais íntima que existe na vida e nem a morte tem o poder de separá-la, por essa razão, talvez seja tão rara[2929]. Ainda na plasmar da amância, Derrida explicita:

> A amizade consiste em amar, não é assim, ela é, é claro, uma forma de amar. Consequência, implicação: é então um acto [sic] antes de ser uma situação, o *acto* [sic] de amar antes, mais cedo do que o *estado* de ser amado. Uma acção [sic] antes de uma paixão. O acta desta actividade [sic], esta intenção de amar, [...], é mais próprio à amizade [...] do que a situação, que consiste em deixar-se amar ou em fazer-se amar, em todo o caso em ser amado [...]. [...] é bem preciso que alguém ame para saber o que quer dizer amar e, a seguir, e somente, então, ser amado. [...] a consciência de si sabe-se *a priori* compreendida, compreendida e comprometida na amizade de quem é *amado*.[2930]

> Entre conhecer e ser conhecido, se um amigo tivesse de escolher, escolheria o conhecer em vez de ser-conhecido. [...] conhecer não significará nunca, para um ser finito, ser conhecido; nem amar ser amado. Podemos amar ser amados, mas amar será sempre mais, melhor e outra coisa do que ser amado. Pode-se amar ser amado – ou amável, mas primeiro é preciso saber amar, e saber o que quer dizer amar amando. Amar será sempre preferível a

[2926] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 243, grifos meus.
[2927] MÁRAI. *As brasas*, p. 36.
[2928] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 26.
[2929] MÁRAI. *As brasas*, p. 86.
[2930] DERRIDA. *Políticas da amizade,* p. 22, grifos do autor.

> ser-amado, como o agir ao sofrer, o acto [sic] à potência, a essência ao acidente, o saber ao não-saber. É mesmo a referência e a preferência.[2931]

A lembrança do sentimento *amântico*, rememoro o conceito barthesiano supracitado, continua a (sobre)viver na consciência daquele que é raptado e tomado por ele quase como um mudo ato heroico como qualquer comportamento humano isento de egoísmo[2932]. A exemplo de ilustração desse sentimento que transpassa as fronteiras justapostas entre o amor e a amizade, lugar da amância, trago à baila a mesa de Vita composta (Figura 81) não só pela fotografia de seu marido Harold George Nicolson, mas, sobretudo, pela daquela que um dia foi seu amor, todavia, pelos percalços do jogo amoroso, tornou-se apenas amiga imbricada por uma relação de amância atravessando quaisquer limites impostos pela vida ou até mesmo pela prematura morte de Virginia por vias do suicídio em 28 de março de 1941. Vejamos, então, a carta de suicídio da escritora de *Orlando* escrita para seu marido Leonard e, em seguida, a mesa de trabalho de Vita (Figura 81):

> Queridíssimo, tenho certeza de que estou ficando louca outra vez: sinto que não podemos passar por mais uma dessas temporadas terríveis. E desta vez eu não vou me recuperar. Começo a ouvir vozes e não consigo me concentrar. Por isso estou fazendo o que aparece ser o melhor a fazer. Você me deu toda a felicidade que eu poderia ter. Você tem sido, sob todos os aspectos, tudo o que alguém podia ser. Não creio que pudesse haver no mundo duas pessoas mais felizes, até que veio essa doença terrível. Não posso mais combate-la, sei que estou estragando sua vida, que sem mim você poderia trabalhar. E vai, eu sei. Você que nem estou conseguindo escrever isso direito. Eu não consigo ler. O que eu quero dizer é que devo toda a felicidade que tive na vida a você. Você foi imensamente paciente comigo e tremendamente bom. Eu quero dizer isso – e todo mundo sabe. Se alguém pudesse ter me salvado, esse alguém teria sido você. Tudo o que eu tinha se foi, exceto a certeza de sua bondade. Eu não posso mais continuar estragando a sua vida. Não creio que duas pessoas poderiam ter sido mais felizes do nós fomos. V.[2933]

[2931] DERRIDA. *Políticas da amizade,* p. 25.
[2932] MÁRAI. *As brasas*, p. 111.
[2933] WOOLF *apud* CUNNINGHAM. *As horas*, p. 11-12.



FIGURA 81 – Mesa de trabalho de Vita Sackville-West composta pelas fotografias de seu marido Harold George Nicolson (à esquerda) e de sua amiga Virginia Woolf (à direta)
Fonte: fotografia retirada do livro *Vita & Virginia*: the lives and love of Virginia Woolf and Vita Sackville-West de Sarah Gristwood

Para Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, um sujeito apaixonado não poderia ele mesmo escrever seu romance de amor, só o outro poderia fazê-lo[2934], pois apenas um molde muito arcaico poderia apanhar o acontecimento declamado

[2934] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 81.

sem poder contar. Nesse sentido, tomando a reflexão barthesiana como um dos respaldos das minhas discussões, indago-me como Silviano escre(vi)ve suas *Mil rosas roubadas* se o que lhe toma o corpo é o binômio amor/melancolia causado pela morte do amigo-amado. O mesmo questionamento respinga em Virginia na tessitura de *Orlando,* dado que a biografia-romance, além de uma vingança contra a amada Vita, configura-se, sobremaneira, enquanto *a mais longa e encantadora carta de amor em toda a literatura*[2935]. Dado os questionamentos, o que surge para mim, enquanto crítico biográfico, como possível resposta é o delinear da amância como cerne do (des)arquivar empírico-discursivo-literário de Silviano e de Virginia não unicamente enquanto condicionados ao enamoramento, mas, sobretudo, por amizades de vidas e, por extensão, de mortes. É a possibilidade de transpassar as fronteiras ulteriores do amor e da amizade endossando o sentir *amântico* que amplia as possibilidades de escrita do mineiro:

> *Neste exato momento,* espelho-me no amigo *que ama sem ser amado, assim como eu o venho levando a se espelhar em mim.* Colo-me nele e o leio como leio a mim mesmo. Ele se cola a mim e me lê como leitor de si mesmo. Apesar das experiências diferentes em intensidade e extroversão e das tonalidades contrastantes, fomos eleitos afinal para o mesmo lugar e o ocupamos. [...] *O jogador amoroso é (ou vira) o lugar que ele ocupa.* Define-se não por sua identidade, mas pelas ações comuns a todos que ocupam aquele espaço[2936].

Assim sendo, no plano dos binômios Silviano/Zeca e Virginia/Zeca em que os primeiros amaram sem serem amados na mesma intensidade, em *Mil rosas roubadas* e em *Orlando* seus *jogadores amorosos* (leia-se autores) *são justamente o lugar que ocupam*[2937], isso é, o espaço que plasma as feridas amorosas ali *escre(vi)vidas*. Para Barthes, *a ferida do amor é uma abertura radical justaposta nas raízes do ser que não chega a se fechar, onde o sujeito escorre, constituindo-se enquanto tal nesse próprio*

[2935] NICOLSON *apud* SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 276.
[2936] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 242, grifos meus.
[2937] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 242.

*corrimento*[2938] corroborado pelo desejo de reciprocidade amorosa. Do ser amado (Zeca/Vita) se projeta uma força[2939] que nada nem ninguém é capaz de deter ou até mesmo conter, tudo o que os amantes (Silviano/Virginia) tocam, até mesmo o olhar, impregna-se[2940] dos enamorados em questão, tal qual entrevê-se em suas respectivas obras/vida aqui comparadas pelo respaldo crítico-biográfico. Desse prisma, ainda na esteira de Barthes, compreendo que o imaginário amoroso *queima por baixo, como as brasas de um fogo mal apagado, ressurgindo aquilo*[2941] que se deseja*,* mas que fora renunciado pela falta de correspondência afetivo-enamorada. Portanto, *Mil rosas roubadas* e *Orlando irrompem bruscamente gritos dos túmulos amorosos mal fechados*[2942] por Ezequiel Neves e Vita Sackville-West.

Dito isso, ao Silviano Santiago e Virginia Woolf rememorarem de maneira escre(vi)vente suas respectivas perdas, e pequenas ou maiores mortes a depender do ponto de vista, "[...] o desejo amoroso queimava de novo por todo lado. Era como se [...] quisesse[m] abraçar pela última vez [...] alguém que fosse morrer – para quem eu fosse morrer: eu procedia a uma recusa de separação."[2943]. Tal qual Silviano expõe em *Mil rosas roubadas*, e estendo a reflexão à Virginia e à Vita, ele e Zera foram contraditórios na manifestação do afeto[2944], a isso, não há resignação[2945]. Dessa feita, entrevejo que todos os meus divíduos aqui descortinados deslindaram contradições, e até atitudes paradoxais, em seus exercícios de afetividades, contudo, mesmo assim, pelo fomentar de amizades e, sobremaneira, de amâncias, suas vidas interconectam-se não apenas por si mesmas, mas, também, pelas literaturas que descortinaram a

[2938] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 166.
[2939] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 155.
[2940] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 155.
[2941] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 106.
[2942] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 106.
[2943] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 106.
[2944] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 10.
[2945] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 10.

nós, leitores e pesquisadores. Virginia, metaforicamente, brincou com as rosas roubadas de Silviano deixando suas pétalas caírem nas páginas de *Orlando* ao tecer a biografia-romance de sua amada e objeto de desejo: "Brinque vagamente com uma flor a que as pétalas caem; o tempo telescopado num lúcido canal, por onde a minha heroína passasse à sua vontade. As pétalas caindo."[2946].

À vista disso e encaminhando-me para o encerramento desse subtítulo articulado com base nos conceitos de biografemas, discurso amoroso/amizade e amância devidamente discutidos e contaminados pelas interrelações metafóricas entre a vida e a ficção de Silviano Santiago e Ezequiel Neves, de Virginia Woolf e Vita Sackville-West, novamente influenciando por Barthes e por Derrida, questiono-me se haveria a possibilidade do término de uma amância. À ilustração do relacionamento homo-biográfico dos então jovens belo-horizontinos e das mulheres inglesas, acredito que não há como apagar ou esquecer um sentir *amântico*. Como expus à luz de Sándor Márai, esse é o convívio mais intimista que existe na vida e nem a sombra cruel e impiedosa da morte, empírica ou amorosa, que assassina um e resguarda o outro tem força para dissipá-lo. Se Silviano/Virginia perde Zeca/Vita, suas muletas tecnológicas e sobrevidas, é ali, no interstício crítico quase fosco da perda, que, metaforicamente, alicerçado por uma delegação intelectual-crítica, tentei suprir suas faltas e tamponar suas feriadas pelo crivo de um texto-*amântico*-comum que deleguei, tomei e assumi para mim.

[2946] WOOLF. *Diário 1927-1941,* p. 16.

## 3.5 – *Os desnudes memorialísticos dos homo-bios* de Silviano Santiago e de Virginia Woolf

> Eu me senti – logo depois de ter trocado o primeiro olhar e as primeiras palavras terem sido ditas – diamante ou pepita de ouro na bateia da praça Sete. Caí nos seus olhos como cisco impelido por vento soprado do Oeste Mineiro. Levei tombo na surpresa. Confesso. *Levantei, dei a volta por cima e escorri como mel pelos seus nervos óticos. Só reganhei figura humana quando bati finalmente à porta do coração*
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103, grifos meus.
>
> E, como todos os amores de Orlando tinham sido mulheres, em virtude da condenável morosidade do corpo humano em se adaptar às convenções, *embora ela própria fosse mulher, era ainda de mulher que ela gostava, e se a consciência de ser do mesmo sexo do objetivo dessa preferência tinha qualquer efeito era o de reavivar e aprofundar aqueles sentimentos que tivera quando homem*.
>
> WOOLF. *Orlando*, p. 108.

É pelo alicerce da perspectiva metafórica de *um nascimento surpreendido por saudades absurdas*[2947] que *Mil rosas roubadas* e *Orlando* se lançam ao mundo, ainda que ressalvadas suas diferenças. Silviano, encoberto pelo manto fúnebre da morte do amigo-amado e alicerçado pelo que entendo, à luz de Jacques Derrida e de Francisco Ortega, por discurso do epitáfio (o ato de amar o amigo para além da vida e da morte) responsável por girar a chave ficcional que (des)arquiva suas memórias homo-biográficas da exterioridade narrando suas/nossas *Mil rosas roubadas* (2014): "Perco meu biógrafo. Ninguém me conheceu melhor que ele. Nascemos um para o outro aos dezesseis anos de idade, em Belo Horizonte, nos idos de 1952."[2948].

Já em Virginia, dentre outros aspectos, a falta se configura, essencialmente, pela não estabilidade e a não permanência de Orlando, *à lá* Vita Sackville-West, em suas relações amorosas, levando-o/a muitas vezes a sofrer pelas desilusões que o/a perpassam. Nesse sentido, como expus no subtítulo anterior, para o narrador-biógrafo-anônimo de *Orlando*, o amor tem duas caras, uma branca e outra negra[2949],

---

[2947] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 90.
[2948] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.
[2949] WOOLF. *Orlando*, p. 79.

que estão estreitamente unidas e ninguém consegue separá-las[2950]. É justamente essa duplicidade do amor que fundamenta a escrevivência de *Orlando* pela abertura do arquivo-sensível-afetivo e trabalho com as memórias homo-biográficas de Virginia, uma vez que a biografia-romanceada da autora inglesa foi, ao mesmo tempo, uma maneira de *exorcizar seus sentimentos mais dolorosos por Vita diminuindo a obsessão extenuante para conservar seu amor*[2951]*.*

Isso posto, compreendo que ao estabelecer uma leitura comparatista-biográfica-fronteiriça entre as obras *Mil rosas roubadas* e *Orlando*, vejo a necessidade de não só me deter comparativamente a esses corpos discursivo-literários, como exposto nos subtítulos anteriores, mas, sobretudo, *desnudar homo-bios outros*, escreviventes, de Silviano e Virginia, meus divíduos e aliados hospitaleiros, dotados de memórias homo-biográficas. Para a articulação da crítica do *bios*, faz-se necessário o exercício de *desnudar* aqueles que herdamos, selecionamos e amamos a partir de nossas presenças, ausências e desejos. Roubo as memórias da homo-biográficas da exterioridade de Silviano, de Zeca, de Virginia, de Vita e, claro, de Orlando para pensar as minhas próprias memórias de *pesquisador-menino-homem-fronteira* homo-biográfico. *Desnudamo-nos para falar* e, mais uma vez, no tanger aos espaços biográficos endossados nesse *trabalho-corpo-político*, evoco fotografias dos meus divíduos Silviano (Figura 82), Virginia (Figura 83) e Vita (Figura 84):

[2950] WOOLF. *Orlando*, p. 79.
[2951] CURTIS. *As mulheres de Virginia Woolf*, p. 187.

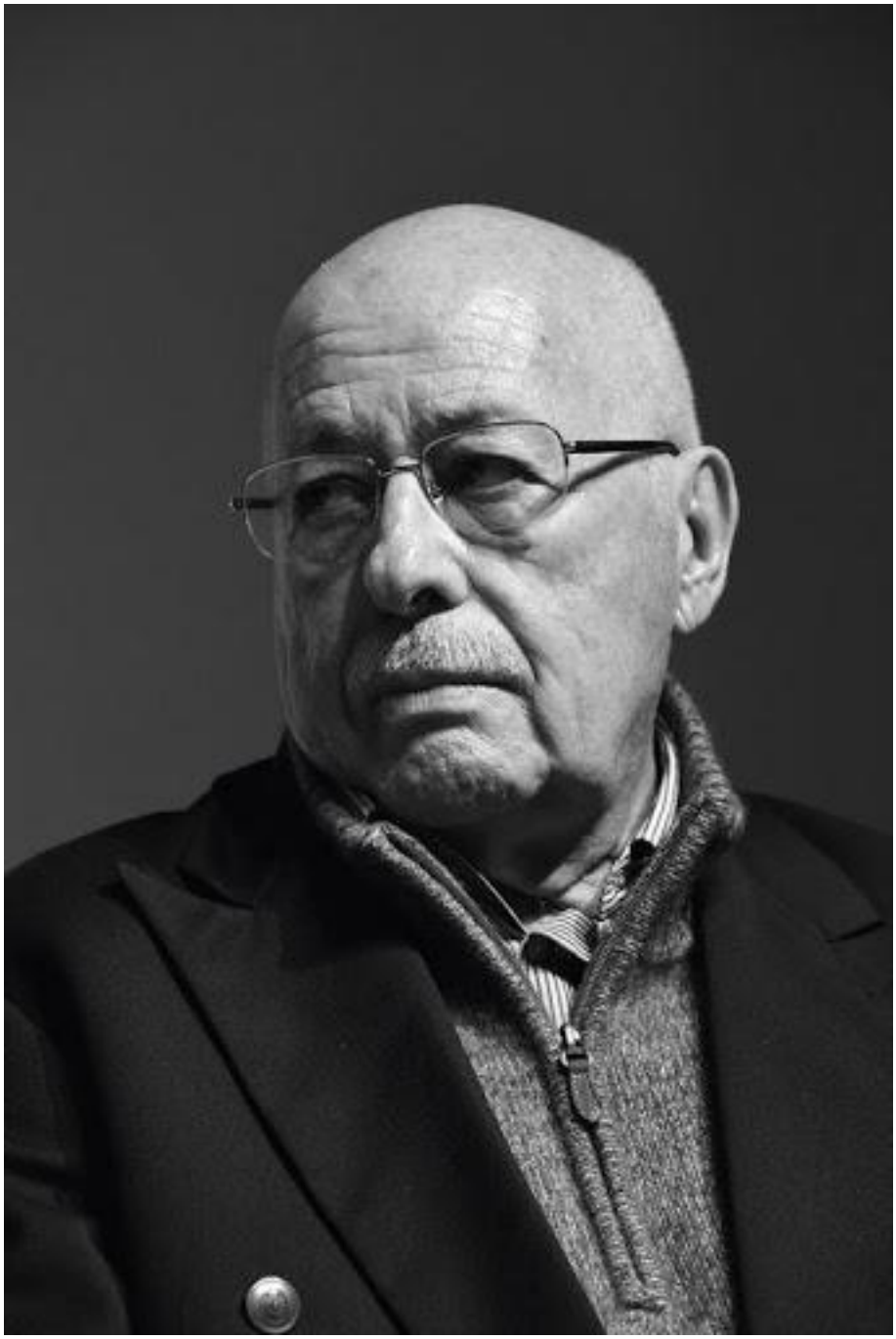


FIGURA 82 – Meu mineiro, divíduo, aliado hospitaleiro e duo-simbiótico Silviano Santiago para o “Jornal da Biblioteca Pública do Paraná”
Fonte: http://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Silviano-Santiago



FIGURA 83 – Virginia Woolf, fotografia reproduzida no texto “Virginia Woolf. A história íntima da inteligência” de Diogo Vaz Pinto publicado no “Jornal SOL – Sapo” de Portugal
Fonte: https://sol.sapo.pt/artigo/565447/virginia-woolf-a-historia-intima-da-intelig-ncia



FIGURA 84 – Vita Sackville-West, fotografia reproduzida no texto “Vita Sackville-West: British writer” de The Editors of Encyclopaedia Britannica (2020)
Fonte: https://www.britannica.com/biography/V-Sackville-West

Diante das fotografias reproduzidas/*desnudadas* acima (Figuras 82, 83 e 84) e por vias da consciência do *bios* alocado em um espaço *(auto)biográfico*[2952] dividual, o olhar que lanço para as obras *Mil rosas roubadas* e *Orlando*, bem como para os seus respectivos escritores, é fomentado pelas reflexões que concernem à memória

[2952] ARFUCH. *O espaço biográfico,* p. 106.

enquanto atividade de reelaboração em que se reconhecem os ganhos e a perdas, *os jogos de equívocos, as armadilhas, as máscaras, os desdobramentos, as perturbações de identidade etc*[2953]*.* Pensar a memória, por consequência, implica falar do esquecimento, da presença, da ausência e dos dados que fundamentam *o material cinzento e contraditório do passado*[2954].

O esquecimento, ao se voltar para o espaço da ausência, impulsiona o exercício de reelaboração da experiência no presente[2955]. A memória, portanto, ficcionaliza lembranças e esquecimentos de experiências daqueles que escre(vi)vem, dado que entre o acontecimento e sua narração há um espaço em profundidade[2956] onde explode a invenção. Assim, os bastidores de recriação dos eventos, dos lugares e das pessoas são como acontecimentos ficcionalizados ao receberam os toques pessoais-sensíveis-escreviventes dos escritores integrando-se aos imaginários de suas respectivas épocas[2957], Virginia na Inglaterra do século XX e Silviano no Brasil nos dias atuais. *Escrever é perseguir uma escrevivência*[2958]. Diante disso, *Orlando* e *Mil rosas roubadas,* acerca da memória, explicitam:

> A Memória é uma costureira e, não bastasse isso, das cheias de capricho. A Memória conduz sua agulha para fora e para dentro, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida nem o que virá depois. Assim, o ato mais corriqueiro do mundo, como sentar-se a uma mesa e puxar para perto o suporte com o tinteiro e a pena, pode agitar milhares de fragmentos discrepantes, desconectados, ora acesos, ora apagados, subindo e flutuando e descendo e oscilando, tal como, surpreendidas no varal por um pé de vento, as roupas de baixo de uma família numerosa.[2959]
>
> Não existe melhor apoio ou muleta para os devaneios da memória admirativa que a imaginação. Devaneio e imaginação são amigos e mijar juntos. Atenção a eles. Aliados, dão de dez em você que só serve para embotar os passos do devaneio. Talvez por já me sentir bandeando para o lado da imaginação,

[2953] ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 56.
[2954] SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 28.
[2955] SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 28.
[2956] EVARISTO. *Becos da memória*, p. 10.
[2957] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 131.
[2958] EVARISTO. *Becos da memória*, p. 10.
[2959] WOOF. *Orlando*, p. 53.

> continuei a alertar a razão, embora, na verdade, estivesse a alertar a mim sobre a necessidade do futuro desvio na condução do relato.[2960]

À vista disso, em ambas as obras supracitadas, há a perspectiva da memória do ponto de vista da recriação no presente preenchida pela invenção dos autores o que, como já expus, causa a (con)fusão entre vida e escrita ou escrita e vivência[2961]: elementos de contaminação altamente produtivos para as literaturas discutidas. Em *Orlando,* esse fato se desvela essencialmente no terceiro capítulo (o qual *Orlando* vai a Constantinopla como embaixador extraordinário[2962]) em que faltam arquivos passíveis de consulta para a construção narrativa e, por isso, conforme Silviano Santiago, na posição de crítico, expõe em "Entre a flexibilidade e o rigor", a falta do documento é compensada pela especulação dos antepassados de Vita[2963]. O capítulo III de *Orlando* se inicia do seguinte modo: "É realmente uma grande desgraça [...] que, nessa fase da carreira de Orlando, quando desempenhou um papel muito importante na vida pública [...] tenhamos pouquíssima informação em que confiar."[2964] No lugar em que se falta referencial, explode-se o manejo inventivo e fabular de Virginia Woolf.

Além disso, outro elemento que corrobora a reinvenção do passado é a construção do/da personagem Orlando, pois, ainda que o referencial dele/a seja Vita, ele/ela é, essencialmente, a recriação da amante de Virginia no presente cindido/a por todas as presenças e ausências que o exercício da memória impõe. A matéria da ficção de Virginia, ainda que pareça ter sido tirada de sua vida, e muitas partes realmente foram, são sutilmente transmutadas durante o processo criativo[2965] de abertura do arquivo e do trabalho com as memórias. Orlando *é não sendo* Vita, pois,

---

[2960] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas,* p. 172-173.
[2961] EVARISTO. *Becos da memória*, p. 12.
[2962] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 274.
[2963] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 274.
[2964] WOOLF. *Orlando*, p. 81.
[2965] SCHULKIND. Introdução, p. 30.

ao recuperá-la, Virginia se perde em sua criação abandonando a imagem ilusória de uma intocável subjetividade[2966] de sua paixão homo-biográfica:

> Não é por acaso que *Uma biografia* seja o subtítulo de *Orlando*. O gênero biográfico e autobiográfico – ainda que vazado na forma *romance* que lhes vem sendo proposta como semelhante e paralela pelos autores ingleses desde o século XVIII – possibilita que a vida amorosa do/da protagonista e sua vida política e pública se embaralhem na fabulação ficcional, criando ininterruptas zonas de sobreposição de um plano sobre o outro. Os jogos de sobreimpressão – para usar a linguagem da montagem cinematográfica – dos corpos serão constantemente ativados pela escrita *contraditoriamente convencional* de que se vale o Narrador idealizado por Virginia para conduzir a trama romanesca.[2967]

No que convém às *Mil rosas roubadas* de Silviano, a questão da memória é ainda mais latente, haja vista que a cerne da narrativa é justamente a tentativa do narrador-sobrevivente de biografar o amigo-amado-morto. Através dessa tentativa de biografia, Silviano, o qual compreendo como a metáfora do próprio narrador, evoca uma série de questões não só sobre as escritas de si e do outro perpassadas pelas memórias dividuais do escritor mineiro com Ezequiel Neves. Ele delineia em seu texto-romance-biografia as angústias e os percalços que o evento de narrar uma vida implica, como resvalar em subjetivismos, em recalques, em desvios dos fatos, em recriações, em narcisismos etc.

Para ele: "[...] somos todos lacunares quando se trata de narrar as várias facetas de uma vida."[2968], há que se desconfiar de antemão do que se sabe[2969], inclusive e essencialmente, da memória que blefa aparecendo-desaparecendo de maneira constante. Silviano leva o gesto de recriação a partir da premissa memorialística à última potência em *Mil rosas roubadas*, sua *persona* narradora se embebe do escritor-ensaísta-crítico literário delineando não só suas angústias na posição de então (auto)biógrafo, mas enquanto alguém que escre(vi)ve com base em

---

[2966] SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 28.
[2967] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 269, grifos do autor.
[2968] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 221.
[2969] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 264.

uma consciência crítica de que lembrar implica esquecer e reinventar: “Preencho o duplo vazio, da memória, e do esquecimento, com palavras que não são as legítimas dele mas que talvez pudessem ter sido as dele [...]”[2970]. Silviano torna-se refém da memória[2971] “distorcida” resvalando a tessitura biográfica em autobiográfica permeada por invenções e interpretações de ordem pessoais, ainda que tente ser objetivo:

> O fio das palavras objetivas perde direção e significado e é coagulado em dor e suplício na mancha negra escrita no branco do papel, onde se dá o conflito da biografia com a plena subjetividade, assim como, no filme *À noite sonhamos,* o borrifo do sangue tuberculoso de Chopin no teclado alvinegro do piano propõe um fim singular ao concerto e à vida do pianista. [...] *Tudo é subjetivo neste relato*.[2972]

*Tudo é subjetivo,* e sensível, *nesse relato*. Na esteira do exposto sobre/a partir de Silviano e de Virginia, compreendo que o excerto acima do romance *Mil rosas roubadas* não se sustenta só para aquele que o profere, isso é, para Silvino, mas, proficuamente, possui validação crítica-metafórica-biográfica a ambos os autores e suas respectivas escrevivências *sobre/a partir* de Zeca, Vita e Orlando. Para Eneida, à luz de Pedro Nava, em *Tempo de pós-crítica* (2012), o memorialista há de se conscientizar da impossibilidade de formatação de uma paisagem em sua completude pelo fato de existirem peças faltantes e por estas deixarem buracos no céu, hiatos nas águas, sombras nos sorrisos, furos na silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo como vitrais furados[2973]. É nesses espaços lacunares que Silviano e Virginia manejam suas escrevivências homo-biográficas as potencializando por meio dos exercícios inventivos e reconstitutivos da ficção.

Nesse cenário, como explicita Jeanne Schulkind, organizadora do livro *Momentos de vida* (1986) de Virginia Woolf, o julgamento da obra literária não requer

---

[2970] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 77.
[2971] SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 131.
[2972] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 144-145, grifos meus.
[2973] NAVA *apud* SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 26.

de maneira nenhuma o conhecimento de suas raízes autobiográficas[2974]. Todavia, o conhecimento dessas só faz enriquecer a leitura possibilitando as mesmas densidades de associações que a memória dá ao momento presente[2975]. Com isso, ler e estabelecer relações de semelhanças e diferenças entre *Mil rosas roubadas* e *Orlando* tendo como eixo de comparação a escrevivência incide apenas como uma das maneiras de leitura e articulação. Opto por esse caminho crítico devido ao respaldo crítico-fronteiriço-comparativo-biográfico que me assento para teorizar. Em linhas gerais, compactuo com a ironia exposta pelo narrador-biógrafo-anônimo de *Orlando*: "[...] cada segredo da alma de um escritor, cada experiência de sua vida, cada atributo [...] está todo inscrito em sua obra; apesar disso, ainda convocamos críticos para comentar-lhe a obra e biógrafos para contar-lhe a vida."[2976]

Ainda para o narrador de *Orlando*, *a sociedade é tudo e a sociedade é nada e só os poetas e romancistas conseguem lidar com seus monstros*[2977]. Nesse viés, entendo que toda biografia e/ou relato de experiência, como *Mil rosas roubadas* e *Orlando* delineiam, são, em certa medida, algo coletivo, pois corroboram a expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade[2978]. Conforme Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico* (2010), é essa a qualidade coletiva, como rastro impresso nas singularidades o que torna relevantes as narrativas de vida, sobretudo, do meu ponto de vista, das (sobre)vidas *outras*, homo-biográficas, como a de Silviano Santiago e Virginia Woolf. Nessa visada das memórias homo-biográficas rechaçadas e desautorizadas pelo discurso patriarcal heternormativo vigente, endosso que:

---

[2974] SCHULKIND. Introdução, p. 28.
[2975] SCHULKIND. Introdução, p. 28.
[2976] WOOLF. *Orlando*, p. 138.
[2977] WOOLF. *Orlando*, p. 128.
[2978] ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 100.

> As memórias subterrâneas, ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, rasuram a cena dos grandes feitos e permitem a composição de outras histórias nascidas [...] da experiência da periferia e da marginalidade. O movimento que caracteriza o afloramento das memórias confinadas ao silêncio instiga a escuta das vozes que emanam do corpo dos espoliados, dos indivíduos acossados pela dor da pobre [exclusão] extrema.[2979]

Diferente do lugar de onde a citação supracitada fala, da periferia e da marginalidade socioculturais com base em *Becos da memória* de Conceição Evaristo, assento-me em tais perspectivas de exclusão para pensar as escrevivências/memórias/arquivos de Silviano Santiago e Virginia Woolf com base em suas homo-biografias da exterioridade patriarcal-heterossexista. É a partir desse lócus epistemológico de periferia e de exclusão que situo tanto os autores que amo, pelo crivo de uma *feriada similar de um texto amizade*[2980]*,* quanto a minha própria existência de intelectual homossexual e sul-fronteiriço. É na canibalização das narrativas, memórias e escrevivências dos meus divíduos e aliados hospitaleiros Silviano e Virginia que busco me contrapor às imagens e os discursos sexualmente controladores e cristalizados, sobretudo, no conservadorismo latente brasileiro perpassado por um momento em que grassam as intolerâncias, os discursos de ódio e a violência aos sujeitos das exterioridades, não apenas os sexuais como nós, mas também, os raciais, os étnicos etc.

Desse modo, meu fazer fronteiriço-comparatista-biográfico tangível aos meus/nossos *homo-bios* (Silviano/Virginia/Pedro) explicita-se baseado em uma exterioridade aberta e em constante sangramento, uma vez que, homo-biograficamente, sinto e rivalizo a fronteira-sul em meu corpo de *homem-menino-fronteira* atravessado pelas histórias *outras* que canibalizei e tomei para mim, como as *Mil rosas roubadas* e de *Orlando*. À semelhança de Silviano e Virginia, *desnudo-me* enquanto crítico homossexual propondo reflexões comparatistas e aquilatando

[2979] FONSECA. Posfácio, p. 191-192.
[2980] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 16.

narrativas *outras* as quais julgo necessárias de serem discutidas na academia: formas de sociabilidade[2981] políticas *outras* entre dois homens amigos-amantes, entre duas mulheres lésbicas/bissexuais também amantes e, sobretudo, pela figura de Orlando que não é *nem natural, homossexual, andrógino ou gay, mas queer*[2982]. Afinal, *contamos histórias porque as vidas humanas precisam e merecem ser contadas*[2983], sobretudo, aquelas que foram relegadas à inexistência da exterioridade.

Dada essas aproximações metafóricas crivadas pela sexualidade, entendo que, transferencialmente, aproximo-me e distancio-me, simultaneamente, de Silviano e Virginia e dos seus projetos *homo-bio-ficcionais* de maneira simbiótica e *canibalizadora*[2984]. Falo de mim e escre(vi)vo-me através deles. Executo o exercício (des)arquiviolítico a partir dos arquivos *homo-biográficos* de Silviano e de Virginia que se abrem a partir da minha inserção enquanto crítico também homossexual estabelecendo-me enquanto aliado hospitaleiro de Silviano e Virginia, dado que dou ressonância aos seus espectros por intermédio de nossa ferida homo-biográfica similar. Para respaldar esse processo de metaforização intercorporal, Juliano Garcia Pessanha assente:

> Aliado hospitaleiro é aquele que permite ser devorado, canibalizado e criado pelo outro polo no duo bipolar. O aliado hospitaleiro permite a confusão no tráfego de gestos e todo tipo de mergulho extático na área surreal da intercorporeidade. [...] *Nos duetos originários, o 'roubo' é* consentido, pois o outro é, simultaneamente, *outro é minha própria obra, isto é, eu mesmo.*[2985]

Crio, portanto, minhas formulações epistêmicas acerca das minhas *Mil rosas roubadas* e da minha/meu *Orlando* na mesma medida em que *sou criado por eles*[2986]. Sendo assim, perpassado por esses contextos de modos de vidas *outros*, homo-

[2981] Cf. *Amizade e estética da existência em Foucault* de Francisco Ortega.
[2982] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 268.
[2983] RICOEUER *apud* ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 111.
[2984] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.
[2985] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71, grifos meus.
[2986] Cf. *Recusa do não-lugar* de Juliano Garcia Pessanha.

biográficos/*queer*, de Silviano, Zeca, Virginia, Vita e Orlando, faço questão de (de)marcar, por uma razão política de existência, a partir de onde falamos enquanto divíduos sexualmente marginalizados e subalternizados pela hegemonia heternormativa e compulsória da interioridade. Busco, nessa esfera, repensar as questões de dentro e fora no que tange à nossa existência homo-biográfica:

> Mas se a metafísica da presença pensou apenas o *Dentro*, devemos, agora, a começar a pensar o *Fora.* E devemos fazê-lo não porque isso seja apenas uma novidade ou um pensamento diferente no mercado das ideias. Não: pensar o Fora [...] [é] operar uma mutação na nossa maneira de existir. Somos, hoje, eticamente forçados a pensar diferente, porque estamos, pela primeira vez, numa situação capaz de perceber a violência e a agressão que dormitavam no pensamento metafísico.[2987]

Com base na passagem de Pessanha, reitero a necessidade de pensar o *Fora* enquanto aquilo que foi desconsiderado pela história moderna, hegemônica, colonial e heterossexual europeia/norte-americana, isso é, a exterioridade criada pela interioridade. O discurso crítico academicista e disciplinar é exemplar em repetir teorias/narrativas itinerantes que grassam dos centros mundiais modernos para as bordas do planeta sem considerar as sensibilidades locais dos seus hospedeiros e, tampouco, seus *loci* geoistóricos.

Narrativas de homens brancos, burgueses e heterossexuais se sustentam como temática universal no cerne dos estudos de literatura subsidiadas pela falácia de que *essas histórias* dão conta de narrar *todas as histórias*, à maneira que venho expondo no decorrer desta dissertação desde o capítulo l. Isso posto, indago-me: como essas narrativas ditas universais podem dar conta das diversalidades pluritópicas e pluriversais dos modos de vidas e existências de Silviano, Zeca, Virginia, Vita e, sobretudo, de Orlando? Esse discurso supostamente universal não se sustenta para

[2987] PESSANHA *apud* NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 48.

todos, ele rechaça, expurga e marginaliza pelo crivo da diferença, no caso dessa leitura, essencialmente sexual.

É sob a égide desse contexto colonial-moderno que tomo *Mil rosas roubadas* e *Orlando* na direção de literaturas homo-biográficas da exterioridade que escre(vi)vem através da abertura do arquivo de modos de vidas *outras* assentados em sociabilidades extrínsecas à lógica dita universal homogênea e que performatizam comportamentos que, *a priori,* não lhes seriam permitidos em detrimento a um princípio de masculinidade/feminilidade e/ou sociabilidade estabelecidos pela interioridade patriarcal. Nossas histórias locais, sensibilidades e opções *homo-bio-epistêmicas* são endossadas por uma lógica não considerada pela colonialidade. Sociabilidades homoafetivas/homo-biográficas são amplamente rechaçadas e relegadas ao esquecimento por não serviram à lógica da interioridade que dissipa aquilo que destoa da norma. Fomos/somos expurgados para as margens, para as bordas, para a exterioridade. No plano das questões que chamo de homo-biográficas, Francisco Ortega, em *Genealogias da amizade* (2002), explicita:

> A modernidade prolongou essa atitude de total abominação e condenação universal da homossexualidade, a qual se torna um problema médico e sociopolítico no século XIX, de tal maneira que *até hoje é quase impossível mostrar afeto nas relações de amizade, especialmente considerado homoerótico. "Para dizer 'te amo' a um amigo ou amiga é necessário atravessar até no próprio corpo inúmeras grades históricas, uma floresta imensa de proibições e distinções, códigos, cenários, posições*".[2988]

À guisa desse intento, compreendo que o romance *Mil rosas roubadas* se insere na contracorrente do exposto pela modernidade colonial (interioridade) que primou pela exclusão da afetividade entre homens em detrimento a um padrão de masculinidade patriarcal e excludente. Desde os passos iniciais do (des)arquivamento das memórias, tornadas narrativas, de Silviano já se visualiza a declaração que é

[2988] DERRIDA *apud* ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 91, grifos meus.

repetida mais de uma vez no texto “Nascemos um para o outro aos dezesseis anos de idade [...]”[2989]. Dentro da lógica colonial que dissipa as sensibilidades *outras*, esse tipo de afetividade sensível entre homens é enxergado como impróprio e até pecaminoso – tendo em vista que o pensamento moderno-colonial é essencialmente cristão. Silviano, ao escre(vi)ver a partir de uma exterioridade sensível, biolocal e epistêmica, narra sua história de amizade/amor com seu amigo-amado político e quase biógrafo.

Posso, portanto, ler a relação de Silviano com Zeca em *Mil rosas roubadas* sob o crivo metafórico da liberdade de uma borboleta-azul que voa para além *da floresta imensa de proibições e distinções, códigos, cenários e posições*. A imagem da borboleta-azul é um ponto fundamental na (boa) amizade política/relacionamento entre os rapazes uma vez que explicita um dos principais momentos de afetividade, pois, ao Zeca demonstrar interesse pelo exercício entomológico, Silviano metaforiza-se em borboleta-azul a fim de chamar a intenção do amigo-amado: “Sinto-me uma borboleta-azul a esvoaçar em plena praça Sete. Ele riu.”[2990]

Para mim, a borboleta-azul corrobora esse voo de liberdade sensível-epistêmico que Silviano aquilata ao escre(vi)ver sua amizade/relacionamento, real e ficcional, com Zeca, sobretudo, de maneira sensível e que (de)marca um *estilo de vida gay*[2991] em 1950 para além das *grades históricas* abordadas por Ortega. Para Denilson Lopes, em *O homem que amava rapazes* (2002): “Ser um escritor gay é [...] uma forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, uma ética de um sujeito plural e

[2989] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 07.
[2990] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 67.
[2991] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 154.

uma estética da existência."[2992]. A exterioridade se dá *em e a partir* de nossos corpos homo-biográficos*.* Walter Mignolo, na esteira de Gloria Anzaldúa, pontua:

> Anzaldúa mostra a necessidade uma epistemologia fronteiriça [...] que permita pensar e construir pensamento a partir dos interstícios e que possa aceitar que os [...] homossexuais são categorias fora da lei desde uma epistemologia monotópica que normaliza determinados espaços (nacionais, imperiais), como espaços de contenção e de marginalização.[2993]

Nesse sentido, a partir do contexto da exterioridade o qual minhas reflexões assentam-se, entendo que um dos pontos elementares que concerne ao romance *Mil rosas roubadas* é substancialmente a óptica da (boa) amizade política, sob a égide de Jacques Derrida e Francisco Ortega. *Mil rosas roubadas* (des)arquivam as memórias de Silviano trazendo à baila o que Derrida e Ortega entendem por discurso do epitáfio. Em linhas gerais, o discurso do epitáfio explicita a *possibilidade/um compromisso de uma amizade e um amor para além da morte e da vida*[2994]. Nesse contexto, o amigo é cópia/imagem de mim assinando uma oração fúnebre[2995]. Derrida pontua:

> Não poderei amar por amizade sem me comprometer, *sem antecipadamente me sentir* comprometido a amar o outro para além da morte. Logo, para além da vida. Sinto-me, e de antemão, antes de todo e qualquer contrato, *levado* [*porté*] a amar o outro morto. Sinto-me assim (levado a) [(*porte à*)] amar, é assim que *me sinto* (amar). A autologia dá que pensar, como sempre: sinto-me amar, levado a o morto [...][2996]

Como explicitado, a declaração que abre as portas da narrativa das *Mil rosas roubadas* pode ser entendida, em menor ou maior grau, como uma espécie de oração fúnebre em relação à morte do amigo-amado. Sumariamente, a perda, a morte e a tentativa de lidar com a falta de um amigo amado delineiam o (des)arquivamento memorialístico de Silviano no romance aposto. Constitui-se uma amizade para além da vida a qual, *a priori,* a ausência se torna presença subsidiada pelo discurso ficcional

---

[2992] LOPES. *O homem que amava rapazes,* p. 38.
[2993] MIGNOLO *apud* NOLASCO. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 50, grifos meus.
[2994] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 69.
[2995] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 69.
[2996] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 26.

de Silviano e, agora, pelo epistêmico ensejado por mim enquanto crítico biográfico fronteiriço.

Para Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003) "[...] é preciso partir do amigo-amante e não e não do amigo-amado para pensar a amizade."[2997]. É crivado na óptica do amigo-amado que Silviano narra sua história com Ezequiel Neves afirmando de modo derridiano a possibilidade de *Mil rosas roubadas* projetar-se enquanto um romance, essencialmente, sobre a amizade, mas também, acerca das sociabilidades homo-biográficas, das reflexões relacionadas ao ato de biografar e, dentre outras, do trabalho de luto daquele que sobrevive à morte do amado. Há uma tentativa de lidar com a sombra fantasmagórica da morte (real/ficcional) alicerçada pelo discurso literário-epistêmico de uma ficção teórica. Valendo-se da memória faltosa, lacunar e falha, Silviano supre essas faltas ficcionalmente a fim de narrar sua escrevivência homo-biográfica com Zeca a partir de sua (boa) amizade política. Por esse tipo de relação, entendo:

> A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade [...] A boa amizade nasce da desproporção quando se estima ou respeita (*achtet*) o outro mais do que a si mesmo – e eis aqui uma segunda partilha, na amância, entre a amizade e o amor. A boa amizade supõe, claro, um certo ar, um certo toque (*Anstrich*) de intimidade, mas uma intimidade sem intimidade propriamente dita.[2998]

Silviano e Zeca são amigos políticos na medida em que não reproduzem um modelo fraternal de amizade, eles não apenas (re)afirmavam suas subjetividades um pelo outro, mas, politicamente, pelas personalidades e comportamentos extremamente opostos. Os amigos, por sua vez, transformavam-se pelos confrontos, pelos atritos ou, pelo que o próprio romance expõe, *através dos desentendimentos*

[2997] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 23.
[2998] DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 74.

*passageiros e profundos*[2999] estabelecendo o que os intelectuais da amizade supracitados entendem como o processo de *ascese*[3000].

A amizade, nesse prisma, representa um apelo a novas formas de experimentações de sociabilidades, um exercício do político, uma busca por alternativas alheias às normas tradicionais de relacionamentos. Silviano e Zeca explicitam escolhas de vida extremamente distintas, ficcional e biograficamente, visto que aquele, enquanto crítico e professor, opta por seguir a carreira acadêmica, dedicar-se à aposentadoria e à calmaria de uma vida comum, já Ezequiel escolhe experienciar os paraísos artificiais dos anos 1950, debruçar-se sobre as boêmias do mundo e, de maneira descortinada, levar a vida na posição de um artista sem grandes preocupações institucionais. Silviano e Zeca co-habitam lados distintos de uma mesma moeda homo-biográfica em que suas aproximações político-afetivas são crivadas na diferença.

Ainda no que convém ao plano da diferença entre os amigos-amantes, julgo necessário pontuar, conforme a ideia de aproximar-se pela semelhança na diferença, que os amigos possuíam personalidades opostas e que em demasiados momentos confrontavam-se não desestruturando, com isso, a amizade que, se alocada em uma perspectiva fraternalista e não transformadora, pudesse entrar em ruínas. O modo de sociabilidade político e *homo-biográfico* que Silviano e Zeca promoviam me leva a compreender que a discórdia não deve ser considerada como algo que desestabilize uma relação, mas que a fortaleça. Silviano afirma:

> Demonstrava coragem suficiente para afirmar – diante de possível e inconveniente ruptura na amizade – que a discórdia entre amigos não deve ser considerada como algo de estranho à expansão infinita dos sentimentos fraternos. Aliás, acrescentava, que no terreno apimentado pelos afetos, há

[2999] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 215.
[3000] Cf. *Políticas da amizade* de Jacques Derrida e *Para uma política da amizade* de Francisco Ortega.

> sempre que abrir espaço para os desentendimentos passageiros e profundos.[3001]

Sob a pluma de todas as reflexões homo-biográficas apostas, endosso, portanto, que a exterioridade se apresenta como um lugar criado e posto em nós, em nossos corpos-fronteiras, em nossos *loci*, em nossas reflexões epistêmicas e, sobretudo, em nossos projetos *homo-bio-ficcionais*. Silviano e Virginia pensam, produzem e escre(vi)vem a partir de uma consciência existencial *outra* que se aquilata em escrevivências de homens e mulheres homo-biográficos erigindo produções à luz de suas sensibilidades e de seus próprios corpos *outros* tal eu realizo enquanto crítico comparatista biográfico fronteiriço que pensa, sente e fala de um lugar *outro*, subalterno e marginalizado. Somos uns-nos-outros homo-biograficamente por intermédio da literatura. No plano dessa exterioridade tomada pelas questões invocadas por *Orlando*, Silviano assente:

> Sem dúvida, *Orlando*: *Uma biografia* causará ainda rebuliço nestes anos em que a sociedade é julgada permissiva pelos conservadores e os costumes se beneficiam da tolerância que só é invocada pelos bem-pensantes nos momentos de crise. O romance de Virginia Woolf convida o leitor a evitar o vocabulário 'tolerância'. Este resguarda a ideia de desigualdade sob a forma de generosidade do privilegiado. A institucionalização dos direitos libertários e civis deve acentuar não a tolerância, mas a pluralidade – de que o romance é exemplo maior. Pensar, por exemplo, que o corpo de Orlando se monta e se reinventa a cada dia, a cada ano, a cada século, como a série de esculturas *Bichos,* de Lygia Clark. No contato com as mãos do mundo, *Orlando*, o romance, se monta e se reinventa por um delicado e sutil sistema de dobradiças, que guardam as possibilidades infinitas do jogo entre a flexibilidade e o rigor.[3002]

Por isso, entendo que as escrevivências de Silviano e Virginia, além da minha, aproximam-se e distanciam-se, uma vez que escrevi(ve)mos a partir de experiências e de sensibilidades biolocais específicas dos nossos próprios corpos políticos perpassados por *homo-bios diversais*. *Mil rosas roubadas* e *Orlando*, enquanto textos que (des)arquivam memórias *outras* sobre/a partir da perda de um amigo-amor-político e o esfacelamento de uma relação de amor, escre(vi)vem-se marcadamente

[3001] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 215.
[3002] SANTIAGO. Entre a flexibilidade e o rigor, p. 284, grifos do autor.

a partir desse lugar *outro* (do *Fora*) não contemplado nem politicamente pelos padrões modernos, coloniais e patriarcais, nem pelas formas de existências, experiências e sociabilidades políticas construídas culturalmente – fraternas e não transformadoras. Ortega, nesse sentido, corrobora:

> Ao passo que a amizade foi aceita social e culturalmente, a homossexualidade não representava problema, mas, desde que amizade se desfaz como forma de relação tolerada culturalmente, a seguinte pergunta torna-se atual: "Que fazem os homens juntos?". A homossexualidade torna-se um problema médico e sociopolítico. [...] A amizade tem, para Foucault, principalmente o sentido de uma amizade homossexual. Sua atenção concentra-se, principalmente, nas possibilidades disponíveis hoje na cultura homossexual para criar novas formas de amizade.[3003]

No plano dessa cultura homossexual para fomentar novas formas de amizade é onde se situa, também, a amizade/relacionamento amoroso de Virginia e Vita (Figura 85). Para Tomaz Tadeu, elas não podiam ser mais diferentes[3004], haja vista que possuíam modos de vidas, de existências e personalidades estritamente distintas. Virginia compunha a classe média intelectualizada inglesa, enquanto Vita era herdeira da nobreza britânica Sackville-West. A vida sexual de Virginia era recatada e se suspeita de não ter sido consumada no casamento com Leonardo. Vita, pelo contrário, tinha uma vida sexual intensa, permeada por homens e mulheres, além de ter se casado com Harold, um diplomata de inclinações homossexuais[3005].

[3003] ORTEGA. *Amizade e estética da existência em Foucault*, p. 165.
[3004] TADEU. *Orlando*, p. 229.
[3005] TADEU. *Orlando*, p. 229.




FIGURA 85 – Virginia Woolf e Vita Sackville-West
Fonte: https://airmail.news/issues/2019-10-12/a-room-of-their-own

Assim sendo, encerro minhas postulações críticas *desnudadas* ressaltando que evoquei as diferenças entre Virginia e Vita com o intuito de aproximá-las, a partir do que mais as difere, ao relacionamento político-enamorado de Silviano e Zeca em *Mil rosas roubadas*. Ambos os casais, aos seus modos, épocas e *loci*, experienciaram modos de vidas *outros* possibilitados pelas convivialidades políticas endossadas pela amizade. À semelhança da leitura que venho tecendo nesse trabalho, é pelo que mais diferiam-se que os amigos-amantes, tanto os brasileiros quanto as inglesas, aproximavam-se. Metaforicamente, concluo minhas articulações comparatista-biográficas entrevendo que no meio do caminho das minhas comparações havia um/uma jovem chamado/a Orlando roubando, justamente, rosas fúnebres do que restou dos amores homo-biográficos não só de Virginia Woolf entremeada por Vita

Sackville-West, mas, sobremaneira, de Silviano Santiago atravessado pelo amor, pela amizade e pela amância compartilhadas com Ezequiel Neves.

## CONCLUSÃO – VIDAS QUE MERECEM SER *DESNUDADAS* E ESCRE(VI)VIDAS:
se me roubar, tu me entenderás

> É uma ilusão crer que um livro seja composto só de outros livros. As referências puramente bibliográficas constituem uma limitação e um mal-entendido. Um livro é feito de encontro com lugares, doenças, pessoas atravessadas por uma verdade, pessoas que são livros não escritos... Seria preciso, no futuro, indicar os acontecimentos, os fracassos e as insônias que apontam para o umbigo de um livro. No caso desta minha bibliografia, ela contempla não só os livros efetivamente citados nos capítulos e consultados na elaboração deles, *mas também aqueles que me tocaram ao longo da vida e que me ajudaram a formular as questões mais importantes*.
>
> PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287, grifos meus.

> E as rosas faziam-lhe falta. Haviam deixado um lugar claro dentro dela. Tira-se de uma mesa limpa um objeto e pela marca mais limpa que ficou então se vê o que ao redor havia poeira. As rosas haviam deixado um lugar sem poeira e sem sono dentro dela. No seu coração, aquela rosa, que ao menos poderia ter tirado para si sem prejudicar ninguém no mundo, faltava. Como uma falta maior. [...] E na clareira as rosas faziam falta. 'Cadê minhas rosas', queixou-se [...]
>
> LISPECTOR. A imitação da rosa, p. 175.
>
> A realidade é mosaico composto por asas azuis de borboletas.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 57.
>
> Eu me senti – logo depois de ter trocado o primeiro olhar e as primeiras palavras terem sido ditas – diamante ou pepita de ouro na bateia na praça Sete. Caí nos seus olhos como cisco impelido por vento soprado do Oeste Mineiro. Levei tombo na surpresa. Confesso. Levante, dei a volta por cima e escorri como mel pelos seus nervos óticos. Só reganhei figura humana quando bati finalmente à porta do coração.
>
> SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103.

Como expus desde a introdução desta dissertação, este *trabalho-corpo-político* descortinou-se sobre e *a partir* de vidas e de rosas, as quais roubei pela condição de crítico biográfico fronteiriço e de herdeiro, amigo, divíduo, aliado hospitaleiro, duo-simbiótico e dois-em-um com *meu* mineiro Silviano. Contudo, nesta conclusão, vou além. Muni-me não apenas de vidas, mas, sobremaneira, de vidas que, do meu ponto de vista descolonial-biográfico, *mereciam* ser *desnudadas*, escre(vi)vidas e projetadas para os espaços públicos dos saberes extrapolando as amarras e as fronteiras coloniais-imperialistas (im)postas à nós, *anthropos*, pela dita supremacia da *episteme* moderna engastada em sua própria vaidade pseudo-universalista de acreditar que daria conta das narrar *todas* vicissitudes de *todos* os sujeitos. Pelo contrário, tal qual expus nos meandros dos três capítulos apostos, a *episteme* moderna não fez outra coisa senão expurgar, apagar, silenciar, rechaçar e exteriorizar as diferenças coloniais mascaradas de diferenças culturais.

Por isso, à maneira que o subtítulo dessa conclusão corrobora, *se me roubar, tu me entenderás*. Ou seja, para, efetivamente me compreender, meus leitores em potencial (mais uma vez, que existam, por favor!) precisam envolver-se não mais de

binarismos modernos apostos na dualidade sujeito/objeto, mas, sim, deslindar *roubos consentidos*[3006] abismando-se dessas escrevivências e existências *outras* justapostas nas fronteiras das exterioridades biográficas, sensíveis, afetivas e locais. Tal qual a epígrafe de Pessanha corrobora, mais vez reproduzida nesse trabalho, *um livro* (ou uma dissertação) *não é composto apenas de outras obras, mas, sim, de encontros com lugares, doenças e pessoas atravessadas por uma verdade, pessoas que são livros não escritos*[3007]. Entremeado por essa premissa, busquei não apenas levá-la à exaustão em minhas articulações críticas, ademais, angariei, efetivamente, escre(vi)ver vidas *que me tocaram ao longo da vida intelectual e que me ajudaram a formular as questões mais importantes*[3008] da minha própria existência homo-biográfica e sul-fronteiriça.

À luz do projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* de Silviano e das minhas/nossas *Mil rosas roubadas* (2014), entrevi perspectivas fulcrais da minha existência que me eram, inconscientemente, faltosas e lacunares, todavia, antes do *meu* mineiro, eu nem mesmo compreendia-as. Essas rosas encobertas por sombras fantasmagóricas e odores fúnebres (Zeca/Carlos) desencobriram não só os aspectos (des)coloniais da minha própria (sobre)vivência homo-biográfica e sul-fronteiriça, mas, também, desvelaram ausências, brancos e lacunas que sempre me foram caros, entretanto, até então jamais presentificados. Após a escrevivência do último ponto final dessa dissertação projetada para um mundo desigual e ainda herdeiro dos legados coloniais, questionar-me-ei, *cadê minhas rosas?*[3009]*.*

[3006] PESSANHA. *Recusa do não-lugar*, p. 71.
[3007] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.
[3008] PESSANHA. *Instabilidade perpétua*, p. 287.
[3009] LISPECTOR. A imitação da rosa, p. 175.

Em resposta à interrogação aposta, espero que encontrando ressonâncias simbióticas em outros divíduos, pois, hoje *desnudado*, entrevejo que minhas/nossas escrevivências nada mais são que *molduras das nossas perdas, não mudaremos o mundo com elas, mas deixaremos algumas palavras*[3010]. A essa palavras, ensejo duetos simbióticos e *roubos consentidos*, tal qual venho experienciando e escre(vi)vendo desde 2017 com o *meu* mineiro responsável por me *fazer sentir diamante ou pepita de ouro*[3011] nos trópicos da fronteira-sul de onde nos escre(vi)vo simbioticamente desde os idos de 2017. Pela condição de herdeiro que me foi imposta, *levei tombo na surpresa, confesso, levantei, dei a volta por cima e só reganhei figura humana quando bati, finalmente, à porta do meu/nosso coração*[3012]. Mesmo sem saber, Silviano transformou, para sempre, a minha vida possibilitando que, de uma forma ou de outra, eu me encontrasse comigo mesmo e (re)visitasse todos os múltiplos Pedros que um dia fui desde o meu nascimento atravessado, tal qual as minhas/nossas *Mil rosas roubadas*, pelo *açoitamento da morte*[3013].

Assim sendo, no capítulo I, "**OS PRETÉRIOS IMPERFEITOS DA RAZÃO COLONIAL:** *entre-corpos-lugares* e escrevivências epistêmico-literárias a partir de Silviano Santiago", busquei propor uma *teorização outra*, oriunda do Sul geopolítico e epistêmico, endossada, sobremaneira, pelo que conclamei de escrevivências homo-biográficas ilustradas pelo projeto *homo-bio-ficcional-ensaísta* do *meu* mineiro *pari passu* aos *entre-corpos-lugares,* desobediências epistêmicas e opções descoloniais das exterioridades que nos foram (im)postas. Concomitante a isso, encontrei-me, de maneira metafórica, com o meu eu-criança para (tentar) resolver celeumas e evocar vicissitudes homo-biográficas e sul-fronteiriças que a nós, *anthropos* e corpos

[3010] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 115.
[3011] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103.
[3012] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 103.
[3013] NOLASCO. *O oráculo da fronteira*, p. 56.

inconvenientes, foram negadas, expurgadas, silenciadas e apagadas em detrimento à supremacia do homem heterossexual, euro-norte-americano e moderno.

Na sequência, no capítulo ll, "**MINHA VIDA, NOSSA(S) VIDA(S):** as escrevivências fantasmagóricas da morte", debrucei-me, em especial, sobre as particularidades engendradas pelas minhas/nossas *Mil rosas roubadas* perpassadas por presenças/ausências descortinadas pelas mortes daqueles que tanto Silviano quanto eu amaremos *ad infinitum*. Apesar da minha condição de sobrevivente à falta da figura paterna, *estou contente por meu pai habitar esse lugar*[3014], mesmo que apenas por meio da minha conjuração espectral aquilatada na minha escrevivência atravessada por demasiadas faltas, ausências, brancos e lacunas. Enfim, *só me restou a escrita*[3015], ou melhor, a escrevivência. Diante dessa, desconfio que Silviano, Carlos e todas as vidas aqui *desnudadas* e escre(vi)vidas *estarão em mim para sempre, estando lá, em algum lugar, sem me ver, fazendo-me um sinal*[3016].

E, por fim, no capítulo lll, "**ENTRE SILVIANOS, VIRGINIAS E FRONTEIRAS:** escrevivências roubadas, (con)fundidas e in(corpo)radas", ensejei, em princípio, retomar os princípios (trans)fronteiriços deslindados por toda a dissertação no tocante ao *meu* mineiro para, enfim, colocá-lo em condição simétrica, destituída de provincianos ou bairrismos, e *pari passu* à escritora inglesa Virginia Woolf no tanger à biografia-romance *Orlando* (2017), escre(vi)vida *a partir* do perfil biográfico-metafórico da aristocrata Vita Sackville-West. Para tal, vali-me, ademais aos conceitos descortinados em toda a dissertação, do nome *(im)próprio*, da assinatura e das amâncias homo-biográficas para roçar, crítico-comparativamente, os corpos-*corpus* de Silviano/Virginia aos de Zeca/Vita. Afinal, *ninguém tem vontade de falar de amor*

[3014] LINDON. *O que amar quer dizer*, p. 118.
[3015] MARTINS. *O perfume das acácias*, p. 113.
[3016] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 60.

(ou de amizades/amâncias) *se não for para alguém*[3017]*.* Em suma, atravessado por todas essas vidas aqui roubadas, compreendi que *navegamos e escre(vi)vemos tendo como bússola e coração*[3018]. Nesse ínterim, Silviano, você é aquele que é digno de ser escre(vi)vido, *desnudado* e amado[3019].



FIGURA 86 – Silviano, *aquele que é digno de ser amado*[3020]
Fonte: acervo pessoal

[3017] BARTHES. *Fragmentos de um discurso amoroso*, p. 65.
[3018] SANTIAGO. *Mil rosas roubadas*, p. 243.
[3019] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 128.
[3020] TAÏA. *Aquele que é digno de ser amado*, p. 128.

## REFERÊNCIAS


ACHINTE, Adolfo Albán. Artistas indígenas y afrocolombianos: entre las memorias y las cosmovisiones: estéticas de la re-existência. In: PALERMO, Zulma. *Arte y estética en la encrucijada descolonial I*. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2009, p. 83-112.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALVES, Laura. Apresentação: Virginia e Orlando. In: WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 05-08.

AMARAL, Adriana Cörner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (org.). *Em torno de Jacques Derrida.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 31-43.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo.* In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 860-880.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera*: the new mestiza. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 370-382.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

BARRETO, Adeline Silva; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Pesquisa(s) em Arte(s) – pensando processos investigativos na UEMS. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (org.). *NAV(r)E – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade*: artista, professor, pesquisador. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 37-48.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Coimbra: Edições 70, 1970.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso.* Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula*: uma aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de setembro de janeiro de 1997. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENNINGTON, Geoffrey. *Derridabase*. In: DERRIDA, Jacques; BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 11-218.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PAISAGENS BIOGRÁFICAS DESCOLONIAIS. 2013. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/2562/1615>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Bio*geografias como episteme local: fronteiras platinas (Brasil/Paraguai/Bolícia). In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; *et al*. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 29-63.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Paisagens biográficas pós-coloniais*: retratos da cultura local sul-mato-grossense. Campo Grande: Life Editora, 2018.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Artista, professor, pesquisador: uma matéria em questão nas artes. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (org.). *NAV(r)E – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade*: artista, professor, pesquisador. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 255-266.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial para (trans)bordar corpos em artes da cena. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. POÉTICAS DE PROCESSOS ARTÍSTICOS BIOGEOGRÁFICOS: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espaços, grafia-narrativas. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Différences Coloniales* – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORGES, Jorge Luis Borges. *Os conjurados*. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*: volume 3. São Paulo: Globo, 1999, p. 511-563.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasiliense, 2018.

CANDIDO, Antonio. Literatura comparada. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1gRfkvD0g7ZAaLkl3hFsKS187sWBL6LiX>. Acesso em: 28 nov. 2019.

CARDOSO, Marília Rothier. Anonimato da escrita: sobrevivência de fórmulas multitemporais. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Silviano Santiago: uma homenagem. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, p. 61-68.

CARVALHAL, Tania Franco. Sob a égide do cavaleiro errante, 2006. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/111>. Acesso em: 05 set. 2019.

CARVALHO, Tobias. *As coisas*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAZUZA. *Exagerado*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1985. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4d0DpU7Odiv0ztvX2GxJlk?si=TAtaEdpcTK6FCP4hIXsGzQ>. Acesso em: 13 jul. 2020.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice B. P. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CORACINI, Maria José. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica biográfica. v. 2. n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 125-136.

CUNNINGHAM, Michael. *As horas*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CURTIS, Vanessa. *As mulheres de Virginia Woolf*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Salvo o nome*. Tradução de Nícia Adan Bonete. Campinas: Papirus, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Circonfissão*. In: DERRIDA, Jacques; BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 11-218.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*: seguido de o ouvido de Heidegger. Porto: Campo das Letras, 2003.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Escolher sua herança. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã*: diálogo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 09-31.

DERRIDA, Jacques. Estou em guerra contra mim mesmo. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10757>. Acesso em: 20 abr. 2019.

DERRIDA, Jacques. *Otobiografías*: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

DERRIDA, Jacques. Freud e a cena da escritura. In: JACQUES, Derrida. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014, p. 289-338.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Tradução de Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DJAMILA, Ribeiro. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

DORNELLES, Leticia. Leticia Dornellles comenta sobre pesquisadores exonerados da Casa de Rui Barbosa: “É muito choro por coisas desnecessárias”. 2020. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/leticia-dornellles-comenta-sobre-pesquisadores-exonerados-da-casa-de-rui-barbosa-e-muito-choro-por-coisas-desnecessarias/>. Acesso: 20 abr. 2020.

DOUBROVKSY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 127-162.

ECHEVERRIA, Regina. 1 Vídeo (11:31). Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014. *Publicado pelo canal lwramones*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n4AIR19XzpA>. Acesso em: 13 jul. 2020.

EVARISTO, Conceição. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele. 1996. In: *Literatura negra*: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 153. 1996.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.).

*Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Evandro Affonso; PESSANHA, Juliano Garcia. *Epigramas recheados de cicuta*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Posfácio: costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 191-198.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. As fronteiras da exclusão: o processo identitário e multifacetado do indígena. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/35863>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GROOVE, Gloria. *Gay (Interlúdio)*. São Paulo: SB MUSIC, 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1rzig5daadllTuAdqAyOdy?si=JtwZyIqcTGWeA5K5bLg2g>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GRISTWOOD, Sarah. *Vita & Virginia*: the lives and love of Virginia Woolf and Vita Sackville-West. London: National Trust, 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. 2015. Disponível em: <https://www.docero.com.br/doc/en550>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HILST, Hilda. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HILST, Hilda. XV. In: HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 39-57.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro:* o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KILOMBRA, Grada. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. [Entrevista concedida à Joana Oliveira]. *El País*, São Paulo, s/p, 12 set. 2019.

LEONI. 1 Vídeo (11:31). Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014. *Publicado pelo canal lwramones*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n4AIR19XzpA>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LEMASSON, Alexandra. *Virginia Woolf*. Tradução de Ilana Heinberg. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LIMA, Cláudia de Castro. Cazuza: Exagerado. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/cazuza-exagerado/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LINDON, Mathieu. *O que amar quer dizer*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LISPECTOR, Clarice. A imitação da rosa. In: LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*: Clarice Lispector; organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 159-178.

LISPECTOR, Clarice. Cem anos de perdão. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 60-62.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes*: e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOPES, Denilson. Do entre-lugar ao transcultural. In: LOPES, Denilson. *No coração do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 21-46.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUCINHA. 1 Vídeo (11:31). Cazuza - [2014] Por Trás da Canção - Exagerado - 07/02/2014. *Publicado pelo canal lwramones*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n4AIR19XzpA>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MÁRAI, Sándor. *As brasas*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MAROVATTO, Mariano. O corpo. In: MELLO, Ramon Nunes (org.). *Tente entender o que tento dizer*: poesia + hiv/aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, p. 137-137.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 141-156.

MARTINS, Geraldo Majela. *O perfume das acácias*. Belo Horizonte: Casa Cambuquira, 1997.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Prefácio. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 11-13.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (org.). *Teorías sin disciplina*. México: Miguel Angél Porrúa, 1988, s/p.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Prefacio de la edición castellana: un paradigma otro: colonialiad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: *Historias locales/diseños globales*: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003, p. 19-60.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf.>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. Aiesthesis decolonial: artículo de reflexión. 2010. Disponível em: <http://200.69.103.48/comunidad/grupos/calle14/Volumen4/Vol4/Articulos/calle14_vol4_Walt er%20Mignolo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

MIGNOLO, Walter. *El vuelco de la razón*: diferencia colonial y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. Prefacio. In: GÓMEZ, Pablo Gómez (org.). *Arte y estética en la encrucijada descolonial II*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2014, p. 07-09.

MIGNOLO, Walter. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera*: sentir y pensar la descolonialidad (antología, 1999-2014). Barcelona: CIDOB, 2015, p. 173-189.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102690920170002005 07&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica (ll), pensamiento independiente y libertad de-colonial. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2004.

MORICONI, Italo. O espectro de Foucault. 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10782>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MORICONI, Italo. De máscaras e espelhos. 2017. Disponível em: <https://issuu.com/suplementoliterariodeminasgerais/docs/silvianosantiago>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MORICONI, Italo. Introdução: crítica, escrita, vida. In: MORICONI, Italo (org.). *35 ensaios de Silviano Santiago*: seleção e introdução de Italo Moriconi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Evando. Matérias-primas: entre autobiografia e autoficção. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica biográfica. v. 2, n. 4. Campo Grande, 2010, p. 59-75.

NASCIMENTO, Naira de Almeida. A vida como literatura e a literatura para viver: apontamentos sobre a ficção de Silviano Santiago. In: WEINHARDT, Marilene (org.). *Ficções contemporâneas*: histórias e memórias. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, p. 135-166.

NEVES, Ezequiel. Um mineiro de Formiga. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (org.). *Navegar é preciso, viver:* escritos para Silviano Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 20-21.

NOLASCO, Edgar. Comparativismo cultural hoje, 2010. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/251/255>. Acesso em: 05 set. 2019.

NOLASCO, Edgar Cézar. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica contemporânea. v. 2, n. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 29-49.

NOLASCO, Edgar Cézar. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica biográfica. v. 2, n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

NOLASCO, Edgar Cézar. A razão pós-subalterna da crítica latina. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: pós-colonialidade. v. 5, n. 9. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 09-22.

NOLASCO, Edgar Cézar. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar Cézar. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013, p, 131-159.

NOLASCO, Edgar Cézar. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar Cézar. Silviano Santiago e o lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Silviano Santiago: uma homenagem. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, p. 17-29.

NOLASCO, Edgar Cézar. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar Cézar. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar Cézar. Clarice é minha neblina. In: NOLASCO, Edgar Cézar (org.). *A hora da estrela Clarice Lispector (40 anos)*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 17-22.

NOLASCO, Edgar Cézar. *O oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios, 2018.

NOLASCO, Edgar Cézar. Descolonizando a pesquisa acadêmica. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7771>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios, 2019.

NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 261-290.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de janeiro: Graal Editora, 1999.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latinoamericano a fines del siglo XX. In: *Tabula rasa*. n. 9. Bogota: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, 2008, p. 217-246.

PALERMO, Zulma. Una violencia invisible: “la colonialidad del saber”. In: *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*. n. 38. Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2010, p. 79-88.

PALERMO, Zulma. SIÑANIS, Cristina. Heterogeneidad estructual y re-existencia en la escucha. In: *MILLCAYAC:* Revista digital de ciencias sociales. v. II, n. 3. Mendoza: Centro de Publicaciones FCPyS, 2015, p. 105-113.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*: o saber com sabor. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PESSANHA, Juliano Garcia. Roceiro pé no chão. In: PESSANHA, Juliano Garcia. *A chave de uma história*: poemas de Gregório Salgado. São Paulo: Livraria do desassossego, 2003, p. 13-18.

PESSANHA, Juliano Garcia. O olhar do limitar. [Entrevista concedida à Suellen Trevizan]. *Pessoa*: a revista que fala a sua língua, São Paulo, s/p, 13 jul. 2013.

PESSANHA, Juliano Garcia. Província da escritura. In: PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho transiente*, São Paulo: SESI-SP Editora, 2018, p. 151-159.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Instabilidade perpétua*. In: PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho transiente*, São Paulo: SESI-SP Editora, 2018, p. 211-289.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.

PIZARRO, Ana. A América Latina como arquivo literário: Gabriela Mistral no Brasil. In: MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 352-269.

PORTO, Henrique. 'Achava que Zeca levaria Cazuza para o mau caminho', diz Lucinha Araújo. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/07/achava-que-zeca-levaria-cazuza-para-o-mau-caminho-diz-lucinha-araujo.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

POSSO, Karl. *Artimanhas da sedução*: homossexualidade e exílio. Tradução de Marie-Annie Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RBA, Redação. Protesto alerta para gestão ‘aterrorizante’ da Fundação Casa de Rui Barbosa. 2020. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/01/protesto-fundacao-casa-rui-barbosa/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

REIS, Léa Maria Aarão. Os resistentes da Casa Rui Barbosa. 2020. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Arte/Os-resistentes-da-Casa-de-Rui-Barbosa/39/46276>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise o arquivo*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SAID, Edward W. Israel está mais seguro?. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10687>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. W. *Representações do intelectual:* as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Cheiro forte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e cultura de massa. In: SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 106-124.

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso: primeiras – e necessariamente apressadas – anotações. In: SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 193-203.

SANTIAGO, Silviano. Meditações sobre o ofício de criar. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1450>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTIAGO, Silviano. A multiplicidade de Silviano. In: COELHO, Frederico (org.). *Encontros*: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, p. 138-165.

SANTIAGO, Silviano. 'Nunca aprendi a fazer versos'. In: COELHO, Frederico (org.). *Encontros*: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, p. 166-193.

SANTIAGO, Silviano. Viagem ao México. In: COELHO, Frederico (org.). *Encontros*: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, p. 62-75.

SANTIAGO, Silviano. Em 'Mil rosas roubadas', Silviano Santiago escreve uma biografia da vida interior. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/em-mil-rosas-roubadas-silviano-santiago-escreve-uma-biografia-da-vida-interior.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SANTIAGO, Silviano. ‘Literatura, para mim, é ruptura’. 2014. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/164/rliteratura--para-mim--erupturar>. Acesso em: 30 nov. 2019.

SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silviano. Entrevista com Silviano Santiago. 2015. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/3>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SANTIAGO, Silviano. Pelo lado de fora da raia. 2015. Disponível em: <http://rascunho.com.br/pelo-lado-de-fora-da-raia/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SANTIAGO, Silviano. 1 Vídeo (14:43). Silviano Santiago - Imagem da Palavra - Parte 2. *Publicado pelo canal Imagem da Palavra*, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Li2Ero9t1M&t=143s>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/09/1511606-a-literatura-brasileira-a-luz-do-pos-colonialismo.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTIAGO, Silviano. Luminosidades do observador. 2016. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5esanteriores/77-capa/1651-luminosidades-do-observador.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTIAGO, Silviano. Entre a flexibilidade e o rigor. In: WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 265-284.

SANTIAGO, Silviano. Sim. In: MELLO, Ramon Nunes (org.). *Tente entender o que tento dizer*: poesia + hiv/aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, p. 27-27.

SANTIAGO, Silviano. Silviano, o equilibrista. In: *OLYMPIO*: literatura e arte. v.1, n.1. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 36-50.

SANTIAGO, Silviano. Nota preliminar. In: *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019, p. 07-08.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019, p. 09-30.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTIAGO, Silviano. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”. [Entrevista concedida a Adrián Melo]. *Resumen latinoamericano*: la otra cara de las noticias de América y el tercer mundo, Buenos Aires, s/p, 20 jul. 2019.

SANTIAGO, Silviano. Nó, nós. In: *Revista Electra*. n. 8. Porto: Fundação EDP, 2020, p. 164-173.

SANTIAGO, Silviano. No final dos anos 60, a peste nos EUA era outra, lembra Silviano Santiago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/no-final-dos-anos-60-a peste-nos-eua-era-outra-lembra-silviano-santiago.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo*: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*: ensaio sobre o plágio, a psicanálise o pensamento. Campinas: UNICAMP, 1990.

SCHNEIDER, Michel. *Mortes imaginárias.* Tradução de Fernando Santos. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

SCHULKIND, Jeanne. Introdução. In: WOOLF, Virginia. *Momentos de vida*. Tradução de Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 15-30.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*: ensaios. Veredas & Cenários, 2012.

SOUZA, Eneida Maria de. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). *O lugar da teoria literária*. Criciúma: Ediunesc, 2016, p. 217-224.

TADEU, Tomaz. Notas. In: WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 219-259.

TADEU, Tomaz. Sobre as ilustrações. In: WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 261-262.

TADEU, Tomaz. Créditos das ilustrações. In: WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 263-263.

TAÏA, Abdellah. *Aquele que é digno de ser amado*. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Editora Nós, 2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/39100918/WITTGENSTEINInvestigacoefilosoficas-Os-pensadores>. Acesso em: 20 nov. 2019.

WOOLF, Virginia. *Diário 1915-1926*. Tradução de Maria José Jorge. Lisboa: Bertrand Editora, 2018.

WOOLF, Virginia. *Diário 1927-1941*. Tradução de Maria José Jorge. Lisboa: Bertrand Editora, 2018.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WOOLF, Virginia. *Os diários de Virginia Woolf*: seleção e tradução de José Antonio Arantes. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**ANEXOS – BIOGRAFEMAS:**
traços das nossas vidas duo-simbióticas pelo olhar das fotografias

> Ela [a fotografia] me permite ter acesso a um infrassaber, fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim um certo fetichismo: pois há um 'eu' que gosta de saber, que sente a seu respeito como que um gosto amoroso. Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor [e/ou pesquisador], me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de 'biografemas'; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia.
>
> BARTHES. *A câmara clara*, p. 31-32.

**ANEXO 1 – Minhas/nossas *Mil rosas roubadas* no espaço antigo do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC)**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 2 – No espaço antigo do NECC, eu, *Mil rosas roubadas* e minha metafórica Heloisa Buarque de Hollanda (ou Nathalia Flores)**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 3 – No espaço novo do NECC trabalhando em conjunto com alguns dos amigos *neccenses*. Da direita para a esquerda, Marina, Amaury, eu, e Fábio**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 4 – Minhas *Mil rosas roubadas* na Praça Sete de Setembro durante viagem a Belo Horizonte em 2019**



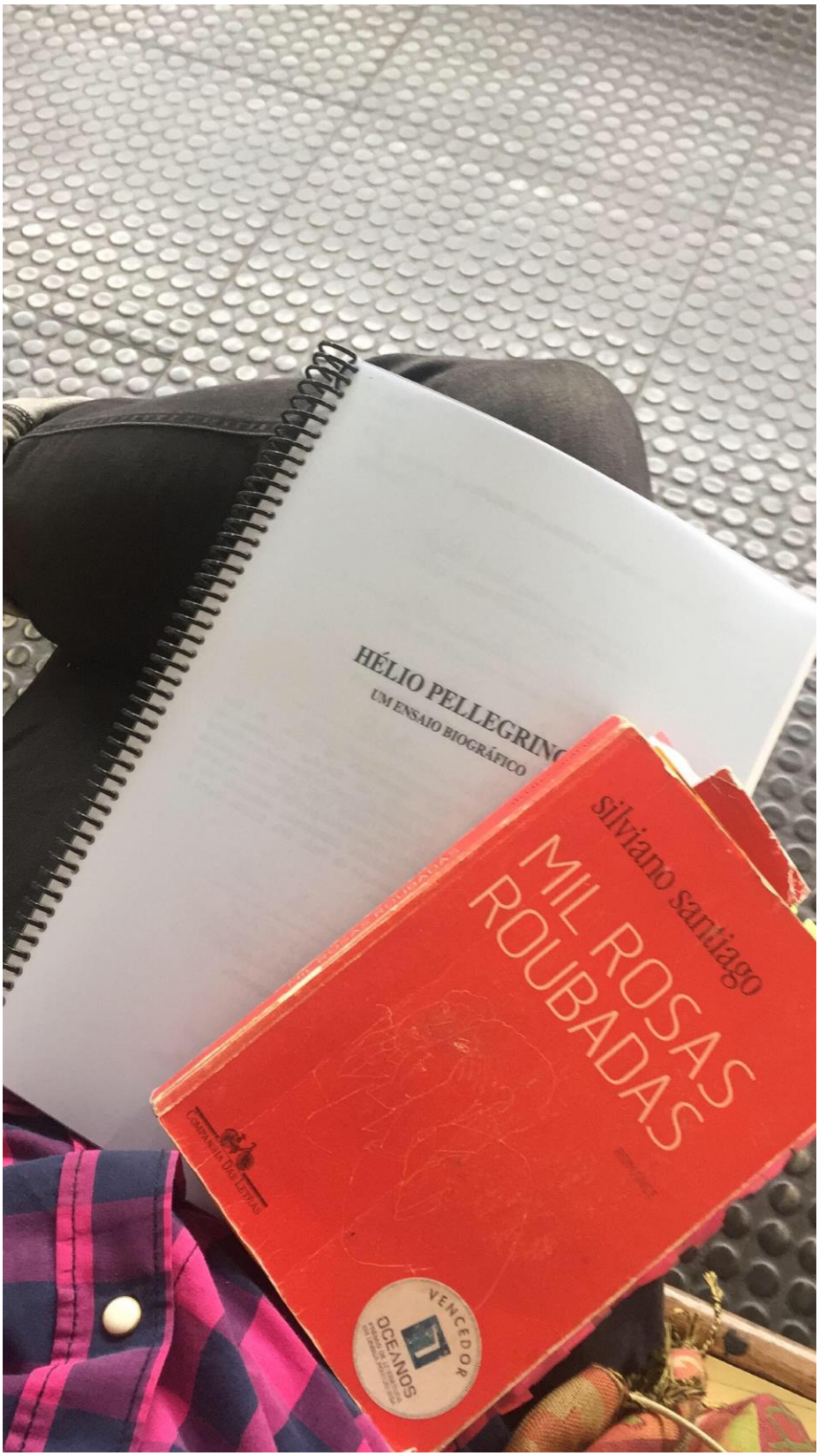

Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 5 – Praça Sete de Setembro, a minha pessoa durante viagem a Belo Horizonte em 2019**



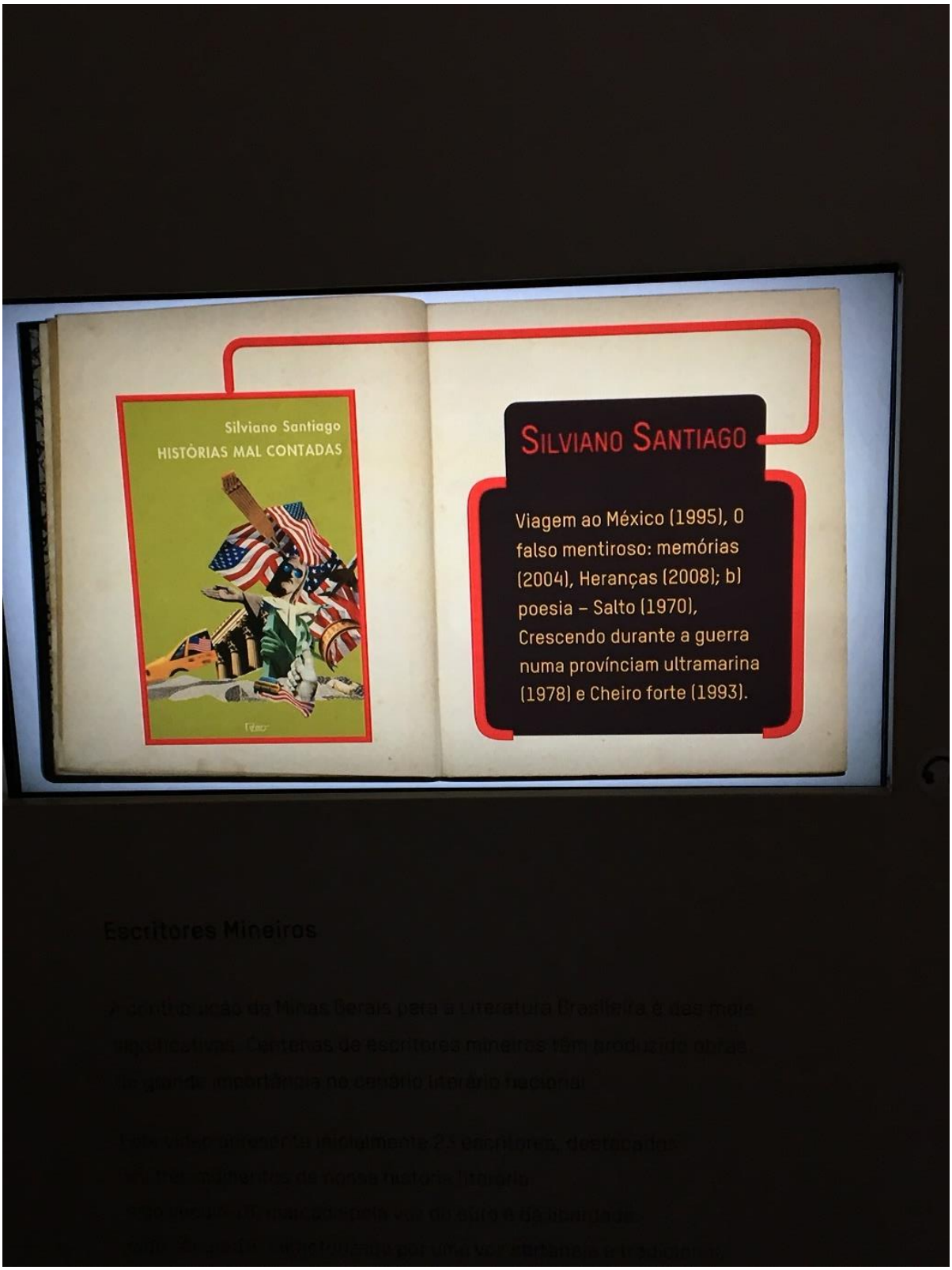

Fonte: acervo pessoal

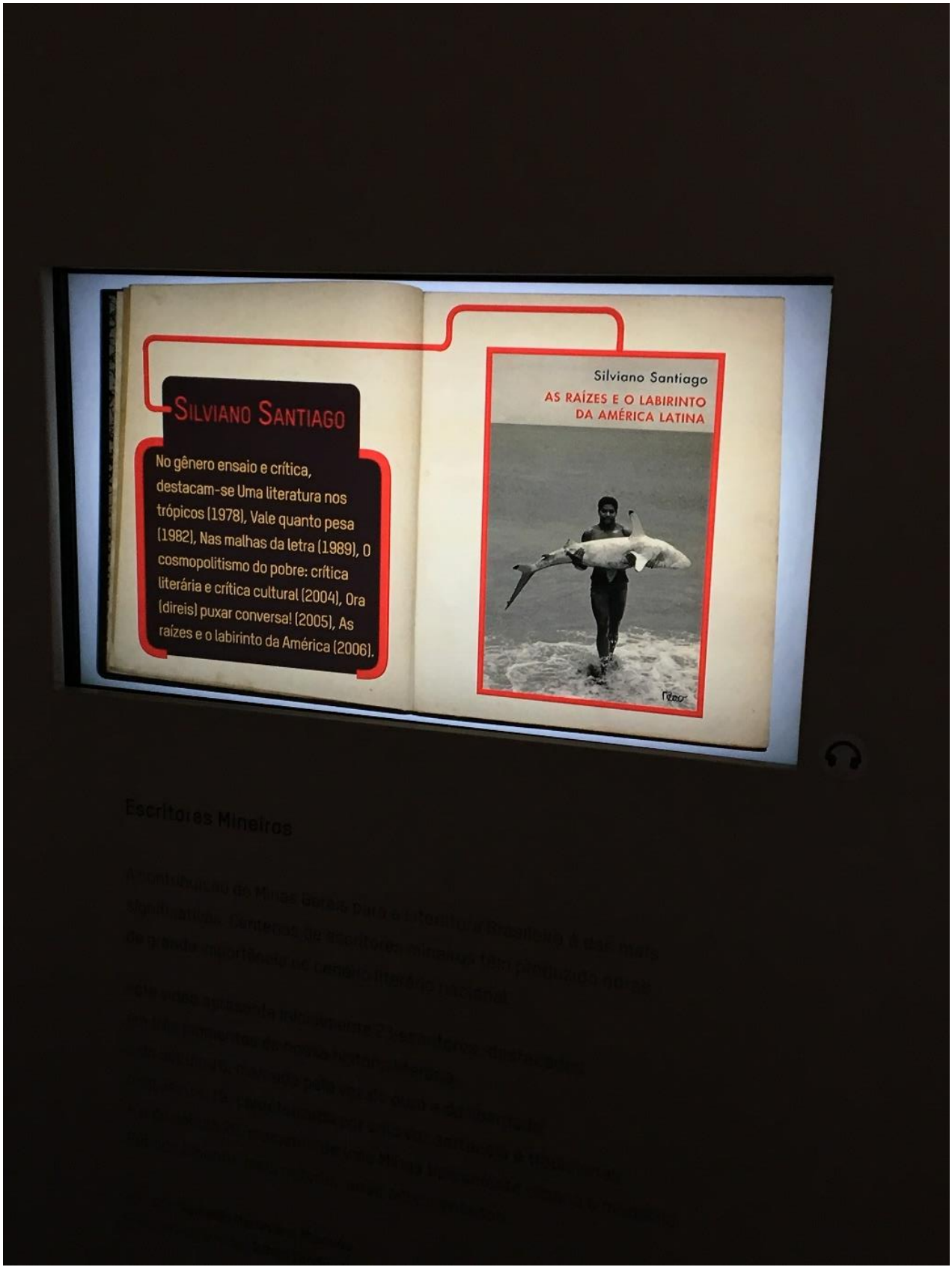
**ANEXO 6 – Um biografema: tese sobre Hélio Pellegrino e minhas *Mil rosas roubadas* na UFMG em 2019**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 7 – Meu mineiro Silviano no Circuito Cultural Praça da Liberdade, fotografia tirada durante viagem a Belo Horizonte em 2018**






Fonte: Circuito Cultural Praça da Liberdade em Belo Horizonte

**ANEXO 8 – Aquarelas das minhas *Mil rosas roubadas* feitas pelo meu amigo Washington Batista Leite em 2017, ano em que me tornei um jovem pesquisador ladrão de rosas**





Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 9 – Apresentação de seminário de um grupo de graduandos em 2017 sobre Silviano Santiago na disciplina "Teoria da Literatura IV" (UFMS/Campo Grande) ministrada pelo meu orientador Edgar Cézar Nolasco e monitorada por mim e por outros *neccenses*. Na fotografia, estou à frente de um painel de imagens criado pelos graduandos a partir do meu mineiro**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 10 – Primeira apresentação de comunicação oral sobre/a partir do meu mineiro e das minhas *Mil rosas roubadas* no IV Encontro do NECC e I Colóquio do NAV(r)e (UFMS/Campo Grande) em 2017 com a temática "Silviano Santiago: Mil rosas (auto)biográficas"**



Fonte: acervo pessoal

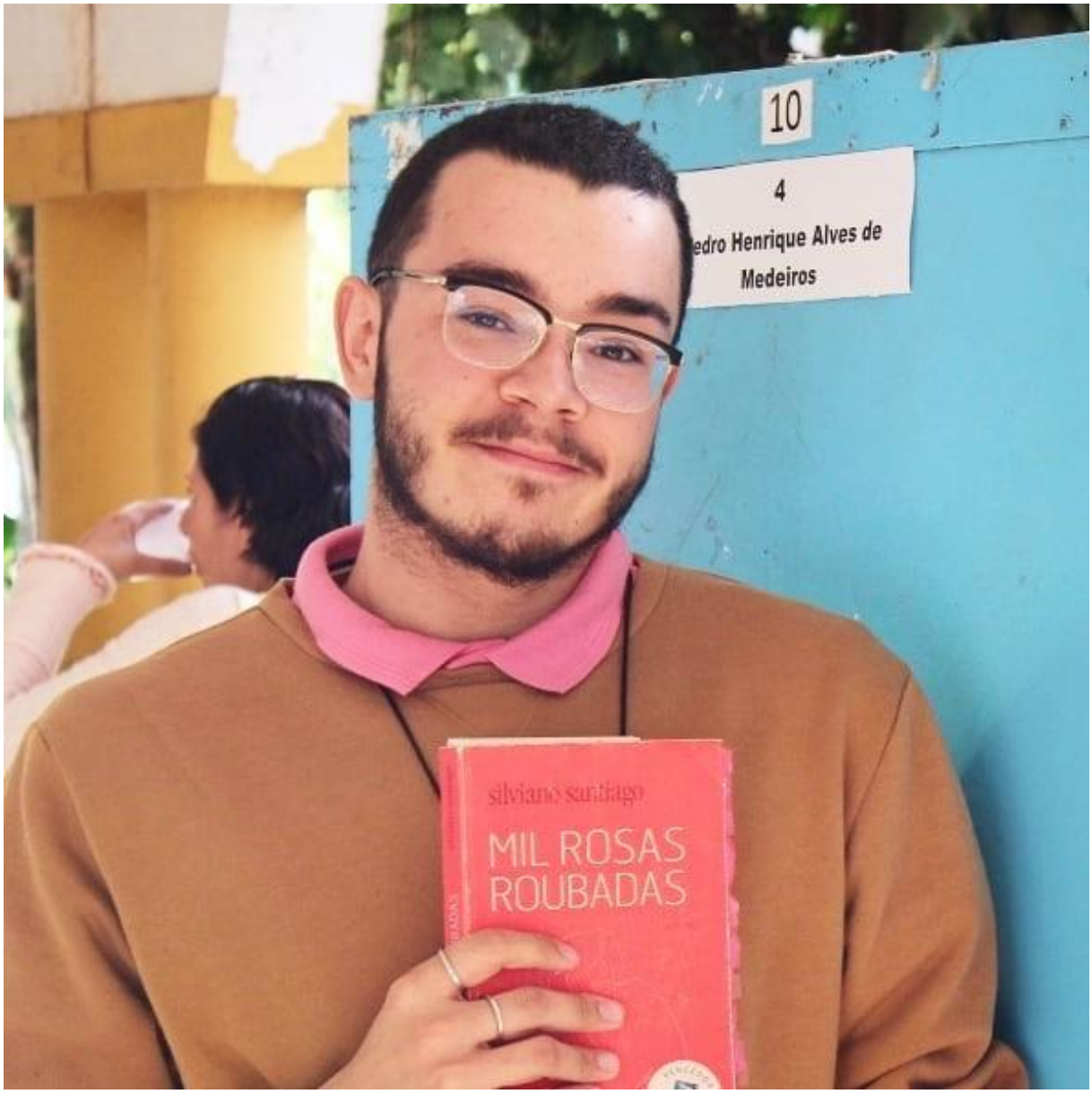
**ANEXO 11 – Apresentação de comunicação oral no II Seminário da Sociedade de Leitores Vivos – Desafios em estudos de linguagens (UFMS/Aquidauana) em 2017 com a temática "*Mil rosas roubadas* e *Machado*: epistemologias bio-imagéticas"**



Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 12 – Apresentação de pôster no 66º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) (UNESP/São José do Rio Preto) em 2018 com o tema: "Amizade política e homossexualidade no romance *Mil rosas roubadas*"**






Fonte: acervo pessoal

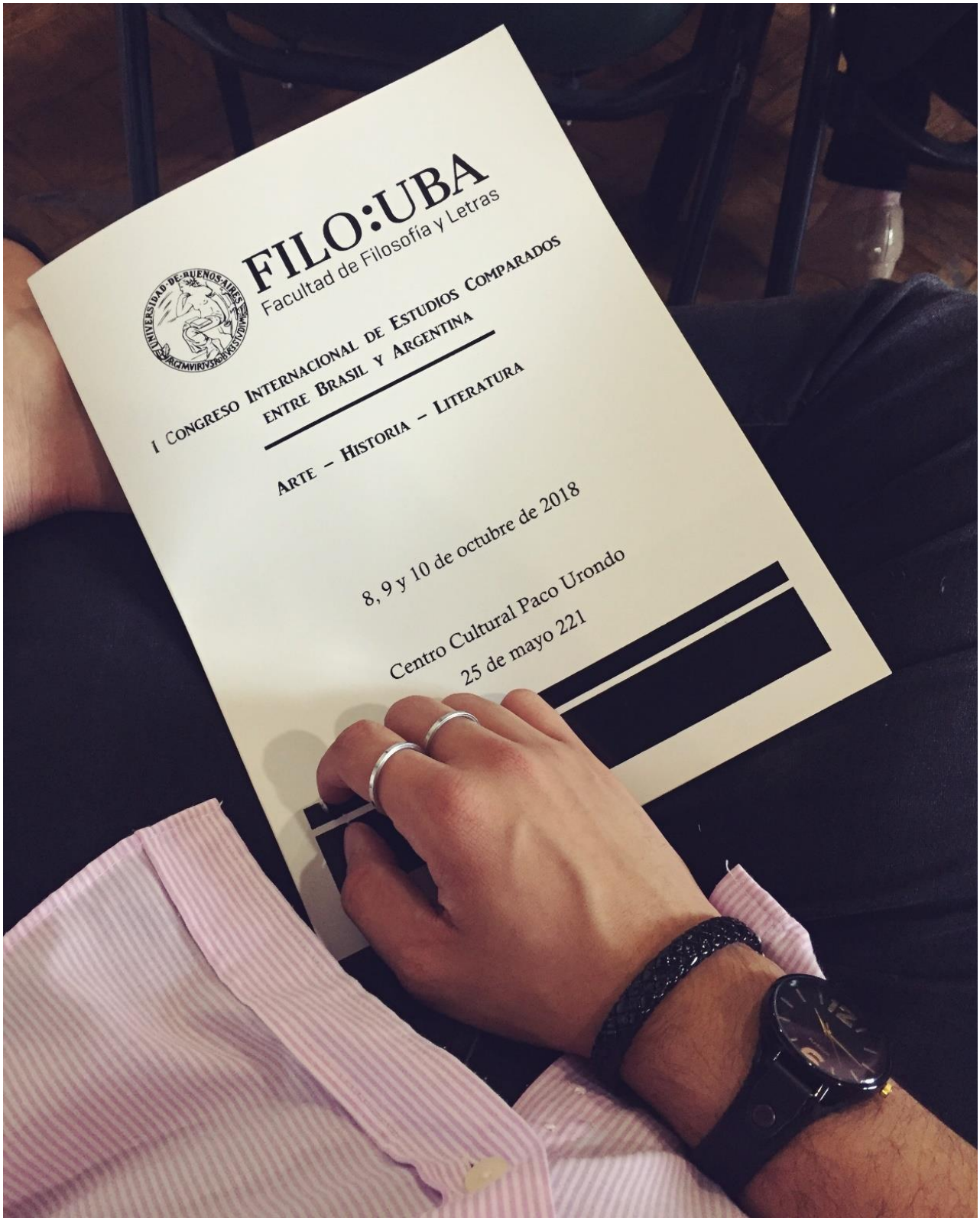
**ANEXO 13 – Com meus amigos *neccenses* (Viviani a minha esquerda e Anny à direita) e orientador (Edgar Cézar Nolasco) na apresentação de comunicação oral no II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult (UNILA/Foz do Iguaçu) em 2018 com a temática "Silviano Santiago: o intelectual desobediente (trans)fronteiriço"**



Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 14 – Com meus amigos *neccenses* (Heloisa/Nathalia à extrema esquerda da mesa e Kássia entre nós) na apresentação de comunicação oral no I Congreso Internacional de Estudios Comparados entre Brasil y Argentina: Arte – História – Literatura (UBA/Buenos Aires) em 2018 com a temática "Silviano Santiago: um projeto intelectual da opção descolonial"**






Fonte: acervo pessoal

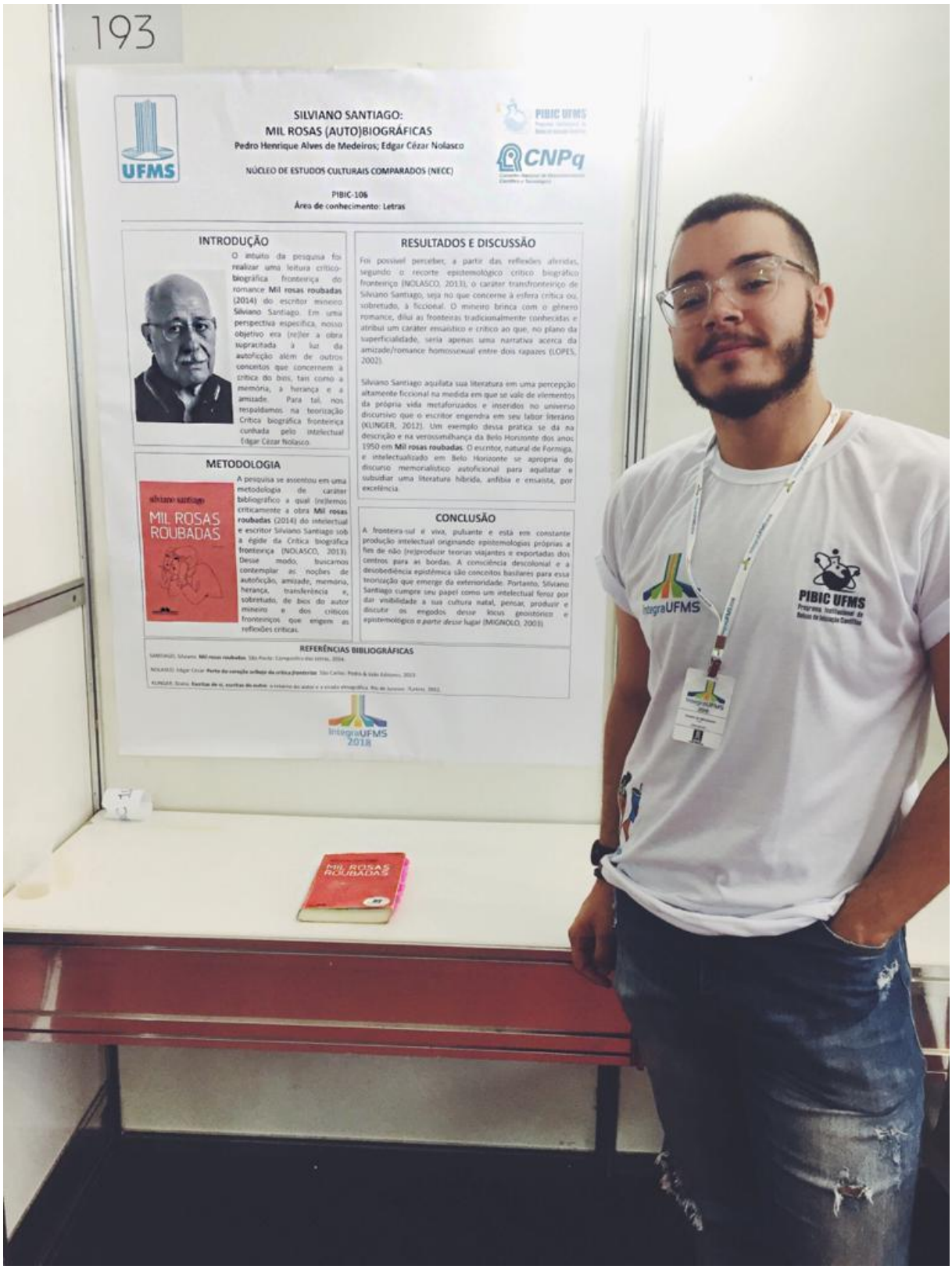
**ANEXO 15 – Última comunicação oral enquanto graduando e PIBIC/UFMS no II Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e XX Semana de Letras (UFMS/Campo Grande) em 2018 com a temática "Zeca, Silviano, Antônio, Stella, Machado, Graciliano: facetas (bio)ficcionais do ensaísta Silviano Santiago"**





Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 16 – Encerramento do projeto de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UFMS) sobre Silviano e as minhas/nossas *Mil rosas roubadas*. Apresentação de pôster no Integra UFMS 2018 (UFMS/Campo Grande) com o tema "Silviano Santiago: Mil rosas (auto)biográficas"**






Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 17 – Apresentação de comunicação oral VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG (UFMG/Belo Horizonte) em 2019 com a temática "Mil rosas roubadas de Silviano Santiago: um romance da exterioridade"**






Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 18 – Fotografia tirada em 2018 no dia da minha colação de grau do curso de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Juntamente a mim, o amor da minha vida, minha mãe (Claudete Araújo Alves)**



Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 19 – Primeira apresentação de comunicação oral enquanto mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagens (PPGEL/UFMS) no evento X Ciclo de Estudos em Linguagens e III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem (UEPG/Ponta Grossa) em 2019 com a temática "A (trans)fronteiridade em Silviano Santiago: um intelectual desobediente"**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 20 – Apresentação de comunicação oral no 2º Cinefórum: cinema, literatura, sociedade e debate: conexões (UEMS/Campo Grande) em 2019 com a temática "Não existimos sozinhos, somos feitos de um monte de outros: uma questão de amizade (política) em *Mil rosas roubadas*"**



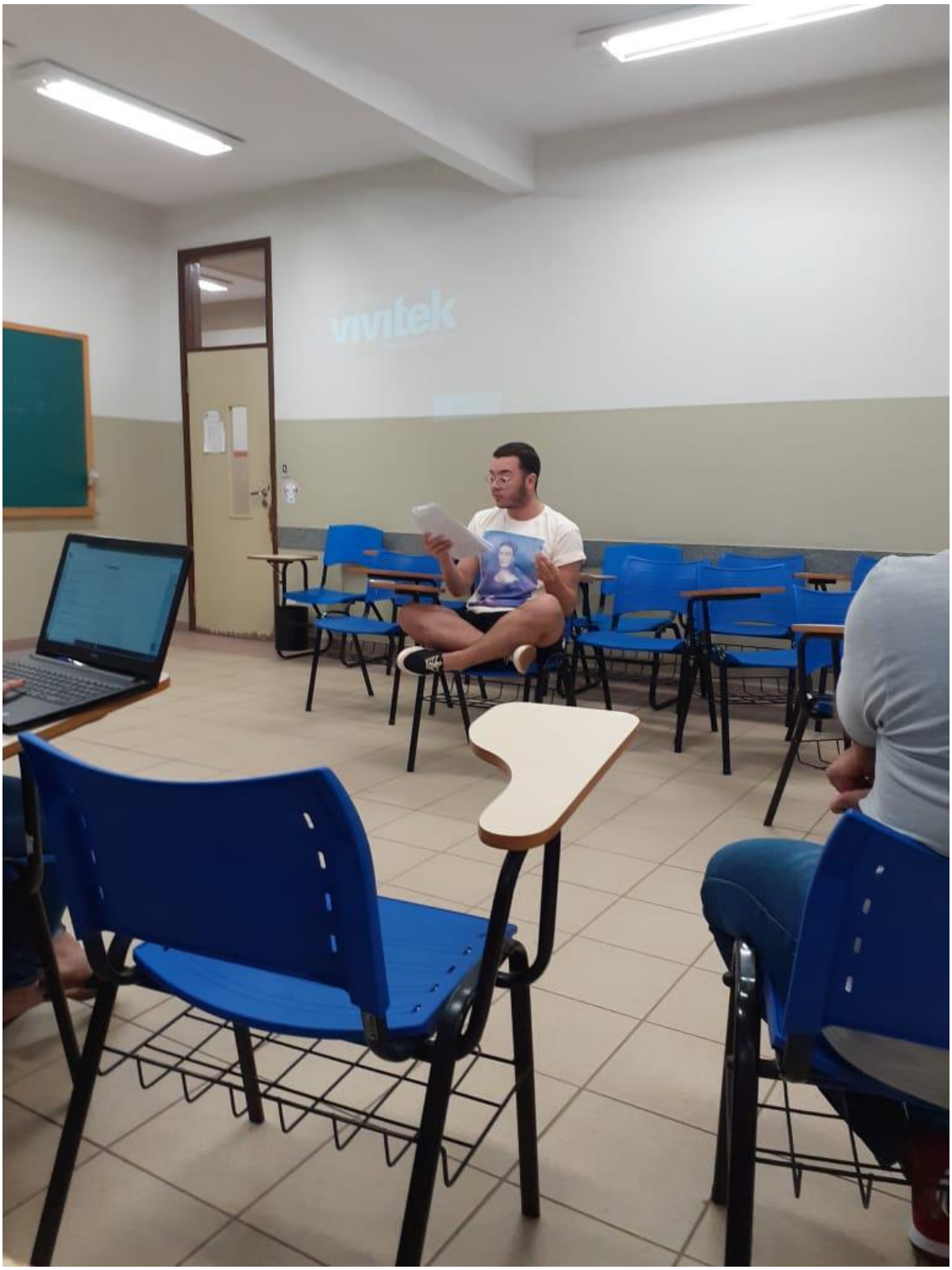

Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 21 – Apresentação de comunicação oral no III Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e XX Semana de Letras (UFMS/Campo Grande) em 2019 com a temática "Mil memórias roubadas e (des)arquivadas de Silviano Santiago: somos o que somo porque nos tornamos um"**



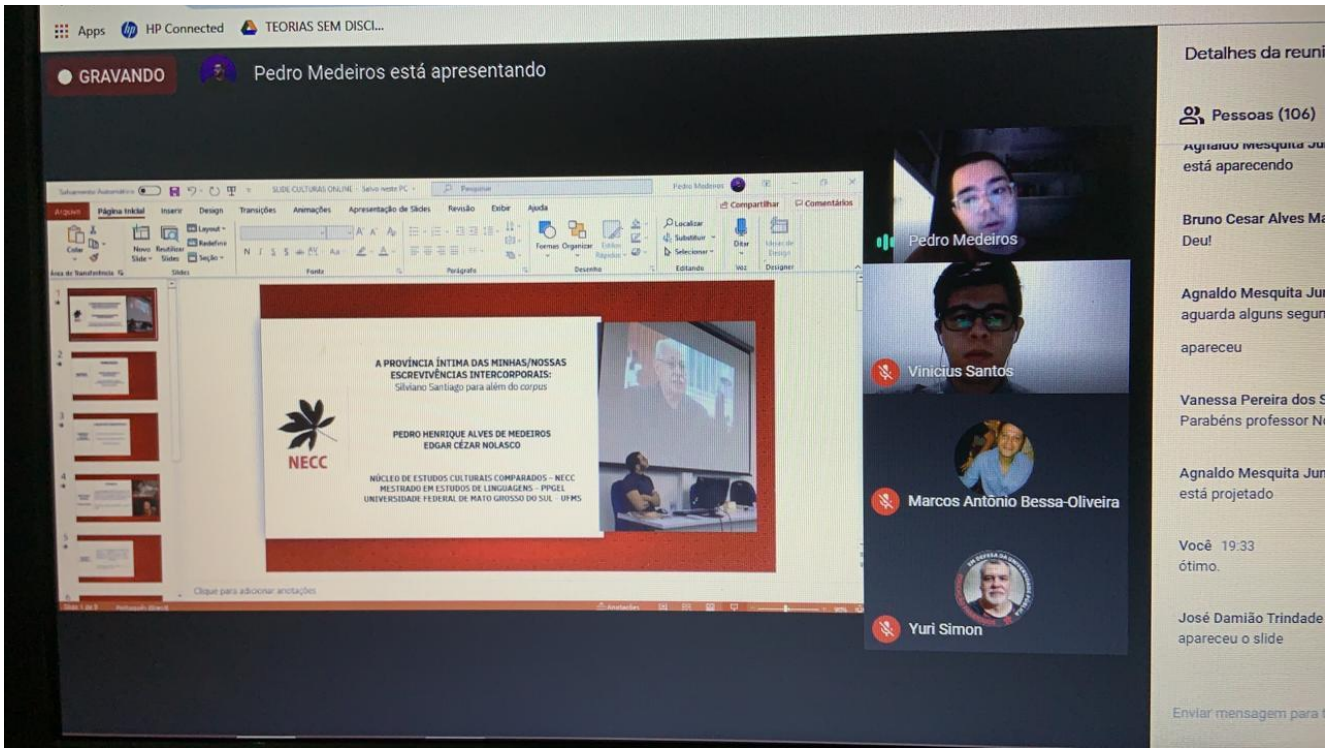

Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 22 – Apresentação de comunicação oral no VII Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços (UFMS/Corumbá) em 2019 com a temática "Memórias homo-biográficas da exterioridade: Silviano Santiago e as suas/nossas *Mil rosas roubadas*"**



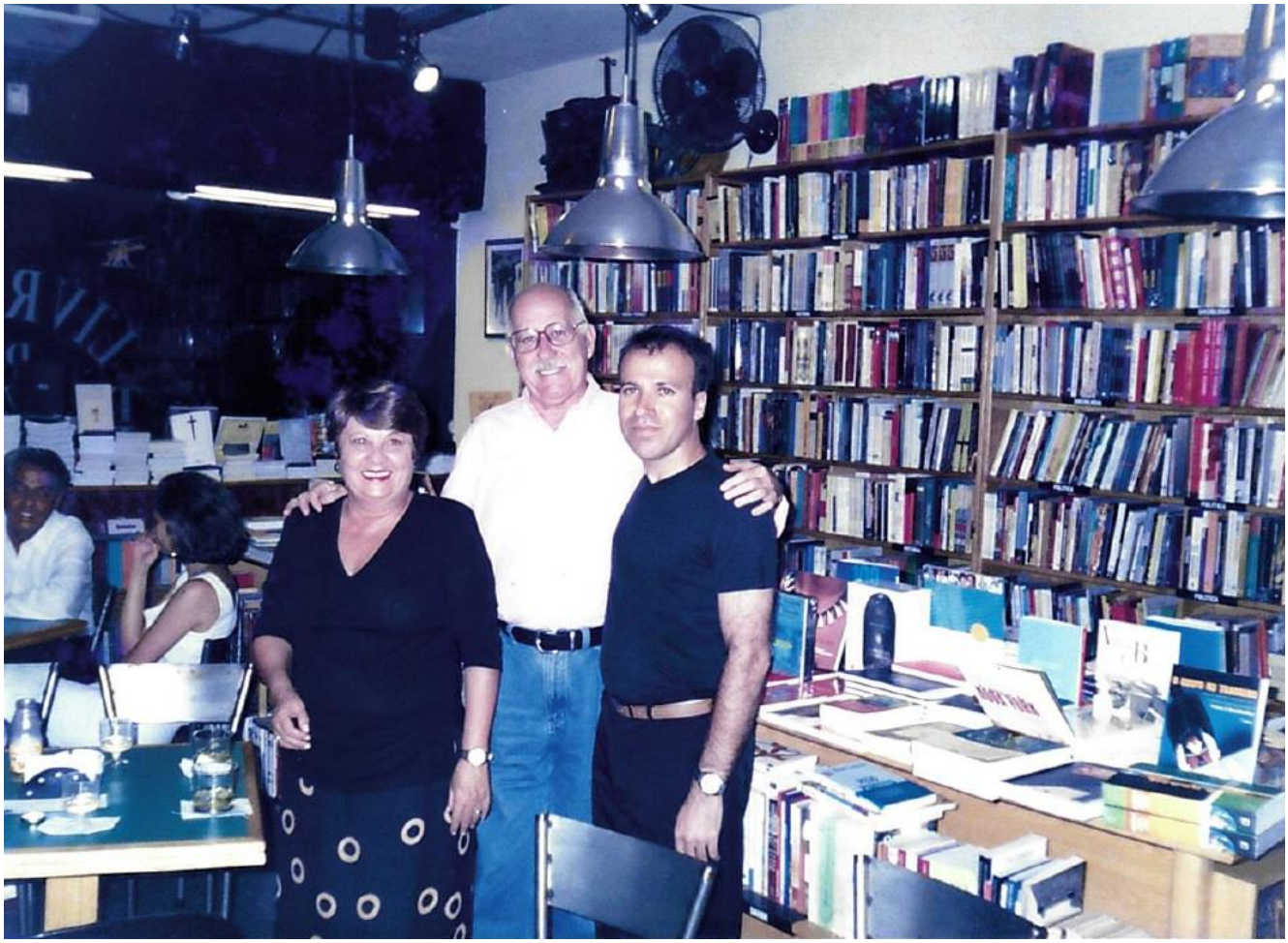

Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 23– Apresentação de comunicação oral *online* no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas - #Culturas em 2020 com a temática "A província íntima das minhas/nossas escrevivências intercorporais: Silviano Santiago para além do *corpus*"**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 24 – Meu mineiro, meu orientador Edgar Cézar Nolasco e Eneida Maria de Souza em 2002. A foto foi tirada no dia do lançamento da obra *Não tenhas medo da dor* (2002) de Nolasco em Belo Horizonte**



Fonte: acervo pessoal, fotografia cedida pelo meu orientador Edgar Cézar Nolasco

**ANEXO 25 – Logo do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), coordenado pelo meu orientador Edgar Cézar Nolasco, grupo de pesquisa do qual sou membro desde a minha segunda semana de aula do primeiro semestre na graduação em Letras no ano de 2015**




Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 26 – Fotografias com o meu orientador Edgar Cézar Nolasco, sem ele, o jovem pesquisador ladrão de rosas o qual me tornei talvez não tivesse vindo à tona. Desde 2015, compartilhamos ressonâncias crítico-epistemológicas por intermédio do NECC e das afetividades-sensibilidades presentes em uma (boa) amizade (política), *à la* Jacques Derrida e Francisco Ortega**






Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 27 – Meu eu-graduando e já *neccense*, recém completado 18 anos, com Eneida Maria de Souza na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2015, ano que ingressei no curso de Letras na mesma instituição**






Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 28 – Meu eu ainda graduando e *neccense*, com 21 anos, no último semestre da graduação e já transfigurado em um ladrão de rosas, com Eneida Maria de Souza na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2018, ano que me formei no curso de Letras na mesma instituição**





Fonte: acervo pessoal

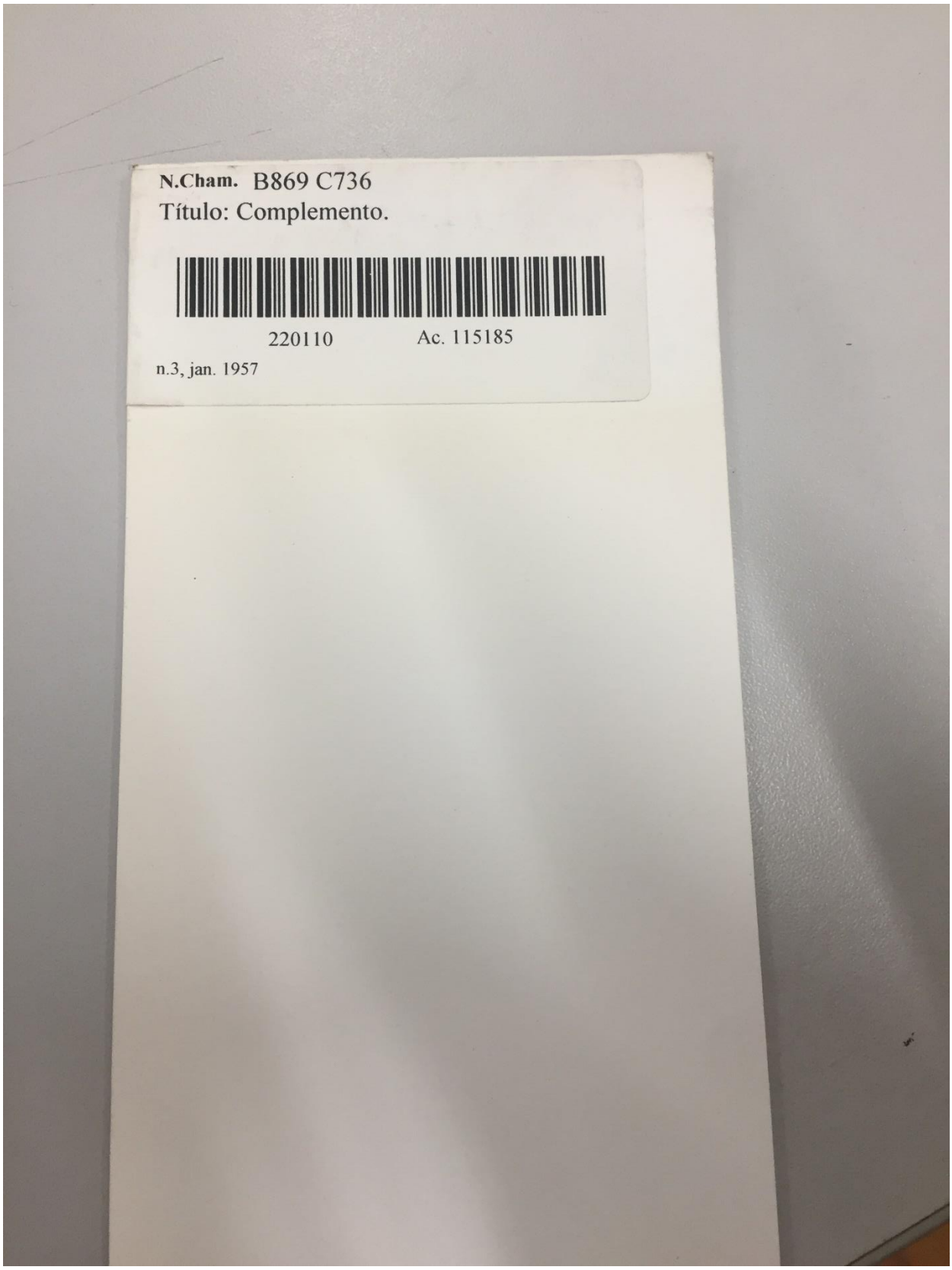
**ANEXO 29 – Conferência de Eneida Maria de Souza (2018) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no III Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e XX Semana de Letras. A intelectual mineira compartilhou a mesa de apresentação com meu orientador Edgar Cézar Nolasco e o professor e crítico Marcos Antônio Bessa-Oliveira**

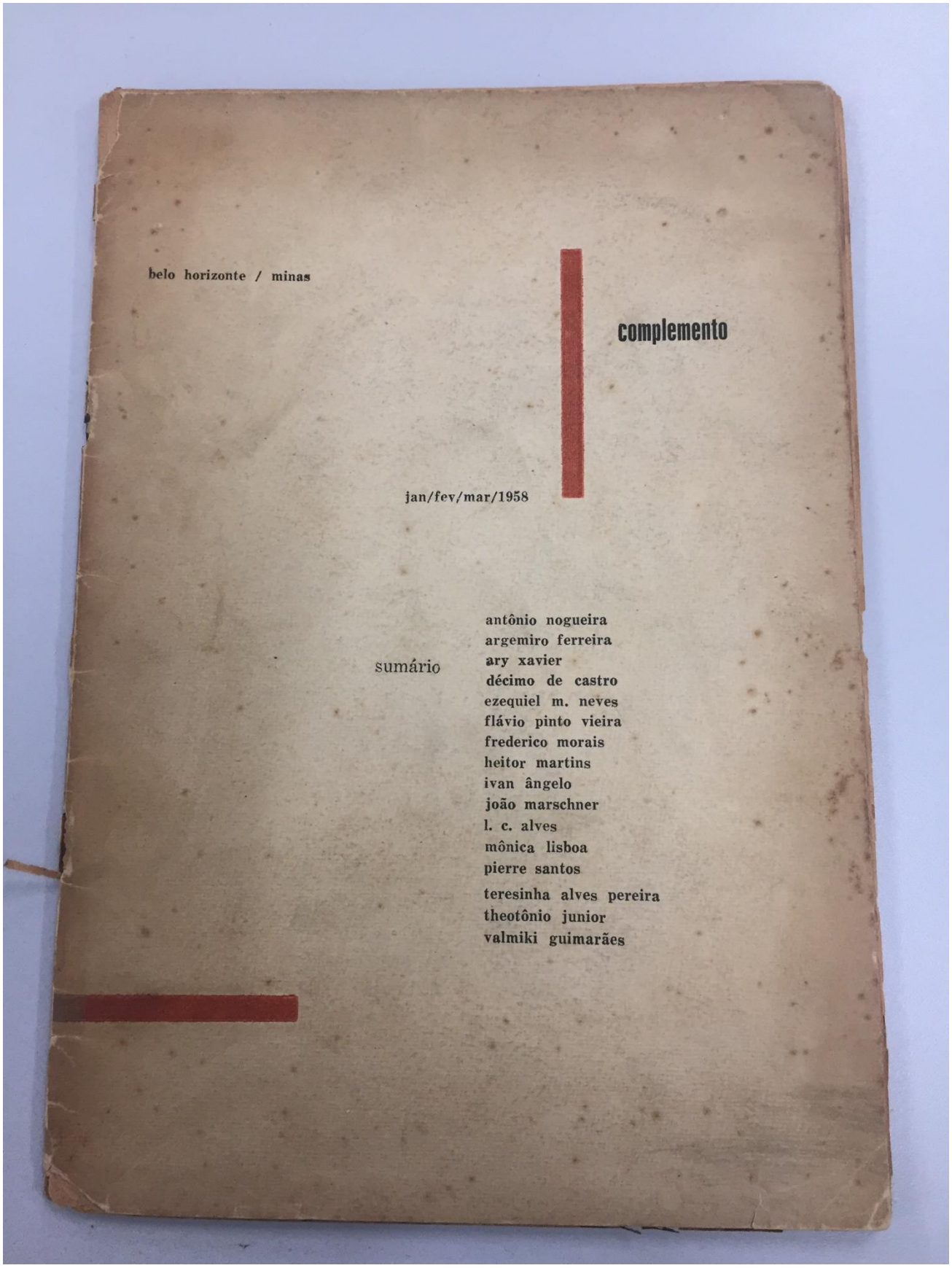



Fonte: acervo pessoal

**ANEXO 30 – Fotografias da “Revista Complemento” (jan/fev/mar/1958) feitas por mim no ano de 2019 durante viagem a Minas Gerais. As imagens foram realizadas a partir do arquivo da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais localizada em Belo Horizonte**




N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.
220110 Ac. 115185
n.3, jan. 1957



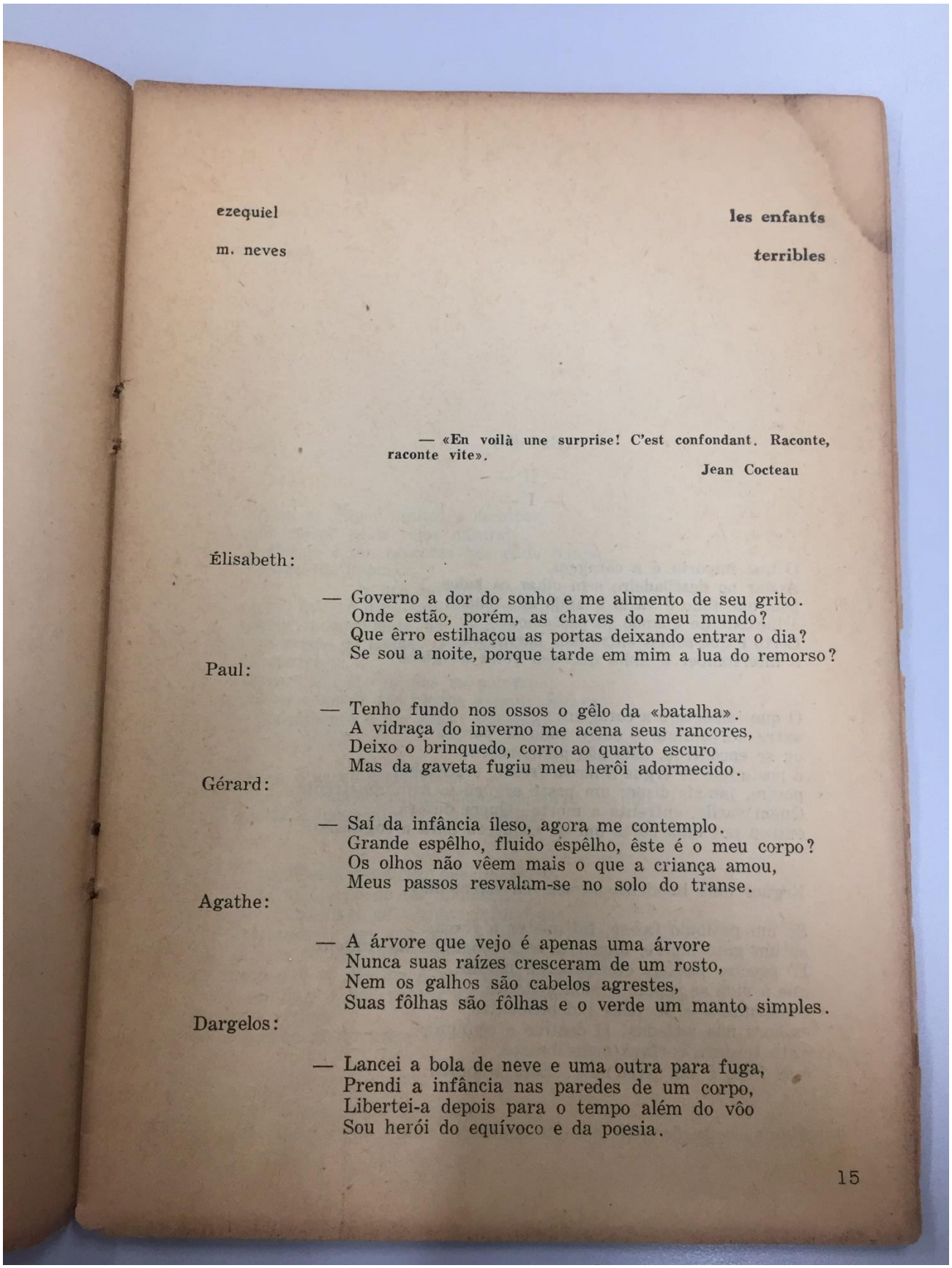
belo horizonte / minas

# complemento

jan/fev/mar/1958

sumário


antônio nogueira
argemiro ferreira
ary xavier
décimo de castro
ezequiel m. neves
flávio pinto vieira
frederico morais
heitor martins
ivan ângelo
joão marschner
l. c. alves
mônica lisboa
pierre santos
teresinha alves pereira
theotônio junior
valmiki guimarães



ezequiel

m. neves

**les enfants**

**terribles**

— «En voilà une surprise! C'est confondant. Raconte, raconte vite».

**Jean Cocteau**

Élisabeth:

— Governo a dor do sonho e me alimento de seu grito.
Onde estão, porém, as chaves do meu mundo?
Que êrro estilhaçou as portas deixando entrar o dia?
Se sou a noite, porque tarde em mim a lua do remorso?

Paul:

— Tenho fundo nos ossos o gêlo da «batalha».
A vidraça do inverno me acena seus rancores,
Deixo o brinquedo, corro ao quarto escuro
Mas da gaveta fugiu meu herôi adormecido.

Gérard:

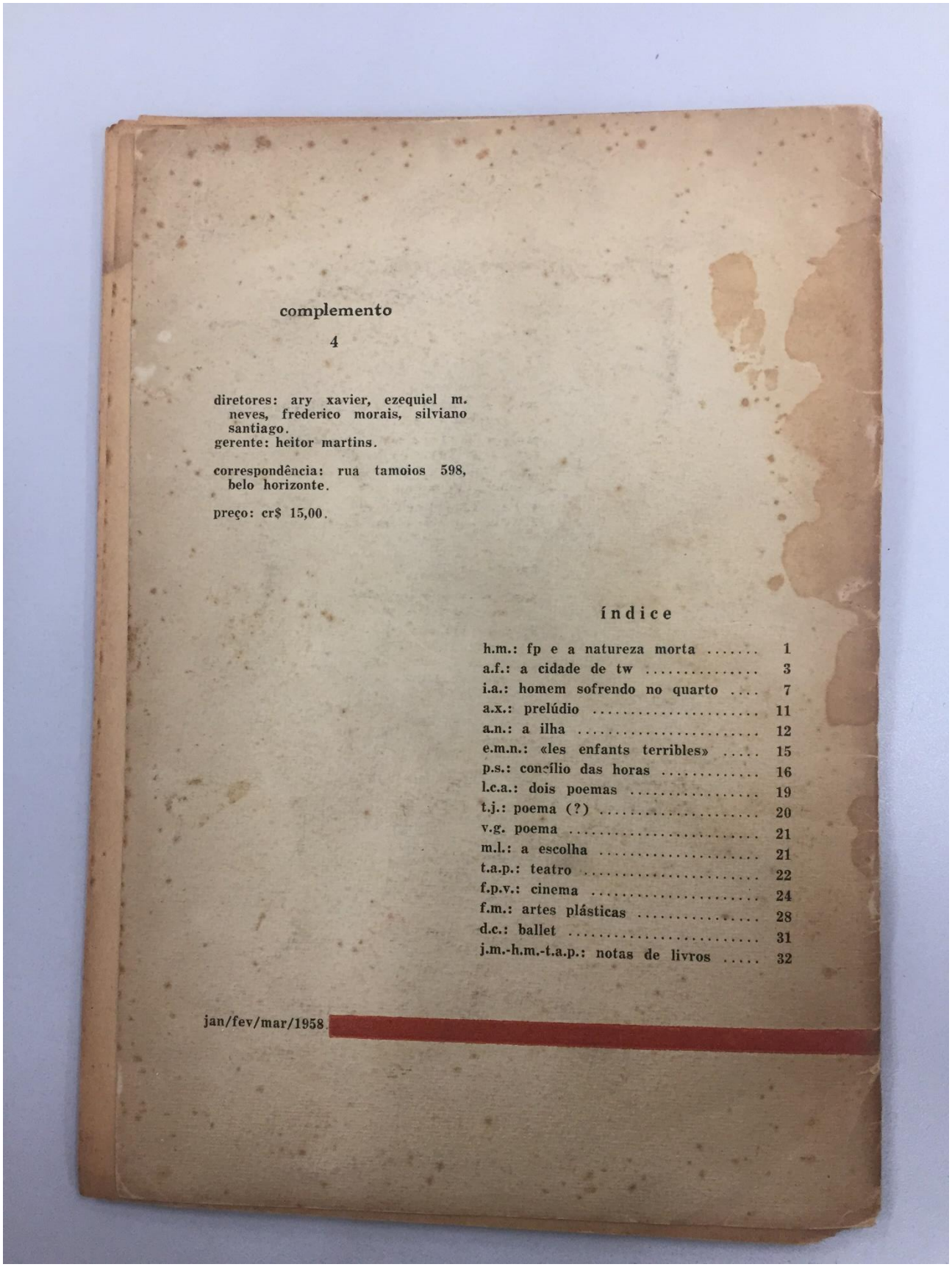
— Saí da infância íleso, agora me contemplo.
Grande espêlho, fluido espêlho, êste é o meu corpo?
Os olhos não vêem mais o que a criança amou,
Meus passos resvalam-se no solo do transe.

Agathe:

— A árvore que vejo é apenas uma árvore
Nunca suas raízes cresceram de um rosto,
Nem os galhos são cabelos agrestes,
Suas fôlhas são fôlhas e o verde um manto simples.

Dargelos:

— Lancei a bola de neve e uma outra para fuga,
Prendi a infância nas paredes de um corpo,
Libertei-a depois para o tempo além do vôo
Sou herói do equívoco e da poesia.



complemento

4

diretores: ary xavier, ezequiel m. neves, frederico morais, silviano santiago.
gerente: heitor martins.

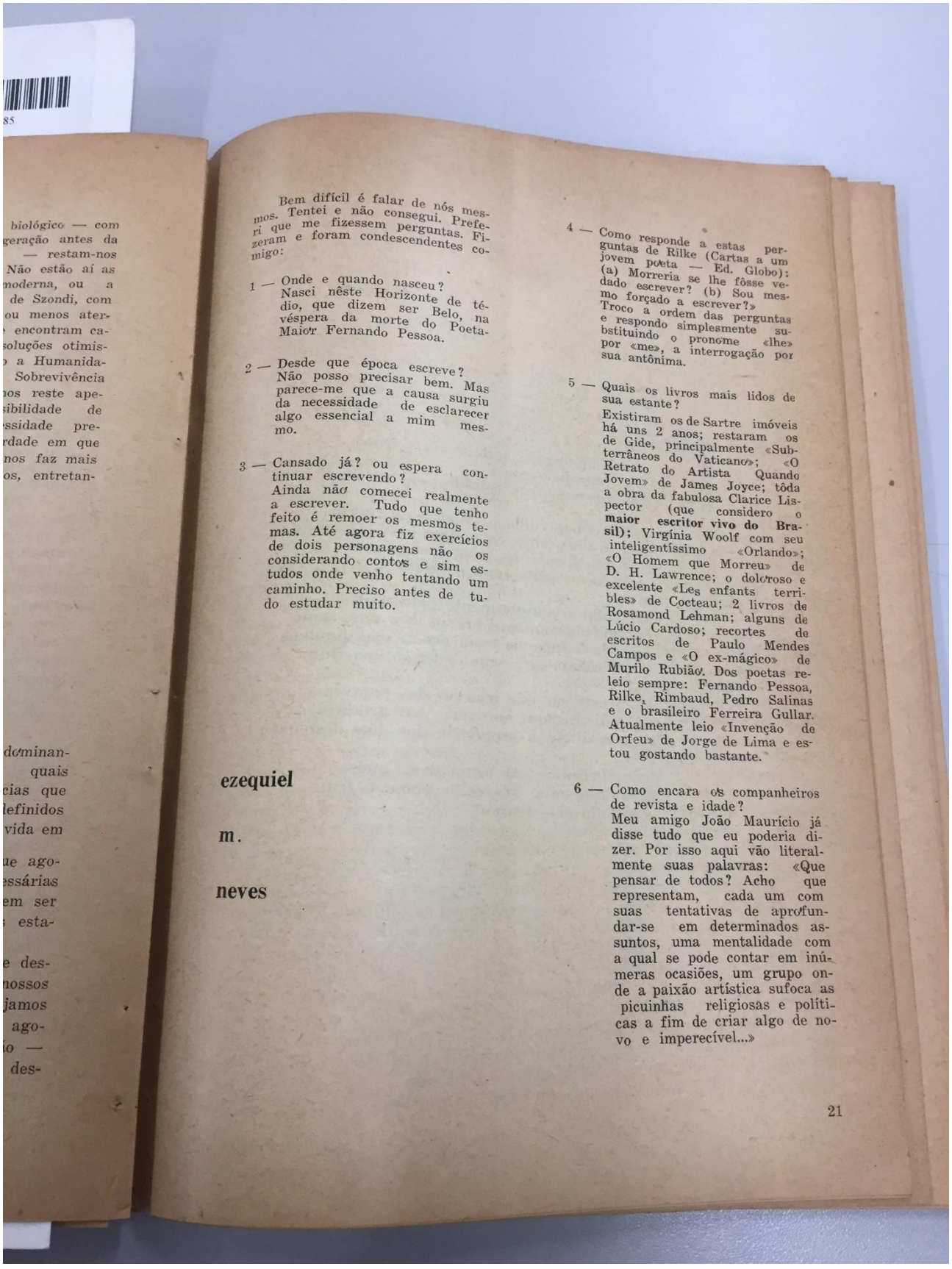
correspondência: rua tamoios 598, belo horizonte.

preço: cr$ 15,00.

índice

h.m.: fp e a natureza morta ..... 1
a.f.: a cidade de tw ..... 3
i.a.: homem sofrendo no quarto .... 7
a.x.: prelúdio ..... 11
a.n.: a ilha ..... 12
e.m.n.: «les enfants terribles» ..... 15
p.s.: concílio das horas ..... 16
l.c.a.: dois poemas ..... 19
t.j.: poema (?) ..... 20
v.g. poema ..... 21
m.l.: a escolha ..... 21
t.a.p.: teatro ..... 22
f.p.v.: cinema ..... 24
f.m.: artes plásticas ..... 28
d.c.: ballet ..... 31
j.m.-h.m.-t.a.p.: notas de livros ..... 32

jan/fev/mar/1958



Bem difícil é falar de nós mesmos. Tentei e não consegui. Preferi que me fizessem perguntas. Fizeram e foram condescendentes comigo:

1 — Onde e quando nasceu?
Nasci nêste Horizonte de tédio, que dizem ser Belo, na véspera da morte do Poeta-Maior Fernando Pessoa.

2 — Desde que época escreve?
Não posso precisar bem. Mas parece-me que a causa surgiu da necessidade de esclarecer algo essencial a mim mesmo.

3 — Cansado já? ou espera continuar escrevendo?
Ainda não comecei realmente a escrever. Tudo que tenho feito é remoer os mesmos temas. Até agora fiz exercícios de dois personagens não os considerando contos e sim estudos onde venho tentando um caminho. Preciso antes de tudo estudar muito.

**ezequiel**

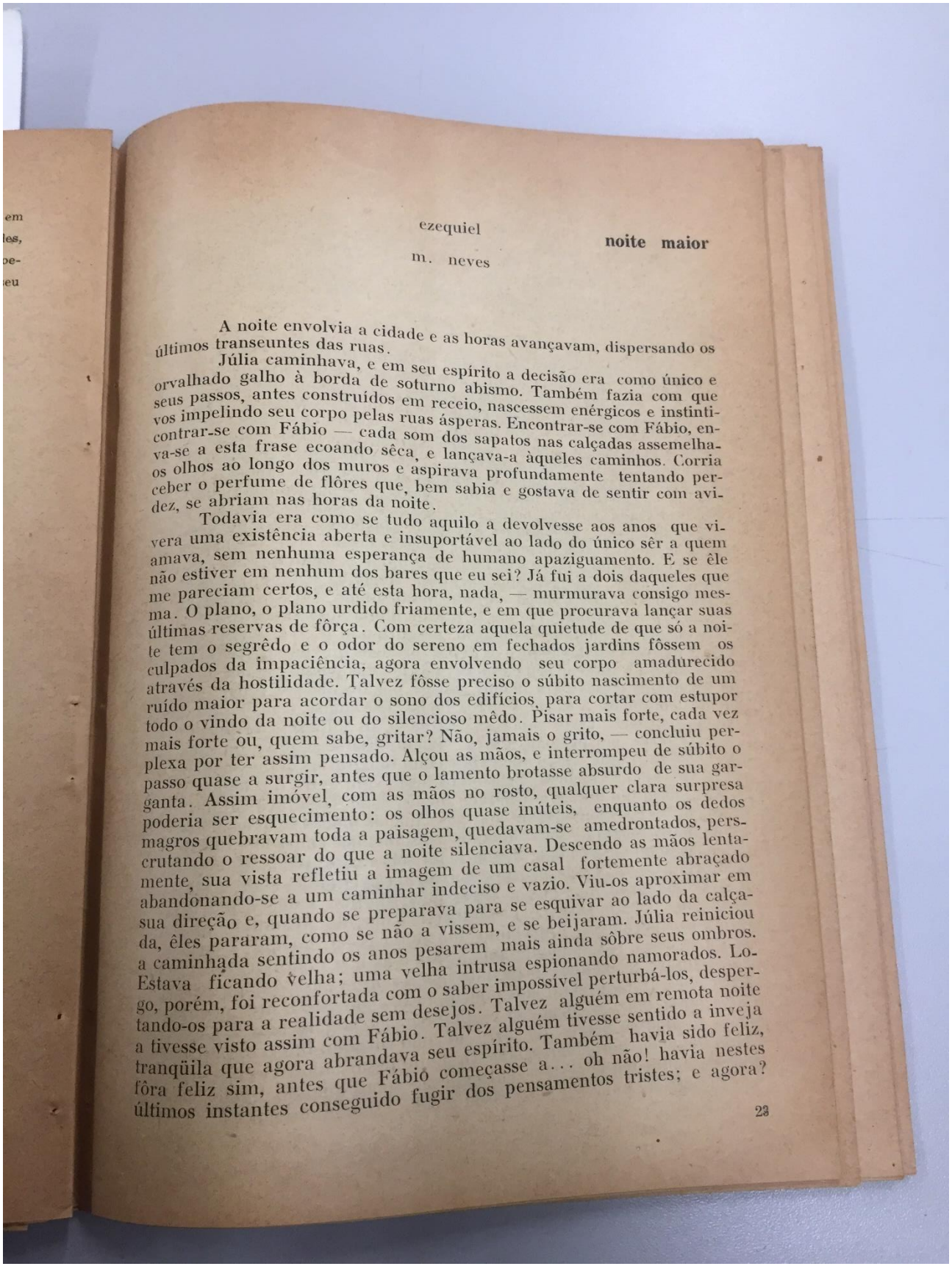
**m.**

**neves**

4 — Como responde a estas perguntas de Rilke (Cartas a um jovem poeta — Ed. Globo): (a) Morreria se lhe fôsse vedado escrever? (b) Sou mesmo forçado a escrever?»
Troco a ordem das perguntas e respondo simplesmente substituindo o pronome «lhe» por «me», a interrogação por sua antônima.

5 — Quais os livros mais lidos de sua estante?
Existiram os de Sartre imóveis há uns 2 anos; restaram os de Gide, principalmente «Subterrâneos do Vaticano»; «O Retrato do Artista Quando Jovem» de James Joyce; tôda a obra da fabulosa Clarice Lispector (que considero o **maior escritor vivo do Brasil**); Virgínia Woolf com seu inteligentíssimo «Orlando»; «O Homem que Morreu» de D. H. Lawrence; o doloroso e excelente «Les enfants terribles» de Cocteau; 2 livros de Rosamond Lehman; alguns de Lúcio Cardoso; recortes de escritos de Paulo Mendes Campos e «O ex-mágico» de Murilo Rubião. Dos poetas releio sempre: Fernando Pessoa, Rilke, Rimbaud, Pedro Salinas e o brasileiro Ferreira Gullar. Atualmente leio «Invenção de Orfeu» de Jorge de Lima e estou gostando bastante.

6 — Como encara os companheiros de revista e idade?
Meu amigo João Maurício já disse tudo que eu poderia dizer. Por isso aqui vão literalmente suas palavras: «Que pensar de todos? Acho que representam, cada um com suas tentativas de aprofundar-se em determinados assuntos, uma mentalidade com a qual se pode contar em inúmeras ocasiões, um grupo onde a paixão artística sufoca as picuinhas religiosas e políticas a fim de criar algo de novo e imperecível...»



ezequiel

m. neves

**noite maior**

A noite envolvia a cidade e as horas avançavam, dispersando os últimos transeuntes das ruas.

Júlia caminhava, e em seu espírito a decisão era como único e orvalhado galho à borda de soturno abismo. Também fazia com que seus passos, antes construídos em receio, nascessem enérgicos e instintivos impelindo seu corpo pelas ruas ásperas. Encontrar-se com Fábio, encontrar-se com Fábio — cada som dos sapatos nas calçadas assemelhava-se a esta frase ecoando sêca, e lançava-a àqueles caminhos. Corria os olhos ao longo dos muros e aspirava profundamente tentando perceber o perfume de flôres que, bem sabia e gostava de sentir com avidez, se abriam nas horas da noite.

Todavia era como se tudo aquilo a devolvesse aos anos que vivera uma existência aberta e insuportável ao lado do único sêr a quem amava, sem nenhuma esperança de humano apaziguamento. E se êle não estiver em nenhum dos bares que eu sei? Já fui a dois daqueles que me pareciam certos, e até esta hora, nada, — murmurava consigo mesma. O plano, o plano urdido friamente, e em que procurava lançar suas últimas reservas de fôrça. Com certeza aquela quietude de que só a noite tem o segrêdo e o odor do sereno em fechados jardins fôssem os culpados da impaciência, agora envolvendo seu corpo amadurecido através da hostilidade. Talvez fôsse preciso o súbito nascimento de um ruído maior para acordar o sono dos edifícios, para cortar com estupor todo o vindo da noite ou do silencioso mêdo. Pisar mais forte, cada vez mais forte ou, quem sabe, gritar? Não, jamais o grito, — concluiu perplexa por ter assim pensado. Alçou as mãos, e interrompeu de súbito o passo quase a surgir, antes que o lamento brotasse absurdo de sua garganta. Assim imóvel, com as mãos no rosto, qualquer clara surpresa poderia ser esquecimento: os olhos quase inúteis, enquanto os dedos magros quebravam toda a paisagem, quedavam-se amedrontados, perscrutando o ressoar do que a noite silenciava. Descendo as mãos lentamente, sua vista refletiu a imagem de um casal fortemente abraçado abandonando-se a um caminhar indeciso e vazio. Viu-os aproximar em sua direção e, quando se preparava para se esquivar ao lado da calçada, êles pararam, como se não a vissem, e se beijaram. Júlia reiniciou a caminhada sentindo os anos pesarem mais ainda sôbre seus ombros. Estava ficando velha; uma velha intrusa espionando namorados. Logo, porém, foi reconfortada com o saber impossível perturbá-los, despertando-os para a realidade sem desejos. Talvez alguém em remota noite a tivesse visto assim com Fábio. Talvez alguém tivesse sentido a inveja tranqüila que agora abrandava seu espírito. Também havia sido feliz, fôra feliz sim, antes que Fábio começasse a... oh não! havia nestes últimos instantes conseguido fugir dos pensamentos tristes; e agora?

220110 Ac. 115185

agora soprava um vento bom amainando seu rosto, fazendo-o menos gasto, vivo. Sem se perceber, viu-se lançando os olhos frios para a sua sombra que, à passagem sob cada lâmpada de poste, era jogada na larga calçada. Elas nasciam fortes e grossas até se irem alongando para esmaecerem perto do desaparecimento. Um sorriso leve e brilhante teve permanência em seu rosto.

* *

Os primeiros anos com Fábio haviam sido fáceis. Ambos ligados pela mesma vontade de fruir dos dias suas dádivas comuns. Tranqüilas eram as noites em que os corpos se apaziguavam mmùtuamente e as mãos continuavam unidas, cheias de infância. Poderia vir o sono levando-os a corredores sem término: atravessariam os sonhos e os sustos com as faces presas à vida. A janela aberta para noite, o roçar morno do verão; a janela sempre aberta — o vento de junho. A claridade, à princípio sem sol, expulsava as sombras de seus corpos calmos e um dia novo lhes era entregue ausente de abismos. A separação, em horas do saber da vinda de outra noite, fazia sentir-se tranqüila dona de casa à espera do marido: de vassoura nas mãos, afastava a poeira do assoalho, insistindo nas arestas formadas por incertos tacos e onde o pó se escondia, difícil. Gostava de se ajoelhar para olhar debaixo dos móveis, pois cotidianamente esperava uma surpresa. Aceitava sempre o engano erguendo com rapidez o corpo, corando desapontada. O cisco era depositado num canto do quintal, e ela se dirigia afoita aos canteiros. Debruçava-se acima de qualquer folhagem, pesquizando o crescimento das folhas, e as vêzes estalava entre os dedos formigas que passeavam sôbre os talos. Alçava o rosto ao céu e esperava as nuvens passar: nelas, advinhava formas de coisas para depois assistir penalisada aos seus esboroamentos contínuos. À tarde, o arroz inchava-se quase transbordando da panela e a água fervia vaporosa. Na mesa, os talheres brilhavam sérios; na jarra por perto, as flôres viviam. Ela se sentava na sala, fingindo ler na revista frases que explicavam fotografias de pessoas sorrindo ou de cidades célebres. Seus olhos hesitavam entre o relógio e a natureza morta que tornava a parede menos rude. Desejava infantilmente que os pêcegos tombassem do prato e que as maçãs se avermelhassem ainda mais. Sorria de seus ridículos pensamentos, enquanto a tarde findava e a semi-obscuridade descia lenta sôbre os objetos. Quando Fábio abria a porta, a sala já estava envolvida pela noite, e ela gostava de vê-lo tentando advinhá-la sem necessidade da luz. Tateava indefeso na escuridão e por fim entregava-se satisfeito à derrota. Acendiam as luzes abraçados, perplexos. Entretanto, um dia passou em que o negro da noite percorreu pesadamente tôda a sala e as luzes não viveram na hora de sempre. Enxangue, à medida que o tempo passava, ela percebeu ameaçada a tranquilidade dos poucos anos, enquanto o mêdo começava a agregar-se em seu corpo. O estalo sêco em algum móvel e a súbita queda de alguma pétala da jarra ao chão surgiam-lhe como escarnecimento daquelas horas agressivas. De tanto pesar, adormeceu, e não calculava quanto tempo esteve entregue ao sono, quando Fábio chegou. Sem lhe dirigir palavra, atravessou a sala, esbarrando em cada móvel;

ganhou o quarto e caiu adormecido e estonteado sôbre a cama. Contemplando-o depois de acender a luz, ela julgou que ainda dormia, estando presa a um pesadêlo mortificante. Debruçou-se sôbre o rosto mergulhado no travesseiro e sentiu o cheiro forte da bebida, agora também se espalhando pelo ar do quarto. Ficou imóvel e vigilante até o momento em que seus olhos involuntàriamente se fecharam, levando-a a um sono confuso e enorme. A transformação deu-se sem intervalos e cada dia a cena era idêntica. O sossêgo ruiu de repente, como se num corredor extenso, onde corresse o vento, fôsse fechada uma porta, interceptando-o com violência. A queda de Fábio jogou-a face à inutilidade de seus mais verdadeiros sentimentos. Todavia viu-se incapacitada de se lançar contra êles, tal era em seu íntimo a profundeza de suas origens.

— Tente a viagem, dissera-lhe alguém, a mudança de atmosfera e as novas paisagens sempre ajudam.

Obstinada, vencendo enfim tôdas as dificuldades para convencê-lo a seguí-la, puseram-se em marcha, puseram-se em marcha...

Em cada novo lugar os primeiros dias eram vagarosos e cinzentos. Êle tentava ser o mesmo dos anos passados, por fim quedava-se pensativo e acabrunhado diante da inutilidade das fugas. Assistia-o ser vencido como quem já sabe, antes mesmo de ser ferido, nítido e cortante o fio da lâmina.

— Os tratamentos médicos são infalíveis, recomendaram-lhe. Mas depois de tudo tentado, só restavam ainda maiores as noites em que êle se ausentava, perdido.

Por fim Júlia entregou-se a uma aceitação cuja passiva revolta não a subjugava nem a feria. Não mais lhe importava que sua voz tombasse pela sala e a resposta dêle corresse amparando-a. Não mais lhe importava se em outros dias suas mãos estivessem unidas, e alçando-as, sabia as formas do rosto que completava seu rosto. Agora, insensível, nada mais do que tivera a fazia chorar.

Os anos passaram-se até que um dia olhando-se despercebidamente diante do espêlho do armário, viu-se enfrentando algo desconhecido e esparso: ela-própria onde haviam-se perdido as antigas formas, as antigas vontades? Não era bela, sabia, mas um corpo desleixado e difícil, um rosto ríspido de olhos inatingíveis, - seriam estas as únicas realidades? Instintivamente cerrou as mãos e lançou-as contra o cristal, que se despedaçou rumoroso. Opressa pela rapidez do impulso, esquecida mesma da dor provocada pelo ferimento, ela soube que do âmago de seu corpo erguia-se uma nova fôrça capaz de devolver-lhe os dias perdidos. Da rua vinham vozes e ruídos de bonde. Tudo continuava mergulhado na mesma atmosfera, e agora a receberiam de volta. De forma indecisa e flutuante, mas não muito longe da certeza, sentiu que não havia perdido Fábio. Êle acabaria seus dias junto dela que o amava, tendo portanto, direito à sua vida. Devia proceder com convicção ou nenhum plano se realizaria.

* *

Júlia continuava caminhando cam a atenção voltada para sua

N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.
220110 Ac. 115185

sempre renovada sombra a arrastar-se na calçada. Ladeando o passeio haviam duras árvores cujas sombras confundiam-se com a sua. Era como se seu corpo a cada instante fôsse cortado ao meio e no entanto saisse ileso e com mais vida. Um pouco de receio tornava a ela, e a certeza de estar prestes a cumprir algo irremisível deixava-a alerta. Se durante certo tempo desleixou sua vida, fôra porque a lucidez algumas vêzes tem pêso intolerável. E Júlia sabia que há muito maior proporção de amor e renúncia nas criaturas sem beleza que nas possuídas por formas sonoras. As pessoas iguais a ela contentam-se em ser como um navio submerso cujo consôlo é o líquido solo impedindo peixes. Ao passo que as outras apoiam-se numa certeza confirmada por espelhos para quase sempre causarem lágrimas translúcidas. Ela encontrara em Fábio algo idêntico ao que ansiara e se via forçada a renunciá-lo, sacrificando-o. Se pudesse fugir ante tudo aquilo, não mais estaria alí, caminhando em direção a êle. Se isto não acontecesse, até quando se adiaria o fim determinado? Ao pensar na possibilidade daquilo falhar, Júlia encheu-se de mêdo. Um mêdo disperso, outras vêzes intenso, mas que a obrigava desejar tudo acabado.

— D. Júlia, D. Júlia, a voz quebrou pela primeira vez o silêncio daquelas horas tardias.

— De onde vem? perguntou ela aterrada. Quem me chama?

Longe de seus pés imóveis, o último passo dado ecoou débil, quando viu surgir o homem a sua frente. Andrajoso e sonolento êle tentava apoiar sua úmida voz em algum ouvido e tentanto despertar o obscuro, procurava algo que lhe respondesse com palavras fáceis.

— D. Júlia, D. Julia...

Desencadeando a lucidez do passado, a voz continuou buscando chamá-la ao instante. Nela, os olhos inquietos procuravam distinguir o que vivera na memória e o que vivia agora, e também fixavam a imagem precária para seus sentidos.

— D. Júlia, eu sou amigo de Fábio; a senhora não se recorda de mim?

O nome de Fábio sendo pronunciado por aquêle estranho e ela sentindo a memória fechando-se, recusando a aceitar e refletir a forma do velho rosto a sua frente. E a medida que a voz insistia, todo o som articulado se assemelhava à seta lançada de um arco distendido por mãos inábeis e que, cortando trêmula o espaço, tomba antes de encontrar o alvo.

— D. Júlia, outro dia eu levei Fábio em casa, a sra. nos abriu a porta e ainda me ajudou a entrar com êle. Era bem tarde, lembra-se agora?

— Sim, respondeu ela mentirosamente, pois cada vez mais afogava-se em pesada irrealidade. Atônita, sentia que êle continuaria falando e seus lábios não se gastariam, não se cansariam.

— A sra. procura Fábio, não é mesmo?

— Sim, busco Fábio, anuiu Júlia com voz lenta, crispando as mãos ainda em suspenso.

Êle está naquele bar da outra rua. Fica Perto daqui, basta atravessar a praça. Hoje não pude vir com êle, estava muito cansado, mas

agora ajudo a sra. a levá-lo em casa.

Pela rua a quietude adormecia os velhos edifícios, enquanto as luzes jogavam uma falsa luminosidade ao que se desenrolava febrilmente. De longe o vento trazia o rumor langoroso de folhas se arrastando num chão demasiado gasto.

Júlia agora deixava-se levar pelo estranho, e a voz dêle continuava retinindo inútil em seu ouvido. Por que êle insiste dêsse modo? pensava, será possível suportar isso por mais tempo? E ignorava se com brandura ou fúria sobreviveria àqueles instantes. Contudo foi quando instintivamente mirou nos olhos do homem, foi separando de suas próprias retinas o ser completo — sòmente olhando aquêles olhos — é que sua mente fatigada descobriu o grito de revelação onde tombava frágil seu desígnio...

— Êle sabe meu plano! Êle sabe! Concluiu horrorizada enquanto seu rosto vibrava aceso. Êle sabe! Todos que vêem meu rosto lêm nêle o segrêdo! Por que fica à mostra? Por que tem esta forma viva?

— ... e Fábio precisa deixar de beber, disse o intruso, lançando opaca barreira em seus temores.

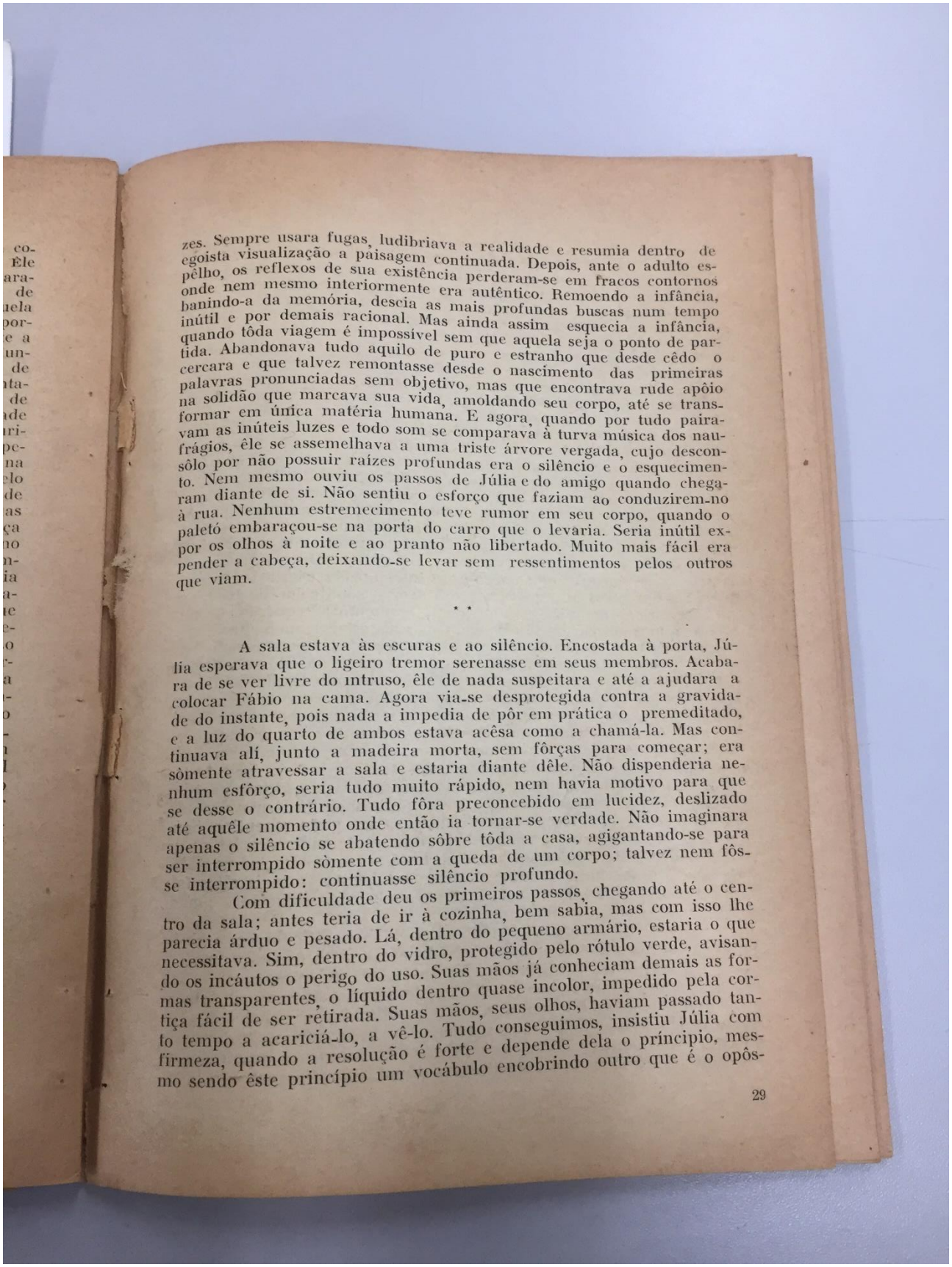
Júlia interrompeu o passo e vacilou, êle amparou-a. Então ardentemente ela procurou desviar os olhos para a sombra na calçada. Mas a imagem de outra ao lado da sua desorientou-a ainda mais; concluiu sôfrega que se andasse junto das árvores, estas conseguiriam impedir os reflexos soturnos. Mas até mesmo as árvores continuavam inertes, continuavam solenes, enquanto a luz dos postes filtrava-se vertiginosa entre os galhos nús.

* *

No bar, a grande porta de metal sinuoso já estava descida. Pela abertura, em seu centro, escapava na calçada uma claridade rude que afrontava a noite, mas gradativamente ia perdendo a intensidade contra o escuro da hora. Dentro, um homem detrás do balcão, com os cotovelos fincados no mármore, apoiava a cabeça com as mãos fechadas sob o queixo duro. A intervalos curtos, piscava com agudez os olhos, tentando afugentar o sono e o cansaço. Entre o final de cada canção lançada pelo rádio, a confiança de ver o único freguês se erguer para sair renascia em outras cores que não eram as monótonas do momento vivo. As cadeiras empilhadas sôbre as mesas, o chão varrido com estridência, nada disso havia insinuado a Fábio a necessidade de apressar-se. Seu corpo conservava-se prêso, moldado tristemente em ângulos pela cadeira que o apoiava. A cabeça pendida na mesa não deixava ver seu rosto. Apenas percebia-se os cabelos quietos, sùbitamente desalinhados por um de seus braços pousado sôbre a madeira, terminava-o a dura mão envolvendo o copo. Sentado alí, desde o fim da tarde, seus olhos haviam contemplado uma infinidade de rostos, um sem-fim de lábios insistindo sorrisos: o aglomerado de pessoas andando apressadas, postando-se em filas, apertando-se em conduções para chegarem a suas casas. Um dia de trabalho findando entre

N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.
220110 Ac. 115185

buzinas e primeiras luzes, a cidade preparando-se cintilante em cotoveladas e empurrões para mais uma noite de outono comum. Êle há muito havia se escapado daquela vertigem. No início, vangloriara-se desdenhosamente, mas agora nem isso o favorecia em forma de alívio. Seus dias e suas noites eram disformes e impalpáveis. Naquela mesma noite, ao desviar os olhos dos transeüntes que passavam à porta do bar, percebeu a impossibilidade de conservá-los abertos ante a claridade insuportável que descia das luzes do teto. A êsse clarão juntava-se a intensidade do rádio, enchendo a atmosfera com o som de punhal das músicas reproduzidas. Êle abaixara a cabeça, e levantava-a sòmente para sorver o líquido do copo. Tudo isso a centenas de noites repetia-se maquinalmente. Porém, não sentia a espontaneidade repisada desde muito tempo. Os olhos cerrados faziam maior escuridão em seu cérebro, e o que sempre se passava interiormente era apenas os flutuantes círculos repletos de cintilações intocáveis. Dava-se na memória aquilo de esquivo e rútilo da fuga. Caminhando imóvel pelo desenrolar sucessivo, êle existia numa vaga dimensão impossível de existência. Seria inútil aguçar os pensamentos, distendê-los em suas diversas portas. Os anos de lucidez haviam corrido imensos; a fôrça maior jogando-o de rosto acêso à tranqüilidade dos dias em que, no íntimo, faltava o amparo sem sobra de ausência: o sentimento completo de possuir um destino sem obstáculos para se viver. Com Júlia a princípio pensara ter ido ao encontro do que ambicionava. Amava-a, e ela por sua vêz depunha em suas mãos tôda simplicidade de que era feita para viver sem mêdo. Diversa da antiga era a Júlia do presente, mas isso não turvava o sentimento antigo; apenas mesclava-o em outras superfícies, enquanto o verdadeiro conservava-se indeformável. Reconhecia a mesquinhez, confundindo os gestos, quando a ela se dirigia. E embora não quisesse ser mesquinho, o acontecido rompia ante tudo, ferindo-a com hostilidade. Sabia bem o seu sacrifício ao tentar durante muito tempo chamá-lo à vida e a sua dor sem remédio. Mas a sensação de vazio que o separava de tudo voltava com maior fôrça, afastando-o daquela presença compreensiva. Era inútil tentar explicar-lhe algo que êle próprio desconhecia. Sentia-se como a colar o ouvido em algum caule recente querendo ouvir o latejar de seu cerne em formação. Júlia, Júlia distante em sua atitude de espera. Sofrendo sem esboçar lamento. Como tudo ficava soturno! Se tentava um gesto, tombava sem função verdadeira; se gritava: eu te amo, nada mudou!, talvez escoasse por onde quer que ela estivesse uma afirmativa repleta de ódio. Se tentasse ainda buscar dentro de si o início de tudo, não encontraria nada de sólido, nem o cotidiano tão cheio de caminhos. Buscando o nascimento fácil, êle sòmente se encontrava sem nenhum pretexto, levando um copo aos lábios sorvendo um subterfúgio que se adiava. Na infância fôra assim? — indagava-se. Quando ao se deitar sob qualquer árvore, os olhos sempre viam o que existia a sua frente. Desviando-os com rapidez para novo pedaço do céu ou outros pássaros, era como se houvesse criado recente milagre, negando a existência ao outro momento de visão. O sol gigantesco queimava seu rosto e logo clamava por uma noite sem vo-



zes. Sempre usara fugas, ludibriava a realidade e resumia dentro de egoista visualização a paisagem continuada. Depois, ante o adulto espêlho, os reflexos de sua existência perderam-se em fracos contornos onde nem mesmo interiormente era autêntico. Remoendo a infância, banindo-a da memória, descia as mais profundas buscas num tempo inútil e por demais racional. Mas ainda assim esquecia a infância, quando tôda viagem é impossível sem que aquela seja o ponto de partida. Abandonava tudo aquilo de puro e estranho que desde cêdo o cercara e que talvez remontasse desde o nascimento das primeiras palavras pronunciadas sem objetivo, mas que encontrava rude apôio na solidão que marcava sua vida, amoldando seu corpo, até se transformar em única matéria humana. E agora, quando por tudo pairavam as inúteis luzes e todo som se comparava à turva música dos naufrágios, êle se assemelhava a uma triste árvore vergada, cujo desconsôlo por não possuir raízes profundas era o silêncio e o esquecimento. Nem mesmo ouviu os passos de Júlia e do amigo quando chegaram diante de si. Não sentiu o esforço que faziam ao conduzirem-no à rua. Nenhum estremecimento teve rumor em seu corpo, quando o paletó embaraçou-se na porta do carro que o levaria. Seria inútil expor os olhos à noite e ao pranto não libertado. Muito mais fácil era pender a cabeça, deixando-se levar sem ressentimentos pelos outros que viam.

* *

A sala estava às escuras e ao silêncio. Encostada à porta, Júlia esperava que o ligeiro tremor serenasse em seus membros. Acabara de se ver livre do intruso, êle de nada suspeitara e até a ajudara a colocar Fábio na cama. Agora via-se desprotegida contra a gravidade do instante, pois nada a impedia de pôr em prática o premeditado, e a luz do quarto de ambos estava acêsa como a chamá-la. Mas continuava alí, junto a madeira morta, sem fôrças para começar; era sòmente atravessar a sala e estaria diante dêle. Não dispenderia nenhum esfôrço, seria tudo muito rápido, nem havia motivo para que se desse o contrário. Tudo fôra preconcebido em lucidez, deslizado até aquêle momento onde então ia tornar-se verdade. Não imaginara apenas o silêncio se abatendo sôbre tôda a casa, agigantando-se para ser interrompido sòmente com a queda de um corpo; talvez nem fôsse interrompido: continuasse silêncio profundo.

Com dificuldade deu os primeiros passos, chegando até o centro da sala; antes teria de ir à cozinha, bem sabia, mas com isso lhe parecia árduo e pesado. Lá, dentro do pequeno armário, estaria o que necessitava. Sim, dentro do vidro, protegido pelo rótulo verde, avisando os incáutos o perigo do uso. Suas mãos já conheciam demais as formas transparentes, o líquido dentro quase incolor, impedido pela cortiça fácil de ser retirada. Suas mãos, seus olhos, haviam passado tanto tempo a acariciá-lo, a vê-lo. Tudo conseguimos, insistiu Júlia com firmeza, quando a resolução é forte e depende dela o princípio, mesmo sendo êste princípio um vocábulo encobrindo outro que é o opôs-

N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.
220110 Ac. 115185

to exato. Moveu novamente o corpo e ao passar frente ao quarto, viu que Fábio dormia, postado com simplicidade no meio da cama. Apressou os passos, e ainda que êle estivesse desperto não percebia a rapidez com que ela entrou no quarto já de volta da cozinha. Suas mãos tremiam um pouco, tanto assim que as firmou na mesa de cabeceira para que se aquietassem. Êle nem sentiria o gôsto. Nada ia ser estranho, pois quantas vêzes ela lhe estendera um copo para acalmá-lo. Júlia concentrava um último resto de fôrças para despertá-lo e por fim a tudo. Um toque no ombro e algumas palavras seriam suficientes para acordá-lo? interrogava-se. As palavras deviam ser sôltas sem violência; seria necessária uma pausa quieta para que cortassem a pequena distância que os separava, e permanecessem precisas. Um toque com certeza não bastaria, talvez tivesse de sacudí-lo com fôrça para obrigá-lo a beber de uma só vez o líquido do copo. Ignorando tudo aquilo, êle dormia; nenhum sonho, com certeza, se desenrolava no escuro do sono; seu rosto permanecia inexpressivo. Júlia contemplava-o sem gestos, obstinada. Via nêle as feições mais gastas, duras e cansadas. As linhas, anteriormente tão marcantes, agora formavam um contôrno triste. Aquêles lábios rígidos onde há muito nem havia fragmento de sorriso. O pijama aberto no peito, mostrando a superfície magra, onde nenhum pêlo manchava a palidez. Dentro em pouco, aquêle corpo entraria no sossêgo, sem interrupções e gritos. Ela estirou uma das mãos ao espaço, até envolver o copo colocado na mesa de cabeceira e imobilizá-lo junto de si, enquanto a esquerda dirigiu-se ao rosto adormecido. E esta mão parecia estar lentamente desgovernada de todo raciocínio, e com doçura seus dedos penetraram naqueles cabelos escuros. Descendo pequeno espaço, o tato refletiu-lhe a testa estreita, já cortada de rugas fundas, terminada por sobrancelhas densas e caídas. Antes que os dedos sentissem o respirar môrno sob o nariz, Júlia ergueu-se procurando guiar os pensamentos, não os deixando fora de lúcido rumo. Andou de um lado ao outro do quarto, e sem se dar por si, viu-se torcendo o apagador, trazendo com isso a obscuridade e a imensidão ruidosa dos seus passos no chão de tábuas. Se êle abrisse os olhos, não conseguiria vê-la e a última imagem que sua vista guardasse ia ser... e seria muito mais fácil não usar da luz, foi a única justificação encontrada para seu gesto repentino. Sentou-se à borda da cama e chegando o copo quase junto dos lábios de Fábio, tocou a livre mão em seu ombro. Mas ao pronunciar as palavras que o despertariam, estas surgiram estridentes, e mais altas falsearam-se no ar do quarto, sem contudo esclarecer o que fôra planejado.

— Hein! ...o que é? ... balbuciou êle com dificuldade, e abriu pesadamente os olhos tentando divisá-la através do ôco negrume.

Júlia sentiu-se atirada ao instante com um impacto de pedra contra a noite, contra o pavor, contra o destino por se cumprir. Alheia a sua vontade, decisão murmurante e fria já habitava o núcleo de seus sentidos. Maior que tôda fôrça resguardada pelo sofrimento, agrupado em dias e noites odiosos, as palavras que iam ser pronunciadas trairiam muitos anos ao serem libertas e nada significarem para a vi-

da por se viver. Debruçando-se mais e levando o rosto junto ao ouvido dêle, encontrou-se impensadamente murmurando:

— Não é nada. Não é nada. Durma novamente.

Nenhuma lágrima ameaçava molhar seus olhos secos, quando, Júlia correu à janela, abriu-a e lançou o copo na rua. Ao seu ouvido os sons tilitantes adormeceram quaisquer outros pensamentos relativos ao momento passado. E estava sòmente prêsa à forma que se quebrara na calçada. Debruçou-se no parepeito da janela e olhou a rua adormecida em árvores, luzes e madrugada. Como pássaro afogado sob rio cotidiano, a decisão acabara de ruir vinda de dentro de si mesma até tornar-se verdade precipitada por sua voz irrefletida. Ligeiro tremor percorreu-lhe o rosto, dardejando o canto dos olhos, circundando a borda dos lábios. Uma nervosidade momentânea nascida da imobilidade a que se entregava; os olhos quentes abertos para a noite. Poderia esquivar-se movimentando a cabeça, erguendo-a em seguida, livrando o rosto de se ofender em outras contrações. Mas, sem que mesmo soubesse, aquêle rosto redondo — agora grave — e o corpo exausto que o apoiava preparavam-se para fazer de qualquer aceitação um caminho simples. Atrás dela, Fábio dormia, e se deitasse junto dêle não estaria nela nenhuma fôrça para vencer a distância que separava seus corpos estendidos juntos. Nunca suas mãos teriam o poder de transformar em adeus aquêle corpo adormecido. O adeus nunca quebrou remotos vínculos nem contribuiu com fôrça para trair a lenta morte. Nada mais importava, nada mais podia ser alterado.

E enquanto a noite ainda pesava sôbre a cidade, havia uma mulher debruçada na janela, sem se incomodar com o avançado das horas, com o vento úmido que soprava. Esta mulher começava a sentir verdadeiramente a inutilidade das lutas, a inutilidade dos gestos rumorosos, a inutilidade dos dias, do sol e das noites que talvez fôssem sempre como a paisagem refletida agora em seus olhos: árvores enfileiradas, retidas longe num limite opresso.

LIVROS JURÍDICOS E TÉCNICOS
LITERATURA EM GERAL

LIVRARIA ITATIAIA
VENDAS PELO CREDIÁRIO

AV. AMAZONAS, 491
ED. DANTÉS — LOJA 1

TELS. 2-8630 e 4-0926
BELO HORIZONTE

N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.



Amargamente sentia-se feia. No entanto entre o que é pele e corpo pròpriamente dito, germinava um halo, às vêzes efêmero, que gritava junto às vértebras fundo em sua solidão; ainda que passageiro, era presente em alguns momentos seus do acordar: quando sentia o corpo completo, exercitando-se, e a consciência alterada: choque de vento contra vento: olhos abertos, outros fechados. Dizia baixo aos seios consternados, com voz ausente: — Sou. Logo um impulso vertiginoso alçava-se, atingia seus músculos relaxados e dava-lhes vida. De pé, fremente, sentia o corpo ir formando uma composição que, quando concluída, tateava com os pés em busca do chinelo.

O rosto mirou-se no espêlho, e a espuma branca escorria pelos cantos da bôca. Oh! sim, preciso de acreditar...; e não mais olharia pelo resto das horas a imagem refletida. Mirou-se de novo: as mãos contraíram-se na primeira superfície encontrada, a construção finalmente solidificou-se, enrijecida; teve ímpetos de saltar, gritar, sacudir-se: Não! Não!; seus dedos degelaram-se, seguiram raivosos em direção aos cabelos, puxou-os, espremeu-os, deixando-os escorrerem acorrentados entre as palmas brancas: Não! Não!; abaixou a cabeça e as mãos. Como precisava de calma. — O pior é mesmo saber que existem outras pessoas diferentes: bonitas, — proferiu e calou-se em seguida, escondendo nos passos que desciam a escada, talvez, o último canto que sairia dos seus lábios pela manhã. Como bandeira ao vento, entre um degrau e outro, sua sáia rodada (a mesma de sempre) agitava-se, e era complemento da blusa azul-clara que, sem decote e desbotada, cobria suas formas reduzidas. Todo o vestuário era comum e doméstico: desde os sapatos baixos até a ausência de adôrnos femininos.

Na copa a mesa para o café já estava posta. Na atmosfera comprimida por quatro paredes e libertada por duas portas, respiravam o pai, a mãe, o irmão e ela. Quatro edifícios verticais, mudos, dispostos sôbre cadeiras, ao redor de uma mesa e amparados pelo chão de ladrilhos. Estes, sucessão idêntica de negros e brancos, sempre lavados, refletiam, ao lado dos móveis necessários, o carinho recebido e demonstravam o insano labor da mãe. Conseguiu ver os mínimos detalhes que adornavam os semblantes com sua chegada. Que ódio! sentiu dentro de si um rumor de água escorrendo de torneira. Tudo igual: pai lendo, mãe com os olhos baixos e aquêle menino cacête, André, de olhar tonto. Se obedecesse a seu desejo, voltaria e subiria as escadas. Sentou-se. Serviu-se de café com leite, pão e manteiga. Silêncio. No íntimo ficava abatida ao saber que a vida tinha de ser vivida por certos que não a desejavam. Corriam então, pelo seu pensamento, nomes, idéias, que iam sendo catalogados em dois grandes grupos: pertencentes a pessoas que desejavam viver e a outras que não desejavam. Cada nome lhe suge-

ria pessoas caminhado de mansinho, aproximando-se. Quando bastante próximas, ela abria os olhos e enxergava as idéias. Pensando-as, muitas vêzes deu-lhes solução, porém abismava-se ante o despropósito de alguns caminhos traçados como normas. Não sabia ao certo porque se preocupava tanto com os outros. Em parte — um dia concluiu — sempre procuro encontrar nêles o que de mim me fere, como se a semelhança fôsse um paliativo. Levantaram-se o pai e a mãe: aquêle estacou-se de pé, esta apanhou o paletó e com respeito colocou-o sôbre as contas do marido. Saíram: ela para a cozinha, êle para o emprêgo. Restavam André e ela. André. Realmente queria ser amiga dêle, não como os irmãos são "obrigados" a ser amigos, mas dois vultos distintos que sempre viveram afastados e um dia descobrem que têm muito em comum. Conhecia-o bem e assustava-se ao pensar na existência daquele caule sem raízes. Tinha certeza de que o corpo de André era formado por manchas negras de carne que se superpunham e nas partes extremas eram simples esguichos. Seria inveja essa necessidade de desejá-lo como amigo? Obscuramente percebia até onde seu sentimento de amizade desinteressada queria chegar. Conhecia André bem; e indagava-se: Conhece-me bem êle? supõe que tenho vontade de lhe ser amiga? Não encontrando uma seta e temendo continuar a ir-e-voltar, resolveu esvaziar sua cabeça. Pouco depois deslizava de leve pelo assoalho, um gato, esquecendo na xícara a última gota de café com leite. Quase no vácuo, ôco seu cérebro, perambulava por minutos pela casa: mexia aqui, ia até a cozinha, abria os armários, esparramava revistas. Ainda mais, não auxiliava em nada, antes atrapalhava, como ao arredar uma cadeira bruscamente, ferido o encerado.

Subiu as escadas. Trancou-se no quarto. Dentro respirou pacìficamente o ar que vinha da janela aberta. Quando passou defronte do espêlho, não levantou os olhos, ainda recordava-se muito bem de há pouco. Escondeu-se sob imaginário véu; deixava sempre o rosto quase desconhecido para si mesma. E, nas vêzes que se vira, nada guardara de característico nem a côr de seus olhos assustados, nem o tom louro de seus cabelos, — só o conjunto: aspecto geral: animal diante de sua figura refletida no lago. Deixando atrás a cama, guarda-roupa e penteadeira, chegou à janela. Longe: altas montanhas verdes e quedas, edifícios da cidade; aproximando-se: os telhados vizinhos, as casas ao lado, seus pátios... Nestes, crianças brincando, outras sendo crianças-com-cachorro. Tudo era silencioso, mesmo o zum-zum ligeiro das vozes infantís; imaginava-se dentro de uma garrafa — olhos bem abertos — vislumbrando o ambiente colorido pelo verde-claro. Verde-claro? Seria das plantas? seria da tranqüilidade? seria da roupinha que um dos meninos usava? E o esquecimento dos aborrecidos fatos anteriores? viria do menino andando, com grande dificuldade em sua bicicleta recém-ganha? Isso era um instante real de p e n s à m e n t o s d e s o b r i g a d o s, v a p o r o s o s. T e n t o u s o r r i r para uma criança, e a criança já era crescida e estava de chupêta na bôca, — não conseguindo chamar-lhe a atenção, balançou-lhe rápida os dedos. Essa mania de encerrar-se dentro de si ocasionava pequenos gestos, como o de agora, que soavam falsos, quase blasfêmias;

N.Cham. B869 C736
Título: Complemento.

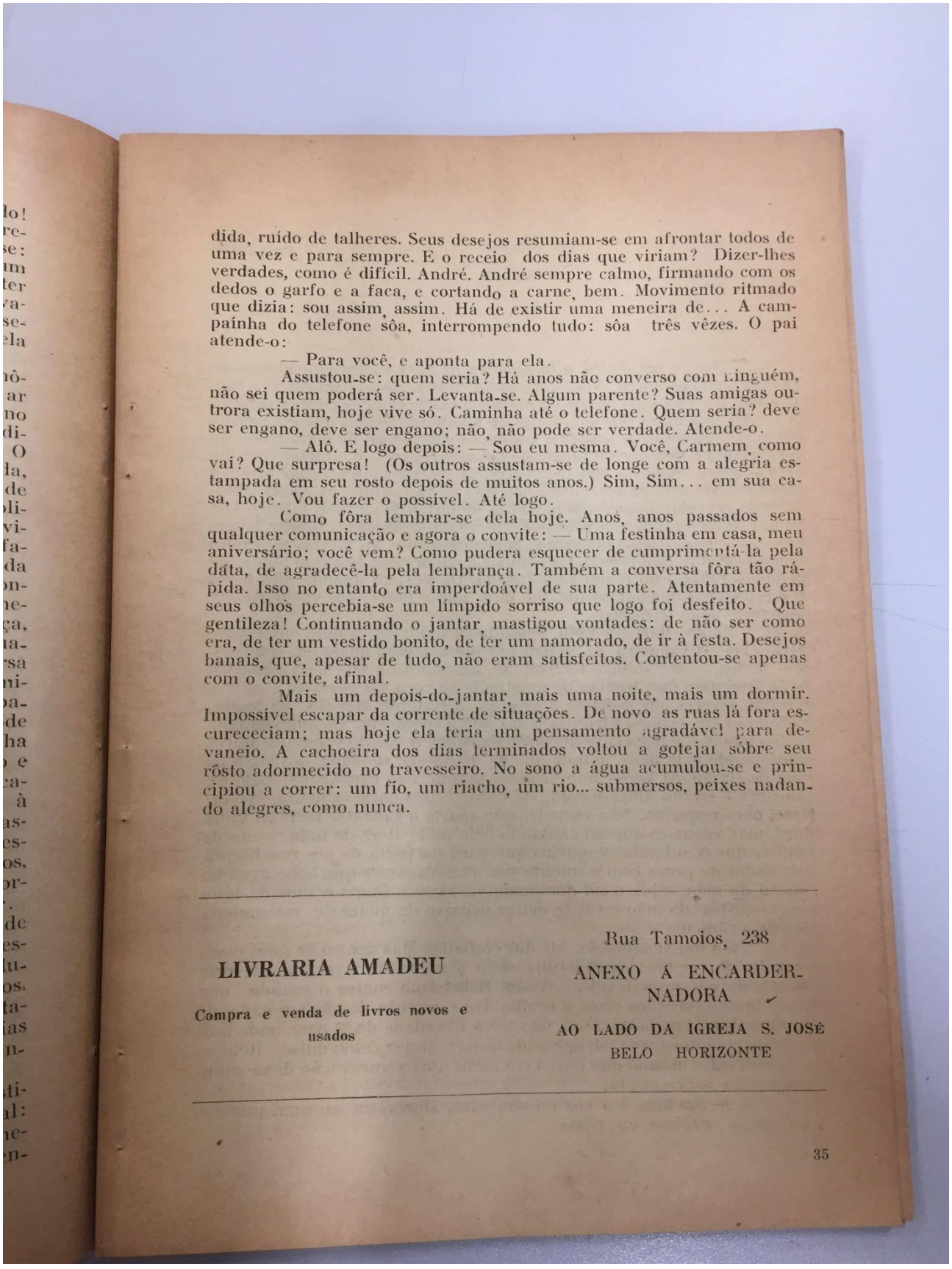


e, se esperava alguma resposta, era por mero formalismo. — Cuidado! — gritou da janela, quando a bicicleta ia querer trombar com o pare-dão. O menino assustou-se agradecido, parou a bicicleta (indagou-se: quem seria?), olhou para cima e lhe sorriu. Muito depressa; nela, um olhar cinzento vicejou momentos alegres. A vontade era de manter diálogo. Inútil, a campainha soou e lá se foram as rodas girando nova-mente. Levantou os olhos em direção à mangueira que se erguia em se-gundo-plano: as folhas agitadas diziam inquietas de uma vida que ela não conhecia.

Os cabelos soltos ao vento, caminhava. Já era depois do almô-ço; o tempo correra rápido. Saíra para o seu passeio habitual. No ar frio correndo percebeu algumas gôtas tardias da chuva que caíra; no chão molhado seus passos picavam e repicavam sempre na mesma di-reção: socavam o cimento, fazendo-o exalar um derradeiro estertor. O apôio era encontrado na reta que se estendia, em forma de calçada, passeios e árvores frondosas. Como algumas vêzes um sentimento de inveja bafejasse em seu caminho, parecendo dizer-lhe: — Você é soli-tária, solitária, — perguntava-se angustiante: Serei eu culpada de vi-ver tão só? Parava, olhava para os lados, e apenas via residências, fa-mílias, residências, famílias lá dentro; felizes? sentia-se desamparada sôbre a rua invadida pelos golpes traiçoeiros do vento frio. Teve von-tade de correr, de saltar, de rir, de cumprimentar pessoas mesmo ine-xistentes... no rosto, o vento frio... parques girando em sua cabeça, risos: Quando menina não era assim não, seu pai trazia-a ao lado, qua-se a tiracolo, exibia-a: — Eis minha filha já está com sete anos, cursa o primeiro ano do grupo (e completava com os olhos: olhem bem, admi-rem-na), — e ela boba escondia-se sob a aba esvoaçante do paletó pa-terno; o circo de animais ferozes: — Como comportou bem hoje, pode ir; as amigas em roda discutiam sisudas a beleza das bonecas: A minha é a mais bonita! gritavam tôdas enfàticamente no mesmo momento e tom; o pai prendendo-a em casa: — Lugar de menina é dentro de ca-sa!; queria nadar, não podia, queria passear, não podia, queria sair à noite, não podia; algumas gôtas de ódio: — Como pode ser tão ruim as-sim? interrogava a mãe, mais tarde olhou-se no espêlho: Onde se es-conderam meus cachos louros, meu corpo frágil? e corria dos outros, viviafugindo... o vento frio descia pela rua, levantando papéis, jor-nais, quem sabe se algum corpo mais afoito que alí não queria viver.

Nestas horas alucinadas em que o tempo perdia a exatidão de se poder dizer: ontem, passado; hoje, presente; amanhã, futuro; — nes-tas horas seu corpo estreitava-se profundamente, uma ruga, dando lu-gar a apenas mágoas. E estas podiam ser traduzidas por sofrimentos. Compreensíveis quase nunca: talvez manchas roxas de pele maltrata-da. Voltava para casa desnorteada, incapaz ainda de articular idéias em palavras; era silenciosa como os sinos após o toque matinal: den-tro, vibrava oculto um terrível calafrio; fora, a superfície calma.

Já era hora do jantar. As mesmas pessoas de sempre masti-gando. Impossível acreditar que ela agüentasse sempre o mesmo ritual: café, almôço, jantar; no entanto, alí, bem a sua frente, a sopa fume-gando, encerrada na terrina. Alí, quatro cadeiras, mesa, toalha esten-



dida, ruído de talheres. Seus desejos resumiam-se em afrontar todos de uma vez e para sempre. E o receio dos dias que viriam? Dizer-lhes verdades, como é difícil. André. André sempre calmo, firmando com os dedos o garfo e a faca, e cortando a carne, bem. Movimento ritmado que dizia: sou assim, assim. Há de existir uma maneira de... A campainha do telefone sôa, interrompendo tudo: sôa três vêzes. O pai atende-o:

— Para você, e aponta para ela.

Assustou-se: quem seria? Há anos não converso com ninguém, não sei quem poderá ser. Levanta-se. Algum parente? Suas amigas outrora existiam, hoje vive só. Caminha até o telefone. Quem seria? deve ser engano, deve ser engano; não, não pode ser verdade. Atende-o.

— Alô. E logo depois: — Sou eu mesma. Você, Carmem, como vai? Que surpresa! (Os outros assustam-se de longe com a alegria estampada em seu rosto depois de muitos anos.) Sim, Sim... em sua casa, hoje. Vou fazer o possível. Até logo.

Como fôra lembrar-se dela hoje. Anos, anos passados sem qualquer comunicação e agora o convite: — Uma festinha em casa, meu aniversário; você vem? Como pudera esquecer de cumprimentá-la pela data, de agradecê-la pela lembrança. Também a conversa fôra tão rápida. Isso no entanto era imperdoável de sua parte. Atentamente em seus olhos percebia-se um límpido sorriso que logo foi desfeito. Que gentileza! Continuando o jantar, mastigou vontades: de não ser como era, de ter um vestido bonito, de ter um namorado, de ir à festa. Desejos banais, que, apesar de tudo, não eram satisfeitos. Contentou-se apenas com o convite, afinal.

Mais um depois-do-jantar, mais uma noite, mais um dormir. Impossível escapar da corrente de situações. De novo as ruas lá fora escurececiam; mas hoje ela teria um pensamento agradável para devaneio. A cachoeira dos dias terminados voltou a gotejar sôbre seu rôsto adormecido no travesseiro. No sono a água acumulou-se e principiou a correr: um fio, um riacho, um rio... submersos, peixes nadando alegres, como nunca.

LIVRARIA AMADEU

Compra e venda de livros novos e usados

Rua Tamoios, 238

ANEXO Á ENCARDERNADORA

AO LADO DA IGREJA S. JOSÉ

BELO HORIZONTE



Fonte: arquivo da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais localizada em Belo Horizonte